

## PRIMEIRA PARTE

“Todas as famílias felizes são mais ou menos diferentes; todas as famílias infelizes são mais ou menos semelhantes”, disse um grande escritor russo no início do famoso romance *Anna Arkadievitich Kariênina* (transfigurado em inglês por R. G. Stonelower, Editora Mount Tabor, 1880). Essa afirmação tem pouca ou nenhuma relação com o que será relatado aqui, a crônica de uma família cuja primeira parte talvez esteja mais próxima de outra obra de Tolstói, *Diétstvo i Ótrotchestvo (Infância e pátria)*, Editora Pontius, 1858).

A avó materna de Van, Daria (“Dolly”) Durmânov, era filha do príncipe Peter Zemski, governador de Bras d’Or, uma província norte-americana no nordeste de nosso grande e variado país. O príncipe se casara em 1824 com Mary O’Reilly, uma socialite irlandesa. Dolly, filha única do casal e nascida em Bras, casou-se em 1840, no frescor indócil de seus quinze anos, com o general Ivan Durmânov, comandante do Forte de Yukon e pacífico proprietário rural. Ele possuía terras nos Severn Tories (*Siéviernia Territóri*), o protetorado composto de quadradinhos que muitos ainda chamam carinhosamente de Estócia “russa” e que se funde, orgânica e granoblasticamente, com a Canadáia “russa”, também conhecida como Estócia “francesa”, onde colonos não apenas franceses, mas também macedônios e bávaros, desfrutam de um clima aprazível sob as estrelas e listras de nossa bandeira.

No entanto, a propriedade favorita dos Durmânov era Raduga, próxima do vilarejo de igual nome e já fora das fronteiras da Estócia, pois se situava na vertente atlântica do continente, entre a elegante Kaluga (New Cheshire, Estados Unidos da América), e a não menos elegante Ladoga (Mayne). Lá ficava a residência citadina dos Durmânov, e nela haviam nascido seus três filhos: um homem, que morreu jovem e famoso, e duas gêmeas bem difíceis. Dolly herdara não só a beleza e o temperamento de sua mãe, mas também, graças a fortes traços ancestrais, um gosto excêntrico e não raro deplorável, de que eram exemplo os nomes que deu a suas filhas: Aqua e Marina. (“Por que não Tofana?”, havia perguntado o bom e regidamente corneado general com um risinho contido, seguido da falsa tosse que

significava ter sido encerrada de vez a gracinha pois ele morria de medo dos acessos de ira da esposa.)

Em 23 de abril de 1869, enquanto uma chuvinha quente parecia encobrir com um véu diáfano a verdejante Kaluga, Aqua, com vinte e cinco anos e sofrendo de sua habitual enxaqueca primaveril, casou-se com o descendente de uma velha família anglo-irlandesa, Walter D. Veen, um banqueiro de Manhattan que por longo tempo mantivera, e em breve voltaria a manter (ainda que de forma intermitente), uma tórrida relação amorosa com Marina. A própria Marina, em algum dia do ano de 1871, se casou com o primo em primeiro grau de seu primeiro amante, também chamado Walter D. Veen, tão rico quanto o outro, porém bem mais enfadonho.

O “D” no nome do marido de Aqua substituía a palavra Demon (uma forma de Demian ou Dementius), e assim o chamavam seus familiares. Em sociedade, era geralmente conhecido como Veen Preto ou simplesmente Walter Moreno, para distingui-lo do marido de Marina, Walter Durák ou simplesmente Veen Vermelho. O duplo passatempo de Demon consistia em colecionar velhos mestres e jovens amantes. Ele também apreciava trocadilhos de idade intermediária.

A mãe de Daniel Veen pertencia à família dos Trumbell, e ele estava sempre pronto a explicar detalhadamente — a menos que um especialista em chatos conseguisse desviá-lo do assunto — como, no curso da história norte-americana, um “*bull*” (touro) inglês se transformara num “*bell*” (sino) da Nova Inglaterra. Sabe-se lá como, aos vinte e poucos anos Daniel se interessara pelos negócios e, com uma desenvoltura que não lhe era nem um pouco característica, havia se transformado num marchand de arte em Manhattan. Não tinha — ao menos no início — nenhum gosto pela pintura, nenhuma aptidão pelo comércio e nenhuma necessidade de submeter aos azares de um “emprego” a sólida fortuna que herdara de uma série de Veens bem mais competentes e ousados do que ele. Confessando-se não muito chegado à vida no campo, passava apenas alguns fins de semana de verão (e assim mesmo cuidadosamente protegido do sol) na sua magnífica mansão em Ardis, perto de Ladore. Desde a infância, somente algumas vezes revisitara outra propriedade rural que possuía ao norte, no lago Kitej, perto de Luga. Na verdade, quase toda a área da propriedade era tomada por uma imensa massa d’água estranhamente retangular, embora seu formato fosse obra exclusiva da natureza. Certa feita, uma perca cronometrada por Daniel havia levado meia hora para cruzar na diagonal o lago, cuja propriedade era compartilhada com seu primo, grande pescador na juventude.

A vida erótica do pobre Dan não era nem bela nem complicada, mas, de alguma forma (bem cedo se esquecera das circunstâncias precisas, assim como a gente se esquece das medidas e do preço de um sobretudo feito com todo o capricho e usado vez por outra durante ao

menos uns dois invernos), ele havia se apaixonado comodamente por Marina, cuja família conhecia desde quando os Durmânov ainda possuíam a mansão de Raduga, vendida mais tarde para o sr. Eliot, um comerciante judeu. Certa tarde, na primavera de 1871, ele propôs casamento a Marina enquanto subiam no elevador do primeiro edifício de dez andares construído em Manhattan; como sua proposta foi rejeitada com indignação no sétimo andar (Brinquedos), ele desceu sozinho e, para esfriar a cabeça, iniciou um périplo triplo em volta do mundo na direção contrária à de Fogg, retomando a cada vez, como se fosse um paralelo vivo, o mesmo itinerário. Em novembro de 1871, enquanto fazia planos para a noite com o mesmo cicerone que já contratara duas vezes (um sujeitinho meio fedorento mas simpático, vestindo um terno cor de café com leite) no mesmo hotel de Gênova, recebeu um aerograma de Marina (retransmitido por seu escritório de Manhattan com uma semana de atraso devido ao engano de uma secretária novata, que o havia posto no escaninho identificado pelo rótulo AMOR). A mensagem, entregue numa salva de prata, dizia que Marina se casaria com ele tão logo retornasse à América.

Dentre outros velhos papéis que haviam sobrevivido no sótão da Mansão de Ardis, um jornal (que recentemente começara a publicar na seção de histórias em quadrinhos o há muito extinto “Boa Noite, Crianças”, com o adorável casal de irmãos Nicky e Pimpernella que dividia uma cama bem estreita) informava em seu suplemento dominical que o matrimônio que unira as famílias Veen e Durmânov tinha sido celebrado no dia de Santa Adelaide, em 1871. Doze anos e uns oito meses depois, duas crianças nuas — um menino moreno queimado de sol, uma menina de cabelos negros e pele muito clara —, inclinando-se sobre caixas empoeiradas no feixe de sol quente que varava a lucarna da água-furtada, cotejaram essa data (16 de dezembro de 1871) com outra (16 de agosto do mesmo ano) anacronicamente garantida na letra de Marina no canto de uma fotografia tirada por algum profissional. Enquadrada numa moldura de pelúcia cor de framboesa e exposta sobre a escrivaninha na biblioteca de seu marido, essa fotografia era idêntica à reprodução estampada no jornal em todos os detalhes — inclusive no indefectível movimento do véu ectoplásmico da noiva, parcialmente enfunado por uma brisa que vinha do adro da igreja e soprava obliquamente através das calças do noivo. Uma menina nasceu no dia 21 de julho de 1872 em Ardis, residência de seu suposto pai no condado de Ladore, e por alguma obscura razão mnemônica foi registrada com o nome de Adelaida. Outra filha, dessa vez realmente de Dan, nasceu em 3 de janeiro de 1876.

Além desse velho recorte ilustrado da *Kaluga Gazette* (ainda presente nas bancas, mas bastante gagá), nossos travessos Pimpernel e Nicolette encontraram no mesmo sótão um baú de metal que continha (segundo Kim, o ajudante de cozinha de quem se falará mais tarde) um

volume enorme de microfilmes trazidos de suas viagens pelo *globetrotter*, com curiosos bazares, querubins exageradamente pintados e garotos no ato de urinar reaparecendo três vezes em lugares diferentes e em diferentes tons heliocrômicos. Naturalmente, no momento em que seu dono estava constituindo uma família, não ficava bem exibir certas tomadas de interior (tais como as cenas grupais em Damasco, em que ele aparecia no papel principal ao lado do arqueólogo de Arkansas, que não largava o charuto e revelava uma cicatriz fascinante na região do fígado, assim como as três prostitutas gordas e a ejaculação precoce do velho Archie, saudada com palmas brincalhonas pelo terceiro membro masculino da *troupe*, um simpático inglês). No entanto, a maior parte dos filmes, acompanhados de notas puramente factuais (nem sempre fáceis de achar devido à colocação errônea ou aleatória dos marcadores enfiados nos numerosos guias de viagem espalhados por toda parte), foi mostrada diversas vezes por Dan a sua jovem esposa durante a instrutiva lua de mel que passaram em Manhattan.

A melhor descoberta das duas crianças, entretanto, surgiu numa caixa pertencente a uma camada ainda mais remota do passado. Tratava-se de um pequeno álbum verde em que Marina havia colado com cuidado as flores que colhera ou ganhara em Ex, uma estação de férias nas montanhas perto de Brig, na Suíça, onde ela passara algum tempo antes de se casar, a maior parte num chalé alugado. As primeiras vinte páginas eram enfeitadas com diversas plantinhas colhidas ao acaso, em agosto de 1869, nas colinas relvadas acima do chalé, no parque do Hotel Florey, ou no jardim do sanatório vizinho (“minha *nusshaus*”, como o chamava a pobre Aqua fazendo um jogo de palavras com “*nut house*” — hospício —, enquanto Marina, mais recatadamente, o identificava em suas anotações da localidade como “*the Home*” — a Casa). Essas páginas iniciais não apresentam grande interesse botânico ou psicológico, e as últimas cinquenta permaneceram em branco; mas a parte do meio, com uma notável redução no número de espécimes, revelou-se um verdadeiro melodrama interpretado pelos fantasmas das flores mortas. Os espécimes estavam colados na página do lado esquerdo do álbum, com as notas de Marina Dourmanoff (*sic*) do lado direito.

Aquilégia azul dos Alpes, Ex-en-Valais, 1.ix.69. De um inglês hospedado no hotel. “Columbina alpina, a cor de seus olhos.”

Pilosela (*Hieracium auricula*), 25.x.69, Ex, ex do jardim alpino murado do dr. Lapiner.

Folha dourada (ginkgo): caída de um livro, *A verdade sobre a Terra*, que Aqua me deu antes de voltar para a Casa. 14.xii.69.

Edelvais artificial trazida por minha nova enfermeira com um bilhete de Aqua dizendo que a flor havia sido retirada da árvore de Natal

“*mizernoe* e estranha” da Casa. 25.xii.69.

Pétala de orquídea, uma das 99 orquídeas (imagine!) enviadas ontem para mim, por entrega especial, *c'est bien le cas de le dire*, da *Villa Armina*, Alpes Marítimos. Separei dez para serem levadas a Aqua na Casa. Ex-en-Valais, Suíça. “Está chovendo na bola de cristal do Destino”, como ele costumava dizer. (Data apagada.)

Genciana-dos-jardins, rara, trazida pelo *lápotchka* (querido) Lapiner de seu “*gentiarium* mudo”. 5.i.1870.

[mancha de tinta azul com o formato accidental de uma flor, ou tentativa de cobrir alguma palavra embelezando o borrão com uma caneta hidrográfica] *Compliquaria compliquata* var. *aquamarina*. Ex, 15.i.70.

Vistosa flor de papel, encontrada na bolsa de Aqua, Ex, 16.ii.1870, feita por um paciente da Casa, à qual ela não mais pertence.

Genciana vernal (*printanière*). Ex, 28.iii.1870, no gramado do chalé de minha enfermeira. Último dia aqui.

Os dois jovens descobridores desse estranho e repugnante tesouro assim o comentaram:

“Deduzo”, disse o garoto, “três fatos principais: que Marina, ainda solteira, e sua irmã Aqua, já casada, passaram o inverno no meu *lieu de naissance*; que Marina tinha, *pour ainsi dire*, seu próprio doutor Krolik; e que as orquídeas foram mandadas por Demon, que preferia ficar perto do mar, sua bisavó azul-escura.”

“Posso acrescentar”, disse a garota, “que a pétala pertence à bem conhecida orquídea-borboleta, que minha mãe era ainda mais louca que sua irmã e que a flor de papel, desprezada de forma tão arrogante, é uma reprodução perfeitamente reconhecível das sanículas que brotam no princípio da primavera e que eu vi em profusão nas colinas da costa da Califórnia em fevereiro do ano passado. O dr. Krolik, nosso naturalista local a quem você, Van, se referiu, tal como Jane Austen poderia fazê-lo, para tornar o relato mais rápido (você se lembra de Brown, não é, Smith?), identificou o exemplar que eu trouxe de Sacramento para Ardis como um *Bear-Foot* (Sanícula pé-de-urso), B, E, A, R, meu querido, e não *bare foot* (pé nu), como o meu, o seu ou o da *Semeadora de flores estabiana* — uma alusão que teu pai (que segundo Blanche também é meu pai) entenderia assim” (estalando os dedos no estilo norte-americano). “Você vai me agradecer”, ela continuou, abraçando-o, “por eu não ter mencionado o nome científico da flor. Aliás, o outro pé — o pé-de-leão (edelvais) proveniente do triste pinheirinho de Natal — foi feito pela mesma pessoa, possivelmente um jovem chinês muito doente que saiu da Universidade de Barkley direto para a Casa.”

“Muito bem, Pompeianella! A que você viu semeando flores num dos livros de arte do tio Dan, *eu* tive a oportunidade de apreciar diretamente

num museu de Nápoles no último verão. E agora, garota, você não acha que devemos vestir nossos calções e camisas e descer para enterrar ou queimar este álbum imediatamente? Vamos?”

“Vamos”, respondeu Ada. “Destruir e esquecer. Mas ainda temos uma hora antes do chá.”

Voltemos à referência à “avó azul-escura”, que ficou lá atrás sem explicação. Um antigo vice-rei da Estócia, o príncipe Ivan Temnossíni, pai da trisavó das crianças, a princesa Sófia Zêmski (1755-1809), e descendente direto dos soberanos de Lároslav dos tempos pré-tártaros, tinha um sobrenome milenar que significa em russo “azul-escuro”. Van era imune às fortes emoções que muitos sentem com relação a suas origens ancestrais, além de indiferente ao fato de que os tolos atribuem ao esnobismo tanto o desinteresse quanto o fervor provocados por esses laços; todavia, não podia deixar de sentir um certo prazer estético ao entrever o pano de fundo aveludado que, como um céu de verão confortador e onipresente, se estendia por trás dos ramos negros de sua árvore genealógica. Entrado em anos, ele nunca mais pôde reler Proust (como nunca mais foi capaz de degustar a goma perfumada de um doce turco) sem que lhe subisse do estômago uma onda de náusea, um travo cortante de azia. E, apesar disso, sua passagem favorita continuava a ser aquela relativa ao nome “Guermantes”, cujo tom purpúreo se mesclava em seu prisma mental com o vizinho tom ultramarino, espicaçando agradavelmente a vaidade artística de Van.

Palavras coloridas, prisma mental? Mais um ataque de sinestesia? (nota feita à margem na caligrafia de Ada Veen em anos recentes).

A relação amorosa entre Marina e Demon Veen teve início no dia do aniversário dele, dela e de Daniel Veen, 5 de janeiro de 1868, quando ela tinha vinte e quatro anos e os dois Veen, trinta.

Como atriz, Marina nada tinha daquela qualidade fulgurante que faz o ofício do mímico, ao menos enquanto dura o espetáculo, algo mais valioso do que o preço que se tem de pagar por certas características teatrais como a insônia, a excentricidade dos dramaturgos ou a arrogância artística. Naquela noite, entretanto, com uma neve fofa caindo docemente mais além dos veludos e dos vitrais, *la Durmanska* (que pagava ao grande Scott, seu empresário, sete mil dólares de ouro por semana apenas para fins publicitários, além de um belo bônus por cada contrato) havia se revelado, desde o início da ridícula apresentação (uma peça norte-americana retalhada por um escriba pretensioso de um célebre romance russo), tão sublime, tão adorável, tão excitante que Demon (jamais um *gentleman* em questões amorosas) fez uma aposta com o príncipe N., seu vizinho na primeira fila de poltronas, distribuiu gorjetas entre todos os empregados que tomavam conta das dependências dos artistas e, por fim, num *cabinet reculé* (como um escritor francês de outrora poderia ter misteriosamente chamado aquele quatinho em que terminaram por se amontoar um trompete quebrado, as argolas do poodle acrobata de algum palhaço esquecido e muitos potinhos empoeirados de artigos de maquiagem), a possuiu entre duas cenas (capítulos três e quatro do romance martirizado). No primeiro desses capítulos, ela havia se despido, graciosa silhueta por trás de um biombo translúcido, e reaparecido envolta numa camisola vaporosa e provocadora, dedicando o resto da medíocre cena a falar sobre um fidalguete local, o barão d'O, com uma velha babá que calçava botas de esquimó. Louvando-se na infinita sabedoria da camponesa, ela se sentou na borda da cama e, empunhando uma pena de ganso, usou a mesinha de cabeceira com pés de cabra para redigir uma carta de amor. Gastou os cinco minutos seguintes para lê-la numa voz langorosa apesar de bastante alta, embora não se saiba em benefício de quem, pois a babá, sentada num



baú de marinheiro, caíra no sono, enquanto os espectadores estavam muito mais interessados no brilho do luar artificial sobre os braços nus e os seios palpitantes da moçoila apaixonada.

Antes mesmo que, arrastando os pés, a velha esquimó se retirasse com a mensagem, Demon Veen havia deixado a poltrona de veludo cor-de-rosa e iniciara as providências para ganhar a aposta, cujo resultado parecia assegurado pelo fato de que, embora virgem, Marina era muito fogosa e estava apaixonada por ele desde que tinham bailado na véspera do Ano-Novo. Além disso, o luar tropical que a banhara havia pouco, o reconhecimento penetrante de sua própria beleza, os impulsos ardentes da moçoila fictícia e os aplausos galanteadores de uma casa quase cheia a tornavam particularmente vulnerável às fricções do bigode de Demon. Ela também dispunha de todo o tempo do mundo para se vestir antes de entrar novamente em cena, graças ao longo entreato executado por uma companhia russa de balé contratada por Scott, a qual havia ocupado dois vagões-leitos no trem que a trouxe de Bielokonsk, na Estócia Ocidental. Em esplêndido pomar, numerosos jardineiros jovens e alegres, vestindo por alguma estranha razão roupas típicas das tribos georgianas, se empanturravam de framboesas, enquanto numerosas criadas, igualmente implausíveis nos seus *charovars* (alguém tinha cometido um erro — a palavra “*samovars*” deve ter saído truncada no aerograma do empresário), colhiam com grande afã *marshmallows* e amendoins dos ramos das árvores frutíferas. A um sinal invisível de origem dionisíaca, todos se lançaram numa dança frenética chamada *kurva*, ou “pança das fitas” no hilariante programa, cujos erros clamorosos fizeram com que Veen (ainda sentindo a pele formigar, mas com as entranhas mais leves e a nota de dinheiro avermelhada do príncipe N. no bolso) quase caísse da poltrona.

Seu coração parou de bater por alguns segundos (perda que jamais lastimou) quando ela, num vestido cor-de-rosa, entrou correndo no pomar, o rosto em brasa, gestos elétricos, e recebeu uma calorosa salva de palmas — conquanto superada, e de longe, pela ovação com que a plateia, sentada, comemorou o instantâneo desaparecimento da trupe de transfigurantes tão idiotas quanto dinâmicos procedente de Liasca — ou da Ivéria. Seu encontro com o barão d’O, que surgiu em passos lentos de uma aleia lateral usando esporas e vestindo um paletó com longas abas verdes, por algum motivo deixou de ser registrado pela mente de Demon, tão maravilhado estava ele com o breve abismo de absoluta realidade entre duas falsas fulgurações de vida fictícia. Sem esperar pelo fim da cena, saiu às pressas do teatro para a noite cristalina, os flocos de neve enfeitando com pequenas estrelas sua cartola enquanto ele caminhava para casa, no quarteirão vizinho ao do teatro, a fim de preparar uma ceia magnífica. Quando foi buscar sua nova amante no trenó chocalhante, chegara abruptamente ao fim o balé

de generais caucasianos e cinderelas metamorfoseadas que tinha ocupado uma parte do último ato, e o barão d'O, agora de fraque e luvas brancas, estava ajoelhado no meio do palco vazio segurando a sapatilha de vidro que a inconstante senhorita lhe deixara ao escapar de sua investida tardia. A claque já estava cansada e de olho nos relógios quando Marina, envolta num manto negro, deixou-se cair nos braços de Demon no trenó em forma de cisne.

Divertiram-se loucamente, viajaram, brigaram e voltaram a viver juntos. No inverno seguinte, ele começou a suspeitar de que Marina o estava traindo, embora fosse incapaz de determinar quem era seu rival. Em meados de março, num almoço de negócios com um especialista em arte — um sujeito magro e simpático, de jeitão descontraído, vestindo uma casaca de corte antigo —, Demon ajeitou o monóculo, abriu a fechadura de um estojo especial, de lá retirou um pequeno desenho a bico de pena e disse que pensava (de fato não tinha nenhuma dúvida, mas desejava que sua avaliação fosse admirada) se tratar de um exemplar desconhecido da terna arte de Parmigianino. Representava uma jovem nua, sentada de lado num banco emoldurado por uma guirlanda de convólulos e trazendo na mão semierguida uma maçã que mais parecia um pêssego. O desenho inspirava em seu descobridor uma atração adicional ao lembrar Marina no momento em que, tendo saído de um banheiro de hotel para atender o telefone, se empoleirou no braço de uma poltrona e cobriu com a mão o receptor a fim de lhe perguntar algo que ele não conseguia entender porque o rugir da água caindo na banheira abafava o sussurro de sua amante. Ao barão d'Onsky, bastou um olhar sobre aquele ombro alteado e certos efeitos vermiculares da delicada vegetação para confirmar a suspeita de Demon. D'Onsky tinha a reputação de não mostrar o menor sinal de emoção estética diante da mais bela obra-prima; dessa vez, contudo, pôs de banda sua lupa como o faria com uma máscara e, permitindo-se um sorriso em que se mesclavam a surpresa e o prazer, deixou que sua vista desimpedida acariciasse tanto a maçã aveludada quanto as covinhas e reentrâncias musgosas do corpo nu. Será que o sr. Veen estaria disposto a lhe vender o desenho naquela mesma hora? O sr. Veen não estava. Skonky (como Demon o chamava num jogo de palavras com “*skunk*”, a malcheirosa jaritataca) teria de contentar-se com o glorioso pensamento de que, até aquele dia, ele e seu afortunado proprietário eram as únicas pessoas que haviam admirado a obra *en connaissance de cause*. O desenho voltou para o tegumento feito sob medida. Porém, após terminar seu quarto copo de conhaque, d'O suplicou por uma derradeira olhadela. Os dois estavam meio bêbados, e Demon pensou com seus botões que a semelhança bastante banal entre aquela moça edênica e uma jovem atriz, que seu visitante sem dúvida teria visto nas encenações de *Eugene e Lara* ou *Lenore Corvo* (ambas maldosamente malhadas por um jovem crítico “revoltantemente

inocorrível”), deveria ser, ou poderia ser, objeto de algum comentário. Não foi. Ninfas daquele tipo de fato se parecem muito devido a sua limpidez precípua, uma vez que as similaridades entre corpos de natureza aquática e de tão tenra idade não passam de murmúrios de uma inocência natural e espelhos enganosos, este é o meu chapéu, o dele é mais velho, porém somos fregueses do mesmo chapeleiro em Londres.

No dia seguinte, Demon tomava chá em seu hotel predileto com uma senhora da Boêmia que nunca havia visto e jamais voltaria a ver (a qual desejava que ele a recomendasse para um emprego no departamento de Peixes e Flores de Vidro de certo museu de Boston), quando, de repente, ela interrompeu seu prolixo solilóquio para apontar Marina e Aqua, que cruzavam furtivamente o saguão com as peles azuladas e os olhares de enfado então na moda, acompanhadas de Dan Veen e seguidas por um cachorrinho.

“É curioso”, disse a senhora, “como essa atriz insuportável lembra a *Eva no clepsidrofone* no famoso desenho de Parmigianino.”

“Ele não tem nada de famoso”, disse Demon com tranquilidade, “e a senhora não poderia tê-lo visto. Não a invejo”, continuou. “O estranho que pisa sem saber na lama da vida de outra pessoa deve ter uma sensação muito nojenta. A senhora ouviu esse mexerico diretamente de um sujeito chamado d’Onsky ou do amigo de um amigo dele?”

“De um amigo dele”, respondeu a desafortunada senhora da Boêmia.

Interrogada nos calabouços de Demon, Marina, em meio a risadas estridentes, teceu uma fascinante teia de mentiras; depois se entregou, confessando o romance. Jurou que estava tudo acabado; que o barão, uma ruína física e um samurai espiritual, tinha ido de vez para o Japão. De fonte mais confiável, Demon soube que o verdadeiro destino do samurai era o elegante Vaticano, uma estação de águas próxima a Roma, de onde ele pensava retornar a Aardvark, Massa, dentro de uma ou duas semanas. Preferindo por prudência matar seu desafeto na Europa (dizia-se que o decrépito mas indestrutível Gamaliel estava fazendo de tudo para proibir os duelos no hemisfério Ocidental — um boato falso ou o capricho passageiro de um presidente idealista, pois nada aconteceu), Demon alugou o mais veloz petrolplano disponível, alcançou em Nice o barão (que parecia gozar de excelente forma física), viu-o entrar na Livraria Gunter, entrou atrás dele e, na presença de um vendedor inglês imperturbável e com cara de quem está profundamente entediado, esbofeteou o perplexo barão, num movimento da esquerda para a direita, com uma luva cor de lavanda. O desafio foi aceito; duas testemunhas locais foram escolhidas; o barão decidiu-se por espadas; e, depois que certo volume de sangue de boa qualidade (polonês e irlandês — um tipo de “*Gory Mary*” na linguagem dos bares norte-americanos) salpicou dois torsos cabeludos, as lajotas caiadas do terraço, os degraus que conduziam ao jardim cercado e

formavam um cenário divertidamente digno de Douglas d'Artagnan, o avental de uma vendedora de leite que nada tinha a ver com a história e as mangas da camisa de ambas as testemunhas, o encantador *M. de Pastrouil* e o coronel *St. Alin*, um patife, apartaram os combatentes resfolegantes. *Skonky* morreu, não “de seus ferimentos” (como andaram dizendo as más-línguas), porém da desforra gangrenosa do menor deles, provavelmente infligido por ele próprio, uma picadinha na virilha que provocou problemas circulatórios apesar das várias intervenções cirúrgicas a que ele foi submetido no curso de dois ou três anos de longas internações no Hospital *Aardvark* de Boston, onde, aliás, se casou em 1869 com nossa amiga, a senhora da Boêmia, por essa época conservadora da Biota de Vidro do museu local.

Marina chegou a Nice alguns dias após o duelo e descobriu que *Demon* se recuperava na *Villa Armina*. No êxtase da reconciliação, nenhum dos dois lembrou-se de ludibriar a procriação, com o que teve início o *intierésnoie polojênie* (“estado interessante”), sem o qual, na verdade, estas angustiadas notas jamais teriam visto a luz do dia.

(*Van*, confio no teu bom gosto e no teu talento, mas será que temos mesmo a *certeza* de que queremos retornar *com tamanho entusiasmo* àquele mundo cruel que, afinal de contas, talvez só tenha existido oniricamente? Anotação na margem feita por *Ada* na sua caligrafia de 1965; riscada muitos anos depois com um traço fino e trêmulo.)

Essa fase estouvada não foi a última, porém a mais breve — coisa de quatro a cinco dias. Ele a perdoou. Adorou-a. Queria muito casar com ela desde que abandonasse a “carreira” teatral imediatamente. Denunciou a mediocridade de seu talento e a vulgaridade dos que a cercavam, ouvindo em resposta, aos berros, que ele era uma pessoa vil, um monstro de crueldade. A partir de 10 de abril, a tarefa de cuidar dele passou a ser exercida por *Aqua*, pois *Marina* já havia voado de volta para retomar os ensaios de *Lucile*, outro drama execrável destinado a transformar-se em novo fracasso no teatro de *Ladore*.

“*Adieu*. Talvez seja melhor assim”, escreveu *Demon* para *Marina* em meados de abril de 1869 (a carta pode ser uma cópia feita à mão ou o original nunca enviado), “pois, por mais feliz que fosse nossa vida de casados, por mais que durasse essa felicidade, há uma imagem que nunca esquecerei e nunca perdoarei. Deixe que ela penetre fundo, minha querida. Vou memorá-la em termos capazes de serem apreciados por gente de teatro. Você tinha ido a Boston visitar uma velha tia — um lugar-comum, mas a mais pura verdade neste caso — e eu tinha ido para a fazenda de *minha* tia nas proximidades de *Lolita*, Texas. Certa manhã de fevereiro (por volta do meio-dia *chez vous*), telefonei para seu hotel de uma cabine de beira de estrada em cuja porta de vidro, tão límpida como se feita do mais puro cristal, ainda corriam as lágrimas de uma tremenda tempestade que acabara de passar. Queria pedir que você tomasse um avião imediatamente e fosse

ao meu encontro, porque eu, Demon, agitando com estrépito minhas asas amassadas e maldizendo o dorofone automático, não podia viver sem você e porque queria que, aninhada em meus braços, visse o estonteante mar de flores do deserto que a chuva fizera eclodir. Sua voz soou remota porém doce; você disse que estava com a indumentária de Eva, espere um pouquinho, vou vestir um *peniuar*. Em vez disso, bloqueando o receptor, tapando meu ouvido, você certamente falou alguma coisa para o homem com quem tinha passado a noite (e que eu teria matado, se não tivesse uma vontade ainda maior de castrá-lo). Pois *este* é o desenho feito por um jovem artista de Parma, no século XVI, num transe profético em que anteviu o afresco de *nosso* destino e que coincide, exceto pela maçã da funesta sabedoria, com uma imagem repetida nas mentes de dois homens. Aliás, aquela tua empregada que fugiu foi encontrada pela polícia num bordel daqui e será mandada de volta para você tão logo esteja suficientemente entupida de mercúrio.”

### 3

Os pormenores do desastre L (nada a ver com a trombada de carros em alguma esquina) — que correu no *beau millieu* do século passado e teve o efeito singular de, ao mesmo tempo, originar e tornar maldita a noção de “Terra” — são muito bem conhecidos do ponto de vista histórico, e por demais obscenos do ponto de vista espiritual, para serem tratados em profundidade num livro dirigido a jovens amadores e amantes — e não a adultos sisudos e mal-amados.

Hoje, naturalmente — depois que vivemos (mais ou menos!) grandes anos de ilusão reacionária anti-L e nossas elegantes máquinas, graças ao bendito Faradeus, de certa forma voltaram a ronronar como o faziam na primeira metade do século XIX —, o mero aspecto geográfico do fenómeno tem um lado cômico que o redime, tal como ocorre com aqueles exemplares de marchetaria de latão, com os *bric-à-brac* e com os horrores de ouropel que eram vistos como “arte” por nossos macambúzios antepassados. Isso porque, na verdade, ninguém pode negar a presença de algo altamente ridículo nas próprias configurações que, com toda a solenidade, foram difundidas como representando um mapa multicolorido da Terra. É simplesmente risível imaginar que a “Rússia”, em vez de ser um sinônimo antiquado de Estócia, a província norte-americana que se estende do Círculo (não mais vicioso) Ártico aos Estados Unidos propriamente ditos, pudesse se tornar no planeta Terra o nome de um país, transferido mediante algum *troque* de mágica por cima do fosso de dois oceanos para o hemisfério oposto, onde se teria espalhado por todo o território da atual Tartária, da Curlândia às Curilas! Todavia (coisa ainda mais absurda), se em termos espaciais da Terra a Amerrússia de Abraham Milton fosse cindida em seus dois componentes, já que extensões tangíveis de água e gelo separam as noções políticas (e não poéticas) de “América” e “Rússia”, uma discrepância ainda mais complicada e ilógica surgiria em termos temporais — não apenas porque a história de cada parte do amálgama não coincidia inteiramente com a história da outra parte em isolamento, mas porque uma lacuna de cerca de cem anos (num ou noutro sentido) existia entre as duas terras. Essa lacuna era caracterizada por uma

curiosa confusão dos sinais de direção na encruzilhada dos tempos em curso, pois nem todos os “nunca mais” de determinado mundo correspondiam a todos os “ainda não” do outro. Entre outras razões, foi por causa dessa confluência de divergências “cientificamente inconciliáveis” que as cabeças pensantes mais privilegiadas, incapazes de reabrir a caixa de Pandora, rejeitaram a Terra como sendo uma moda passageira ou uma manifestação fantasmagórica, enquanto as mentes perturbadas (prontas a mergulhar em qualquer abismo) a aceitaram como símbolo e sustentáculo de sua própria irracionalidade.

Como o próprio Van Veen veio a descobrir ao longo de sua apaixonada pesquisa no terreno da terrologia (à época um ramo da psiquiatria), até mesmo os pensadores mais profundos, os mais puros filósofos, Paar de Chose e Zapater de Aardvark, estavam emocionalmente divididos em sua atitude para com a possibilidade de que existisse “um espelho capaz de deformar nossa já deformada orbe”, segundo afirmou com discutível senso eufônico um intelectual que prefere se manter anônimo. (Hum! Prrecisa melhorarr, prrecisa melhorarr, como dizia a pobre srta. L. A. Gavronsky. Na letra de Ada.)

Houve quem sustentasse que as discrepâncias e “falsas sobreposições” entre os dois mundos eram tão numerosas, além de tão entrelaçadas na trama dos eventos históricos, que a Teoria da Igualdade Essencial se transformava em mera fantasia. Outros retrucavam que as dissimilaridades apenas confirmavam a pulsante realidade orgânica do outro mundo; que uma similitude perfeita sugeriria antes um fenômeno especular e, conseqüentemente, especulativo; e que duas partidas de xadrez com abertura idêntica e final idêntico podem conter, em qualquer ponto intermediário de sua progressão inelutavelmente convergente, um número infinito de variações em *um* só tabuleiro e *dois* cérebros.

O modesto narrador sente-se obrigado a lembrar tudo isso ao leitor porque em abril (meu mês favorito) de 1869 (de forma alguma um *annus mirabilis*), no dia de São Jorge (segundo as memórias merencórias da sra. Larivière), Demon Veen casou-se com Aqua Durmânov — por pena e por vingança, uma mistura não muito incomum.

Teria havido algum outro condimento? Marina, com perversa vanglória, costumava dizer na cama que as emoções de Demon deveriam ter se deixado influenciar por uma estranha espécie de prazer (no sentido do termo francês “*plaisir*”, que contém uma grande carga suplementar de *vibrato* nas entranhas) “incestuoso” (o que quer que isso signifique) quando ele acariciava, saboreava e delicadamente abria, violando de mil maneiras fascinantes porém não mencionáveis, uma carne (*une chair*) que era ao mesmo tempo a de sua mulher e a de sua amante, os encantos combinados e realçados de embriões

dizigóticos, uma água-marinha singular e dupla, miragem num emirado, gema geminada, uma orgia de aliterações epiteliais.

Na realidade, Aqua era menos bonita e bem mais tantã do que Marina. Seus catorze miseráveis anos de casamento foram pontilhados de internações cada vez mais longas em um sem-número de sanatórios. Um pequeno mapa que representasse a parte europeia da *Commonwealth* britânica, da Escoto-Escandinávia à Riviera, Altar e Palermontóvia, assim como a maior parte dos Estados Unidos, da Estócia e da Canadáia até a Argentina, poderia ser virtualmente coberto de alfinetes com uma bandeirinha esmaltada da Cruz Vermelha para marcar os acampamentos de Aqua em sua Guerra dos Mundos. Ela chegou a acalantar a ideia de readquirir um pouquinho de sua sanidade mental (“só uma réstia cinzenta, por favor, em vez desse negrume compacto”) em algum desses protetorados anglo-americanos, tais como os Bálcãs ou as Índias, e poderia ter até mesmo tentado os dois continentes austrais que prosperam sob nosso domínio conjunto. Naturalmente, a Tartária, um inferno independente que naquela época se estendia dos mares Báltico e Negro até o oceano Pacífico, não se mostrava acolhedora para os turistas, embora Ialta e Altyn Tagh tivessem uma sonoridade estranhamente atraente... Todavia, o verdadeiro destino de Aqua era Terra a Bela, onde tinha certeza de que, após sua morte, chegaria voando com as longas asas de uma libélula. As tristes cartinhas a seu marido enviadas dos vários lares da demência às vezes traziam a assinatura: *madame Schemiáschikh-Zvúkov* (“Gritos Dilacerantes”).

Depois de sua primeira refrega com a loucura em Ex-en-Valais, Aqua voltou para a América e sofreu uma séria derrota. Van estava sendo amamentado por uma mãe solteira muito jovem, quase uma criança, Rubi Black, mas a negra ama de leite também enlouqueceu. A verdade é que todas as pessoas boas e frágeis que tinham relações íntimas com ele (como aconteceu depois com Lucette, por exemplo) estavam fadadas a conhecer a angústia e o infortúnio, a menos que fortalecidas pelo sangue demoníaco de seu pai.

Aqua não tinha nem vinte anos quando seu temperamento, exaltado por natureza, começou a revelar certas tendências mórbidas. Do ponto de vista cronológico, o estágio inicial de sua doença mental coincidiu com a primeira década da Grande Revelação e, embora ela sem dúvida pudesse ter encontrado facilmente outro tema para suas fantasias, as estatísticas mostram que a Grande, e para muitos Intolerável, Revelação causou mais insanidade no mundo até mesmo do que a preocupação excessiva com a religião na Idade Média.

Uma Revelação pode ser mais perigosa do que uma Revolução. As mentes doentias identificaram a noção de um planeta Terra com a de outro mundo, e este “Outro Mundo” foi confundido não apenas com o “Mundo após a Morte”, mas com o Mundo Real que existe em nós e



além de nós. *Nossos* bruxos, *nossos* demônios, são criaturas nobres e multicores, com garras translúcidas e asas poderosíssimas; mas, na década de 60 do século XVIII, os Novos Crentes nos incitavam a imaginar uma esfera onde nossos esplêndidos amigos haviam sido totalmente degradados, transformados em meros monstros malévolos, odiosos diabos com presas de serpente e bolsas escrotais negras como as plantas carnívoras, desejosos apenas de conspurcar e atormentar as almas femininas; enquanto, do outro lado da aleia cósmica, uma nuvem iridescente de espíritos angelicais, habitantes da doce Terra, restaurava os mitos mais cediços, embora ainda potentes, dos velhos credos, com novos arranjos para acordeão das cacofonias de todos os deuses e de seus sacerdotes até hoje desovadas nos pântanos deste mundo mais do que suficiente.

Suficiente para teus fins, Van, *entendons-nous*. (Nota na margem.)

A pobre Aqua, cuja imaginação se deixava atrair por todas as fabulações de fanáticos e cristãos, sonhava vividamente com um paraíso bastante trivial, uma futura América coberta de edifícios de alabastro de cem andares, semelhante a uma bonita loja de móveis cheia de altos armários brancos e geladeiras mais baixas; ela via nos céus gigantescos tubarões com olhos nas laterais que levavam menos de uma noite para conduzir os peregrinos, através do negro éter, de uma costa às escuras do continente para a outra, reluzente, retornando depois como um corisco rumo a Seattle ou Wark. Ela ouvia mágicos alto-falantes que conversavam e cantavam, afogando em som o terror dos pensamentos, levantando o moral da ascensorista, descendo junto com o operário da mina, louvando a beleza e a bondade, Virgem e Vênus, nas casas dos pobres e dos solitários. O inominável poder magnético denunciado por legisladores velhacos neste nosso triste país — ah, em toda parte, na Estócia e na Canádia, na Mark Kennensie “alemã” e na Manitobogã “sueca”, na oficina dos yukonetas de camisa vermelha e na cozinha da liascanense de lenço vermelho na cabeça, na Estócia “francesa” do Bras d’Or a Ladore, e logo depois em ambas as Américas e em todos os outros continentes apalermados — era usado na Terra de forma tão comum quanto a água e o ar, as bíblias e as bilhas. Dois ou três séculos antes ela poderia ter sido apenas mais uma bruxa a caminho da fogueira.

Nos seus anos de estudos erráticos, Aqua deixara a bem reputada universidade de Brown Hill, fundada por um de seus menos reputados ancestrais, para participar (como estava na moda) de um projeto qualquer de ação social nos *Siéviernia Territóri*. Com a ajuda inestimável de Milton Abraham, organizou uma Pharmácia Philantrópica em Bielokonsk, lá se apaixonando dolorosamente por um homem casado que, após lhe oferecer um ano de paixão forasteira em sua *garçonnière* ambulante (uma caminhonete Ford, modelo Camping), preferiu abandoná-la a correr o risco de comprometer sua situação

social numa cidadezinha de gente convencional, onde os homens de negócio tinham de jogar golfe aos domingos e pertencer a confrarias. Sua cruel doença, como a de outras infelizes criaturas, foi diagnosticada como sendo “uma forma extrema de mania mística combinada com traços de alienação existencial” (em outras palavras, a velha e boa loucura), e dela se apossou aos poucos, com intervalos de arrebatada paz — ilhotas de precária sanidade, sonhos repentinos de eternidade e certeza — que foram se tornando cada vez mais raros e breves.

Após a morte de Aqua, em 1883, Van calculou que, ao longo de treze anos, incluindo todos os momentos de presumida presença, sem deixar de fora nem as lúgubres visitas aos diversos hospícios nem suas aparições repentinas e tempestuosas no meio da noite (lutando escada acima com o marido ou com a preceptora inglesa tão frágil quanto ágil, sendo recebida com arrebatada alegria pelo velho cão e chegando por fim ao quarto do filho, sem a peruca, sem os chinelos, as unhas ensanguentadas), ele de fato a tinha visto, ou estado perto dela, por um período de tempo não muito superior ao de uma gestação humana.

Nevoeiros soturnos em breve impediram que ela apreciasse os contornos róseos da longínqua Terra. Em sua desintegração, parecia mergulhar num poço sem fim, cada fase mais insuportável que a anterior — e isto porque a mente humana pode transformar-se na melhor câmara de tortura de todas que ela própria inventou, instalou e utilizou no curso de milhões de anos, em milhões de terras, para fazer milhões de vítimas ululantes.

Aqua desenvolveu uma sensibilidade mórbida à linguagem das torneiras — que às vezes reproduz (tal como o fluxo sanguíneo nos momentos que antecedem o sono) um fragmento de fala humana que subsiste em nossos ouvidos enquanto lavamos as mãos após ter tomado alguns drinques com um grupo de desconhecidos. Ao notar pela primeira vez a reprodução dessa ou daquela fala — uma reprodução imediata, consistente e, no caso dela, agressiva e zombeteira, embora na verdade bastante inofensiva —, ela se deliciou com o pensamento de que, pobre Aqua, havia descoberto por acidente um método simples de registrar e transmitir as palavras, quando em todo o mundo os tecnólogos (supostamente uns sabichões) tentavam tornar acessíveis ao público e rentáveis para seus fabricantes as miseráveis engenhocas extremamente complexas e ainda muitíssimo caras, tais como os telefones hidrodinâmicos, capazes de substituir os aparelhos que tinham ido *k tchortiam sobátchim* (“pro diabo”) depois da proibição daquela coisa ambárica que não se pode mencionar. Bem cedo, contudo, a volubilidade das torneiras — perfeita do ponto de vista rítmico, porém pouco clara em termos verbais — passou a adquirir um sentido por demais pertinente. A pureza da enunciação da água correndo cresceu de modo proporcional à arrogância com que veio a se

expressar. As torneiras se manifestavam tão logo Aqua ouvia alguém falar (não necessariamente se dirigindo a ela) em tom autoritário e incisivo, as palavras saindo velozes, uma pessoa com entonações muito peculiares ou com sotaque marcadamente estrangeiro, o blá-blá-blá compulsivo de um falastrão em alguma festa pavorosa ou o solilóquio líquido numa peça teatral tediosa, ou a adorável voz de Van, ou um trecho de poesia ouvido numa palestra — meu menino lindo, meu amor, tenha pena de mim —, mas em especial os versos italianos, mais fluidos, mais *frou*, por exemplo aquele poemeto recitado com entrechoques de joelhos e piscadelas emocionais por um velho doutor meio-russo e meio-doido, doído, dodói, *ballatetta, deboletta... tu, voce sbigottita... bicalitta e diavoletta... de lo cor dolente... con ballatetta va... va... della struta, destruttamente... mente... mente...* faz parar esse disco, senão o guia vai continuar a declarar, como o fez hoje mesmo de manhã em Florença, que esse pilar idiota foi posto ali para comemorar, ele jura, o “elmo” que se cobriu de folhas ao passar diante dele o corpo já petrificado de São Zeus enquanto as sombras se avolumavam; ou a megera de Arlington falando sem cessar com seu marido silente enquanto os vinhedos desfilavam nas laterais do carro e até mesmo no túnel (eles não podem fazer isso com você, diz isso pra eles, Jack Black, só tem que dizer isso pra eles...). A bica da banheira ou o chuveiro eram calibanescas demais para falar de forma inteligível — ou talvez tão brutalmente ansiosos para expelir a quente torrente e se livrar daquele ardor infernal que não tinham tempo para conversinhas fiadas. No entanto, dia após dia os borbulhantes fios d’água se tornavam mais e mais ambiciosos e execrandos, a tal ponto que, quando em seu primeiro “*home*” ela ouviu um dos mais asquerosos doutores que a visitavam diariamente (o que vivia citando Cavalcanti) despejar suas instruções odiosas numa mistura de russo e alemão em seu repugnante bidê, Aqua decidiu parar de uma vez por todas de usar água encanada.

Mas também isso passou. Outras torturas ocuparam tão definitivamente o lugar da loquacidade imperiosa de seu homônimo que, quando durante um intervalo de lucidez suas mãos débeis conseguiram abrir a torneira de um lavabo para beber um gole d’água, a linfa tépida retrucou em seu próprio dialeto, sem um pinga de malícia ou arremedo: *Finito!* O que então atormentava de forma atroz era a multiplicação em sua mente de fossas sombrias, sem bordas definidas (*iâmi, iâmischi*), que criavam espaços entre as esculturas cada vez menos nítidas dos pensamentos e das memórias: a angústia mental e a dor física se davam as mãos de rubi negro, uma fazendo-a rezar pela sanidade, a outra fazendo-a implorar pela morte. Os objetos feitos pelo homem perderam seu significado ou ganharam conotações monstruosas: cabides de roupa eram na realidade ombros de seres telurianos decapitados; as dobras do cobertor que ela empurrara com

os pés para fora da cama lhe lançavam um olhar tristonho, com um tersol numa pálpebra caída e um quê de melancólica recriminação no ricto flácido de um lábio lívido. O esforço para compreender as informações que os ponteiros de um relógio transmitem às pessoas de superior intelecto se tornou tão inócuo quanto as tentativas de compreender a linguagem de sinais de uma sociedade secreta ou a canção chinesa daquele jovem estudante com o violão não chinês que conhecera na época em que ela ou sua irmã havia dado à luz um bebê rosa-arroxeadado. Mas sua demência, a majestade de sua demência, ainda guardava a faceirice patética de uma rainha louca: “O senhor sabe, doutor, acho que vou precisar usar óculos daqui a pouco. Sei lá por quê” (riso altivo), “mas não consigo entender o que diz este meu relógio de pulso... Por favor, o que é que ele? Ah! Quatro e meia... metade de quê? Não faz mal, não faz mal, ‘não’ e ‘mal’ são irmãos gêmeos, eu tenho uma irmã gêmea e um filho gêmeo. Eu sei que o senhor quer examinar meu pudendo (a rosa alpina hirsuta), que está também no álbum *dela*, colhida há dez anos” (mostrando alegremente os dez dedos, com orgulho: dez é dez!).

Mais tarde, o sofrimento atingiu um grau insuportável, as dimensões de um pesadelo, fazendo-a urrar e vomitar. Ela pediu (e foi autorizada, bendito seja o barbeiro do hospício, Bob Bean) que seus cachos pretos fossem cortados rente (dando a sua cabeça uma coloração de água-marinha), porque eles cresciam para dentro de seu crânio poroso e lá ficavam ainda mais encaracolados. As peças do quebra-cabeça do céu ou das paredes se misturavam, por mais cuidado que ela tivesse tido ao montá-las, pois um sacolejo acidental ou o cotovelo de uma enfermeira podiam desarrumar com grande facilidade esses frágeis fragmentos, que se transformavam em representações incompreensíveis de objetos anônimos ou nas superfícies posteriores das peças de *Scrabble*, que Aqua não podia colocar no lado certo porque suas mãos haviam sido amarradas por um enfermeiro que tinha olhos tão negros quanto os de Demon. Logo depois, porém, o pânico e a dor, como duas crianças numa brincadeira turbulenta, soltaram uma última gargalhada e fugiram para se bolinar mutuamente atrás de um arbusto, como no romance *Anna Kariênina* do conde Tolstói — e mais uma vez, por algum tempo, pouco tempo, a tranquilidade voltou à casa, e a mãe deles tinha o mesmo nome da mãe dela.

Em certo momento, Aqua acreditou que um bebê natimorto do sexo masculino de seis meses — um pequeno feto surpreso, um peixe de borracha que ela, após bater num toco de lariço esquiando a toda velocidade montanha abaixo, produzira ao tomar banho de banheira num *lieu de naissance* marcado simplesmente com um X em seus sonhos — tinha sido salvo e trazido para sua *Nusshaus*, com os cumprimentos de Marina, envolto em bandagens ensanguentadas porém vivinho e saudável, para ser registrado como filho dela, Aqua,

com o nome de Ivan Veen. Outras vezes, tinha certeza de que Marina era a mãe solteira daquela criança, nascida durante uma exaustiva porém muitíssimo romântica tempestade de neve num refúgio de montanha na área de Sex (Scex) Vermelho, onde um certo dr. Alpiner, clínico geral e grande admirador das gencianas, por sorte esperava que suas botas secassem sentado junto a um rústico fogão vermelho. Daí resultou uma certa confusão menos de dois anos depois (setembro de 1871, seu cérebro orgulhoso ainda guardava dezenas de datas), quando, tendo escapado de seu refúgio seguinte e sabe-se lá como chegado à inesquecível mansão rural do marido (imitar uma estrangeira: “*Signor konduktor, ay vant go Lago di Luga, hier geld*”), ela se aproveitou de que ele estava sendo massageado no solário, entrou na ponta dos pés no antigo quarto do casal... e teve um choque delicioso: o talco *dela*, num vidro cheio pela metade e com o nome curioso de *Quelques Fleurs*, continuava sobre a mesinha de cabeceira *dela*; sua camisola predileta cor de chama, embora amassada, estava caída sobre o tapete ao pé da cama. No seu entender, isso significava que apenas um breve pesadelo, uma sombra negra, havia obliterado o fato radioso de que ela vinha dormindo com seu marido todo aquele tempo — desde o aniversário de Shakespeare num dia verde e chuvoso. Infelizmente, porém, para outras pessoas significava que Marina, abandonada pelo cineasta G. A. Vronsky por causa de outra *Khristosik* de cílios longos (como ele costumava chamar todas as belezocas que aspiravam ao estrelato), havia concebido, *c’est bien le cas de le dire*, a brilhante ideia de fazer com que Demon se divorciasse da louca Aqua e casasse com ela, que imaginava (com grande alegria e correção) estar grávida de novo. Marina e Demon haviam passado um mês *rukuliruiuschi* em Kitej como dois pombinhos, mas, quando ela presunçosamente lhe comunicara suas intenções (pouco antes da chegada de Aqua), tinha sido posta para fora de casa. Mais tarde, na última e curta etapa de uma existência gorada, Aqua se desfez de todas aquelas recordações ambíguas e se viu lendo e relendo — zelosa, amorosa — as cartas de seu filho num luxuoso sanatório em Centaur, Arizona. Ele escrevia sempre em francês, chamando-a de *petite maman* e descrevendo a engraçada escola onde iria estudar em regime de internato ao fazer treze anos. Em meio ao zumbido noturno de suas novas insônias habitadas por mil planos, de suas derradeiras insônias, Aqua ouvia a voz dele, e isso a consolava. Em geral ele a chamava de *mummy* ou *mama*, acentuando a última sílaba em inglês e a primeira em russo. Alguém já disse que trigêmeos e filhotes de dragões heráldicos ocorrem com frequência em famílias trilíngues; contudo, o certo mesmo é que não havia então a menor sombra de dúvida (exceto, talvez, na mente infernal da desprezível Marina, morta havia muito) de que Van era o filho amado *dela*, Aqua, *dela* e de mais ninguém.

Recusando-se a sofrer outra recaída após aquela abençoada fase de perfeita serenidade mental, mas sabendo que isso não duraria para sempre, ela fez o que outra paciente havia feito na distante França, num “lar” muito menos esplêndido e indulgente. Um certo dr. Froid — um dos centauros da equipe, talvez o irmão emigrado do dr. Froit de Signy-Mondieu-Mondieu nas Ardenas cujo nome fora grafado erradamente no passaporte ou, o que é mais provável, a mesma pessoa, pois ambos vinham de Vienne, Isère, e eram filhos únicos (como também era o filho dela) — desenvolveu, ou antes ressuscitou, o recurso terapêutico destinado a estabelecer um sentimento de “grupo” que consistia em fazer com que os pacientes em melhor estado ajudassem os funcionários da instituição “se assim o desejassem”. Aqua, ao chegar sua vez, repetiu com exatidão o truque da astuciosa Eleonore Bonvard, optando por fazer as camas e limpar as prateleiras de vidro. O *astorium* em São Tauro, ou como quer que fosse chamado (não importa — a gente esquece essas coisinhas bem depressa quando se está flutuando no nada infinito), era talvez mais moderno, com uma vista do deserto mais refinada, do que o hospício dickenseniano de Mondefroid, embora em ambos os lugares um paciente louco pudesse tapear com a maior facilidade um pedante imbecil.

Em menos de uma semana Aqua havia acumulado mais de duzentos tabletes de potência variada. Conhecia a maioria deles — os sedativos banais e os que colocam o paciente fora do ar do fim da tarde até a meia-noite; os vários tipos de supersoporíferos que fazem os braços e as pernas virarem trapos e a cabeça ficar cheia de chumbo após oito horas de não existência; a droga bastante simpática que, todavia, se torna um pouquinho letal quando combinada com um gole do líquido de limpeza comercialmente chamado de Morona; e a gorda pílula roxa que a fazia lembrar (ela tinha de rir) aquelas com que a feiticeirinha cigana na história espanhola (adorada pelas jovens de Ladore) punha para dormir todos os cavaleiros e seus cães na abertura da temporada de caça. A fim de evitar que algum intrometido a ressuscitasse em meio ao processo de decolagem, Aqua calculou que deveria garantir um período máximo de estupor ininterrupto em algum lugar que não fosse uma casa de vidro. A execução dessa segunda parte do plano foi simplificada e encorajada pelo dr. Sig Heiler, outro representante ou alter ego do professor de Isère, venerado por todos como um sujeito muito legal e um “verdadeiro gênio”, daqueles que se encontram às dúzias por aí. Os pacientes que, sob o controle de estudantes de medicina, comprovavam mediante certas contrações das pálpebras e de outras partes semipudendas que Sig (um homem de meia-idade algo deformado mas ainda bonitão) estava se transformando em seus sonhos no “papai Fig”, especialista em dar palmadas nos traseiros das mocinhas e impetuoso usuário de escarradeiras, eram considerados a meio caminho da cura, podendo, ao acordar, participar de atividades externas normais, como

por exemplo os piqueniques. A ardilosa Aqua contraiu as pálpebras, simulou um bocejo, abriu os olhos azul-claros (que contrastavam violentamente com as pupilas negras como azeviche herdadas de sua mãe, Dolly), vestiu calças amarelas e um bolero preto, atravessou um pequeno bosque de pinheiros, pegou carona num caminhão mexicano, encontrou uma ravina adequada no chaparral e lá, após escrever uma breve nota, começou a engolir placidamente, colhendo na mão em concha o conteúdo multicolorido de sua bolsa, como qualquer camponesa russa *lákomiaschaisia iágodam* (se empanturrando das frutinhas) que acabou de apanhar no mato. Sorriu, deleitando-se sonhadoramente com a ideia (de tom bastante kareniniano) de que sua extinção teria tanto efeito sobre as pessoas quanto a suspensão abrupta e misteriosa, pois jamais explicada, de uma história em quadrinhos de algum suplemento dominical que a gente vinha seguindo havia anos. Foi seu último sorriso. Descobriram-na muito antes do que previra, embora também houvesse morrido muito mais rápido do que imaginara, e o arguto Siggy, vestindo ainda os shorts largos de cor cáqui, reportou que a Irmã Aqua (sabe-se lá por quê, era assim que todo mundo se referia a ela) tinha sido achada, como nas sepulturas pré-históricas, em posição *fetus-in-utero*, comentário que foi julgado pertinente pelos alunos dele, assim como poderá sê-lo por meus próprios alunos.

Sua última nota, encontrada junto ao corpo e dirigida ao marido e ao filho, poderia ter sido redigida pela pessoa mais mentalmente sadia deste ou de qualquer outro planeta.

*Aujourd'hui (heute, today), eu, esta bonequinha de olhos que se movem, recebi a permissão psi-kitsch de participar de um passeio com o Herr Doktor Sig, nossa enfermeira Joana a Terrível e vários "pacientes" no bor (bosque de pinheiros) vizinho. Lá, Van, vi exatamente os mesmos esquilos parecidos com jaritacas que seu ancestral Azul-Escuro importou para o parque da Mansão de Ardis, onde você sem dúvida passeará algum dia. Os ponteiros de um relógio, até mesmo de um relógio estragado, devem saber onde estão — e fazê-lo saber ao mais idiota dos aparelhos —, pois de outra forma não compõem nem mesmo um mostrador, e sim apenas uma cara branca com um bigode postiço. Do mesmo modo, um tcheloviék (ser humano) deve saber onde está e fazer com que os outros também o saibam, pois de outra forma não é nem mesmo um klok (pedaço) de tcheloviék, nem um ele nem uma ela, mas "uma coisinha de nada", como dizia a pobre Rubi — tua ama de leite, meu querido Van — referindo-se a seu improdutivo seio direito. Eu, pobre Princesse Lointaine, a essa altura já bem lointaine, não sei onde estou. Por isso devo ir-me. Adieu, meu querido, meu amado filho, e adeus, pobre Demon. Não sei que dia é hoje ou em que estação estamos, mas faz um tempo razoavelmente*

*bom, sem dúvida normal para esta época do ano, e um batalhão de formiguinhas simpáticas está se organizando em fila para comer minhas belas pílulas.*

*[Assinado] A irmã de minha irmã que tiepier iz áda (“agora está livre do inferno”)*

“Se queremos que o relógio de sol da vida nos mostre a hora”, comentou Van, dando sequência à metáfora no roseiral da Mansão de Ardis em fins de agosto de 1884, “devemos sempre lembrar que a força, a dignidade, a delícia do homem está em odiar e desprezar as sombras e os astros que escondem seus segredos de nós. Somente o poder ridículo da dor fez com que ela se rendesse. E penso com frequência que teria sido muitíssimo mais plausível — do ponto de vista estético, extático, estócio — que ela fosse de fato minha mãe.”



Quando, em meados do século xx, Van começou a reconstruir seu passado mais remoto, logo viu que a melhor maneira, muitas vezes a *única*, de tratar os pormenores da infância que eram de fato importantes para os fins específicos da reconstrução em curso — e que reapareciam em vários estágios ulteriores de sua meninice e juventude — consistia em apresentá-los como repentinas justaposições que reviviam a parte enquanto vivificavam o todo. É por isso que seu primeiro amor tem precedência aqui sobre sua primeira mágoa profunda ou seu primeiro pesadelo.

Acabara de fazer treze anos. Nunca se afastara dos confortos do teto paterno. Na verdade, até então nunca se dera conta de que tais “confortos” não podem ser tomados como algo garantido para toda a vida, só existindo de fato como uma metáfora introdutória e já muito batida nos livros sobre meninos que vão para um colégio interno. A alguns quarteirões da escola, uma viúva francesa que falava inglês com sotaque russo, a sra. Tapirov, tinha uma loja de objetos de arte e móveis mais ou menos antigos. Van entrou na loja num dia luminoso de inverno. Na parte da frente estavam espalhados alguns vasos de cristal com rosas carmesim e ásteres de um marrom acobreado — aqui sobre um consolo de madeira com toques dourados, ali sobre uma arca envernizada, na estante de um armário ou simplesmente ladeando os degraus atapetados que conduziam ao andar de cima, onde grandes guarda-roupas e cômodas espalhafatosas formavam um semicírculo em torno de um grupo bizarro de harpas. Verificando que as flores eram artificiais, ele pensou como era estranho que essas imitações sempre tentassem enganar apenas os olhos, em vez de copiar também a sensação úmida e carnuda das pétalas e folhas vivas. Quando no dia seguinte foi buscar o objeto que desejava ver consertado ou reproduzido (hoje esquecido, oitenta anos depois), a encomenda não estava pronta ou o pedido não podia ser satisfeito. De passagem, tocou numa rosa semiaberta e se surpreendeu ao não sentir a textura estéril que as pontas de seus dedos haviam esperado, e sim um beijo de vida nos lábios frescos da flor. “Minha filha”, disse a sra. Tapirov ao notar a

surpresa de Van, “sempre põe algumas rosas verdadeiras entre as falsas *pour attraper le client*. O senhor tirou o coringa.” Ela entrou quando ele saía: uma estudante de ginásio vestindo um casaco cinza, o cabelo caindo em cachos até o ombro, o rosto bonito. Em outra ocasião (pois alguma parte da coisa — talvez uma moldura — levou um tempão para se recuperar, ou simplesmente não foi possível obter o objeto desejado), ele a viu, com seus livros escolares, toda enroscada num sofá — uma peça doméstica em meio aos artigos à venda. Nunca falou com ela. Amou-a perdidamente. Deve ter durado ao menos um período letivo.

Era o amor, normal e misterioso. Menos misteriosas e muito mais grotescas eram as paixões que diversas gerações de professores não haviam conseguido erradicar e que, por volta de 1883, ainda estavam em plena moda no colégio Riverlane. Todo dormitório tinha seu catamito. Um garoto histórico de Upsala — vesgo, de lábio caído, com membros tão desengonçados que pareciam anormais, mas com uma textura de pele maravilhosamente tenra e os encantos curvilíneos e cremosos do Cupido de Bronzino (o grande, aquele que um sátiro deliciado descobre no quarto de uma senhora) — era muito requisitado e torturado por um grupo de alunos estrangeiros, na maioria gregos e ingleses, liderados por Cheshire, nosso melhor jogador de rúgbi. E, em parte por bravata, em parte por curiosidade, Van superava seu nojo e friamente assistia às rudes orgias dos colegas. Bem cedo, contudo, abandonou esse sucedâneo por um divertimento mais natural, porém igualmente despido de paixão.

A velha que vendia balas de açúcar de cevada e revistas em quadrinhos na loja da esquina, a qual por tradição podia ser frequentada pelos alunos, contratou uma jovem vendedora, e Cheshire, filho de um lorde bastante avarento, logo, logo descobriu que a moça gordota podia ser possuída por um verde dólar russo. Van foi um dos primeiros a desfrutar de seus favores, concedidos quase às escuras entre sacos e caixotes no fundo da loja depois que se fechavam as portas. O fato de Van lhe dizer que tinha dezesseis anos e era muito tarimbado, em vez de catorze e virgem, provou ser uma fonte de embaraço para nosso libertino: quando ele tentou disfarçar sua inexperiência acelerando a ação, conseguiu apenas verter nos contrafortes do monte Vênus aquilo que a rapariga teria todo o prazer em ajudá-lo a depor em caverna hospitaleira. As coisas correram melhor seis minutos mais tarde, depois que Cheshire e Zographos haviam acabado; mas foi somente no segundo encontro que ele de fato começou a apreciar os modos carinhosos da moçoila, sua fenda deliciosamente estreita, seus movimentos vigorosos. Van bem sabia que ela não passava de uma putinha rechonchuda, chegando mesmo a afastar-lhe o rosto com o ombro quando ela tentava beijá-lo depois de terem terminado (e enquanto com uma das mãos ele verificava, como

vira Cheshire fazer, se a carteira de notas continuava no bolso traseiro da calça); entretanto, seja lá como for, quando o tempo em seu curso implacável já deixara para trás a última das quarenta convulsões, ele se surpreendeu, no trem que cruzava célere os campos negros e verdes rumo a Ardis, conferindo insuspeitada poesia à pobre imagem dela, ao cheiro de cozinha de seus braços, aos cílios úmidos na repentina luz do isqueiro de Cheshire, até mesmo aos passos rangentes da velha e surda sra. Gimber no quarto do andar de cima.

Instalado em elegante compartimento de primeira classe, a mão enluvada segurando confortavelmente a alça lateral de veludo, qualquer um se sente um homem do mundo enquanto examina com ar inteligente o desenrolar da bem cuidada paisagem. Mas vez por outra os olhos inquietos do passageiro se imobilizavam por um segundo e toda a sua atenção se concentrava numa coceirinha nas partes inferiores — que ele supôs (graças a Deus corretamente) fosse apenas uma ligeira irritação do epitélio.

Nas primeiras horas da tarde, Van desembarcou com suas duas malas na paz ensolarada da pequena estação campestre. Uma estrada sinuosa o levaria à Mansão de Ardis pela primeira vez na vida. Em imaginação ele vira, como numa pequena gravura, um cavalo com belos arreios, mas nem mesmo um cabriolé o aguardava. O chefe da estação, um homenzarrão gordo e queimado de sol que vestia um uniforme marrom, estava certo de que ele era esperado no trem da noite, que, apesar de mais lento, tinha um vagão-restaurante. Telefonaria para a mansão num segundo, acrescentou, enquanto sinalizava para o maquinista impaciente. De repente, uma carruagem de aluguel parou junto à plataforma e uma senhora ruiva, levando na mão o chapéu de palha e rindo de sua própria pressa, conseguiu subir no trem um momento antes que ele partisse. E assim, concordando em utilizar o meio de transporte que lhe era oferecido por uma dobra fortuita no tecido do tempo, Van se sentou na velha caleche. O trajeto de meia hora não foi nada desagradável. Atravessaram bosques de pinheiros e ravinas pedregosas enquanto pássaros e outros bichinhos cantavam e brincavam entre os arbustos em flor. Manchas de sol e sombras rendadas deslizavam sobre suas pernas e emprestavam um brilho esverdeado ao botão de cobre (privado de seu irmão gêmeo) nas costas do casaco do cocheiro. Passaram por Torfianka, um vilarejo de sonho com três ou quatro isbás feitas com troncos de pinheiro, uma oficina onde se consertavam baldes de leite e uma loja de ferreiro encoberta de jasmims. O cocheiro fez sinal com a mão para um amigo invisível, e o veículo, leve e ágil, desviou-se ligeiramente para acompanhar seu gesto. Seguiam agora por uma estradinha empoeirada entre campos cultivados. Como a estrada acompanhava o relevo das colinas, a cada subida o velho táxi perdia velocidade, como se a ponto de cair no sono, e só com grande relutância vencida a fadiga.

Sacolejaram ao cruzar os paralelepípedos de Gamlet, uma aldeia meio russa, e o cocheiro mais uma vez acenou, dessa feita para um garoto trepado numa cerejeira. As bétulas abriram espaço para que eles atravessassem uma velha ponte. E enfim surgiram as ruínas negras do

castelo de Ladore, encravado num penhasco, e, mais a jusante do rio, os alegres tetos multicoloridos da cidade que ele reveria tantas e tantas vezes ao longo da vida.

Pouco depois, quando a estrada começou a contornar o parque de Ardis, a vegetação ganhou um aspecto mais meridional. Na curva seguinte o romântico solar apareceu sobre uma pequena elevação, como é de praxe em todos os antigos romances. Era uma residência rural esplêndida, com três andares, fachada de tijolos pálidos e pedras vermelho-escuras, os dois materiais parecendo intercambiar tons e texturas ao sabor da luz. A despeito da variedade, extensão e vibração das grandes árvores que havia muito tinham substituído os dois renques regulares e estilizados (ali implantados segundo o rigor mental do arquiteto e não o olhar percuciente de um pintor), Van de imediato reconheceu a Mansão de Ardis tal como representada na aquarela de duzentos anos que decorava o quarto de vestir de seu pai: erguida sobre uma baixa colina, a construção dominava um vale abstrato onde duas pessoas minúsculas, com chapéus tricornes, conversavam não longe de uma vaca de aparência bastante artificial.

Ninguém da família estava em casa quando ele chegou. Um empregado levou seu cavalo. Van cruzou a arcada gótica e entrou no grande saguão, onde foi recebido com gestos de alegria por Bouteillan, o mordomo velho e calvo que no passado havia sido *valet de chambre* do pai de Van e que agora, de forma pouco profissional, dera de usar bigode (ainda por cima pintando-o de um marrom só visto em molhos de carne). “*Je parie*”, disse ele, “*que Monsieur ne me reconnaît pas*”, passando a relembrá-lo do que ele já se recordara sem nenhuma ajuda: o “farmanequim” (um tipo especial de pipa em forma de caixa e sem cauda, impossível de ser encontrada atualmente mesmo nos maiores museus que exibem brinquedos antigos) que Bouteillan certo dia o ajudara a empinar num campo pontilhado de botões-de-ouro. Ambos olharam para cima: por um momento o pequeno retângulo vermelho se recortou de viés contra o azul do céu primaveril. O saguão era famoso pelas pinturas no teto. Era cedo demais para o chá. Será que Van gostaria que ele ou uma criada desfizesse suas malas? Ah, sim, uma das criadas, respondeu Van, perguntando-se por um instante que artigo na bagagem de um estudante de ginásio poderia chocar uma doméstica. A fotografia nua da modelo Ivory Revery? E daí, se agora ele era um homem?

Acatando a sugestão do mordomo, foi fazer um *tour du jardin*. Seguiu por uma aleia sinuosa sem fazer nenhum ruído, pois o caminho era coberto de uma fofa areia rosada e seus sapatos escolares de lona tinham sola de borracha, até deparar com alguém que reconheceu, com desagrado, ser sua antiga preceptora e professora de francês (o lugar estava apinhado de fantasmas!). Sentada num banco verde sob um caramanchão de lilases persas, ela segurava numa das mãos um para-

sol e na outra o livro que lia em voz alta para uma menina, cuja atenção estava concentrada no ato de enfiar o dedo no nariz e o examinar com sonhadora satisfação antes de limpá-lo na beirada do banco. Van concluiu que aquela devia ser “Ardélia”, a mais velha das duas priminhas que ele iria por fim conhecer. Na verdade era Lucette, a mais moça, uma criança neutra, de oito anos, com uma franja de cabelos muito brilhantes de um louro-avermelhado e um botãozinho sardento à guisa de nariz. Ela havia contraído uma pneumonia na primavera e ainda exibia aquele ar de distanciamento que as crianças, em especial as mais endiabradas, conservam por algum tempo após escapar por pouco da morte. *Mlle.* Larivière de repente olhou na direção de Van por cima dos óculos verdes — e ele teve de aturar novas efusões de alegria. Ao contrário de Albert, ela não mudara nada desde a época em que ia três vezes por semana à casa de cidade de Demon Veen com uma sacola de livros e um poodle minúsculo e tremelicante (já falecido), que não podia ser deixado sozinho. Os olhos dele reluziam como duas melancólicas azeitonas pretas.

Pouco depois, voltaram caminhando sem pressa. A preceptora, quem sabe remoendo alguma reminiscência amarga, ia balançando a cabeça — queixo grande, nariz grande — sob o para-sol de tecido *moiré*, enquanto Lucette, com um ruído áspero, puxava atrás de si uma enxada de jardim que havia encontrado, e o jovem Van, em seu elegante terno cinza com a gravata esvoaçante, as mãos atrás das costas, olhava seus próprios pés bailarinos movendo-se em silêncio — tentando fazer, sem nenhuma razão especial, com que seguissem uma linha reta.

Uma vitória acabara de parar diante do alpendre. Dela estavam saindo uma senhora parecida com a mãe de Van e uma menina de cabelos negros de onze ou doze anos, precedidas por um *dachshund* coleante. Ada trazia na mão um buquê desarrumado de flores-do-campo. O vestido branco contrastava com o casaquinho preto, os cabelos longos estavam presos por um laço branco. Ele nunca mais viu aquele vestido e, sempre que o mencionava em evocação retrospectiva, ela insistia em que Van devia ter sonhado com aquilo, nunca tivera nada semelhante e jamais usaria um casaco preto numa tarde tão quente. Mas foi essa primeira imagem de Ada que ele guardou até o fim de seus dias.

Uns dez anos antes, por volta do aniversário de quatro anos de Van e ao final de uma das longas internações de Aqua, “tia” Marina o tinha agarrado de repente num parque público onde havia uma grande gaiola cheia de faisões. Dizendo à babá que fosse dar uma volta, Marina o levou a uma barraquinha perto do coreto da banda, comprou para ele um pirulito de hortelã cor de esmeralda e lhe disse que, se seu pai quisesse, ela substituiria a mãe dele e que era proibido alimentar as

aves sem a permissão de *Lady Amherst* — ou pelo menos foi isso que ele entendeu.

Agora tomavam chá em torno de uma bela mesa, sentados em cadeiras forradas de seda, no único cantinho simpático do austero saguão principal, de onde subia uma imponente escadaria. Sobre um tamborete de carvalho estavam o casaquinho preto de Ada e um ramallete em tons de rosa, amarelo e azul que ela fizera com anêmonas, quelidônias e aquilégias. O cachorro ganhou mais pedaços de bolo que de costume. Price, o velho e taciturno lacaio que trouxe o creme para os morangos, se parecia com “Jeejee” Jones, o professor de história de Van.

“Ele se parece com meu professor de história”, disse Van depois que o criado tinha ido embora.

“Eu amava história”, disse Marina. “Adorava me identificar com mulheres famosas. Ivan, há uma joaninha no seu prato. Sobretudo com as grandes beldades — a segunda mulher de Lincoln ou a rainha Josefina.”

“É, eu tinha notado, o desenho está muito bem-feito. Temos um serviço de porcelana igual a esse lá em casa.”

“*Slívlak* (um pouco de creme)? Você fala russo, não fala?”, perguntou Marina, servindo-lhe o chá.

“*Nieokhôtno no sovierchenno svobódno* (com relutância mas com fluência)”, respondeu Van, *slegka ulibnúvchis* (com um sorrisinho). “É, com muito creme e três cubos de açúcar.”

“Ada e eu compartilhamos de seus gostos extravagantes. Dostoiévski preferia o chá com xarope de framboesa.”

“Ugh”, fez Ada.

Acima de Marina estava pendurado seu belo retrato a óleo pintado por Tresham. Mostrava-a com o chapéu teatral que usara dez anos antes no ensaio de uma *Cena de Caça* — abas romanticamente largas, uma asa iridescente e enorme pluma prateada, com bordas pretas, que tombava de forma graciosa. Van, recordando-se da gaiola no parque e de que sua mãe estaria também em algum lugar numa espécie de gaiola, teve uma sensação estranha de mistério, como se os responsáveis por seu destino tivessem decidido fazer uma reunião de emergência. A maquiagem permitia que Marina imitasse a beleza de outrora, mas as modas haviam mudado, ela usava agora um vestido de algodão com um estampado rústico, seus cachos castanho-avermelhados tinham sido descolorados e não cascadeavam até as têmporas — nada em suas roupas e enfeites ecoava a arrogância do chicote no quadro ou o padrão tegular da plumagem reluzente que Tresham soubera reproduzir com tamanha perícia ornitológica.

Não ficaram grandes lembranças desse primeiro chá. Ele reparou no truque de Ada para esconder as unhas, mantendo a mão fechada ou a estendendo com a palma para cima ao pegar um biscoito. Tudo que sua

mãe dizia a irritava ou a deixava sem jeito e, quando Marina começou a falar sobre o Tarn, como era chamado o Novo Reservatório, ele notou que Ada já não estava sentada ao lado dele, mas de pé, um pouco distante e de costas para a mesa de chá, diante de uma janela aberta; o cachorro de cintura fina estava sobre uma cadeira e também olhava o jardim por sobre as patas dianteiras escarrapachadas, enquanto ela lhe perguntava num sussurro íntimo o que é que ele havia farejado.

“Dá para se ver o Tarn da janela da biblioteca”, disse Marina. “Daqui a pouco Ada vai te mostrar todos os quartos da casa. Ada?” (Pronunciou o nome à maneira russa, com dois “a” profundos e graves, fazendo-o soar como a pronúncia inglesa da palavra “ardor”.)

“Dá para ver um pedacinho daqui também”, disse Ada, virando a cabeça para trás e, *pollice verso*, oferecendo a vista para Van, que descansou sua xícara na mesa, secou os lábios com um pequeno guardanapo bordado, enfiou o guardanapo no bolso da calça e chegou perto da menina de cabelos negros e braços muito brancos. Ao se curvar em sua direção (era oito centímetros mais alto que ela e o dobro disso quando Ada se casou com um cristão ortodoxo e a sombra de Van, erguendo-se atrás dela, manteve a coroa nupcial acima de sua cabeça), ela afastou o corpo para fazê-lo ocupar o ângulo exigido, e seus cabelos roçaram o pescoço dele. Nas primeiras vezes em que sonhou com ela, a reprodução desse contato tão leve e breve se mostrou mais forte do que a resistência do sonhador e, como se uma espada houvesse sido brandida sobre sua cabeça, sempre provocou uma liberação explosiva.

“Acabe teu chá, minha querida”, disse Marina.

Pouco depois, como Marina prometera, os dois subiram. “Por que os degraus rangem tão desesperadamente quando duas crianças sobem a escada?”, ela se perguntou, olhando para a balaustrada onde duas mãos esquerdas saltavam e deslizavam de modo estranhamente similar, como dois irmãos que tomassem sua primeira aula de dança. “Afinal de contas, nós éramos irmãs gêmeas, todo mundo sabe disso.” Obedecendo à mesma força motriz, ela na frente, ele atrás, venceram sem pressa os dois últimos degraus, e a escada voltou a ficar em silêncio. “Escrúpulos antiquados”, disse Marina.



Ada mostrou ao tímido convidado a grande biblioteca no segundo andar, orgulho de Ardis e “pasto” favorito dela, na qual sua mãe jamais entrava (tendo no seu budoar uma coleção das *Mil e uma melhores peças teatrais*); Daniel Veen, sentimental e covarde, a evitava com receio de se encontrar com o fantasma do pai, que ali morrera de derrame cerebral, além de achar que não havia nada mais deprimente do que as obras completas de autores que haviam soçobrado no completo olvido, embora ficasse satisfeito quando um visitante ocasional admirava as altas estantes e os armários baixos, os quadros sombrios e os bustos pálidos, as dez cadeiras de noqueira esculpida e duas mesas grandiosas incrustadas de marfim. Iluminado pela réstia de um sol estudioso, o atlas botânico, colocado sobre uma estante para leitura, estava aberto numa estampa com orquídeas multicores. Uma espécie de divã, coberto de veludo negro e acompanhado de duas almofadas amarelas, ocupava uma reentrância sob a grande janela que oferecia uma vista generosa do parque bastante corriqueiro e do lago artificial. Um par de castiçais, meros fantasmas de metal e cera, descansava — ou parecia descansar — sobre o largo peitoril da janela.

O corredor que saía da biblioteca teria levado nossos exploradores silenciosos aos aposentos do sr. e da sra. Veen na ala oeste caso houvessem prosseguido suas investigações naquela direção. Em vez disso, uma escadinha semissecrta, que se ocultava atrás de uma estante rotatória, os levou em espiral até o último andar — ela, as coxas muito brancas, andando mais rápido, três passos à frente dele.

Os quartos de dormir e as acomodações adjacentes eram mais do que modestas, e Van não pôde deixar de lamentar o fato de que, aparentemente, era jovem demais para ocupar um dos dois quartos de hóspedes junto à biblioteca. Lembrou com saudade o luxo de sua própria casa ao deparar com os objetos repugnantes que o sufocariam na solidão das noites de verão. Tudo parecia ter sido feito para um cretino sem eira nem beira: a cama, digna de um asilo de pobres, com sua cabeceira medieval de madeira desbotada; o armário que rangia sem nem ser tocado; a cômoda atarracada, de falso mogno, com

puxadores presos a uma corrente (faltava um); uma arca para a roupa de cama (fugitiva envergonhada da lavanderia); e a velha escrivaninha cujo tampo curvo estava trancado ou emperrado. Ele descobriu o puxador num dos inúteis compartimentos externos da escrivaninha e o entregou a Ada, que o atirou pela janela. Van até então nunca encontrara um cavalete para toalhas e nunca vira um lavatório feito especialmente para quem não costuma se banhar. O espelho redondo que ficava acima do lavatório era ornamentado com uvas douradas de gesso; uma serpente satânica envolvia a bacia de porcelana (gêmea da que ficava no banheiro das meninas, do outro lado do corredor). Uma poltrona de braço com espaldar alto e, junto à cama, um tamborete que sustentava o castiçal de latão com coletor de cera e alça (cujo par ele entrevira num espelho havia pouco — onde?) completavam a principal e maior parte do humilde mobiliário.

Voltaram ao corredor, ela sacudindo os cabelos, ele limpando a garganta. Mais adiante, a porta entreaberta de um quarto de jogos ou de crianças se moveu, para a frente e para trás, enquanto Lucette dava uma espiadela, deixando à mostra um joelho avermelhado. Depois, a porta se abriu de todo, mas ela fugiu para dentro do quarto. Veleiros de cobalto enfeitavam os ladrilhos brancos de um grande aquecedor, e quando sua irmã e ele passaram diante da porta, um órgão de brinquedo entrou convidativamente em ação, tocando um pequeno e hesitante minueto. Ada e Van retornaram ao andar térreo — dessa vez descendo pela suntuosa escadaria. Entre os muitos ancestrais ao longo das paredes, ela apontou seu favorito, o velho príncipe Vseslav Zêmski (1699-1797), amigo de Linnaeus e autor do *Flora Ladorica*, retratado num quadro a óleo de cores reverberantes onde aparecia sentado, vestindo um casaco de cetim e tendo no colo a jovem esposa recém-entrada na puberdade, ela própria segurando uma boneca loura. Ao lado desse amante dos botões de rosa e dos casacos bordados, estava pendurada (de modo bastante incongruente, na opinião de Van) uma fotografia ampliada e emoldurada com grande sobriedade. O falecido Súmierietchnikov, precursor americano dos irmãos Lumière, havia captado o tio materno de Ada de perfil, violino contra o queixo, um jovem de triste sina após seu concerto de despedida.

No andar térreo, abria-se para o jardim uma sala de estar amarela, com paredes forradas de damasco e móveis no estilo que os franceses em certa época chamaram de Império; naquele fim de tarde, ela tinha sido invadida, através da soleira, pelas sombras das grandes folhas de uma paulownia (que recebeu esse nome de um linguista negligente, explicou Ada, com base no patronímico, confundido por ele com um segundo nome ou sobrenome, de uma senhora inofensiva, Anna Pavlovna Románov, filha de Pavel, que — por razões que ela desconhecia — ganhara a alcunha de Paulo-menos-Pedro e era primo do grande botânico Zêmski e professor do linguista descuidado, não,

pare por favor se não vou gritar, pensou Van). Uma cristaleira que continha todo um zoológico de pequenos animais, inclusive um órix e um ocapí, acompanhados dos respectivos nomes científicos, foi recomendada com grande ênfase por sua encantadora mas extraordinariamente pretensiosa companheira. Igualmente fascinante era um biombo de cinco folhas, com pinturas brilhantes sobre fundo preto que reproduziam os primeiros mapas dos quatro continentes e meio. Passaram então à sala de música, com seu piano pouco usado, e a um aposento de esquina, chamado de Sala das Armas, onde imperava um pônei de Shetland empalhado que tinha pertencido a uma tia de Dan Veen, cujo nome de solteira — graças a Deus — Ada não recordava. Do outro lado, sabe-se lá onde, em algum lado da casa ficava o salão de baile, um deserto reluzente com cadeiras alinhadas contra as paredes. “Leitor, passe, passe” (“*mimo, tchitátie!*”, como escreveu Turguêniev). As “cavaliças”, como eram erroneamente chamadas no condado de Ladore, tinham uma disposição arquitetônica bastante confusa no caso da Mansão de Ardis. Uma galeria ladeada de treliças olhava para o jardim por cima de seu ombro coberto de flores, mas de repente fazia um ângulo de noventa graus em direção à aleia por onde chegavam as viaturas. Mais adiante, uma elegante *loggia*, iluminada por longas janelas, levou Ada, agora calada, e Van, morto de tédio, até um abrigo feito com pedras, uma falsa gruta com samambaias de verdade, que se agarravam despidoradamente a suas paredes, e uma cachoeira artificial tomada emprestada de algum regato ou relato, ou da bexiga em fogo de Van (depois de todo aquele maldito chá).

Os aposentos dos empregados (exceto as duas raparigas de rosto bem maquiado que tinham quartos no último andar) davam para o quintal; Ada disse tê-los visitado uma única vez, na fase exploratória de sua infância, mas tudo de que se lembrava era um canário e uma antiga máquina de moer café, com o que se deu por encerrado o assunto.

Dispararam de novo para cima. Van deu um pulinho até um banheiro — e saiu de lá com um humor muito melhor. Um anãozinho que tentava se passar por Haydn tocou outra vez algumas notas enquanto eles prosseguiram sem lhe dar a menor atenção.

O sótão. Eis aqui o sótão. Bem-vindo ao sótão. Lá havia sido deixado um sem-número de baús, malas e caixas de papelão, além de dois canapés marrons colocados um em cima do outro, como besouros copulando, e uma porção de quadros amontoados nos cantos ou em prateleiras, com as faces voltadas para a parede tais quais crianças de castigo. Enrolado em seu grande invólucro, havia ainda um velho “*jikker*”, ou miniplanador, um tapete mágico azul com desenhos arábicos, desbotados porém ainda encantadores, que o pai do tio Daniel utilizara na mocidade e só voltara a pilotar, depois de adulto, quando estava bêbado. Devido às muitas colisões, colapsos e outros acidentes, particularmente numerosos nos céus crepusculares sobre

campos idílicos, a polícia aérea havia proibido o uso de *jikkers*. Todavia, quatro anos depois, Van, que adorava voar, subornou um mecânico local para que limpasse o aparelho, recarregasse os tubos-falcões e o pusesse de novo em condições mágicas de uso. E quantos dias de verão eles iriam passar, ele e sua Ada, planando sobre bosques e rios, numa altitude segura de três metros acima das estradas ou dos tetos! Como era cômico ver o ciclista perder o equilíbrio e, ziguezagueando, ir parar numa vala, ou o limpa-chaminés, movendo os braços como um moinho, começar a escorregar no telhado!

Vagamente impelidos pelo sentimento de que ao menos estavam fazendo *alguma coisa*, continuaram a inspecionar a casa — sustentando assim uma aparência de ação consecutiva sem a qual, malgrado serem ambos bem versados na arte da conversação, poderiam cair num vácuo desesperado de jogos de palavras em que cada qual buscava ser mais espirituoso do que o outro, terminando por fim num silêncio retumbante. Por isso, Ada não o poupou nem mesmo do porão, onde pulsava um robô barrigudo, aquecendo corajosamente os canos que partiam em meandros rumo à imensa cozinha e aos dois feios banheiros, além de fazer o possível e o impossível para manter o castelo habitável para os visitantes nos dias festivos de inverno.

“Você ainda não viu nada!”, exclamou Ada. “Ainda falta o telhado!”

“Mas essa vai ser nossa última subida hoje”, disse Van para si mesmo com grande firmeza.

Devido a uma sobreposição de estilos e telhas (não explicável facilmente em termos leigos para pessoas que não amam telhados), bem como a um *continuum* aleatório, se é que se pode utilizar tal expressão, de renovações, a cobertura da Mansão de Ardis apresentava uma confusão indescritível de ângulos e níveis, de tons de verde e cinza, de cumeeiras com vistas imponentes e nichos à prova de vento. Dava para se abraçar e beijar, e ainda observar, nos intervalos, o reservatório, o arvoredos, os vales e até mesmo a linha finíssima de lariços que marcava o limite da propriedade vizinha muitos quilômetros adiante, sem falar nas feias e diminutas silhuetas de vacas sem pernas numa colina distante. E não era difícil se esconder atrás de algum ressalto para evitar os pilotos de planadores indiscretos ou os balonistas munidos de máquinas fotográficas.

Um gongo ribronzebombou num terraço.

Por alguma estranha razão, ambas as crianças se sentiram aliviadas ao saber que alguém de fora era esperado para o jantar. Tratava-se de um arquiteto andaluz a quem tio Dan queria encomendar o projeto de uma piscina “artística” para a Mansão de Ardis. Tio Dan também tencionava vir, acompanhado de um intérprete, mas pegara um “*khrip*” russo (gripe espanhola) e telefonara a Marina pedindo que ela fosse muito simpática com o velho Alonso.

“Vocês têm de me ajudar!”, disse ela às crianças, a testa franzida de preocupação.

“Quem sabe”, disse Ada voltando-se na direção de Van, “eu mostro para ele a cópia de uma *nature morte* absolutamente fantástica feita por Juan de Labrador, da Extremadura — uvas douradas e uma estranha rosa sobre fundo preto. Dan a vendeu para Demon, mas ele prometeu que vai me dar o quadro quando eu fizer quinze anos.”

“Também temos algumas frutas de Zurbarán”, comentou Van, não querendo ficar para trás. “Tangerinas, se não me engano, e um tipo de figo com uma vespa pousada nele. Ah, vamos impressionar o sujeito com nossa conversa sobre arte!”

Mas não impressionaram. Alonso, um homenzinho mirrado com um smoking trespessado na frente, só falava espanhol, enquanto não ia muito além de meia dúzia a soma das palavras que seus anfitriões conheciam em castelhano. Van dominava *canastilla* (cestinha) e *nubarrones* (nuvens de tempestade), ambas colhidas da tradução de um belo poema espanhol num de seus livros escolares. Ada, é óbvio, se recordava de *mariposa* (borboleta) e dos nomes de duas ou três aves mencionadas em guias ornitológicos, tais como *paloma* (pombo) e *grevol* (galinha-do-mato). Marina conhecia *aroma* e *hombre*, bem como um termo anatômico que tem um “j” pendurado no meio. Em consequência, a conversação na mesa consistiu em longas e ásperas frases em espanhol, pronunciadas em voz muito alta pelo loquaz arquiteto, que imaginou estar lidando com pessoas bastante surdas, e um punhado de palavras em francês a que suas vítimas tentaram em vão emprestar uma entonação italiana. Terminado o difícil jantar, Alonso, sob a luz de três archotes carregados por dois lacaios, investigou uma possível localização para a caríssima piscina, repôs o mapa da propriedade em sua pasta e, após beijar por engano a mão de Ada no escuro, saiu às pressas a fim de pegar o último trem que rumava para o sul.

Com os olhos pesados de sono, Van tinha ido dormir pouco após o “chá da noite”, a ceia de verão (em que o chá era a coisa menos importante) servida umas duas horas depois do jantar e considerada por Marina algo tão natural e inevitável quanto a ocorrência do pôr do sol ao anoitecer. Na Mansão de Ardis, o prato principal dessa tradicional festança russa era uma *prostokvacha* — palavra traduzida pelas professoras inglesas como *curds-and-whey* (coalhada e soro de leite) e por Mlle. Larivière como *lait caillé* (leite coalhado) —, cuja camada superior, fina e cremosa, a srta. Ada, usando a colher de prata especial com o monograma  $\Psi$ , retirava e lambia delicada e avidamente (ah, Ada, quantas ações suas mereceriam esses advérbios!) antes de atacar as profundezas mais amorfas e pastosas da iguaria; junto com isso vinha o pão preto e rude do campo, além dos morangos *klubnika* (*Fragaria elatior*), quase negros, e outros colhidos no jardim, grandes e de um vermelho brilhante, resultantes do cruzamento de duas espécies diferentes de *Fragaria*. Van mal havia pousado o rosto no travesseiro fino e fresco quando foi violentamente despertado por um chilrear clamoroso — trinados radiosos, doces gorjeios, cricris estridulantes, chilrados, trilos, roucos crocitos e ternos redobres. Com certa apreensão leiga, imaginou que Ada poderia — e iria — atribuir um pássaro a cada uma daquelas vozes. Enfiou os pés nos chinelos, munuiu-se de sabonete, pente e toalha e, envolvendo sua nudez num roupão de algodão, saiu do quarto com o intuito de dar um mergulho no riacho que vira no dia anterior. O relógio de pêndulo do corredor tiquetaqueava em meio ao silêncio auroral, só rompido, dentro da casa, pelos roncões vindos do quarto da preceptora. Após um momento de hesitação, visitou o banheiro do quarto de brinquedos. Lá, através de uma estreita janela, foi assaltado pelos sons do aviário enlouquecido e pelo brilho de um sol poderoso. Isso queria dizer que ele estava bem, muito bem! Ao descer a grande escadaria, o pai do general Durmânov cumprimentou-o com um olhar sério e o recomendou ao velho príncipe Zêmski e outros ancestrais, todos tão discretamente atentos quanto

aqueles guardas de museu que não perdem de vista o turista solitário no velho e sombrio palácio.

A porta da frente estava fechada com chave e corrente. Van tentou a porta lateral envidraçada de uma galeria guarnecida de flores azuis. Nada feito também. Sem saber ainda que, debaixo da escadaria, um nicho pouco visível abrigava um sortimento de chaves sobressalentes (algumas muito antigas e anônimas, penduradas em ganchos de latão) e se comunicava, por um depósito de ferramentas, com uma parte pouco frequentada do jardim, Van atravessou vários salões em busca de uma janela benevolente. Num aposento de canto, descobriu, de pé junto a uma alta porta-janela, a jovem camareira que entrevira na véspera e que se prometera conhecer melhor. Ela vestia uma blusa com aquilo que seu pai, sem reprimir uma expressão semilibidinosa, chamaria de um “aventuzinho preto e um frisson de babados brancos”; um pente de tartaruga enfiado nos cabelos castanhos refletia a luz de âmbar; a porta-janela estava aberta e ela se apoiava bem alto na ombreira com uma das mãos, onde reluzia minúscula água-marinha, enquanto acompanhava com a vista um pardal que saltitava na aleia pavimentada rumo ao pedacinho de biscoito que ela havia lhe jogado. Seu perfil de camafeu, a bonita narina rosada, o pescoço longo, francês, branco como um lírio, os contornos ao mesmo tempo generosos e frágeis de seu corpo (a lascívia masculina não prima pelas virtudes descritivas!) e, em particular, o senso selvagem de oportunidade mobilizaram Van de modo tão incisivo que ele não pôde resistir à tentação de agarrar pelo pulso o braço envolto na manga apertada. Liberando o braço, e confirmando por sua atitude controlada que pressentira a aproximação, a moça virou para ele o rosto atraente, embora praticamente sem sobrancelhas, e lhe perguntou se queria uma xícara de chá antes do café da manhã. Não. Qual era seu nome? Blanche, mas *Mlle. Larivière* a chamava de “Cendrillon” (Cinderela) porque suas meias estavam sempre caindo pelas pernas, o senhor entende?, porque quebrava e perdia as coisas, e porque confundia os nomes das flores. O roupão folgado de Van revelava seu desejo, coisa que até mesmo uma rapariga daltônica não poderia deixar de reparar. Quando se aproximou ainda mais, olhando por cima da cabeça dela à procura de um sofá adequado em algum canto daquela mansão mágica — onde *qualquer* lugar, como nas memórias de Casanova, podia ser transformado, pela força do sonho, no recesso indevassável de um harém —, Blanche escapuliu de vez e se lançou num pequeno solilóquio em seu francês ladoriano:

*“Monsieur a quinze ans, je crois, et moi, je sais, j’en ai dix-neuf. Monsieur é um nobre, eu sou a filha de um pobre carvoeiro. Monsieur a tâté, sans doute, des filles de la ville; quant à moi, je suis vierge, ou peu s’en faut. De plus, se eu me apaixonasse pelo senhor — realmente me apaixonasse, o que infelizmente seria possível se o senhor me*

possuísse *rien qu'une petite fois* —, isso só traria para mim muito sofrimento, as chamas do inferno, desespero e até a morte, *Monsieur*. *Finalemant*, devo acrescentar que estou com um corrimento vaginal e vou ter de fazer uma consulta com o *Docteur* Chronique, quer dizer, Crolique, no meu primeiro dia de folga. Agora temos de nos separar, o pardal desapareceu e *Monsieur* Bouteillan, que acabou de entrar na sala ao lado, pode nos ver perfeitamente no espelho que fica em cima do sofá escondido atrás do biombo de seda.”

“Me desculpe”, murmurou Van, profundamente desconcertado com o tom estranho e trágico de sua voz, que o fizera sentir-se como se estivesse participando de uma peça teatral em que era o ator principal mas da qual só recordava aquela cena.

A mão do mordomo, refletida no espelho, fez aparecer do nada uma garrafa de cristal para licores, fazendo-a desaparecer em seguida. Van, dando novo laço no cinto do roupão, atravessou a porta-janela para penetrar na verde realidade do jardim.



Naquela mesma manhã, ou alguns dias depois, no terraço:

“*Mais va donc jouer avec lui*”, disse *Mlle.* Larivière, empurrando Ada, cujas jovens ancas sacolejaram, desconjuntadas, com o choque. “Não deixe seu primo *se morfondre* quando o dia está tão bonito. Pegue-o pela mão. Vá mostrar a dama branca na sua aleia favorita, e a montanha, e o grande carvalho.”

Ada voltou-se para ele com um encolher de ombros. O toque frio dos dedos dela, sua palma úmida, o modo meio sem jeito de jogar os cabelos para trás quando começaram a caminhar pela alameda central do parque, tudo isso também o deixou algo encabulado e, sob o pretexto de pegar um cone de pinheiro, Van libertou a mão. Atirou a pinha numa mulher de mármore que se curvava sobre um *stamnos*, mas só conseguiu assustar um passarinho que pousara na beirada de sua jarra partida.

“Não há nada mais banal no mundo”, disse Ada, “do que jogar pedras num bico-grossudo.”

“Desculpe”, disse Van, “não queria espantar o passarinho. Mas também não fui criado no campo, por isso não sei a diferença entre uma pinha e uma pedra. *Au fond*, ela espera que a gente vá brincar de quê?”

“*Je l’ignore*”, respondeu Ada. “Na verdade, não me interessa muito saber como funciona a cabeça dela. *Cache-cache*, acho eu, ou subir nas árvores.”

“Ah, sou bom nisso”, disse Van, “sei até pular de galho em galho me agarrando pelas mãos.”

“Não, vamos brincar das *minhas* brincadeiras. Brincadeiras que eu mesma inventei. E que espero que a pobrezinha da Lucette possa brincar comigo no ano que vem. Vem, vamos começar. A primeira série é do tipo sombra e luz, vou te ensinar duas.”

“Estou vendo”, disse Van.

“Vai ver daqui a pouquinho”, retrucou a professorinha. “Primeiro temos que achar um bom pedaço de pau.”

“Olhe”, disse Van, ainda algo amuado, “lá vai outro bico-grande ou coisa que o valha.”

A essa altura tinham chegado ao *rond-point* — uma pequena arena cercada de canteiros e de arbustos de jasmim em plena floração. No alto, os braços de uma tília se esticavam na direção dos braços de um carvalho, tal qual uma beldade num traje de lantejoulas verdes voando para ser apanhada por seu robusto pai, pendurado no trapézio pelos pés. Mesmo naquela época nós dois compreendíamos esse tipo de coisa divina, mesmo então...

“Há alguma coisa de muito acrobático nesses galhos lá em cima, não é mesmo?”, ele perguntou, apontando.

“É”, ela respondeu. “Descobri isso há um tempão. A tília é a italiana voadora e o carvalho é o sofredor, o velho amante que sofre, mas ainda assim a agarra todas as vezes” (impossível reproduzir a entonação correta e o sentido geral de suas palavras — depois de oito décadas! —, mas, enquanto olhávamos para cima e depois de volta para o chão, ela de fato disse algo extraordinário, algo inteiramente inesperado para alguém com sua tenra idade).

Mantendo os olhos baixos e gesticulando com uma vareta verde e pontiaguda que tomara emprestada de um canteiro de peônias, Ada explicou o primeiro jogo.

As sombras das folhas na areia eram interrompidas aqui e ali por rodela de luz. O jogador escolhia uma rodela — a melhor, a mais brilhante que pudesse achar — e marcava com firmeza seu contorno usando a ponta da vara. Feito isso, a mancha luminosa parecia se tornar convexa, como se fosse um buraco cheio até a borda de algum corante dourado. Então, com os dedos ou com a vareta, o jogador ia retirando com toda a delicadeza punhados de terra de dentro da rodela. O nível daquela reluzente *infusion de tilleul* magicamente baixava na taça de terra, até não sobrar mais do que uma gota preciosa. Ganhava o jogo aquele que criasse o maior número de taças em, digamos, vinte minutos.

Van, desconfiado, perguntou se isso era tudo.

Não, não era. Demarcando com afinco um pequeno círculo em torno de uma gota de ouro particularmente notável, Ada se movia agachada, os cabelos negros caindo sobre os joelhos de marfim, os quadris e as mãos trabalhando sem parar — enquanto uma das mãos segurava a vareta, a outra afastava do rosto os fios de cabelo inoportunos. Uma brisa ligeira de repente eclipsou sua rodela de sol. Quando isso acontecia, o jogador perdia um ponto, mesmo se a folha ou a nuvem se apressasse em sair da frente.

Está bem. Qual era o outro jogo?

O outro jogo (numa voz monocórdia) talvez parecesse um pouco mais complicado. Para jogá-lo de forma adequada, era necessário esperar até uma determinada hora da tarde a fim de poder contar com sombras mais compridas. O jogador...

“Pare de falar ‘o jogador’. É você ou eu.”

“Então, você. Você faz o contorno da minha sombra na areia. Eu ando para a frente. Você marca o contorno outra vez. E assim por diante (passando-lhe a vareta). Se então eu andar para trás...”

“Quer saber de uma coisa?”, disse Van, jogando a vareta para longe. “Acho que esses são os jogos mais chatos e idiotas que alguém já inventou, em qualquer lugar, em qualquer tempo, não importa se de manhã ou de tarde.”

Ela não disse nada, porém suas narinas se estreitaram. Foi buscar a vareta e a enfiou de volta furiosamente no solo argiloso, no exato lugar de onde tinha sido tirada, junto a uma flor agradecida que ela prendeu à estaca com um aceno de cabeça silencioso. Saiu caminhando de volta para casa. Ele se perguntou se seu modo de andar ficaria mais gracioso quando ela crescesse.

“Fui muito estúpido, por favor me perdoe”, ele disse.

Ada inclinou a cabeça sem olhar para trás. Para sinalizar um início de reconciliação, mostrou-lhe dois maciços ganchos presos aos aros de ferro que circundavam os troncos de dois tulipeiros: antes que ela nascesse, outro garoto, também chamado Ivan, o irmão de sua mãe, costumava armar ali uma rede na qual dormia quando o calor das noites de verão se tornava insuportável — afinal, estavam na mesma latitude da Sicília.

“Uma esplêndida ideia”, disse Van. “Aliás, se um vaga-lume bater na gente, queima? Só queria saber. Pergunta boba de quem vive na cidade.”

Ela lhe mostrou depois onde era guardada a rede — na verdade, muitas delas, um saco de lona cheio de redes fortes e macias: no canto de um depósito de ferramentas, no porão e atrás dos lilases; a chave ficava num buraco que, no ano anterior, fora ocupado pelo ninho de um pássaro cujo nome não vinha ao caso no momento. Um feixe estreito de luz do sol retocou com um verde mais intenso a comprida caixa de madeira onde eram guardados os petrechos necessários para jogar croqué, embora as bolas tivessem sido empurradas colina abaixo por algumas crianças travessas, os pequenos Erminin, que tinham agora a idade de Van e haviam se tornado muito bem-comportados.

“Como todos nós ao chegar a essa idade”, disse Van, inclinando-se para pegar do chão um pente curvo de tartaruga, do tipo que as moças usam para manter os cabelos altos sobre a nuca. Ele vira um igual àquele bem recentemente, mas quando, na cabeça de quem?

“De uma das criadas”, disse Ada. “Aquele livreco todo rasgado também deve pertencer a ela, *Les Amours du Docteur Mertvago*, um romance místico escrito por um pastor.”

“Para jogar croqué com você”, disse Van, “a gente precisa usar flamingos e ouriços.”

“Nossas listas de leituras são muito diferentes”, continuou Ada. “Aquele *Palácio no país das maravilhas*, por exemplo, foi o tipo de livro

que todo mundo me promete que eu vou adorar mas que acabo odiando. Você já leu algum dos contos escritos por *Mlle. Larivière*? Bem, vai ler. Ela acredita que, numa espécie de encarnação anterior, uma coisa meio hinduísta, era uma parisiense que frequentava os cafés na moda, e escreve como se isso fosse verdade. Daqui podemos nos arrastar pelo chão até chegar no saguão principal por uma passagem secreta, mas acho que temos que ir ver *le grand chêne*, que por sinal é um olmo.” Ele gostava de olmos? Conhecia o poema de Joyce sobre as duas lavadeiras? Conhecia, sim. E gostava do poema? Gostava. Na verdade, ele estava começando a gostar muito dos arvoredos, dos ardores e das Adas, que rimavam em inglês. Deveria comentar isso?

“E agora...”, ela disse. Parou e olhou fixo para ele.

“Sim, e agora o quê?”

“Bem, talvez eu não devesse tentar divertir você... depois que pisoteou minhas rodela de luz. Mas vou ser boazinha e mostrar a verdadeira maravilha da Mansão de Ardis: meu larvário, que fica no quarto ao lado do meu” (o quarto que ele nunca viu, nunca — coisa estranha, pensando bem!).

Ela fechou com cuidado uma porta de comunicação quando entraram no que parecia uma coelheira embelezada, depois de atravessarem um aposento com chão de mármore — como veio a saber, apenas um antigo banheiro. Embora o lugar fosse bem arejado (as janelas com vitrais heráldicos estavam abertas de par em par, deixando entrar os guinchos e assobios de protesto da população aviária, claramente subalimentada e superfrustrada), o cheiro dos viveiros — uma mistura de terra úmida, tubérculos suculentos, miasmas de velhas estufas e talvez um toque de bode — era sem dúvida pavoroso. Antes de deixar que ele se aproximasse, Ada ficou mexendo nuns pequenos trincos e divisórias de arame, e uma sensação de grande vazio e depressão apagou as doces labaredas que vinham consumindo Van desde o início de seus jogos inocentes.

“*Je raffole de tout ce qui rampe* (Sou maluca por tudo que rasteja)”, ela disse.

“Prefiro os que se transformam numa bola quando você toca neles, os que se enrolam para dormir como os velhos cachorros”, disse Van.

“Ah, eles não vão *dormir, quelle idée, eles desmaiam*, é uma pequena síncope”, explicou Ada, a testa franzida. “E imagino que deve ser um tremendo choque para os mais novinhos.”

“É, deve ser mesmo. Mas acredito que, com o tempo, eles se habituem, sei lá.”

No entanto, suas hesitações, típicas de quem não tinha familiaridade com o assunto, logo cederam espaço à empatia estética. Muitas décadas mais tarde, Van lembrava-se de como havia admirado as lindas lagartas da mariposa-tubarão, nuas, reluzentes, com manchas e listras ricamente coloridas, tão venenosas quanto as flores de verbasco

amontoadas em volta delas. Ou a larva achatada de uma catocala local, cujos calombos cinzentos e placas cor de lilás mimetizavam de modo perfeito as protuberâncias e os líquens do graveto ao qual ela se agarrava, a ponto de praticamente se fundirem numa só imagem. Ou o pequeno Vaporer, com seu casaco preto enfeitado nas costas por tufos pintados de vermelho, azul e amarelo, de comprimentos diferentes, como uma escova de dentes fantástica cujas cores tinham garantia de fábrica. E esse tipo de símile, com seus ornamentos especiais, hoje me faz lembrar as anotações entomológicas no diário de Ada... que deve estar guardado em algum lugar, não está, minha querida, naquela gaveta, não? Você acha que não? Sim! Viva! Aí vão alguns exemplos (sua caligrafia arredondada, meu amor, era um pouco maior, mas, fora isso, nada, nada, nada mudou):

*A cabeça retrátil e os diabólicos tentáculos anais do monstro espalhafatoso que produz a modesta mariposa Dicranura pertencem a uma lagarta muito diferente de todas as outras lagartas, pelos segmentos frontais que têm o formato de foles e a face que se parece com a lente de uma máquina fotográfica do tipo sanfona. Para quem toca de leve seu corpo liso e inchado, a sensação é sedosa e agradável — até que a criatura, irritada, comete a ingratidão de borrifá-lo com um líquido pungente que ela lança de uma fenda na garganta.*

*O dr. Krolík recebeu da Andaluzia, e gentilmente me cedeu, cinco jovens larvas de uma espécie local e só recentemente descrita, a Carmem Carapaça de Tartaruga. São criaturas encantadoras, de um belo tom de jade com espinhos prateados, que só se reproduzem numa espécie semiextinta de salgueiro das altas montanhas (que o querido Crolíquinho também conseguiu para mim).*

(Aos dez anos, ou antes, a menina havia lido — como também Van — *Les Malheurs de Swann*, o que fica claro no exemplo seguinte):

*Acho que Marina iria parar de reclamar de meu passatempo (“Há alguma coisa de indecente numa menina ficar cuidando desses bichos repelentes...”, “Meninas normais deveriam odiar cobras e vermes” etc.) se eu pudesse persuadi-la a superar sua repugnância antiquada e colocar, ao mesmo tempo na palma da mão e no pulso (só na mão não ia caber!), a nobre larva de uma mariposa-falcão de cattleia (matizes cor de malva de Monsieur Proust), um colosso de mais de quinze centímetros, cor de carne com arabescos azul-turquesa, cabeça arroxeadada erguida na pose típica de uma esfinge.*

(Belas descrições!, disse Van, mas *nem eu* as apreciei o bastante quando era jovem. Por isso, não toleremos o tolo que passa os olhos

pelo livro e pensa: “Que farsante, esse velho V. V.!”.)

Ao final daquele verão de 1884, tão remoto e tão presente, Van fez uma visita de despedida ao larvário de Ada antes de partir de Ardis.

A lagarta da mariposa-tubarão, com a mancha parecendo um olho e o corpo branco como se feito de porcelana, uma gema preciosíssima, havia completado com êxito sua metamorfose seguinte, mas o exemplar único de catocala Lorelei havia morrido, paralisado por algum icneuonídeo que não se deixara enganar por aquelas astuciosas protuberâncias e manchas fungoides. A escova de dentes multicolorida, com todo o conforto, havia se transformado em pupa dentro de um casulo felpudo, gerando a promessa de um Vaporiser Persa lá pelo final do outono. As duas larvas da mariposa Dicranura tinham assumido um aspecto ainda mais horroroso, mas ao menos mais vermicular e em certo sentido mais venerável: de seus posteriores pendiam os tridentes agora flácidos, e um rubor purpúreo havia embotado a disposição cubista de suas cores extravagantes; porém, num acesso de locomoção que prenunciava a passagem para o estado de pupa, elas rastejavam de um lado para outro do chão do viveiro. Um ano antes, Aqua tinha atravessado um bosque e entrado numa ravina para fazer a mesma coisa. Uma *Nymphalis carmen*, que acabara de sair da crisálida, estava abanando suas asas cor de limão e âmbar-escuro num pedacinho de grade iluminado pelo sol, até que Ada, tão encantada quanto impiedosa, a sufocou com um pinçamento de seus dedos ágeis. A Esfinge odetiana se havia transformado numa múmia elefantina, com uma tromba comicamente encoberta do tipo guermantoide. E, em outro hemisfério, o dr. Krolik, malgrado suas pernas curtas, estava correndo a toda a velocidade atrás de uma borboleta muito especial, cujas pontas das asas eram cor de laranja, a *Antocharis ada* Krolik (1884) — nome pelo qual foi conhecida até que a inexorável lei da prioridade taxonômica o alterasse para *A. prittwitzii* Stümper (1883).

“Mas, depois, quando esses bichos aparecem”, perguntou Van, “o que é que você faz com eles?”

“Ah”, ela disse, “eu levo todos para a assistente do doutor Krolik, que os prepara, escreve as etiquetas e prende com alfinetes nas gavetas cobertas de vidro de um armário de carvalho muito limpo que vai ser meu quando eu me casar. Nessa altura já vou ter uma grande coleção, e continuarei a criar todos os tipos de lepis — meu sonho é ter um instituto para as larvas de fritilárias e para todas as violetas especiais de que elas se alimentam. Eu receberia aqui, vindos de avião, os ovos ou as larvas de toda a América do Norte com as respectivas plantas — as violetas das sequoias da costa oeste, as violetas pálidas de Montana, as violetas dos campos, as violetas de Egglestone no Kentucky, e umas violetas brancas e muito raras que nascem num pântano secreto perto de um lago sem nome numa montanha do Ártico onde são encontradas

as fritilárias menores de Krolík. Obviamente, quando as borboletas saem da crisálida, é muito fácil fazê-las se acasalar na mão. Você pega as duas... às vezes leva um tempão... assim, de perfil, as asas dobradas” (demonstrando o método e se esquecendo de esconder suas pobres unhas)... “Macho na mão esquerda, fêmea na direita, ou vice-versa, com a ponta de seus abdomens se tocando, mas os espécimes têm de ser muito novinhos e estarem *impregnados* do cheiro da violeta que preferem.”

Era ela realmente bonita aos doze anos? E ele, queria mesmo — quereria jamais — acariciá-la, realmente acariciá-la? Os cabelos pretos que cascadeavam sobre um dos ombros, o jeito com que balançava a cabeça jogando-os para trás, a covinha na face pálida, essas revelações continham um elemento de identificação imediata. Sua palidez reluzia, o negror de seus cabelos resplandecia. As saias plissadas de que ela tanto gostava eram convenientemente curtas. Até mesmo os membros descobertos eram tão imunes ao sol que seu olhar, ao aflorar os antebraços e as pernas dela, podia seguir os traços oblíquos e regulares dos cabelos finos e negros, as sedas de sua adolescência. As íris castanho-escuras de seus olhos sérios tinham a opacidade enigmática do olhar de um hipnotista oriental (tal como visto no anúncio publicado na contracapa de certa revista), parecendo situar-se mais ao alto que o normal, de tal modo que, entre sua borda inferior e a úmida pálpebra, permanecia um crescente branco quando ela o encarava diretamente. Os longos cílios pareciam pintados de preto, e na verdade eram. Os lábios cheios, embora sempre ressequidos, impediam que ela tivesse a formosura açucarada de um elfo. O nariz tipicamente irlandês era uma miniatura do de Van. Os dentes eram bastante brancos, mas não muito regulares.

As pobres e bonitas mãos... impossível não se apiedar delas! Rosadas, em comparação com a pele translúcida do braço, mais rosadas mesmo que os cotovelos, que pareciam corar de vergonha pelo estado de suas unhas: ela as roía tão completamente que, no lugar da margem livre, só restava uma ranhura cavada na carne, como se ali houvesse um arame encravado, o que adicionava uma espátula extra às pontas nuas de seus dedos. Mais tarde, quando ele procurava beijar suas mãos frias, ela cerrava os punhos, oferecendo a seus lábios nada mais do que os nós dos dedos; mas ele a forçava ferozmente a abrir as mãos, até poder alcançar aquelas pequenas e cegas almofadas. (E, no entanto, ah, os ônix longos, lânguidos, rosa e prata, as delicadas garras, pintadas e pontiagudas, de sua adolescência e vida adulta!)



O que Van sentiu naqueles primeiros e estranhos dias em que ela lhe mostrou a casa — assim como os cantos e recantos onde em breve fariam amor — foi uma mescla de arrebatamento e exasperação. Arrebatamento, por causa de sua pele pálida, voluptuosa e inatingível, seus cabelos, pernas, movimentos angulosos, seu cheiro de gazela e grama, o repentino olhar negro de seus olhos bem afastados, a nudez rústica sob o vestido. Exasperação, porque, entre ele, um estudante inábil porém muito inteligente, e aquela criança precoce, afetada e impenetrável, se estendia um vazio de luz e um véu de sombra que nenhuma força era capaz de superar ou romper. Na desesperança de sua cama, ele se maldizia dolorosamente enquanto concentrava seus sentidos intumescidos na imagem fugidia que o havia capturado quando, na segunda excursão ao sótão, ela havia trepado num baú de marinho para abrir uma espécie de claraboia pela qual se chegava ao telhado (até o cachorro tinha ido lá uma vez): um gancho ou coisa parecida levantou seu vestido e ele viu — como alguém pode ver um milagre repugnante num episódio bíblico ou a chocante metamorfose de uma mariposa — que a criança tinha uma negra pelugem pubiana. Deu-se conta de que Ada parecia ter notado que ele havia visto ou poderia ter visto aquilo (que não apenas vira, mas guardara com terno horror até se livrar da visão, bem mais tarde e de uma forma estranha). Uma expressão curiosa, sombria, arrogante perpassou o rosto de Ada: os lábios pálidos e carnudos se moveram como se ela estivesse mastigando algo, e deu uma risadinha sem alegria quando ele, o grande Van, escorregou numa telha após ter transpassado com dificuldade a claraboia. E nesse momento, na luz repentina do sol, lhe veio a compreensão de que ele, o pequeno Van, até então não passara de um menino virgem e cego, pois a pressa, a poeira e a obscuridade haviam ocultado os encantos cerdosos de sua primeira meretriz, embora tantas vezes possuída.

A partir de então, sua educação sentimental evoluiu rapidamente. Na manhã seguinte, entreviu-a enquanto lavava o rosto e os braços numa bacia antiquada que ficava sobre uma mesinha rococó, o cabelo preso no alto da cabeça, a camisola enrolada em volta da cintura como uma corola desajeitada da qual despontavam suas costas delgadas, sombreadas pelas costelas no lado visível. Uma gorda serpente de porcelana circundava a bacia e, quando o réptil e ele pararam para contemplar a Eva e o balançar macio dos seios ainda em floração, um grande sabonete cor de amora escapou da mão dela e um pé envolto numa soquete preta fogueou a porta e a fechou com estrondo — muito mais o eco do sabão batendo no chão de mármore do que um sinal de pudicícia ofendida.

Almoço num dia de semana na Mansão de Ardis. Lucette entre Marina e a preceptora; Van entre Marina e Ada; Dack, o arminho de pelo marrom-dourado, sob a mesa ou entre Ada e *Mlle.* Larivière, ou entre Lucette e Marina (embora mantivesse isso em segredo, Van detestava cachorros, em particular durante as refeições, e muito especialmente aquele animal estranho e comprido com hálito podre). Entre brincalhona e pomposa, Ada estaria descrevendo um sonho, determinada maravilha da história natural, o recurso especial de algum beletista (o “*monologue intérieur*” de Paul Bourget, tomado por empréstimo do velho Leo Tolstói) ou algum erro ridículo na coluna de Elsie de Nord, uma vagabundinha metida a literata que pensava que Lyovin circulava em Moscou vestindo um *nagólni tulúp*, “casaco de mujique feito com pele de carneiro, o couro do lado de fora, a lã do lado de dentro”, tal como definido em um dicionário que nossa comentadora fez aparecer como num ato de prestidigitação, mas que jamais será consultado pelas Elsies deste mundo. Seu domínio espetacular das orações subordinadas, seus apartes parentéticos, a acentuação sensual dos monossílabos adjacentes (“A idiota da Elsie *não* sabe *ler*”) — tudo isso de alguma forma terminou por agir sobre Van, como o fariam estímulos artificiais e carícias-torturas exóticas, provocando um efeito afrodisíaco na direção esquerda do membro excitado que, ao mesmo tempo, o irritava e lhe dava uma perversa satisfação.

“Minha adorada”, sua mãe dizia, pontuando as palavras de Ada com breves exclamações: “Engraçadíssimo!” ou “Adoro essa história!”, conquanto também se permitisse algumas observações mais admonitórias, tais como “Sente com as costas mais retas” ou “*Coma*, minha adorada” (acentuando o verbo com uma candura materna bem diferente da malícia com que Ada tecia suas ironias espondáicas).

Ada estaria em dado momento com as costas bem retas, a coluna flexível colada à cadeira, mas no momento seguinte, quando o sonho ou a aventura (ou o que quer que ela estivesse relatando) chegasse ao clímax, se curvaria sobre a mesa da qual Price prudentemente já removera seu prato, ou ainda, de súbito, avançaria os cotovelos e se

atiraria para a frente, invadindo a mesa, para finalmente retornar à posição original, fazendo caretas extravagantes, levantando bem alto as duas mãos a fim de mostrar que alguma coisa era muito comprida...

“Minha adorada, você não provou o... Price, traga o...”

O quê? A corda, para que por ela suba o filho do faquir, com a bunda de fora, até se perder no azul candente?

“Era comprida, comprida mesmo. Quer dizer (se interrompendo)... como um tentáculo... não, deixe eu ver...” (balançando a cabeça, contraindo o rosto, como se tentasse desfazer os nós de um novelo com um único repelão).

Não: enormes ameixas de um roxo rosado, uma delas com sumarenta fenda amarela.

“E lá estava...” (fios de cabelo caindo sobre o rosto, a mão voando para a têmpora, esboçando mas sem de fato executar o gesto de afastá-los; depois, a repentina gargalhada rouca que termina numa tosse molhada).

“Não, de verdade, mamãe, você tem que me imaginar sem poder pronunciar uma só palavra, *gritando* para dentro, quando compreendi...”

Na terceira ou quarta refeição, Van também compreendeu uma coisa. Longe de ser uma garota brilhante tentando exhibir-se para um recém-chegado, o comportamento de Ada era uma tentativa desesperada e bastante esperta de impedir que Marina se apropriasse da conversa e a transformasse numa dissertação sobre o teatro. Marina, por outro lado, enquanto aguardava uma oportunidade para falar sobre seu assunto predileto, sentia certo prazer profissional em desempenhar o papel (pouco original) da mãe amorável, não apenas orgulhosa do charme e da graça da filha, mas também leniente, de um modo charmoso e gracioso, para com o excesso de impetuosidade que ela demonstrava. Era *Marina* que se exibia, não Ada! E, tendo entendido a verdadeira situação, Van aproveitava qualquer pausa (que Marina estava prestes a preencher com alguma gema stanilavskiana) a fim de lançar Ada nas águas revoltas da baía da Botânica, uma viagem que em outras ocasiões ele temia, mas que agora provava ser o meio mais fácil e seguro de apoiar sua amiguinha. Isso era particularmente importante durante o jantar, porque, como Lucette e sua preceptora comiam mais cedo no andar de cima, *Mlle. Larivière* não estava presente naqueles momentos críticos e, por isso, não podia tomar o bastão de uma Ada fatigada a fim de fazer um relato jovial sobre o progresso de seus últimos escritos (o famoso *Colar de diamantes* estava no derradeiro estágio de polimento) ou para contar histórias sobre a infância de Van, tais como aquelas eminentemente aceitáveis acerca de seu querido professor de russo — que havia cortejado *Mlle. L.* de modo muito gentil, enquanto escrevia poesia “decadente” em russo numa métrica que procurava imitar a fala normal e bebia, como todo bom russo, sozinho em seu quarto.

Van: “Esse troço amarelo” (apontando para uma florzinha lindamente reproduzida num prato Eckerocrown) “é um botão-de-ouro?”.

Ada: “Não. Essa flor amarela, muito comum, é o malmequer-dos-brejos, *Caltha palustris*. Os camponeses daqui a chamam erradamente de ‘prímula’, embora obviamente a verdadeira prímula, ou primavera, *Primula veris*, seja uma planta inteiramente diferente”.

“Compreendo”, disse Van.

“É, tem razão”, começou Marina, “quando eu estava fazendo o papel de Ofélia, o fato de eu já ter colhido flores...”

“Ajudou, sem dúvida”, disse Ada. “Mas a palavra russa para o malmequer-dos-brejos é *Kurosliép* (que os mujiques da Tartária, pobres escravos, aplicam erradamente ao botão-de-ouro), ou também *Kalújnitsa*, tal como é usada corretamente em Kaluga, nos Estados Unidos da América.”

“Ah”, disse Van.

“Como acontece com muitas flores”, Ada continuou com o sorriso calmo do cientista louco, “o nome infeliz de nossa planta em francês, *souci d’eau*, tem sido traduzido, ou deveríamos dizer transfigurado...”

“Deflorado”, tentou Van Veen.

“*Je vous en prie, mes enfants!*”, cortou Marina, que mal vinha acompanhando a conversa e ficou na dúvida sobre o sentido da última troca de palavras entre os dois.

“Por acaso, esta manhã mesmo”, disse Ada, não se dignando a dar explicações a sua mãe, “nossa muito ilustrada preceptora, que também foi sua, Van, e que...”

(Primeira vez que ela pronunciava seu nome — e numa aula de botânica!)

“... é muito severa com esses tradutores incompetentes para o inglês, embora eu suspeite de que seus motivos são mais chauvinistas do que artísticos e morais, chamou minha atenção — com certa dificuldade, cumpre confessar — para algumas inacreditáveis deflorações, como você as chama, Van, na versão *soi-disant* literal feita por um tal de sr. Fowlie, qualificada como ‘sensível’ — sensível! — numa resenha elogiosa recente da Elsie, do poema *Mémoire*, de Rimbaud, o qual ela, por sorte — e quem sabe prevendo o futuro —, me fez aprender de cor, embora eu suspeite que prefira Musset e Coppée...”

“...*les robes vertes et déteintes des fillettes...*”, declamou Van em triunfo.

“*Par-fait*” (imitando Dan). “Bem, Mademoiselle Larivière só me deixa ler Rimbaud na antologia Feuilletin, a mesma que aparentemente você tem, mas em breve vou conseguir suas *oeuvres complètes*, ah, muito em breve mesmo, antes do que qualquer um imagina. Aliás, ela vai descer depois de pôr Lucette para dormir, nossa querida ruivinha que a esta hora deve estar vestida na camisola verde...”

“*Ánguel moi*”, implorou Marina, “tenho certeza de que Van não está interessado na camisola da Lucette!”

“... verde-salgueiro e contando os carneirinhos no seu *ciel de lit*, que o Fowlie transforma em ‘*the sky’s bed*’ (a cama do céu) em vez de ‘*bed ceiler*’ (dossel ou sobrecéu). Mas voltando a nossa flor infeliz... O falso *louis d’or*, nessa coleção de francês estropiado, é a transformação de *souci d’eau* (nosso malmequer-dos-brejos) na expressão asinina ‘*care of the water*’ (cuidado da água), embora ele tivesse à disposição dezenas de sinônimos, como calta, malmequer dos beijos, populago, e muitos outros associados com os ritos de fertilidade, seja lá o que isso signifique.”

“Por outro lado”, disse Van, “a gente pode imaginar uma Miss Rivers igualmente bilíngue verificando a versão francesa, por exemplo, do poema *Garden*, de Marvell...”

“Ah”, exclamou Ada, “posso recitar *Le jardin* em minha própria transversão... espere um instante...”

*En vain on s’amuse à gagner  
L’Oka, la Baie du Palmier...*

“... *to win the Palm, the Oke, or Bayes!*”, gritou Van.

“Vocês sabem, crianças”, interrompeu Marina resolutamente, fazendo sinal com as duas mãos para que se acalmassem, “quando eu tinha sua idade, Ada, e meu irmão tinha *sua* idade, Van, nós falávamos sobre croqué, e pôneis, e cachorrinhos, e a última *fête-d’enfants*, e o próximo piquenique, e... ah, milhões de coisas simpáticas e normais, mas nunca, nunca de velhos botânicos franceses ou Deus sabe lá do quê!”

“Mas você não acabou de dizer que colhia flores?”, disse Ada.

“Ora, só durante uma estação, em algum lugar da Suíça. Nem me lembro quando. Não interessa mais.”

A referência era a Ivan Durmânov: ele morrera de câncer no pulmão num sanatório (não longe de Ex, em algum lugar da Suíça, onde Van havia nascido oito anos depois). Conquanto Marina mencionasse com frequência seu irmão Ivan, que fora um violinista famoso aos dezoito anos, o fazia sem nenhuma manifestação especial de afeto, motivo pelo qual Ada notou com surpresa que a pesada maquiagem de sua mãe começara a se derreter sob uma repentina torrente de lágrimas (talvez alguma alergia a velhas flores secas e achatadas, ou um ataque de febre do feno, ou ainda uma crise de gencianite, conforme um diagnóstico feito pouco tempo depois poderia ter revelado). Assoou o nariz com um bramido de elefante, como ela própria costumava dizer... e nesse momento *Mlle. Larivière* chegou para tomar café e relembrar quando Van ainda era um *bambin angélique* que adorava, *à neuf ans* — menininho maravilhoso! —, *Gilberte Swann et la Lesbie de Catulle* (e que também havia aprendido, por conta própria, a dar vazão a essa

adoração tão logo a lâmpada de querosene deixava o quarto tremulante nas mãos de sua babá negra).

Van já estava havia alguns dias na mansão quando, vindo da cidade no trem da manhã, tio Dan chegou, como de praxe, para passar o fim de semana com a família.

Van deu de cara com ele quando tio Dan atravessava o saguão. O mordomo, de forma muito simpática (assim pensou Van), mostrou em gestos a seu senhor quem era o rapaz alto, estendendo a mão a uma altura de noventa centímetros do chão e a elevando pouco a pouco — num código altitúdico que só o garotão de um metro e oitenta entendeu. Van não pôde deixar de reparar que o senhor baixinho e de cabelos ruivos olhou perplexo para o velho Bouteillan, que se apressou em sussurrar o nome do desconhecido.

Quando caminhava na direção de algum convidado, o sr. Daniel Veen tinha o hábito curioso de enfiar os dedos da mão direita no bolso do casaco e ali mantê-los, numa espécie de operação purificadora, até o momento exato do cumprimento.

Informou Van de que choveria dentro de alguns minutos “porque já havia começado a chover em Ladore”, e a chuva, explicou, “levava uma meia hora para chegar a Ardis”. Van achou que se tratava de uma brincadeira e deu um risinho educado, mas tio Dan retomou o ar de perplexidade e, encarando Van com seus olhos pálidos de peixe, perguntou se ele já se havia familiarizado com as redondezas, quantas línguas conhecia e se gostaria de comprar por uns poucos copeques um bilhete de loteria da Cruz Vermelha.

“Não, muito obrigado”, disse Van. “Tenho minhas próprias loterias”, provocando no tio outro olhar de espanto, só que agora meio de esguelha.

O chá foi servido na sala de estar, todos bastante silenciosos e tranquilos até que tio Dan se retirasse para seu escritório e puxasse de um bolso interno do casaco o jornal bem dobrado. Todavia, bastou que saísse do aposento para que uma janela se abrisse violentamente de moto próprio e uma chuvarada torrencial começasse a batucar nas folhas dos tulipeiros e dos imperialis, com o que todos passaram a conversar em voz alta.

A chuva não durou muito, ou melhor, não ficou muito tempo por ali: presumivelmente, seguiu caminho rumo a Laduga ou Ladoga ou Kaluga ou Luga, deixando para trás um arco-íris incompleto em cima da Mansão de Ardis.

Tio Dan, sentado numa poltrona superestofada, tentava ler (com a ajuda de um daqueles dicionários anões para turistas pouco exigentes que ele usava a fim de decifrar os catálogos de arte estrangeiros) um artigo aparentemente dedicado à cultura de ostras num jornal ilustrado holandês que alguém havia abandonado no banco do trem à sua frente. Nesse momento, contudo, um tumulto insuportável começou a se espalhar de quarto em quarto por toda a casa.

O jovial dachshund — uma orelha balançando e a outra voltada para cima mostrando a parte interna rosada com manchas cinza, movendo a todo o vapor as pernas cômicas e escorregando no parquê ao executar volteios abruptos — havia sido surpreendido no ato de transportar para um esconderijo seguro, onde cuidaria dele sem pressa, um chumaço substancial de algodão embebido em sangue que descobrira num dos andares superiores. Ada, Marina e duas criadas perseguiram o alegre animal, mas, como era impossível cercá-lo em meio a todos aqueles móveis barrocos, ele continuava a chegar à frente delas em inumeráveis portas. De repente, a caçada contornou a poltrona de tio Dan e seguiu adiante.

“Meu Deus!”, ele exclamou ao se dar conta do que era o troféu ensanguentado. “Alguém deve ter decepado um polegar!” Apalpando as coxas e a poltrona, procurou e encontrou — debaixo do supedâneo — o dicionário de bolso, voltando enfim ao artigo. Mas um segundo depois teve de buscar a palavra “*groot*”, que já se preparava para pesquisar quando foi perturbado.

A simplicidade de seu significado o irritou.

Atravessando uma porta-janela aberta, Dack conduziu suas perseguidoras para o jardim. Lá, no terceiro gramado, Ada o alcançou com aquele tipo de mergulho voador utilizado no “futebol americano”, uma espécie de rúgbi que os cadetes jogavam outrora nas margens úmidas e cobertas de grama do rio Goodson. No mesmo instante, *Mlle.* Larivière levantou-se do banco onde estava aparando as unhas de Lucette e apontou a tesourinha para Blanche, acusando a jovem relaxada de um grave precedente — qual seja o de ter, certa feita, deixado cair um alfinete de cabelo no berço de Lucette, *un machin long comme ça qui faillit blesser l'enfant à la fesse*. Marina, entretanto, que como toda nobre russa tinha um medo mórbido de “ofender um inferior”, declarou o incidente encerrado.

“*Niekhórochaia, niekhórochaia sobáka*”, murmurou Ada com grande ênfase aspiratória e sibilante ao pegar nos braços o “cachorro mau”, agora desprovido de seu butim, mas em nada envergonhado.



Rede e mel: oitenta anos depois ele ainda era capaz de se recordar, com o frescor intenso do arrebatamento original, como havia se apaixonado por Ada. Memória e imaginação se encontram a meio caminho na rede de suas madrugadas juvenis. Aos noventa e quatro anos, gostava de repassar aquele primeiro verão de amor, não como um sonho que acabara de ter, mas como uma recapitulação da consciência passível de sustentá-lo nas horas cinzentas que separavam o sono inquieto da primeira pílula do dia. Assuma, minha querida, mesmo que só por um momento. Pílulas, pilhas, bilhas, bilhões. Continue, Ada, por favor!

(Ela). Bilhões de garotos. Tomemos qualquer década minimamente decente. Um bilhão de Joãozinhos — bons, inteligentes, ternos e apaixonados, bem-intencionados de corpo e de espírito — terão desnudado um zilhão de Mariazinhas não menos ternas e brilhantes durante essa década, em locais e condições que precisam ser controlados e especificados pelo pesquisador a fim de que seu relatório não fique atravancado pelas ervas daninhas da estatística ou pelo capim alto das generalizações. A tarefa seria inútil, por exemplo, se desdenhasse a pequena questão de certos casos de consciência individual prodigiosa ou de genialidade precoce, os quais transformam este ou aquele arquejo particular num *evento sem precedente e impossível de ser repetido* no *continuum* da vida, ou ao menos a referência temática floral de tais eventos numa obra de arte ou no artigo de um crítico implacável. Os detalhes que transparecem como um clarão ou uma sombra: a folha através da pele hialina, o sol verde no úmido olho castanho, *tout ceci, vsyo eto*, na parte e no todo, tudo isso tem de ser levado em conta... agora se prepare para reassumir (não, Ada, continue, *ia zalúchalsia*: sou todo encantamento e ouvidos), se queremos transmitir o fato, o fato, o fato de que, entre aqueles bilhões de brilhantes casais numa amostragem do que você me permitirá chamar de espaço-tempo (para facilitar o raciocínio), há um casal único, superimperial, *svierkhimpieratorskaia tcheta* — a ser estudado, pintado, denunciado, musicado, questionado ou mesmo condenado à morte, se

é que a década tem uma cauda de escorpião —, em consequência do que as particularidades de seu relacionamento sexual influenciam de forma única e especial duas longas vidas e uns poucos leitores, aqueles juncos pensantes, bem como seus pincéis e plumas mentais. História natural coisa nenhuma! História não natural, porque aquela exatidão dos sentidos e do senso deve parecer desagradavelmente estranha para os camponeses, e porque o pormenor é tudo: o canto de uma estrelinha-real da Toscana ou da estrelinha-sitka no cipreste de um cemitério; o leve cheiro de hortelã da alfavaca-do-campo ou da erva-cidreira numa encosta junto ao mar; o adejar dançarino de uma azulzinha da Europa ou dos Estados Unidos — combinados com outros pássaros, flores e borboletas: é *isso* que necessita ser ouvido, cheirado e visto através da transparência da morte e da beleza ardente. E o mais difícil: a própria beleza tal como percebida na distância do que já se viveu, do lá e do então. Os vaga-lumes machos... (agora é realmente tua vez, Van).

Os vaga-lumes machos, pequenos besouros luminescentes que mais parecem estrelas errantes do que insetos alados, surgiram nas primeiras noites quentes e negras de Ardis, um por um, aqui e ali, depois em multidões fantasmagóricas, declinando mais tarde para alguns poucos indivíduos à medida que chegava a um fim natural a missão que os trouxera ao mundo. Van os olhava com a mesma reverência prazerosa que sentira em criança, quando, perdido no crepúsculo púrpura do jardim de um hotel italiano, numa aleia de ciprestes, supôs que se tratava de silfos dourados ou fadinhas passeando entre os canteiros. Agora, voando docemente em aparente linha reta, cruzando e recruzando a escuridão a seu redor, a pálida luz amarela de cada um cintilava de cinco em cinco segundos e sinalizava um ritmo próprio (bem diverso daquele de outra espécie similar que, segundo Ada, voava junto com o *Photinus ladorensis* em Lugano e Luga) à fêmea que, embora oculta em meio à grama, pulsava em resposta fótica após dedicar alguns momentos a verificar o tipo exato de código luminoso utilizado pelo macho. A presença desses magníficos bichinhos, que ao passarem iluminavam delicadamente a noite olorosa, impregnava Van de uma alegria sutil que a entomologia de Ada só de raro em raro suscitava nele — quem sabe devido à inveja que o saber concreto do naturalista provoca nas pessoas mais voltadas à especulação abstrata. A rede, um ninho oblongo e confortável, imprimia em seu corpo nu um padrão reticulado, seja debaixo do cedro chorão que se espalhava sobre um canto do gramado oferecendo abrigo parcial em caso de chuva, seja, em noites de tempo mais firme, entre dois tulipeiros (onde um antigo hóspede de verão, com uma capa de ópera por sobre o camisolão frio e úmido, acordara de súbito porque uma bomba havia explodido no poço da orquestra de seu pulmão e,

acendendo um fósforo, tio Van vira o sangue fresco maculando o travesseiro).

As janelas do negro castelo se apagavam em filas, colunas ou movimentos do cavalo no tabuleiro de xadrez. Quem por mais tempo ocupava o banheiro do quarto das crianças era a *Mlle. Larivière*, que ia para lá com uma lâmpada de essência de rosas e seu *buvard*. Uma brisa encrespava o dossel da cama de Van no seu quarto agora infinito. Vênus subia no céu. Vênus se cravava em sua carne.

Tudo isso aconteceu antes da invasão sazonal de um certo mosquito, interessante por seu primitivismo (cuja virulência o contingente russo de nossa região, gente em geral pouco simpática, atribuía à dieta dos franceses de Ladore, produtores de vinho e comedores de frutinhas da ericácea); no entanto, os fascinantes pirilampos e o ainda mais misterioso cosmos, que surgia numa palidez leitosa mais além da negra folhagem, compensavam os novos desconfortos da tortura noturna e a exasperação de suor e esperma associada a seu quarto sufocante. A noite, é óbvio, *sempre* foi uma tortura ao longo daquela vida que já durava quase um século, não importa quão sonolento ou entupido de soníferos ele estivesse — pois a genialidade não é um docinho de coco para um dramaturgo chamado William, com sua barbicha pontuda e careca estilizada, nem para o rabugento Proust, que gostava de decapitar ratos quando perdia o sono, nem mesmo para *este* brilhante ou obscuro V. V. (dependendo da acuidade visual dos leitores, também sofredores malgrado nossas bem-humoradas troças). Mas em Ardis a vida intensa do céu assombrado de estrelas perturbava tanto a noite do rapaz que, para dizer a verdade, ele se sentia agradecido quando o tempo ruim ou o mosquito infernal — o *Kamargski Komár* de nossos mujiques e o *Moustique moscovite* daqueles que retaliavam com igual vigor aliterante — o mandava de volta para seu colchão cheio de calombos.

Neste relato enxuto sobre o amor precoce, exageradamente precoce, de Van Veen por Ada Veen, não há razão nem espaço para digressões metafísicas. Cumpre observar, todavia (enquanto no parque ao lado voam e latejam os vaga-lumes, e uma coruja pia também de forma muito ritmada), que Van até então nunca sentira para valer o Terror da Terra — atribuindo vagamente os tormentos de sua querida e inesquecível Aqua, quando neles pensava, a modas perniciosas e quimeras populares —, mas, ainda assim, aos catorze anos, reconhecia que os velhos mitos talvez contivessem um pirilampo de estranha verdade, já que haviam contribuído para criar um turbilhão de mundos (não importa quão bobos e místicos) e para situá-los dentro da matéria cinzenta dos céus saturados de estrelas. Em suas noites na rede (onde aquele outro jovem infeliz havia amaldiçoado sua tosse sanguinolenta e mergulhara de volta em sonhos em que pumas negros à espreita se misturavam a símbolos e címbalos numa orquestra orquidiana, tal como

lhe haviam sugerido ilustres doutores), ele era agora perseguido não tanto pela agonia do desejo por Ada, quanto pela falta de significado do espaço que o envolvia, acima de sua cabeça, abaixo dela, em toda parte, a contrapartida demoníaca do tempo divino, vibrando em volta dele, através dele, como iria vibrar mais uma vez — felizmente com um pouco mais de sentido — nas últimas noites de uma vida da qual não me arrependo, meu amor.

Caía no sono justamente no momento em que pensava que jamais voltaria a dormir, e seus sonhos eram sonhos de juventude. Quando a primeira labareda do dia atingia a rede, acordava um outro homem — e haja homem nisso! “*Ada, our ardors and arbors*” (“Ada, nossos ardores e arvoredos”) — um trímetro dátilo que haveria de ser a única contribuição de Van à poesia anglo-americana — ecoava em sua mente. Benditos os pássaros matinais, malditas as galáxias noturnas! Ele tinha catorze anos e meio, tinha a ardência e a audácia. Um dia a possuiria, com a fúria de uma fera!

Uma dessas ressurreições verdes ele recordava com especial nitidez. Tendo vestido o calção de banho e empurrado para dentro todo aquele múltiplo equipamento, intrincado e relutante, Van se deixara cair do ninho a fim de tentar determinar se os aposentos dela já tinham renascido. Tinham. Viu um brilho de cristal, um floco de cor. Ela estava tomando a *petite collation du matin* sozinha em sua varanda. Achou as sandálias — numa delas um besouro, na outra uma pétala — e, atravessando o depósito de ferramentas, penetrou na casa fresca.

Crianças do tipo dela concebem as mais puras filosofias. Ada tecera sua própria rede de sabedoria e, menos de uma semana após sua chegada, Van foi visto como merecedor de ser iniciado no sistema que ela tinha concebido. A vida de uma pessoa consistia em certas coisas devidamente classificadas: “coisas reais”, que eram infrequentes e valiosíssimas; simples “coisas”, que constituíam o cotidiano da vida; e “coisas-fantasmas”, também chamadas de “nevoeiros”, tais como febre, dor de dente, desgostos profundos e a morte. Três ou mais coisas ocorrendo ao mesmo tempo formavam uma “torre”, ou, se viessem em rápida sucessão, uma “ponte”. “Torres reais” e “pontes reais” eram as alegrias da vida, transformando-se em êxtase quando as torres apareciam em série, embora isso quase nunca acontecesse. Em certas circunstâncias, sob determinada luz, uma “coisa” neutra poderia parecer ou mesmo se tornar verdadeiramente “real”, podendo também, pelo contrário, se condensar em fétido “nevoeiro”. Quando a alegria e a não alegria se misturavam, simultaneamente ou ao longo de um aclave temporal, configuravam-se as “torres arruinadas” ou as “pontes quebradas”.

Como os pormenores pictóricos e arquitetônicos de sua metafísica faziam as noites de Ada mais fáceis que as de Van, naquela manhã — como na maioria das manhãs — ele teve a sensação de estar

retornando de um país muito mais remoto e sombrio do que aquele de onde Ada e sua luz solar regressavam.

Seus lábios grossos, com um brilho viscoso, se abriram num sorriso.

(Quando eu a beijo *aqui*, ele lhe disse muitos anos depois, sempre me lembro daquela manhã azul na varanda enquanto você comia uma *tartine au miel* — que soa muito melhor em francês.)

A beleza clássica do mel de trevos, macio, pálido, translúcido, escorrendo livremente da colher e empapando de cobre líquido o pão com manteiga de meu amor. Migalha embebida em néctar.

“Coisa real?”, ele perguntou.

“Torre”, ela respondeu.

E a vespa.

A vespa, com o corpo pulsante, estava investigando o prato dela.

“Vamos tentar comer uma mais tarde”, ela comentou, “mas tem de estar *empanturrada* para ficar com um gosto bom. Obviamente, ela não pode picar tua língua. Nenhum animal quer nem ao menos tocar na língua de uma pessoa. Quando um leão acaba de devorar um viajante, ossos e tudo, *sempre* deixa a língua do homem assim no deserto” (fazendo um gesto negligente).

“Duvido.”

“É um mistério bastante conhecido.”

Seus cabelos haviam sido bem escovados naquele dia e exibiam uma luminosidade negra que contrastava com a palidez sem brilho do pescoço e dos braços. Vestia a camiseta listrada que, em seus devaneios solitários, Van mais gostava de levantar aos poucos do torso coleante de Ada. O tecido oleado da toalha de mesa estava dividido em quadrados azuis e brancos. Um traço de mel manchava o que havia sobrado de manteiga no potinho.

“Está bem. E a terceira ‘coisa real’?”

Ela o encarou longamente. Uma gotinha de fogo no canto de seus lábios o encarou longamente. Uma aveludada violeta tricolor, que na véspera Ada usara como modelo para fazer uma aquarela, também o encarou de sua jarra de cristal. Ela não disse nada. Lambeu os dedos bem abertos, ainda olhando para ele.

Não obtendo nenhuma resposta, Van foi-se embora da varanda. A torre de Ada desmoronou mansamente no doce silêncio da manhã ensolarada.

Para o grande piquenique em comemoração ao décimo segundo aniversário de Ada e quadragésimo segundo *jour de fête* de Ida, a menina foi autorizada a usar sua lolita (assim chamada em homenagem à cigarinha andaluza do romance de Osberg, cujo título, aliás, é pronunciado com um “t” espanhol, e não com o “t” inarticulado da língua inglesa), uma saia preta bastante comprida, embora muito larga e arejada, enfeitada com papoulas ou peônias vermelhas “carentes de realidade botânica”, como ela comentou em tom pedante, sem saber ainda que a realidade e a ciência natural só são sinônimos nos termos deste sonho, e apenas dele.

(Coisa que você também não sabia, seu espertinho. Nota dela.)

Ada pulara nua para dentro da saia com as pernas ainda úmidas e cheirando a resina de pinheiro após uma fricção especial feita com uma toalhinha (os banhos matinais eram desconhecidos no regime de *Mlle. Larivière*) e a puxara para cima com uma sacudidela rápida dos quadris, provocando a tradicional censura da preceptora: *mais ne te trémousse pas comme ça quand tu mets ta jupe! Une petite fille de bonne maison* etc. *Per contra*, a omissão das calcinhas foi ignorada por Ida Larivière, uma mulher de seios fartos e de uma beleza tão notável quanto repugnante (naquele momento vestindo apenas a cinta e as meias presas por ligas) que não era, ela própria, imune às concessões secretas em dias de canícula. Para a tenra Ada, porém, a prática tinha efeitos deletérios. A menina tentava mitigar a irritação em seu macio arco — com o inevitável acompanhamento de secreções, pruridos e outras sensações não de todo desagradáveis —, montando, com as coxas bem retesadas, o galho fresco de uma macieira Shattal, para grande desgosto de Van como se verá adiante mais de uma vez. Além da lolita, usava uma blusa de manga curta de jérsei branco com listras pretas, um chapéu de aba mole (pendurado às costas por um elástico em volta do pescoço), uma fita de cabelo de veludo e um par de velhas sandálias. Como Van não podia deixar de observar, nem a higiene nem o bom gosto eram características habituais dos moradores da Mansão de Ardis.

Ela se deixou cair como uma poupa de sua árvore quando todos estavam prontos para partir. Corra, corra, meu passarinho, meu anjo. O cocheiro inglês, Ben Wright, ainda estava totalmente sóbrio (tendo tomado apenas meio litro de cerveja à guisa de café da manhã). Blanche, que já participara de um grande piquenique ao menos uma vez (quando foi levada às pressas para Pineglen a fim de desfazer os laços de Mademoiselle, que havia desmaiado), agora executava a tarefa menos glamorosa de carregar para seu quartinho no torreão um Dack que lhe mostrava os dentes e se contorcia sem parar.

Numa carroça com bancos laterais, já haviam partido para o local do piquenique dois lacaios, três cadeiras de braços e um bom número de cestas de vime. Sentadas lado a lado numa caleche, seguiram Ada e a romancista (com um vestido de cetim branco criado por Vass de Manhattan para Marina, que ultimamente tinha emagrecido uns cinco quilos), enquanto Lucette, *très en beauté* numa blusa branca de marinheiro, se empoleirou junto ao rabugento Wright. Van foi atrás numa das bicicletas de seu tio ou tio-avô. A estrada de floresta continuava razoavelmente lisa para quem se mantivesse na faixa central (ainda úmida e escura após uma madrugada chuvosa), evitando assim os fundos sulcos laterais que, cheios d'água, refletiam o azul do céu e as mesmas folhas de bétula cujas sombras desfilavam velozes sobre a bem esticada seda nacarada do guarda-sol de *Mlle.* Larivière e a larga aba do chapéu branco que Ada ajeitara num ângulo bastante ousado. Vez por outra, quem sabe fortalecida pela proximidade do casaco azul de Wright, Lucette olhava para trás na direção de Van e lhe fazia pequenos sinais com a palma da mão para que diminuísse a velocidade, como já vira sua mãe advertir Ada, com medo de que ela atirasse o pônei ou a bicicleta contra a traseira da carruagem.

Marina ia num carro vermelho sem capota (um modelo primitivo então chamado de "baratinha") conduzido pelo mordomo com grande precaução, como se estivesse lidando com alguma variedade estranha de saca-rolha. Insolitamente elegante num terninho de flanela cinza, ela segurava com a mão enluvada o castão da bengala de vime quando o carro, balançando um pouco, parou junto ao local do piquenique, uma clareira pitoresca num velho bosque de pinheiros entrecortado por ravinas radiantes. Uma estranha borboleta pálida aproximou-se, vinda do lado oposto do bosque, ao longo da estrada de terra de Lugano, sendo seguida logo depois por um landau de onde emergiram, um a um, ágil ou lentamente, dependendo da idade e da forma física, os gêmeos Erminin, a jovem e grávida tia deles (um grande ônus do ponto de vista da narrativa) e uma preceptora de cabelos brancos, *Mme.* Forestier, amiga de escola de Mathilde, uma história a ser contada mais tarde.

Três senhores eram esperados, mas nenhum apareceu: tio Dan, por ter perdido o trem que saía de manhã da cidade; o coronel Erminin, um

viúvo cujo fígado, ele explicou num bilhete, estava se comportando como um *petchenegue*; e seu médico (e parceiro de xadrez), o famoso dr. Krolik, que se autointitulava o “joalheiro da corte” de Ada e que, na verdade, levou para ela seu presente de aniversário bem cedinho no dia seguinte: três crisálidas lindamente buriladas (“Joias inestimáveis”, exclamou Ada com voz gutural, as sobrancelhas tensas), as quais, porém, pouco depois produziram espécimes de um inseto decepcionante, em vez de uma borboleta rara recentemente descoberta no monte Kilimanjaro.

Pilhas de sanduíches sem casca (retângulos perfeitos de treze centímetros por cinco), a carcaça dourada de um peru, pão preto russo, potes de caviar pérola-cinzenta, violetas cristalizadas, tortinhas de framboesa, dois litros de vinho do Porto branco Goodson, outros dois litros de Porto tinto, vinho clarete aguado em garrafas térmicas para as meninas e o chá frio e doce das infâncias felizes — tudo isso mais facilmente imaginado do que descrito. Aquilo era instrutivo [assim consta no manuscrito. Nota do editor].

Era instrutivo pôr lado a lado Ada Veen e Grace Erminin: a brancura de leite de Ada e a tez saudavelmente afogueada da menina que tinha a mesma idade dela; uma com cabelos de bruxa, negros e longos, a outra com cabelos castanhos bem curtos; os olhos sérios e embaçados de minha querida, o cintilar azul dos olhos de Grace por trás dos óculos de aro de tartaruga; a coxa nua da primeira, as meias compridas e vermelhas da outra; a saia de cigana, a roupinha de marinheiro. Talvez ainda mais instrutivo era notar que, embora as feições simples de Greg tivessem sido transpostas sem tirar nem pôr para sua irmã, sob a aura de Grace haviam adquirido um certo quê de beleza feminina, sem em nada afetar a grande semelhança entre os dois grumetes.

As ruínas do peru, o vinho do Porto que só fora tocado pelas preceptoras e uma travessa de Sèvres quebrada foram prontamente retirados pelos empregados. Um gato apareceu debaixo de um arbusto, olhou bem para a cena que se abria diante dele demonstrando intensa surpresa e, apesar do coro de “miau, miau, vem cá, vem cá”, desapareceu como num passe de mágica.

Pouco depois *Mlle. Larivière* pediu que Ada a acompanhasse a um lugar isolado. Lá, vestida dos pés à cabeça, com a volumosa saia mantendo ainda suas dobras porém parecendo agora três centímetros mais comprida porque escondia os sapatos de Ionita, ela se manteve imóvel por algum tempo acima de uma torrente invisível e, um momento depois, retomou sua altura normal. Na volta, a bem-intencionada pedagoga explicou que o aniversário de doze anos de uma menina era uma ocasião apropriada para se discutir e prever uma coisa que, disse ela, faria de Ada uma *grande fille* mais dia, menos dia. Ada, que seis meses antes recebera instruções suficientes sobre o assunto de uma professora, e que na verdade já tivera a coisa duas vezes, aturdiu a



pobre preceptora (que jamais fora capaz de lidar com a mente aguda e estranha de Ada) ao declarar que aquilo era um blefe e fricote de freirinha; que aquelas coisas raramente aconteciam com as moças normais nos dias de hoje e por certo não iriam acontecer com ela. *Mlle.* Larivière, que tinha uma inteligência notavelmente limitada (apesar de, ou talvez devido a, seu pendor para escrever romances), passou em revista mental sua própria experiência e se perguntou durante alguns horríveis minutos se, quem sabe, enquanto ela se dedicara aos afazeres artísticos, o progresso da ciência não havia de fato alterado o progresso da natureza.

O sol das primeiras horas da tarde encontrou novos lugares para iluminar e velhos lugares para causticar. Tia Ruth cochilava com a cabeça apoiada num travesseiro trazido por *Mme.* Forestier, que tricotava uma pequena camisa para o futuro meio-irmão de seus educandos. A sra. Erminin (pensou Marina), no azul persa de sua morada eterna mas através do incômodo nevoeiro do suicídio, deveria estar observando os participantes do piquenique sob a gloriosa e verdejante ramagem dos pinheiros com sua antiga melancolia e uma curiosidade infantil. As crianças demonstravam seus talentos: Ada e Grace executaram uma daquelas agitadas danças russas ao som de uma velha caixa de música (que teimava em parar no meio de um ou outro compasso, como se recordasse outras praias, outras ondas, quem sabe radiofônicas); Lucette, uma das mãos no quadril, cantou uma canção de pescadores de St. Malô; Greg pôs a saia azul, o chapéu e os óculos de sua irmã, transformando-se numa versão muito doentia e mentalmente retardada de Grace; e Van andou sobre as mãos.

Dois anos antes, quando estava prestes a começar seu primeiro ano de prisão no colégio interno tão afamado quanto brutal (onde outros Veen haviam estudado desde quando os animais falavam), Van decidira dominar alguma proeza física que lhe conferisse uma ascendência imediata e inigualável. Por isso, depois que Demon consultou seu professor de luta livre, King Wing, este ensinou o vigoroso rapaz a andar sobre as mãos graças a uma manobra especial dos músculos do ombro, um truque cuja aquisição e aperfeiçoamento exigiram nada mais, nada menos do que a desarticulação das cariáticas.

Que prazer (assim consta no manuscrito). O prazer de descobrir de repente que o macete certo para executar a locomoção de cabeça para baixo equivalia ao de aprender a pilotar, após muitas quedas dolorosas e ignominiosas, aqueles deliciosos planadores chamados Tapetes Mágicos (ou "*jikkers*") que costumavam ser dados aos meninos quando eles faziam doze anos nos tempos intrépidos que antecederam a Grande Reação — e, então, que longa e empolgante carícia neural levantar voo pela primeira vez e conseguir deslizar rente a um monte de feno, uma árvore, um riacho ou um celeiro, enquanto meu avô Dedalus

Veen, correndo com o rosto voltado para cima, sacode uma bandeirola e se estatela no tanque onde eram lavados os cavalos.

Van tirou a camisa de malha de algodão, os sapatos e as meias. O torso esbelto era semelhante na coloração (se não na textura) ao cáqui dos seus calções bem justos, mas contrastava com os deltoides anormalmente desenvolvidos e com os antebraços musculosos do bonito rapaz. Quatro anos mais tarde, Van era capaz de deixar um homem sem sentidos golpeando-o com qualquer dos ombros.

O corpo invertido assumindo uma curvatura graciosa, as pernas morenas hasteadas como uma vela tarentina, os tornozelos unidos servindo para mudar de direção, as mãos abertas agarraram a testa da gravidade e Van se moveu para lá e para cá, alterando o rumo de súbito, deslocando-se de lado, abrindo a boca ao contrário e piscando os olhos da forma peculiar que as pálpebras tomam naquela posição anormal, lembrando um bilboquê. Ainda mais extraordinária que a variedade e velocidade dos movimentos com que imitava as patas traseiras dos animais era a facilidade com que mantinha sua postura. King Wing o havia advertido de que Vektchelo, um profissional do Yukon, perdera a destreza aos vinte e dois anos, mas naquela tarde de verão, na superfície sedosa da clareira de pinheiros, no coração mágico de Ardis, sob o olhar azul da sra. Erminin, Van, aos catorze anos, regalou os presentes com uma das maiores performances de braquiambulação jamais vista. Nem um toque de vermelhidão no rosto ou no pescoço! Vez por outra, quando afastava seus órgãos locomotores do chão indulgente, parecendo de fato bater palmas em pleno ar na paródia milagrosa de um salto de balé, era de se perguntar se a indolência sonhadora daquele fenômeno de levitação não se devia ao fato de que a terra, num acesso de distração benevolente, cancelara sua força de atração. Aliás, as alterações musculares e articatórias causadas pelo treinamento especial com que King Wing o torturara tiveram uma consequência curiosa: quando adulto, Van era incapaz de dar de ombros.

Questões a serem estudadas e discutidas:

1) Será que as *duas* palmas se levantavam do chão quando Van, de cabeça para baixo, parecia realmente estar “pulando” com as mãos?

2) Será que a incapacidade de Van, quando adulto, de “dar de ombros” para rejeitar certas coisas tinha uma origem exclusivamente física ou “correspondia” a algum caráter arquetípico de seu “eu” subliminar?

3) Por que Ada se debulhou em lágrimas no momento culminante da performance de Van?

Por fim, *Mlle. Larivière* leu seu conto *La Rivière de Diamants* (O rio dos diamantes), que acabara de datilografar a fim de enviá-lo à revista *The Quebec Quarterly*. A bela e refinada esposa de um escriturário decadente toma emprestado o colar de uma amiga rica. Voltando para

casa da festa do escritório, ela o perde. Durante trinta ou quarenta horríveis anos, o casal de infelizes trabalha e economiza para pagar as dívidas contraídas na compra do colar de meio milhão de francos com que haviam substituído a joia perdida ao devolver a *Mme. F.* o estojo em que era guardada. Ah, como o coração de Mathilde palpitava! Será que sua amiga Jeanne abriria o estojo? Não abriu. Quando, decrépitos porém vitoriosos (ele, semiparalisado após meio século copiando documentos na miserável *mansarde* onde moravam; ela, inteiramente acabada de tanto lavar assoalhos *à grand eau*), confessam tudo a *Mme. F.* — que mantinha uma aparência jovem apesar dos cabelos brancos —, ela lhes diz, na última frase do conto: “Mas, minha pobre Mathilde, o colar era falso: só custou quinhentos francos!”.

A contribuição de Marina foi mais modesta, embora também tivesse seu encanto. Ela mostrou a Van e Lucette (os outros já sabiam tudo) o pinheiro exato e o ponto exato em seu tronco rugoso e vermelho onde, num passado muito distante, tinha sido instalado um telefone magnético que se comunicava com a Mansão de Ardis. Depois que foram proibidas as “correntes e circuitos” (ela pronunciou essas palavras algo indecorosas de forma rápida, mas sem parecer envergonhada e com a *désinvolture* de uma atriz, enquanto a perplexa Lucette puxava a manga de Van, do *Vânitchka*, que sabia explicar tudo), a avó de seu marido, uma engenheira muito talentosa, “encanou” o riachinho de Redmont (que passava pouco abaixo da clareira, vindo de uma colina acima de Ardis) e o fez conduzir *V.I.A.V.A.L.V.s* vibracionais (pulsações prismáticas) utilizando um sistema de segmentos de platina. Como é óbvio, esse sistema transmitia mensagens num único sentido e, tendo em vista que a instalação e a manutenção dos “tambores” (cilindros) custavam os olhos da cara, a ideia foi abandonada, embora fosse muito tentadora a possibilidade de informar um Veen em pleno piquenique de que sua casa estava em chamas.

Como se para confirmar o descontentamento de muitos no tocante à política nacional e internacional (o velho Gamaliel a essa altura estava bastante gagá), o carrinho vermelho voltou resfolegante da Mansão de Ardis e o mordomo saltou para fora trazendo uma mensagem. *Monsieur* acabara de chegar com um presente de aniversário para *Mlle. Ada*, mas ninguém conseguia descobrir como funcionava o complicado objeto, e Madame teria de ajudar. O mordomo havia trazido uma carta, que colocou numa bandeja de bolso e ofereceu a Marina.

Não podemos reconstituir o texto preciso da mensagem, porém dizia em essência que o atencioso e caríssimo presente era uma enorme e bela boneca — infelizmente, e estranhamente, mais ou menos nua; o que era ainda mais estranho, a boneca tinha uma tala na perna direita e ataduras no braço esquerdo, vindo acompanhada de uma caixa cheia de acessórios de gesso e de borracha em vez dos vestidinhos com laços e babados. As instruções em russo ou búlgaro eram de todo

ininteligíveis porque não tinham sido grafadas em caracteres romanos modernos, e sim no velho alfabeto cirílico, um alfabeto de pesadelo que Dan nunca conseguira aprender. Pedia-se que Marina voltasse imediatamente a fim de providenciar a feitura de roupas adequadas de boneca com os belos recortes de seda que sua criada guardara numa gaveta e que ele havia acabado de descobrir, após o que a caixa deveria ser reembalhada com papel de presente.

Ada, que vinha lendo o bilhete por cima do ombro da mãe, estremeceu e disse:

“Diga a ele para arranjar um par de pinças e levar esse troço todo para a lixeira do hospital”.

“*Biedniátchok!* Pobrezinho dele”, exclamou Marina, os olhos transbordando de pena. “Naturalmente que irei. Sua crueldade, Ada, é às vezes... às vezes... sei lá... satânica!”

Usando a bengala para alongar seus passos, o rosto contraído numa máscara de determinação, Marina subiu no automóvel, que partiu no momento seguinte derrubando uma garrafa vazia de vinho e desfolhando um raivoso arbusto quando o para-choque tratou de evitar a caleche estacionada.

Todavia, se ficou no ar alguma raiva, ela logo se dissipou. Ada pediu papel e lápis à preceptora. Deitado de bruços, o rosto apoiado na mão, Van olhou para o pescoço inclinado de sua querida enquanto ela brincava de criar anagramas com Grace, que inocentemente sugeriu “inseto”.

“Etinos”, disse Ada, escrevendo a palavra.

“Ah, não!”, objetou Grace.

“Ah, sim! Tenho certeza que existe. São os habitantes de uma cidade da Sicília.”

Grace meditou, batendo de leve na testa franzida com a borracha do lápis. Por fim, saiu-se com:

“Isento!”

“Bom, como também vale a grafia antiga “insecto”, então respondo com “incesto”, disse Ada sem perder a calma.

“Assim eu desisto”, disse Grace. “Precisamos de um dicionário para conferir todas essas tuas invenções.”

Mas a incandescência da tarde havia atingido sua fase mais opressiva, e o primeiro mosquito realmente perverso do verão foi abatido no tornozelo de Ada pelo tapa sonoro da alerta Lucette. A carroça já partira de volta com as cadeiras de braços, as cestas e os lacaios — Essex, Middlesex e Somerset —, os três ainda mastigando. Pouco depois, *Mlle. Larivière* e *Mme. Forestier* trocavam melodiosos *adieux*. Mãos abanaram quando se afastou o landau carregando os gêmeos, a idosa governanta e a jovem e sonolenta tia das crianças. Foram seguidos por uma borboleta pálida e diáfana, com o corpo de um preto intenso, e Ada gritou “Olhe!”, explicando se tratar de um parente

próximo das borboletas *Parnassius* japonesas. *Mlle.* Larivière disse de repente que usaria um pseudônimo para publicar o conto. Conduziu as duas bonitas meninas até a caleche e cutucou *sans façons*, com a ponta do para-sol, o gordo e vermelho pescoço de Ben Wright, que dormia um sono profundo no banco de trás sob os volumosos festões de folhagem. Ada jogou seu chapéu no colo de Ida e correu de volta para onde Van se encontrava. Não estando familiarizado com o itinerário do sol e das sombras na clareira, ele permitira que a bicicleta ficasse sob os raios candentes durante pelo menos três horas. Ada montou no selim, soltou um grito de dor, quase caiu, balançou, recuperou-se... e o pneu traseiro estourou com um barulho cômico.

O inútil artefato foi abandonado debaixo de um arbusto a fim de ser recolhido mais tarde por Bouteillan Júnior, outro membro da criadagem. Lucette recusou-se a ceder seu poleiro (aceitando com um meigo aceno de cabeça o conselho do companheiro de boleia, que estava bêbado e deu uma batidinha amistosa nos joelhos nus da menina). E, como não havia nenhum *strapontin*, Ada teve de contentar-se com o duro colo de Van.

Foi o primeiro contato físico entre eles, e ambos ficaram encabulados. Ela sentou de costas para Van, se ajeitou com o sacolejar da carruagem e deu alguns saracoteios adicionais a fim de acomodar a ampla saia cheirando a pinheiro, a qual parecia envolvê-lo, sem tirar nem pôr, tão amplamente quanto o avental com que era coberto ao sentar-se na cadeira do barbeiro. Num êxtase de prazer desajeitado, ele a segurou pelos quadris. Gotas quentes de sol corriam sobre a blusa zebrada e os braços nus de Ada, parecendo a Van que seguiam viagem através do túnel de seu próprio corpo.

“Por que você chorou?”, ele perguntou, inalando os eflúvios de seus cabelos e do calor de sua orelha. Ela virou a cabeça e o encarou por um instante, num silêncio críptico.

(Chorei mesmo? Não sei... algo me incomodou. Não consigo explicar, mas senti como se houvesse alguma coisa tenebrosa, brutal, sombria e... sim, tenebrosa naquilo tudo. Anotação posterior.)

“Sinto muito”, ele disse, quando Ada voltou a olhar para a frente. “Não faço mais isso na tua presença.”

(Aliás, detesto aquela frase “sem tirar nem pôr”. Outra anotação na caligrafia mais recente de Ada.)

Com todo o seu ser fervente prestes a transbordar, Van deliciava-se com a pressão que o corpo dela exercia enquanto, reagindo aos solavancos da estrada, se abria em duas partes macias, amassando sob seu peso o âmago do desejo que ele precisava controlar a fim de impedir que um eventual vazamento causasse espanto à inocência de Ada. Ele teria cedido e se derretido numa lassidão animal não houvesse a preceptora da menina salvado a situação ao lhe dirigir a palavra. O pobre Van deslocou o traseiro de Ada para o joelho direito, abrandando

o que se costumava chamar, no jargão da câmara de torturas, de “ângulo da agonia”. No embotamento pesaroso do desejo frustrado, ficou olhando as isbás enfileiradas às margens da estrada enquanto a caleche atravessava o vilarejo de Gamlet.

“Não consigo nunca me acostumar (*‘m’y faire’*)”, disse *Mlle. Laparure*, “ao contraste entre a opulência da natureza e a miséria da vida humana. Veja aquele velho mujique *décharné* com a camisa rasgada, veja a pobreza da cabana dele. E veja aquela andorinha tão ágil! Como é feliz a natureza e infeliz o homem! Nenhum de vocês me disse se gostou do meu novo conto. E então, Van?”

“É um bom conto de fadas”, disse Van.

“É um conto de fadas”, disse Ada, cautelosa.

“*Allons donc!*”, exclamou *Mlle. Larivière*. “Muito pelo contrário, todos os detalhes são realistas. Temos ali o drama do pequeno burguês, com todas as suas dificuldades de classe, seus sonhos de classe, seu orgulho de classe.”

(Verdade. Talvez fosse essa a intenção... excetuada a *pointe assassine*; mas a história carecia de “realismo” em seus próprios termos, pois um escriturário meticuloso e obrigado a contar os tostões teria descoberto, antes de tudo, fosse lá como fosse, *quitte à tout dire à la veuve*, exatamente quanto tinha custado o colar perdido. *Ali* residia o defeito fatal do trabalho sentimentalóide de *Larivière*. Naquela época, o jovem Van e a ainda mais jovem Ada não podiam entender isso com toda a clareza, mas sentiram instintivamente a falsidade da história toda.)

Uma ligeira comoção ocorreu na boleia. *Lucette* voltou-se para trás e falou com Ada.

“Quero sentar com você. *Mnie tut nieudóbno, i ot niego niekhorochó pákhnié* (Não estou gostando daqui, e ele não está cheirando bem).”

“Vamos chegar num minuto”, retrucou Ada, “*potierpí* (tenha um pouquinho de paciência).”

“O que é que está havendo?”, perguntou *Mlle. Larivière*.

“Nada. *Il pue.*”

“Ah, minha querida! Duvido muito que ele jamais tenha servido àquele rajá.”

No dia seguinte, ou dois dias depois, toda a família estava reunida no jardim para tomar chá. Ada, sentada na grama, vinha tentando fazer um anadema de margaridas para o cachorro, enquanto Lucette acompanhava seu trabalho mastigando um pedaço de bolo. Marina, em silêncio, ficou quase um minuto com a mão estendida por cima da mesa oferecendo ao marido um chapéu de palha; por fim, ele balançou a cabeça, ergueu os olhos na direção do sol (que o encarou raivosamente de volta) e se retirou com a xícara e o *Toulouse Enquirer* para um banco rústico do outro lado do gramado, sob um imenso olmo.

“Me pergunto quem estará chegando”, murmurou *Mlle. Larivière* detrás do samovar (que refletia fragmentos do jardim em fantasias alucinadas dignas de um pintor primitivista), enquanto apertava as pálpebras para ver melhor a parte da aleia principal emoldurada pelas pilastras de uma galeria de treliças. Van, deitado de bruços atrás de Ada, levantou os olhos do livro (*Atala*, emprestado por ela).

Um jovem alto, de rosto rosado e vestindo culotes elegantes, apeou de um pônei preto.

“Olha como é lindo o pônei novo do Greg”, disse Ada.

Greg, formulando as desculpas características de um rapaz bem-educado, trouxera o isqueiro de platina de Marina que sua tia havia descoberto na bolsa.

“Meu Deus, nem tive tempo de descobrir que o tinha perdido. Como está a Ruth?”

Greg disse que tanto tia Ruth quanto Grace estavam de cama com uma indigestão aguda — “não por causa dos deliciosos sanduíches que vocês levaram”, apressou-se em explicar, “mas por causa das frutinhas que andaram colhendo por lá”.

Marina preparou-se para tocar um sininho de bronze a fim de mandar o laçao trazer mais torradas, porém Greg disse que estava a caminho de uma festa na casa da condessa de Prey.

“Ela se consolou bem rapidinho (*skorovato*)”, comentou Marina, aludindo à morte do conde alguns anos antes ao duelar com pistolas num parque público de Boston.

“Ela é uma mulher muito alegre e bonita”, disse Greg.

“E dez anos mais velha do que eu”, disse Marina.

Nesse momento, Lucette exigiu a atenção de sua mãe.

“O que é um judeu?”, perguntou.

“É um cristão dissidente”, respondeu Marina.

“Por que o Greg é judeu?”, continuou Lucette.

“Ora, ora”, disse Marina, “porque seus pais são judeus.”

“E seus avós? E seus *bisavós*?”

“Olha, não tenho como saber, minha querida. Seus antepassados eram judeus, Greg?”

“Bom, não tenho certeza”, disse Greg. “Eles eram hebreus, isso é certo, mas não judeus entre aspas... quer dizer, esses personagens de comédia ou comerciantes cristãos. Vieram da Tartária para a Inglaterra já faz cinco séculos. Mas o avô de minha mãe era um marquês francês, que, isso eu sei, era católico e adorava bancos, ações de empresas e joias. Imagino que por isso muita gente dissesse que ele era *un juif*.”

“De qualquer maneira, comparada com outras religiões, não é muito antiga, não é mesmo?”, perguntou Marina (voltando-se na direção de Van e planejando vagamente desviar a conversa para a Índia, onde ela tinha sido uma dançarina muitíssimo antes que Moisés ou qualquer outra pessoa houvesse nascido num pântano cheio de lótus).

“Que interessa...”, começou Van.

“E a Belle” (nome que Lucette dava a sua preceptora), “ela também é uma cristã... como é mesmo que se diz... sem dente?”

“Que diferença isso faz”, gritou Van, “quem se importa com todos esses velhos mitos, que interessa — Júpiter ou Jeová, domos ou gnomos, mesquitas em Moscou, bronzes ou bonzos, ímãs ou imãs, esqueletos de camelos ressecados nos desertos? Não passam de poeira e miragens da mente coletiva.”

“E como é que essa conversa idiota começou?”, queria saber Ada, inclinando a cabeça para apreciar melhor o adorno parcial que tinha colocado no *dachshund* ou *taksik*.

“*Mea culpa*”, ofereceu *Mlle. Larivière* em tom de quem teve sua dignidade ofendida. “Tudo que eu disse, no piquenique, foi que o Greg talvez não quisesse os sanduíches de presunto porque os judeus e os tártaros não comem carne de porco.”

“Os romanos”, disse Greg, “os colonos romanos que crucificaram judeus cristãos, barrabitas e outros infelizes também não comiam carne de porco, mas eu como sem nenhum problema, e meus avós comiam normalmente.”

Lucette mostrou-se surpresa com um verbo usado por Greg. Para ilustrar seu significado, Van juntou os tornozelos, abriu os braços na horizontal e levantou os olhos para o céu.

“Quando eu era criança”, disse Marina, zangada, “nos ensinavam a história da Mesopotâmia praticamente no jardim de infância.”



“Nem todas as crianças entendem o que é ensinado para elas”, comentou Ada.

“Nós somos mesopotâmios?”, indagou Lucette.

“Somos hipopotâmios”, respondeu Van. “Vamos, ainda não brincamos de arado hoje.”

Um ou dois dias antes, Lucette tinha pedido que ele a ensinasse a andar sobre as mãos. Van segurou-a pelos tornozelos enquanto ela avançava lentamente apoiada nas pequenas palmas vermelhas, às vezes tombando de cara com um grunhido ou parando para mastigar uma margarida. Dack protestava com latidos estridentes.

“*Et pourtant*”, disse a governanta, fazendo uma careta por causa do barulho agudo, “li duas vezes para ela a adaptação feita por Ségur, em forma de fábula, da peça de Shakespeare que trata do agiota malvado.”

“Ela também conhece minha versão do monólogo do rei louco”, disse Ada:

*Ce beau jardin fleurit en mai,  
Mais en hiver  
Jamais, jamais, jamais, jamais, jamais  
N'est vert, n'est vert, n'est vert, n'est vert, n'est vert.*

“Ah, está ótimo”, exclamou Greg com um verdadeiro soluço de admiração.

“Menos *enierguítchno*, crianças!”, gritou Marina na direção da dupla Van-Lucette.

“*Elle devient pourpre*, está ficando roxa”, observou a preceptora. “Repito que essa ginástica indecente não faz bem a ela.”

Van, os olhos sorrindo, as mãos fortes de anjo segurando um pouco acima do tornozelo as pernas cor de sopa de cenoura fria da menina, “arava” o campo usando Lucette como relha. Embora os cabelos brilhantes lhe cobrissem o rosto, e as calcinhas aparecessem sob a bainha da saia, ela exigia que o camponês continuasse a trabalhar.

“*Búdiét, búdiét*, agora chega”, disse Marina.

Van depositou docemente as pernas dela no chão e ajeitou seu vestido. Ela ficou deitada por um momento, ofegante.

“Verdade, eu gostaria muito que você desse uma volta com ele. Pelo tempo que quiser. Não quer? Além disso, tenho outro pônei preto.”

Mas ela fez que não com a cabeça ainda abaixada, continuando a dobrar e entrelaçar as margaridas.

“Bom”, ele disse, levantando-se, “tenho de ir embora. Adeus, todo mundo. Adeus, Ada. Acho que é o seu pai lá embaixo daquele carvalho, não é?”

“Não, é um olmo”, disse Ada.

Van olhou para o outro lado do gramado e disse, como se pensasse em voz alta — talvez com um ligeiro quê de exibicionismo juvenil:

“Também quero dar uma olhada no jornal quando meu tio acabar de ler. Eu devia ter jogado ontem pelo time do colégio no campeonato de críquete. Veen doente, time desfalcado, Riverlane arrasado.”

Certa tarde, Van e Ada resolveram trepar nos galhos lisos da macieira de Shattal, no fundo do jardim. *Mlle. Larivière* e a pequena Lucette, encobertas por uma cortina de folhas mas ao alcance da voz deles, estavam brincando de jogar um aro de uma para a outra. Vez por outra, acima ou através da ramagem, via-se um aro passar de uma haste invisível para a outra. A primeira cigarra da estação afinava sem parar seu instrumento. Um esquilo cor de prata e zibelina estava sentado nas costas de um banco saboreando uma pinha.

Van, vestindo uma malha de ginástica azul, tinha alcançado uma forquilha pouco abaixo de sua ágil companheira (que, naturalmente, conhecia melhor o mapa intrincado da árvore). Incapaz de ver o rosto de Ada, indicou o desejo de iniciar uma comunicação silenciosa segurando-lhe o tornozelo entre o indicador e o polegar, tal como *ela* pegaria uma borboleta com as asas fechadas. O pé descalço de Ada escorregou, e os dois jovens arquejantes se enroscaram de modo ignominioso entre os galhos, em meio a uma chuva de drupas e folhas, um se agarrando ao outro. Instantes depois, quando retomaram uma aparência de equilíbrio, o rosto impassível de Van e sua cabeça com os cabelos cortados bem rente tinham ido parar entre as pernas dela. Uma derradeira fruta caiu com um baque surdo — a queda de um ponto de exclamação invertido. Ada só tinha sobre o corpo o relógio de pulso de Van e um vestido de algodão.

“Você se lembra?”

“Claro que sim: você me beijou aqui, na parte de dentro...”

“E você começou a me estrangular com aqueles joelhos danados...”

“Estava buscando algum apoio.”)

Isso talvez tivesse sido verdade, porém, de acordo com uma versão posterior (bem posterior!), eles ainda estavam em cima da árvore, e ainda em brasa, quando Van removeu do lábio um fio de seda do casulo de algum inseto e comentou que aquela negligência no vestir era uma forma de histeria.

“Bem”, respondeu Ada, montando sobre seu galho predileto, “como todos sabemos agora, *Mlle. La Rivière de Diamants* não se opõe a que

uma menina histórica deixe de usar calcinhas durante *l'ardeur de la canicule*.”

“Me recuso a compartilhar o ardor da tua caniculazinha com uma macieira.”

“Na realidade é a Árvore do Conhecimento — este exemplar foi importado no último verão, envolto em brocado, diretamente do Parque Nacional do Éden, onde o filho do doutor Krolik trabalha como guarda-florestal e criador.”

“Ele pode guardar e criar à vontade”, disse Van (a história natural de Ada já vinha lhe dando nos nervos havia algum tempo), “mas juro que não há nenhuma macieira no Iraque.”

“Tem razão, só que não é uma macieira de verdade.”

“Certo e errado”, comentou Ada, novamente bem mais tarde. “Discutimos o assunto, mas você não se teria permitido essas respostas vulgares naquela época. Num momento em que o mais casto dos acidentes permitiu que você, como se costuma dizer, roubasse um primeiro beijo muito tímido! Que vergonha! E, além disso, não havia nenhum Parque Nacional no Iraque oitenta anos atrás.” “Verdade”, disse Van. “E nunca vi nenhum casulo naquela árvore de nosso pomar.” “Certo, minha querida descasulada.” Nessa altura, a história natural já tinha se transformado em história antiga.)

Ambos mantinham diários. Pouco depois de terem tido aquele antegosto do conhecimento, aconteceu uma coisa engraçada. Ada estava indo para a casa de Krolik com uma caixa cheia de borboletas recém-saídas da crisálida e cloroformizadas, quando, tendo acabado de atravessar o pomar, parou de repente e praguejou (*tchort!*). No mesmo instante, Van, que partira na direção oposta para fazer exercícios de tiro num pavilhão próximo (onde havia uma pista de boliche e outros aparelhos de recreação, muito usados no passado por outros Veen), também parou de chofre. Então, graças a uma simpática coincidência, os dois dispararam de volta para casa a fim de esconder seus diários, que ambos pensavam haver deixado abertos nos quartos respectivos. Ada, que temia a curiosidade de Lucette e de Blanche (a governanta não representava nenhum perigo, sendo patologicamente desprovida de espírito de observação), descobriu que estava errada — o diário, com sua última anotação, tinha sido bem guardado. Van, sabedor de que Ada era um pouco bisbilhoteira, descobriu Blanche em seu quarto fingindo fazer a cama já feita, com o diário aberto pousado no banco ao lado da cabeceira. Deu um tapinha no traseiro dela e removeu para lugar mais seguro o livro encadernado em chagrém. Logo depois, Van e Ada se encontraram no corredor, e teriam se beijado num estágio anterior da Evolução do Romance na história da literatura. Teria sido uma continuaçãozinha bem adequada para o episódio da árvore de Shattal. Em vez disso, cada um seguiu seu caminho — e Blanche, assim suponho, foi chorar em seu quartinho no torreão.

As primeiras e frenéticas carícias foram precedidas de um breve período de estranhos embustes, de torpes dissimulações. O malfeitor mascarado era Van, mas a aceitação passiva por Ada da conduta do pobre rapaz parecia significar o reconhecimento tácito de sua natureza indigna e mesmo monstruosa. Algumas semanas mais tarde, ambos eram capazes de lembrar essa fase das manobras amorosas de Van com uma condescendência sorridente; à época, contudo, a covardia implícita de seus atos a intrigava e o angustiava — sobretudo porque ele tinha plena consciência de que ela estava intrigada.

Embora Van nunca tivesse tido a oportunidade de testemunhar nada que se aproximasse de um alvoroço virginal da parte de Ada — uma menina que não se assustava facilmente e não era demasiado exigente (*“Je raffole de tout ce qui rampe”*) —, dois ou três sonhos pavorosos contribuía para que ele a imaginasse na vida real, ou ao menos naquela parte da vida em que se tem de prestar conta das coisas, afastando-se com um olhar furioso de sua manifestação de lascívia para ir chamar a preceptora ou a mãe, ou mesmo um laçao gigantesco (que não fazia parte da criadagem, mas passível de ser morto num sonho — derrubado com um soco-ínglês ou perfurado como se fosse um saco de sangue), após o que ele seria expulso de Ardis...

(Na caligrafia de Ada: protesto veementemente contra esse “não era demasiado exigente”. É falso de fato e fátuo na forma. Anotação na margem feita por Van: Desculpe, querida, isso tem de ficar.)

...mas, mesmo que ele se forçasse a ridicularizar essa imagem a fim de enxotá-la da consciência, não podia se sentir orgulhoso de seu comportamento: naqueles achegamentos clandestinos, fazendo o que fazia e da maneira como fazia, por seu enlevo oculto, Van parecia a si próprio estar se aproveitando da inocência de Ada ou a induzindo a esconder dele, o dissimulador original, o fato de que sabia muito bem o que ele procurava esconder.

Após o primeiro contato, tão ligeiro, tão mudo, entre seus lábios macios e a pele ainda mais macia de Ada — lá no alto da árvore salpicada de sol, tendo como única testemunha aquele elegante esquilo

desgarrado bisbifolhando —, em certo sentido nada parecia ter mudado, mas em outros sentidos tudo se perdera. Tais contatos desenvolvem sua própria textura; uma sensação tátil é um ponto cego; as pessoas se tocam como silhuetas. A partir daquele momento, em determinadas horas de seus dias de indolência, em certas circunstâncias recorrentes de loucura controlada, um sinal secreto se levantava, um véu caía entre os dois...

(Ada: Eles já estão praticamente extintos em Ardis. Van: Quem? Ah, já sei.)

... que não podia ser removido até que ele se livrasse daquilo que a necessidade de dissimulação estava degradando a ponto de transformar numa vil coceira.

(Que coisa mais horrorosa, Van!)

Mais tarde, ao discutir com ela essas coisas pateticamente sórdidas, ele era incapaz de dizer se de fato temia que sua *avournine* (como Blanche mais tarde se referia a Ada em seu francês bastardo) pudesse reagir a uma manifestação crua de desejo com uma explosão de raiva real ou bem fingida, ou se sua abordagem ladina e melancólica lhe era imposta por considerações de pena e de decência para com uma menina casta, cujo encanto era muito potente para não ser desfrutado em segredo e por demais sagrado para ser violado abertamente. O certo, porém, é que havia algo de errado. Os vagos lugares-comuns de uma vaga timidez tão horrivelmente em voga oitenta anos atrás, as banalidades insuportáveis dos namoros pudicos que permeavam os velhos romances cheios de malícia, aqueles modos e aquelas modas sem dúvida se escondiam sob o silêncio das emboscadas que ele armava e ela tolerava. Não ficou registro do dia exato daquele verão em que seus afagos cautelosos e intrincados começaram; mas, embora sentindo que muitas vezes Van se postava atrás dela numa proximidade indecorosa, com a respiração incandescente e os lábios sedentos, Ada tinha a consciência de que essas aproximações exóticas e silenciosas deviam ter começado num passado indefinido e infinito — e que ela não mais poderia impedi-las sem reconhecer que aceitara tacitamente sua repetição rotineira naquele tempo pretérito.

Nas tardes implacavelmente quentes de julho, Ada gostava de ir para a ensolarada sala de música e ali se sentar num fresco banco de piano feito de madeira amarelada, diante da mesa coberta de oleado branco, a fim de copiar num papel cremoso alguma flor especial representada em seu atlas botânico predileto. Podia escolher, por exemplo, uma daquelas orquídeas que imitam a forma de um inseto, tratando de ampliá-la com notável habilidade. Ou combinava duas espécies (criando uma terceira não registrada mas possível), introduzindo pequenas e estranhas alterações e distorções que tinham algo de mórbido numa menina tão jovem e na verdade quase nua. O longo feixe de luz que penetrava pela porta-janela reluzia na jarra facetada, na água tingida

pelas cores da aquarela e no metal da caixa de tintas. Enquanto ela pintava delicadamente um ocelo ou um labro, a concentração extasiada fazia com que a ponta de sua língua se enroscasse no canto da boca e, sob o olhar do sol, a fantástica criança de cabelos pretos-azuis-castanhos parecia, por sua vez, imitar a flor do espelho-de-vênus. O vestido largo e de tecido fino tinha uma cava tão profunda nas costas que, quando ela se curvava para a frente, movendo as escápulas salientes e deixando a cabeça pender para o lado (enquanto, com o pincel suspenso a meio caminho, examinava sua úmida produção, ou com a parte externa do pulso esquerdo afastava os fios de cabelo da testa), Van, que se aproximara do tamborete tanto quanto sua ousadia lhe havia permitido, era capaz de ver o dorso esbelto de Ada até o cóccix e aspirar o calor que subia do corpo dela. O coração martelando, uma das mãos tristemente enfiada bem fundo no bolso da calça — onde ele mantinha uma carteirinha com meia dúzia de moedas de dez dólares de ouro para ocultar seu estado —, Van se inclinava sobre ela, que se inclinava sobre seu trabalho. Muito de leve, ele deixava seus lábios ressequidos roçarem os cabelos mornos e a nuca em brasa. Era a sensação mais doce, mais forte e mais misteriosa que o rapaz jamais tivera. Nada em suas sórdidas atividades venéreas do inverno anterior ao menos lembrava aquela carícia feita de penugem, aquele tormento de desejo. Ele se teria demorado para sempre na delícia arredondada da pequenina saliência que se levantava no meio do pescoço dela, caso Ada também ficasse inclinada para sempre — e caso o pobre coitado fosse capaz de suportar por mais tempo o êxtase do contato de sua boca, agora imóvel como se pertencesse a uma estátua de cera, sem nela esfregar-se com um abandono ensandecido. O vívido rubor de uma orelha visível e o torpor que aos poucos invadia o pincel eram os únicos sinais — sinais assustadores — de que ela estava sentindo a pressão crescente de suas carícias. Sem dizer uma palavra ele se retirava furtivamente para o quarto, trancava a porta, pegava uma toalha, tirava a roupa e evocava a imagem que pouco antes deixara para trás, ainda tão brilhante e segura quanto uma chama protegida pelas mãos em concha — para dela se desfazer com brutal sofreguidão. Após o que, momentaneamente esvaziado, com as entranhas formigando e as pernas bambas, Van retornava à pureza da sala inundada de luz onde uma menina, agora rebrilhando de suor, continuava a pintar aquela flor: a flor maravilhosa que imitava uma luzidia mariposa, a qual, por sua vez, imitava um escaravelho.

Se o alívio, qualquer alívio, de seu ardor houvesse sido a única preocupação de Van; se, em outras palavras, o amor não fosse parte da história, então nosso jovem amigo poderia ter tolerado — durante apenas um verão — a vileza e a ambiguidade de sua conduta. Porém, como Van amava Ada, aquele complicado lenitivo não podia constituir um fim em si; ou melhor, era apenas um beco sem saída, porque não

compartilhado, porque horrivelmente oculto, porque incapaz de derreter-se numa fase subsequente de prazeres incomparavelmente maiores que, como um pico enevado mais além do aterrador passo na montanha, prometia ser o verdadeiro pináculo de seu perigoso relacionamento com Ada. Durante aquela semana ou quinzena no meio do verão, malgrado os beijos cotidianos de borboleta no seu cabelo e no pescoço, Van se sentiu ainda mais distante dela que na véspera do dia em que sua boca havia acidentalmente entrado em contato com uma polegada da pele de Ada, um contato sensualmente quase imperceptível no labirinto de galhos da árvore de Shattal.

Mas a natureza é movimento e crescimento. Certa tarde Van se aproximou dela na sala de música fazendo menos barulho que em qualquer outra ocasião porque estava descalço — e, virando a cabeça para trás, a pequena Ada fechou os olhos e apertou os lábios contra os dele num beijo de rosa fresca, que ao mesmo tempo o encantou e o deixou perplexo.

“Agora vá embora, depressa, agorinha mesmo, estou muito ocupada”, e, como ele continuava plantado ali como um idiota, ela lhe ungiu a testa com o pincel, traçando algo que lembrava o antigo “sinal da cruz” da Estócia. “Tenho de acabar isso”, acrescentou, apontando com o fino pincel carregado de um tom entre violeta e púrpura para um híbrido de *Ophrys scolopax* e *Ophrys veenae*, “e daqui a pouquinho vamos ter de ficar nos trinques porque Marina quer que Kim nos fotografe — de mãos dadas e sorrindo” (sorrindo e depois se voltando para sua flor pavorosa).



O mais grosso dicionário da biblioteca assim definia Lábio: “Cada uma das duas dobras carnudas que circundam um orifício”.

*Miliêichi* Emile, como Ada chamava *M. Littré*, dizia o seguinte: “*Partie extérieure et charnue qui forme le contour de la bouche ... Les deux bords d’une plaie simple*” (nós simplesmente falamos com nossos ferimentos; os ferimentos procriam). “... *C’est le membre qui léche.*” Ah, meu caríssimo Emile!

Para uma atarracada enciclopédia russa, *guba*, lábio, só tinha interesse por ser um tribunal distrital da antiga Liasca ou um golfo ártico.

Os lábios deles eram absurdamente similares em estilo, cor e textura. O lábio superior de Van assemelhava-se a um pássaro marinho de longas asas visto de frente, enquanto o inferior, cheio e taciturno, dava um toque de brutalidade a seus traços. Nada dessa rudeza existia em Ada, mas a linha arqueada do lábio superior e a espessura do inferior, com sua proeminência desdenhosa e a coloração de um rosa opaco, reproduzia o tema da boca de Van numa escala musical feminina.

Durante a fase de beijos do jovem par (uma quinzena não muito saudável de pegajosa agarração), uma estranha barreira pudibunda parecia se interpor entre seus corpos febris. Mas certos contatos e as reações aos contatos não podiam deixar de transpor aquela barreira como a vibração distante de sinais desesperados. Incessantemente, incansavelmente, delicadamente, Van esfregava seus lábios contra os dela, roçando o cálido veludo de pêssego que os recobria, para trás e para a frente, direita, esquerda, vida, morte, deliciando-se com o contraste entre a ternura decorosa do idílio ostensivo e a congestão animalesca da carne oculta.

Houve outros beijos. “Quero provar”, disse ele, “a parte de dentro da tua boca. Meu Deus, como eu queria me transformar num ser liliputiano para explorar essa caverna!”

“Posso te emprestar minha língua”, ela disse — e a emprestou.

Um grande morango cozido, ainda bem quente. Ele o chupou até onde pôde. Puxando-a mais para perto, lambeu-lhe o céu da boca. Os

queixos dos dois ficaram inteiramente molhados. “Lenço”, ela disse, e num gesto natural enfiou a mão no bolso da calça de Van, retirando-a de imediato e deixando que ele mesmo o desse. Sem comentários.

“Eu apreciei teu tato”, ele lhe disse quando recordaram, rindo porém com certa inquietação, aquele misto de arrebatamento e desconforto. “Mas perdemos muito tempo — opalas irrecuperáveis.”)

Ele aprendeu o rosto de Ada. Nariz, bochechas, queixo — todos possuíam um contorno tão doce (associado retrospectivamente a certos mementos, a chapéus de abas largas e a pequenas cortesãs assustadoramente caras de Wicklow) que um admirador sentimentaloides bem poderia imaginar que o perfil de Ada houvesse sido desenhado com a pálida pluma de um junco (aquele homem que não pensa — *pascaltrezza*), enquanto um dedo mais infantil e sensual gostaria, como gostou, de apalpar aquele nariz, aquelas bochechas, aquele queixo. A rememoração, assim como as telas de Rembrandt, é sombria sem deixar de ser festiva. Os rememorados vestem suas melhores roupas para a ocasião e ficam sentados sem se mexer. A memória é um estúdio fotográfico de luxo numa infinita Quinta Avenida do Poder. A fita de veludo preto que prendia os cabelos dela naquele dia (o da fotografia mental) ganhou um brilho único por conta da têtпора sedosa e da brancura de giz do repartido. Como a fita tombava frouxamente até esbarrar no ombro, a palidez translúcida de seu pescoço aparecia sob a forma de um elegante triângulo na moldura de bronze enegrecido do tecido.

Caso acentuada a ponta ligeiramente arrebitada, seu nariz se transformava no de Lucette; eliminando-a, no de um samoiedo. Nas duas irmãs, os dentes da frente eram um pouquinho grandes demais e o lábio inferior demasiado grosso para obedecer aos padrões de beleza ideal presentes na morte esculpida em mármore. E, como seus narizes viviam entupidos, as duas meninas (em especial mais tarde, aos quinze e doze anos) tinham um ar algo sonhador ou atônito quando vistas de perfil. A brancura fosca da pele de Ada (aos doze, dezesseis, vinte, trinta e três anos etc.) era incomparavelmente mais rara que o rosa-dourado de Lucette (aos oito, doze, dezesseis, vinte e cinco anos, *finis*). Em ambas, a linha longa e pura da garganta, herdada diretamente de Marina, atormentava os sentidos com promessas desconhecidas e inefáveis (não mantidas pela mãe).

Os olhos. Os olhos castanho-escuros de Ada. Afinal de contas (Ada pergunta), o que são os olhos? Dois buracos na máscara da vida. O que (ela pergunta) significariam eles para uma criatura vinda de outro corpúsculo ou bolha de leite cujo órgão de visão fosse, por exemplo, um parasita interno que se assemelhasse à palavra escrita “deificado”? Na verdade, o que significaria um par de belos olhos (humanos, lemurianos, estrigídeos) para quem os encontrasse abandonados no banco de um táxi? E, no entanto, tenho de descrever os teus. A íris:

castanho-negra com raios ou pintinhas cor de âmbar dispostas em torno da pupila séria como num mostrador de horas idênticas. As pálpebras: aqui e ali marcadas por finas pregas, *v skládotchku* (rimando em russo com o diminutivo do nome dela no caso acusativo). Formato do olho: langoroso. A caftina em Wicklow, naquela noite diabólica de granizo preto, no ponto mais trágico e quase fatal de minha vida (Van, graças a Deus, tem agora noventa anos — na caligrafia de Ada), chamou minha atenção em especial para os “olhos longos” de sua patética e adorável neta. Com que obstinada ansiedade eu costumava procurar traços e vestígios de meu amor inesquecível em todos os bordéis do mundo!

Van descobriu as mãos dela (esqueça essa história de unhas roídas). O sentimento de pena inspirado pelo carpo, a graça das falanges que o forçava a pôr-se de joelhos, o nevoeiro dos olhos marejados de lágrimas, agonias de adoração insolúvel. Ele lhe tocava os pulsos como um doutor moribundo. Louco manso, acariciava as linhas paralelas da delicada penugem castanha que sombreava seus antebraços. Voltava aos nós dos dedos. Teus dedos, por favor.

“Sou sentimental”, ela dizia, “posso dissecar um coala, mas não seu filhote. Gosto das palavras donzela, gazela, dengosa. Adoro quando você beija minhas mãos longas e brancas.”

Nas costas da mão esquerda Ada tinha a mesma manchinha marrom que marcava a mão direita de Van. Ela tinha certeza, assim dizia — fazendo-se de ingênua ou irrefletidamente —, que aquela pinta provinha de um sinal de nascença que, muitos anos antes, Marina removera cirurgicamente do mesmo lugar quando estava tendo um romance com um salafrário que se queixava de sua semelhança com um percevejo.

Em tardes de todo tranquilas, era possível se ouvir o apito pré-túnel do trem das três para Toulouse do topo do morrote onde teve lugar esse diálogo.

“Salafrário é forte demais”, comentou Van.

“Usei a palavra de maneira carinhosa.”

“Mesmo assim. Acho que sei quem é. Ele tem menos coração do que cabeça, isso é verdade.”

Enquanto ele observa, a palma da cigana que implora uma esmola se transmuda na da benfeitora que oferece algumas moedas para pedir uma vida longa. (Quando será que os cineastas atingirão o estágio que alcançamos?) Piscando na luz do sol que a sombra de uma bétula tingia de verde, Ada explicou para seu ardoroso quiromante que as manchas circulares que pareciam feitas de mármore (e que ela compartilhava com a Kátia de Turguêniev — outra menina inocente) eram chamadas de “valsas” na Califórnia (“porque a *señorita* vai dançar a noite toda”).

Ao fazer doze anos, no dia 21 de julho de 1884, Ada parou de roer as unhas das mãos (mas não as dos pés), numa grande demonstração de força de vontade (repetida vinte anos mais tarde ao parar de fumar). Na

verdade, podem-se assinalar algumas compensações — tais como uma recaída no delicioso pecado durante o Natal, quando o *Culex chateaubriandi* Brown não voa. A resolução definitiva só aconteceu mesmo na véspera do Ano-Novo, depois que *Mlle.* Larivière ameaçou passar mostarda francesa nos dedos da pobre menina e cobri-los com capuchinhos de lã nas cores verde, amarelo, laranja, vermelho e rosa (o indicador amarelo foi uma *trouvaille*).

Pouco após o piquenique no dia do aniversário, quando a ânsia de beijar as mãos de sua amiguinha já se tornara uma terna obsessão para Van, as unhas dela, embora exibindo ainda um formato algo quadrado, tinham ficado suficientemente fortes para lidar com a coceira que as crianças do lugar sofriam no meio do verão.

Durante a última semana de julho, surgia com regularidade diabólica a fêmea do mosquito Chateaubriand. O nome vinha de Charles Chateaubriand, que não havia sido a primeira pessoa a ser mordida pelo inseto, mas a primeira, isto sim, a aprisioná-lo numa garrafa e levá-lo, com urros de exultação vingativa, ao professor Brown, que redigiu, com certa impetuosidade, a Descrição Original (“pequenos palpos pretos... asas hialinas... amareladas sob determinada iluminação... coloração que desaparece se as janelas são mantidas apertadas [ah, esses impressores alemães!]...” O *Entomologista de Boston*, número de agosto de 1840 — pelo menos trabalharam rápido). Esse Charles, aliás, não tinha nenhum parentesco com o grande poeta e memorialista nascido entre Paris e Tagne (para gáudio de Ada, que adorava cruzar orquídeas).

<i>Mon enfant, ma soeur,</i>	[Minha menina, minha irmã,
<i>Songe à l'épaisseur</i>	Pense na largura
<i>Du grand chêne à Tagne;</i>	Do grande carvalho em Tagne,
<i>Songe à la montagne,</i>	Pense na montanha,
<i>Songe à la douceur...</i>	Pense na doçura...]

... de esfregar as garras ou as unhas nos lugares visitados por esse inseto de patas peluginosas, caracterizado por um apetite insaciável e temerário pelo sangue de Ada e Ardélia, de Lucette e Lucília (multiplicado pela coceira).

O bandido sumia tão subitamente quanto havia aparecido. Aterrissava em belos braços e pernas sem produzir o menor zumbido, numa espécie de silêncio *recueilli*. Em compensação, a repentina introdução da probóscide absolutamente demoníaca merecia ser anunciada com as fanfarras de uma banda militar. Cinco minutos após o ataque, no crepúsculo, entre os degraus da varanda e o jardim ensandecido pelo canto dos grilos, instalava-se uma irritação flamejante que os fortes de corpo e de espírito ignoravam (confiando que duraria apenas uma hora), mas que os fracos, os adoráveis, os voluptuosos

dela se aproveitavam para coçar e coçar e coçar compulsivamente. “*Sládko!*” (“Gostoso!”), exclamava Púchkin com relação a uma espécie diferente no Yukon. Durante toda a semana que se seguiu a seu aniversário, as infelizes unhas de Ada ficaram manchadas de grená e, após sessões de fricção particularmente arrebatadoras, quando ela se esquecia do mundo, o sangue literalmente corria por suas pernas — dava pena de ver, pensava seu admirador preocupado, mas também era vergonhosamente fascinante, pois somos visitantes e pesquisadores de um universo muito, muito estranho.

A pele branca da menina, tão sensualmente delicada aos olhos de Van, tão vulnerável ao agulhão do facínora, tinha, contudo, a solidez do cetim de Samarcândia e resistia com bravura às tentativas de autoimolação sempre que Ada — os olhos negros cobertos por um véu como nos transe eróticos que Van já começara a testemunhar quando se beijavam perdidamente, os lábios entreabertos, os dentes rebrilhando de saliva — esfregava com os cinco dedos os montículos rosados resultantes da mordida do raro inseto, porque, na verdade, se tratava de um mosquito muito raro e interessante (descrito, não de forma totalmente simultânea, por dois velhos iracundos, sendo o segundo o dr. Braun, um dipterólogo da Filadélfia bem superior ao professor de Boston). Mas quão raro e arrebatador era ver minha adorada tentando saciar a volúpia de sua preciosa pele riscando, ao longo das pernas encantadoras, listras que, se eram de início cor de pérola, depois tomavam a cor do rubi, até que Ada atingia um estado de beatitude entorpecida no qual a ferocidade da coceira, como se atraída pelo vácuo, penetrava com renovado vigor.

“Olhe aqui”, disse Van, “se você não parar *agora*, quando eu disser um, dois, três, vou abrir este canivete” (abrindo o canivete) “e cortar minha perna para ficar igual à tua. Ah, por favor, devore tuas unhas! Qualquer coisa é melhor do que isso.”

Talvez porque a seiva de Van fosse amarga demais — mesmo naqueles dias afortunados —, o mosquito Chateaubriand nunca se interessou muito por ele. Atualmente, parece que está em vias de extinção devido ao clima mais frio e à drenagem idiota dos belos e ricos pântanos da região de Ladore, assim como das proximidades de Kaluga, Conn., e Lugano, Pa. (Há pouco tempo foi capturado um pequeno número de fêmeas, repletas do sangue do felizardo que as encontrou; soube também que o hábitat secreto desse grupo fica muito distante dos três locais acima mencionados. Anotação de Ada.)

Não apenas na idade da corneta acústica (segundo Van, ao ficarem gagagagás), mas ainda com maior intensidade na adolescência (verão de 1888), era com o entusiasmo de pesquisadores acadêmicos que eles reconstituíam a evolução do amor que os unia, desde seus primórdios (verão de 1884) e as etapas iniciais de revelações, tentando resolver as discrepâncias inexplicáveis nas cronografias cheias de lacunas. Ada só guardara umas poucas páginas do diário, dedicadas sobretudo a assuntos botânicos e entomológicos, porque, ao relê-las, o tom das anotações havia parecido falso e tolo. Ele destruíra o seu por completo devido ao estilo ginasiânico e canhestro, a que se somava um cinismo inconsequente e mentiroso. Assim, tinham de depender da tradição oral, da correção mútua de memórias comuns. “E você se lembra, *a ti pômnich, et te souviens-tu*” (sempre com aquela *codetta* do “e” anunciando o tema principal da fuga, a pérola que seria enfiada no colar incompleto das recordações) — com essas frases se abria grande parte de seus intensos diálogos. Debatiam as datas, reviam e rearranjavam sequências de fatos, comparavam notas sentimentais, analisavam apaixonadamente hesitações e tomadas de decisão. Se as reminiscências de um ou outro por vezes não eram idênticas, isso com frequência se devia mais às diferenças de sexo do que a seus temperamentos individuais. Ambos se divertiam com as trapalhadas juvenis que a vida lhes impusera, ambos se entristeciam com a sabedoria do tempo. Ada tendia a ver esses primeiros estágios como um crescimento muito gradual e difuso, talvez anormal, provavelmente único, mas totalmente delicioso no desdobramento ininterrupto que evitou qualquer impulso aviltante ou qualquer travo de vergonha. A memória de Van não podia deixar de dar destaque a certos episódios marcados para sempre por sensações físicas abruptas e pungentes, às vezes até mesmo lamentáveis. Ada tinha a impressão de que os prazeres insaciáveis que viera a conhecer, sem os haver antecipado ou convocado, só tinham sido sentidos por Van quando ela também os havia sentido, isto é, após semanas de carícias cumulativas: em realidade, pudicamente identificara suas primeiras reações fisiológicas

às carícias de Van com certas práticas infantis a que ela antes havia se entregado e que pouco tinham a ver com a glória e o sabor da felicidade individual. Ele, em contrapartida, não somente era capaz de listar todos os espasmos informais que escondera dela até se tornarem amantes, mas ainda acentuava as distinções filosóficas e morais entre a força devastadora da masturbação e a doçura irresistível do amor declarado e compartilhado.

Quando nos lembramos do que fomos, sempre vemos aquela pequena figura e sua longa sombra, tal qual um visitante atrasado e inseguro parado na soleira iluminada, ao fundo de um corredor que vai se estreitando por força de uma impecável perspectiva. Ada lá se via como uma criança desamparada, os olhos estupefatos, nas mãos um buquê semidesfeito. Van, como um jovem e indecente sátiro, com cascos desajeitados e uma flauta ambígua. “Mas eu só tinha doze anos”, Ada protestava quando algum pormenor indelicado vinha a lume. “Eu já caminhava para os quinze”, dizia Van com tristeza.

E a senhorita se lembra, ele perguntou, tirando metaforicamente do bolso algumas anotações, da primeira vez em que se deu conta de que o jovem e tímido “primo” (parentesco oficial) estava fisicamente excitado na sua presença, embora decentemente coberto por várias camadas de algodão e de lã e sem nenhum contato com ela?

Não, francamente não — em realidade, não podia —, porque, aos onze anos, apesar de haver tentado inúmeras vezes abrir com todas as chaves da casa o armário em que Walter Daniel Veen guardava suas “gravuras erot. Jap. e Ind.”, como dizia a etiqueta perfeitamente visível através da porta de vidro, até então ela tinha uma noção muito nebulosa de como os seres humanos se reproduziam. (A chave foi achada por Van num piscar de olhos, presa à parte de trás do frontão do armário.) Sem dúvida, era muito observadora e tinha examinado com atenção diversos insetos *in copula*, porém, naquela época, em raríssimas ocasiões se deparara com certas características dos mamíferos machos e nunca imaginara que pudessem ter uma função sexual (em 1883, por exemplo, na primeira escola que havia frequentado, vira o bico bege e de aspecto macio do filho do servente negro, o qual às vezes urinava no banheiro das meninas).

Dois outros fenômenos, observados ainda antes, induziram-na a erros ridículos. Ada devia ter uns nove anos quando um senhor idoso, pintor eminente que ela não podia nem queria identificar, foi jantar várias vezes na Mansão de Ardis. Sua professora de desenho, *Miss Wintergreen*, o admirava muito, embora, na verdade, as *natures mortes* que ela pintava eram consideradas (em 1888 e até mesmo em 1958) incomparavelmente superiores às obras do patife famoso, cujos nus diminutos eram sempre vistos pelas costas — ninfetas com nádegas de pêssego se esticando para colher figos, ou escoteiras alpinistas vestindo shorts apertadíssimos...

“Sei exatamente”, interrompeu Van com raiva, “de quem você está falando. E gostaria de deixar registrado que, se seu delicioso talento não está mais em moda, Paul J. Gignent tinha todo o direito de pintar meninas de maiô ou em uniformes escolares de qualquer ângulo que lhe apetecesse. Pode continuar.”

Sempre (continuou Ada tranquilamente) que o Porquinho Pigmento fazia uma visita, ela se encolhia toda ao ouvi-lo subir a escadaria com passos pesados, soprando e bufando, cada vez mais perto como um espectro imemorial, procurando por ela, chamando por ela com uma vozinha lamurienta.

“Pobre coitado”, murmurou Van.

Seu método de contato, disse ela, “*puisqu’on aborde ce thème-là*, e certamente não estou fazendo *nenhuma* comparação ofensiva”, consistia em ajudá-la, com uma agitação maníaca, a atingir alguma coisa — qualquer coisa, um presentinho que ele houvesse trazido, bombons ou simplesmente uma velha boneca apanhada no chão do quarto de brinquedos e posta num lugar alto, ou uma vela cor-de-rosa na árvore de Natal cuja chama azul ela devia apagar soprando — e, apesar dos débeis protestos da menina, ele a levantava pelos cotovelos, sem a menor pressa, empurrando de leve, grunhindo, dizendo: Ah, como ela é pesada, como ela é bonita... Essas manobras continuavam até que soasse o gongo para o jantar ou a governanta entrasse com um copo de suco de frutas. E que alívio era, para todos os interessados, quando, no curso daquela ascensão fraudulenta, a pequena traseira de Ada *por fim* fazia contato com a neve crepitante do peitilho de sua camisa, e ele a depositava de volta no chão, abotoando o smoking. E ela se lembrava...

“Que exagero mais ridículo”, comentou Van. “Além de recolorido artificialmente à luz de acontecimentos posteriores revelados ainda mais tarde.”

E ela se lembrava de como tinha ficado ruborizada quando alguém disse que o pobre Porquinho tinha uma mente muito doentia e “um endurecimento da artéria” ou coisa parecida; mas ela também sabia, já então, que a artéria podia se tornar muito comprida por haver visto Drongo, um cavalo preto, com um ar descoroçoado e perplexo devido ao que estava acontecendo com ele no meio do campo, sob os olhares de todas as margaridas. Segundo disse em tom ingênuo (sabe-se lá com que grau de honestidade), Ada pensou que aquela perna de borracha preta saindo da barriga do animal pertencia a um potrinho recém-nascido, pois desconhecia o fato de que Drongo não era uma égua e não tinha uma bolsa igual à do canguru, cuja gravura ela tanto adorava. Mas nesse momento a preceptora inglesa explicou que Drongo era um cavalo muito doente e tudo ficou explicado.

“Muito bem”, disse Van, “isso é sem dúvida fascinante, mas eu estava pensando na primeira vez em que você pode ter suspeitado de que eu



era também um porco ou um cavalo doente. Estou me lembrando da mesa redonda num círculo de luz rosada, você ajoelhada sobre uma poltrona ao meu lado. Eu estava encarapitado no braço cada vez mais palpitante da poltrona, e você construía um castelo de cartas. Cada movimento teu era ampliado como num transe, com a lentidão de um sonho porém tremendamente precavido, e eu me inebriava com o cheiro de menina que vinha do teu braço nu e dos teus cabelos, agora assassinado por algum perfume da moda. Acho que isso aconteceu por volta de 10 de junho, numa tarde chuvosa menos de uma semana depois que cheguei a Ardis.”

“Lembro das cartas”, ela disse, “e da luz, do barulho da chuva, do teu pulôver de caxemira azul, mas de mais nada, nada de estranho ou indecente, *isso* veio depois. Aliás, só nas histórias de amor francesas é que *les messieurs hument* as moças.”

“É, mas foi o que eu fiz enquanto você seguia com teu trabalho delicado. Magia tátil. Paciência infinita. As pontas dos dedos à espreita da gravidade. Unhas devoradas vergonhosamente, minha querida. Esqueça essas anotações, não consigo realmente exprimir o desconforto do desejo maciço e pegajoso. Para dizer a verdade, o que eu esperava é que, quando o castelo caísse, você ia fazer um grande gesto de desistência, à moda russa, e sentaria em cima da minha mão.”

“Não era um castelo. Era uma vila de Pompeia com mosaicos e pinturas nas paredes internas, porque eu só estava usando as cartas com figuras dos velhos baralhos do Vovô. E eu sentei na tua mão quente e dura?”

“Sentou na minha palma, querida. Uma prega de paraíso. Você ficou parada por um instante, grudada na minha mão aberta. Depois se aprumou e voltou a ficar de joelhos.”

“Para recolher bem depressa as cartas reluzentes e começar a reconstruir, bem devagarzinho, não é? Nós éramos horrorosamente depravados, não éramos?”

“Todas as crianças inteligentes são depravadas. Vejo que você se lembra...”

“Não desse dia em especial, mas na macieira, e quando você beijou meu pescoço, *et tout le reste*. E então... *zdrásvstvuitie: apofeóz*, a Noite do Celeiro em Chamas!”

Uma espécie de charada antiga (*Les Sophismes de Sophie*, de Mlle. Stoptchin, na série da *Bibliothèque Vieux Rose*): o Celeiro em Chamas e o Sótão, qual foi o primeiro? Ah, o Celeiro em Chamas! Já éramos priminhos que se beijavam havia muito tempo quando o incêndio começou. Na verdade, eu já vinha encomendando de Ladore o creme Château Baignet para aplicar nos meus pobres lábios ressequidos. Mas quando é que fomos acordados em nossos quartos pelos gritos dados por ela de *Au feu!*? 28 de julho? 4 de agosto?

Quem gritou? Stoptchin? Larivière? Foi Larivière quem gritou? Responda! Quem gritou que o celeiro *flambait*?

Não, Larivière dormia a fogo solto — quer dizer, a sono solto. Eu sei, disse Van, foi aquela empregada que vivia toda pintada, que usava tuas aquarelas para retocar os olhos, se é que se pode acreditar na Larivière, que dizia as últimas dela e da Blanche.

Ah, claro! Mas não foi a pobre French, criada de Marina. Quem gritou foi nossa gansa Blanche. Ela saiu correndo pelo corredor e perdeu o chinelo com borda de pele de esquilo na escadaria, como a Cinderela.

“E você se lembra, Van, como fazia calor naquela noite?”

“*leschiô bi!* (Como se não lembrasse!) Naquela noite, por causa dos relâmpagos...”

Naquela noite, por causa do irritante relampejar longínquo que transpassava os corações negros do dossel de sua cama, Van abandonara os dois tulipeiros e fora dormir no quarto. O tumulto na casa e o grito da empregada interromperam um sonho raro, brilhante e dramático, de cujo tema ele não conseguiu se recordar mais tarde, embora o guardasse ainda numa caixa de joias que havia acabado de salvar. Como de costume, dormia nu, e por um momento hesitou entre enfiar os shorts ou se cobrir com o roupão axadrezado. Escolheu o segundo, sacudiu uma caixa de fósforos, acendeu a vela que ficava na mesinha de cabeceira e disparou para fora do quarto, pronto a socorrer Ada e todas as suas larvas. O corredor estava às escuras, de algum lugar vinham os latidos irreprimíveis do dachshund. Pelos gritos que se afastavam Van concluiu que estava pegando fogo o chamado “celeiro

baronial”, uma enorme construção admirada por todos situada a uns cinco quilômetros de distância. Cinquenta vacas teriam ficado sem feno e Larivière sem creme para o café do meio-dia caso isso tivesse ocorrido algumas semanas mais tarde. Van sentiu-se desprezado. Todos tinham ido embora e me deixado para trás, tal como resmungava o velho empregado na última cena do *Pomar das cerejeiras* (Marina seria passável no papel de Mme. Ranevski).

Envolto no roupão, acompanhou sua sombra ao descer a escada em caracol que levava à biblioteca. Pousando um joelho nu sobre o sofá felpudo que ficava embaixo da janela, abriu as pesadas cortinas vermelhas.

Tio Dan, um charuto preso entre os dentes, e Marina, a cabeça coberta com um lenço e agarrada a seu Dack (que caçoava dos cães de guarda), estavam se acomodando, entre braços erguidos e lanternas balançantes, na baratinha — vermelha como um carro de bombeiro —, que foi ultrapassada já na primeira curva de cascalho triturado por três lacaios ingleses a cavalo levando criadas francesas *en croupe*. Os empregados domésticos pareciam ter partido em massa para apreciar o incêndio (espetáculo raro em nossa região úmida e de pouco vento), valendo-se de todos os meios de transporte disponíveis ou imagináveis: carroças, teleassentos, botes com rodas, bicicletas de dois lugares e até os carrinhos de bagagem automáticos com que o chefe da estação de trens supria a família em memória de seu inventor, Erasmus Veen. Apenas a preceptora (como Ada, e não Van, já descobrira) continuava a dormir em meio à barulheira, roncando com uma combinação de assovios e grunhidos, no quarto adjacente à antiga *nursery*, onde a pequena Lucette ficou acordada por um minuto antes de correr atrás de seu sonho e pular para dentro do último caminhão de mudança.

Van, ajoelhado diante da larga janela, acompanhou o olho inflamado do charuto enquanto ele se afastava e por fim desaparecia. Essa partida coletiva... Agora você assume.

Aquela partida coletiva realmente revelou-se um espetáculo maravilhoso contra o firmamento pálido e cravejado de estrelas de uma Ardis quase subtropical, tingido ao fundo, em meio às árvores negras, pelo distante clarão rosa-flamingo no local onde o celeiro ardia. Para chegar lá era preciso circundar um grande reservatório, que se fragmentava em escamas de luz toda vez que um destemido cavaliariço ou aprendiz de cozinheiro o atravessava utilizando esquis aquáticos, uma canoa ou uma balsa — aliás, as ondulações provocadas por uma balsa em geral se parecem com os movimentos coleantes dos dragões japoneses. Com olhos de artista, podia-se agora seguir os faróis do automóvel, dianteiros e traseiros, avançando rumo ao leste ao longo do lado AB do reservatório retangular, fazendo uma curva de noventa graus ao atingir o ângulo B, subindo o lado mais curto e voltando devagar na direção oeste, já quase sem brilho, pouco nítidos, até chegar a um

ponto médio da margem oposta e infletir para o norte, por fim desaparecendo.

Dois retardatários, o cozinheiro e o vigia da noite, atravessavam correndo o gramado e se aproximavam de um cabriolé sem cavalo que acenava para eles com seus varais eretos (ou seria um jinriquixá? Tio Dan em certa época contratara um *valet* japonês). Enquanto os olhava, Van percebeu com prazer e surpresa, em meio aos arbustos negros como carvão, o vulto de Ada na sua comprida camisola de dormir, trazendo numa das mãos uma vela acesa e na outra um chinelo, como se estivesse seguindo às escondidas os dois ignícolos retardatários. Mas era apenas seu reflexo na vidraça. Ada deixou cair numa cesta de papéis o chinelo que achara no chão e veio se juntar a Van no sofá.

“Dá para ver alguma coisa, hem, dá para ver?”, ficou perguntando a excitada menina de cabelos pretos, e uma centena de celeiros chamejavam nos seus olhos cor de âmbar escuro enquanto ela tentava desvendar os mistérios da noite. Van tomou de suas mãos o castiçal, colocando-o no peitoril da janela junto ao seu, cuja vela era mais longa. “Você está nu, que coisa mais indecente”, Ada observou sem olhar para ele e sem nenhuma ênfase ou reprovação, fazendo com que Ramsés, o Escocês, reajustasse o roupão enquanto ela se ajoelhava a seu lado. Por alguns instantes ficaram contemplando a romântica cena noturna emoldurada pela janela. Com um leve tremor, olhando fixo para a frente, ele começara a acariciá-la, seguindo com mão de cego, por cima da fina cambraia, a curvatura de sua espinha.

“Olhe, ciganos”, ela sussurrou, apontando para três figuras pouco nítidas — dois homens, um dos quais carregando uma escada, e uma criança ou anão — que cruzavam sorrateiramente o gramado cinzento. Afastaram-se ao verem a janela iluminada pelas velas, o menor dos três caminhando *à reculons*, como se estivesse tirando fotografias.

“Fiquei em casa de propósito, porque tinha a esperança de que você também fosse ficar — foi uma coincidência forçada”, disse ela, ou imaginou mais tarde que o houvesse dito, enquanto ele continuava a acariciar seus longos cabelos, massageando e amarrotando a camisola, sem ousar ainda mergulhar por baixo dela e galgar seu corpo, mas ousando, isto sim, moldar-lhe as pequenas nádegas até que, com um leve silvo, o castelo de cartas em chamas desabou e ela se sentou sobre os calcanhares e a mão dele. Voltou-se na direção de Van e, no momento seguinte, ele estava beijando seu ombro nu, apertando-se contra ela como aquele soldado na fila.

“Primeira vez que ouço falar nele. Pensei que o velho sr. Ninfobundamus tivesse sido meu único predecessor.”

Primavera passada. Visita à cidade. Matinê no teatro francês. Mademoiselle havia perdido os bilhetes. Vai ver o pobre coitado pensou que “Tartuffe” era o nome de uma dessas marafonas ou mulheres que fazem striptease.

*Ce qui n'est pas si bête, au fond.* O que, afinal de contas, não é tão idiota. Está bem. Naquela cena do Celeiro em Chamas...

Como?

Nada. Continue.

Ah, Van, naquela noite, enquanto estávamos ajoelhados lado a lado à luz das velas como “Crianças rezando” num quadro de muito mau gosto, mostrando dois pares de solas dos pés de animais originalmente arbóreos — não para a Vovó que recebe os cartões de Natal, mas para a Serpente surpresa e encantada —, lembro que estava morrendo de vontade de te pedir uma pequena informação científica, porque os olhares que eu lançava na direção...

Agora não, não está bonito de se ver agora e vai ficar pior daqui a pouco (ou outras palavras com o mesmo sentido).

Van não conseguia decidir se ela era verdadeiramente ignorante de todo e tão pura quanto o céu estrelado (já desprovido do clarão rosado), ou se, muito experiente, preferia se fazer de boba. Mas não tinha a menor importância.

Espera, agora não, ele respondeu num murmúrio abafado.

Ela insistiu: quero saber, quero saber...

Ele acariciou e repartiu com seus lábios carnudos, realmente *très charnues* no caso de nossos apaixonados irmãozinhos, a cabeleira negra, lisa e sedosa (que chegava à altura dos rins quando ela, como agora, jogava a cabeça para trás), tentando alcançar o esplênio ainda quente pelo contato com a cama. (Não é necessário, aqui ou em qualquer outra passagem — já houve outra semelhante —, macular um estilo relativamente puro com o emprego de termos vagamente anatômicos que um psiquiatra recorda de seus anos como estudante de medicina. Anotação na caligrafia recente de Ada.)

“Quero saber”, ela repetiu, no instante em que Van atingiu com avidez seu branco e cálido objetivo.

“Quero te perguntar”, disse Ada com toda a clareza, mas também fora de si porque a mão brincalhona de Van já havia subido até a axila e seu polegar, tocando num delicado mamilo, fazia com que o céu da boca dela formigasse: aquilo que, nos romances da era georgiana, se dizia “tocar a campainha para chamar a criada” — coisa inconcebível sem a presença da *elettricità*...

(Protesto. Você não pode. Está proibido até mesmo em lituano ou latim. Anotação de Ada.)

“... te perguntar...”

“Pergunte”, exclamou Van, “mas veja lá se não vai estragar tudo” (tal como impedir que eu me alimente de você, me esfregue em você).

“Bom, por que”, ela perguntou (demandou, exigiu, enquanto uma chama crepitou e uma almofada caiu do sofá), “por que você fica tão grande e tão duro ali quando...”

“Fico onde? Quando eu o quê?”

A fim de explicar, com tato e usando o tato, embora ainda mais ou menos ajoelhada ela esfregou o ventre contra o corpo de Van, os longos cabelos caindo entre os dois, um dos olhos fixado na orelha dele (a essa altura, as posições recíprocas tinham se embaralhado bastante).

“Repita!”, ele falou em voz alta, como se ela estivesse muito longe, mero reflexo numa janela escura.

“Então me mostre agora mesmo”, disse Ada com firmeza.

Ele se livrou do saiote escocês improvisado, e o tom de voz dela mudou de imediato.

“Ah, meu Deus”, disse ela, como uma criança falando com outra criança. “Está todo ralado, em carne viva. Está doendo? Dói muito?”

“Pega nele, depressa”, ele implorou.

“Van, coitadinho”, ela continuou na voz doce que usava ao falar com gatos, lagartas, pupas e filhotes de cachorro, “deve mesmo arder um bocado, tem certeza de que vai melhorar se eu pegar?”

“Certeza”, disse Van, “*on n’est pas bête à ce point*” (“ninguém pode ser tão burro assim”, coloquial e grosseiro).

“Mapa de relevo”, disse a menina melindrosa, “os rios da África.” O indicador traçou o Nilo Azul até as florestas em que nascia, viajando de volta logo depois. “E o que é isso? O chapéu do Boletão Vermelho não é nem de perto tão aveludado. Na verdade” (em tom da mais pura conversa fiada), “me lembra uma flor de gerânio ou, melhor ainda, de pelargônio.”

“Veja só, quem diria”, disse Van.

“Ah, eu gosto desta textura, Van, gosto mesmo! É ótima.”

“Aperte, sua boboca, não está vendo que eu não aguento mais?”

Mas nossa jovem botânica não tinha a menor ideia de como manipular a coisa de forma correta — e Van, já agora *in extremis*, empurrando-o rudemente contra a bainha da camisola, não pôde evitar um gemido ao dissolver-se numa poça de prazer.

Ela olhou atônita para aquilo.

“Não é o que você está pensando”, observou Van com toda a calma. “Isso *não* é o número um. Para dizer a verdade, é tão limpo quanto a seiva de um capim. Bem, agora a questão do Nilo está resolvida, como disse no telegrama aquele explorador inglês, Speke.”

(Van, não entendo *por que* você está fazendo tudo para transformar nosso passado poético e extraordinário numa farsa imunda. Realmente, Van! Ah, mas *estou sendo* honesto, foi assim que aconteceu. Eu não conhecia o terreno em que estava pisando, daí esse jeito petulante e afetado. Ah, *parlez pour vous*: eu, querido, posso jurar que essas famosas excursões de dedos em tua África e nos confins do mundo só aconteceram muito depois, quando já conhecia o itinerário de cor. Desculpe, não é verdade — se as pessoas tivessem as mesmas memórias não seriam pessoas diferentes. Foi assim que as coisas se

passaram. Mas não somos “diferentes”! Uma única palavra em francês significa pensar e sonhar. Pensa na *douceur*, Van! Ah, claro que penso nela, eu... foi tudo *douceur*, minha querida, minha rima. Assim é melhor, disse Ada.)

Por favor, assuma.

Van esticou-se, nu, sob a luz agora imóvel das velas.

“Vamos dormir aqui”, disse. “Eles não vão voltar antes que a aurora reacenda o charuto do tio Dan.”

“Minha camisola está *trempée*”, ela sussurrou.

“Tire, cabem dois nesse meu roupão.”

“Não olhe, Van.”

“Isso não vale!”, disse ele, ajudando-a a puxar a camisola pela cabeça, enquanto ela sacudia os cabelos. Havia apenas uma sombra de carvão no ponto de mistério do seu corpo branco como giz. Um furúnculo dos grandes havia deixado uma cicatriz rosada entre duas costelas. Ele beijou a cicatriz e se deitou com as mãos cruzadas sob a nuca. Debruçada sobre o corpo queimado de sol de Van, ela estava inspecionando a caravana de formigas que se dirigia ao oásis do umbigo; para um rapaz de sua idade, Van era bem dotado de pelos. Os seios jovens e redondos de Ada estavam pouco acima do rosto dele. Como médico e como artista, condeno o uso vulgar do cigarro pós-coital. É verdade, entretanto, que Van não conseguiu afastar da cabeça o fato de que havia uma cigareira de cristal cheia de *Traumatis turcos* sobre uma mesinha longe demais para ser alcançada esticando um braço indolente. O relógio de pêndulo soou um quarto de hora anônimo, enquanto Ada, com o rosto apoiado na mão, observava os primeiros movimentos (impressionantes mas estranhamente morosos), o lançamento sistemático para a direita e, por fim, o poderoso impulso ascensional de uma retomada viril.

Mas a cobertura felpuda do sofá causava tantas cócegas quanto o céu salpicado de estrelas. Antes que acontecesse algo de novo, Ada já estava de quatro rearrumando o roupão xadrez e as almofadas. Indiazinha imitando um coelho. Ele tateou com a mão e empalmou por trás a pequena fenda quente e úmida. Num salto frenético, Van tomou a posição de quem constrói um castelo de areia, mas ela se virou de frente para ele, ingenuamente pronta a abraçá-lo da maneira pela qual Julieta foi instruída a receber seu Romeu. Fez bem. Pela primeira vez desde que começaram a se amar, a dádiva divina e o gênio do lirismo iluminaram o rude moço, ele murmurou e gemeu, beijando-lhe a face com uma ternura volúvel, pronunciando em três línguas — as três maiores do mundo — palavras de afago que mais tarde foram compiladas num dicionário de diminutivos secretos várias vezes revisado até sua edição definitiva em 1967. Quando falava muito alto, ela o fazia calar colando a boca na dele, e logo os quatro membros de Ada o dominaram sem pejo, como se ela de há muito fizesse amor em

todos os nossos sonhos. Porém a impaciência da paixão juvenil (quase transbordando como a banheira de Van, um velho e maníaco artesão de palavras que revê essas anotações sentado na beira de uma cama de hotel) não sobreviveu às primeiras arremetidas feitas às cegas: rompeu-se na borda da orquídea, e um azulão emitiu um trinado de advertência, e as luzes estavam voltando agora no áspero alvorecer, qual vagalumes as lanternas longínquas marcaram o contorno do reservatório, os faróis das carruagens se transformaram em estrelas, o cascalho rangeu sob as rodas, todos os cães regressaram felizes com as aventuras noturnas. Blanche, a sobrinha do cozinheiro, saltou de um carro de polícia cor de abóbora calçando apenas as meias (infelizmente, bem, bem depois da meia-noite) — e as duas crianças nuas, agarrando roupão, camisola e castiçais, deram um tapinha de adeus no sofá e subiram descalças para seus quartos inocentes.

“E você se lembra”, disse o Van de bigode grisalho apanhando um cigarro Cannabina na mesinha de cabeceira e sacudindo uma caixa de fósforos azul e amarela, “como fomos imprudentes, e como Larivière parou de roncar, mas um instante depois voltou a sacudir a casa, e como estavam frios os degraus de ferro da escada em caracol, e como eu fiquei desconcertado por causa da tua... como devo dizer... falta de... constrangimento.”

“Idiota”, disse Ada, que estava virada para a parede e nem mexeu a cabeça.

Verão de 1960? Hotel lotado em algum lugar entre Ex e Ardez?

Eu devia começar a datar todas as páginas do manuscrito. Em homenagem a meus sonhadores desconhecidos.



Na manhã seguinte, o nariz ainda enfiado na caixa de sonhos de um macio travesseiro trazido à cama austera pela doce Blanche (com quem, segundo as regras dos jogos de salão do sono, ele estivera de mãos dadas num torturante pesadelo — ou talvez fosse apenas seu perfume barato), o rapaz de imediato se deu conta de que a felicidade batia à sua porta. Esforçou-se deliberadamente para manter incógnita a visitante por mais tempo, deleitando-se com os últimos vestígios de jasmim e lágrimas num sonho bem boboca. Mas, de um salto, o tigre da felicidade forçou sua presença.

A alegria da liberdade recém-adquirida! Um toque dessa alegria parece ter penetrado em seu sono, pois, na última parte do sonho, ele disse a Blanche que aprendera a levitar e que sua capacidade de manter-se no ar com mágica facilidade lhe permitiria bater todos os recordes de salto em distância, flutuando uns poucos centímetros acima do chão ao longo de dez a doze metros (mais do que isso levantaria suspeitas), enquanto a arquibancada ia à loucura, e Zambovski, de Zâmbia, as mãos nos quadris, o observava com um misto de consternação e descrença.

A ternura arredonda o verdadeiro triunfo, a gentileza lubrifica a libertação genuína: essas emoções não se identificam com a glória ou a paixão nos sonhos. Metade da fantástica alegria que Van sentiria dali em diante (para sempre, ele esperava) devia sua força à certeza de que agora podia regalar Ada, abertamente e sem pressa, com todo o carinho juvenil que a vergonha social, o egoísmo machista e a apreensão moral até então o tinham impedido de considerar factível.

Nos fins de semana, as três refeições do dia eram anunciadas por três gongos — um pequeno, um médio e um grande. O primeiro chamava agora para o café da manhã na sala de jantar. Suas vibrações suscitavam o pensamento de que, ao final de vinte e seis passos, ele reencontraria sua jovem cúmplice, cujo delicado odor de almíscar estava ainda preservado na palma da mão — afetando Van com uma espécie de pasmo radioso: será que aquilo aconteceu *mesmo*? Estamos realmente *livres*? Certos pássaros engaiolados, dizem os

amadores chineses com uma risadinha de obeso, toda santa manhã atiram-se contra as grades (e ficam inconscientes durante alguns minutos), numa arremetida automática que executam tão pronto acordam e dá continuidade a seus sonhos, embora, no resto do dia, esses prisioneiros iridescentes sejam bastante dóceis, animados e tagarelas.

Van enfiou o pé sem meia numa alpargata enquanto pescava a outra, que escorregara para baixo da cama. Desceu correndo, acompanhado pelo olhar aparentemente benévolo do príncipe Zêmski e pela carranca de Vincent Veen, bispo de Balticomore e Como.

Mas ela não tinha descido ainda. Na sala banhada de luz, cheia de flores amarelas que caíam em cachos como gotas de sol, tio Dan se alimentava. Usava roupas próprias para um dia inevitavelmente quente no campo — a saber, um terno de listras coloridas sobre uma camisa de flanela malva e um colete de piquê branco, com uma gravata azul e vermelha e um colarinho mole, bem alto, fechado com um alfinete de segurança de ouro (embora, porque era domingo, todas aquelas listras e cores tão catitas tivessem sofrido um ligeiro deslocamento no processo de impressão da história em quadrinhos). Tendo acabado de comer sua primeira torrada com manteiga e um toque de geleia de laranja, ele estava fazendo sonoros glu-glus ao enxaguar a dentadura com um bom gole de café antes de o engolir juntamente com os saborosos fragmentos recolhidos no caminho. Considerando-me com boas razões um sujeito resoluto, eu era capaz de olhar de frente o rosto rosado de meu tio com seu bigodinho vermelho em plena rotação, mas não me sentia obrigado (assim refletiu Van em 1922 ao rever aquelas flores amarelas) a aturar seu perfil sem queixo e de costeletas ruivas encaracoladas. Por isso, Van se dedicou a examinar, não sem apetite, as jarras azuis contendo chocolate quente e as tiras de pão preparadas para as crianças famintas. Marina fazia seu desjejum na cama, o mordomo e Price comiam num nicho da despensa (coisa bem agradável, sabe-se lá por quê) e *Mlle. Larivière* não tocava em nenhum alimento antes do meio-dia, fazendo disso uma verdadeira religião para a qual atraía até mesmo seu confessor.

“Meu tio, o senhor bem que poderia ter nos levado para ver o incêndio”, disse Van servindo-se de uma xícara de chocolate.

“Ada vai lhe contar tudo que aconteceu”, respondeu tio Dan, besuntando com todo o carinho outra torrada com manteiga e geleia. “Ela adorou a excursão.”

“Ah, ela foi com vocês?”

“Foi, no charabã preto, com todos os mordomos. Muito divertido.”

“Mas deve ter sido uma das empregadas da cozinha, não a Ada”, disse Van. “Aliás, não sabia que tínhamos muitos aqui... quer dizer, muitos mordomos.”

“Ah, acho que sim”, respondeu tio Dan sem muita convicção. Repetiu o processo de higiene bucal e, com uma leve tosse, pôs os óculos; porém, como o jornal da manhã ainda não havia chegado, tirou-os de novo.

De repente, Van ouviu a voz grave e adorável de Ada na escadaria, falando para cima: “*Je l’ai vu dans une des corbeilles de la bibliothèque*” — presumivelmente se referindo a algum gerânio, alguma violeta ou orquídea-sapatinho. Houve uma “pausa de corrimão”, como a chamam os fotógrafos, e, depois que da biblioteca veio o grito distante de alegria da empregada, a voz de Ada acrescentou: “*Je me demande qui l’a mis là*”. *Aussitôt après*, entrou na sala de jantar.

Estava usando — embora não houvesse combinado nada com ele — shorts pretos, camiseta branca e alpargatas. O cabelo havia sido puxado para trás numa grossa trança, deixando bem à vista a testa larga e arredondada. Sob o lábio inferior, a glicerina que encobria uma irritação cor-de-rosa reluzia através do pó de arroz aplicado de forma descuidada. Ela era pálida demais para ser realmente bonita. Trazia um livro de poesias. Marina costumava dizer que sua filha mais velha não era nenhuma beleza porém tinha belos cabelos, enquanto a mais nova era bonita mas seus cabelos eram tão vermelhos como o pelo de uma raposa. Idade ingrata, luz ingrata, artista ingrato, mas jamais um amante ingrato. Uma verdadeira onda de adoração cresceu na boca do estômago de Van e o levou ao paraíso. A emoção de vê-la, sabendo que ela sabia e sabendo que ninguém mais sabia o que eles haviam feito tão livremente, tão indecentemente, tão deliciosamente menos de seis horas antes, comprovou ser algo forte demais para nosso aprendiz de amante, malgrado sua tentativa de banalizar o evento com o corretivo moralizador de um advérbio infamante. Balbuciando um chocho “alô”, que não costumava usar para saudá-la pela manhã (e que Ada simplesmente ignorou), Van se debruçou sobre o café da manhã enquanto acompanhava cada movimento dela com um secreto olho polifêmico. Ao passar por trás do sr. Veen, Ada tocou de leve com o livro na careca dele e puxou ruidosamente a cadeira que ficava em frente à de Van. Piscando os olhos de modo afetado, como se fosse uma boneca, serviu-se de uma grande xícara de chocolate. Embora o chocolate já viesse para a mesa muito doce, colocou um cubo de açúcar na colher e depositou-o com cuidado na xícara, observando com prazer como o líquido quente e marrom invadiu e dissolveu um canto do bloquinho cristalino, consumindo-o depois por inteiro.

Enquanto isso, tio Dan, reagindo em câmera lenta, afastou um inseto imaginário de sua cabeça luzidia, olhou para cima, olhou ao redor, e por fim se deu conta de quem chegara.

“Ah, sim, Ada”, disse ele, “Van está ansioso para saber uma coisa. O que você andava fazendo, minha querida, enquanto eu e ele cuidávamos do incêndio?”

Os reflexos das chamas tomaram de assalto o rosto de Ada. Van jamais tinha visto uma menina (com a pele tão branca e translúcida quanto a dela), ou mesmo qualquer outra pessoa de tez de pêssego ou porcelana, corar com tanta frequência e tão violentamente. Aqueles rubores o incomodavam por parecerem mais inconvenientes do que qualquer ato capaz de produzi-los. Ela deu uma olhada um tanto idiota na direção do rapaz sombrio e começou a dizer algo para explicar que estava dormindo a fogo solto em seu quarto.

“Coisa nenhuma”, interrompeu Van rudemente, “você estava comigo olhando o incêndio da janela da biblioteca. Tio Dan está por fora.”

“Olhe essa linguagem”, disse Dan, abrindo os braços num gesto paterno de boas-vindas para acolher a inocente Lucette, que acabara de entrar saltitante na sala carregando na mãozinha, como se fosse uma auriflama, uma rede de caçar borboletas para crianças, de tecido rosado e rígido.

Van encarou Ada e balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Ela lhe mostrou a pétala pontuda de sua língua e, com um choque de indignação, ele sentiu que também se ruborizava. Não se tratava de um privilégio dela. Van enfiou o guardanapo no anel e se retirou para o *miéstietchko* (“lugarzinho”) na lateral do grande saguão.

Depois que ela terminou de comer, ainda lambuzada de manteiga, Van a abordou na subida da escada. Tinham um minuto para planejar tudo; afinal, do ponto de vista histórico, estávamos no alvorecer de um romance que ainda definhava nas mãos de senhoritas pudicas e de acadêmicos franceses, razão pela qual tais momentos eram preciosos. Ada, com a perna semierguída, coçava o joelho. Concordaram em dar uma caminhada antes do almoço e encontrar um lugar isolado. Ela tinha de terminar uma tradução para *Mlle. Larivière*. Mostrou-lhe o rascunho. François Coppée? Sim.

<i>Their fall is gentle. The woodchopper</i>	[Elas caem devagar. O lenhador
<i>Can tell, before they reach the mud,</i>	Identifica, antes que atinjam a lama,
<i>The oak tree by its leaf of copper,</i>	O carvalho por sua folha acobreada,
<i>The maple by its leaf of blood.</i>	O bordo pela folha cor de sangue.]

“*Leur chute est lente*”, disse Van, “*on peut les suivre du regard en reconnaissant...* esse toque parafrástico de ‘*chopper*’ (lenhador) e ‘*mud*’ (lama) é, sem dúvida, típico do Lowden (poeta menor e tradutor, 1815-95). Trair a primeira parte da estrofe para salvar a segunda parece aquela história do nobre russo que atirou seu cocheiro aos lobos e depois caiu do trenó.”

“Eu acho que você é muito cruel e estúpido”, disse Ada. “Isso aqui não pretende ser uma obra de arte ou uma paródia brilhante. É o resgate exigido por uma governanta louca de uma pobre estudante

sobrecarregada de trabalhos. Espere por mim no Caramanchão das Flores Amarelas. Te encontro lá em sessenta e três minutos cravados.”

As mãos dela estavam frias, seu pescoço, quente; o menino do correio havia tocado a campainha; Bout, um jovem laçao, filho bastardo do mordomo, atravessou o saguão com sonoras passadas.

Nas manhãs de domingo o correio chegava tarde por causa dos grossos suplementos dominicais dos jornais de Balticomore, de Kaluga e de Luga que o velho carteiro, Robin Sherwood, envergando seu uniforme verde-limão, distribuía a cavalo pelas sonolentas residências campestres. Ao descer de dois em dois os degraus da varanda, assoviando o hino de sua escola (a única canção que jamais soube reproduzir), Van viu Robin montado no decrepito cavalo baio e segurando as rédeas do feroso garanhão preto de seu ajudante dominical, um bonito rapaz inglês que, segundo se comentava por trás dos roseirais, o velho amava com mais vigor do que o exigiam suas funções profissionais.

Van chegou ao terceiro gramado e ao caramanchão, examinando com todo o cuidado o cenário preparado para o espetáculo, “como um provinciano que chega uma hora antes para a ópera, após haver sacolejado o dia inteiro ao longo das estradas de terra em plena colheita enquanto as rodas de sua charrete vão se cobrindo de reluzentes papoulas e florzinhas azuis” (*Ursula*, de Floeberg).

Borboletas-azuis, quase do tamanho de borboletas-da-couve e também de origem europeia, vojavam rápidas em torno dos arbustos antes de aterrissar nos cachos pendentes de flores amarelas. Quarenta anos depois, em circunstâncias menos complexas, nossos amantes voltariam a ver, maravilhados de prazer, o mesmo inseto e o mesmo falso-sene num caminho de floresta perto de Susten, no Valais. Naquele momento, ele cuidava de colecionar as imagens de que se lembraria no futuro. Esparramado sobre a grama, Van seguia com os olhos as grandes e ousadas borboletas-azuis, incendiando-se com a visão imaginada das pálidas pernas de Ada sob a luz multicolor do caramanchão, para depois se dizer friamente que a realidade jamais chegaria perto de suas fantasias. Ao voltar de um mergulho no ribeirão largo e fundo que corria atrás do pequeno bosque, o cabelo ainda molhado e a pele formigando, foi-lhe dada a rara graça de ver reproduzida com perfeição a imagem prefigurada em mármore vivo, embora Ada tivesse soltado o cabelo e usasse agora o vestidinho curto de algodão amarelo do qual ele tanto gostava e que tão ardentemente desejara conspurcar pouco tempo atrás.

Van resolvera se dedicar de início às pernas dela, que, a seu juízo, não haviam sido suficientemente homenageadas na noite anterior. Queria cobri-las de beijos do A do arco dos pés ao V do veludo, o que foi feito tão logo eles penetraram suficientemente no bosque de lariços

que fechava o parque na encosta escarpada do morro rochoso situado entre Ardis e Ladore.

Nenhum dos dois era capaz de afirmar, olhando para trás — nem se esforçavam por fazê-lo —, como, quando e onde ele de fato a “deflorou”, um vulgarismo que a Ada no País das Maravilhas descobrira por acaso na *Enciclopédia Phrody*, onde deflorar era definido como “romper a membrana vaginal de uma virgem por meios viris ou mecânicos”, com o exemplo: “A doçura de sua alma foi deflorada (Jeremy Taylor)”. Teria sido na noite anterior, em cima do roupão axadrezado? Ou naquele dia, em meio aos lariços? Ou ainda mais tarde, na galeria de tiro, no sótão, no teto, numa varanda isolada, no banheiro ou (coisa pouco confortável) no Tapete Mágico? Não sabemos, e pouco se nos dá.

(Você beijou e mordiscou e roçou e remexeu e cutucou tanto e com tanta frequência ali que a minha virgindade se perdeu na confusão. Mas, meu querido, lembro-me sem a menor dúvida de que, no meio do verão, a máquina que nossos antepassados chamavam de “sexo” estava funcionando tão bem quanto mais tarde, em 1888 etc. Nota na margem em tinta vermelha.)

Ada não tinha livre acesso à biblioteca. Segundo o último catálogo (impresso em 1º de maio de 1884), havia lá 14841 itens, e *Mlle. Larivière* não gostava que a menina lesse nem mesmo essa árida enumeração — “*pour ne pas lui donner des idées*”. Nas suas próprias estantes, é claro, Ada mantinha obras de taxonomia botânica e entomologia, bem como os livros escolares e alguns inócuos romances populares. Todavia, não só estava proibida de circular desacompanhada pela biblioteca, mas todos os livros que apanhava para ler na cama ou no caramanchão eram controlados pela preceptora e registrados com a anotação “*en lecture*”, seu nome e data nas fichas mantidas em cuidadosa desordem por *Mlle. Larivière* e numa espécie de ordem desesperada (com a inserção de notas interrogativas, pedidos de socorro e até imprecações em pedaços de papel cor-de-rosa, vermelho ou roxo) por um primo dela, *M. Philippe Verger*. Verger era um solteirão miudinho, morbidamente silencioso e tímido, que a cada duas semanas se esgueirava para dentro da biblioteca a fim de trabalhar por algumas horas sem fazer um único som — a tal ponto que, certa tarde em que uma escada bem alta de repente começou a descrever em câmera lenta uma estranha trajetória para trás, com o infeliz lá em cima agarrado a um moinho de livros, ele chegou ao chão de costas, acompanhado da escada e dos livros, em tamanho silêncio que Ada, a quem cabia toda a culpa pelo tombo mas que imaginava estar a sós no recinto (retirando da estante e folheando o *Mil e uma noites* de todo decepcionante), confundiu sua queda com a sombra de uma porta aberta à socapa por algum eunuco balofo.

Sua intimidade com o *cher, trop cher René*, como ela às vezes chamava Van de brincadeira, modificou por inteiro as regras de leitura — malgrado as proibições ainda supostamente imperativas. Pouco após ter chegado a Ardis, Van advertiu sua ex-preceptora (a qual tinha boas razões para acreditar nessas ameaças) que, se fosse impedido de retirar quando bem quisesse, pelo tempo que quisesse e sem nenhum registro de “*en lecture*” qualquer volume, coletânea, brochura encadernada ou incunábulo que atraísse sua atenção, ele daria ordens

à senhorita Vertograd, a bibliotecária de seu pai (uma solteirona de todo servil e infinitamente complacente, com formato e, muito provavelmente, data de publicação similares às de *M. Verger*), para que enviasse a Ardis caixotes e mais caixotes de libertinos do século XVIII, sexólogos alemães e um estoque completo de Shastras e Nefsawis em tradução literal e com anexos apócrifos. *Mlle. Larivière*, atarantada, poderia ter consultado o Senhor de Ardis, mas ela deixara de discutir qualquer coisa séria com ele desde o dia (no mês de janeiro de 1876) em que Dan lhe passara uma cantada — de fato, cumpre admitir, sem grande entusiasmo. Quanto à querida e frívola Marina, ao ser consultada se limitou a declarar que, na idade de Van, teria envenenado sua preceptora com bórax para matar baratas se proibida, por exemplo, de ler a *Fumaça*, de Turguêniev. Depois disso, Van punha à disposição de Ada em diversos esconderijos seguros tudo o que ela desejava ler, ou poderia ter desejado ler. A única consequência visível das angústias e perplexidades do infeliz *M. Verger* era a multiplicação de curiosos depósitos brancos como a neve que ele deixava aqui e ali, sobre o tapete escuro, aonde quer que o levassem suas labutas — cruel castigo para um homenzinho tão asseado!

Alguns anos antes, numa simpática festa de Natal organizada pelo Clube Braille em Raduga para os bibliotecários particulares, a insistente *Miss Vertograd* obteve a ajuda de *M. Verger*, que não parava de soltar risadinhas nervosas, para abrirem juntos um daqueles canudos de papelão distribuídos aos convidados (o que foi feito sem nenhum resultado audível e até mesmo sem que os fiapos de papel dourado nas duas extremidades parissem algum bombom, berloque ou outro favor do destino). Mas, ao fazê-lo, notou que ambos compartilhavam uma espetacular doença de pele recentemente retratada por um famoso escritor norte-americano no livro *Chiron*, a qual também havia sido descrita em estilo histriônico por alguém que igualmente sofria da enfermidade e escrevia ensaios para um semanário londrino. Com grande tato, utilizando-se das fichas de biblioteca enviadas a Van, *Miss Vertograd* passou a oferecer ao colega francês (por sinal pouco receptivo) uma série de sugestões bem lacônicas: “Mercúrio!” ou “*Höhensonne* faz milagres”. *Mlle. Larivière*, igualmente a par da situação, consultou o verbete “Psoríase” numa enciclopédia médica de um único volume herdada de sua mãe, a qual não apenas havia ajudado a ela e a seus alunos a lidar com alguns probleminhas de saúde, mas que sugerira doenças apropriadas para os personagens de seus contos publicados pela revista *Québec Quarterly*. No caso atual, aconselhava-se o paciente, com grande otimismo, a “tomar um banho quente pelo menos duas vezes por mês e evitar comidas muito temperadas”, coisa que ela datilografou e remeteu ao primo dentro de um daqueles envelopes que trazem a inscrição “*Estimo suas melhoras*”. Por fim, Ada mostrou a Van uma carta do dr. Krolik sobre o mesmo



assunto, que dizia (em tradução): “Com manchas escarlates, escamas prateadas e crostas amarelas, os pobres e inofensivos sofredores de psoríase (que não podem contaminar ninguém e que, excetuada sua enfermidade dermatológica, costumam ter excelente saúde pois aquelas chagas os protegem de outros achaques) eram confundidos na Idade Média com leprosos — isso mesmo, leprosos —, razão pela qual milhares, senão milhões, de Vergers e Vertograds crepitaram aos urros, amarrados por entusiastas às estacas erguidas nas praças da Espanha e de outros países amantes das fogueiras”. Mas os dois decidiram não plantar essa nota no fichário do humilde mártir, sob PS, como de início tencionavam fazer: os lepidopterólogos são eloquentes demais em matéria de seres lepidotos.

Depois que o pobre bibliotecário pediu sua “*démission éplorée*” em 1º de agosto de 1884, romances e poemas, bem como obras científicas e filosóficas, começaram a vagar sem rumo e sem que ninguém o notasse. Atravessavam gramados e passeavam ao longo de cercas vivas à semelhança dos objetos carregados pelo Homem Invisível na deliciosa narrativa de Wells, aterrissando no colo de Ada onde quer que eles tivessem marcado seus encontros amorosos. Ambos buscavam nos livros o máximo de excitação intelectual, como o fazem os melhores leitores; ambos encontraram em muitas obras famosas nada mais do que pretensão, tédio e falsas informações.

Ao ler pela primeira vez aos nove ou dez anos um conto de Chateaubriand sobre dois irmãos amorosos, Ada não entendera bem a frase “as duas crianças podiam, por isso, se abandonar ao prazer sem nenhum receio”. Numa coletânea de artigos que ela agora podia consultar alegremente (*Les muses s’amusent*, *As musas se divertem*), um crítico libidinoso explicou que o “por isso” se referia tanto à infertilidade inerente à tenra idade quanto à esterilidade decorrente da terna consanguinidade. No entanto, Van disse que o autor e o crítico estavam errados e, para fundamentar sua afirmação, mostrou a Ada um capítulo do tratado *Sex and Lex* que examinava os efeitos sobre a comunidade de um desastroso capricho da natureza.

Naqueles tempos e naquele país, a palavra “incestuoso” não significava apenas “impudico” — questão mais próxima da linguística do que do saber jurídico —, mas também conotava (por exemplo, na frase “coabitação incestuosa”) uma interferência na continuidade da evolução humana. Havia muito a história substituíra os apelos à “lei divina” pelo senso comum e a ciência popular. Tendo em mente tais considerações, o “incesto” só podia ser considerado crime na medida em que a procriação consanguínea também o fosse. No entanto, como o juiz Bald observara por ocasião dos Levantes dos Albinos, em 1835, praticamente todos os agricultores e pecuaristas norte-americanos e tártaros adotavam a procriação consanguínea, por ser o método de propagação que, em determinada raça ou cepa, tendia a preservar,

estimular e estabilizar caracteres favoráveis, ou até mesmo os criar, desde que não fosse aplicado de forma demasiadamente rígida. Se praticado com excessiva rigidez, o incesto conduzia a várias formas de degenerescência, à produção de deficientes físicos e mentais, “mutantes mudos” e, por fim, à esterilidade insanável. Isso, é óbvio, constituiria um “crime”; todavia, como era impossível imaginar que alguém tivesse condições de controlar judiciosamente as orgias de procriação consanguínea indiscriminada, talvez fosse melhor proibir de vez a “coabitação incestuosa” (por exemplo, num grotão da Tartária cinquenta gerações de ovelhas cada vez mais lanosas haviam recentemente terminado de forma abrupta depois do nascimento de uma ovelhinha de cinco patas, sem lã e impotente — e o fato de que diversos fazendeiros foram decapitados não teve o dom de trazer de volta a raça lucrativa). O juiz Bald e seus seguidores discordaram, por entender que a “supressão deliberada de um possível benefício com vistas a evitar um malefício provável” atentava contra um dos principais direitos humanos, qual seja o de gozar da liberdade de conduzir sua própria evolução, liberdade que nenhuma outra criatura jamais desfrutara. Infelizmente, após os rumores sobre a desgraça que atingira os rebanhos e os criadores do Volga, quando mais acesa estava a controvérsia, ocorreu nos Estados Unidos um *fait divers* apoiado em informações bem precisas. Um certo Ivan Ivanov, cidadão norte-americano natural de Yukonsk, descrito nos jornais como um “trabalhador em estado de permanente inebriação” (“boa definição de um verdadeiro artista”, disse Ada sorrindo), sabe-se lá como havia conseguido fecundar — em pleno sono, segundo alegava com a concordância de sua numerosa família — a bisneta de cinco anos, Maria Ivanov. Cinco anos mais tarde, em outro ataque de sonolência, também tinha engravidado Daria, a filha de Maria. Toda a imprensa publicou as fotografias de Maria, uma avó de dez anos, com a pequena Daria e seu bebê Varia engatinhando em volta das pernas da mãe. Apesar da indignação reinante entre os habitantes de Yukonsk, criaram-se vários quebra-cabeças engraçados com base na farsa genealógica em que se haviam transformado as relações entre os muitos membros vivos (embora nem sempre castos) do clã Ivanov. Antes que o sonâmbulo sexagenário voltasse a procriar, o trancafiaram num monastério por quinze anos, segundo determinava uma velha lei russa. Ao ser libertado, ele propôs, como solução honrosa, casar-se com Daria, a essa altura uma moça de seios fartos e com muitos problemas de sua própria lavra. Os jornalistas exploraram ao máximo o casório e a chuva de presentes enviados por pessoas distantes (velhinhas da Nova Inglaterra, um poeta progressista que dava aulas na Universidade Waltz de Tennessee, todos os alunos de um ginásio mexicano *et cetera*). No mesmo dia, Gamaliel (à época um jovem e corpulento senador) deu um murro numa mesa de reunião com tamanha força que machucou a mão

e exigiu se realizasse novo julgamento a fim de que fosse imposta a pena de morte ao degenerado. Embora se tratasse apenas de um gesto temperamental, o caso Ivanov marcou profundamente o debate sobre o pequeno problema da “procriação consanguínea favorável”. Em meados do século, não somente primos em primeiro grau mas também tios e sobrinhas-netas foram proibidos de se casar; e, em algumas regiões férteis da Estócia, nas isbás das famílias de campônios onde até doze pessoas de tamanhos e sexos diferentes dormem sobre o mesmo colchão em forma de *blin*, passou a ser proibido fechar as janelas à noite com cortinas, de modo a facilitar o trabalho das patrulhas munidas de lampiões a querosene — os “*voyeurs* volantes”, como foram caracterizados pelos jornais sensacionalistas.

Van soltou outra gargalhada quando desenterrou, para gáudio de uma Ada sempre interessada em assuntos entomológicos, a seguinte passagem numa bem conceituada *História dos hábitos de acasalamento*: “Alguns dos perigos e do ridículo inerentes à posição papai e mamãe adotada para fins copulativos por nossa *intelligentsia* puritana, e tão justamente escarnecidos pelos nativos das ilhas Begouri — um povo ‘primitivo’ mas dotado de grande sanidade mental —, são apontados por um eminente orientalista francês [maciça nota de pé de página omitida aqui] que descreve os hábitos de acasalamento da mosca *Serromyia amorata* Poupert. Durante a cópula, as superfícies ventrais entram em contato e as bocas se tocam. Após o último movimento fremente (*frisson*), a fêmea suga o conteúdo do corpo do macho pela boca de seu apaixonado parceiro. É de se supor (ver Pesson *et alii*) [outra nota copiosa] que os petiscos — tais como a perna suculenta de outro inseto envolvida numa substância filamentosa ou mesmo o presentinho (frívolo beco sem saída ou sutil início de um processo evolucionário, *qui le sait!*) de uma pétala cuidadosamente embrulhada e amarrada com uma fronde de samambaia vermelha — que certos machos (mas aparentemente não os bobalhões das espécies *femorata* e *amorata*) levam para as fêmeas antes de copular representam uma garantia prudente contra a voracidade inoportuna das jovens senhoritas”.

Ainda mais hilariante foi a “mensagem” de uma assistente social canadense, *Mme.* de Réan-Fichini, que publicou seu tratado *Dos métodos contraceptivos* no dialeto capuscanês (a fim de evitar os rubores pudicos dos estócios e estadunidenses ao transmitir seus ensinamentos a colegas menos melindrosos). “*Sole sura metoda*”, escreveu ela, “*por decevor natura, est por un strong-guy de contino-contino-contino jusque le plesir brimz; et lors, a lultima instanta, svitchera a l'altra gropa* [fenda]; *ma perquoi una femme ardora andor ponderosa ne se retorna kvik enof, la transita e facilitata per positio torovago.*” Um glossário em anexo explicava este último termo em linguajar simples como “a postura em geral adotada nas comunidades

rurais por todas as classes, começando pelos proprietários de terra e terminando com as espécies mais baixas de animais, e isso em todas as Américas Unidas, da Patagônia à Terra dos Suspiros”. *Ergo*, concluiu Van, lá se vai para o espaço a posição papai e mamãe.

“Tua vulgaridade não conhece limites”, disse Ada.

“Bom, prefiro desaparecer no ar a ser engolido por aquela Amadamia ou sei lá como ela se chama, e ainda por cima saber que minha viúva vai pôr um monte de ovinhos verdes em cima de meus restos mortais.”

Paradoxalmente, apesar das inclinações científicas de Ada, as grandes obras eruditas a enfadavam com suas estampas anatômicas, gravuras de tristes bordéis da Idade Média e fotografias desse ou daquele pequeno César sendo extraído do útero da mãe segundo as técnicas dos açougueiros e cirurgiões mascarados dos tempos antigos e modernos; enquanto Van, que não gostava de “história natural” e denunciava com fanatismo a existência da dor em todos os mundos, sentia uma fascinação infinita pelas descrições e ilustrações dos sofrimentos impostos à carne humana. Fora disso, em terrenos mais floridos, os gostos e gozos de ambos provaram ser muito semelhantes. Adoravam Rabelais e Casanova; odiavam *le sieur Sade*, *Herr Masoch* e Heinrich Müller. A poesia pornográfica inglesa e a francesa, conquanto aqui e ali engraçada e instrutiva, em grandes doses os repugnava, tanto mais que sua tendência de retratar monges e freiras em infindáveis orgias sexuais, sobretudo na França antes da invasão, lhes parecia tão incompreensível quanto deprimente.

A coleção de gravuras eróticas do Oriente de tio Dan revelou-se banal em termos artísticos e inepta do ponto de vista calistênico. Na mais cara — e também mais hilária — gravura, uma mulher mongol, com uma cara oval e idiota encimada por ridícula cabeleira, mantinha contatos sexuais com seis ginastas gorduchinhos e de rosto impassível no que parecia ser uma vitrina entupida de biombos, vasos com plantas, rolos de seda, leques de papel e peças de porcelana. Três dos homens, contorcidos em posições tão complexas quanto incômodas, usavam ao mesmo tempo três dos principais orifícios da meretriz; dois fregueses mais idosos recebiam tratamento manual, enquanto o sexto, um anão, contentava-se com o pé deformado dela. Seis outros devassos sodomizavam seus parceiros mais próximos, enquanto um sétimo estava enfiado na axila da mulher. Tio Dan, tendo desembaraçado com grande paciência todos aqueles membros e dobras de gordura direta ou indiretamente conectados com a tranquilíssima senhora (que, por incrível que pareça, mantinha ainda algumas peças de seu vestuário), havia feito uma anotação a lápis registrando o preço da gravura e assim a identificando: “Gueixa com treze amantes”. No entanto, Van descobriu um décimo quinto umbigo presenteado pelo generoso artista, mas foi impossível situá-lo anatomicamente.

Aquela biblioteca oferecera o palco para a inesquecível cena do Celeiro em Chamas; abrira de par em par suas portas envidraçadas; prometera um longo idílio de bibliolatria; poderia ter se tornado um capítulo num dos velhos romances que abrigava em suas estantes; um toque de paródia deu a seu tema o lenitivo cômico da vida.

<i>My sister, do you still recall The blue Ladore and Ardis Hall?</i>	[Minha irmã, você se lembra ainda Do Ladore azul e da Mansão de Ardis?]
<i>Don't you remember any more That castle bathed by the Ladore?</i>	[Não se lembra mais daquele Castelo banhado pelo Ladore?]
<i>Ma soeur, te souvient-il encore Du château que baignait la Dore?</i>	[Minha irmã, você se lembra ainda Do castelo banhado pelo Dore?]
<i>My sister, do you still recall The Ladore-washed old castle wall?</i>	[Minha irmã, você se lembra ainda Que o Ladore banhava os muros do castelo?]
<i>Siestrá moiá, ti pômnich góru, I dub vissôki, i Ladoru?</i>	[Minha irmã, você se lembra da montanha, E do grande carvalho, e de Ladore?]
<i>My sister, you remember still The spreading oak tree and my hill?</i>	[Minha irmã, você se lembra ainda Do frondoso carvalho, da minha colina?]
<i>Oh! Qui me rendra mon Aline Et le grand chêne et ma colline?</i>	[Ah, quem trará de volta minha Celina, O carvalho imenso e a colina?]
<i>Oh, who will give me back my Jill And the big oak tree and my hill?</i>	
<i>Oh! qui me rendra, mon Adèle, Et ma montagne et l'hirondelle?</i>	[Ah, quem me trará de volta a Adélia minha, A montanha e a andorinha?]
<i>Oh! Qui me rendra ma Lucile, La Dore et l'hirondelle agile?</i>	[Ah, quem trará de volta minha Lucile tão frágil, O rio Dore e a andorinha ágil?]
<i>Oh, who will render in our tongue The tender things he loved and sung?</i>	[Ah, quem verterá para nossa língua As coisas ternas que ele amava e cantava?]

Andaram de bote e nadaram no Ladore, seguiram os meandros do rio que tanto adoravam, tentaram achar outras rimas para seu nome, subiram a colina até as ruínas enegrecidas do Castelo de Bryant, com os andorinhões voando ainda ao redor da torre. Viajaram até Kaluga, beberam as famosas águas locais e visitaram o dentista da família. Folheando uma revista, Van ouviu Ada berrar “*tchort*” (diabo) no aposento vizinho, coisa que nunca a ouvira dizer antes. Tomaram chá na casa de uma vizinha, a condessa de Prey, que tentou lhes vender, sem êxito, um cavalo manco. Passaram pela feira de Ardisville, onde apreciaram em especial os acrobatas chineses, um palhaço alemão e uma robusta princesa circassiana engolidora de espadas, que começou com uma faca de sobremesa, continuou com uma adaga enfeitada de pedras preciosas e terminou por traçar um tremendo salame com barbante e tudo.

Fizeram amor — quase sempre nos vales e valões.

Para um fisiologista comum, a energia desses dois adolescentes poderia parecer anormal. O desejo que sentiam um pelo outro se tornava insuportável se, no espaço de algumas horas, não fosse satisfeito várias vezes, sob o sol ou na sombra, no telhado ou no porão,

em qualquer lugar. Apesar de contar com invulgares reservas de ardor, o jovem Van mal podia acompanhar sua pálida *amorette* (gíria francesa da região). A forma imoderada pela qual se entregavam ao prazer físico atingia as raias da loucura e teria encurtado a vida deles caso o verão, que de início parecera uma torrente sem limites de verde glória e liberdade, não tivesse começado indolentemente a dar sinais sutis de desvanecimento, a fadiga da fuga — último recurso da natureza, aliteraões bem-sucedidas (quando as flores e os insetos imitam uns aos outros), o advento da primeira pausa em fins de agosto, um silêncio preambular em princípios de setembro. Naquele ano os pomares e as vinhas estavam especialmente pitorescos; e Ben Wright foi posto na rua por ter liberado certos gases quando trazia para casa Marina e *Mlle. Larivière* do Festival da Vindima, realizado em Brantôme, nas margens do Ladore.

O que nos faz recordar outra coisa. Catalogado na biblioteca de Ardis sob a rubrica “*Exot Lubr*”, havia um tomo suntuoso (de que Van tomara conhecimento mediante os bons ofícios de *Miss Vertograd*) intitulado *Obras-primas proibidas: cem quadros pertencentes ao acervo particular da Nat. Gal. (Sp. Sct.)*, editado por S.M. o rei Victor. Continha belas fotografias em cores daquelas coisas ternas e voluptuosas que os mestres italianos se permitiam produzir em meio às centenas de pias Ressurreiões durante um Renascimento por demais longo e sensual. O tomo havia sido perdido, roubado ou escondido no sótão entre os artigos pessoais de tio Ivan, alguns dos quais bastante esquisitos. Van não conseguia lembrar quem pintara o quadro que tinha em mente, mas achava que podia ter sido atribuído a Michelangelo Caravaggio em sua juventude. Era uma tela a óleo sem moldura representando duas figuras nuas, um rapaz e uma moça, fazendo aquilo que não deviam fazer numa gruta artificial coberta de hera ou de trepadeiras, ou senão perto de uma pequena cachoeira encimada por densa folhagem cor de bronze ou de esmeralda escura, em meio à qual se viam grandes cachos de uvas translúcidas. Onde quer que estivessem, as sombras e os límpidos reflexos das frutas e das folhas se mesclavam magicamente à carne de veias azuladas.

Seja como for (isto pode não passar de uma transição estilística), Van se sentiu transferido para aquela obra-prima proibida certa tarde em que, tendo todos ido passear em Brantôme, ele e Ada tomavam sol na borda da cascatinha que quebrava o silêncio do bosque de lariços do parque de Ardis. Naquele momento, a ninfeta debruçou-se sobre ele e seus manifestos desejos. Os longos e lisos cabelos que na sombra pareciam de um azul negro uniforme revelavam agora, sob o sol tão faiscante quanto uma pedra preciosa, faixas de um castanho-avermelhado profundo alternando-se com outras de âmbar-escuro nos fios que cobriam os lados de seu rosto ou eram graciosamente repartidos pelo ombro ebúrneo. A textura, o brilho e o cheiro dos

sedosos fios cor de mogno haviam inflamado os sentidos de Van desde o início daquele verão fatídico, e continuaram a agir sobre ele, com força lancinante, muito depois que sua excitação juvenil havia encontrado em Ada outras fontes de insuperável beatitude. Aos noventa anos, Van se recordava da primeira vez que caíra de um cavalo praticamente com o mesmo aperto de coração com que lembrava aquela primeira vez em que ela se curvara sobre ele e lhe permitira possuir seus cabelos, que fizeram cócegas nas pernas dele, rastejaram até seu baixo-ventre e se espalharam sobre todo o palpitante abdômen. Através deles, um estudante de arte poderia ver o ápice da técnica do *trompe-l'oeil*, monumental, multicolorido, destacando-se do fundo obscuro, esculpido de perfil por um afluxo de luz típico de Caravaggio. Ela o acariciou, enlaçou-o tal qual uma planta trepadeira se enrosca em torno de uma coluna e a envolve num abraço mais e mais apertado, a seiva cada vez mais doce até que toda a força se dissolve numa maciez carmesim. Alguma larva esfingídea recortara um crescente na borda de uma folha de parreira. Tendo esgotado seu estoque de nomes gregos e latinos, um jovem microlepidopterólogo enriqueceu a nomenclatura científica com designações do tipo Mariamebeija, Ahmebeija, Adamebeija. Ela beijou. Quem empunhava agora o pincel? Um Ticiano titilante? Um Palma Vecchio embriagado? Não, ela era tudo menos uma loura veneziana. Dosso Dossi, talvez? *Fauno exaurido pela Ninfa? Sátiro saturado?* Esse molar recém-obturado não está machucando tua língua? A mim, me arranhou. Estou brincando, minha circassiana de circo.

Um momento depois os holandeses tomaram conta do espetáculo: jovem mulher entra embaixo da queda-d'água para lavar suas tranças, o gesto imemorial de torcer os cabelos para enxaguá-los sendo acompanhado de uma contorção de boca também imemorial.

<i>My sister, do you recollect</i>	[Minha irmã, você se recorda ainda
<i>That turret, "Of the Moor" yclept?</i>	Da torre chamada "do mouro"?]
<i>My sister, do you still recall</i>	[Minha irmã, você se lembra ainda
<i>The castle, the Ladore and all?</i>	Do castelo, do Ladore e de tudo mais?]



Tudo correu bem até que *Mlle.* Larivière decidiu ficar de cama por cinco dias: sofrera uma luxação nas costas ao andar de carrossel na Feira da Vindima, a qual, aliás, havia sido escolhida como cenário de um conto que ela tinha começado a escrever (sobre o prefeito de uma cidadezinha que estrangula uma menina chamada Rockette), sabendo por experiência própria que nada mantinha mais forte a coceira da inspiração do que *la chaleur du lit*. Durante esse período, a segunda empregada do andar de cima, French, cujo temperamento e aparência nem se comparavam à doçura e límpida graciosidade de Blanche, recebeu ordens de tomar conta de Lucette, mas a menina fez o possível e o impossível para substituir a supervisão da criada preguiçosa pela companhia do primo e da irmã. As palavras nefastas “Bem, se o sr. Van deixar você ir” ou “Está bem, tenho certeza que a srta. Ada não se importa que você vá apanhar cogumelos com ela” passaram a soar com um dobre fúnebre, maculando a liberdade amorosa que antes desfrutavam.

Enquanto a contista, descansando confortavelmente, descrevia a margem de um ribeirão onde a pobre Rockette gostava de brincar, Ada lia sentada numa margem semelhante, lançando de tempos em tempos um olhar melancólico na direção do convidativo bosque de pinheiros que muitas vezes dera abrigo ao casal de amantes e de Van, que, descalço, com o tronco queimado de sol e as calças de *jeans* dobradas até acima das canelas, procurava o relógio de pulso que imaginava ter deixado cair entre os miosótis (mas que Ada, ele esquecera, estava usando). Lucette tinha abandonado sua corda de pular para agachar-se na beira do riacho e fazer boiar uma boneca de borracha do tamanho de um feto. De vez em quando, a apertava para fazer sair um fascinante esguicho de água pelo furinho que Ada, para gáudio da irmã, havia tido o mau gosto de abrir no escorregadio brinquedo de cor alaranjada. Com a inesperada impaciência das coisas inanimadas, a boneca conseguiu se deixar arrastar pela correnteza. Van despiu as calças sob um salgueiro e trouxe de volta a fugitiva. Ada, após refletir um segundo sobre a situação, fechou o livro e disse para Lucette, em geral fácil de

ser engabelada, que ela, Ada, sentia que estava se transformando rapidamente num dragão, que as escamas começavam a ficar verdes, que agora ela *era* um dragão e Lucette tinha de ser amarrada a uma árvore com a corda de pular a fim de que Van pudesse salvá-la no último momento. Sabe-se lá por quê, Lucette rejeitou a proposta, mas prevaleceu a força bruta. Van e Ada deixaram a furiosa prisioneira firmemente atada a um salgueiro e, saltitando para fingir que estavam envolvidos numa intensa fuga e perseguição, desapareceram por alguns minutos preciosos no escuro bosque de coníferas. À custa de tanto se debater, Lucette deu um jeito de soltar um dos punhos vermelhos da corda e parecia prestes a se desvencilhar de todo quando o dragão e o cavaleiro errante regressaram, saltitando ainda.

Ela reclamou com a preceptora, que, interpretando de forma absolutamente errônea todo o incidente (o que se poderia dizer também de sua nova composição), convocou Van e, por trás do cortinado da cama, em meio a um forte odor de embrocação e de suor, lhe disse para não continuar a pôr minhocas na cabeça de Lucette, fazendo com que ela imaginasse ser a donzela em perigo de um conto de fadas.

No dia seguinte, Ada informou sua mãe de que Lucette estava muito necessitada de um banho e que trataria de dá-lo, o que quer que pensasse a preceptora. “*Khorochó*”, disse Marina (enquanto, no melhor estilo de grande dama do teatro, se preparava para receber um jovem vizinho que era também ator e seu *protégé*), “mas a temperatura tem de ser mantida a exatamente trinta e cinco graus (como se tornara norma desde o século XVIII), e ela não pode ficar na água mais do que dez ou doze minutos.”

“Grande ideia”, disse Van ao ajudar Ada a esquentar a água, encher a velha e amassada banheira e aquecer um par de toalhas.

Embora só tivesse nove anos e fosse relativamente pouco desenvolvida, Lucette não havia escapado à pubescência enganosa das garotinhas ruivas. Suas axilas exibiam um ligeiro pontilhado de seda brilhante e seu monte pubiano parecia polvilhado de cobre.

Como a prisão líquida estava quase pronta, um despertador ganhou quinze minutos de vida.

“Deixe ela se molhar primeiro, depois você ensaboa”, disse Van com ânsia febril.

“Isso mesmo, isso mesmo, isso mesmo”, gritou Ada.

“Eu sou o Van”, disse Lucette, de pé na banheira com o sabonete de amora entre as pernas e puxando para a frente a barriguinha reluzente.

“Você vai virar um garoto se ficar fazendo isso”, disse Ada com severidade, “e aí não vai ter a menor graça.”

Com todo o cuidado a menininha começou a mergulhar o traseiro na água.

“Ai, está muito quente”, ela disse, “está um horror de quente!”

“Vai esfriar”, retrucou Ada, “trata de sentar e fica quietinha. Toma aqui tua boneca.”

“Vamos, Ada, pelo amor de Deus, deixe ela se molhar”, repetiu Van.

“E lembre-se”, disse Ada, “nem pense em sair dessa água quentinha até o despertador tocar, se não você morre. Foi isso que o Krolik falou. Vou voltar para te ensaboar, mas não me chame; nós temos de separar a roupa de cama e arrumar os lenços do Van.”

Tendo trancado por dentro a porta do banheiro em forma de L, as duas crianças mais velhas retiraram-se para a parte lateral, no canto entre uma cômoda e uma velha calandra fora de uso que o olho verde-mar do espelho era incapaz de alcançar; no entanto, mal haviam terminado seus ingentes e inconfortáveis esforços no pequeno esconderijo (enquanto um frasco vazio de remédio marcava imbecilmente o ritmo numa estante próxima) quando Lucette, da banheira, começou a berrar por eles, fazendo com que a criada batesse na porta: *Mlle. Larivière* também estava precisando de água quente.

Tentaram todos os tipos de truques.

Certa vez, por exemplo, num dia em que Lucette estava de fato insuportável — o nariz correndo, agarrando-se a ele o tempo todo, o afeto choramingueiro pelo primo transformando-se numa verdadeira obsessão —, Van reuniu toda a sua capacidade de persuasão, todo o seu charme e eloquência, e disse em tom conspiratório: “Olhe, minha querida. Este livro marrom é um dos meus tesouros mais preciosos. Mandei fazer um bolso especial no paletó da escola só para guardá-lo. Tive de brigar uma porção de vezes com uns meninos maus que queriam roubá-lo de mim. O que temos aqui” (virando as páginas com reverência) “é nada mais, nada menos do que a coletânea dos mais belos e mais famosos poemas curtos da língua inglesa. Este pequenininho aqui, por exemplo, foi composto aos prantos, quarenta anos atrás, pelo poeta laureado Robert Brown, o velho senhor que meu pai um dia me apontou lá no alto de uma falésia, sob um cipreste, contemplando as ondas espumantes do mar azul-turquesa perto de Nice, um espetáculo inesquecível para todos os participantes. Chama-se *Peter e a princesa Margaret*. Agora você tem, digamos...” (voltando-se para Ada em solene consulta)

“... quarenta minutos” (“Dê uma hora inteira, ela não consegue nem decorar *Mironton, mirontaine*”), “está bem, uma hora inteira para aprender de cor essas oito linhas. Você e eu” (sussurrando) “vamos provar a essa sua irmã malvada e arrogante que a burrinha da Lucette pode fazer qualquer coisa. Se” (roçando de leve com o lábio seus cabelos cortados curtos), “se, minha querida, você for capaz de recitar o poema e deixar a Ada com cara de boba por não cometer nem um errinho — tome cuidado com os aqui-ali e lá-acolá, e todos os menores detalhes —, se você fizer isso eu te dou este livro valioso para sempre”. (“Deixe ela tentar aquele sobre descobrir uma pena e encontrar o

Pavão”, disse Ada secamente, “é um pouquinho mais difícil.”) “Não, não, ela e eu já escolhemos esta pequena balada. Muito bem. Agora entre aqui” (abrindo uma porta) “e não saia até que eu te chame. Senão você perde o prêmio e vai se arrepender a vida inteira.”

“Ah, Van, você é tão bonzinho”, disse Lucette, entrando sem pressa no quarto, os olhos preocupados esquadrinhando a fascinante folha de guarda em que apareciam o nome dele, sua arrojada assinatura e alguns maravilhosos desenhos em tinta preta — um áster negro (gerado a partir de um borrão), uma coluna dórica (ocultando certa imagem mais vulgar), uma delicada árvore sem folhas (tal como vista de uma das janelas da escola) e vários perfis de rapazes (Cheshcat, Zogdog, Fancytart e até um Van parecido com Ada).

Van saiu em disparada para se encontrar com Ada no sótão. Naquele momento sentiu muito orgulho de seu estratagema. Lembrar-se-ia dele com um arrepio fatídico dezessete anos mais tarde, quando Lucette, na última mensagem que lhe enviou, posta no correio em Paris para seu endereço em Kingston no dia 2 de junho de 1901, escreveu o seguinte embaixo da frase “No caso de...”:

“Guardei durante anos (deve estar até hoje no quarto que eu ocupava quando criança em Ardis) a antologia que um dia você me deu; e o pequeno poema que queria que eu aprendesse de cor ainda está perfeitamente conservado num cantinho seguro da minha cabeça caótica, com os embaladores pisando nas minhas coisas, derrubando caixotes, vozes gritando ‘Está na hora de ir embora, chegou a hora de partir’. Procure os versos numa coletânea de Brown e me felicite outra vez pela inteligência da menina de oito anos, assim como você e uma Ada muito feliz o fizeram naquele dia longínquo, aquele dia que continua a tilintar na estante como um pequeno frasco vazio. Agora leia:

*O campo, disse o guia, era aqui,  
Lá, continuou, ficava o bosque.  
Foi ali que Peter se ajoelhou,  
E a Princesa ficou de pé acolá.*

*Não é verdade, disse o visitante,  
Você, velho guia, é o fantasma.  
As aveias e os carvalhos podem já ter morrido,  
Mas ela continua ao meu lado.*

Devido ao fato de que a Letrocalamidade (velha piada de Vanvitelli!) havia sido proibida em todo o mundo, seu próprio nome havendo se transformado num “palavrão” para as famílias super-requintadas (no sentido dado a tal categoria na Inglaterra e no Brasil) às quais pertenciam os Veen e os Durmânov, e só fora substituída por complexos equipamentos naquelas áreas cruciais — telefones, motores... o que mais?... bem, uma variedade de aparelhos pelos quais as pessoas comuns se babam, resfolegando com mais sofreguidão do que um cão de caça (pois se trata realmente de uma longa frase), as coisas menos importantes — tal como os gravadores, brinquedos favoritos dos avós de Van e de Ada (o príncipe Zêmski tinha um para cada cama de seu harém de jovens estudantes) — não eram mais fabricadas, exceto na Tartária, onde se vendiam os “*minirietchi*” (“minaretas falantes”), de fabricação secreta. Caso as boas maneiras e as boas normas do direito tivessem permitido a nossos eruditos amantes pôr em funcionamento a misteriosa caixa que certo dia encontraram no mágico sótão, poderiam ter registrado (para voltar a ouvi-las oito décadas depois) as árias de Giorgio Vanvitelli ou as conversas de Van Veen com sua amada. Vejamos, por exemplo, o que poderiam ter ouvido hoje — com deleite, incômodo, tristeza, espanto.

(Narrador: naquele dia de verão, logo após iniciarem a fase de beijos de seu romance muitíssimo prematuro e sob vários aspectos fatal, Van e Ada estavam a caminho do Pavilhão das Armas, também conhecido como Galeria de Tiro, onde, no segundo andar, haviam descoberto um pequeno aposento, decorado em estilo oriental, com vitrinas embaçadas nas quais, a julgar pelo formato das marcas escuras deixadas no veludo desbotado, outrora se guardavam pistolas e punhais. Era um nicho tão bonito quanto melancólico, cheirando a mofo, com um banco acolchoado sob uma janela e uma coruja boreal empalhada numa estante, ao lado de uma garrafa de cerveja vazia ali deixada por algum velho jardineiro já morto, pois no rótulo da marca obsoleta constava o ano de 1842.)

“Não faça tanto barulho com as chaves”, ela disse, “estamos sendo espionados pela Lucette. Ainda estrangulo essa menina.”

Atravessaram um pequeno bosque e passaram diante de uma gruta artificial.

Ada disse: “Oficialmente, somos primos por parte de mãe, e os primos só podem se casar se receberem uma licença especial e, *mesmo assim*, têm de se comprometer a esterilizar os primeiros cinco filhos. Além disso, o sogro da minha mãe era irmão do teu avô. Certo?”.

“É o que me dizem”, respondeu Van com serenidade.

“Não é suficientemente distante”, disse Ada em tom pensativo, “ou será que é?”

“O quanto basta, o quanto basta.”

“Engraçado, vi essa frase escrita em letrinhas violetas antes de você pronunciá-la em letras cor de laranja. Um segundo antes de você falar. Como a fumaça que precede o barulho do tiro de canhão ao longe.”

“Fisicamente”, ela continuou, “parecemos mais gêmeos do que primos, e gêmeos, ou até mesmo irmãos, naturalmente não podem se casar, ou serão presos e castrados se insistirem.”

“A menos”, disse Van, “que sejam primos com licença especial.”

(Van já estava abrindo a fechadura da porta — a porta verde na qual mais tarde eles bateriam tantas e tantas vezes com punhos sem ossos nos sonhos sonhados em separado.)

Outra vez, num passeio de bicicleta (com várias paradas) ao longo de trilhas na floresta e estradinhas rurais, pouco após a noite do Celeiro em Chamas, mas antes que houvessem descoberto o herbário no sótão (obtendo confirmação para algo que ambos haviam pressentido de forma obscura, divertida e corporal, mais do que moral), Van mencionara de passagem que havia nascido na Suíça e tinha ido ao exterior duas vezes quando pequeno. Ela só saíra do país uma única vez. Quase todos os verões eram passados em Ardis; a maioria dos invernos na casa de Kaluga — os dois andares de cima do antigo *tchertóg* (*palazzo*) Zêmski.

Em 1880, aos dez anos, Van tinha viajado rumo a alegres locais de veraneio nos estados de Louisiana e Nevada em trens cor de prata, equipados com chuveiro, na companhia de seu pai, da bela secretária dele, da irmã da secretária (que tinha dezoito anos, usava luvas brancas e desempenhava um papel secundário como professora de inglês e acompanhante de Van) e de seu casto e angélico preceptor russo, Andrei Andrêievitch Aksákov (“AAA”). Lembrava-se de que AAA havia explicado a um garoto negro com quem Van brigara que Púchkin e Dumas tinham sangue africano nas veias, ao que o menino mostrara a língua ao russo, um truque novo e interessante que Van imitou na primeira oportunidade, recebendo um tabefe da mais jovem das senhoritas Fortune, que lhe disse: “Guarda isso dentro de sua boca”. Lembrava-se também de ouvir um holandês vestido a rigor dizendo

numa pronúncia tétrica a outro holandês no saguão do hotel que o pai de Van, que acabara de passar assoviando uma das três músicas que compunham seu repertório, era um famoso “chocador” (será que ia substituir alguma galinha? Não, “jogador”).

Antes de entrar para o colégio interno, caso a família não viajasse ao exterior Van passava o inverno na casa de seu pai, uma bela residência em estilo florentino situada entre dois terrenos baldios no número 5 da Park Lane, em Manhattan (embora, pouco depois, dois guardas gigantescos se tivessem erguido de um lado e do outro, prontos a arrastar dali seu minúsculo prisioneiro). Os verões em Radugalet, a “outra Ardis”, eram muito mais frios e tediosos do que aqui nesta Ardis, a Ardis de Ada. Certa vez — deve ter sido em 1878 — ele lá passou tanto o inverno quanto o verão.

Claro, claro, porque essa era a primeira vez que Ada se lembrava de tê-lo visto — com sua roupinha branca de marinheiro e boné azul. (“*Un régulier anguelotchek*”, comentou Van no dialeto de Ráduga). Ele tinha oito anos, ela seis. Tio Dan manifestara inesperadamente o desejo de rever a velha mansão. No último instante, Marina disse que iria também, apesar dos protestos de Dan, e num movimento ágil pôs a pequena Ada dentro da caleche, com seu arco de brinquedo e tudo. Aparentemente haviam tomado o trem de Ladoga para Ráduga, pois ela se recordava do modo como o chefe da estação, um apito pendurado ao pescoço, percorreu toda a plataforma, mais além do comboio local também ali parado, fechando com estrondo as seis portas de cada vagão, os quais consistiam em carruagens feitas de abóbora e fundidas numa só peça. Van sugeriu se tratar de “uma torre em meio ao nevoeiro” (tal como Ada chamava qualquer boa recordação), e depois um cobrador caminhou ao longo do estribo de cada carro, com o trem em movimento, e foi abrindo porta por porta a fim de entregar, perfurar e recolher bilhetes, umedecendo o polegar na boca, trocando dinheiro — um trabalho infernal, mas outra “torre lilás”. Será que alugaram um landolé motorizado para chegar a Radugalé? Dez milhas, calculou Ada. Dez verstas, disse Van. Ela admitiu o erro. Naquele dia ele devia estar *na progúlke* (passeando) no sombrio bosque de pinheiros com Aksákov, seu preceptor, e o neto de Bagrov, um menino da vizinhança, que Van infernizava, beliscava e ridicularizava, um garotinho simpático e bem-comportado que massacrava com toda a calma as toupeiras e quaisquer outros seres com pelos, muito provavelmente um comportamento de fundo patológico. No entanto, quando os viajantes chegaram, ficou claro de imediato que Demon não estava esperando receber visitas do sexo feminino. Encontrava-se no terraço, bebendo vinho dourado (uísque com água e açúcar), na companhia de uma órfã que disse ter adotado, uma encantadora rosa silvestre da Irlanda que Marina, com um único olhar, reconheceu ser uma lavadora de pratos sem-vergonha que havia trabalhado por pouco tempo na Mansão de

Ardis antes de ser possuída por um homem desconhecido — agora bem conhecido. Nessa época, copiando seu primo de modo servil, tio Dan usava um monóculo, que enfiou na cara a fim de melhor apreciar Rose, a qual talvez lhe tivesse sido prometida (nesse ponto Van interrompeu sua interlocutora, dizendo-lhe para tomar cuidado com as palavras que usava). O encontro foi um desastre. A órfã retirou languidamente os brincos de pérola para que Marina os examinasse. O avô Bagrov chegou mancando de uma soneca no budoar e pensou que Marina fosse uma *grande cocotte*, como ela conjecturou mais tarde, furiosa, quando teve a oportunidade de desancar o pobre Dan. Em vez de passar a noite lá, Marina retirou-se com passos majestosos e chamou Ada, que, tendo recebido a ordem de “brincar no jardim”, estava resmungando e numerando, num vermelho cor de ferida aberta, os troncos brancos de uma fileira de jovens bétulas com o batom furtado de Rose, tudo isso como preâmbulo para um jogo que era agora incapaz de lembrar. “Que pena”, disse Van, quando a mãe de Ada, agarrando-a pelo braço, a levou de volta para Ardis no mesmo táxi em que tinham chegado, abandonando Dan a sua própria sorte (ou sordidez, interpolou Van). O sol nascia quando chegaram em casa. No entanto, acrescentou Ada, um momento antes de ser arrastada para longe e privada de seu *crayon* (atirado por Marina *k tchortiam sobátchim*, aos cães do inferno — o que nos faz lembrar o terrier de Rose tentando abraçar a perna de Dan), foi-lhe dada a graça de ver ainda o pequeno Van, com outro bonito menino e Aksákov, de barba loura e camisa branca, caminhando de volta para casa. E... ah, sim... ela esquecera o arco... não, estava ainda no táxi. Van, porém, não tinha a menor lembrança dessa visita ou, na verdade, daquele verão, porque, de todo modo, a vida de seu pai era um eterno jardim de rosas, e ele próprio tinha sido mais de uma vez acariciado por lindas mãos sem luvas, coisa que não interessava a Ada.

E que tal 1881? As meninas, aos oito-nove e cinco anos, respectivamente, foram levadas à Riviera, à Suíça e aos lagos italianos com o amigo de Marina e mandachuva teatral, Gran D. du Mont (o “D” também significava Duque, nome de solteira da mãe dele, *des hobereaux irlandais, quoi*), o qual viajava discretamente no Expresso Mediterrâneo seguinte, no Simplon seguinte, no Expresso Oriente seguinte ou em qualquer outro *train de luxe* que viesse atrás daquele que levava as três Veen, uma preceptora inglesa, uma ama russa e duas criadas, enquanto um semidivorciado Dan tinha ido para algum lugar na África equatorial a fim de fotografar tigres (surpreendendo-se ao não ver um só desses felinos) e outros notórios animais selvagens treinados para desfilar diante dos visitantes motorizados, assim como algumas negras rechonchudas na agradável casa de um agente turístico nos confins de Moçambique. Quando as duas brincavam de comparar as impressões da viagem, obviamente Ada era capaz de se



recordar melhor do que Lucette de coisas tais como itinerários, espécimes espetaculares da flora, modas, galerias cobertas de lojas de todo tipo e um homem bonito e queimado de sol, com um bigode preto, que ficou olhando para ela insistentemente da mesa de canto que ocupava no Manhattan Palace de Genebra. Mas Lucette, apesar de muito mais nova, se lembrava de uma porção de bagatelas, pequenas “torrinhas” e pequenos “barris”, *biriúlki próchлаго*. Ela era, *aquela Lucette*, como a menina de *Ah, cette Line* (um romance popular), “uma salada mista de intuição, ignorância, ingenuidade e esperteza”. Aliás, Lucette tinha confessado — *Ada havia feito* ela confessar —, que, como Van suspeitava, as coisas tinham sido bem diferentes: quando eles voltaram para perto da donzela em perigo, ela não estava se livrando das cordas, mas, na verdade, fazendo todo o possível para se amarrar outra vez às pressas após haver escapado e espiado os dois por trás dos lariços. “Deus meu”, disse Van, “isso explica o ângulo do sabonete!” Ah, que diferença fazia, quem se importava com isso? Ada só queria que a pobre menina fosse tão feliz ao chegar à sua idade quanto ela era agora, meu amor, meu amor, meu amor, meu amor. Van desejava que o metal reluzente das bicicletas não revelasse onde elas haviam sido deixadas, em meio aos arbustos, para quem passasse pela trilha na floresta.

Depois disso, tentaram ver se seus caminhos haviam se cruzado em algum ponto ou se tinham percorrido rotas paralelas durante aquele ano passado na Europa. Na primavera de 1881, Van, com onze anos, ficara por alguns meses com o preceptor russo e o *valet de chambre* inglês na *villa* de sua avó perto de Nice, enquanto Demon se divertia muito mais em Cuba do que Dan em Mocuba. Em junho, Van foi levado a Florença, Roma e Capri, onde seu pai apareceu por alguns dias. Separaram-se de novo, Van e seu preceptor indo primeiro para Gardone, no lago Garda, onde Aksákov indicou com reverência as pegadas no mármore de Goethe e d’Annunzio, hospedando-se depois, durante boa parte do outono, num hotel situado na encosta montanhosa acima do lago Lemano (por onde Karamzín e o conde Tolstói tinham perambulado). Teria Marina suspeitado que Van estivera tão perto delas ao longo de todo aquele ano de 1881? Provavelmente não. As meninas pegaram escarlatina em Cannes, enquanto Marina estava na Espanha com seu grão-senhor. Após cotejarem com cuidado suas lembranças, Van e Ada concluíram não ser impossível que, em alguma sinuosa estradinha da Riviera, se tivessem cruzado em carruagens alugadas, as quais, segundo ambos se recordavam, eram verdes, como verdes eram também os arreios dos cavalos. Ou então teriam estado em dois trens, talvez seguindo na mesma direção, a menina à janela de um vagão-dormitório olhando o carro-leito marrom de um trem paralelo que aos poucos se apartava rumo ao mar faiscante que o menino entrevia do outro lado dos trilhos. A eventualidade era demasiado rarefeita para ser

romântica, e nem mesmo a possibilidade de se terem cruzado andando ou correndo pelo cais de alguma cidade suíça provocava qualquer emoção concreta. Entretanto, ao focalizar ao acaso o farol da retrospectiva naquele labirinto do passado — onde os estreitos corredores revestidos de espelhos não apenas tomavam rumos diversos mas ocupavam níveis diferentes (como a carroça puxada a burro passa debaixo do viaduto sobre o qual desliza um carro veloz) —, ele se viu enfrentando, de forma ainda vaga e sem compromisso, a ciência que se tornaria uma obsessão na sua idade madura — problemas de espaço e tempo, o espaço contra o tempo, o espaço distorcido pelo tempo, o espaço como tempo, o tempo como espaço. E o espaço se separando do tempo no trágico e derradeiro triunfo da cogitação humana: morro, logo existo.

“Mas *isto*”, exclamou Ada, “é certo, isto é a realidade, este é um fato puro — esta floresta, este musgo, tua mão, a joaninha na minha perna, isto não pode ser roubado de nós, pode? (Poderá, foi.) Isto *tudo* se juntou aqui, não importa como os caminhos deram voltas, enganaram-se uns aos outros, erraram de direção, porque era inevitável que se encontrariam aqui!”

“Agora temos de encontrar nossas bicicletas”, disse Van, “estamos perdidos ‘em outra parte da floresta’.”

“Ah, não vamos voltar agora, não”, ela reclamou. “Ah, espere um pouco.”

“Mas quero ter certeza de onde estamos e de quando estamos”, respondeu Van. “É uma necessidade filosófica.”

O dia escurecia; vestígios retardatários da luz solar faziam resplandecer, no poente, uma estreita faixa no céu nublado. Todos nós já vimos alguém que, após cumprimentar um amigo, atravessa a rua com aquele sorriso ainda lhe iluminando o rosto — para ser eclipsado pelo olhar fixo do estranho que, desconhecendo a causa da alegria, confunde seu efeito com o esgar rutilante da loucura. Tendo formulado essa metáfora, Van e Ada decidiram que realmente era hora de voltar para casa. Ao passarem por Gamlet, a visão de um *traktir* russo aguçou de tal modo a fome dos dois que, desmontando das bicicletas, entraram na pequena e mal iluminada taverna. Um cocheiro bebendo chá no pires, que sua manzorra levava aos lábios ruidosos, parecia saído de um daqueles velhos romances sobre a vida no campo. Não havia mais ninguém no aposento esfumaçado, exceto uma mulher de lenço na cabeça que suplicava (*ugovariváiuschaia*) a um garotinho de camisa vermelha e pernas balançantes que terminasse a sopa de peixe. Como era ela quem tomava conta do *traktir*, levantou-se “enxugando as mãos no avental” a fim de trazer para Ada (a quem reconheceu de pronto) e para Van (que supôs, não sem razão, ser o namorado da jovem castelã) uns pequenos hambúrgueres russos chamados *bitótchki*. Cada qual devorou meia dúzia deles, indo depois recolher as bicicletas sob os

jasmins. Tiveram de acender os faróis de carbureto. Fizeram uma última pausa antes de penetrar na escuridão do parque de Ardis.

Graças a uma espécie de lírica coincidência, encontraram Marina e *Mlle. Larivière* tomando o chá da noite na varanda envidraçada em estilo russo, a qual só de raro em raro era usada. A escritora, já de todo recuperada apesar de ainda vestir um négligé florido, terminara havia pouco de ler seu último conto na primeira cópia limpa (que seria datilografada no dia seguinte) para Marina, que vinha bebericando um vinho Tokay e fora tomada de grande melancolia, agravada pelo suicídio do senhor “*au cou rouge et puissant de veuf encore plein de sève*”, que, por assim dizer aterrorizado pelo terror de sua vítima, havia apertado demais o pescoço da menininha que acabara de estuprar num momento de “*gloutonnerie impardonnable*”.

Van bebeu um copo de leite e de repente sentiu-se tomado por uma onda tão deliciosa de exaustão que resolveu ir direto para a cama. “*Tant pis*”, disse Ada, avançando para o *keks* (bolo de frutas inglês). “Rede?”, ela perguntou; mas Van, já cambaleando, fez que não com a cabeça e, tendo beijado a mão melancólica de Marina, foi embora.

“*Tant pis*”, repetiu Ada, e com insopitável apetite começou a passar manteiga numa grossa fatia de bolo, cobrindo tanto a superfície amarelada pelas gemas quanto suas ricas incrustações — passas, angélicas, cerejas cristalizadas e cascas de limão.

*Mlle. Larivière*, que vinha seguindo os movimentos de Ada com pasmo e desprazer, comentou:

“*Je rêve. Il n'est pas possible qu'on mette du beurre par-dessus toute cette pâte britannique, masse indigeste et immonde.*”

“*Et ce n'est que la première tranche*”, disse Ada.

“Quer uma pitada de canela no seu *lait caillé*? ”, perguntou Marina. “Sabe, Belle” (voltando-se para *Mlle. Larivière*), “ela costumava chamar isso de ‘neve com areia’ quando era criança.”

“Ela nunca foi criança”, disse Belle com ênfase. “Era capaz de quebrar as costas de seu pônei antes mesmo de aprender a andar.”

“Gostaria de saber”, disse Marina, “quantos quilômetros vocês percorreram hoje para deixar nosso atleta tão esgotado assim.”

“Só sete”, retrucou Ada com um sorriso mastigado.

Numa ensolarada manhã de setembro, quando as árvores ainda estavam verdes mas os ásteres e as pulicárias já tomavam conta dos regos e das valas, Van partiu para Ladoga, N. A., onde devia passar duas semanas com seu pai e três preceptores antes de retornar à escola na fria Luga, Mayne.

Van beijou Lucette em cada covinha e depois no pescoço, dando uma piscadela para a pudica Larivière, que olhou na direção de Marina.

Hora de partir. Despediram-se dele: Marina, vestindo seu *chlafrok*; Lucette, afagando Dack (em substituição a alguém...); *Mlle.* Larivière, ainda sem saber que Van deixara para trás um livro autografado que ela lhe dera no dia anterior; e uns vinte empregados que haviam recebido copiosas gorjetas (entre os quais notamos Kim da cozinha, sempre acompanhado de sua máquina fotográfica) — praticamente todo mundo. Só faltavam Blanche, que estava com dor de cabeça, e a conscienciosa Ada, que pedira desculpas para ausentar-se porque prometera visitar uma pessoa enferma na aldeia (ela tinha realmente um coração de ouro, como Marina, com tanta sabedoria, estava sempre pronta a declarar).

O baú preto e a valise preta de Van, além dos enormes halteres pretos, foram postos com algum esforço na mala do carro da família; Bouteillan equipou-se com um boné de comandante de navio, grande demais para sua cabeça, e óculos de corrida azul-violeta; “*remouvez votre* traseiro, eu vou dirigir”, disse Van — e assim terminou o verão de 1884.

“Ele é macio como uma pluma, meu senhor”, observou Bouteillan com seu linguajar antigo. “*Tous les pneus sont neufs*, mas, infelizmente, há muitas pedras no caminho, e a juventude é muito veloz. *Monsieur* deve ser prudente. Os ventos dos campos são indiscretos. *Tel un lis sauvage confiant au désert...*”

“Você continua a fazer o papel de criado de comédia, não é?”, disse Van secamente.

“*Non, Monsieur*”, respondeu Bouteillan, segurando o boné. “*Non. Tout simplement j’aime bien Monsieur et sa demoiselle.*”

“Se você está pensando na Blanche, então é melhor citar Delille não para mim, mas para seu filho, que qualquer dia desses engravida ela. O velho francês olhou de esguelha para Van, *pojeval gubami* (mordeu os lábios) e nada mais disse.

“Vamos parar aqui por alguns minutos”, disse Van ao chegarem à Encruzilhada da Floresta, logo depois de Ardis. “Quero colher alguns boletos para o meu pai, a quem eu certamente (Bouteillan havia esboçado um gesto de deferência) transmitirei seus respeitos. Esse freio de mão — que diabo — já devia estar sendo usado quando Luís XVI emigrou para a Inglaterra.”

“Precisa ser lubrificado”, disse Bouteillan, consultando seu relógio. “É verdade, temos bastante tempo para pegar o trem das nove e quatro.”

Van mergulhou na densa vegetação. Vestia camisa de seda, paletó de veludo, culotes pretos e botas de montaria com esporas em forma de estrelas — indumentária muito pouco conveniente para *kDBkFoCCkB o rexs e o yginu a ilp fg nwlxwCAjA* Ada num caramanchão natural de choupos; *etsw ug jkAjjAnv*, ela disse:

“Van, só para não esquecer. Aqui está o código para nossa correspondência. Aprenda de cor e depois engula como um bom espiãozinho.”

“*Poste restante* nas duas direções. E quero receber pelo menos três cartas por semana, minha branca amada.”

Era a primeira vez que ele a via naquele vestido luminoso, quase tão fino quanto uma camisola. Como naquele dia Ada tinha feito uma trança, Van disse que ela se parecia com a jovem soprano Mária Kuznietsova na cena da carta da ópera *Onegin e Olga*, de Tschchaikow.

Tentando (na melhor tradição feminina) conter e disfarçar seus soluços transformando-os em exclamações emocionais, Ada apontou para um maldito inseto que havia aterrissado no tronco de um choupo.

(Maldito? *Maldito?* Tratava-se de uma borboleta recém-descrita e fantasticamente rara, *Nymphalis danaus* Nab., de um marrom alaranjado e com a parte da frente preta e branca, imitando (como se deu conta seu descobridor, o professor Nabonidus, da Universidade de Babylon, Nebraska) não diretamente a monarca, mas a monarca *por intermédio* da vice-rei, uma das imitadoras mais conhecidas da monarca. Na letra enraivecida de Ada.)

“Amanhã você vai voltar aqui com tua rede verde, minha borboleta”, disse Van com amargura.

Ela beijou todo o rosto dele, beijou as mãos, outra vez os lábios, suas pálpebras, os cabelos negros e macios. Ele beijou os tornozelos dela, seus joelhos, os cabelos negros e macios.

“Quando, meu amor, quando será a próxima vez? Em Luga? Kaluga? Ladoga? Onde, quando?”

“Não interessa”, exclamou Van. “O que interessa, o que interessa mesmo é saber... você vai ser fiel, fiel de verdade?”

“Querido, você está me cobrindo de perdigotos”, disse Ada com um riso sem brilho, enxugando os T e os F. “Não sei. Eu te adoro. Nunca vou amar ninguém em toda a minha vida como te adoro, nunca e em lugar nenhum, na eternidade ou na terrenidade, em Ladore ou na Terra, para onde dizem que vão nossas almas. Mas, meu amor, meu Van, eu sou carnal, horrivelmente carnal. Não sei, com franqueza, *qu’y puis-je?* Ah, querido, não me pergunte, há uma menina na escola que me ama, nem sei mais o que estou dizendo...”

“As meninas não têm importância”, disse Van, “são os rapazes que eu vou matar se chegarem perto de você. Ontem de noite tentei escrever um poema sobre isso para você, mas não sou capaz de fazer versos. Começava assim: ‘Ada, nossos ardores, nossos arvoredos’... mas o resto é só névoa, tente imaginar o resto.”

Abraçaram-se uma última vez, e ele saiu correndo sem olhar para trás.

Tropeçando em melões, decapitando cruelmente as ervas-doces altas e arrogantes, Van retornou à Encruzilhada da Floresta. O jovem Moore o esperava segurando as rédeas de Morio, seu cavalo negro predileto. Van agradeceu ao cavaleiro com um punhado de estelas e partiu a galope, suas luvas banhadas em lágrimas.

A fim de se corresponderem durante o primeiro período de separação, eles tinham inventado um código que foram aperfeiçoando nos quinze meses que se seguiram à partida de Van. A separação acabou durando quase quatro anos (“nosso arco-íris negro”, tal como Ada a definiu), de setembro de 1884 a junho de 1888, com dois breves interlúdios de intolerável felicidade (agosto de 1885 e junho de 1886) e alguns encontros fortuitos (“através de uma grade de chuva”). É uma chatice descrever códigos, porém cumpre, relutantemente, oferecer uns poucos pormenores básicos.

Palavras de uma única letra permaneciam sem disfarce. Em qualquer palavra mais longa, cada letra era substituída pela que a sucedia no alfabeto no ponto ordinal — segunda, terceira, quarta, e assim por diante — que correspondesse ao número de letras daquela palavra. Desse modo, “*amor*”, palavra de quatro letras, transformava-se em “*eqsv*” (já que “e” é a quarta letra após “a” na série alfabética, “q” a quarta após “m” etc.), enquanto palavras mais longas, como “*amável*”, que tornavam necessário reiniciar o alfabeto, transformavam-se em “*gsgBlr*”, onde as letras que invadiam uma nova série alfabética eram escritas em maiúsculas: o B, por exemplo, substituída o “v”, pois era a sexta letra na sequência *wxyzAB*. Nas obras populares de teorias cósmicas (as quais começam alegremente com parágrafos simples, de fácil compreensão) há um momento terrível em que, de repente, começam a pipocar fórmulas matemáticas que nos cegam por completo. Não iremos tão longe aqui. Caso se decida a acompanhar a descrição do código de nossos amantes (este “nossos” pode constituir por si só uma fonte de irritação, mas não faz mal) com um pouquinho mais de atenção e um pouquinho menos de antipatia, é de se esperar que até mesmo o leitor de inteligência mediana possa compreender aquela “invasão” do ABC seguinte.

Infelizmente, ocorreram complicações. Ada sugeriu certas melhorias, tais como iniciar cada mensagem em francês cifrado, passando para o inglês depois da segunda palavra de duas letras, de volta ao francês após a primeira palavra de três letras, e assim por diante com variações

adicionais. Graças a essas melhorias, as mensagens se tornaram ainda mais difíceis de ler do que de escrever, sobretudo porque ambos, premidos pela terna paixão, inseriam comentários posteriores, cortavam frases inteiras, reformulavam as inserções e voltavam a validar o que tinham cortado, com erros de grafia e de codificação causados tanto pela angústia inexprimível em que se achavam mergulhados quanto pela complexidade crescente dos criptogramas.

No segundo período de separação, iniciado em 1886, o código sofreu alteração radical. Van e Ada ainda sabiam de cor e salteado os setenta e dois versos do poema de Marvell “O jardim” e os quarenta do poema de Rimbaud “Memória”. Deles retiravam as letras das palavras de que necessitavam. Por exemplo, J 2.11, J 1.20 e J 2.8 significavam “love”, com o “J” e o número que o seguia indicando a linha do poema de Marvell, e o número seguinte indicando a posição da letra nesse verso, de tal modo que J 2.11 queria dizer “a décima primeira letra do segundo verso”. Considero isso bastante claro. E, quando o poema de Rimbaud era usado para fins de despistamento, a letra que indicava o verso era simplesmente escrita em maiúscula. Outra vez, é enfadonho explicar tudo isso, e a explicação só tem alguma graça por permitir (de forma doentia, creio eu) que se busque algum erro nos exemplos. Seja como for, esse sistema cedo provou ter defeitos ainda mais graves que os do primeiro código. A segurança exigia que nenhum dos dois possuísse os poemas impressos ou copiados à mão para consultá-los; porém, por mais maravilhosa que fosse a memória deles, era inevitável que os erros se multiplicassem.

Corresponderam-se durante 1886 com tanta frequência quanto antes, nunca menos de uma carta por semana; curiosamente, contudo, no terceiro período de separação, de janeiro de 1887 a junho de 1888 (após uma longa chamada interurbana e brevíssimo encontro), as cartas foram rareando, caindo para apenas vinte no caso de Ada (e somente duas ou três na primavera de 1888) e mais ou menos o dobro da parte de Van. Não é possível reproduzir aqui nenhuma passagem da correspondência, pois todas as cartas foram destruídas em 1889.

(Sugiro que simplesmente se omita este capitulozinho. Anotação de Ada.)



“Marina fala maravilhas de você e diz *ujé tchúvstvuietsia ôssien*’. O que é muito russo! Sua avó repetia todo ano, na mesma data, ‘já sinto um ar de outono’, mesmo que fosse o dia mais quente do verão na *Villa Armina*: aliás, Marina nunca entendeu que se tratava de um anagrama do mar, e não do nome dela. Você está com uma aparência ótima, *sínok moi*, mas posso imaginar que não aguentava mais aquelas duas meninhas. Por isso tenho uma sugestão.”

“Ah, gostei imensamente delas”, ronronou Van. “Especialmente da Lucette.”

“Minha sugestão é... venha comigo a uma recepção hoje à noite. Nossa anfitriã é a excelente viúva de um obscuro major de Prey — obscuramente aparentado com nosso falecido vizinho, bom atirador, mas já estava ficando escuro no local do duelo e um coletor de lixo intrometido gritou na hora errada. Bem, essa senhora excepcional, que é muito influente e deseja ajudar uma amiga minha” (limpando a garganta), “tem, assim me dizem, uma filha de quinze primaveras chamada Córdula, que certamente vai te recompensar por você ter brincado de cabra-cega o verão inteiro com os bebezinhos da Floresta de Ardis.”

“Jogamos mais Scrabble e Monopólio”, disse Van. “Sua amiga que precisa de ajuda também é da minha idade?”

“É uma Duse em botão”, respondeu Demon com toda a seriedade, “e a festa tem o propósito muito claro de arranjar um pistolão para ela. Você cuida da Córdula de Prey e eu da Cordélia O’Leary.”

“*D’accord*”, disse Van.

A mãe de Córdula — uma atriz de comédia madura demais, empetecada demais e paparicada demais — apresentou Van a um acrobata turco com cabelos fulvos nas belas mãos de orangotango e os olhos flamejantes de um charlatão, coisa que ele não era, pois se tratava realmente de um grande artista dos picadeiros. Van ficou tão embevecido com sua conversa e com as generosas sugestões de treinamento que, tomado de um misto de inveja, ambição, respeito e outras emoções juvenis, pouco tempo dedicou a Córdula — baixinha,

gordota, de cara redonda, enfiada num deselegante suéter de lã vermelho-escura com gola rulê — ou até mesmo à esplêndida criaturinha em cujas costas nuas a mão paterna pousava de leve quando Demon a guiava na direção deste ou daquele convidado capaz de ajudá-la. Mas, naquela mesma noite, Van encontrou-se por acaso com Córdula numa livraria e ela disse: “Aliás, Van... posso te chamar assim, não posso? Tua prima Ada é minha colega de escola. Isso mesmo. Agora, me explique, por favor, o que é que você fez com nossa Ada, em geral tão difícil? Na primeira carta que me mandou de Ardis ela se derramou — veja bem, nossa Ada se derramou! — em elogios a você, como era simpático, inteligente, diferente, irresistível...”.

“Bobinha. Quando foi isso?”

“Acho que em junho. Voltou a escrever algum tempo depois, mas a resposta dela — porque eu fiquei com muito ciúme de você, fiquei mesmo, e tinha disparado uma porção de perguntas —, bem, a resposta dela foi evasiva e praticamente nem mais te mencionou.”

Van a olhou com mais atenção do que antes. Havia lido em algum lugar (daria para recordar o título exato se fizéssemos algum esforço... Tilttil não, isso é no Barba Azul...) que um homem pode reconhecer uma lésbica jovem e desacompanhada (já que o casal de mulheres mais velhas vestindo *tailleurs* não engana ninguém) pela combinação de três características: mãos um pouco trêmulas, voz de quem está resfriada e os olhos se desviando em pânico se você por acaso atenta com evidente aprovação para algum encanto que a ocasião a faça exibir (ombros bonitos, por exemplo). Nada disso (ah, sim: *Mytilène, petite isle*, de Louis Pierre) parecia se aplicar a Córdula, que usava um *garbotoch* (capa de chuva com cinto) por cima do mal-ajambrado suéter de gola alta e mantinha as duas mãos enfiadas bem fundo nos bolsos enquanto o encarava sem rebuços. Os cabelos curtos tinham uma cor neutra, entre palha seca e molhada. Os olhos azul-claros eram idênticos aos encontrados em milhares de famílias fracamente pigmentadas da Estócia francesa. A boca era bonitinha como a de uma boneca quando deliberadamente fechada de modo a fazer um beicinho capaz de produzir aquilo que os retratistas chamam de “dobras de foice” (na melhor das hipóteses covinhas de forma oblonga e, na pior, as rugas que vemos nas bochechas transidas de frio das raparigas calçando botas de feltro que vendem maçãs nas ruas). Quando seus lábios se abriam, como o fizeram naquele momento, revelavam o aparelho de correção dos dentes, mas ela rapidamente se lembrou de fechar a boca.

“Minha prima Ada”, disse Van, “é uma menina de onze ou doze anos, e moça demais para se apaixonar por alguém, a não ser pelos personagens de romance. Também a achei muito meiga. Talvez um pouquinho metida a sabichona e, ao mesmo tempo, meio sem-vergonha e cheia de caprichos. Mas... isso mesmo, muito meiga.”

“Sei lá”, murmurou Córdula, com jeito pensativo e num tom tão sutil que Van foi incapaz de saber se ela queria encerrar o assunto, deixá-lo totalmente em aberto ou virar a página.

“Como posso entrar em contato com você?”, ele perguntou. “Você iria a Riverlane? Você é virgem?”

“Não saio com gente grosseira”, ela respondeu com toda a calma, “mas você pode sempre me ‘contatar’ através da Ada. Não pertencemos à mesma classe, em vários sentidos” (rindo). “Ela é um geniozinho, eu sou uma simples americana ambivertida, mas frequentamos a mesma turma de francês avançado e as alunas do grupo dividem o mesmo dormitório. É por isso que uma dúzia de louras, três morenas e uma ruiva, *la Rousse*, sussurram em francês durante o sono” (rindo sozinha).

“Muito divertido. Está bem, obrigado. Suponho que o número par significa camas-beliches. Bom, passar bem, como dizem as pessoas grosseiras.”

Na carta em código seguinte, Van perguntou se Córdula não seria a *liesbiãnotchka* mencionada por Ada com um sentimento de culpa tão desnecessário. Eu teria mais ciúme de tua mãozinha. Ada respondeu: “Que bobagem, deixa essa fulana fora de nossos assuntos”; no entanto, embora ainda não soubesse com que galhardia Ada era capaz de mentir para proteger algum cúmplice, mesmo assim Van não ficou de todo convencido.

As regras da escola de Ada eram antiquadas e de um rigor que chegava às raias da loucura, mas faziam Marina se recordar com nostalgia do Instituto Russo para Meninas Nobres em Yukonsk (onde ela infringia as normas com muito mais facilidade e sucesso do que Ada, Córdula ou Grace em Brownhill). Três ou quatro vezes por período escolar, as moças eram autorizadas a conversar com alguns rapazes nos horríveis chás com bolos cor-de-rosa que eram servidos na Sala de Visitas da diretora. Aos domingos, mas somente de três em três semanas, as meninas de doze ou treze anos podiam encontrar-se com os filhos de famílias aristocratas numa leiteria aprovada pela escola, a alguns quarteirões de distância, desde que acompanhadas por moças mais velhas e de conduta moral impecável.

Van preparou-se intimamente para ver Ada dessa maneira, confiando em que usaria sua varinha de condão para transformar qualquer dama de companhia numa colher ou num nabo. Esses “encontros” tinham de ser aprovados pela mãe da vítima com pelo menos duas semanas de antecedência. A diretora de fala mansa, *Miss Cleft*, telefonou para Marina, que lhe disse que Ada jamais necessitaria de uma acompanhante para sair com um primo que havia sido sua única companhia durante o verão em passeios que duravam o dia inteiro. “Este é exatamente o problema”, respondeu Cleft, “dois jovens

passeando têm uma forte propensão a se entrelaçar, e há sempre um espinho perto de um botão.”

“Mas eles são praticamente como irmão e irmã”, exclamou Marina, pensando, como muita gente pouco inteligente, que “praticamente” funciona nas duas direções, reduzindo a veracidade de uma afirmação e fazendo com que um truísmo soe como uma verdade. “O que só faz aumentar o perigo”, disse a suave Cleft. “Seja como for, vou fazer uma concessão e direi a Córdula de Prey que os acompanhe: ela admira o Ivan e adora a Ada, o que só pode botar mais azeitona na empada (piadinha besta que já tinha um sabor ruim naquela época).”

“Deus meu, que *figli-migli*, que pudica”, disse Marina depois de desligar.

Num estado de espírito sombrio e sem saber o que esperar (o conhecimento prévio o teria ajudado a enfrentar a provação), Van aguardou Ada na aleia da escola, uma ruela tristonha com poças que refletiam o céu enraivecido e a cerca do campo de hóquei. De pé junto ao portão, um ginasião local, vestido nos trinques, era o meu companheiro de espera.

Van estava a ponto de voltar para a estação de trem quando Ada apareceu — trazendo Córdula a tiracolo. *La bonne surprise!* Van as cumprimentou com uma demonstração de hedionda amabilidade (“E como vão as coisas com você, minha prima querida? Ah, Córdula! E quem é a *chaperone*, você ou a srta. Veen?”). A prima querida vestia uma reluzente capa de chuva preta e um chapéu de tecido impermeável e abas caídas — como se alguém precisasse ser salvo dos perigos da vida ou do mar. Uma minúscula rodela de esparadrapo não chegava a esconder a espinha no lado do queixo. Seu hálito cheirava a éter. O estado de espírito dela era ainda mais sorumbático que o dele. Van predisse com alacridade que iria chover. Começou a chover... a cântaros. Córdula comentou que a capa de chuva dele, de corte militar, era muito chique. Não achava que valia a pena voltar para apanhar os guarda-chuvas, o delicioso destino dos três ficava a um pulinho de distância. Van disse que seria arriscado dar um pulinho com o chão tão molhado. Piadinha passável. Córdula riu. Ada não: pelo jeito, o desastre não deixara um único sobrevivente.

A leiteria estava tão cheia que os três decidiram caminhar sob as arcadas rumo ao café da estação. Ele sabia (mas nada podia fazer a respeito) que durante toda a noite lamentaria ter ignorado deliberadamente o fato — o fato principal, o fato angustioso — de que não havia visto sua Ada por quase três meses, e que o último bilhete dela tinha uma carga de paixão tão flamejante que a bolha do criptograma havia estourado no meio da desesperada mensagem de promessa e de esperança, deixando à mostra uma linha temerária e divina de amor não cifrado. Estavam se comportando agora como se nunca se houvessem visto antes, como se aquele fosse um encontro

fortuito organizado pela *chaperone*. Pensamentos estranhos e malevolentes atormentavam a mente dele. O que exatamente — não que isso tivesse alguma importância, embora seu orgulho e curiosidade estivessem em jogo —, o que exatamente elas haviam feito, essas duas garotas malcuidadas, neste semestre, no semestre anterior, na noite passada, todas as noites, vestindo apenas a parte de cima dos pijamas, em meio aos murmúrios e gemidos daquele dormitório pervertido? Deveria perguntar? Saberria escolher as palavras certas para não ferir Ada, ao mesmo tempo que fizesse a companheira de cama dela compreender como a desprezava por excitar uma criança tão morena e tão pálida, carvão e coral, as pernas longas e o corpo amolecido, soltando ganidos abafados ao se derreter no ponto culminante? Alguns minutos atrás, ao vê-las se aproximarem — Ada feiosa e nauseada mas cumprindo seu dever, Córdula roída por dentro mas corajosa, como duas prisioneiras agrilhoadas conduzidas à presença do conquistador —, Van prometera vingar-se da falsidade das duas relatando em termos elevados, mas nos menores detalhes, o último escândalo homossexual ou pseudo-homossexual em seu colégio (um aluno mais velho, primo de Córdula, tinha sido apanhado com uma garota disfarçada de rapaz nos aposentos de um monitor eclético). Observaria o embaraço das duas, exigiria que elas lhe contassem alguma história comparável à dele. Esse impulso se havia desvanecido. Ainda tinha a esperança de livrar-se por um momento da acabrunhada Córdula e dizer algo à acabrunhada Ada que a fizesse desfazer-se em lágrimas brilhantes. Mas isso era consequência de seu *amour-propre*, e não do *sale amour* das duas. Ele morreria com um velho trocadilho nos lábios. E por que “sujo”? Será que sentia alguma angústia proustiana? Qual nada. Pelo contrário: a imagem delas se acariciando o aguilhoava seguidamente com perversa satisfação. Diante de seu olho interior, injetado de sangue, Ada surgia duplicada e enriquecida, realçada pelo entrelaçamento, dando o que ele havia dado, tomando o que ele havia tomado: Córada, Adula. Deu-se conta de que a condessa, baixote e gorducha, era parecida com sua primeira putinha, o que só fez aumentar a excitação.

Conversaram sobre seus estudos e professores. Van disse: “Gostaria de conhecer tua opinião, Ada, e a tua, Córdula, com respeito ao seguinte problema literário. Nosso professor de literatura francesa sustenta que há um grave defeito filosófico, e portanto artístico, em todo o tratamento que se dá ao romance de Marcel e Albertine. A história só faz sentido se o leitor *souber* que o narrador é bicha e que as belas e gordas bochechas de Albertine são as belas e gordas nádegas de Albert. Nesse caso, seria necessário supor, ou mesmo exigir, que o leitor soubesse tudo sobre os hábitos sexuais de cada autor para desfrutar uma obra de arte até a última gota. Meu professor afirma que, se o leitor não sabe nada acerca da perversão de Proust, a descrição

detalhada de um homem heterossexual com ciúme de uma mulher homossexual se torna ridícula, porque um homem normal simplesmente se divertiria, ou até se estimularia, ao ver as brincadeiras de sua namorada com uma amiga. O professor conclui que, se determinado romance só pode ser apreciado por *quelque petite blanchisseuse* que tenha examinado os lençóis sujos do autor, a obra é um fracasso do ponto de vista artístico”.

“Ada, de que diabo ele está falando? Algum filme italiano que andou vendo?”

“Van”, disse Ada numa voz cansada, “você não entendeu que o grupo de francês avançado da escola só avançou até Racan e Racine.”

“Esquece”, disse Van.

“Mas a verdade é que você tomou uma dose violenta de Marcel”, resmungou Ada.

Sob os auspícios imbecis da escola e sob a supervisão da esposa do chefe da gare, a estação tinha uma sala de chá mais ou menos reservada para as alunas. Estava vazia, exceto por uma mulher alta e magra que usava um vestido de veludo preto e um bonito chapéu de aba larga, também de veludo preto; embora tenha permanecido sentada diante do bar onde não eram servidas bebidas alcoólicas, de costas para eles e sem voltar a cabeça para trás uma única vez, ocorreu a Van que se tratava de uma *cocotte* de Toulouse. Nosso trio encharcado encontrou uma simpática mesa de canto e, com suspiros de alívio, livrou-se das capas de chuva. Ele tinha esperança de que Ada se livrasse também do chapéu de alto-mar, mas ela não o fez porque havia cortado o cabelo devido a uma série de enxaquecas horríveis e não queria que Van a visse no papel de um Romeu moribundo.

(Temos agora uma demonstração do “*grand Joyce*” depois do “*petit Proust*”. Na linda caligrafia de Ada.)

(Continue a ler, é puro V. V. Preste atenção na mulher! Garatujado por Van na cama, apoiando-se sobre um buvar.)

Quando Ada esticou o braço para pegar o potinho de creme, Van agarrou e inspecionou sua mão, que se fez de morta. Recordações daquela linda borboleta-antíope que pousou por um instante na palma da mão dele, as asas bem fechadas, e de repente alçou voo. Van notou, com satisfação, que as unhas dela estavam compridas e afiadas.

“Não estão afiadas demais, minha querida?”, perguntou, dirigindo-se em especial à tola Córdula, que deveria ter ido ao toalete — vã esperança.

“Não mesmo”, respondeu Ada.

“Será que você não arranha as criancinhas quando faz carinho nelas?”, continuou Van, incapaz de parar. “Veja a mão da tua amiguinha” (tomando a mão de Córdula), “olhe para estas unhas tão curtas e elegantes” (patinha fria, dócil e inocente!). “Não correm o risco

de ficar presas no cetim mais fino, não é mesmo, Ardula — quer dizer, Córdula?”

As duas deram uma risadinha, e Córdula beijou o rosto de Ada. Van não sabia que reação esperava, mas aquele beijo simples o desarmou e desapontou. O ruído da chuva foi suplantado pelo trovejar crescente das rodas do trem. Van consultou o relógio de pulso e conferiu a hora no relógio de parede. Disse que sentia muito, era o seu trem que chegava.

“Não há de quê”, escreveu Ada (parafraseada aqui) em resposta aos abjetos pedidos de desculpa de Van, “só imaginamos que você estivesse bêbado. Mas nunca mais vou te convidar para me visitar em Brownhill, meu querido.”

O ano de 1880 (Aqua ainda viva, sabe-se lá como e onde) provou ser o mais memorável e talentoso de sua longa vida — longa demais, jamais suficientemente longa. Tinha dez anos. Seu pai se demorara no Oeste, onde as montanhas multicores agiam sobre Van como sempre o fizeram sobre jovens russos de grande inteligência. Era capaz de resolver um problema de cálculo digno de Euler ou aprender de cor o poema *O cavaleiro sem cabeça*, de Púchkin, em menos de vinte minutos. Junto a Andrei Andrêievitch, com suas camisas brancas empapadas de suor, Van passava horas recostado na sombra violeta dos rochedos cor-de-rosa estudando os grandes e pequenos escritores russos — e decifrando, nos tetrâmetros de Liérmontov lapidados como diamantes, as alusões exageradas (embora no todo encomiásticas) às aventuras amorosas e revoadas de seu pai tal como refletidas numa outra vida. Van tentava conter as lágrimas, enquanto AAA assoava o narigão vermelho, ao lhe ser mostrada a pegada deixada no barro por Tolstói, descalço como um camponês, num motel de Utah onde ele escrevera a história de Murat, o chefe navajo e filho bastardo de um general francês assassinado em sua piscina por Cora Day. Que grande soprano Cora Day havia sido! Demon levou Van à mundialmente famosa Ópera de Telluride, no oeste do Colorado, onde apreciaram (e às vezes detestaram) os melhores espetáculos internacionais — peças inglesas em verso branco, tragédias francesas em dísticos rimados, tonitruantes dramas musicais alemães com gigantes, mágicos e um cavalo branco que defecou no palco. Teve várias pequenas paixões — mágicas de salão, xadrez, lutas de boxe na categoria de peso penugem nas feiras locais, acrobacias equestres — e, obviamente, aquelas iniciações inesquecíveis, embora demasiado prematuras, quando sua jovem e bela professora de inglês o acariciava com grande perícia entre o milk-shake e a cama, vestindo só a anágua e já se preparando para ir a alguma festa na companhia de sua irmã, de Demon e do sr. Plunkett, um trapaceiro de cartas arrependido que agora servia como companheiro de cassino, guarda-costas, anjo da guarda, instrutor e conselheiro de Demon.



No apogeu de seus anos de aventura, o sr. Plunkett havia sido um dos maiores batoteiros (cortesmente chamados de “ilusionistas do baralho”) da Inglaterra e da América. Aos quarenta anos, no curso de uma sessão de pôquer aberto, havia sido traído por um desmaio de origem cardíaca (o qual permitiu infelizmente que as mãos sujas de um mau perdedor vasculhassem seus bolsos) e passara vários anos na prisão. Terminada a sentença e tendo se reconvertido ao catolicismo de seus ancestrais, tentou trabalhar como missionário, escreveu um livro sobre prestidigitação, assinou uma coluna sobre bridge publicada em vários jornais e ajudou a polícia em certas investigações (tinha dois filhos parrudos na corporação). A cruel devastação do tempo e alguns retoques cirúrgicos nos traços rudes não tinham tornado seu rosto cinzento mais atrativo, porém ao menos o fizeram irreconhecível para todos, com exceção de alguns velhos comparsas que agora, de qualquer modo, evitavam sua incômoda companhia. Para Van, ele era ainda mais fascinante que King Wing. Com seu jeito áspero mas bondoso, o sr. Plunkett não conseguiu deixar de explorar aquela fascinação (todos nós gostamos de ser amados), tendo ensinado ao menino os truques de uma arte tornada agora pura e abstrata, e por isso genuína. O sr. Plunkett sustentava que o uso de quaisquer recursos mecânicos, espelhos e vulgares “ancinhos de manga” terminava por ser descoberto, da mesma forma que gelatinas, musselina e mãos artificiais de borracha conspurcavam e encurtavam a carreira de um profissional do ramo. Ensinou a Van o que observar caso suspeitasse de algum trapaceiro que se cercasse de objetos brilhantes (“árvores de Natal” ou “estrelinhas”, como esses amadores, muitos dos quais respeitabilíssimos cidadãos, eram chamados pelos profissionais). O sr. Plunkett só acreditava na habilidade manual; bolsos secretos eram úteis (embora pudessem virar ao avesso e... contra você). O essencial era “sentir” a carta, mostrar delicadeza ao empalmá-la, saber movimentar os dedos, fingir que embaralhava sem fazê-lo, identificar as cartas ao recolhê-las da mesa, substituir a primeira carta do baralho, arrumar previamente as jogadas num baralho extra e, sobretudo, desenvolver a agilidade na digitação que, graças a um treinamento intensivo, podia dar origem a verdadeiros sumiços de cartas, à materialização de um coringa ou à transformação de dois pares em quatro reis. Quando se usava secretamente um baralho adicional, o requisito básico consistia em memorizar os descartes se as mãos não tivessem sido adrede preparadas. Durante uns dois meses Van treinou truques com cartas, dedicando-se depois disso a outras recreações. Porém, tendo se revelado um bom aprendiz, tratou de manter suas poções mágicas em local fresco.

Em 1885, ao completar o preparatório, foi para a Inglaterra estudar, como haviam feito seus ancestrais, na Universidade Chose, viajando vez por outra para Londres ou Lute (nome dado pelos britânicos

prósperos porém pouco refinados à encantadora e tristonha cidade cinza-pérola que ficava do outro lado do Canal).

Certo dia do inverno de 1886-87, na gélida e lúgubre Chose, em meio a um jogo de pôquer com dois franceses e um colega nos aposentos finamente decorados na Serenity Court de Dick (pois assim o chamaremos aqui), Van notou que os dois gêmeos gauleses vinham perdendo não apenas porque estavam felizes e totalmente embriagados, mas também porque *milord* era um daqueles “cretinos dos cristais” (no vocabulário de Plunkett), um homem de muitos espelhos — pequenas superfícies polidas com formatos variados e dispostas em ângulos variados, brilhando com discrição nos relógios ou anéis de sinete, dissimulando-se como fêmeas de pirilampos na vegetação rasteira, nos pés das cadeiras, dentro dos punhos e das golas, nas bordas dos cinzeiros (cuja posição, nos suportes adjacentes, Dick não cessava de ajustar com ar distraído) —, tudo aquilo que, como qualquer bom trapaceiro pode lhe dizer, era tão idiota quanto redundante.

Já tendo perdido uma soma considerável, Van decidiu que era chegada a hora de pôr em prática certos ensinamentos. Houve uma pausa no jogo. Dick dirigiu-se ao tubo acústico no canto da sala para pedir mais vinho. Os desafortunados gêmeos passavam de um para o outro uma caneta-tinteiro, apertando seguidamente o reservatório de tinta num vaivém desastroso a fim de calcular suas perdas, superiores às de Van, que enfiou um baralho no bolso e se pôs de pé, relaxando a musculatura dos ombros fortes mas algo enferrujados.

“Dick, por acaso você já encontrou nos Estados Unidos um jogador chamado Plunkett? Quando o conheci era careca e tinha a pele cinzenta.”

“Plunkett? Plunkett? Deve ter sido antes do meu tempo. Foi ele que virou padre ou coisa que o valha? Por quê?”

“É um dos amigos do meu pai. Grande artista.”

“Artista?”

“Isso mesmo, artista. Eu sou um artista. Acho que você *pensa* que é um artista. É o que muita gente pensa.”

“Que negócio é esse de artista?”

“Um observatório subterrâneo”, retrucou Van prontamente.

“Você deve ter tirado isso de algum romance moderno”, disse Dick, pondo de lado o cigarro depois de poucas e ávidas tragadas.

“Tirei do Van Veen”, disse Van Veen.

Dick voltou para a mesa a passos lentos. O empregado chegou com o vinho. Van entrou no lavabo e, como dizia o velho Plunkett, começou a “cuidar” do baralho. Lembrou-se de que usara pela última vez suas habilidades de prestidigitador ao mostrar alguns truques para Demon — que desaprovava seu emprego no jogo de pôquer. Ah, e também quando pacificou o ilusionista louco no hospital, obcecado com a ideia

de que a gravidade tinha algo a ver com a circulação sanguínea de um Ser Supremo.

Van confiava em sua habilidade — e na estultice de *milord* —, mas duvidava de que seria capaz de mantê-la por muito tempo. Sentia pena de Dick, que, exceto por ser um vigarista amador, era um sujeito simpático, embora indolente, de rosto balofo e corpo adiposo — qualquer um podia derrubá-lo com uma pena. Ele próprio admitia com franqueza que, caso sua família continuasse se recusando a pagar a dívida imensa que acumulara com gastos banais, teria de mudar-se para a Austrália a fim de lá contrair novas dívidas e falsificar alguns cheques no caminho.

Dick agora *constatait avec plaisir*, como revelou a suas vítimas, que apenas algumas centenas de libras o separavam da soma mínima de que necessitava para tranquilizar seu mais impiedoso credor. Diante disso, continuou a depenar os pobres Jean e Jacques com uma pressa temerária, até que se viu com três ases honestos (carinhosamente dados a ele por Van) contra quatro noves agilmente convocados por Van. Seguiu-se um bom blefe contra outro ainda melhor; e, com um Van generoso servindo cartas boas mas não suficientemente boas ao jovem lorde, que continuava a usar em desespero os espelinhos, seu martírio de repente chegou ao fim (enquanto alfaiates de Londres retorciam as mãos em meio ao nevoeiro e o célebre agiota St. Priest de Chose pedia uma audiência ao pai de Dick). Depois das apostas mais violentas que Van jamais vira, Jacques mostrou sem muita esperança uma *couleur* (tal como a chamou num sussurro de moribundo) e Dick teve de aceitar a derrota com um *straight flush* contra a sequência real do mesmo naipe de seu carrasco. Van, que até o momento não encontrara a menor dificuldade em ocultar suas delicadas manobras das lentes simplórias de Dick, teve então o prazer de vê-lo observar de relance o segundo coringa que Van palmeara enquanto recolhia e trazia para junto do peito o “arco-íris de marfim” — mais uma contribuição poética de Plunkett. Os gêmeos puseram as gravatas e vestiram os casacos, dizendo que precisavam ir embora.

“Eu também, Dick”, disse Van. “Pena que você teve de depender das tuas bolas de cristal. Muitas vezes me pergunto por que a palavra russa que caberia aqui — acho que temos um ancestral russo em comum — é igual à palavra alemã para ‘aluno de escola’ sem o *umlaut*”; e, enquanto continuava com aquela conversa mole, Van preencheu rapidamente um cheque que cobria as perdas dos franceses, deixando-os tão surpresos quanto extasiados. Pegou depois um punhado de cartas e fichas e as atirou no rosto de Dick. Os projéteis ainda estavam a caminho e ele já se lastimava do gesto cruel e vulgar, pois o infeliz não tinha a menor condição de reagir e lá ficou sentado, cobrindo um olho e examinando com o outro os óculos quebrados. Como também começou a sangrar um pouco, os gêmeos franceses trataram de oferecer-lhe dois lenços,

que ele afastou com a mão num gesto desprovido de agressividade. A aurora cor-de-rosa tiritava na verde Serenity Court. Vida dura na velha Chose.

(Devia haver um símbolo para denotar aplauso. Anotação de Ada.)

Van teve acessos de raiva pelo resto da manhã e, após um longo banho quente de banheira (o melhor conselheiro, o melhor estimulante e a melhor fonte de inspiração, tirante, obviamente, o vaso sanitário), resolveu escrever um pedido de desculpas ao trapaceiro trapaceado. Enquanto se vestia, um mensageiro lhe trouxe uma mensagem de lorde C. (primo de um de seus colegas de Riverlane), na qual o dadivoso Dick propunha quitar sua dívida em troca de uma apresentação ao Clube da *Villa Vênus*, tradicionalmente frequentado por seu clã. Nenhum rapaz de dezoito anos podia ter sequer a pretensão de fazer jus a tamanha magnanimidade. Era um bilhete de ida para o paraíso. Van lutou contra sua consciência, ligeiramente acima do peso ideal (ambos exibindo um sorrisinho irônico, como velhos companheiros numa academia de boxe) — e aceitou a oferta de Dick.

(Van, acho que você devia deixar mais claro por que razão, sendo um homem tão extraordinariamente orgulhoso e limpo — não estou me referindo aos desprezíveis imperativos físicos, somos todos feitos do mesmo barro —, por que você, meu Van tão puro, aceitou a oferta de um embusteiro que sem dúvida continuou a usar seus espelhinhos depois daquele fiasco. Acho que você tem de explicar, *primo*, que estava brutalmente sobrecarregado de trabalhos escolares e, *secundo*, que não podia suportar o pensamento de que o trapaceiro, justamente por ser um escroque, sabia que você não podia desafiá-lo para um duelo e, por isso, estava a salvo ao maltratá-lo. Certo? Van, você está me ouvindo? Acho...)

Ele não continuou a brincar com seus espelhinhos por muito tempo. Cinco ou seis anos mais tarde, em Monte Carlo, Van passava em frente ao terraço de um café quando alguém agarrou seu ombro, e um Dick C. comparativamente respeitável, irradiando alegria e saúde, debruçou-se sobre ele por cima das petúnias da treliça que servia como balaustrada:

“Van, deixei de lado toda aquela bosta de espelhos, trate de me dar os parabéns! Olhe, a única maneira segura é marcar as cartas! Espere, isso não é tudo, imagina que inventaram um ponto microscópico — microscópico mesmo — de um metal precioso chamado eufório, que você enfia embaixo da unha do dedo polegar. Não se pode ver o ponto a olho nu, mas uma parte minúscula do monóculo é preparada para aumentar a marca que você faz com ele, como se estivesse matando uma pulga, numa carta atrás da outra, à medida que elas vão sendo distribuídas durante o jogo. Essa é que é a beleza do troço, nenhuma preparação prévia, nenhum recurso de fora, nada! É só ir marcando as cartas! É só marcar!”, o bom Dick continuava a gritar enquanto Van já ia longe.

Em meados de julho de 1886, enquanto Van vencia o torneio de pingue-pongue a bordo de um transatlântico de luxo (que naquela época levava uma semana inteira para deslocar sua imponente estrutura branca de Dover até Manhattan!), Marina, suas filhas, a preceptora e duas criadas, ao voltar de trem de Los Angeles para Ladore, tremelicavam de febre em cada parada, atravessando os estágios mais ou menos simultâneos de uma *influenta* russa que atingira todo o grupo. Um hidrograma enviado de Chicago, que aguardava Van na casa de seu pai no dia 21 de julho (aniversário dela!), dizia: “PACIENTE DADAÍSTA IMPACIENTE CHEGA ENTRE VINTE E QUATRO E SETE CHAME DÓRIS ENCONTRO ATÉ MAIS VIZINHANÇA”.

“Isto me faz lembrar com tristeza dos *golubiânki* (*petit bleus*) que Aqua costumava me enviar”, observou Demon com um suspiro (tendo aberto automaticamente a mensagem). “Essa carinhosa Vizinha é alguma moça que eu conheço? Pode ficar me olhando com essa cara feia, mas certamente isto *não* é a mensagem de um médico para outro.”

Van levantou os olhos para o teto da sala de café da manhã (pintado por Boucher) e, balançando a cabeça num sinal de admiração zombeteira, cumprimentou Demon por sua perspicácia. Sim, era isso mesmo: ele tinha de partir imediatamente para Asmétia (anagrama de “até mais”, entendido?) e lá encontrar uma artista louca, chamada Dóris ou Odris, que só produzia desenhos absurdos.

Van alugou um quarto sob o nome falso de Boucher na única hospedaria de Malahar, uma aldeia miserável às margens do rio Ladore, a pouco mais de trinta quilômetros de Ardis. Passou a noite lutando contra o célebre mosquito (ou seu *primo*), que parecia gostar mais de Van do que seu desgraçado parente que circulava por Ardis. A privada no alto da escada era um buraco negro que ainda guardava os vestígios de uma explosão fecal entre as duas solas de algum gigante que ali se agachara. Às sete da manhã do dia 25 de julho, chamou a Mansão de Ardis da agência de correios de Malahar e conseguiu se conectar com Bout, que estava conectado de outra forma com Blanche e confundiu a voz de Van com a do mordomo.

“Que droga, papai”, disse ele no dorofone junto à cama, “eu agora estou ocupado!”

“Quero falar com a Blanche, seu idiota”, rosnou Van.

“*Oh, pardon*”, exclamou Bout, “*un moment, Monsieur.*”

Ouviu-se o som inconfundível de uma garrafa sendo aberta (bebendo vinho branco às sete da manhã!), e Blanche tomou o fone. Entretanto, mal Van começara a ditar a mensagem cuidadosamente formulada que devia ser transmitida a sua prima, quando Ada, que tinha passado a noite em claro, atendeu ela própria do quarto das crianças, onde o aparelho de som mais límpido da casa vibrava e borbulhava sob um barômetro falecido tempos atrás.

“Forquilha na floresta em quarenta e cinco minutos. Perdão pelos perdigotos.”

“Torre!”, respondeu sua voz doce e melodiosa, tal qual um piloto no azul do céu poderia dizer “Roger”.

Ele alugou uma motocicleta — máquina venerável, o selim forrado com feltro de mesa de bilhar e guidons pretensiosos com punhos de falsa madrepérola — e disparou por uma estreita estradinha de floresta, sacolejando ao passar por cima das raízes das árvores. A primeira coisa que viu foi a cintilação estelar da bicicleta abandonada: ela estava de pé, as mãos na cintura, anjo branco de cabelos negros, olhando para outro lado num torpor de timidez, vestindo um robe atoalhado e calçando chinelos. Ao tomá-la nos braços e levá-la para dentro do bosque, Van sentiu como o corpo dela queimava de febre, mas só compreendeu quão doente Ada estava quando, após dois espasmos de paixão, ela se levantou cambaleante, coberta de formiguinhas marrons, e quase caiu, murmurando algo sobre o fato de que os ciganos tinham roubado os *jeeps* deles.

Foi um encontro tão animalesco quanto celestial. Ele não conseguia lembrar-se...

(É verdade, nem eu. Ada.)

... de uma única palavra que falaram, uma pergunta, uma resposta. Levou-a de volta às pressas para tão perto da casa quanto ousou fazê-lo (tendo empurrado com o pé a bicicleta para o fundo de uma moita de samambaias). E, naquela noite, quando telefonou para Blanche, ela lhe disse num sussurro dramático que *Mademoiselle avait une belle pneumonie, mon pauvre Monsieur.*

Ada já estava bem melhor três dias depois, porém Van tinha de retornar a Man a fim de embarcar no mesmo navio de volta à Inglaterra — para integrar uma trupe de circo com pessoas a quem ele não podia decepcionar.

Seu pai compareceu ao embarque. Demon pintara o cabelo de um preto ainda mais preto. Usava um anel de diamante que reluzia tanto quanto um pico do Cáucaso. Suas longas asas negras oceladas de azul tremulavam na brisa marinha. *Liúdi ogliádivalis* (as pessoas se viravam

para trás a fim de vê-lo). Uma Tâmara temporária — os olhos realçados com lápis preto, os lábios pintados de um vermelho do Kazbek, enrolada numa estola rosa-flamingo — era incapaz de decidir o que mais agradaria a seu demoníaco amante: ficar só gemendo e ignorando o bonito filho dele, ou render tributo à virilidade do Barba Azul tal como refletida no emburrado Van, que não suportava o perfume caucasiano que ela usava (Graniel Maza, sete dólares o vidro).

(Sabe, Van, este é meu capítulo predileto até agora. Não sei por quê, mas o adoro. E você pode até deixar Blanche nos braços de seu amiguinho, nem isso importa. Na caligrafia mais afetuosa de Ada.)

Em 5 de fevereiro de 1887, um editorial não assinado no *Ranter* (o semanário de Chose habitualmente tão sarcástico e capcioso) descreveu o desempenho de Mascodagama como “o espetáculo mais inventivo e mais extraordinário jamais oferecido a uma plateia blasée de teatro de variedades”. Outras apresentações foram feitas no Clube Rantariver, mas nada no programa ou nos cartazes, além da referência a um “excêntrico estrangeiro”, fornecia alguma indicação sobre a natureza exata do espetáculo ou sobre a identidade do artista. Rumores cuidadosa e inteligentemente espalhados pelos amigos de Mascodagama alimentavam a especulação de que se tratava de um misterioso visitante vindo do outro lado da Cortina de Ouro, sobretudo porque pelo menos meia dúzia de membros de uma grande companhia circense então em viagem de boa vizinhança à Tartária (isto é, às vésperas da Guerra da Crimeia) — três dançarinas, um velho e doente palhaço com seu bode falante e um maquiador casado com uma das dançarinas, sem dúvida um agente múltiplo — já haviam desertado entre a França e a Inglaterra, em algum ponto do recém-construído “Chunnel”. O espetacular êxito de Mascodagama num circuito teatral que normalmente se limitava a apresentar peças elisabetanas, com rainhas e fadas interpretadas por belos rapazes, teve um grande impacto inicial sobre os cartunistas. Reitores de universidades, políticos locais, homens de Estado e, naturalmente, o então líder da Horda de Ouro foram retratados como mascodagamas pelos humoristas dos jornais. Um imitador grotesco (na verdade o próprio Mascodagama numa paródia supersofisticada de seu espetáculo!) foi vaiado em Oxford (uma universidade só para mulheres próxima a Chose) por desordeiros das vizinhanças. Um repórter atilado, que o ouvira imprecar contra uma dobra no tapete do palco, comentou no jornal que o artista tinha “pronúncia ianque”. O prezado sr. “Vascodagama” foi convidado ao Castelo de Windsor por seu proprietário, um descendente bilateral dos antepassados de Van, mas declinou o convite por suspeitar (incorretamente, como depois se verificou) que, à luz do erro de grafia, sua verdadeira identidade tivesse sido descoberta por um dos agentes



secretos que operavam em Chose — o mesmo, talvez, que pouco tempo antes salvara o psiquiatra P. O. Tiômkin do punhal do príncipe Potiômkin, um jovem desequilibrado natural de Sebastopol, Id.

Durante suas primeiras férias de verão, Van trabalhou sob a supervisão de Tiômkin na famosa clínica de Chose enquanto preparava uma tese ambiciosa, que nunca chegou a completar, intitulada *Terra: realidade eremítica ou sonho coletivo?*. Entrevistou numerosos neuróticos, entre os quais artistas de variedades e literatos, e pelo menos três cosmólogos intelectualmente lúcidos mas espiritualmente “perdidos”, que ou faziam parte de um conluio telepático (pois nunca se haviam encontrado nem sabiam da existência dos demais), ou tinham descoberto, sabe-se lá como e onde, talvez por meio de alguma espécie de “ôndula” proibida, um mundo verde que girava no espaço e espiralava no tempo; este mundo era semelhante ao nosso em termos de espírito-e-matéria e foi por eles descrito com idênticos pormenores, como três pessoas que assistissem de três janelas diferentes ao mesmo desfile carnavalesco na mesma rua.

Van passava as horas livres numa dissipação total.

Por volta de agosto, foi-lhe oferecido um contrato para fazer uma série de apresentações às tardes e às noites num famoso teatro de Londres durante as férias natalinas e nos fins de semana ao longo de todo o inverno. Aceitou com prazer, pois estava muito necessitado de ganhar certa distância de seus perigosos estudos: o tipo especial de obsessão que acometia os pacientes de Tiômkin parecia capaz de também contaminar pesquisadores mais jovens.

Como era inevitável, a fama de Mascodagama chegou aos grotões da América: uma fotografia dele — mascarado, é verdade, porém incapaz de enganar um parente querido ou um criado fiel — foi reproduzida nos jornais de Ladore, Ladoga, Laguna, Lugano e Luga na primeira semana de 1888, mas não a reportagem que a acompanhava. Só o trabalho de um poeta (“especialmente do grupo do Campanário Negro”, como disse um gozador) poderia descrever de modo adequado as vibrações macabras que caracterizavam a extraordinária exibição de Van.

O palco estava sempre vazio ao subirem as cortinas. Após cinco batidas de coração de suspense teatral, algo preto e enorme despontava dos bastidores ao som dos tambores de dervixes. O choque causado por sua entrada súbita e poderosa afetava as crianças na plateia de forma tão profunda que, por muito tempo, na treva das insônias cortadas por soluços, no esplendor de violentos pesadelos, os meninos e meninas mais impressionáveis reviviam, com acréscimos particulares, algo semelhante à “ansiedade primordial”, uma maldade informe, o frêmito de asas inominadas, a insuportável dilatação febril soprando como um vento de caverna do palco misterioso. Na luz crua do espaço atapetado em cores berrantes, irrompia um gigante mascarado, com mais de dois metros e quarenta de altura, correndo

veloz no tipo de botas macias usadas pelos dançarinos cossacos. Um enorme capote negro e felpudo, do gênero *burka*, envolvia sua *silhouette inquiétante* (segundo uma correspondente da Sorbonne — guardamos todos aqueles recortes) do pescoço ao joelho, ou o que pareciam ser essas partes do corpo. Uma máscara negra ocultava a parte superior do rosto, coberto de espessa barba e encimado por um gorro de astracã. O desagradável colosso andava com passos arrogantes de um lado para o outro do palco, adotando depois o caminhar incessante de um louco enjaulado; de repente, Mascodagama rodopiava e, acompanhado por um fragor de címbalos que subia da orquestra e pelos gritos de terror (talvez fingidos) vindos do balcão, dava uma cambalhota e se plantava de cabeça para baixo

Nessa estranha posição, com o gorro fazendo as vezes de uma plataforma pseudopodal, pulava para cima e para baixo, como um daqueles brinquedos de mola, até que, subitamente, se desfazia em pedaços. O rosto de Van, brilhando de suor, aparecia sorrindo entre as pernas, cujas botas ainda calçavam os braços erguidos bem alto sobre a cabeça. Ao mesmo tempo, seus pés verdadeiros chutavam para longe a falsa cabeça com o gorro amassado e a máscara barbada. A inversão mágica “tirava o fôlego dos espectadores”. Retomada a respiração coletiva, seguiam-se aplausos frenéticos (“ensurdecadores”, “delirantes”, “uma verdadeira tempestade”). Ele saía de cena aos saltos, retornando um momento depois, agora enfiado numa malha colante negra, para executar uma dança endemoniada usando as mãos como único apoio.

Devotamos tanto espaço para descrever sua exibição não apenas porque os artistas de variedades do tipo “excêntrico” costumam ser esquecidos com grande rapidez, mas também porque cumpre analisar a excitação que isso lhe causava. Nenhuma bola apanhada milagrosamente num campo de críquete, nenhum gol glorioso marcado num jogo de futebol (ele fazia parte do time da universidade nesses dois esportes magníficos), nem outros sucessos físicos anteriores, tal como ter nocauteado o mais forte brigão do Colégio Riverlane no primeiro dia de aula, nada disso jamais dera a Van a satisfação que Mascodagama sentia. Essa satisfação não estava relacionada diretamente com o hálito quente da ambição alcançada, embora já bem velho, ao lembrar uma vida de esforços não reconhecidos, Van efetivamente saudasse com um prazer folgazão — mais prazer até do que sentira no passado — a aclamação banal e a inveja vulgar que o acompanharam durante aquele breve período de sua juventude. A essência da satisfação só se assemelhava às emoções que Van mais tarde extrairia das tarefas extravagantemente difíceis e aparentemente absurdas que V. V. se impunha ao buscar expressar algo que, até ser de fato formulado, tinha apenas uma existência crepuscular (ou mesmo nenhuma existência — apenas a ilusão da sombra retrospectiva de sua expressão iminente).

Era o castelo de cartas de Ada. O truque de colocar uma metáfora de cabeça para baixo, não pelo prazer da dificuldade, mas a fim de ver uma cascata em que as águas caem para cima ou um pôr do sol ao contrário: em certo sentido, um triunfo sobre a seta do tempo. Assim, o êxtase que o jovem Mascodagama sentia ao vencer a gravidade se assemelhava ao da revelação artística no sentido total e naturalmente desconhecido para críticos despreparados, comentaristas da cena social, moralistas, comerciantes de ideias, e assim por diante. Van, no palco, executava organicamente aquilo que suas figuras de retórica fariam mais tarde — maravilhas acrobáticas que elas não pareciam capazes de produzir e que causavam medo às crianças.

Mas o simples prazer físico de andar sobre as mãos também não era um fator insignificante, e as manchas multicores com que o tapete do palco marcava a palma de suas mãos durante a dança sem luvas pareciam os reflexos de um outro mundo ricamente colorido que ele fora o primeiro a descobrir. Para o número de tango, que encerrava o espetáculo em sua derradeira turnê, foi-lhe dada como companheira uma dançarina de cabaré da Crimeia que usava um vestido de lantejoulas curto com ousado decote nas costas. Ela cantava o tango em russo:

*Pod znóinim niébom Argentíni,* [Sob o céu mormacento da Argentina,  
*Pod strástrni góvor mandolíni* Ao som caloroso da mandolina]

A frágil e ruiva “Rita” (nunca soube seu nome verdadeiro) — uma bonita caraíta de Chufut Kale, onde, segundo ela lembrava com nostalgia, as flores amarelas do corniso da Crimeia (*kizíl*) brotavam em meio às rochas áridas — guardava estranha semelhança com a Lucette de dez anos depois. Ao dançarem, tudo o que Van via dela eram as sapatilhas prateadas volteando ou marchando agilmente em compasso com suas mãos. Ele se recuperava durante os ensaios, e certa noite convidou-a para saírem juntos. Ela recusou com indignação, dizendo que adorava seu marido (o tal especialista em maquiagem) e odiava a Inglaterra.

Chose era famosa tanto pela dignidade de seus regulamentos como pelo brilho de seus traquinas. A identidade de Mascodagama não podia escapar ao interesse, e mais tarde ao conhecimento das autoridades da universidade. Seu orientador de tese, um homossexual decrépito e sorumbático, sem uma gota de humor e com um respeito inato por todas as convenções da vida acadêmica, chamou a atenção de um Van irritadíssimo e quase descortês para o fato de que, em seu segundo ano de Chose, não era razoável que ele combinasse estudos universitários com atividades circenses, e que, caso insistisse em transformar-se num artista de variedades, seria simplesmente expulso. O velho ranzinza também escreveu uma carta a Demon pedindo-lhe que fizesse o filho

trocar as proezas físicas pela filosofia e pela psiquiatria, sobretudo porque Van havia sido o primeiro americano a ganhar (aos dezessete anos!) o prêmio Dudley (por um ensaio sobre a Insanidade e a Vida Eterna). Ao partir para a América, nos primeiros dias de junho de 1888, Van ainda não sabia ao certo como equilibrar orgulho e prudência.

Van voltou à Mansão de Ardis em 1888. Chegou numa tarde nublada de junho, sem ser esperado, sem ser convidado, sem ser necessário, com um colar de diamantes enrolado no bolso. Ao se aproximar por um gramado lateral, viu uma cena extraída de alguma vida nova que estava sendo ensaiada para um filme desconhecido, sem ele nem para ele. Uma grande festa parecia estar chegando ao fim. Três moças em vestidos azul-amarelados da grife Vass, com elegantes faixas multicores, cercavam um jovem meio gorducho, algo careca e metido a janota que, segurando uma taça de champanhe, olhava do alto do terraço da sala de estar para uma quarta moça com um vestido preto sem mangas. Em frente ao alpendre, um chofer grisalho tentava fazer pegar o motor de um velho carrinho esporte que tremelicava a cada giro da manivela, enquanto aqueles braços nus, bem esticados, mantinham aberto o manto branco da baronesa von Skull, tia-avó da moça. Contra o alvor do manto, a nova silhueta de Ada, alta e magra, destacava-se num perfil feito de preto — o preto do alinhado vestido de seda sem mangas, sem ornamentos, sem memórias. Com gestos lentos a velha baronesa procurava alguma coisa sob uma axila, depois sob a outra — que seria, uma muleta, a ponta pendente de um brinco brincalhão? — e, ao se voltar para receber o manto (já então retirado das mãos de sua sobrinha-neta por um laçao moroso, admitido recentemente), Ada também girou o corpo e revelou a lividez de seu pescoço, ainda não maculado por nenhuma joia, ao subir correndo os degraus do alpendre.

Van a seguiu para dentro da casa, desviando-se das colunas do vestíbulo, abrindo espaço em meio a um grupo de convidados, rumando para uma mesa distante com jarras de cristal cheias de *ambrozia* de cerejas. Contrariando a moda, ela não estava usando meias; as barrigas de suas pernas eram fortes e pálidas, e (tenho aqui uma anotação para um romance-fantasma) “o decote profundo do vestido preto criava um forte contraste entre a familiar brancura opaca de sua pele e o negrume brutal do rabo de cavalo de seu novo penteado”.

Apesar de excludentes, duas emoções o envolveram: de um lado, a certeza devastadora de que tão logo ele atingisse, no labirinto de um

pesadelo, o pequeno quarto vividamente lembrado onde havia uma cama e um lavatório de criança, ela chegaria trazendo sua nova, esbelta e macia beleza; e, do lado em sombra, o pânico agudo de encontrá-la mudada, odiando o que ele desejava, condenando aquilo como algo errado, explicando-lhe novas e terríveis condições — que ambos estavam mortos ou só existiam como figurantes numa casa alugada por algum estúdio cinematográfico.

As muitas mãos que lhe ofereciam vinho, amêndoas ou elas próprias o impediam de alcançar o objetivo quimérico. Mas ele continuava a avançar malgrado as arremetidas de reconhecimento: tio Dan, soltando um grito de surpresa, apontou-o a um estranho que fingiu se mostrar pasmo com a singularidade daquele truque óptico. Segundos depois, uma Marina repintada, de peruca vermelha, muito bêbada e chorosa, grudou os lábios recedentes a vodca com cereja nas bochechas e outras partes não protegidas do rosto de Van, emitindo abafados sons maternais, entre gemidos e mugidos, na melhor tradição dos afagos russos.

Ele se desvencilhou e prosseguiu na perseguição. Ada passara agora à sala de estar, mas, pela expressão de suas costas, pela tensão das omoplatas, Van sentiu que o havia visto. Ele tratou de secar o ouvido molhado que ainda zumbia, respondendo com um aceno de cabeça ao copo erguido por um sujeito louro e corpulento (Percy de Prey? Ou será que Percy tinha um irmão mais velho?). Uma quarta moçoila, usando também a “criação” de verão (milho e centáurea-azul) do famoso costureiro canadense, parou Van a fim de informá-lo, fazendo um beicinho simpático, de que se esquecera de quem ela era, o que não deixava de ser verdade. “Estou exausto. A pata de meu cavalo ficou presa no buraco de uma tábua podre da ponte de Ladore e ele teve de ser sacrificado. Fui obrigado a andar treze quilômetros. Acho que estou sonhando. E acho que você se chamava Sonho de Verão, não é?” “Não, eu sou a Córdula!”, ela gritou, porém Van já tinha partido.

Ada havia desaparecido. Van jogou fora o sanduíche de caviar, que se deu conta de estar carregando como se fosse um bilhete de entrada para algum espetáculo. Entrou na copa e disse ao novo laçai, irmão de Bout, que o levasse a seu velho quarto e lhe trouxesse uma daquelas banheiras de borracha que usara quatro anos antes, quando não passava de um menino. Bem como um pijama qualquer. Seu trem tinha enguiçado em pleno campo, entre Ladoga e Ladore, e ele tivera de caminhar trinta e dois quilômetros, sabe-se lá quando é que mandariam suas malas.

“Acabaram de chegar”, disse o verdadeiro Bout, com um sorriso ao mesmo tempo confidencial e pesaroso (Blanche tinha dado o fora nele).

Antes de tomar banho, Van se esticou para fora da estreita janela a fim de ver os loureiros e lilases que margeavam o alpendre, de onde subia o bruaá das alegres despedidas. Avistou Ada. Viu-a correr atrás

de Percy, que pusera a cartola cor de pérola e se afastava atravessando o gramado. Isso lhe trouxe à mente a lembrança quase apagada de um padoque onde certa feita Percy e ele haviam conversado sobre um cavalo manco e Riverlane. Ada alcançou o rapaz numa mancha repentina de sol; ele parou e ela ficou lhe falando e sacudindo os cabelos como fazia quando estava nervosa ou aborrecida. De Prey beijou-lhe a mão. Isso era coisa de francês, mas não fazia mal. Ficou segurando a mão que beijara enquanto ela falava, e então voltou a beijá-la — e isso não era coisa que se fizesse, isso era pavoroso, isso não podia ser tolerado.

Abandonando seu posto de observação, Van, nu, procurou algo nas roupas que despira. Achou o colar. Numa fúria glacial, arreventou-o em trinta, quarenta granizos reluzentes, alguns dos quais caíram aos pés dela quando irrompeu no quarto.

Ada varreu o chão com os olhos.

“Que pena...”, começou.

Van citou com toda a calma a resposta final do célebre conto de *Mlle. Larivière*: “*Mais, ma pauvre amie, elle était fausse*” — o que, nesse caso, era uma amarga mentira. No entanto, antes de recolher os diamantes espalhados por todos os lados, Ada trancou a porta e o abraçou, chorando. O toque de sua pele e do tecido de seda resumia o que é a mágica de viver... mas por que todo mundo me recebe com lágrimas? Queria saber também se aquele era Percy de Prey. Era. Que tinha sido expulso de Riverlane? Ela supunha que sim. Ele havia mudado, tinha ficado gordo como um porco. Tinha mesmo, não é? Era o novo queridinho dela?

“E agora”, disse Ada, “Van vai parar de ser vulgar... e parar para sempre! Porque eu tive, tenho e sempre terei um único amor, um único rancor, uma única tristeza, uma única alegria.”

“Podemos recolher tuas lágrimas depois”, ele disse, “não aguento esperar mais.”

Os lábios de Ada se abriram quentes e trêmulos, porém, quando Van tentou puxar o vestido por cima de sua cabeça, ela se esquivou com um murmúrio de negação relutante, pois a porta acabara de entrar em ação: podiam se ouvir dois pequenos punhos martelando no lado de fora, num ritmo que ambos conheciam muito bem.

“Oi, Lucette!”, Van gritou. “Estou trocando de roupa, vá embora.”

“Oi, Van! Estão chamando pela Ada, não por você. Eles querem que você desça, Ada!”

Um dos gestos de Ada — utilizado quando ela tinha de exprimir num lampejo mudo todas as facetas de sua agrura (“Olha, eu tinha razão, é sempre assim, *nitchegó nie podielaiach* — nada a fazer”) — consistia em traçar com as duas mãos o contorno de um vaso invisível, da borda até a base, acompanhado de uma reverência melancólica. Foi o que ela fez antes de sair do quarto.

A situação se repetiu algumas horas depois de um modo bem mais agradável. Para o jantar, Ada usou outro vestido, de algodão carmesim, e, quando se encontraram à noite (no velho depósito de ferramentas, à luz de uma lanterna de carbureto), ele abriu o zíper com tal impetuosidade que quase rompeu o vestido em dois para expor toda a beleza dela. Ainda estavam em plena ação (no mesmo banco coberto com o mesmo roupão axadrezado — trazido de propósito), quando a porta de fora se abriu sem fazer ruído e Blanche deslizou para dentro do depósito como um fantasma impudico. Ela tinha sua própria chave, voltava de um encontro amoroso com o velho Sore, o vigia noturno da Borgonha, e lá ficou como uma idiota contemplando o jovem casal. “Na próxima vez, bata antes de entrar”, disse Van com um sorriso malicioso e sem se preocupar em parar — na verdade, divertindo-se com a mágica aparição: ela vestia uma capa de esquilo siberiano que Ada perdera na floresta. Ah, Blanche tinha ficado maravilhosamente bonita e *elle le mangeait des yeux* — porém Ada fechou a lanterna com um safanão e, resmungando mil desculpas, a devassa saiu tateando em busca do corredor. Ada não conseguiu reprimir uma risadinha e Van retomou sua apaixonante tarefa.

Foram se demorando por ali, incapazes de se separar, sabendo que qualquer explicação serviria se alguém desejasse saber por que seus quartos tinham ficado vazios até de madrugada. O primeiro raio da aurora retocou com tinta verde uma caixa de ferramentas, quando então, movidos por fim pela fome, eles se levantaram e voltaram à copa no mais absoluto silêncio.

“*Tchto, víspalsia, Vahn* (e então, Van, dormiu até não poder mais)?”, disse Ada, imitando com perfeição a voz de sua mãe e continuando no inglês de Marina: “Posso avaliar por seu apetite. E creio que é só o primeiro *brekfest*”.

“Puxa”, rosnou Van, “meus joelhos! Aquele banco foi cruel. E estou morto de fome.”

Ficaram sentados à mesa de café da manhã, um de frente para o outro, mastigando pão preto com manteiga fresca, presunto da Virgínia e nacos do genuíno queijo *emmental* — (“olha aqui esse mel transparente”): dois alegres primos “atacando a geladeira”, como faziam as crianças nos velhos contos de fada, e os tordos assoviando melodiosos no jardim verde-esmeralda enquanto as sombras verde-musgo escondiam suas garras.

“Meu professor de teatro”, disse Ada, “acha que eu sou melhor nas farsas do que nas tragédias. Se ele soubesse!”

“Não há nada para saber”, retrucou Van. “Nada, nada mudou! Mas essa é uma impressão geral, estava muito escuro naquele lugar para julgar os detalhes. Vamos examiná-los amanhã em nossa pequena ilha: ‘Minha irmã, você se lembra ainda...’.”



“Ah, cale a boca!”, disse Ada. “Deixei para lá todas essas coisas — *petit vers, vers de soie...*”

“Ora, ora”, interrompeu Van, “algumas das rimas eram belas acrobacias para a mente de uma criança: ‘*Oh! Qui me rendra ma Lucille, et le grand chêne and zee big hill*’. A pequena Lucille”, ele acrescentou, tentando dissipar com uma piada os cenhos franzidos de Ada, “a pequena Lucille ficou tão aveludada que vou te trocar por ela se você continuar de mau humor assim à toa. Lembro que a primeira vez que você ficou aborrecida comigo foi quando joguei uma pedra numa estátua e assustei um tentilhão. Isso é que é memória!”

Ela estava de mal com a memória. Achava que os criados acordariam logo e então eles poderiam comer algo quente. A geladeira só tinha coisas doces.

“Por que triste de repente?”

Sim, ela estava triste, respondeu, estava numa tremenda encrenca, e o dilema em que se encontrava podia levá-la à loucura se não tivesse a certeza de que seu coração era puro. Podia explicar tudo melhor com uma parábola. Era como a garota no filme que ele iria ver em breve, a qual se defronta com três facetas de uma tragédia que precisa ocultar sob pena de perder seu único e verdadeiro amor, a ponta da flecha, a ponta da dor. Em segredo, está lutando simultaneamente contra três tormentos: tentando escapar de uma relação tediosa que vem se arrastando há muito tempo com um homem casado, de quem ela tem pena; tentando cortar pela raiz uma aventura louca com um jovem e atraente boboca, de quem ela tem ainda mais pena; e tentando manter intacto o amor do único homem que é tudo em sua vida e está acima da pena, acima da pobreza de sua comiseração de mulher, porque, como consta do enredo, o ego dele é mais rico e mais orgulhoso do que aqueles dois pobres vermes poderiam imaginar.

O que ela tinha feito com os pobres vermes depois da morte inesperada de Krolik?

“Ah, soltei todos” (um largo e vago gesto), “espalhei pelo mato, botei em cima das plantas apropriadas. Enterrei os que estavam em estado de crisálida, disse a eles para saírem correndo enquanto os passarinhos não os viam — ou, infelizmente, fingiam que não os viam. Bom, para encerrar aquela parábola, porque você tem o dom de interromper e desviar meus pensamentos, em certo sentido também estou sofrendo três formas de tortura. A principal, óbvio, é a ambição. Sei que nunca serei uma bióloga, minha paixão pelas criaturas que rastejam é grande, mas não devoradora. Sei que vou sempre adorar as orquídeas, os cogumelos e as violetas, e você ainda vai me ver sair sozinha para vagar sozinha pela floresta, voltando sozinha com um único lírio. Mas as flores, por mais irresistíveis que sejam, também terão de ser abandonadas, tão logo eu tenha forças para isso. Restam a grande ambição e o maior terror: o sonho da escalada mais arriscada e

mais íngreme nos píncaros azuis da arte cênica — provavelmente para acabar como uma dessas centenas de velhinhas solteironas que dão aulas de teatro, sabendo, como você repete com sinistra insistência, que não podemos nos casar, além de ter sempre diante de mim o terrível exemplo da patética, medíocre e corajosa Marina.”

“Bem, esse negócio da solteirona é bobagem”, disse Van, “vamos resolver isso de alguma maneira, vamos nos tornar parentes cada vez mais distantes por conta de uns documentos artisticamente falsificados e por fim seremos apenas pessoas que têm sobrenomes iguais. Ou, na pior das hipóteses, vamos viver num cantinho bem quieto, você como minha empregada doméstica, eu como um pobre epiléptico que precisa de cuidados especiais, e então, como dizia teu Tchékhov, ‘veremos todo o céu cravejado de brilhantes’.”

“Você encontrou todos eles, tio Van?”, Ada perguntou, suspirando e encostando a cabeça dolente no ombro dele. Ela havia lhe contado tudo.

“Mais ou menos”, respondeu Van, sem se dar conta de que ela havia confessado tudo. “Seja como for, fiz um estudo cuidadoso do chão mais poeirento jamais visto por qualquer personagem romântico. Uma danada de uma pedrinha rolou para baixo da cama, onde cresce uma floresta virgem de felpas e fungos. Vou mandar refazer o colar em Ladore na primeira vez que for lá. Tenho uma porção de coisas para comprar — um belo roupão em homenagem à nova piscina de vocês, um creme chamado *Chrysanthemum*, um par de pistolas de duelo, um colchão de praia dobrável, de preferência preto — para realçar teu corpo não na praia, mas naquele banco em nossa *isle de Ladore*.”

“Embora”, disse ela, “eu não aprove que você faça o papel ridículo de procurar pistolas em lojas de antiguidade, sobretudo quando a Mansão de Ardis está cheia de velhos rifles, espingardas e revólveres, arcos e flechas — você se lembra, treinamos um bocado quando éramos crianças.”

Ah, verdade, verdade. Crianças, isso mesmo. De fato, era muito estranho considerar o passado recente naqueles termos. Porque nada havia mudado — você concorda comigo, não concorda? —, nada, sem contar algumas melhorias no parque e a preceptora.

Claro! Não é incrível? A nossa Larivière literalmente meter os peitos e se transformar numa grande escritora? Das mais vendidas no mercado do Canadá! O conto *La Rivière de Diamants* se tornou um clássico nas escolas de moças e seu grandioso pseudônimo, Guillaume de Monparnasse (a omissão do “t” dando um toque mais *intime*), ficou conhecido de Quebec a Kaluga. Como ela mesma disse no seu estilo exótico: “A fama bateu às minhas portas, os rublos rolaram e os dólares deslizaram” (ambas as moedas eram usadas naquela época na Estócia oriental). Mas a boa Ida, longe de abandonar Marina (por quem ela se apaixonara platônica e perdidamente ao vê-la na peça *Bilitis*),

recriminava-se por dar mais atenção à literatura do que a Lucette; em consequência, devotava agora à menina, em espasmos de zelo durante as férias, muito mais atenção do que sua pobre irmãzinha (nas palavras da própria Ada) havia recebido aos doze anos, após seu primeiro e miserável trimestre no colégio. Van tinha sido muito boboca: suspeitar de Córdula! A casta, carinhosa e burrinha Córdula de Prey, quando Ada lhe havia explicado, duas, três vezes, usando códigos diferentes, que havia *inventado* aquela colega sem-vergonha ao ser literalmente *arrancada* da companhia dele, tendo presumido — por antecipação, se isso é possível — a existência de uma garota assim. Uma espécie de cheque em branco que queria receber dele. “Bom, você recebeu o cheque”, disse Van, “só que agora ele foi destruído e não vai ser renovado. Mas por que você correu atrás do gordo Percy? O que é que havia de tão importante para falar com ele?”

“Ah, muito importante”, disse Ada, colhendo uma gota de mel no lábio inferior. “A mãe dele estava no dorofone, e ele pediu para eu dizer a ela que estava indo para casa, e eu esqueci tudo, e subi correndo para te beijar.”

“Em Riverlane”, disse Van, “chamávamos isso de uma Verdade Rosquinha: só a verdade, toda a verdade, e um buraco na verdade.”

“Eu te odeio”, gritou Ada, fazendo logo depois o que ela chamava de “cara de sapo” para alertá-lo de que Bouteillan havia aparecido na porta, sem bigode, sem casaco e sem gravata, embora os suspensórios vermelhos mantivessem as calças pretas bem acima da imponente barriga. Logo desapareceu, prometendo trazer o café.

“Mas deixe eu te perguntar, meu querido, deixe eu perguntar uma coisa. Quantas vezes o Van me foi infiel desde setembro de 1884?”

“Seiscentas e treze vezes”, respondeu Van. “Com pelo menos duzentas prostitutas, que apenas me acariciaram. Continuei absolutamente fiel a você, porque não passaram de ‘obmanipulações’, afagos fingidos e insignificantes por mãos frias e já esquecidas.”

O mordomo, agora corretamente trajado, chegou com o café e as torradas. E também com a *Gazeta de Ladore*, que trazia uma fotografia de Marina sendo paparicada por um jovem ator latino.

“Xi!”, exclamou Ada. “Tinha esquecido inteiramente! Ele vem aqui hoje, com um diretor de cinema, e lá se vai nossa tarde. Mas já estou me sentindo revigorada e em forma”, ela acrescentou (após a terceira xícara de café). “São só dez para as sete agora. Vamos dar um bom passeio no parque. Há uns lugares que você talvez reconheça.”

“Meu amor”, disse Van, “minha orquídea-fantasma, minha flor amarela! Não durmo há duas noites — uma passei imaginando a outra, e essa outra comprovou ser mais do que eu havia imaginado. Pelo momento estou saciado de você.”

“Não é um cumprimento dos mais delicados”, disse Ada, tocando a campainha com força para pedir mais torradas.

“Eu te fiz oito cumprimentos, como um certo cidadão de Veneza...”

“Não estou interessada em venezianos vulgares. Você ficou tão rude, meu querido, tão estranho...”

“Desculpe”, ele disse, levantando-se. “Não sei o que estou dizendo. Estou morto de cansaço, vejo você no almoço.”

“Hoje não vai ter almoço”, disse Ada. “Vão servir alguma droga para comer na beira da piscina e bebidas adocicadas o dia todo.”

Van pensou em beijar-lhe a cabeça sedosa, mas naquele instante Bouteillan entrou e, enquanto Ada desancava o mordomo por ter trazido tão poucas torradas, tratou de escapulir.

O roteiro agora estava pronto. Marina, numa túnica feita de musseline listrada e com um chapéu de cule, lia deitada numa espreguiçadeira em pleno pátio. Seu diretor, G. A. Vrônski, idoso e careca, com um tufo de cabelos grisalhos no peito gordo, tomava goles de vodca com tônica e passava para Marina as páginas batidas à máquina que ia retirando de uma pasta de cartolina. Do outro lado, sentado de pernas cruzadas sobre uma esteira, estava Pedro (sobrenome desconhecido, nome artístico esquecido), jovem ator de uma beleza repugnante e praticamente nu, com orelhas de sátiro, olhos oblíquos e narinas de lince, que Marina havia trazido do México e mantinha num hotel em Ladore.

Deitada na borda da piscina, Ada fazia o possível para que seu tímido dachshund encarasse a câmara numa posição razoavelmente vertical e decente, enquanto Phillip Rack (jovem músico insignificante porém em essência simpático que, num calção de banho largo demais, parecia ainda mais lastimável e sem jeito do que no terno de veludo verde que considerava apropriado usar quando vinha dar aulas de piano para Lucette) tentava tirar uma fotografia em que ficassem registrados ao mesmo tempo o animal recalitrante, cuja língua não parava dentro da boca, e o entresseio que surgia no decote do maiô de Ada, deitada quase de bruços.

Focalizando agora outro grupo alguns metros adiante, sob as grinaldas roxas do arco do pátio, seria possível enquadrar tanto a mulher grávida do jovem maestro (que, num vestido de bolinhas, enchia pequenas taças com amêndoas salgadas) quanto nossa renomada escritora, resplandecente em babados cor de malva, chapéu malva e sapatos malva, a qual procurava enfiar uma camiseta zebrada em Lucette (que a enxotava com palavras grosseiras aprendidas com uma criada, embora pronunciadas num tom de voz bem adaptado às deficiências auditivas de *Mlle. Larivière*).

Lucette continuou topless. Sua pele lisa e rija tinha a coloração de um caldo grosso de pêssego; a bundinha, nos shorts verde-salgueiro, saracoteava comicamente; o sol lustrava seus cabelos ruivos e o torso

encorpado, onde surgiam duas insinuações quase imperceptíveis de feminilidade. Van, de má vontade, lembrou com sentimentos conflitantes como a irmã dela era mais desenvolvida antes mesmo de fazer doze anos.

Ele passara a maior parte do dia dormindo como uma pedra em seu quarto, e um longo sonho, lúgubre e desconexo, havia repetido numa espécie de paródia incoerente sua desgastante noite casanovesca com Ada e aquela conversa matinal algo funesta. Ao escrever isso agora, após atravessar tantos vales e montanhas do tempo, vejo que não é fácil separar nossa conversa, tal como registrada de forma inevitavelmente estilizada, e o zumbido de infelicidade nascido de sórdidas traições que obcecou o jovem Van em seu sombrio pesadelo. Ou estaria ele agora sonhando que havia sonhado? Será que uma grotesca preceptora de fato escrevera um romance intitulado *Les Enfants Maudits*? A ser filmado por fantoches frívolos que no momento debatiam sua adaptação para o cinema? E que seria ainda mais banal do que a obra tão premiada, com aqueles elogios exagerados na orelha do livro? Ele detestava Ada tanto quanto a detestara no sonho? Sim, detestava.

Aos quinze anos, ela tinha uma beleza irritante e desesperadora; bastante malcuidada também; somente doze horas antes, no escuro depósito de ferramentas, ele havia sussurrado no ouvido dela alguma coisa sutil sobre o cê-cê. Era excêntrica nos hábitos e nas roupas. Como não gostava de tomar banho de sol, nenhum vestígio do bronzeado que havia dado um ar californiano a Lucette conspurcava a brancura desavergonhada de suas longas pernas e das omoplatas magras.

Prima afastada e não mais irmã de René (nem mesmo sua meia-irmã tão liricamente anatematizada por Monparnasse), Ada pulou por cima de Van como se ele fosse uma tora de madeira e carregou o cachorro desconcertado de volta para Marina. O ator, que muito provavelmente levaria um soco de alguém numa cena futura, fez um comentário obsceno num francês de cais do porto.

“*Du sollst nicht zuhören*” (não preste atenção), murmurou Ada para o germânico *dachshund* antes de pô-lo no colo de Marina sob as páginas das “crianças malditas”. “*On ne parle pas comme ça devant un chien*”, acrescentou Ada, não se dignando a olhar na direção de Pedro, o qual, não obstante, levantou-se, deu uma reajustada nas suas partes baixas e mergulhou na piscina antes dela com um salto *à la Nurjinski*.

Ada era realmente bonita? Era, ao menos, o que se costuma chamar de atraente? Era pura exasperação, era tortura. A bobinha havia prendido os cabelos numa touca de borracha, o que dava uma aparência inusitada e vagamente clínica a sua nuca, com aqueles estranhos fiapos e caracóis negros, como se ela tivesse conseguido um emprego de enfermeira e nunca mais fosse dançar. O maiô de uma

peça, de um azul-cinza desbotado, exibia uma mancha de gordura e um buraco acima do quadril — possivelmente, era razoável pensar, obra de alguma larva faminta por gordura —, além de parecer demasiado curto para ser cômodo sem ficar indecente. Ela cheirava a algodão molhado, pelos axilares e nenúfares, como a louca Ofélia. Nenhuma dessas coisas menores teria aborrecido Van caso os dois estivessem sozinhos; mas a presença do ator supermásculo tornava tudo obscuro, desleixado e insuportável. Focalizemos de novo a borda da piscina.

Nosso jovem, por ser excepcionalmente *brezglív* (fastidioso, capaz de se enojar com tudo), não tinha o menor desejo de partilhar alguns metros cúbicos de celestino clorado (“o céu na sua piscina”) com dois outros homens. Não era nem um pouco japonês. Lembrava sempre, com frêmitos de repugnância, a piscina coberta da sua primeira escola, os narizes escorrendo, os peitos cheios de espinhas, os contatos acidentais com a odiosa carne masculina, as borbulhas suspeitas que explodiam na superfície com efeitos fétidos e, sobretudo, sobretudo, o safado de jeito afável, dissimulado, triunfante e absolutamente repulsivo que, com água até os ombros, urinava em segredo (e, Deus meu, que surra Van lhe havia dado, embora Vere de Vere fosse três anos mais velho).

Agora se mantinha cuidadosamente fora do alcance de qualquer respingo enquanto Pedro e Phil bufavam e espadanavam na água imunda. Logo depois, boiando e mostrando suas horríveis gengivas num sorriso servil, o pianista tentou puxar Ada para dentro da piscina, mas ela, ainda estendida na borda azulejada, evitou a arremetida desesperada abraçando-se à grande bola cor de laranja que acabara de tirar da água; após afastar Phil com o escudo esférico, Ada o lançou na direção de Van, que o jogou para longe com um tapa, recusando o gambito, ignorando a gracinha, desprezando a garota.

Em seguida, o cabeludo Pedro içou-se para a borda da piscina e começou a flertar com a infeliz Ada (suas atenções banais eram, na verdade, o menor dos problemas da moça).

“Tem que ajeitar sua pequena abertura”, ele disse.

“*Que voulez-vous dire*, que diabo você está dizendo?”, ela perguntou em vez de lhe dar uma bofetada com as costas da mão.

“Permita-me que eu toque seu encantador penetralium”, insistiu o idiota, enfiando um dedo úmido no buraco do maiô.

“Ah, bom, *isso*” (sacudindo os ombros e repondo no lugar a tira do maiô que se deslocara com o movimento brusco). “Não tem importância. Da próxima vez quem sabe eu uso meu fabuloso biquíni novo.”

“Da próxima vez quem sabe Pedro já foi.”

“Que pena, não é?”, disse Ada. “Agora vai lá pegar uma Coca para mim, como um bom cachorrinho.”

“*E tu?*”, Pedro perguntou a Marina ao passar pela espreguiçadeira. “Outra vodca com suco de laranja?”

“Sim, querido, mas com *grapefruit*, e não com laranja, e um pouco de *zuccherò*. Não consigo entender” (virando-se na direção de Vrônski). “Por que eu falo como se tivesse cem anos nesta página e quinze na outra? Porque, se é um flashback — e imagino que seja um flashback” (ela pronunciava *fleshbeck*) —, então Renny, ou como é que ele se chama... René não deveria saber o que parece saber.”

“Mas ele não sabe”, gritou G. A., “não é bem um flashback. Seja como for, esse Renny, o amante número um, obviamente não sabe que ela está tentando se livrar do amante número dois, enquanto, durante todo esse tempo, ela está se perguntando se ousa continuar a ter relações com o número três, o aristocrata rural, entende?”

“*Nu, eto tchto-to slojnovato* (não, está meio complicado), Grigóri Akimovitch”, disse Marina coçando a bochecha, pois ela sempre tinha a tendência, por puro instinto de preservação, de desconsiderar as trapalhadas bem mais *slôjnie* de seu próprio passado.

“Vá lendo, continue, tudo fica claro”, disse G. A., folheando sua cópia do enredo.

“Aliás”, observou Marina, “espero que a querida Ida não se importe se fizermos dele, além de poeta, um bailarino. Pedro podia representar esse papel lindamente, mas não há como fazer que ele recite poesia francesa.”

“Se ela se importar”, disse Vrônski, “pode enfiar um poste de telégrafo... onde achar melhor.”

A menção indecente a “telégrafo” produziu em Marina, secretamente chegada a piadas salgadas, um acesso de gargalhadas em cadeia no melhor estilo de Ada (*pokátivchis so smiekhu vródie Ádi*). “Mas, sejamos sérios, ainda não entendo como e por que a esposa — quer dizer, a esposa do segundo sujeito — aceita a situação (*polojênie*).”

Vrônski abriu os dedos dos pés e das mãos.

“*Pritchóm tut polojênie*” (que situação)? Ela não faz a menor ideia de que eles são amantes e, além disso, sabe que é gorducha, desleixada e simplesmente não pode competir com a vistosa Hélène.”

“Eu entendo, mas nem todos vão entender”, disse Marina.

Nesse meio-tempo, *Herr Rack* chegou nadando outra vez e se juntou a Ada na borda da piscina, quase perdendo o folgado calção no processo de ascensão anfíbia.

“Ivan, me permita pegar para você também um *kok* russo bem gelado”, disse Pedro, no fundo, no fundo um rapaz muito gentil e amigável. “Pega um coco para você”, respondeu Van, em tom desagradável, testando o pobre fauno, que não entendeu o trocadilho e, com um riso cordial, voltou para sua esteira. Cláudio, pelo menos, não cortejava Ofélia.



O jovem e melancólico alemão estava num estado de espírito filosófico, beirando o suicida. Tinha de voltar para Kalugano com sua Elsie, que, segundo o dr. Ecksreher, o “presentearia com ‘drigêmeos’ em ‘drês’ semanas”. Odiava Kalugano, a cidade natal de ambos, onde, num momento de “mútua aberração”, a idiota da Elsie se entregara por completo no banco do parque após uma maravilhosa festa de escritório celebrada no restaurante Muzakovski’s Organs, onde o bobalhão, sempre faminto por sexo, tinha um bom emprego.

“Quando é que você vai embora?”, perguntou Ada.

“Derça-feira, depois de amanhã.”

“Muito bem. Ótimo. Adeus, sr. Rack.”

O pobre Philip curvou-se, o dedo traçando tristes nadas na pedra molhada, sacudindo a cabeçorra, engolindo visivelmente em seco.

“Eu me sinto... Me sinto”, disse ele, “como se estivesse apenas desempenhando um papel e esquecesse minha próxima fala.”

“Ouvi dizer que muita gente sente isso”, disse Ada, “deve ser um sentimento *furchtbar* (horrível).”

“Não tem saída? Nenhuma esperança? É a morte para mim, não é?”

“Já morreu, sr. Rack”, disse Ada.

Durante essa pavorosa conversa, Ada tinha lançado frequentes olhares de esguelha na direção de Van, e agora o viu, puro e bravo, bem ao longe, debaixo do tulipeiro, uma das mãos no quadril, a cabeça jogada para trás, bebendo cerveja da garrafa. Ela se afastou da borda da piscina e, tendo lá deixado um cadáver, dirigiu-se para o tulipeiro fazendo um desvio estratégico entre a escritora, que ainda não sabia o que estavam fazendo com o romance de sua lavra e cochilava numa espreguiçadeira (de cujos braços de madeira seus dedos carnudos cresciam como cogumelos rosados), e a atriz principal, no momento intrigada com uma cena amorosa em que se mencionava a “beleza radiosa” da jovem castelã.

“Mas”, disse Marina, “como é que se pode representar o ‘radioso’, o que significa beleza radiosa?”

“Beleza pálida”, tentou ajudar Pedro, olhando para Ada, que passava diante dele, “a beleza pela qual muitos homens cortariam seus membros.”

“Está bem”, disse Vrônski. “Vamos seguir com a droga do roteiro. Ele sai do pátio onde fica a piscina e, como estamos pensando em filmar em cores...”

Van saiu do pátio onde ficava a piscina e se afastou com passos rápidos. Penetrou numa galeria lateral que conduzia a uma parte arborizada do jardim, servindo como uma área de passagem quase imperceptível para o parque. Pouco depois percebeu que Ada acelerava o passo para segui-lo. Erguendo um cotovelo e revelando a estrela negra de sua axila, ela arrancou a touca de banho e, com uma sacudidela de cabeça, libertou uma torrente de cabelos. Lucette, em

cores, trotava atrás dela. Penalizado com os pés nus das irmãs, Van passou da aleia de cascalho para o gramado aveludado (invertendo o movimento do dr. Ero, perseguido pelo Albino Invisível num dos maiores romances da literatura inglesa). Elas o alcançaram no Segundo Bosque. Lucette, de passagem, parou para pegar a touca e os óculos de sol da irmã — óculos muito chiques, uma vergonha jogá-los fora! Minha meticulosa Lucette (nunca te esquecerei...) depositou os dois objetos no toco de uma árvore junto a uma garrafa de cerveja e seguiu no seu trote ligeiro, retornando para examinar um punhado de cogumelos rosados que pareciam projetar-se de um pedaço de madeira — o qual roncava. Dupla tomada, dupla exposição.

“Você está furioso porque...”, começou Ada ao chegar junto dele (ela havia preparado uma frase sobre a necessidade de ser ao menos cortês com um afinador de pianos, praticamente um criado, que tinha uma obscura enfermidade cardíaca e uma mulher patética e vulgar, mas Van a interrompeu).

“Sou contra”, disse, as palavras expelidas como um foguete, “duas coisas. Uma morena, até mesmo uma morena desleixada, deve raspar a parte baixa do seu ventre antes de exibí-lo, e uma moça bem-educada não permite que um devasso nojento enfie o dedo no quadril dela, mesmo se tiver que usar um farrapo fedorento, comido de traça e curto demais para esconder suas virtudes.” “*Ach!*”, acrescentou, “por que diabo voltei a Ardis?!”

“Prometo... prometo que daqui em diante vou ser mais cuidadosa e não deixo mais o cretino do Pedro chegar perto de mim”, ela disse com acenos rápidos e felizes de cabeça — e um suspiro de glorioso alívio cuja causa só iria torturar Van muito tempo depois.

“Ah, esperem por mim!”, ganiu Lucette.

(Tortura, meu pobre amor! Tortura! Sim! Mas tudo isso afundou e morreu. Anotação recente de Ada.)

Os três formaram uma bela composição bucólica ao se deixarem cair sobre a relva debaixo do grande cedro chorão, cujos galhos aberrantes estendiam um baldaquino oriental (sustentado aqui e ali por muletas feitas de sua própria carne, como este livro) acima das duas cabeças morenas e de uma terceira vermelho-dourada, tal qual já haviam estendido acima de você e de mim em noites quentes e escuras quando éramos crianças felizes e estouvadas.

Van, estatelado de costas, perseguido por suas lembranças, pôs as mãos atrás da nuca e, semicerrando os olhos, contemplou o azul libanês do céu entre os fascículos de folhagem. Lucette apreciou afetuosamente seus longos cílios, sentindo pena da pele tenra entre o pescoço e a mandíbula onde as manchas avermelhadas mostravam que a gilete fazia ali os maiores estragos. Inclinando o perfil de camafeu e deixando cair sobre o braço pálido seus melancólicos cabelos de madalena (em consonância com as sombras chorosas), Ada ficou

sentada examinando com ar distraído a garganta amarela de uma heleborinha de um branco de cera que acabara de colher. Ela detestava Van, o adorava. Ele era brutal, ela era indefesa.

Lucette, desempenhando sem cessar seu papel de menininha grudenta e carinhosamente irrequieta, pousou a palma das mãos no peito cabeludo de Van e perguntou por que ele estava zangado.

“Não estou zangado *com você*”, ele terminou respondendo.

Lucette beijou a mão dele... e então o atacou.

“Chega!”, ele disse, enquanto ela se contorcia sobre seu torso nu. “Você está fria, menina, isso é muito desagradável.”

“Não é verdade, estou bem quente”, ela retrucou.

“Tão fria quanto as duas metades de um pêssego em calda. Agora, pule fora, por favor.”

“Por que duas? Por quê?”

“É, por quê?”, grunhiu Ada. E, inclinando-se com um arrepio de prazer, o beijou na boca. Ele fez força para se levantar. As duas meninas agora o beijavam alternadamente, para depois se beijarem, voltando outra vez para ele — Ada num silêncio perigoso, Lucette soltando gritinhos de alegria. Não lembro o que *les enfants maudits* faziam ou diziam no romancelinho de Monparnasse — elas moravam, creio eu, no castelo Bryant, e tudo começava com vários morcegos saindo, um a um, pela *oeil-de-boeuf* de um torreão e voando rumo ao pôr do sol, mas *estas* crianças (que a romancista não conhecia de verdade — um pormenor delicioso) também poderiam ter sido filmadas em poses bastante interessantes se o xereta do Kim, o fotógrafo maníaco da cozinha, possuísse o equipamento necessário. É odioso escrever sobre essas coisas, tudo parece sair errado do ponto de vista estético numa descrição por escrito, mas é impossível não relembrar, neste crepúsculo final (quando os erros artísticos menores são mais indistintos do que os morcegos fugitivos no deserto de um céu alaranjado e desprovido de insetos), que as pequenas e úmidas contribuições de Lucette de fato aumentavam, e não arrefeciam, a reação invariável de Van aos mais leves toques, reais ou imaginados, de sua verdadeira amada. Ada, sua crina sedosa varrendo os mamilos e o umbigo de Van, parecia se deleitar em fazer tudo para que, ainda hoje, meu lápis trema e para que, naquele passado ridiculamente remoto, sua inocente irmãzinha notasse e registrasse aquilo que Van era incapaz de controlar. Vinte dedos titilantes agora revolviam com alacridade a flor amassada sob o cinto de borracha do calção preto. O ornamento não tinha grande valor; a brincadeira era inepta e perigosa. Desvencilhou-se de suas atraentes torturadoras e saiu andando sobre as mãos, uma máscara negra cobrindo o nariz de palhaço. Naquele justo instante, arfando e gritando, a preceptora entrou em cena. “*Mais qu'est-ce qu'il t'a fait, ton cousin?*”, ficou perguntando ansiosa, enquanto Lucette, vertendo as mesmas lágrimas inexplicáveis que Ada

outrora vertera, correu para os braços envoltos nos babados cor de malva.

O dia seguinte começou com uma chuvinha miúda, mas o céu limpou depois do almoço. Lucette tinha sua última lição de piano com o macambúzio *Herr Rack*. O tilintar repetitivo alcançou Van e Ada enquanto faziam uma excursão de reconhecimento num corredor do segundo andar. *Mlle. Larivière* estava no jardim, Marina batera asas rumo a Ladore e Van sugeriu que eles aproveitassem que Lucette estava “audivelmente ausente” para se refugiarem num quarto de vestir.

A um canto, o primeiro triciclo de Lucette; a estante acima do sofá forrado de cretone continha alguns dos tesouros antes “intocáveis” da menina, entre os quais a sovada antologia que ele lhe dera quatro anos antes. A porta não podia ser trancada à chave, porém Van estava impaciente, e a música sem dúvida se prolongaria, tão sólida quanto uma muralha, ao menos por vinte minutos. Van acabara de morder a nuca de Ada quando ela se retesou e levantou um dedo de advertência. Passos pesados subiam a grande escadaria. “Mande ele embora”, ela sussurrou. “*Tchort* (diabo)”, Van praguejou e, ajeitando as roupas, caminhou na direção da escada. Philip Rack chegava ao topo com esforço, o pomo de adão subindo e descendo, mal barbeado, lívido, as gengivas expostas, uma das mãos no peito, a outra agarrando um maço de papéis cor-de-rosa, enquanto a música continuava a soar como se tocada por algum mecanismo.

“Há um lá embaixo, no hall”, disse Van, presumindo, ou fingindo presumir, que o infeliz estava com cólicas ou ânsia de vômito. Mas o sr. Rack apenas desejava dizer adeus — a Ivan Demonovitch (acentuado desgraçadamente no segundo “o”), a *Fraülein Ada*, a *Mademoiselle Ida* e, óbvio, a Madame. Infelizmente, a prima e a tia de Van estavam na cidade, mas Phil certamente encontraria sua amiga Ida escrevendo no jardim de rosas. Van estava certo disso? Que diabo, claro que estava certo disso. O sr. Rack apertou a mão de Van com um suspiro profundo, olhou para cima, para baixo, batucando no corrimão com o misterioso tubo de papéis cor-de-rosa, e por fim voltou para a sala de música, onde Mozart começara a ratear. Van esperou um momento, aguçando o

ouvido e dando uma risada involuntária; voltou então para junto de Ada, que estava sentada com um livro no colo.

“Preciso lavar minha mão direita antes de tocar em você ou em qualquer coisa”, ele disse.

Na verdade, ela não estava lendo, e sim, por obra do acaso, folheando nervosamente, raivosamente, distraidamente as páginas daquela velha antologia — *e/la* que, ao pegar qualquer livro, de imediato saltava “da margem da obra” e mergulhava de cabeça no texto, com o movimento natural de uma criatura aquática posta de volta em seu hábitat.

“Nunca apertei uma extremidade de membro superior mais úmida, mais flácida e mais nojenta em toda a minha vida”, disse Van ao se dirigir blasfemando (a música cessara no andar de baixo) para o banheiro do quarto das crianças, onde havia uma pia. Da janela do banheiro, viu Rack pôr a maleta preta e encalombada na cesta da frente da bicicleta e partir bamboleante, tirando o chapéu para cumprimentar um jardineiro que não lhe deu a menor atenção. O equilíbrio do desajeitado ciclista não resistiu ao gesto inútil: ele resvalou violentamente na cerca viva do outro lado da aleia e se esborrachou. Por alguns momentos Rack ficou em comunhão indissolúvel com os arbustos e Van se perguntou se não devia descer para ajudá-lo, pois o jardineiro tinha dado as costas ao músico enfermo ou bêbado. Felizmente, ele conseguiu escapar ao abraço da vegetação e voltou a pôr a maleta na cesta. Afastou-se devagar — e uma onda de obscuro nojo fez com que Van cuspsse na privada.

Ada já havia saído do quarto de vestir quando ele voltou. Encontrou-a numa varanda, descascando uma maçã para Lucette. O bondoso pianista sempre lhe trazia uma maçã, às vezes uma pera incomível ou duas pequenas ameixas. Seja como for, a maçã fora seu último presente.

“*Mademoiselle* está te chamando”, Van disse para Lucette.

“Bem, ela vai ter de esperar”, disse Ada, continuando sem pressa a executar seu “descascamento ideal”, uma espiral amarelo-vermelha que Lucette contemplava com a fascinação de quem segue um ritual.

“Tenho um trabalho para fazer”, Van falou com impaciência. “Está tudo muito chato. Vou para a biblioteca.”

“Está bem”, respondeu Lucette em tom enérgico e sem se virar na direção dele — soltando um grito de prazer quando pegou em pleno ar a grinalda que Ada acabara de produzir.

Van passou meia hora procurando o livro que repusera no lugar errado. Quando enfim o encontrou, viu que já o havia anotado por inteiro e não necessitava mais dele. Ficou algum tempo deitado no divã preto, mas isso só pareceu aumentar sua obsessão sexual. Decidiu voltar ao andar superior pela escada em caracol. Lá se recordou com angústia, como algo fantasticamente arrebatador e para sempre

irrecuperável, da forma pela qual Ada tinha subido às pressas carregando o castiçal na noite do Celeiro em Chamas, tudo aquilo gravado com letras maiúsculas em sua memória; e ele, carregando também uma luz dançarina, na esteira de suas nádegas e batatas da perna e ombros agitados e cabelos cascadeantes, enquanto as sombras dos dois, em grandes ondas de negra geometria, os ultrapassavam na parede amarela à medida que avançavam escada acima. Como a porta do terceiro andar estava trancada pelo outro lado, foi obrigado a voltar para a biblioteca (as lembranças agora apagadas por uma exasperação banal) a fim de retomar a grande escadaria.

Ao avançar na direção da ensolarada porta da varanda, ouviu Ada explicando algo a Lucette. Algo engraçado, que tinha a ver com... não, não me lembro e não posso inventar. Ada tinha um modo todo seu de terminar depressa uma frase antes que a hilaridade a dominasse, mas às vezes, como agora, uma breve risada fazia com que as palavras explodissem, forçando-a a se conter e acabar a frase ainda mais depressa. A última palavra seria então seguida por uma reverberação tripla de risadas vindas do fundo da garganta — risadas sonoras, eróticas e bem aconchegantes.

“E agora, minha querida”, ela acrescentou, beijando Lucette na covinha da bochecha, “me faça um favor: vá lá fora e diga à malvada da Belle que já passou da hora do teu leite com *petit-beurre*. *Jívo* (depressa)! Enquanto isso, eu e Van vamos para o banheiro — ou para algum lugar onde houver um bom espelho — porque vou cortar o cabelo dele. Ele está precisando muito, não é, Van? Ah, já sei aonde vamos... Agora corre, Lucette, corre.”

Aquelas diversões debaixo do cedro-chorão tinham sido um erro. Quando não se encontrava sob a supervisão direta de sua preceptora esquizofrênica, quando não havia alguém lendo para ela, levando-a para passear ou pondo-a para dormir, Lucette se transformava numa peste. Ao cair da tarde — se Marina não estivesse nas imediações, por exemplo, bebendo com seus convidados sob os globos dourados das novas lâmpadas de jardim, as quais brilhavam aqui e ali exibindo retalhos de verde e misturando o cheiro desagradável do querosene ao aroma dos heliotrópios e jasmins —, os amantes podiam escapar para os locais mais escuros e lá ficar até que a *nocturna*, uma penetrante brisa da meia-noite, viesse agitar a folhagem, “*troussant la raimée*”, como dizia Sore, o libertino vigia noturno. Certa vez, munido de sua lanterna cor de esmeralda, ele havia topado com os dois, e frequentemente uma Blanche fantasmagórica passava com um leve risinho para ir acasalar-se em algum canto mais modesto com o velho e robusto vaga-lume ricamente subornado. No entanto, esperar um dia inteiro pela chance de ter uma noite propícia era demais para nossos impacientes amantes. Em geral, como no passado, já tinham se exaurido bem antes da hora do jantar. Lucette, porém, parecia ocultar-se atrás de cada biombo, espioná-los através de cada espelho.

Tentaram o sótão, mas notaram, na hora H, que havia uma fresta no assoalho pela qual se divisava um canto do quarto de passar roupa onde French, a segunda criada, podia ser vista de espartilho e combinação andando de um lado para o outro. Olharam em torno — e não conseguiram entender como tinham sido capazes de fazer amor com tanta ternura em meio a caixotes com lascas e pontas de prego visíveis, ou se esgueirar pela claraboia para chegar ao telhado, que, de uma forquilha do olmo gigante, podia ser facilmente observado por qualquer diabinho verde com braços e pernas de cobre.

Sobrava ainda a galeria de tiro, com seu nicho em estilo oriental sob o teto inclinado. Mas o lugar cheirava agora a cerveja choca e estava tão infestado de percevejos, tão encardido e engordurado, que tirar a roupa ali ou usar o pequeno divã era impensável. Tudo o que Van pôde



ver lá de sua nova Ada foram as coxas e ancas de marfim, embora, na primeira vez em que as abraçou num impulso cheio de vigor e alegria, ela recomendou que ele olhasse por cima de seu ombro e da borda da janela (que as mãos dela ainda agarravam em meio às pulsações decrescentes de sua própria resposta) para ver Lucette, que se aproximava pulando corda por uma aleia que cortava os arbustos.

Essas intrusões se repetiram nas duas ou três ocasiões seguintes. Lucette ia chegando cada vez mais perto, ora colhendo um cantarelo e fingindo que o comia cru, ora se agachando para pegar um gafanhoto, quase sempre encenando os gestos naturais de alguma atividade folgazã. Caminhava até o centro do playground tomado de ervas daninhas, bem em frente ao pavilhão proibido, e lá, com ar de sonhadora inocência, começava a sacudir o assento de um velho balanço pendurado no galho alto e comprido do Careca, provento carvalho que perdera parte de sua folhagem, embora ainda fosse bastante saudável (e que já aparecia — ah, como me lembro, Van! — numa litografia secular de Ardis feita por Peter de Rast, como um jovem colosso protegendo quatro vacas e um rapazote vestido em farrapos, com um ombro nu). Quando nossos amantes (você gosta do possessivo autoral, não é mesmo, Van?) olhavam outra vez para fora, Lucette estaria acalentando o tristonho dachshund ou contemplando um pica-pau imaginário, ou ainda, ao cabo de várias encantadoras contorções, sentada sem pressa no banco cinzento do balanço e se pondo em movimento devagar, cuidadosamente, como se nunca tivesse feito aquilo antes, enquanto o boboca do cachorro latia diante da porta trancada do pavilhão. Lucette ia aumentando a velocidade do balanço com tamanha engenhosidade que Ada e seu cavaleiro, na desculpável cegueira do êxtase crescente, jamais testemunhavam o momento em que o rosto redondo e rosado, com todas as sardas brilhando, aparecia do lado de fora da janela e dois olhos verdes enquadravam aquele assombroso monstro octópode.

Lucette, a sombra, os seguia do gramado ao sótão, do pavilhão de entrada ao estábulo, de um moderno boxe de chuveiro perto da piscina ao antigo banheiro no andar de cima. Lucette, tal como o bonequinho de uma caixa de surpresas, surgia de repente em qualquer lugar. Queria que a levassem para passear. Exigia que brincassem de pular carniça com ela — fazendo com que Ada e Van trocassem olhares sombrios.

Ada inventou um plano que não era simples, não era inteligente e que, além do mais, produziu um resultado contrário ao desejado. Talvez o tenha feito de propósito. (Apague isso, Van, *por favor* apague isso.) A ideia consistia em fazer com que Van tapeasse Lucette acariciando-a na presença de sua irmã enquanto beijava Ada; ou acariciasse e beijasse Lucette quando Ada estivesse longe, “no bosque”, “estudando botânica”. Segundo Ada, isso tinha duas vantagens: amenizaria o ciúme

da criança púbere e funcionaria como um álibi caso ela os flagrasse no meio de alguma travessura mais ambígua.

Os três se roçaram e acariciaram tanto, e com tamanha frequência, que por fim, no tão paciente divã preto, certa tarde ele e Ada não conseguiram refrear a excitação amorosa e, sob o pretexto absurdo de brincar de esconde-esconde, trancaram Lucette num quartinho usado para guardar os exemplares encadernados do *Águas de Kaluga* e do *Sol de Lugano*, entregando-se freneticamente enquanto a menina, gritando pelos dois, socava e chutava a porta até a chave cair e a fechadura se colorir de um verde raivoso.

Para Ada, entretanto, mais insuportável do que esses ataques de mau humor era o ar de êxtase absoluto que tomava conta do rosto de Lucette quando ela se grudava firmemente em Van com os braços, os joelhos e a cauda preênsil, como se ele fosse um tronco de árvore, ou mesmo um tronco de árvore ambulante, só se soltando caso a irmã lhe aplicasse umas boas palmadas.

“Tenho de reconhecer”, disse Ada para Van ao deslizarem rio abaixo num bote vermelho rumo ao cortinado de salgueiros de uma ilhota do Ladore, “tenho de admitir com muita pena e vergonha que meu plano maravilhoso foi um fracasso total. Acho que a danadinha tem uma mente muito suja. Acho que está criminosamente apaixonada por você. Acho que vou dizer a ela que você é seu irmão uterino, e que é ilegal, além de abominável, namorar um irmão uterino. Sei que ela tem medo dessas palavras feias e téticas, que também me assustavam quando eu tinha quatro anos. Mas ela é em essência uma criança pouco inteligente e precisa ser protegida dos pesadelos e dos ganhões. Se mesmo assim não desistir, posso sempre reclamar com Marina, dizendo que ela atrapalha nossas meditações e nossos estudos. Mas talvez você não se importe, não é mesmo? Será que ela te excita? Hem? Ela te excita, confesse!”

“Este verão está muito mais triste do que o outro”, disse Van baixinho.

Estamos agora numa ilhota coberta de salgueiros no braço mais plácido do Ladore azul, com campos inundados de um lado e, do outro, a vista do Castelo Bryant, longínquo e romanticamente negro no topo da colina salpicada de carvalhos. Van submeteu sua nova Ada a um estudo comparativo naquele refúgio oval. Não era difícil fazer as justaposições, pois a criança que ele conhecera minuciosamente quatro anos antes estava presente em sua memória com toda a nitidez e diante do mesmo pano de fundo, formado pelas águas azuis que corriam tranquilas.

A testa de Ada parecia haver diminuído, não apenas porque ficara mais alta mas porque arrumava o cabelo de modo diferente, com um vistoso torvelinho na frente; a brancura da pele, agora sem nenhuma mácula, havia adquirido um brilho especial e algumas rugas ainda leves, como se a coitadinha tivesse franzido demais o cenho durante aqueles últimos anos.

As sobrancelhas eram tão grossas e majestosas quanto antes.

Os olhos. Os olhos haviam mantido as dobras voluptuosas das pálpebras; os cílios continuavam a parecer incrustações de azeviche; a íris, mais elevada do que o normal, guardava ainda o poder hipnótico digno de um hindu; as pálpebras, como antes, eram incapazes de se manter abertas e alertas durante o mais breve abraço. Mas a expressão daqueles olhos — ao comer uma maçã, ao examinar algo encontrado por acaso ou simplesmente ao escutar um animal ou uma pessoa — havia mudado, como se novas camadas de insulamento e de tristeza se tivessem acumulado e semiocultado a pupila, enquanto os reluzentes globos oculares se deslocavam nas órbitas adoravelmente alongadas com uma mobilidade mais irrequieta: *Mlle.* Hipnoletal, “cujos olhos nunca se fixam sobre ti, mas, mesmo assim, te transpassam”.

O nariz não havia engrossado, como o de Van, por força de sua ascendência irlandesa, mas a estrutura óssea sem dúvida parecia mais ousada e a ponta mais arrebitada, ali onde surgia agora uma fina ranhura vertical que ele não se lembrava de ter visto na menina de doze anos.

Sob uma luz forte, notava-se entre o nariz e a boca a sugestão de uma penugem preta e sedosa (similar à que corria por seus antebraços), mas que, segundo ela, estava fadada a desaparecer no primeiro tratamento de beleza do outono. Um toque de batom dava agora a sua boca um ar duro e artificial, que, por contraste, aumentava o choque de beleza quando, por graça ou avidez, ela revelava o brilho molhado dos dentes grandes e os opulentos tons de vermelho da língua e do céu da boca.

Seu pescoço havia sido, e continuava a ser, o que ela tinha de mais delicado, de mais lancinantemente delicioso, sobretudo quando deixava o cabelo cair solto, fazendo com que a pele quente, branca e adorável só por acaso aparecesse entre as madeixas negras e lustrosas. As espinhas e as mordidas de mosquito não mais a maculavam, porém Van descobriu pouco abaixo de sua cintura uma pálida cicatriz de três centímetros que corria paralela às vértebras, resquício do corte causado em agosto do ano anterior por um desastrado alfinete de chapéu — ou mais provavelmente por um graveto pontudo em meio ao feno convidativo.

(Van, como você é impiedoso.)

Naquela ilhota secreta (de acesso proibido aos casais dominicais — o local pertencia à família Veen e um cartaz, cujos dizeres haviam sido ditados por tio Dan, proclamava calmamente que “qualquer intruso pode ser abatido por caçadores da Mansão de Ardis”), a vegetação consistia em três salgueiros da Babilônia, uma fímbria de amieiros, vários tipos de gramíneas, tifáceas, cálamos e algumas lípares de labíolos roxos, as quais arrancavam de Ada as mesmas palavras de carinho com que ela agraciava os filhotes de cachorros e de gatos.

Van continuou o exame ao abrigo dos neuróticos salgueiros.

Os ombros eram intoleravelmente graciosos: eu nunca permitiria que, com tais ombros, minha mulher usasse um decote sem alças, mas como ela poderia ser minha mulher? Na história bastante cômica escrita por Monparnasse, Reeny diz a Nell: “A sombra infame de nosso romance impuro nos perseguirá até as profundezas do Inferno, para o qual aponta com seu dedo soberbo Nosso Pai que está nos céus”.

Os mamilos, agora vermelhos e atrevidos, eram circundados por finíssimos pelos negros, que também desapareceriam em breve, por serem, ao dizer de Ada, *unschicklich*. Van se perguntou onde ela havia aprendido essa palavra horrorosa. Os seios eram bonitos, pálidos e fartos, conquanto ele preferisse as pequenas e macias intumescências da menina de outrora, com seus botões tenros e informes.

Reconheceu a bela e característica curvatura do abdômen enxuto, sua maravilhosa mobilidade, a expressão franca e impetuosa dos músculos oblíquos e o “sorriso” do umbigo — para tomar emprestado um termo usado pelas praticantes da dança do ventre.

Certo dia ele trouxe seu material de barbear e a ajudou a se livrar dos três focos de penugem:

“Agora eu sou Scheher”, ele disse, “e você é sua Ada, e este é o teu tapete de oração verde.”

As visitas que fizeram à ilha ficaram gravadas na memória daquele verão com entrelaçamentos que jamais poderiam ser desfeitos. Viam-se lá, de pé, abraçados, recobertos apenas pelas sombras móveis da folhagem, olhando o bote vermelho, com sua marchetaria cambiante de ondinhas refletidas, que os levava para longe, agitando os lenços num adeus interminável; e aquele mistério de sequências complexas era realçado por coisas tais como o bote voltando para eles enquanto continuava a se afastar, os remos aleijados pela refração, as manchas de luz solar reluzindo na direção contrária como o fazem os raios das rodas, graças ao efeito estroboscópico, quando as carruagens passam velozes. O tempo lhes pregava peças, fazia um deles perguntar algo lembrado e o outro responder algo esquecido. Certo dia, em meio aos amieiros que se duplicavam em negro nas águas azuis, encontraram uma liga que sem dúvida pertencia a Ada, impossível negar, mas que Van estava certo de que jamais fora usada por ela nas visitas estivais à ilha mágica, quando sempre vinha sem meias.

Suas pernas fortes e bem torneadas talvez estivessem mais longas, mas preservavam a brancura lustrosa e a flexibilidade dos tempos de ninfeta: ela ainda conseguia chupar o dedão do pé. O peito do pé direito e as costas da mão esquerda exibiam o mesmo pequeno sinal de nascença, discreto porém indelével e sagrado, com que a natureza havia assinado a mão direita e o pé esquerdo dele. Ela tentava pintar as unhas com o Esmalte Scheherazade (uma moda grotesca dos anos 80), mas, como não era muito chegada a cuidados pessoais, o esmalte se soltava, deixando manchas feias, até que ele pediu que as unhas retornassem ao estado natural. Em compensação, comprou para ela na cidade de Ladore, onde havia muitas lojas elegantes frequentadas por turistas, uma corrente de ouro daquelas usadas no tornozelo, mas Ada a perdeu no curso de seus ardorosos encontros e, surpreendentemente, caiu em pranto quando Van disse que não fazia mal, pois outro amante um dia a encontraria e lhe daria de volta.

Seu brilho, sua genialidade. Obviamente ela havia mudado em quatro anos, mas ele também mudara em etapas simultâneas, com o que o cérebro e os sentidos de ambos haviam permanecido afinados e assim permaneceriam para sempre, malgrado todas as separações. Nenhum dos dois continuava a ser o impetuoso *Wunderkind* de 1884, mas, em termos de conhecimento livresco, superavam seus coevos de modo ainda mais absurdo do que quando crianças. Formalmente, Ada (nascida em 21 de julho de 1872) já havia completado os estudos do segundo grau, enquanto Van, dois anos e meio mais velho do que ela, esperava obter seu título de mestrado no final de 1889. A conversa

de Ada talvez tivesse perdido algo de seu fulgor brincalhão, sendo possível entrever os primeiros e ainda tênues indícios do que ela mais tarde chamaria de “meu destino acárpio” (*pustotvsétnost*) — ao menos retrospectivamente; mas seu humor inato havia ganhado qualidade, estranhas correntes “metempíricas” (como Van as chamava) pareciam se dobrar internamente e, assim, enriquecer a expressão mais simples de seus mais simples pensamentos. Ela lia de forma tão voraz e indiscriminada quanto Van, porém cada qual tinha desenvolvido uma preferência especial por determinado campo — ele, pela parte terrológica da psiquiatria; ela, pelo teatro (sobretudo russo), uma escolha que Van considerava pouco séria e esperava fosse passageira. Infelizmente, a florimania de Ada se mantinha inalterada; no entanto, depois que o dr. Krolik morreu (1886) de um ataque cardíaco em seu jardim, Ada havia posto todas as suas crisálidas vivas no caixão aberto onde, segundo ela, o professor jazia tão rosado e gorducho quanto *in vivo*.

Do ponto de vista amoroso, agora, na sua adolescência em outros sentidos tão dolorosa e irresoluta, Ada ficara ainda mais agressiva e receptiva do que em sua infância anormalmente ardente. Estudioso aplicado de casos clínicos, o dr. Van Veen nunca conseguiu encontrar em seus arquivos nenhuma equivalência entre a fogosa Ada de doze anos e alguma criança inglesa normal — não delinquente, não ninfomaníaca, com alta capacidade mental e espiritualmente feliz —, embora muitas moçoilas semelhantes a ela houvessem florescido, e fenecido, nos velhos castelos da França e da Estócia a julgar por certos romances extravagantes e livros de memórias senis. Van teve uma dificuldade ainda maior para descrever e analisar sua própria paixão por ela. Quando rememorava, carícia por carícia, suas sessões na *Villa Vênus* ou as visitas anteriores aos bordéis flutuantes de Ranta ou Lívida, não tinha a menor dúvida de que as reações provocadas por Ada pertenciam a outra esfera de experiência, pois o mais leve toque de seu dedo ou de sua boca ao longo de uma veia ingurgitada produzia uma sensação de delícia não apenas mais poderosa mas essencialmente diferente daquela propiciada pela mais lenta manipulação das jovens e sofisticadas profissionais. O que, então, elevava o ato animal a um nível até mesmo superior ao das artes mais exatas ou aos voos mais arrojados da ciência pura? Não bastaria dizer que, fazendo amor com Ada, ele descobria a angústia, o *ogón*, a agonia da “realidade” suprema. Melhor dizendo, a realidade perdia as aspas que usava como garras num mundo em que as mentes originais e independentes necessitam se aferrar às coisas ou destruí-las a fim de manter à distância a loucura ou a morte (que é a loucura maior). Durante um ou dois espasmos, ele ficava a salvo. A nova e nua realidade não precisava de tentáculos ou de âncoras; durava um só momento, mas podia ser repetida tantas vezes quantas ele e ela

fossem fisicamente capazes de fazer amor. A cor e o calor dessa realidade instantânea dependiam apenas da identidade de Ada tal qual ele a percebia. Nada tinha a ver com a virtude nem com a vaidade da virtude num sentido mais amplo — com efeito, mais tarde pareceu a Van que, em meio às ardências daquele verão, ele nunca deixou de saber que ela lhe havia sido, e ainda era, cruelmente infiel — assim como ela sabia, bem antes que ele lhe dissesse, que Van muitas vezes se valera, durante os anos de separação, daqueles mecanismos vivos que os homens tensos alugam por alguns minutos da forma descrita, com inúmeras xilogravuras e fotografias, nos três volumes da *História da prostituição* que Ada havia lido aos dez ou onze anos, entre *Hamlet* e as *Microgaláxias*, do capitão Grant.

Para benefício dos estudiosos que lerão estas memórias proibidas com secreta volúpia (pois são humanos) nos abismos secretos das bibliotecas (onde são piedosamente conservados os palavrórios vazios, as cópulas e as partes pudendas dos pornógrafos em decomposição), o autor deve acrescentar, na margem das provas heroicamente corrigidas por um velho preso ao leito (pois estas longas e escorregadias cobras tornam mais dolorosos os sofrimentos do escritor), ainda alguns [o fim da frase não pôde ser decifrado, mas felizmente o parágrafo seguinte foi escrevinhado em outra página do bloco. Nota do editor.]

... sobre o êxtase da identidade dela. Os asnos realmente capazes de acreditar que, na luz estelar da eternidade, a conjunção de Van Veen com Ada Veen, no século XIX e em algum lugar da América do Norte, representou um trilionésimo de uma trilionésima parte da significação de um minúsculo planeta podem zurrar *ailleurs, ailleurs, ailleurs* (a palavra em outras línguas não tem o desejado efeito onomatopaico; o velho Veen tornou-se uma pessoa bem delicada), porque o êxtase da identidade dela, colocado sob o microscópio da realidade (que é a única realidade), exhibe um sistema complexo de pontes sutis que os sentidos atravessam — aos risos, abraçados, atirando flores para o alto — entre a membrana e o cérebro, e que sempre foi e é uma forma de memória, mesmo no momento em que ocorre a percepção. Estou fraco. Escrevo mal. Talvez morra esta noite. Meu tapete mágico não mais desliza sobre as copas das árvores e os filhotes de pássaros de bicos abertos, ou sobre as mais raras orquídeas que só ela conhecia. Inserir.

A pedante da Ada disse certa vez que a busca de palavras num dicionário não relacionada diretamente ao enriquecimento do poder de expressão, seja para fins educacionais ou artísticos, era comparável ao preparo de arranjos ornamentais de flores (que, ela concedia, podia ser uma atividade algo romântica para moçoilas menos bem-dotadas intelectualmente) e de colagens de asas de borboleta (coisas sempre vulgares e com frequência criminosas). *Per contra*, sugeriu a Van que as brincadeiras verbais podiam ser justificadas pela qualidade do trabalho mental exigido para criar um grande logogrifo ou um trocadilho inspirado, não devendo, por isso, obstar a ajuda de um dicionário, ríspido ou complacente.

Essa a razão pela qual ela admitia o *Flavita*. O nome provinha de *alfavít*, um velho jogo russo de sorte e habilidade em que as letras do alfabeto eram embaralhadas e desembaralhadas. Grande moda em toda a Estócia e a Canádia por volta de 1790, o jogo havia sido ressuscitado no começo do século XIX pelos *Madhatters* (como eram chamados outrora os habitantes da Nova Amsterdã) e voltara a aparecer com força por volta de 1860, após breve período de esquecimento. Agora, um século depois, ouço dizer que está outra vez em voga com o nome de *Scrabble*, reinventado por um gênio que desconhecia inteiramente sua forma ou formas originais.

A principal versão russa, muito difundida na infância de Ada, era jogada nas grandes mansões rurais com 125 peças guarnecidas de letras. O objetivo consistia em compor palavras, na vertical ou na horizontal, utilizando um tabuleiro com 225 casas. Dessas, 24 eram marrons, 12 pretas, 16 cor de laranja, 8 vermelhas e as restantes de um amarelo dourado (ou flavo, em homenagem ao nome original do jogo). Cada letra do alfabeto cirílico tinha um determinado valor numérico (o F, raro em russo, valia 10 pontos; o banal A, apenas 1 ponto). A casa marrom dobrava o valor básico de uma letra, a casa preta o triplicava. A cor de laranja duplicava a soma de pontos de toda a palavra, o vermelho triplicava tal soma. Lucette mais tarde recordaria como os triunfos de sua irmã em duplicar, triplicar e até mesmo multiplicar por



nove (quando alcançava dois espaços vermelhos) o valor numérico das palavras adquiriram contornos monstruosos no delírio febril que a acometeu durante uma grave infecção estreptocócica em setembro de 1888, na Califórnia.

Para começar o jogo, cada participante pegava sete peças da caixa em que estavam dispostas com a face para baixo, arrumando sua palavra no suporte. No lance inicial, quando o campo ainda estava vazio, bastava ao jogador colocar de duas a sete peças, desde que uma delas ocupasse a casa central marcada com um flamejante heptágono. Subsequentemente, uma das letras já colocada no tabuleiro tinha de ser utilizada como catalisadora para compor a nova palavra, no sentido horizontal ou vertical. Vencia o participante que fizesse o maior número de pontos, letra por letra e palavra por palavra.

O jogo que as três crianças ganharam em 1884 de um dos velhos amigos da família (denominação dada aos ex-amantes de Marina), o barão Klim Avidov, consistia em um grande tabuleiro dobrável de marroquim e de uma caixa cheia de pesados retângulos de ébano incrustados com letras de platina, uma única delas representando um caractere romano, o J, que aparecia nas duas peças que serviam como coringas (tão excitantes de receber quanto um cheque em branco assinado por Júpiter ou Jurojin). Tratava-se, aliás, do mesmo Avidov, amável mas irascível (mencionado em diversas memórias picantes da época), que certa vez, diante do porteiro do Hotel Gritz, na Veneza Vermelha, catapultou com um *uppercut* o pobre turista inglês que, tentando passar por piadista, havia observado que era muita esperteza dele deixar cair a primeira letra do nome para usá-la como preposição.

Em julho, os dez A estavam reduzidos a nove e os quatro D a três. O A faltante acabou ressurgindo debaixo de um Atlas Astrológico, mas o D desapareceu para sempre — imitando o destino de seu duplo apostrofável tal como imaginado por um certo Walter C. Keyway, *Esq.*, um momento antes de aterrissar, juntamente com dois cartões-postais ainda sem selos, nos braços de um poliglota, vestido com uma sobrecasaca de botões dourados, que ficou emudecido de surpresa. O humor dos Veen não conhece limites (diz Ada numa anotação à margem).

Van, um excelente enxadrista (tendo vencido em 1887, numa partida disputada em Chose, Pat Rishin, o campeão de Underhill e Wilson, N. C., nascido em Minsk), sempre se intrigara com o fato de Ada parecer incapaz de elevar a qualidade de seu jogo, digno de uma donzela distraída, acima do nível alcançado pelas jovens personagens dos velhos romances ou de um daqueles anúncios de xampu contra caspa que mostram a fotografia em cores de uma bela modelo (perfeita para a prática de outros esportes que não o xadrez) olhando para o ombro de seu oponente (que, exceto por aquelas escamas brancas, está impecavelmente bem-arrumado) por cima de um absurdo amontoado

de peças brancas e vermelhas produzidas por Lalla Rookh (e esculpidas com tanto exagero a ponto de se tornarem irreconhecíveis) — as quais não seriam aceitas nem mesmo por um cretino regamente pago para degradar o mais simples pensamento sob o mais coceguento couro cabeludo.

Veza por outra, Ada conseguia engendrar um sacrifício inteligente, oferecendo, por exemplo, sua rainha a fim de dar um mate sutil após duas ou três jogadas caso sua peça fosse tomada; mas ela via apenas um lado da questão, preferindo ignorar, na estranha lassidão de um raciocínio necessariamente complexo, o óbvio contragolpe que resultaria em sua derrota se o impressionante sacrifício *não* fosse aceito. No tabuleiro de *Scrabble*, entretanto, essa Ada frágil e desajuizada se transformava numa graciosa espécie de computador, dotado além do mais de uma sorte fenomenal e capaz de superar um Van perplexo em termos de perspicácia, presciência e capacidade de aproveitar as oportunidades ao criar palavras longas e apetitosas a partir de migalhas e fatias menos promissoras.

Ele achava o *Scrabble* bastante cansativo e, no final, jogava de forma apressada e descuidada, nem sequer se dignando a verificar certas grafias “raras” ou “obsoletas”, embora perfeitamente aceitáveis, que lhe eram propiciadas por um leal dicionário. Quanto à ambiciosa, incompetente e temperamental Lucette, ela tinha de ser, mesmo aos doze anos, discretamente assessorada por Van, que o fazia sobretudo para poupar tempo e tornar um pouquinho mais próximo o bendito momento em que ela podia ser mandada para a cama, deixando Ada livre para a terceira ou quarta atracação do doce dia estival. Não havia nada mais aborrecido do que as brigas das meninas sobre a legitimidade de uma ou outra palavra: nomes próprios e de lugares eram tabu, mas havia casos duvidosos, capazes de provocar grande sofrimento: era penoso ver Lucette se agarrar a suas cinco últimas peças (quando não havia mais nenhuma na caixa) para formar a bela palavra ARDIS, que sua preceptora lhe havia dito significar “ponta de flecha” — mas, infelizmente, apenas no idioma grego.

Uma causa especial de irritação era a busca, indignada ou menosprezável de palavras duvidosas nos numerosos dicionários que se espalhavam em torno das meninas — de pé ou jogados sobre o chão, debaixo da cadeira em que Lucette se ajoelhava, no divã, na grande mesa redonda onde ficavam o tabuleiro e as peças, na cômoda adjacente. A rivalidade entre o imbecil *Ojegov* (um enorme volume azul e mal encadernado de 52 872 verbetes) e o pequeno mas combativo *Edmundson* na reverente versão do dr. Gerstchijevski, a taciturnidade dos gigantes em edição resumida e a magnanimidade pouco convencional da obra em quatro volumes de Dahl (“Minha dália querida”, suspirava Ada ao receber de presente uma gíria obsoleta oferecida pelo simpático etnógrafo de longas barbas) — tudo isso seria

insuportavelmente tedioso para Van se ele, como cientista, não tivesse sido espicaçado pela curiosa afinidade entre certos aspectos do *Scrabble* e da prancheta triangular usada pelos psicógrafos em sessões espíritas. Ele tomou consciência disso certa noite de agosto de 1884 na varanda do quarto das crianças, sob o céu crepuscular cujos derradeiros fulgores serpenteavam sobre as águas do reservatório, estimulavam as andorinhas retardatárias e intensificavam o tom acobreado dos cachos de Lucette. O tabuleiro de marroquim havia sido aberto numa mesa de tábuas de pinheiro salpicadas de manchas de tinta e marcadas pelas incisões de monogramas ancestrais. A bela Blanche, também retocada no lobo de uma orelha e na unha de um polegar pelo rosado do poente — e impregnada do perfume que as criadas chamavam de Almíscar de Esquilo —, tinha trazido um lampião ainda desnecessário. A sorte havia sido tirada e, como caberia a Ada começar, ela estava pegando automaticamente, sem pensar, as sete peças da caixa onde todas se encontravam de face para baixo, exibindo apenas suas costas pretas e anônimas nas células individuais de veludo flavo. Enquanto isso, comentou: “Seria muito melhor usar o lampião Benten, mas acabou o *kerosín*. Querida (dirigindo-se a Lucette), seja uma boa menina e peça a ela... meu Deus!”.

As sete letras que ela apanhara — S, R, E, N, O, K, I — e vinha colocando em seu *spektrik* (o pequeno suporte de letras feito de madeira laqueada que cada participante tinha diante de si) estavam formando agora, num movimento rápido e virtualmente espontâneo, a palavra-chave da frase casual que acompanhara sua escolha aleatória.

Em outra ocasião, na janela saliente da biblioteca e em noite tempestuosa (poucas horas antes que o celeiro pegasse fogo), uma sucessão de peças de Lucette formou o engraçado VANIADA, da qual ela extraiu o nome do móvel a que estava se referindo com uma vozinha rabugenta: “Mas eu também quero me sentar no *divan*”.

Pouco depois disso (como costuma ocorrer com jogos, brinquedos e amizades feitas durante as férias, que parecem prometer um futuro de prazeres sem fim), o *Flavita* seguiu o caminho das folhas que se tingiam de cobre e de sangue em meio aos nevoeiros outonais; passado mais algum tempo, a caixa preta se perdeu, foi esquecida — até ser acidentalmente redescoberta (misturada aos estojos de talheres de prata) quatro anos depois, pouco antes da visita de Lucette à cidade, onde ela passou alguns dias com seu pai em meados de julho de 1888. Essa provou ser a última partida de *Flavita* que os três jovens Veen jogaram juntos. Seja porque a partida terminou com um recorde memorável de Ada, seja porque ele fez algumas anotações na esperança (não de todo frustrada) de “entrever o forro do tempo” (o qual, como escreveria mais tarde, constitui “a melhor definição informal dos presságios e profecias”), o fato é que a última rodada daquele jogo ficou gravada para sempre na memória de Van com absoluta clareza.

“*Je ne peux rien faire*”, lamuriou-se Lucette, “*mais rien*, com minhas *Buchstaben* idiotas, REMNILK, LINKREM...”

“Olha”, sussurrou Van, “*c’est tout simple*, basta inverter essas duas sílabas e você tem uma fortaleza na antiga Moscóvia.”

“Ah, não”, disse Ada, sacudindo o dedo na altura da têmpora num gesto bastante familiar. “Ah, não. Essa bela palavra não existe em russo. Foi um francês que a inventou. Não há uma segunda sílaba.”

“E você não sente nenhuma compaixão por uma criancinha?”

“Nem um pingo de compaixão!”

“Bem”, disse Van, “você pode sempre fazer um pouco de creme, KREM ou KREME — ou até melhor, existe KREMLI, que significa as prisões do Yukon. Passa pelo meio da ORHIDEYA dela.”

“Da boboca da orquídea dela”, disse Lucette.

“E agora”, disse Ada, “a querida Ádotchka vai fazer uma coisa ainda mais boboca.” E, aproveitando-se da letra de baixa pontuação que fora posta descuidadamente algum tempo antes na sétima casa da fértil fileira superior, Ada, com um profundo suspiro de satisfação, compôs o adjetivo TORFYaNUYu. Não só o F ficava numa casa marrom, mas a palavra atingia duas casas vermelhas ( $37 \times 9 = 333$  pontos) e ainda recebia um bônus de 50 pontos (por utilizar as sete peças numa só jogada), o melhor resultado jamais obtido graças a uma única palavra por qualquer jogador em russo. “*Ouf!*”, ela disse, “*pas facile.*” E, afastando com os nós rosados dos dedos de sua mão branca os cabelos de um bronze-escuro que lhe cobriam a têmpora, Ada recontou o estupendo score num tom de voz melodioso e petulante, tal qual uma princesa narrando o assassinato por envenenamento de um amante dispensável, enquanto Lucette encarava Van como quem faz um apelo contra a injustiça da vida, até que, ao olhar outra vez para o tabuleiro, soltou um repentino urro de esperança:

“É o nome de um lugar! Não vale! É o nome da primeira estaçõzinha depois da ponte sobre o Ladore!”

“Não há dúvida, belezinha”, entoou Ada. “Ah, menina, como você é sabida! É mesmo, Torfyanaya — ou, como diz Blanche, *La Tourbière*, é de fato a aldeia bonitinha, embora muito úmida, onde mora a família de nossa Cinderela. Mas, *mon petit*, na língua de nossa mãe — *que dis-je*, na língua da avó materna que nós três partilhamos, uma língua rica e bonita que minha maninha não devia negligenciar em favor de uma variedade canadense de francês —, este adjetivo bem conhecido significa “turfoso”, tal como empregado no acusativo feminino. É, essa jogadinha me rendeu quase quatrocentos pontos. Que pena — *nie dotianúla* (que pena).”

“*Nie dotianúla!*”, Lucette queixou-se a Van, as narinas dilatadas, os ombros tremendo de indignação.

Ele inclinou a cadeira em que ela estava sentada para ajudá-la a descer. O score final da pobre menina, após as quinze rodadas em

que o jogo se desdobrara, era inferior à metade da última tacada genial de sua irmã. E Van não se saía muito melhor... mas, e daí? A penugem que corria pelo braço de Ada, o pálido azul das veias na dobra do cotovelo, o cheiro de madeira queimada dos cabelos que brilhavam acobreados junto à cúpula de pergaminho do abajur (uma diáfana paisagem lacustre com dragões japoneses), tudo aquilo contava muitíssimos mais pontos do que os dedos encurvados em torno de um toco de lápis jamais poderiam somar no passado, no presente ou no futuro.

“A perdedora vai *direto* para a cama”, disse Van em tom alegre, “e não *sai* de lá até que a gente leve para ela, em exatamente dez minutos, uma caneca grande (a azul-escura!) de chocolate (um Cadbury adoçado, escuro, sem nata!).”

“Não vou a lugar nenhum”, disse Lucette cruzando os braços. “Primeiro, porque são só oito e meia e, segundo, porque eu sei exatamente *por que* vocês querem se livrar de mim.”

“Van”, disse Ada, após breve pausa, “você pode fazer o favor de chamar *Mademoiselle*? Ela está trabalhando com mamãe num roteiro que não pode ser mais idiota do que essa menina malcriada.”

“Eu gostaria de saber”, disse Van, “o significado do interessante comentário que ela fez. Pergunte a ela, minha querida Ada.”

“Lucette acha que nós vamos jogar *Scrabble* sem ela”, respondeu Ada, “ou fazer aquela ginástica oriental que — está lembrado? — você começou a me ensinar. Não se lembra?”

“Ah, claro que lembro! Você lembra que eu te mostrei os movimentos que meu treinador me ensinou? O King Wing, lembra o nome dele?”

“Vocês lembram de um montão de coisas, rá, rá!”, disse Lucette, plantando-se diante dos dois em seu pijama verde, com o peito queimado de sol à vista, as pernas afastadas, as mãos nos quadris.

“Talvez o mais simples...”, começou Ada.

“A resposta mais simples”, disse Lucette, “é que vocês dois não *podem* me dizer exatamente por que querem se livrar de mim.”

“Talvez a resposta mais simples”, continuou Ada, “seja você, Van, lhe dar umas boas e sonoras palmadas.”

“Quero ver!”, gritou Lucette, colocando-se numa posição convidativa.

Carinhosamente, Van deu uns tapinhas no topo de sua sedosa cabeça e a beijou atrás da orelha. Desfazendo-se numa pavorosa tempestade de soluços, Lucette saiu correndo do quarto. Ada trancou a porta assim que ela se foi.

“Ela é sem dúvida uma ninfeta cigana, totalmente maluca e depravada”, disse Ada, “mas temos de tomar mais cuidado do que nunca... um cuidado terrível, terrível, terrível... Ah, devagar, meu querido.”

Chovia. Os gramados pareciam mais verdes e o reservatório mais cinzento na triste paisagem que se avistava da janela saliente da biblioteca. Vestindo um agasalho de ginástica preto, a cabeça sustentada por duas almofadas amarelas, Van, deitado num sofá, lia o livro de Rattner sobre a Terra, obra difícil e deprimente. Vez por outra, lançava um olhar em direção ao relógio de parede que tiquetaqueava em ritmo outonal por sobre a careca de uma Tartária marron-clara, tal como representada num grande e antiquado globo terrestre na luz desfalecente de uma tarde mais compatível com o início de outubro do que com o início de julho. Ada, envolta numa deselegante capa de chuva com cinto que ele detestava, a bolsa dependurada no ombro, tinha ido passar o dia em Kaluga — oficialmente para experimentar algumas roupas, mas na verdade para consultar o primo do dr. Krolik, um ginecologista chamado Seitz (ou “Záíats”, na transliteração mental que ela havia feito porque, assim como o dr. Krolik [coelho], ele também pertencia à família dos leporídeos segundo a pronúncia russa). Van tinha certeza de que, durante um mês inteiro de atividade sexual, nem uma única vez deixara de tomar todas as providências necessárias, algumas até bizarras mas sem dúvida confiáveis, havendo mais recentemente adquirido o contraceptivo em forma de envoltório que, por algum motivo estranho, embora aceito de longa data, somente as barbarias estavam autorizadas a vender no condado de Ladore. Mesmo assim, sentia-se ansioso — e aborrecido com sua ansiedade. Além disso, Rattner — que no texto principal negava sem muita convicção a existência objetiva do planeta gêmeo para aceitá-la a contragosto em notas obscuras (inconvenientemente colocadas entre os capítulos) — parecia tão maçante quanto a chuva que desenhava riscos oblíquos e paralelos contra o fundo mais escuro de um paredão de lariços, tomado emprestado, segundo Ada, do parque Mansfield.

Às dez para as cinco, Bout chegou silenciosamente com uma lâmpada de querosene acesa e um convite de Marina para conversarem em seu quarto. Ao passar pelo globo, Bout o tocou e olhou com ar de desaprovação para o dedo sujo. “O mundo está coberto de

poeira”, disse. “Blanche devia ser mandada de volta para a aldeia onde nasceu. *Elle est folle et mauvaise, cette fille.*”

“Está bem, está bem”, grunhiu Van, voltando ao livro. Bout saiu da biblioteca, balançando ainda a cabeça com os cabelos cortados ridiculamente curtos, e Van, bocejando, permitiu que o Rattner escorregasse do divã negro para o tapete também negro.

Quando quis ver de novo que horas eram, o relógio estava reunindo forças para dar as cinco badaladas. Levantou-se às pressas do divã, lembrando que Blanche passara por lá havia pouco pedindo que ele reclamasse com Marina por *Mlle*. Ada se haver recusado outra vez a lhe dar uma carona até a “Torre da Cerveja” (modo pelo qual os piadistas locais se referiam a sua pobre aldeia). Durante alguns instantes, o sonho breve e obscuro se fundiu de modo tão profundo com a realidade que, até mesmo ao lembrar que Bout pusera o dedo na península em forma de losango onde os Aliados acabavam de desembarcar (tal como proclamado pelo jornal de Ladore escancarado sobre a mesa da biblioteca), Van viu ainda com clareza Blanche apagando a Crimeia com um dos lenços perdidos por Ada. Subiu correndo a escada em caracol rumo ao banheiro do quarto de crianças, ouviu ao longe a preceptora e sua infeliz aluna recitando trechos do horrível *Berenice* (um coaxar de contralto alternando-se com uma vozinha totalmente sem expressão) e decidiu que Blanche, quer dizer, Marina provavelmente queria saber se ele tinha falado sério ao dizer outro dia que se alistaria ao fazer dezenove anos, idade mínima para qualquer um se apresentar como voluntário. Refletiu também, por um minuto, sobre o triste fato de que (como bem sabia por conta de seus estudos) a confusão de duas realidades — uma entre aspas simples, a outra entre aspas duplas — era um sinal de demência iminente.

Sem maquiagem, os cabelos desluzidos, enrolada no seu quimono mais velho (Pedro partira de repente para o Rio), Marina estava reclinada na cama de mogno e, envolta num edredom amarelo-ouro, bebia chá com leite de égua, uma de suas manias passageiras.

“Sente-se, tome um pouquinho de *tcháiku*”, ela disse. “Acho que o leite de vaca está no bule menor. É, está mesmo.” E quando Van, tendo beijado sua mão coberta de sardas, deixou-se cair no *ivanilitch* (espécie de pufe de couro que suspirava fundo ao ser utilizado), ela continuou: “Van, meu querido, quero te dizer uma coisa que não vou precisar repetir nunca mais. A Belle, com seu talento habitual para encontrar a frase certa, me citou o provérbio ‘*cousinage, dangereux voisinage*’ e reclamou ‘*qu’on s’embrassait dans tous les coins*’. Isso é verdade?”

A mente de Van adiantou-se à sua fala. Marina, isso é um exagero fantástico. A maluca da preceptora os havia visto abraçados certo dia quando ele carregou Ada no colo para atravessar um riacho e a beijou porque ela tinha machucado um dedo do pé. Eu sou o famoso mendigo na mais triste de todas as histórias.

“*Erundá* (bobagem)”, disse Van. “Ela me viu uma vez carregando Ada no colo para atravessar o riacho e interpretou maldosamente nosso abraço quando eu tropecei e caí (*spotikáiucheiesia sliánie*).”

“Não estou falando de Ada, seu bobinho”, disse Marina, bufando de leve enquanto se ocupava com o bule de chá. “Azov, um humorista russo, deriva *erunda* do alemão *hier und da*, equivalente a ‘não tem pé nem cabeça’. Ada já é uma mocinha, e as mocinhas, infelizmente, têm seus próprios problemas. Evidentemente, *Mlle. Larivière* se referia a Lucette. Van, essas brincadeirinhas precisam acabar. Lucette tem doze anos e é muito ingênua. Sei que é tudo uma diversão inocente; no entanto (*odnako*), quando se trata de uma menina em flor, nunca é demais se comportar com o máximo de delicadeza. *A propos de coins*: na peça de Griboedov *Gore ot uma* (*Como é idiota ser tão inteligente*), uma comédia escrita em versos, se não me engano, no tempo de Púchkin, o herói lembra a Sophie como os dois brincavam em criança e diz:

*Quantas vezes nos sentávamos num canto,  
E o que é que havia de errado nisso?*

mas, em russo, o sentido é um pouco ambíguo... mais um pouco de chá, Van?” (ele balançou a cabeça ao mesmo tempo em que levantava a mão, num gesto típico de seu pai). “Porque, você sabe — não, já acabou mesmo —, o segundo verso, *i kájetsia tchto v étom*, pode ser também entendido como ‘E *naquele* ali, acho eu””, disse Marina apontando para um canto do quarto. “Imagine, quando eu estava ensaiando essa cena no Teatro da Gaivota, em Yukonsk, o diretor, Konstantín Serguêievitch Stanislávski, de fato queria que Katchálov fizesse esse pequeno gesto aconchegante (*uiútnienki jest*).”

“Que engraçado”, disse Van.

O cachorro entrou, fixou Van com os olhos úmidos e castanhos, seguiu bamboleando até a janela, contemplou a chuva como se fosse gente e retornou para sua enxovalhada almofada no aposento vizinho.

“Não poderia nunca ter um cachorro dessa raça”, comentou Van. “Dachsfobia.”

“Mas as garotas — você gosta de garotas, Van, tem muitas namoradas? Você não é um pederasta como teu pobre tio, é? Temos uns pervertidos horrorosos entre nossos antepassados, mas... Por que está rindo?”

“Nada”, disse Van. “Só quero deixar registrado que adoro garotas. Tive minha primeira relação com catorze anos. *Mais qui me rendra mon Hélène?* Ela tinha cabelos negros como as asas de um corvo e a pele cor de leite desnatado. Tive muitas outras ainda mais cremosas depois. *I kájetsia tchto v étom?* ”



“Que estranho, que pena! Pena porque não sei quase nada sobre tua vida, meu querido (*moi dúchka*). Os homens da família Zêmski eram uns terríveis devassos (*razvrátniki*), um deles amava as meninhas, outro *raffolait d'une de ses juments* e a amarrava de um modo especial — não me pergunte como” (gesto das duas mãos para significar uma ignorância feita de horror) — “quando ia visitá-la na cocheira. *Kstáti* (aliás), nunca entendi como a hereditariedade é transmitida por solteirões, a menos que os genes possam saltar como os cavalos do jogo de xadrez. Quase ganhei de você em nossa última partida, precisamos jogar outra vez, mas hoje não — estou triste demais hoje. Gostaria tanto de saber tudo, *tudinho*, sobre você, mas agora é tarde demais. As recordações são sempre um pouco ‘estilizadas’ (*stilizovani*), como teu pai costumava dizer, um homem irresistível e odioso. E agora, mesmo se você me mostrasse teus velhos diários, eles não poderiam mais me provocar uma reação emocional verdadeira, embora todas as atrizes sejam capazes de derramar lágrimas, como estou fazendo agora. Você compreende (remexendo embaixo do travesseiro à procura do lenço), quando as crianças ainda são muito pequenas (*takíe maliútki*), nós não conseguimos nem imaginar como é possível ficar longe delas, mesmo por um ou dois dias; mais tarde, as coisas mudam, ficamos longe algumas semanas, depois meses, anos cinzentos, décadas negras, até que chega a *opéra bouffe* da eternidade cristã. Acho que até mesmo a mais breve separação é um treino para os Jogos Elíseos... quem disse isso? Eu disse isso. E tua roupa, embora fique muito bem em você, é meio *tráurni* (fúnebre). Estou falando bobagens. Desculpe essas lágrimas idiotas... Me diga, há *alguma coisa* que eu possa fazer por você? Pense em alguma coisa! Gostaria de ganhar um lindo lenço de pescoço peruano, praticamente novo, que ele deixou para trás, aquele garoto maluco? Não? Não faz teu gênero? Agora vá embora. E lembre-se, nem uma palavra com *Mlle. Larivière*, ela só quer o bem das meninas.”

Ada voltou pouco antes da hora do jantar. Preocupações? Encontraram-se quando ela subia a grande escadaria com passos cansados, arrastando atrás de si a bolsa que segurava pela longa alça. Preocupações? Cheirava a tabaco, ou porque (segundo ela disse) tinha passado uma hora num compartimento para fumantes, ou porque (acrescentou) tinha fumado um ou dois cigarros na sala de espera do doutor, ou ainda porque (e isso ela não disse) seu amante desconhecido era um fumante inveterado, com a boca vermelha se abrindo para deixar escapar um rolo de fumaça azul.

“E aí? *Tout est bien?*”, perguntou Van após um esboço de beijo. “Nenhum problema?”

Ela o encarou com ferocidade, ou fingiu que o fazia.

“Van, você não devia ter telefonado para o Seitz! Ele nem sabe meu nome! Você tinha prometido!”

Pausa.

“Não telefonei”, respondeu Van baixinho.

“*Tant miux*”, disse Ada na mesma voz falsa, enquanto ele a ajudava a tirar a capa de chuva no corredor. “*Oui, tout est bien*. Van querido, quer parar de ficar me cheirando? Na verdade, a bendita coisa começou no caminho de volta para casa. Me deixe passar, por favor.”

Preocupações dela própria? Criadas automaticamente por sua mãe? Uma coisinha banal? “Todos nós temos nossos problemas?”

“Ada!”, ele gritou.

Ela olhou para trás antes de destrancar a porta de seu quarto (que vivia fechada à chave). “O que é?”

“Tuzenbakh, não sabendo o que dizer: ‘Não bebi café hoje. Diga a eles que me preparem uma xícara’. Sai às pressas.”

“Muito engraçado!”, disse Ada, trancando-se no quarto.

Em meados de julho, tio Dan levou Lucette para Kaluga, onde ela ficaria, com Belle e French, por cinco dias. O Ballet de Liasca e um circo alemão estavam na cidade, e nenhuma criança gostaria de perder os campeonatos femininos de hóquei de grama e natação a que o velho Dan, no fundo um garotão, assistia religiosamente nessa época do ano; além disso, ela tinha de se submeter a uma série de exames no Hospital Tarus a fim de determinar por que seu peso e temperatura oscilavam de modo tão anormal, conquanto ela comesse muito bem e se sentisse ótima.

Na tarde de sexta-feira em que voltariam, seu pai planejava levar um advogado de Kaluga para Ardis, onde também — coisa muito rara — estaria Demon. O negócio a ser discutido consistia na venda de uma terra “azul” (turfeira) que pertencia aos dois primos e que ambos, por razões diferentes, estavam ansiosos para passar adiante. Como costumava acontecer com os planos mais bem traçados por Dan, algo deu errado, o advogado não pôde se comprometer a ir até o final da tarde e, pouco antes da chegada de Demon, seu primo enviou um aerograma a Marina pedindo-lhe que “servisse o jantar a Demon” sem esperar por eles.

Este *kontretan* (termo brincalhão com que Marina designava uma surpresa, mesmo que não necessariamente negativa) trouxe muita alegria a Van. Pouco vira seu pai naquele ano. Tinha por ele uma devoção jovial: idolatrara-o na infância e o respeitava firmemente em sua juventude tolerante porém mais bem informada. Algum tempo depois, um toque de repugnância (a mesma que sentia com respeito a sua própria imoralidade) veio se mesclar ao amor e à estima; por outro lado, contudo, à medida que envelhecia maior era a certeza de que estaria pronto a dar a vida por seu pai com prazer e orgulho a qualquer momento e em qualquer circunstância imaginável. Às vésperas do século xx, quando Marina, já dolorosamente senil, ficava repassando com detalhes embaraçosos e repulsivos os muitos “crimes” do falecido Demon, Van sentia pena dele e dela, mas sua indiferença com relação a Marina e a adoração pelo pai permaneciam inalteradas — e assim se

mantinham ainda agora, na cronologicamente quase inacreditável década de 60 do novo século. Nenhum miserável chegado a fazer generalizações, desde que munido de dois centavos de cérebro e de coração, seria capaz de explicar (e essa é minha mais doce vingança por toda a maledicência de que minha obra foi objeto) as idiossincrasias presentes nessas e em outras matérias semelhantes. A arte e a genialidade não existiriam sem tais idiossincrasias — e essa é uma declaração definitiva que visa condenar todos os palhaços e patetas deste mundo.

Quando Demon havia visitado Ardis nos últimos anos? No dia 23 de abril de 1884 (ocasião em que a primeira visita de verão de Van tinha sido sugerida, planejada e prometida). Duas vezes no verão de 1885 (enquanto Van escalava montanhas nos estados do Oeste e as meninas se encontravam na Europa). Um jantar em 1886, em junho ou julho (onde estava Van?). Em 1887, durante alguns dias de maio (Ada estava fazendo uma excursão botânica com uma alemã na Estócia ou na Califórnia. Van frequentava prostíbulos em Chose).

Aproveitando a ausência de Larivière e Lucette, Van e Ada tinham se esbaldado longamente no confortável quarto das crianças. Ele estava agora debruçado para fora da janela errada, que não permitia uma visão desimpedida da aleia principal, quando ouviu o vigoroso ronronar do carro de seu pai. Desceu em disparada — a velocidade da descida fazendo o calor do corrimão lhe queimar a palma da mão, lembrança alegre de ocasiões semelhantes quando criança. Não havia ninguém no vestíbulo. Demon entrara na casa por uma galeria lateral e estava agora instalado na sala de música, onde cintilantes partículas de poeira dançavam nas réstias de sol. Limpava o monóculo com uma *zámchinka* (camurça) especial enquanto esperava por seu brandy pré-prandial (ou pré-brandial, como quer a velha piada). Os cabelos pintados estavam mais pretos que uma asa de graúna, os dentes tão brancos quanto os de um cão de caça. O rosto queimado de sol, liso e lúcido, com o bigode preto aparado à perfeição e os olhos negros e úmidos, se abriu num grande sorriso quando Van chegou, expressando o amor radioso que era correspondido pelo filho e que ambos tentavam em vão camuflar trocando as amabilidades costumeiras.

“Como vai, papai?”

“E você, Van?”

*Très américain.* Cena típica na escola. Ele bate a porta do carro, atravessa o pátio coberto de neve. Sempre de luvas, jamais de casacão. Quer ir ao banheiro, papai? Minha terra, minha terra querida.

“Quer ir ao banheiro, papai?”, perguntou Van, piscando o olho.

“Não, obrigado, já tomei banho de manhã.” (Breve suspiro para registrar a passagem do tempo: Demon também se lembrava de todos os detalhes daqueles jantares de pais e filhos em Riverlane, o convite pronto e infalível para usar o lavabo, os professores cordiais, a refeição

ignóbil, carne moída e batata assada com creme, Deus salve a América, filhos constrangidos, pais vulgares, nobre inglês e milionário grego comparando os respectivos iates, cadilaques e badilaques nas Bahamudas. Meu filho, será que posso transferir, sem ninguém notar, este delicioso produto com glace cor-de-rosa do meu prato para o seu? “Papai, não *acredito* que não adore isso!” (Van, fazendo cara de quem estava seriamente ofendido). Deus salve as pobres papilas gustativas dos americanos.

“O motor do seu novo carro tem um ronco maravilhoso”, disse Van.

“Não é mesmo?” (Pergunte ao Van sobre essa *gornichon* — gíria franco-russa do mais baixo nível para designar uma bonita *kamierístotchka*.) “E como vão as coisas, meu garoto? A última vez que te vi foi quando voltou de Chose. Gastamos uma boa parte de nossas vidas nessas separações! Somos uns joguetes do destino! Ah, vamos passar um mês juntos em Paris ou Londres antes que as aulas recomecem!”

Demon tirou o monóculo e secou os olhos com o elegante lenço com bordas rendadas que morava no bolso esquerdo do smoking. Suas glândulas lacrimais entravam em ação facilmente quando uma tristeza de verdade não o obrigava a controlar-se.

“Papai, o senhor parece estar numa forma diabólica. Especialmente com esse cravo na lapela. Pelo jeito não tem passado muito tempo em Manhattan — onde é que pegou essa cor?”

“*En effet*, me dei de presente uma viagem a Akapulko”, respondeu Demon, lembrando-se sem necessidade e a contragosto (com aquela capacidade especial de evocar detalhes que também afligia seus filhos) de um peixe de listras pretas e violetas num aquário, do sofá de listras idênticas, do sol subtropical realçando os veios de um cinzeiro de ônix sobre as lajes do chão, de uma pilha de velhos exemplares da revista *Poviessa (Playboy)* manchados de suco de laranja, das joias que havia levado, do fonógrafo cantando com voz de mulher sonhadora “*Petit nègre, au champ qui fleuronne*”, e do abdômen admirável de uma jovem *Créole* muito cara, muito infiel e completamente adorável.

“E aquela... como se chama... foi com o senhor?”

“Bem, meu garoto, francamente, a nomenclatura se torna cada vez mais confusa com o correr dos anos. Vamos falar de coisas mais simples. Onde estão os drinques? Um anjo que passou por aqui me prometeu trazer algo para beber.”

(Anjo que passou por ali?)

Van puxou a corda verde que enviava uma melodiosa mensagem para a copa e, ao mesmo tempo, fazia com que o pequeno e antiquado aquário, emoldurado em bronze e com um único acará em prisão solitária, borbulhasse desafinado num canto da sala de música (numa estranha reação, talvez uma aeração espontânea, que só era compreendida por Kim Beauharnais, o rapaz da cozinha). Demon

estava pensando se devia telefonar para ela depois do jantar. Que horas seriam lá? Pouco útil e ruim para o coração.

“Não sei se o senhor sabe”, disse Van, voltando a se aboletar no gordo braço da poltrona em que seu pai estava sentado. “Tio Dan só vai chegar aqui com o advogado e Lucette depois do jantar.”

“Perfeito”, disse Demon.

“Marina e Ada devem descer daqui a pouquinho — *ce sera un dîner à quatre.*”

“Perfeito”, ele repetiu. “Você está com uma aparência esplêndida, meu querido — e não tenho de exagerar nos elogios como fazem certas pessoas com relação a um homem que está envelhecendo e precisa usar graxa de sapatos no cabelo. Teu smoking está lindo... ou seja, é muito bom reconhecer nosso velho alfaiate nas roupas de um filho, é como se a gente se visse repetindo um maneirismo ancestral... por exemplo, isso (sacudindo o indicador esquerdo três vezes na altura da têmpora), que minha mãe usava para negar pacificamente alguma coisa; esse gene não está presente em você, mas eu o vi no espelho de meu cabeleireiro quando o impedi de usar Crêmlin na minha careca. E você sabe quem também tinha esse gene? Minha tia Kitty, que se casou com o banqueiro Bolenski depois de se divorciar daquele velho libertino, o escritor Lióvka Tolstói.”

Demon preferia Walter Scott a Dickens, além de não ter em alta conta os romancistas russos. Como de hábito, Van considerou necessário fazer uma retificação.

“Um romancista fantástico, papai.”

“Você é um rapaz fantasticamente charmoso”, disse Demon, deixando correr uma segunda lágrima de água doce. Apertou contra o rosto a mão forte e bem-conformada de Van. Van beijou a mão cabeluda do pai, que já segurava um copo de bebida ainda invisível. Apesar do impacto viril da ascendência irlandesa, todos os Veen com sangue russo revelavam uma grande ternura em efusões rituais de afeto, conquanto fossem pouco capazes de exprimi-la verbalmente.

“Opa”, exclamou Demon, “o que é que aconteceu? Tua mão parece a de um carpinteiro... Deixe-me ver a outra. Meu Deus!” (murmurando:) “O montículo de Vênus deformado, a Linha da Vida cortada por uma cicatriz, mas monstruosamente longa...” (imitando uma cigana:) “Você viverá por tanto tempo que chegará até a Terra, tornando-se ao voltar um homem mais sábio e mais feliz.” (retomando sua voz normal:) “O que me intriga, como leitor de mãos, é a estranha condição da linha Irmã da Vida. E esta aspereza!”

“Mascodagama”, sussurrou Van, erguendo as sobrancelhas.

“Ah, naturalmente, que burrice minha! Agora, me diga uma coisa: você gosta da Mansão de Ardis?”

“Adoro”, disse Van. “Para mim, é o *château que baignait la Dore*. Ficaria feliz se pudesse passar aqui toda a minha estranha vida, com

cicatrizes e tudo. Mas é uma esperança vã.”

“Vã? Tenho minhas dúvidas. Sei que Dan quer deixar a propriedade para Lucile, mas ele é ganancioso e meus negócios permitem que eu satisfaça qualquer ganância. Quando tinha tua idade, eu pensava que as palavras mais doces da língua acabavam em ‘ilhão’, e agora sei que estava certo. Se você quer mesmo ficar com esta propriedade, meu filho, posso tentar comprá-la. Posso exercer certa pressão sobre Marina. Ela suspira como um pufe quando a gente senta em cima dela... Que droga, os criados aqui não têm a rapidez de Mercúrio. Puxe essa corda outra vez. É, talvez Dan possa ser levado a vender.”

“Isso é bem ‘*black*’ de sua parte, papai”, disse Van, contente com o que ouvira e usando uma gíria que aprendera de sua jovem e carinhosa babá, Ruby, nascida na região do Mississippi, onde a maioria dos juízes, benfeitores públicos, altos dignitários das várias congregações eclesiásticas e outras figuras notáveis e generosas tinham a pele negra ou bem escura de seus ancestrais da África Ocidental, primeiros navegantes a atingir o golfo do México.

“Sei lá”, disse Demon com ar pensativo. “Não custaria muito mais que dois milhões, menos o que o primo Dan me deve, e menos também as pastagens de Ladore, que estão inteiramente arruinadas e das quais precisamos nos desembaraçar aos poucos se os fazendeiros locais não mandarem pelos ares aquela nova destilaria de querosene, a vergonha (*stid i sram*) de nosso condado. Não sou *particularmente* apaixonado por Ardis, mas não tenho nada contra a propriedade, embora deteste as cercanias. A cidade de Ladore ficou cheia de espeluncas e o jogo não é mais o que era. Os vizinhos são todos esquisitos. O pobre lorde Erminin está praticamente louco. Outro dia, nas corridas de cavalo, eu estava falando com uma mulher que cortejei anos atrás, ah, muito antes que Moses de Vere pusesse chifres no marido dela na minha ausência e o matasse com um tiro na minha presença — um epigrama que você sem dúvida já ouviu desta mesma boca...”

(A próxima coisa seria “repetição paterna”.)

“... mas um bom filho deve ser capaz de aguentar um pouquinho de repetição paterna... Bem, ela me contou que seu filho e Ada se veem muito, patati, patatá. É verdade?”

“Não exatamente”, disse Van. “Encontram-se vez por outra... nas festas de sempre. Os dois gostam de cavalos, de corridas, mas é tudo. Não tem nenhum patati, patatá, isso está fora de questão.”

“Ótimo! Ah, os passos de bom augúrio se aproximam. Prascovie de Prey tem o pior defeito de uma pessoa esnobe: o exagero. *Bonsoir*, Bouteillan. Você está tão rosado quanto o vinho da tua terra, mas não estamos ficando mais moços, como dizem os amerloques, e minha bonita mensageira deve ter sido sequestrada por algum seguidor mais jovem e mais afortunado.”

“*Prochú, pápotchka* (por favor, papai)”, murmurou Van, que sempre temia que as pilhérias abstrusas do pai pudessem ofender os serviçais, enquanto ele próprio pecava por ser às vezes seco demais.

Todavia — para utilizar um vetusto recurso narrativo —, o velho criado conhecia o antigo senhor bem demais para se aborrecer com suas tiradas amigáveis. A mão dele ainda formigava de forma agradável por conta da palmada que aplicara no jovem e compacto traseiro de Blanche por ela haver se confundido ao transmitir o pedido simples do sr. Veen e por ter quebrado uma jarra de flores. Depois de colocar a bandeja sobre uma mesa baixa, recuou alguns passos, os dedos ainda dobrados na posição de quem carrega uma bandeja, e só então respondeu à saudação de Demon com uma reverência afetuosa. *Monsieur* gozava de boa saúde? Muito boa.

“Vou querer”, disse Demon, “uma garrafa do seu Château Latour d’Estoc no jantar.” Depois que o mordomo, tendo recolhido *en passant* um pequeno lenço amassado de cima do piano, deixou a sala com nova reverência, Demon continuou: “E você, como se dá com Ada? Ela tem o quê... quase dezesseis anos? Muito musical e romântica?”

“Somos muito amigos”, disse Van (que tinha preparado cuidadosamente a resposta à pergunta que esperava ser feita de uma forma ou de outra). “Temos realmente mais coisas em comum do que, por exemplo, muitos amantes, ou primos, ou irmãos. Quer dizer, somos de fato inseparáveis. Lemos um bocado, ela se autoeducou de um modo incrível usando a biblioteca do avô. Sabe o nome de todas as flores e pássaros da região. E é uma garota muito divertida.”

“Van...”, começou Demon, mas parou — como havia começado e parado diversas vezes ao longo dos últimos anos. Algum dia teria de ser dito, mas este não era o momento certo. Ajustou o monóculo e examinou as garrafas. “Aliás, meu filho, você gostaria de tomar algum desses aperitivos? Meu pai me permitia tomar Lilletovka e aquele tal de Illinois Brat — uma água suja horrorosa, *antranou svadi*, como diria Marina. Suspeito que teu tio tem um esconderijo atrás dos livros falsos do escritório onde guarda um uísque melhor do que este *usque ad Russkum*. Bem, vamos tomar o conhaque, tal como planejado, a menos que você seja um *filius aquae*.”

(Não tinha a intenção de fazer um jogo de palavras, mas as pessoas se empolgam e acabam cometendo gafes.)

“Ah, prefiro o *claret*. Mais tarde vou me concentrar (*naliágu*) no Latour. Não, não sou nenhum abstêmio e, além disso, a água da torneira de Ardis é pouco recomendável!”

“Tenho de advertir Marina”, disse Demon após um bochecho e um lento sorvo, “que, depois desse pequeno derrame, seu marido devia parar de beber tantas porcarias e ficar só nos vinhos franceses e califranceses. Eu o encontrei recentemente na cidade, perto da Avenida Mad. Ele caminhava normalmente na minha direção, mas então me viu,



a um quarteirão de distância, a corda começou a acabar e ele parou — assim, sem mais nem menos — antes de chegar aonde eu estava. Isso não é normal. Muito bem. Não deixemos nunca que nossas namoradas se encontrem, como costumávamos dizer em Chose. Só aquela gente do Yukon pensa que conhaque faz mal ao fígado, porque não têm outra coisa para beber senão vodca. Bom, fico satisfeito de saber que você se dá tão bem com Ada. Isso é ótimo. Agora há pouco, naquela galeria, dei de cara com uma camareira extremamente bonita. Ela não levantou nem uma vez os cílios e respondeu em francês quando eu... por favor, meu garoto, puxe esse biombo para o lado, assim está bem, esse raio de sol poente, sobretudo quando brilha por baixo de uma nuvem de tempestade, não faz bem aos meus pobres olhos. Ou pobres ventrículos. Você gosta do tipo, Van? Cabecinha curvada, pescoço nu, sapatos de salto alto, o trote, o jeito de rebolar... você gosta, não gosta?”

“Bem...”

(Dizer a ele que sou o mais moço dos Venusianos? Será que ele também é membro? Fazer o sinal? Melhor não. Inventar.)

“Bem, estou dando um tempo depois de um tórrido romance em Londres com minha parceira de tango, aquela com quem o senhor me viu dançar quando pegou um avião para ver o último espetáculo. Lembra?”

“Sim, lembro. Curioso você chamar isso de romance.”

“Papai, acho que o senhor já bebeu bastante conhaque.”

“Certo, certo”, disse Demon, lutando com uma questão sutil que só a insensatez de uma conjectura similar havia empurrado para fora do cérebro de Marina, embora talvez pudesse ter retornado por uma porta traseira; porque a insensatez é sinônimo de multidão, e nada é mais cheio do que uma mente vazia.

“Naturalmente”, continuou Demon, “é muito recomendável passar um verão descansando no campo...”

“A vida ao ar livre e tudo isso”, disse Van.

“É incrível que um rapaz queira controlar o quanto seu pai deve beber”, observou Demon, servindo-se de uma quarta dose. “Por outro lado”, continuou, abrigando entre as mãos o cálice de haste muito fina e borda dourada, “a vida ao ar livre pode ser bastante triste sem um romance de verão, e, concordo, não pululam muitas moças decentes aqui nas vizinhanças. Tinha aquela adorável garota da família Erminin, *une petite juive très aristocratique*, mas soube que está noiva. Aliás, a tal da De Prey me disse que o filho dela se alistou e em breve estará tomando parte nessa deplorável empreitada no exterior, que nosso país devia ter ignorado. Será que ele vai deixar para trás alguns rivais?”

“Meu Deus, claro que não”, retrucou o honesto Van. “Ada é uma jovem muito séria e educada. Não tem nenhum amiguinho — exceto eu,

*ça va seins durs* [seios duros]. Ah, agora me diga: quem era mesmo que dizia isso, papai, em vez de *'sans dire'* [desnecessário dizer]?”

“Ah, King Wing! Quando eu perguntava se gostava da sua mulher, uma francesa. Bem, são muito boas essas notícias sobre Ada. Ela gosta de cavalos, foi isso que você disse?”

“Ela gosta de tudo de que gostam as mocinhas de sua classe — bailes, orquídeas e *O jardim das cerejeiras*.”

Nesse momento Ada entrou correndo na sala. Sim-sim-sim-sim, cá estou eu. A felicidade estampada no rosto!

O velho Demon, puxando para trás suas asas furta-cor, fez menção de levantar, mas se deixou cair de novo na poltrona, envolvendo Ada com um braço, segurando o cálice na outra mão, beijando-a no pescoço, nos cabelos, embrenhando-se na doçura dela com um fervor mais do que avuncular. “Puxa vida”, ela exclamou, usando uma expressão infantil que inspirou mais ternura (*umilénie, attendrissement*) em Van do que, aparentemente, em seu pai. “Que bom vê-lo! Abrindo com as garras seu caminho entre as nuvens! Mergulhando para pousar no castelo de Tamara!”

(Liérmontov parafraseado por Lowden.)

“A última vez que desfrutei de sua companhia”, disse Demon, “foi em abril. Você estava usando uma capa de chuva com um lenço de pescoço preto e branco e cheirava a um horrível preparado de arsênico depois de voltar do dentista. Você gostará de saber que o doutor Pearlman se casou com sua recepcionista. Agora, querida, vamos às coisas sérias. Admito seu vestido” (o tubinho preto sem mangas), “tolero seu penteado romântico, não gosto muito dos sapatos *na bossu nógu* (sem meias), teu perfume Beau Masque *passé encore*, mas, minha querida, odeio e rejeito o batom branco. Pode ser moda na boa e velha Ladore, mas é impensável em Man ou em Londres.”

“*Ládno* (está bem)”, disse Ada e, pondo à mostra seus grandes dentes, esfregou violentamente os lábios com um pequeno lenço que tirou do entresseio.

“Isso também é provinciano. Você devia carregar sempre uma bolsa de seda preta. E agora vou mostrar como sou um adivinho: teu sonho é ser uma pianista clássica!”

“Nada disso”, disse Van indignado. “Que coisa mais absurda. Ela não sabe tocar nem uma nota!”

“Bom, não faz mal”, disse Demon. “A observação nem sempre é a mãe da dedução. No entanto, não há nada de vergonhoso em se deixar um lenço no tampo de um Bechstein. Não precisa ficar tão ruborizada, meu amor. Que tal estes versinhos para aliviar o ambiente?”

*“Lorsque son fi-ancé fut parti pour la guerre  
Irene de Grandfief, la pauvre et noble enfant,  
Ferma son pi-ano... vendit son éléphant.*

Quando seu noivo partiu para a guerra  
Irina de Grandfief, a pobre e nobre infante,  
Fechou seu piano... vendeu seu elefante.]

“A nobre infante pertence ao autor, mas o elefante é meu.”

“Não acredito”, disse Ada rindo.

“Nosso grande Coppée”, disse Van, “sem dúvida é horrível, mas foi ele quem escreveu um pequeno poema muito simpático que Ada de Grandfief, aqui presente, contorceu mais de uma vez para a língua inglesa com razoável sucesso.”

“Ah, Van!”, exclamou Ada com uma brejeirice pouco comum, pegando um punhado de amêndoas salgadas.

“Vamos ouvir, vamos ouvir”, gritou Demon, roubando-lhe uma amêndoa da mão em concha.

A concatenação de movimentos harmoniosos, a cândida alegria das reuniões familiares, os cordéis das marionetes que nunca se emaranham — tudo isso é mais fácil de descrever do que de imaginar.

“Velhos recursos narrativos”, disse Van, “podem ser parodiados apenas por grandes artistas, artistas quase desumanos, mas só os parentes próximos podem ser perdoados por parodiar poemas famosos. Deixem-me prefaciá-los os esforços de uma prima — a prima de qualquer um — com algumas palavras de Púchkin, quando nada pelo prazer da rima...”

“Mas toda paráfrase”, interrompeu Ada, “mesmo a minha paráfrase, é uma forma de corrupção. É como transformar um colóquio de Aristóteles em uma aristolóquia, uma simples plantinha.”

“Que serve muito bem”, disse Demon, “a minhas necessidades e às de minhas amiguinhas.”

“Muito bem, vamos lá”, continuou Van (deixando passar o que lhe pareceu uma alusão indecente, pois a tal planta infeliz costumava ser usada pelos antigos habitantes da região de Ladore não apenas como antídoto contra o veneno de cobras mas como ajuda no parto tranquilo de mulheres muito jovens... Não importa). “Por acaso o poema foi preservado. Aqui está: *Leur chute est lente...*”

“Ah, mas eu conheço isso”, interrompeu Demon:

<i>Leur chute est lente. On peut les suivre</i>	[Elas caem devagar. Podemos segui-las
<i>Du regard en reconnaissant</i>	E o olhar reconhece
<i>Le chêne à sa feuille de cuivre</i>	O carvalho por sua folha de cobre,
<i>L'érable à sa feuille de sang.</i>	O bordo por sua folha cor de sangue.]

“Uma beleza!”

“Sim, isso é do Coppée. E agora vem o da prima”, disse Van, começando a recitar:

<i>Their fall is gentle. The leavesdropper</i>	[Elas caem devagar. O bisbifolheiro
<i>Can follow each of them and know</i>	Pode acompanhar cada uma e reconhece
<i>The oak tree by its leaf of copper,</i>	O carvalho por sua folha cor de cobre,
<i>The maple by its blood-red glow.</i>	O bordo pelo brilho do vermelho-sangue.]

“Bah!”, fez a autora da versão.

“De jeito nenhum!”, exclamou Demon. “Aquele ‘bisbifolheiro’ é um esplêndido achado, garota.” Puxou-a ao dizer isso. Ada aterrissou no braço da poltrona e Demon, por cima da rica mecha de cabelos negros, colou os lábios grossos e úmidos em sua orelha quente e vermelha. Van sentiu um calafrio de prazer.

Chegou a vez de Marina entrar em cena, o que ela fez em excelentes condições de claro-escuro, num vestido de paetês e com o rosto um pouco difuso (efeito sempre desejado por estrelas em idade madura), os braços estendidos à frente do corpo. Bem atrás dela vinha Jones, carregando dois archotes e tentando manter dentro dos limites do decoro os pequenos pontapés dirigidos para trás na direção de um turbilhão marrom que, em meio às sombras, se embaralhava em suas pernas.

“Marina!”, exclamou Demon com entusiasmo perfunctório, dando-lhe uns tapinhas na mão ao se sentar ao lado dela num canapé.

Arfando de forma ritmada, Jones pôs um dos belos archotes enlaçados de dragões sobre a mesinha baixa onde estavam dispostas as reluzentes garrafas de bebida. Aprestava-se a levar a outra tocha para onde Demon e Marina encerravam a troca preliminar de gentilezas quando, com um breve sinal, ela o dirigiu a um pedestal próximo ao peixe listrado. Arfando ainda, ele fechou as cortinas, pois só restavam do dia algumas ruínas pitorescas. Muito eficiente, solene e vagaroso, Jones era novo na casa, e levou algum tempo até que nos acostumássemos com seu jeito e sua respiração ofegante. Anos depois prestou-me um serviço que jamais esquecerei.

“Ela é uma *jeune fille fatale*, uma beleza pálida e arrasadora”, Demon confidenciou a sua ex-amante sem se preocupar em saber se o objeto do elogio podia ouvi-lo (e ouviu) do outro lado do aposento, onde ajudava Van a cercar o cachorro — mostrando mais as pernas do que a operação exigia. Nosso velho amigo, tão excitado quanto o resto da família reunida, tinha entrado correndo atrás de Marina trazendo na boca alegre um velho chinelo forrado de pelo de esquilo. O chinelo pertencia a Blanche, que havia recebido ordens de encerrar Dack em seu quarto, mas que, como de costume, não o prendera de modo correto. Van e Ada sentiram um arrepio de *déjà-vu* (na verdade, um duplo *déjà-vu* quando contemplado numa retrospectção artística).

“*Pojálsta biez glúpostiei* (por favor, nenhuma bobagem), especialmente *devant les gens*”, disse Marina, profundamente lisonjeada (pronunciando o “s” final como as grandes damas de sua família costumavam fazer); e depois que o lento lacaio com boca de peixe saiu levando, deitado de costas, o cachorro de peito estufado e seu pobre brinquedinho, ela continuou: “De fato, comparada às moças da região, à Grace Erminin, por exemplo, ou à Córdula de Prey, Ada é

uma donzela saída de uma obra de Turguêniev ou até mesmo uma *miss* de um livro de Jane Austen”.

“Para dizer a verdade, sou Fanny Price”, comentou Ada.

“Na cena da escadaria”, acrescentou Van.

“Não vamos nos preocupar com piadinhas que só eles entendem”, disse Marina para Demon. “Não consigo nunca compreender as brincadeiras e os segredinhos deles. No entanto, *Mademoiselle* Larivière escreveu um maravilhoso roteiro cinematográfico sobre umas crianças misteriosas fazendo coisas estranhas em velhos parques — mas não deixe que ela comece a falar de seus sucessos literários esta noite, isso seria fatal.”

“Espero que teu marido não chegue tarde *demais*”, disse Demon. “Você sabe que ele nunca está em sua melhor forma depois das oito da noite, hora de verão. Aliás, como está Lucette?”

Nesse instante, a porta foi aberta de par em par por Bouteillan no melhor estilo aristocrático, e Demon ofereceu o braço a Marina *kalátchicom* (na forma arqueada de um *croissant* russo). Van, que na presença do pai costumava adotar uma jovialidade execranda, propôs o mesmo a Ada, mas ela afastou seu pulso com um tapa fraterno que Fanny Price provavelmente não teria aprovado.

Outro Price — um velho serviçal típico, típico até demais, que Marina e G. A. Vrônski (durante o breve romance que os uniu) haviam curiosamente apelidado de “Grib” — depositou um cinzeiro de ônix na cabeceira da mesa para Demon, que gostava de fumar entre um e outro prato como sempre haviam feito seus antepassados russos. Uma mesa lateral, também na melhor tradição russa, sustentava uma variedade de *hors-d’oeuvres* vermelhos, pretos, cinzentos e bege, com o caviar prensado (*salfiétotchnaia ikrá*) separado do pote de pérolas-cinzentas (*ikrá sviejaia*) pelo fausto suculento dos boletos em conserva, enquanto o rosa do salmão defumado competia com o encarnado do presunto da Vestfália. Numa bandeja à parte reluziam garrafinhas de vodca de diferentes sabores. A cozinha francesa se fazia representar por *chaudfroids* e pelo *foie gras*. Uma janela estava aberta e os grilos estridulavam numa velocidade assustadora em meio à folhagem escura e imóvel.

Foi — para manter a estrutura novelística — um jantar longo, alegre e delicioso; conquanto a conversa tivesse consistido principalmente em piadas sobre a família e em banalidades brilhantes, o encontro ficou gravado na memória de todos como uma experiência curiosamente significativa, embora não de todo agradável. Era algo para ser guardado, como ocorre quando nos apaixonamos por determinado quadro numa pinacoteca ou recordamos o estilo de um sonho, o detalhe do sonho, a riqueza expressiva da cor e o contorno numa visão de outro modo despida de importância. Cumpre notar que ninguém, nem mesmo o leitor ou até mesmo Bouteillan (que desafortunadamente destruiu

uma rolha preciosa!), estava num grande dia. Um leve quê de farsa e falsidade comprometeu o evento, impedindo que um anjo — se é que algum anjo podia visitar Ardis — se sentisse completamente à vontade. Não obstante, foi um espetáculo maravilhoso que nenhum artista gostaria de ter perdido.

O alvor da toalha de mesa e o brilho das velas atraíram mariposas tímidas ou impetuosas, entre as quais Ada, ajudada por um fantasma que as apontava uma a uma, não pôde deixar de reconhecer muitas velhas amigas voadoras. Pálidas intrusas, ansiosas apenas por abrir as asas delicadas sobre qualquer superfície lustrosa; cabeceadores de teto com casacos de pele dignos de mercadores ricos; corpulentos malfeitores com antenas peludas; mariposas-beija-flor, penetrando na festa com seus abdomens vermelhos cintados de preto — todas essas criaturas entravam na sala devagar ou às pressas, silenciosas ou zumbindo, escapando das trevas quentes e úmidas.

Tratava-se de uma noite escura, quente e úmida de meados de julho de 1888, em Ardis, no condado de Ladore — não nos esqueçamos disso, não nos esqueçamos disso jamais, uma família de quatro pessoas sentada em torno de uma mesa de jantar oval reluzente de flores e cristais. Não se tratava de uma cena de teatro, como poderia parecer — não, *deverá* ter parecido — a um espectador (munido de uma câmara ou de um programa) situado na plateia aveludada do jardim. Dezesseis anos tinham se passado desde que terminara o romance entre Marina e Demon, que os havia unido por três anos. Intervalos de duração diferente — uma pausa de dois meses na primavera de 1870, outra de quase quatro meses no meio de 1871 — tinham servido apenas para aumentar a ternura e a tortura. Agora, os traços singularmente embrutecidos de Marina, seu vestido coberto de lantejoulas, a rede cintilante que envolvia os cabelos pintados de louro com reflexos cor de morango, o colo queimado de sol e a maquiagem melodramática, com um excesso de ocre e marrom, nem de longe podiam fazer com que aquele homem, que a amara mais intensamente do que a qualquer outra mulher numa vida repleta de aventuras galantes, relembresse o brio, o charme, a beleza lírica de Marina Durmânov. Tudo isso o afligia — o colapso total do passado, a debandada de sua corte itinerante e dos menestréis, a impossibilidade lógica de associar a realidade duvidosa do presente com a realidade incontestável das recordações. Até mesmo aqueles *hors-d'oeuvres* no *zakússotchni stol* da Mansão de Ardis e o teto pintado da sala de jantar não guardavam relação com os *petits soupers* que haviam partilhado outrora, conquanto, Deus o sabe, a tripla entrada era sempre a mesma: jovens boletos em conserva com seus apertados e reluzentes capacetes castanho-amarelados, pérolas cinzentas de caviar fresco, patê de fígado de ganso enriquecido com trufas do Périgord.

Demon pôs na boca um último pedaço de pão preto com uma fatia elástica de salmão novo, bebeu de um gole o último copinho de vodca e tomou seu lugar à cabeceira da longa mesa oblonga, tendo Marina à sua frente e, entre os dois, um grande vaso de bronze cheio de maçãs Caville (que pareciam ter sido esculpidas) e alongadas uvas Persty. O álcool que seu vigoroso sistema já tinha absorvido contribuiu, como sempre, para reabrir aquilo que (usando um galicismo) ele chamava de portas condenadas, e, bocejando involuntariamente como fazem todos os homens ao ajeitar o guardanapo, Demon refletiu sobre o pretensioso penteado *ciel-étoilé* de Marina e tentou se *conscientizar* (no sentido raro e puro da palavra, isto é, tentou *possuir* a realidade de um fato o forçando a ocupar o centro de suas sensações) de que ali estava uma mulher que ele amara intoleravelmente, que o havia amado de modo histérico e inconstante, que insistia em ter relações sexuais em cima de tapetes e almofadas espalhadas pelo chão (“como fazem as pessoas respeitáveis no vale dos rios Tigre e Eufrates”), que quinze dias depois do parto descia de trenó, a toda a velocidade, as encostas cobertas de neve, que era capaz de desembarcar do Expresso do Oriente com cinco grandes malas, o avô de Dack e uma criada para ir vê-lo no *ospedale* da dra. Stella Oспенко, onde ele se recuperava do arranhão recebido num duelo de espadas (e ainda visível, passados quase dezessete anos, um vergão branco abaixo da oitava costela). É estranho, mas, quando alguém encontra após longa separação um amigo ou uma tia gorda de quem gostava quando criança, de imediato redescobre, intacto, o calor humano da amizade, ao passo que, com uma ex-amante, isso nunca acontece — a parte humana de nossa afeição parece ser varrida junto com os detritos da paixão inumana num processo de demolição total. Demon a olhou e fez um comentário sobre a perfeição da sopa, mas ela — aquela mulher algo corpulenta, sem dúvida bondosa mas impaciente e amargurada, lambuzada (testa, nariz, o rosto todo) com uma espécie de óleo amarronzado que ela considerava mais “rejuvenescedor” que o ruge — lhe era mais estranha do que Bouteillan, que certa feita a havia carregado nos braços, enquanto fingia estar desmaiada, do interior de uma *villa* de Ladore para um táxi após uma derradeira briga, uma briga definitiva, na véspera do casamento dela.

Marina, em essência um manequim disfarçado de criatura humana, não tinha aflições desse gênero, pois de fato lhe faltava a *terceira visão* (a imaginação individual e magicamente detalhada), que muitas pessoas de outro modo bastante comuns e dóceis também possuem, mas sem a qual a memória (mesmo a de um “pensador” profundo ou de um técnico genial) é, cumpre admitir, um estereótipo ou uma folha solta. Não desejamos ser demasiado duros com Marina; afinal de contas, seu sangue lateja em nossos pulsos e em nossas têmporas, e muitas de nossas excentricidades provêm dela, não dele. No entanto, não

podemos perdoar a vulgaridade de sua alma. O homem sentado à cabeceira da mesa e unido a ela por um par de jovens alegres — à sua direita, o ator juvenil (na linguagem do cinema), à esquerda a *ingénue* — em nada se diferenciava do mesmo Demon, vestido com um smoking idêntico (exceto talvez pelo cravo evidentemente subtraído de uma jarra que Blanche fora instruída a trazer da galeria), que se sentara ao lado dela na casa dos Praslin no Natal do ano anterior. O abismo vertiginoso que ele defrontava cada vez que via Marina, aquela horrível “maravilha da Natureza” com sua extravagante mixórdia de falhas geológicas, não podia ser vencido pelo que *ela* aceitava como uma linha pontilhada de encontros tediosos: o “pobre” Demon (todos que tinham dividido um travesseiro com Marina eram aposentados com esse título) aparecia diante dela como um fantasma inofensivo no *foyer* dos teatros “entre o espelho e o ventilador”, ou nas salas de estar dos amigos comuns, e até certa vez no Parque Lincoln, apontando com a bengala um macaco de bunda azul-anil e não a cumprimentando, de conformidade com as regras do *beau monde*, porque estava acompanhado de uma cortesã. Em algum lugar, bem no fundo, bem ao longe, transformado com toda a segurança por sua mente corrompida pelo cinema em cediço melodrama, estava o período de três anos de seus encontros amorosos com Demon entrecortado por febris interrupções, *Um romance tórrido* (título de seu único filme de sucesso), paixão em Palace Hotéis, em meio a palmeiras e pinheiros, a Devoção Total de Demon, o temperamento impossível dele, afastamentos, reconciliações, Trens Azuis, lágrimas, traição, terror, as ameaças de uma irmã louca, sem dúvida desvalida, mas deixando a marca das garras do tigre no cortinado dos sonhos, em particular quando chega a febre na noite úmida. E a sombra da vingança projetada na parede (com ridículas insinuações legais). Tudo isso não passava de um cenário, facilmente empacotado e enviado para uma destinação chamada “Inferno”. Só em raríssimas ocasiões aparecia um lembrete... por exemplo, no efeito especial em close-up que mostrou duas mãos esquerdas pertencentes a sexos diferentes... mas fazendo o quê? Marina não conseguia mais se lembrar (embora só se tivessem passado *quatro* anos)... tocando à *quatre mains*?... não, nenhum dos dois estudava piano... projetando coelhos na parede?... está mais quente, mais perto, mas ainda errado; medindo alguma coisa? Mas o quê? Subindo numa árvore? O tronco liso de uma árvore? Onde, quando? Um dia desses, ela pensou, vou precisar dar uma arrumada no passado. Retocá-lo, retomá-lo. No filme, certas coisas terão de ser apagadas, outras inseridas; corrigir certos arranhões reveladores na emulsão da película; aplicar a técnica do fade-out para eliminar discretamente algumas sequências embaraçosas e indesejáveis para obter garantias definitivas; sim, um dia desses... antes que a morte bata sua claquete e dê a cena por terminada.



Ao planejar a refeição daquela noite, ela havia se contentado em cumprir automaticamente a cerimônia de lhe oferecer o que lembrava, de modo mais ou menos correto, serem seus pratos prediletos — *zieliônia schi*, uma sopa verde e aveludada de azeda e espinafre, contendo ovos cozidos escorregadios e acompanhada de *pirojkí* tão quentes a ponto de queimar a ponta dos dedos, irresistivelmente macios e recheados de carne, cenoura ou repolho — os *pirachkí*, pois assim se pronuncia a palavra, devidamente celebrados aqui para todo o sempre. Depois disso, ela havia decidido servir um peixe de rio (*sudák*) panado com batatas cozidas, uma ave chamada *riábtchiki* e aquele aspargo especial (*biezukhanka*) que não produz o que os livros de culinária chamam de “efeito Proust”.

“Marina”, murmurou Demon ao final do primeiro prato. “Marina”, repetiu mais alto. “Longe de mim” (expressão que ele amava) “criticar o gosto de Dan em matéria de vinho branco ou o comportamento *de vos domestiques*. Você me conhece, estou acima dessas bobagens, sou...” (gesto). “Mas, minha querida”, continuou, passando para o russo, “o *tcheloviék* que trouxe os *pirojkí* — o novo criado, o gordinho com olhos (*s glazami*)...”

“Todo mundo tem olhos”, observou Marina secamente.

“Bem, mas a maneira que ele *olha*, como se fosse devorar a comida que está servindo. Mas não é essa a questão. Ele arqueja, Marina! Tem algum problema de falta de ar (*odíchka*). Devia ver o dr. Krolik. É deprimente. Fica bufando como uma máquina. Fez ondinhas em minha sopa.”

“Olhe, papai”, disse Van. “O dr. Krolik não pode ajudar muito, porque, como o senhor bem sabe, ele está morto, e Marina não pode ordenar aos criados que não respirem, porque, como o senhor também sabe perfeitamente, eles estão vivos.”

“O humor da família, o humor dos Veen”, murmurou Demon.

“Exatamente”, disse Marina. “Simplesmente me recuso a fazer qualquer coisa a esse respeito. Além do mais, o pobre Jones não tem nada de asmático, só fica nervoso porque deseja servir bem. É saudável como um touro e, durante este verão, já me levou várias vezes remando de Ardisville para Ladore, e me trouxe de volta. E sempre se divertindo muito. Você é cruel, Demon. Não posso dizer a ele ‘*nie pikhtitie*’, como não posso dizer a Kim, o rapaz da cozinha, para não tirar fotografias às escondidas — ele é um verdadeiro maníaco com uma câmera na mão, esse Kim, mas, exceto por isso, é um garoto adorável, gentil e honesto; tampouco posso dizer à minha criadinha francesa que pare de receber convites, como ela dá sempre um jeito de receber, para os mais fechados *bals masqués* de Ladore.”

“Isso é interessante”, comentou Demon.

“Ele é mesmo um velho libertino!”, exclamou Van em tom alegre.

“Van!”, disse Ada.

“Sou um *jovem* libertino”, suspirou Demon.

“Me diga, Bouteillan”, perguntou Marina, “que outro bom vinho branco temos aqui... o que você recomendaria?” O mordomo sorriu e sussurrou um nome fabuloso.

“Sim, ah, isso sim”, disse Demon. “Ah, minha querida, você não devia planejar esses jantares sozinha. Agora, sobre essa coisa de remar... você mencionou algo sobre remar... Sabe que *moi, qui vous parle*, fiz parte do time azul em 1858? Van prefere o futebol, mas não joga na equipe da universidade, não é mesmo, Van? Também sou melhor do que ele no tênis... não, obviamente, no tênis de grama, que é jogo para curas de aldeia, mas no tênis real, como é conhecida em Manhattan uma variedade que se joga em quadras fechadas e em que as paredes também são usadas. Mais o quê, Van?”

“O senhor ainda ganha de mim na esgrima, embora eu atire melhor. Isso não é o verdadeiro *sudák*, papai, mas garanto que é delicioso.”

(Marina, não tendo conseguido o produto europeu em tempo para o jantar, havia escolhido a coisa mais próxima, um peixe-galo, com molho tártaro e batatas novas cozidas.)

“Ah!”, disse Demon, provando o *Hock* de Lord Byron. “Isso redime o Lágrimas de Nossa Senhora. Eu estava falando há pouco com o Van”, continuou, erguendo a voz (pois imaginava, erroneamente, que Marina tinha ficado surda), “sobre teu marido. Minha querida, ele está abusando da vodca com junípero, na verdade está meio esquisito, desligado das coisas. Outro dia eu andava pela Pat Lane, do lado da Quarta Avenida, e lá vinha ele, a uma boa velocidade, naquele carro horrível que usa na cidade, um modelo primitivo de dois lugares, motor a gasolina e timão em vez de volante. Bem, ele me viu lá de longe, e acenou, mas aí a geringonça começou a tremelicar e terminou parando a meio quarteirão de distância. E lá ficou ele, sentado, tentando fazer o troço andar com uns repuxões de quadris, você sabe, como uma criança que não consegue soltar o triciclo de um buraco. Quando me aproximei, tive a clara impressão de que era o mecanismo *dele* que tinha entrado em pane, e não o do Hardpan.” Mas o que Demon, com a bondade inata de um coração pouco confiável, deixara de contar a Marina é que o imbecil, sem dizer nada a seu consultor artístico, o sr. Aix, havia comprado por alguns milhares de dólares de um jogador amigo de Demon, e com seu beneplácito, dois falsos Correggios — os quais, numa tacada de sorte imperdoável, revendera de imediato a um colecionador igualmente imbecil por meio milhão. Demon considerava essa quantia como um empréstimo feito por ele ao primo, empréstimo a ser religiosamente pago, se é que a sanidade ainda valesse algo neste planeta gêmeo. Em contrapartida, Marina se eximira de falar a Demon sobre a jovem enfermeira com quem Dan vinha se engraçando desde sua última doença (tratava-se, aliás, da intrometida Bess, a quem Dan

pedira, numa ocasião memorável, que o ajudasse a “encontrar alguma coisa simpática para uma criança meio-russa interessada em biologia”).

“*Vous me comblez*”, disse Demon referindo-se ao *bourgogne* que acabara de provar, “embora, *pravda*, meu avô materno preferisse sair da mesa a me ver beber um vinho tinto em vez de champanhe para acompanhar a *gelinotte*. Soberbo, minha querida” (soprando-lhe um beijo por cima das chamas das velas e da prataria).

A *gelinotte* assada (na verdade uma espécie similar do Novo Mundo, conhecida na região como “tetrax da montanha”) vinha acompanhada de mirtilos vermelhos em conserva (chamados localmente de “oxicocos da montanha”). Um pedaço especialmente suculento da carne dessas pequenas aves marrons foi a origem de um chumbinho de espingarda que se alojou entre a língua vermelha e o poderoso canino de Demon: “*La fève de Diane*”, ele observou, colocando-o cuidadosamente na borda do prato. “Como está a questão do carro, Van?”

“Vaga. Encomendei um Roseley como o seu, mas não vai ser entregue antes do Natal. Tentei encontrar uma Silentium com *sidecar* e não consegui por causa da guerra, embora para mim seja um mistério a relação entre as guerras e as motocicletas. Mas eu e Ada damos um jeito, andamos a cavalo, de bicicleta e até mesmo de tapete voador.”

“Eu me pergunto”, disse Demon, “por que isso me faz lembrar imediatamente os belos versos de nosso grande canadense sobre o rubor de Irene:

*Le feu si délicat de la virginité* [O fogo tão delicado da virgindade  
*Qui sei-lá-o-quê sur son front...* Que ... em sua frente...]

“Tudo bem. Você pode levar o meu para a Inglaterra, desde que...”

“Por falar nisso, Demon”, interrompeu Marina, “onde e como posso obter aquele velho tipo de limusine espaçosa com um velho chofer profissional que a Praskovia, por exemplo, já tem há anos?”

“Impossível, minha querida, estão todos no céu ou na Terra. Mas o que é que Ada gostaria de receber, o que é que meu amor silencioso deseja ganhar de aniversário? É no próximo sábado, *po rastchiótu po móemu* (segundo minhas contas), não é? *Une rivière de diamants?*”

“*Protiestúiu!*”, gritou Marina. “Sim, estou falando *seriozno*. Me oponho a que você dê a ela *kvaka sesva* (o que quer que seja), Dan e eu vamos cuidar disso.”

“Além do que o senhor vai se esquecer”, disse Ada rindo e mostrando logo depois, com grande habilidade, a ponta da língua para Van, que estava mesmo à espera da reação dela, numa espécie de reflexo condicionado, à palavra “diamantes”.

Van perguntou: “Desde que o quê?”

“Desde que você já não tenha outro te esperando na garagem do George, na Ranta Road.”

“Ada”, Demon continuou, “daqui a pouco você vai ter de andar sozinha de tapete mágico. Vou levar o Mascodagama para terminar as férias dele em Paris. *Qui sei-lá-o-que sur son front, en accuse la beauté!*”

E assim prosseguiu a conversa fiada. Quem não guarda no mais escuro golfo de sua mente esse tipo de recordação brilhante? Quem já não se contorceu e escondeu o rosto nas mãos quando o passado ofuscante o olhou maliciosamente de esguelha? Quem, no terror e na solidão de uma longa noite...

“Que foi isso?”, exclamou Marina, para quem uma tempestade telérica era mais assustadora que até mesmo para os antiambarianos do condado de Ladore.

“Um relâmpago”, sugeriu Van.

“Se você me perguntar”, disse Demon, virando-se na cadeira para examinar as cortinas enfunadas pelo vento, “acho que foi o *flash* de um fotógrafo. Afinal de contas, temos aqui uma atriz famosa e um acrobata sensacional.”

Ada correu para a janela. Sob as magnólias ansiosas, um garoto de rosto pálido, flanqueado por duas criadas boquiabertas, apontava uma câmara na direção do alegre e inocente grupo familiar. Mas era só uma miragem noturna, não incomum em julho. Ninguém estava tirando fotografias, exceto Perun, o deus do trovão cujo nome não podia ser mencionado. À espera do estrondo, Marina começou a contar em voz baixa, como se estivesse rezando ou verificando o pulso de uma pessoa muito doente. Supunha-se que cada batimento correspondia a uma milha de noite escura entre o coração pulsante e um infeliz pastor atingido pelo raio alhures — ah, muito longe, no topo de alguma montanha. O trovão chegou, mas com um rugido muito abafado. Um segundo clarão revelou a estrutura da porta-janela.

Ada voltou a sentar-se. Van pegou o guardanapo que caíra debaixo da cadeira dela e, durante o breve movimento de descer e subir, roçou com a têmpora a lateral do joelho de Ada.

“Será que posso comer mais um pouco dessa avezinha descrita por Peterson, *Tetrastes bonasia windriverensis?*”, perguntou Ada com ar de superioridade.

Marina agitou uma minúscula sineta de vaca madrinha feita de bronze. Demon pousou sua mão sobre a de Ada e pediu que lhe passasse o objeto estranhamente evocativo. Ela o fez num movimento em arco composto de pequenos arrancos. Demon ajustou o monóculo e, silenciando a língua da memória, examinou a sineta; mas não era aquela que vira outrora na bandeja de um quarto pouco iluminado no chalé do dr. Lapiner; nem mesmo era de fabricação suíça, e sim apenas uma dessas traduções que soam bem mas revelam a falsificação grosseira de um parafrasta tão logo a comparamos com o original.

Infelizmente, a ave não sobrevivera “à honra que lhe havia sido feita”, e após uma breve consulta com Bouteillan, um pedaço de *saucisson d’Arles*, algo incongruente mas altamente palatável, veio se juntar no prato da jovem aos *asperges en branches* que todos agora saboreavam. Era impressionante ver o prazer com que ela e Demon contorciam de modo absolutamente igual suas bocas de lábios reluzentes para nelas introduzir, como se vindo do céu, aquele voluptuoso aliado do pudico lírio-do-vale, segurando a haste com os dedos agrupados de forma idêntica, numa posição não muito diferente do “sinal da cruz” reformado que gerara um pequeno cisma ridículo (uns três centímetros do polegar ao indicador) e fizera com que tantos russos fossem queimados por outros russos apenas dois séculos antes nas margens do Grande Lago dos Escravos. Van se lembrava que o grande amigo de seu preceptor, o douto e puritano Siemiôn Afanássievitch Venguérov, à época um jovem professor adjunto mas já reconhecido como puchkinista de escol (1855-1954), costumava dizer que a única passagem vulgar na obra do autor era a que retratava a alegria canibalesca com que um grupo de jovens *gourmets*, num canto inacabado de *Eugene Onegin*, arranca ostras “gordas e vivas” de seus “claustrós”. No entanto, “cada um tem seu gosto”, como disse o escritor inglês Richard Leonard Churchill ao traduzir erradamente por duas vezes uma corriqueira expressão francesa (*chacun à son goût*) no romance, intitulado *A Great Good Man*, sobre um certo *khan* da Crimeia que em determinada época fora muito popular nos círculos jornalísticos e políticos. Como o erro tinha sido apontado por Guillaume Monparnasse, com sua língua ferina e seu preconceito contra os ingleses, Ada falou a Demon sobre a recém-adquirida celebridade de Larivière enquanto mergulhava numa tigelinha a corola invertida da mão e ele executava o mesmo ritual com gesto igualmente delicado.

Marina pegou um Albany de uma caixa de cristal onde havia vários cigarros turcos com ponta de pétala de rosa vermelha, passando-a depois para Demon. Ada, algo constrangida, também acendeu um cigarro.

“Você sabe muito bem”, disse Marina, “que seu pai não aprova que você fume à mesa.”

“Ah, não faz mal”, murmurou Demon.

“Estava me referindo ao Dan”, explicou Marina em tom sério. “Ele é muito exigente nessa questão.”

“Bem, e eu não sou”, respondeu Demon.

Ada e Van não conseguiram deixar de rir. Tudo fazia parte do clima de descontração, da brincadeira. Não de alto nível, mas ainda assim uma brincadeira.

No entanto, um momento depois Van declarou: “Acho que também vou pegar um Álibi... quer dizer, um Albany”.

“Por favor, prestem todos atenção”, disse Ada, “como este lapso foi *voulu!* Eu gosto de fumar um cigarrinho quando vou catar cogumelos, mas, na volta, esse provocador horroroso insiste em dizer que estou cheirando a algum turco ou albanês romântico que encontrei na floresta.”

“Bom”, disse Demon, “Van faz muito bem em se preocupar com tua conduta moral.”

O verdadeiro *profitró!* russo (pronunciado com um “l” muito suave), tal como feito pela primeira vez por seus cozinheiros em Gavana antes de 1700, consiste em uma bola maior e com uma cobertura mais cremosa de chocolate que o doce preto e mirrado servido atualmente com esse nome nos restaurantes europeus. Tendo terminado de comer essa succulenta sobremesa inundada de molho de *chocolat-au-lait*, nossos amigos estavam prontos para passar às frutas quando Bout, seguido por seu pai e pelo desajeitado Jones, fez uma entrada sensacional.

Todos os banheiros e encanamentos da casa tinham sido de repente acometidos de fortes convulsões gorgolejantes. Isso sempre significava que estava para ser completada uma chamada interurbana. Marina, que havia dias esperava certa mensagem da Califórnia em resposta a uma tórrida carta, mal conseguia conter sua impaciência amorosa. Ao ouvir o primeiro espasmo borbulhante, estava a pique de correr para o dorofone no vestíbulo quando o jovem Bout entrou às pressas puxando atrás de si o longo fio verde (latejando visivelmente numa série de dilatações e contrações, como uma serpente engolindo um rato do campo) do receptor decorado com incrustações de bronze e madreperla. Marina, com um lancinante “*A l’eau!*”, apertou o receptor contra o ouvido. Mas era apenas o velho e meticuloso Dan, ligando para informar a todos que Miller afinal não tinha podido ir naquela noite e estaria com ele em Ardis bem cedo na manhã seguinte.

“Quero ver esse bem cedo”, exclamou Demon, sentindo-se agora saturado dos prazeres familiares e ligeiramente aborrecido por haver perdido algumas horas de jogatina em Ladore em troca de uma refeição que, conquanto bem-intencionada, deixara bastante a desejar em termos de qualidade.

“Vamos tomar o café na sala amarela”, disse Marina numa voz tão triste como se estivesse relembando o local de um exílio soturno. “Jones, *por favor*, não pise no fio. Demon, você não imagina como receio reencontrar, depois de todos esses anos, aquele detestável Norbert von Miller, que provavelmente ficou ainda mais arrogante e obsequioso, além de não saber, disso tenho certeza, que sou eu a mulher do Dan. Ele é um russo báltico” (virando-se na direção de Van) “mas na verdade *echt deutsch*, embora a mãe fosse uma Ivanov, ou Románov, ou coisa que o valha, e tivesse uma fábrica de chita na Finlândia ou na Dinamarca. Não consigo entender como ele conseguiu

o título de barão. Quando o conheci, há vinte anos, era simplesmente o sr. Miller.”

“E ainda é”, disse Demon secamente, “porque você está misturando dois Miller. O advogado que trabalha para Dan é meu velho amigo Norman Miller do escritório de advocacia Fainley, Fehler e Miller, muito parecido fisicamente com o Wilfrid Laurier. Por outro lado, o Norbert tem, se não me engano, uma cabeça de *Kegelkugel* (bola de boliche), vive na Suíça, sabe perfeitamente com quem você está casada e é um salafrário inominável.”

Após uma rápida xícara de café e um pequeno gole de licor de cereja, Demon se pôs de pé.

“*Partir c’est mourir un peu, et mourir c’est partir un peu trop.* Por favor, diga ao Dan e ao Norman que lhes ofereço chá com bolo a qualquer hora amanhã no Bryant. Aliás, como está Lucette?”

Marina franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça, assumindo o papel de mãe carinhosa e preocupada, conquanto, na verdade, sentisse menos afeição por suas filhas do que pelo simpático Dack e pelo patético Dan.

“Ah, levamos um grande susto”, respondeu por fim, “um susto dos mais feios. Mas agora, aparentemente...”

“Van”, disse seu pai. “Seja um bom rapaz. Vim sem chapéu, mas trouxe um par de luvas. Peça ao Bouteillan que procure na galeria, posso tê-las deixado cair lá. Não. Espere! Está tudo bem. Deixei-as no carro, porque agora me lembro de como estava fria esta flor que tirei de uma jarra ao passar...”

Nesse instante, jogou fora a flor, livrando-se também da sombra de um impulso passageiro que quase o tinha feito agarrar com as mãos um par de seios macios.

“Tinha a esperança de que você iria dormir aqui”, disse Marina (embora não desse a mínima importância para aquilo). “Qual é o teu número de quarto no hotel... será, por acaso, o 222?”

Ela adorava coincidências românticas. Demon consultou a plaquinha presa à chave: 221, o que não era mau do ponto de vista fatídico e anedótico. A maldosa da Ada, obviamente, deu uma olhada na direção de Van, que contraiu as asas do nariz numa careta que imitava o formato das belas e estreitas narinas de Pedro.

“Eles estão fazendo troça de uma velha senhora”, disse Marina, sem dispensar um ar coquete, beijando (no estilo russo) a testa inclinada do convidado enquanto ele levantava a mão dela até os lábios. “Você me perdoará por não acompanhá-lo até o terraço. Tornei-me alérgica à umidade e à escuridão. Tenho certeza de que minha temperatura já subiu para trinta e sete e sete, pelo menos.”

Demon deu uma pancadinha no barômetro junto à porta. O aparelho havia recebido com tanta frequência esse tipo de tratamento que já não

era capaz de reagir de forma inteligível, motivo pelo qual continuou a marcar três horas e quinze.

Van e Ada o acompanharam. A noite, bastante quente, estava banhada naquilo que os fazendeiros de Ladore chamam de chuva verde. O sedã preto cintilava com elegância entre os loureiros envernizados pela luz do alpendre, a lâmpada circundada de mariposas. Beijou ternamente os dois, a moça num lado do rosto, o rapaz no outro lado, e então Ada de novo — na dobra do braço branco passado em torno do pescoço dele. Ninguém deu muita atenção a Marina, que, na luz cor de tangelo de uma janela com sacada ogival, acenou com um xale coberto de lantejoulas, embora tudo que ela podia ver era o brilho do capô do carro e a chuva que caía oblíqua, enquadrada pelos cones de luz dos faróis.

Demon calçou as luvas e partiu veloz, fazendo rugir o cascalho molhado.

“Esse último beijo foi um pouquinho longe demais”, comentou Van, rindo.

“Ah, bom... acho que os lábios dele escorregaram”, respondeu Ada, rindo também. E assim, rindo, se abraçaram no escuro enquanto davam a volta por trás de uma das alas da casa.

Pararam por um instante sob o abrigo de uma árvore indulgente, onde muitos convivas que fumavam charuto também haviam se detido após um jantar na mansão. Tranquilamente, inocentemente, lado a lado porém nas posições exigidas pela natureza, acrescentaram os sons de um jato forte e de um leve marulho aos ruídos mais profissionais da chuva em meio às trevas. Depois se deixaram ficar, de mãos dadas, num canto da galeria em treliças, esperando que as luzes se apagassem nas janelas.

“A noite teve algo de dissonante, *nie tak*”, disse Van baixinho. “Você notou?”

“Claro que notei. E, apesar de tudo, eu adoro o Demon. Acho que ele é muito louco, não consegue parar em lugar nenhum, não sabe o que quer fazer na vida. Além disso, não é nada feliz, tem uma posição filosófica irresponsável... e não há ninguém que se pareça nem de perto com ele.”

“Mas o que deu errado esta noite? Você estava calada, tudo que dizíamos soava *falchivo*. Não sei se, por conta de algum nariz interno, ele sentiu meu cheiro em você e teu cheiro em mim. Tentou me perguntar... Ah, não foi uma reunião de família gostosa. O que exatamente deu errado no jantar?”

“Meu amor, meu amor, como se você não soubesse! Talvez sejamos capazes de usar nossas máscaras para sempre, até que a M nos separe, mas nunca poderemos nos casar... enquanto os dois estiverem vivos. Simplesmente não vai ser possível, porque, a seu modo, ele é mais convencional do que a lei e essa gatinha hipócrita. Não podemos



subornar nossos pais, e esperar quarenta, cinquenta anos para que eles morram é horrível demais... Quer dizer, a simples ideia de que *alguém* está esperando por uma coisa dessas não combina com nossa maneira de ser; é vil e monstruoso!”

Ele beijou seus lábios semicerrados, carinhosa e “moralmente”, como costumavam definir os momentos profundos a fim de distingui-los do desespero da paixão.

“De qualquer modo”, disse Van, “é engraçado que sejamos dois agentes secretos num país estrangeiro. Marina já subiu. Teu cabelo está molhado.”

“Espionês da Terra? Você acredita, acredita mesmo na existência da Terra? Ah, claro que acredita! Você aceita a ideia. Te conheço bem!”

“Aceito como um estado de espírito. Não é nem de longe a mesma coisa.”

“Concordo, mas você quer provar que é a mesma coisa.”

Ele roçou seus lábios com outro beijo religioso. Nas bordas, contudo, o fogo começava a brotar.

“Um dia desses”, ele disse, “vou te pedir para bisar um espetáculo. Você vai se sentar, como fez há quatro anos, diante da mesma mesa, sob a mesma luz, desenhando a mesma flor, e eu vou repetir toda a cena com tamanha alegria, tamanho orgulho, tamanha... sei lá... gratidão! Olhe, todas as janelas estão escuras agora. Eu também sei traduzir quando não tenho escapatória. Ouça isso:

*As luzes dos quartos vão se apagando.*

*Aspiramos o aroma das rozi*

*Sentados lado a lado sob a copa*

*De frondosas bieriôzi.”*

“É, não vejo como arranjar uma rima para bétulas, mas daria para rimar ‘o aroma das rosas’ com ‘de bétulas frondosas’. Este é um poeminha pavoroso do Konstantín Románov, não é? Recém-eleito presidente da Academia de Letras de Liasca, certo? Péssimo poeta e marido feliz. Marido feliz!”

“Sabe de uma coisa?”, disse Van. “Realmente acho que você devia usar *alguma coisa* por baixo do vestido em ocasiões formais.”

“Tuas mãos estão frias. Por que formal? Você mesmo disse que era uma reunião de família.”

“Mesmo assim. Você corria perigo ao se abaixar ou abrir as pernas demais.”

“Nunca abro as pernas *demais!*”

“Tenho a certeza de que não é higiênico, ou talvez seja um pouco de ciúme da minha parte. *Memórias de uma cadeira feliz*. Ah, minha querida!”

“Pelo menos”, sussurrou Ada, “agora virou uma vantagem, não é mesmo? Sala do croqué? *Ou comme ça?*”

“Destas vez *comme ça*”, respondeu Van.

Embora a moda fosse bastante eclética em Ladore no ano de 1888, não chegava a ser assim tão livre como se imaginava em Ardis.

No grande piquenique em comemoração a seus dezesseis anos, Ada usou uma blusa simples de linho, calças cor de milho e mocassins esfolados. Van lhe pediu que deixasse os cabelos soltos; ela se negou, dizendo que eram compridos demais para deixá-la à vontade ao ar livre, mas terminou por encontrar uma solução intermediária, prendendo-os abaixo do ombro com uma fita amassada de seda preta. As únicas concessões de Van às exigências da elegância de verão consistiam numa camisa de malha azul, calças de flanela cinza que iam até o joelho e sapatos de lona.

Enquanto a festa campestre era preparada e os materiais distribuídos entre os pontos mais ensolarados da tradicional clareira no bosque de pinheiros, a fogosa menina e seu amante escaparam por alguns minutos para saciar seus sôfregos ardores numa ravina coberta de samambaias, onde um regato saltava de pedra em pedra em meio aos arbustos. O dia estava quente, o ar pesado. Cada pinheiro, por menor que fosse, tinha a bordo sua cigarra.

Ela disse: “Falando como o personagem de um velho romance, me parece tão distante, tão distante mesmo, *davním davnó*, o tempo em que eu costumava fazer jogos de palavras aqui com a Grace e duas outras lindas garotinhas. ‘Insecto, incesto...’”.

Falando como botanista e louca, disse ela, a palavra mais extraordinária da língua inglesa era “*husked*”, porque tem o sentido duplo de coberto e descoberto, como quando se refere a algo que tem uma casca dura ou a algo que foi descascado, que é fácil de debulhar... não precisa arrebentar a cintura da calça, seu bruto. “Um bruto cuidadosamente *husked*” (recoberto), disse Van com ternura. A passagem do tempo só podia fazer aumentar seu carinho pela criatura que agora abraçava, essa criatura adorada cujos movimentos haviam se tornado mais flexíveis, cujas ancas tinham assumido um formato mais semelhante ao de uma lira, cuja fita de cabelo ele desfizera.

Inclinados sobre a borda de uma das plataformas cristalinas do regato — onde, antes de seguir viagem, o riachinho parava para ser fotografado e tirar suas próprias fotografias —, Van, no derradeiro espasmo, viu o reflexo dos olhos de Ada na água sinalizar um perigo iminente. Coisa parecida já havia ocorrido antes: não teve tempo de situar a lembrança, a qual, não obstante, lhe permitiu reconhecer de pronto o som de um tombo a suas costas.

Encontraram a pobre Lucette esparramada em meio às pedras irregulares após haver tropeçado nos arbustos que cobriam uma laje de granito. Procuraram consolá-la, mas, agitada, o rosto em brasa, a menina ficou massageando a coxa com demonstrações exageradas de dor. Van e Ada tomaram-na alegremente pelas mãos e a levaram correndo de volta para a clareira, onde ela riu, atirou-se ao chão e depois partiu em busca de suas tortas prediletas numa das mesas armadas pelos criados. Lá, debulhou o pulôver, puxou para cima os shorts verdes e, sentada na terra avermelhada, atacou os doces que havia recolhido.

Ada tinha decidido convidar para o piquenique apenas os gêmeos Erminin, mas não esperava que o irmão viesse sem a irmã. Acontece que Grace não pôde vir por ter ido a New Cranton para ver um jovem tocador de tambor, seu primeiro namorado, zarpar ao nascer do sol com o regimento de que fazia parte. Greg, porém, tinha mesmo de ser chamado: no dia anterior a visitara levando um “talismã” que seu velho pai, gravemente enfermo, havia mandado para Ada com o pedido de que ela o guardasse com o mesmo cuidado que a avó dele tinha demonstrado: tratava-se de um pequeno camelo de marfim amarelo esculpido em Kíev, cinco séculos antes, nos tempos de Tamerlão e Nabok.

Van não se enganou em imaginar que Ada permanecia indiferente à devoção de Greg. Reencontrou-o com prazer — o tipo de prazer, imoral na sua própria pureza, que acrescenta um sabor agradável aos sentimentos amistosos que um rival bem-sucedido devota a alguém totalmente decente.

Greg, que havia deixado na aleia da floresta sua nova e esplêndida motocicleta (uma Silentium preta), observou:

“Temos companhia.”

“É verdade, temos sim”, concordou Van. “*Kto sii* (quem são eles)? Faz alguma ideia?”

Ninguém fazia. Vestida numa capa de chuva, sem pintura, macambúzia, Marina se aproximou e olhou através das árvores na direção apontada por Van.

Após inspecionarem com toda a reverência a Silentium, uma dúzia de idosos cidadãos envergando trajes escuros, toscos e mal-ajambrados penetraram na floresta do outro lado da estrada e se sentaram no chão para fazer uma modesta *colazione* de queijo, pãezinhos, salame,

sardinhas e Chianti. Estavam suficientemente longe dos participantes de nosso piquenique para não incomodá-los de modo algum. Não traziam caixas de música mecânicas. Falavam baixo, seus movimentos não podiam ser mais discretos. O gesto predominante, quase ritual, consistia em amassar um papel de embrulho, uma folha de jornal ou um guardanapo (daqueles muito finos e ineficientes, que se rasgam à toa) e atirá-lo para o lado de forma distraída, abstrata mesmo, enquanto outras tristes mãos apostólicas desembulhavam os mantimentos ou, por alguma razão, os embrulhavam de novo, tudo isso na nobre sombra dos pinheiros, na sombra humilde das falsas acácias.

“Que estranho”, disse Marina, coçando no topo da cabeça uma pequena parte calva que luzia ao sol.

Mandou que um laçao investigasse a situação e dissesse àqueles políticos ciganos, ou trabalhadores braçais da Calábria, que milorde Veen ficaria *furioso* se descobrisse que havia gente de fora acampando em seu parque.

O laçao voltou balançando a cabeça. Não falavam inglês. Van caminhou até eles.

“Por favor, saiam daqui, esta é uma propriedade particular”, disse Van em latim vulgar, francês, francês canadense, russo, russo do Yukon, outra vez no latim mais baixo: *proprietà privata*.

Ficou lá de pé, olhando para eles, que mal notaram sua presença embora as sombras das árvores quase não o tocassem. A barba por fazer dava uma coloração azulada ao rosto deles. Vestiam velhos ternos dominicais; dois ou três, apesar de não usarem colarinho, traziam ainda o botão na altura da tireoide. Um deles, barbudo, tinha um olhar vesgo e úmido. Todos haviam descalçado as botas de verniz (com rachaduras cheias de poeira) ou os sapatos de um marrom alaranjado (com bicos ou muito quadrados ou muito pontudos), empurrando-os para baixo das bardanas ou colocando-os em cima dos velhos tocos de árvore na insípida clareira. Que coisa mais estranha! Quando Van repetiu o pedido, os intrusos começaram a resmungar entre si num dialeto totalmente incompreensível, fazendo pequenos gestos com as mãos na direção dele como quem procura afastar um mosquito sem muito empenho.

Van perguntou a Marina se queria que usasse de força, mas a doce e querida Marina, ajeitando os cabelos com uma das mãos enquanto apoiava a outra no quadril, disse que não, melhor não lhes dar atenção, sobretudo agora, que começavam a entrar mais fundo na floresta... Olhe, olhe lá... alguns andando de costas e arrastando os restos do repasto em cima do que parecia ser uma velha colcha, puxada como um bote de pescadores sendo afastado de uma praia de seixos, enquanto outros removiam educadamente os papéis amassados para esconderijos mais distantes como parte do reassentamento geral: uma

cena infinitamente melancólica e significativa — mas significativa de quê?

Pouco a pouco a presença deles dissolveu-se na mente de Van. Todos agora se divertiam a valer. Marina desembarçou-se da capa de chuva clara, quase um guarda-pó, com que chegara ao piquenique (afinal de contas, disse, seu vestido caseiro de cor cinza com um *fichu* rosa era bem alegre para uma velha senhora) e, erguendo um copo vazio, cantou com brio e bastante musicalidade a ária da Verde Grama: “Mais uma vez, tornemos a encher nossos copos com vinho! Um brinde ao amor! Ao êxtase do amor!”. Com um misto de choque e de pena, porém não de amor, a mente de Van retornava àquela pequena parte calva na cabeça da envelhecida Traverdiata, aquele pedacinho de couro cabeludo a que a tinta de cabelo tinha dado um horrível colorido de ferrugem e que reluzia muito mais do que seus cabelos sem vida. Como em tantas outras ocasiões, tentou arrancar do fundo da alma um pouco de carinho por ela, mas como sempre fracassou e como sempre pensou que Ada também não amava sua mãe — consolo tão vago quanto covarde.

Greg, presumindo com tocante simplicidade que Ada iria reparar e aprovar, cobriu *Mlle. Larivière* de mil pequenas atenções, ajudando-a a tirar o casaco cor de malva, enchendo a caneca de Lucette com o leite trazido numa garrafa térmica, passando os sanduíches, enchendo e tornando a encher o copo de vinho da preceptora enquanto ouvia, com um esgar de falso prazer, suas diatribes contra os ingleses, que ela odiava mais ainda do que os tártaros e até mesmo os assírios.

“A Inglaterra!”, exclamava. “A Inglaterra! Um país em que para cada poeta há noventa e nove *sales petits bourgeois*, alguns de origem duvidosa! A Inglaterra tem a ousadia de macaquear a França! Tenho ali naquela cesta um romance inglês de renome em que uma *Lady* ganha de presente um perfume — um perfume caro — chamado Ombre Chevalier, que na verdade é o nome de um peixe, um peixe realmente delicioso, mas nem um pouco indicado para abrilhantar o lenço de alguém. Logo na página seguinte, um *soi-disant* filósofo menciona ‘*une acte gratuite*’, como se todos os atos fossem femininos, e um *soi-disant* hoteleiro parisiense diz ‘*je me regrette*’ em vez de ‘*je regrette*!’”

“*D’accord*”, exclamou Van, “mas que tal os erros atrozés nas traduções do inglês para o francês, como, por exemplo...”

Infelizmente, ou talvez felizmente, neste instante Ada soltou uma interjeição russa denotativa de grande irritação ao ver um conversível cor de aço entrar na clareira. Tão logo parou foi cercado pelo mesmo grupo de indivíduos, que, num efeito curioso, davam agora a impressão de se haver multiplicado após terem tirado os paletós e os coletes. Abrindo caminho entre eles com claros sinais de raiva e desprezo, o jovem Percy de Prey, vestindo calças brancas e uma camisa pregueada, caminhou até a espreguiçadeira de Marina. Foi convidado a

participar da festa, embora Ada, com um olhar de repreensão e uma pequena sacudidela de cabeça, tivesse tentado impedir que a tola da sua mãe assim o fizesse.

“Ouso dizer que não esperava... Ah, aceito com grande prazer”, respondeu Percy, e logo depois, um segundo depois, fingindo-se distraído, porém muito ladino, o patife caminhou de volta ao carro (perto do qual ainda se demorava um admirador fascinado) a fim de pegar um buquê de rosas de cabo longo que deixara no porta-malas.

“Pena que detesto rosas”, disse Ada, aceitando-as sem nenhum entusiasmo.

A garrafa de vinho moscatel foi aberta. Bebeu-se à saúde de Ada e de Ida. “A conversa generalizou-se”, como Monparnasse gostava de escrever.

O conde Percy de Prey voltou-se para Ivan Demianovitch Veen:

“Ouvi dizer que você gosta de posições anormais...”

A quase pergunta foi feita em tom meio zombeteiro. Van olhou o sol através do copo de vinho branco, que com isso ganhava uma coloração de mel.

“Que é que você quer dizer com isso?”

“Bem... Esse truque de andar sobre as mãos. Uma das criadas de sua tia é irmã de uma de nossas criadas, e duas fofoqueiras bonitas formam um time perigoso” (rindo). “Corre por aí que você faz isso o dia todo, em todos os lugares, parabéns!” (fazendo uma reverência).

Van retrucou: “O que corre por aí exagera meus dotes. Na verdade, só treino durante alguns minutos uma noite sim, outra não, não é mesmo, Ada?” (procurando por ela ao redor). “Conde, posso lhe oferecer um pouco mais desse suco de mosca — a piadinha é ruim, mas é de minha autoria.”

“Vahn querido”, disse Marina, que ouvia deliciada a troca de palavras vivaz e desinibida entre os dois belos jovens, “conte para ele como foi o teu sucesso em Londres. *Je tampri!*”

“É”, disse Van, “sabe como são essas coisas, tudo começou de brincadeira, lá em Chose, mas então...”

“Van!”, Ada chamou num tom agudo. “Quero te dizer uma coisa, Van, venha cá.”

Dorn (folheando uma revista literária e dirigindo-se a Trigorin): “Há uns dois meses publicaram aqui um artigo... uma Carta da América, e eu, por acaso, queria pedir” (passando o braço pela cintura de Trigorin e conduzindo-o para a frente do palco), “porque tenho um grande interesse nessa questão...”.

Ada estava encostada no tronco de uma árvore, como uma bela espiã que acaba de rejeitar a venda nos olhos.

“Van, por acaso, queria pedir” (continuando num sussurro, com uma rotação raivosa do pulso) “para você parar de bancar o anfitrião idiota. Ele chegou bêbado como um gambá, será que não percebeu?”

A execução foi interrompida pela chegada de tio Dan. Ele tinha um modo curiosamente temerário de dirigir, como, sabe-se lá por quê, só acontecer com muitos homens mofinos e sorumbáticos. Driblando velozmente os pinheiros, freou de um golpe a baratinha vermelha diante de Ada e lhe deu um presente perfeito: uma grande caixa de pastilhas de hortelã — brancas, cor-de-rosa e, maravilha das maravilhas, verdes! Trazia também um aerograma para ela, disse, piscando o olho.

Ada o abriu rasgando as bordas — e viu que não era algo dirigido a ela da soturna Kalugano, como havia temido, mas uma mensagem para sua mãe enviada de Los Angeles, lugar bem mais divertido. Ao lê-la, o rosto de Marina foi assumindo uma expressão bem indecente de beatitude juvenil. Em triunfo, passou o aerograma a Larivière-Monparnasse, que o leu duas vezes e inclinou a cabeça para o lado com um sorriso indulgente de desaprovação. Praticamente sapateando de alegria, Marina exclamou (arrulhou, gorgolejou) se dirigindo à filha impassível: “Pedro está voltando!”.

“Com certeza para ficar aqui até o fim do verão”, observou Ada. Dito isso, estendeu um cobertor por cima das formiguinhas e das agulhas secas de pinheiros e sentou-se com Greg e Lucette para jogarem cartas.

“Ah, não, *da niét je*, só por quinze dias” (risinho de moçoila). “Depois vamos para Houssaie, *Gollivúd-toj*” (Marina estava de fato em grande forma)... “isso mesmo, vamos todos, a escritora, as meninas e Van, se ele quiser.”

“Eu quero, mas não posso”, disse Percy (exemplo de *seu* humor).

Neste ínterim, tio Dan, muito pimpão num paletó esporte com listras cor de cereja e chapéu de palha digno de um espetáculo de *vaudeville*, mas também muito intrigado com a presença do outro grupo de visitantes no parque, caminhou até eles com um copo de vinho *Hero* numa das mãos e um canapé de caviar na outra.

“*As crianças malditas*”, disse Marina em resposta a alguma coisa que Percy desejava saber.

Percy, você iria morrer em breve sobre o capim de uma ravina da Crimeia — e não por causa da bala de chumbo alojada na tua perna gorda, mas alguns minutos depois quando, abrindo os olhos, se sentiu aliviado e protegido pelo mato alto; você morreria em breve, Percy, mas naquele dia de julho, no condado de Ladore, refestelando-se à sombra dos pinheiros, bêbado a não mais poder por conta de alguma festinha anterior, com a lascívia no coração e um copo pegajoso na forte mão de cabelos dourados, ouvindo uma chata com pretensões literárias, conversando fiado com uma atriz envelhecida enquanto devorava com os olhos sua filha emburrada, você se deliciou com a malícia da situação — tim-tim, companheiro! E não era para menos. Troncudo, bonitão, indolente e feroz, grande jogador de rúgbi, conquistador de jovens camponesas, você combinava o charme do atleta em férias com



a entonação de voz atraente dos aristocratas esnobes. Acho que o que eu mais odiava na tua bonita cara de lua cheia era a pele de bebê, as bochechas lisas de quem faz a barba com a maior facilidade. Enquanto *eu* já começara a sangrar a cada vez, como continuei a sangrar ao longo de outras sete décadas.

“Numa casa de passarinhos, presa àquele tronco de pinheiros”, disse Marina a seu jovem admirador, “já houve um ‘telefone’. Como eu queria que ainda houvesse um agora! Ah, cá está ele, *enfin.*”

Seu marido, sem o copo e o canapé, vinha chegando devagar com excelentes notícias. Tratava-se de um grupo “extraordinariamente cortês”. Reconhecera pelo menos uma dúzia de palavras italianas. Segundo entendeu, era uma reunião de pastores. Achava que tinham pensado que ele também era um pastor. Um quadro a óleo da coleção do cardeal Carlo de Médici, de autor desconhecido, pode ter servido de modelo para essa cópia. Excitado, de fato superexcitado, disse que havia insistido com os criados para que levassem comida e vinho a seus novos e excelentes amigos; ele próprio começou a tomar providências, pegando uma garrafa vazia e uma cesta que continha material de tricô, um romance inglês de Quigley e um rolo de papel higiênico. Todavia, Marina explicou que seus afazeres profissionais exigiam que ela falasse sem tardar com a Califórnia; e, esquecendo seu projeto, ele de imediato consentiu em conduzi-la de volta à casa.

Faz muito tempo que as névoas do olvido ocultaram o encadeamento dos fatos, mas, por volta da hora em que o casal partiu, ou pouco antes, Van se viu de pé na margem do regato (que horas antes refletira dois pares de olhos superpostos) jogando pedrinhas com Percy e Greg no que sobrara de um velho cartaz, coberto de ferrugem e indecifrável, erguido na outra margem.

“*Okh, nado (preciso) passati!*”, exclamou Percy no dialeto eslavo que usava por mero esnobismo, enchendo de ar as bochechas e lutando freneticamente com a braguilha. Em toda a sua vida, disse a Van o impassível Greg, ele jamais vira uma estrovenga tão feia, circuncidada cirurgicamente, terrivelmente grande e colorida, com tamanho *coeur de boeuf*; e nem nenhum dos dois rapazes, fascinados e repugnados, jamais vira um jorro tão longo e formando um arco tão alto. “Ufa!”, suspirou Percy aliviado, voltando a guardá-la.

Como começou a briga? Os três atravessaram o regato pisando nas pedras cobertas de limo? Percy empurrou Greg? Van deu uma cotovelada em Percy? Houve algo... um pedaço de pau? Arrancado da mão de alguém? Um pulso agarrado e liberado?

“Veja lá”, disse Percy, “você quer mesmo brincar, meu garotão?”

Greg, com uma das pernas dos culotes ensopada, ficou olhando para eles sem poder fazer nada — gostava dos dois — enquanto se atracavam na margem do riacho.

Van era três anos mais jovem e uns vinte quilos mais leve do que Percy, mas já havia encarado sem dificuldade valentões ainda mais corpulentos. Num segundo, a cara de Prey, quase estourando de tão vermelha, estava garroteada sob o braço flexionado de Van. Grunhindo, o corpanzil recurvado, cambaleante, o conde fez uma grande volta em torno do gramado. Uma orelha escarlate escapou, mas voltou a ser capturada. Van deu uma rasteira em Percy e caiu sobre ele, empurrando suas omoplatas contra o chão, *na lopátki*, como King Wing costumava dizer no jargão de lutas marciais. Percy lá ficou resfolegando como um gladiador moribundo, subjugado pelo carrasco cujos polegares começavam agora a manipular de forma horrível aquele tórax ofegante. Com um repentino urro de dor, Percy deu a entender que já não aguentava mais. Van exigiu uma manifestação mais explícita de rendição e a obteve. Greg, temendo que Van não houvesse captado o pedido abafado de clemência, repetiu-o na terceira pessoa. Van soltou o infeliz conde, que se sentou, cuspidando, apalpando a garganta, ajeitando a camisa amarrotada em volta do torso robusto e pedindo a Greg, em voz rouca, que encontrasse uma abotoadura faltante.

Van lavou as mãos num remanso mais abaixo do regato e reconheceu, com um misto de embaraço e de divertimento, aquela coisa tubular e transparente, similar a uma ascídia, que fora detida em seu curso por um tufo de não-me-esqueças, sem dúvida um bom nome para uma flor.

Van começara a andar de volta para a clareira do piquenique quando sobre ele caiu uma montanha. Com um repelão violento, atirou o agressor por cima da cabeça. Percy desabou no chão e ficou caído de costas por alguns segundos. Com suas pinças de caranguejo em posição de ataque, Van olhou para ele, esperando por um pretexto para lhe infligir uma tortura exótica que ainda não tivera a oportunidade de utilizar numa briga para valer.

“Você quebrou meu ombro”, resmungou Percy, começando a se reerguer e massageando o braço grosso. “Devia ter um pouco mais de autocontrole, seu diabo.”

“Fique em pé!”, disse Van. “Vamos, em pé! Vai querer mais ou podemos voltar para perto das senhoritas? As senhoritas? Muito bem. Mas, por favor, desta vez vá andando na minha frente.”

Enquanto caminhava com seu prisioneiro para a clareira, Van se maldisse por ter ficado abalado com aquele segundo round imprevisto; estava secretamente sem fôlego, os nervos à flor da pele, chegou mesmo a se surpreender mancando, corrigiu o passo — enquanto Percy de Prey, em suas calças brancas magicamente imaculadas e com a camisa elegantemente pregueada, seguia tranquilo, exercitando com entusiasmo braços e ombros, parecendo na verdade muito alegre.

Pouco depois Greg os alcançou, trazendo a abotoadura — um pequeno triunfo de detecção meticulosa; com um vulgaríssimo “Fala,

menino!”, Percy abotoou o punho de seda, completando assim sua insolente recuperação.

Ainda correndo, o operoso companheiro dos dois foi o primeiro a chegar ao local da festa, a essa altura já encerrada. Deparou com Ada, que vinha trazendo dois boletos numa das mãos e, na outra, três, todos da variedade vermelha com hastes brancas pontilhadas de preto. Interpretando de forma errada o olhar de surpresa dela ao ouvi-lo chegar a galope, nosso bom *sir* Greg apressou-se a gritar: “Ele está bem! Ele está bem, srta. Veen”, a devoção cega impedindo o jovem cavaleiro de compreender que ela não teria como saber que houvera um confronto entre o belo e a fera.

“É verdade, estou muito bem!”, disse o primeiro, tirando das mãos dela dois cogumelos (a iguaria predileta de Ada) e acariciando seus chapéus macios. “E por que não estaria? Teu primo nos regalou, ao Greg e a este seu humilde servidor, com uma estimulante exibição de Skrotomoff oriental ou coisa que o valha.”

Pedi mais vinho — mas as últimas garrafas tinham sido dadas aos pastores misteriosos, que já não honravam com sua presença a clareira vizinha: a julgar por um colarinho duro e uma gravata reptiliana pendurados num galho de alfarrobeira, talvez já tivessem liquidado e enterrado um de seus camaradas. Também desaparecera o buquê, que Ada dera ordens para ser posto de novo no porta-malas do carro do conde — melhor do que gastar as rosas com ela, pois, segundo disse, Percy podia oferecê-las à bela irmã de Blanche.

Nesse momento, *Mlle.* Larivière bateu palmas para despertar de suas sestas Kim, que ia conduzir o cabriolé, e Trofim, o cocheiro de barba loura que estava a serviço das meninas. Ada retomou os boletos, e a Percy só restou o *Handkuss* numa mão fria.

“Imenso prazer em vê-lo, meu amigo”, disse, dando um tapinha de leve no ombro de Van, gesto proibido nos círculos que frequentavam. “Espero que em breve possa brincar com você outra vez. Gostaria de saber”, acrescentou num tom de voz mais baixo, “se é tão bom de tiro quanto de luta livre.”

Van o acompanhou até o conversível.

“Van, Van, venha cá, Greg quer se despedir”, gritou Ada, mas ele não se voltou.

“Isso é um desafio, *me faites-vous un duel?*”, perguntou Van.

Percy, ao volante, sorriu, semicerrou os olhos, inclinou-se na direção do painel, riu de novo, mas nada disse. O motor fez um clique-clique antes de trovejar, enquanto Percy calçava as luvas.

“*Quand tu voudras, mon gars*”, disse Van na terrível segunda pessoa do singular dos duelistas da velha França, dando um tapa no para-choque.

O carro deu um salto para a frente e desapareceu.

Van retornou ao local do piquenique, o coração batendo forte por alguma razão tola. Acenou de passagem para Greg, que conversava com Ada um pouco mais ao longe, no meio da estrada.

“É verdade, juro”, Greg dizia, “a culpa não foi do teu primo. Percy começou a coisa... e foi derrotado numa luta limpa de Korotom, tal como ela é praticada em Teristan e em Sorokat — meu pai, com certeza, seria capaz de explicar tudo direitinho.”

“Você é um amor”, respondeu Ada, “mas não creio que teu cérebro funcione muito bem.”

“Nunca funciona na tua presença”, contestou Greg, montando em sua negra e silenciosa motocicleta — odiando-a, odiando-se e odiando os dois brigões.

Ajeitou os óculos de proteção e partiu sem o menor ruído. *Mlle.* Larivière, por sua vez, subiu no cabriolé e foi levada pela estrada da floresta, que as folhagens salpicavam de sombra.

Lucette correu na direção de Van e, quase ajoelhada, abraçou seu grande primo pelos quadris, agarrando-se a ele por um momento. “Vamos embora”, disse Van, levantando-a, “não esqueça de tua blusa, você não pode ir nua.”

Ada aproximou-se devagar. “Meu herói”, ela disse, quase sem olhar para ele. Com aquele ar inescrutável, era impossível saber se exprimia sarcasmo ou êxtase, ou a paródia de um desses sentimentos.

Lucette, balançando sua cesta de cogumelos, cantarolou:

*Ele lhe arrancou um mamilo,  
O deixou sem aquilo...*

“Lucy Veen, pare com isso!”, gritou Ada para a danada da menina. Van, fingindo grande indignação, sacudiu o pulso fino que segurava, enquanto às escondidas piscava o olho para Ada.

E assim, como um trio de jovens de aparência muito alegre, caminharam para a carruagem que os esperava. Batendo nas coxas em sinal de irritação, o cocheiro repreendia um jovem criado de cabelo desgrenhado que acabara de aparecer. Ele havia se escondido debaixo de um arbusto para desfrutar em paz uma cópia em frangalhos da revista *Tattersalia* com gravuras de cavalos de corrida esplendorosos, os corpos fabulosamente alongados, tendo sido deixado para trás pelo charabã que levava os pratos sujos e os lacaios sonolentos.

O rapazote trepou na boleia e se sentou ao lado de Trofim, que dirigiu um vibrante “*tpprr*” aos alazões que recuavam, enquanto Lucette refletia, com olhos verdes cada vez mais escuros, sobre a ocupação de seu poleiro habitual.

“Vai ter de levá-la no teu joelho de meio-irmão”, disse Ada num aparte neutro.

“Mas *La maudite rivière* não vai reclamar?”, ele disse em tom distraído, tentando agarrar pelo rabo a sensação de que o filme do destino estava sendo reprisado.

“Larivière pode pegar um...” (e os lábios doces e pálidos de Ada repetiram a grosseira expressão de Gavronski). “E isso se aplica também a Lucette”, acrescentou.

“*Vos ‘vyragences’ sont assez lestes*”, observou Van. “Está muito aborrecida comigo?”

“Ah, Van, não estou! Na verdade, estou muito feliz que você tenha vencido. Mas faço dezesseis anos hoje. Dezesseis! Mais velha do que minha avó quando ela se divorciou pela primeira vez. Acho que é meu último piquenique. Acabou a infância. Eu te amo. Você me ama. Greg me ama. Todo mundo me ama. Estou inundada de amor por todos os lados. Rápido, senão ela vai tirar aquele frangote do poleiro... Lucette, deixe ele em paz, imediatamente!”

Por fim a carruagem iniciou sua agradável viagem de volta à casa.

“Ai”, gemeu Van ao receber a carga arredondada — explicando, com uma careta brincalhona, que havia batido com a rótula direita numa pedra.

“Naturalmente, quando a pessoa se mete a fazer brincadeiras estúpidas...”, murmurou Ada, abrindo, na página marcada com a fita cor de esmeralda, o livrinho marrom com ornamentos dourados (grande sucesso com as manchas de sol passando velozes) que havia lido na viagem de vinda.

“É, eu gosto mesmo de uma brincadeirinha estúpida”, disse Van. “Me deixou com uma sensação de formigamento, por mais de um motivo.”

“Eu te vi... fazendo aquela brincadeira estúpida”, disse Lucette, virando-se para trás.

“Caladinha”, murmurou Van.

“Quer dizer, você e ele.”

“Garota, não estamos interessados nas tuas impressões. E não fique olhando para trás o tempo todo. Você sabe que costuma enjoar andando de carruagem quando a estrada...”

“Coincidência: *‘Jean qui tâchait de lui tourner la tête...’*”, disse Ada, subindo à superfície por um segundo.

“... a estrada parece ‘fugir de você’, como tua irmã disse certa vez quando tinha tua idade.”

“Verdade”, concordou Lucette, cantarolando.

Ela havia sido persuadida a cobrir seu corpo cor de mel. A blusa de malha branca conseguira se apropriar de algumas coisas nas últimas horas: agulhas de pinheiro, um pouquinho de musgo, uma migalha de bolo, um bebê-lagarta. Seus shorts verdes, bem cheiinhos, estavam manchados de roxo, culpa das bagas encontradas por toda parte. Os cabelos, refulgindo como brasas, esvoaçavam contra o rosto de Van e cheiravam a outro verão. Cheiro de família. Sim, coincidência, um

conjunto de coincidências ligeiramente deslocadas, o talento artístico da assimetria. Ela sentou-se no colo dele, pesadamente, sonhadoramente, repleta de foie gras e ponche de pêssego, as costas dos braços morenos e irisados quase tocando seu rosto — de fato chegando a tocá-lo quando ele olhou para baixo, para a esquerda e para a direita, a fim de verificar se os cogumelos tinham sido trazidos. Sim, lá estavam eles. O jovem criado estava lendo e, a julgar pelos movimentos do cotovelo, esgaravatando o nariz. O traseiro compacto e as coxas frias de Lucette davam a impressão de afundar mais e mais na areia movediça do passado, de um passado reencenado em sonho e distorcido pela lenda. Ada, sentada a seu lado, virando suas pequenas páginas mais depressa do que o rapaz na boleia, estava sem dúvida encantadora, obsedante, eterna e ainda mais adorável, mais sombriamente ardente do que quatro verões antes — porém era aquele outro piquenique que Van revivia, eram as ancas macias de Ada que estava pegando agora, como se ela estivesse presente em duplicata, em duas diferentes reproduções em cor.

Por entre os fios de seda acobreados, olhou de esguelha para Ada, que franziu os lábios para lhe transmitir o sucedâneo de um beijo (finalmente perdoando-o por sua parte na briga!) e logo depois voltou ao pequeno volume encadernado de velino, *Ombres et couleurs*, uma edição de 1820 dos contos de Chateaubriand com vinhetas pintadas à mão e a múmia achatada de uma anêmona. As luzes e sombras da floresta atravessavam seu livro, seu rosto e o braço direito de Lucette, no qual ele não pôde deixar de beijar uma picada de mosquito exclusivamente em homenagem à duplicação. A pobre Lucette lançou-lhe um olhar langoroso e depois voltou a contemplar o pescoço vermelho do cocheiro, ou talvez o de seu predecessor, que durante meses visitara seus pesadelos.

Não nos preocuparemos em seguir os pensamentos que obscureciam a mente de Ada, cuja atenção pelo livro era bem mais superficial do que poderia parecer; não iremos, ou melhor, não poderemos segui-los com a menor chance de êxito, pois os pensamentos são lembrados de modo mais vago do que as sombras ou as cores, ou os anseios de desejo juvenil, ou uma cobra verde num paraíso às escuras. Por isso, é mais confortável nos sentarmos dentro de Van, enquanto sua Ada fica sentada dentro de Lucette e ambas sentam dentro de Van (e todos os três dentro de mim, acrescenta Ada).

Lembrou-se com uma pontada de prazer da saia indulgente que Ada usara outrora, tão ampla quanto um balão, e lamentou (sorrindo) que Lucette estivesse usando aqueles shorts decorosos, enquanto Ada vestia as calças de milho debulhado (rindo). No curso fatal das enfermidades mais dolorosas, por vezes (balançando a cabeça com ar sério), por vezes ocorrem doces manhãs de bem-estar total que não se devem a nenhuma pílula ou poção abençoada (indicando os remédios

amontoados na mesinha de cabeceira), ou sem que ao menos se saiba que a mão amorosa do desespero ministrou a droga em segredo.

Van fechou os olhos a fim de melhor se concentrar no fluxo dourado da alegria que começava a se avolumar. Muitos, ah, muitos e muitos anos depois lembrou maravilhado (como foi possível resistir a tamanho êxtase?) aquele momento de absoluta felicidade, o eclipse total da dor lancinante e implacável, a lógica da intoxicação, o argumento circular segundo o qual a mais excêntrica das jovens não pode deixar de ser fiel se ama tanto quanto é amada. Viu o bracelete de Ada reluzir no ritmo dos balanços da carruagem e seus lábios grossos, ligeiramente entreabertos de perfil, mostrarem ao sol o pólen vermelho dos restos de unguento secando nas minúsculas linhas transversais que rajavam sua textura. Abriu os olhos: o bracelete de fato reluzia, mas não havia mais o menor vestígio de batom em seus lábios, e a certeza de que em breve tocaria a polpa pálida e quente deles ameaçou deflagrar uma crise secreta sob a carga solene de outra criança. Entretanto, o pescoço da pequena substituta, brilhando de suor, era patético, e sua imobilidade confiante só podia inspirar sensatez. Além do mais, nenhuma fricção furtiva seria capaz de competir com aquilo que o esperava no caramanchão de Ada. Como uma pontada na rótula também veio em seu auxílio, o honesto Van ralhou consigo mesmo por haver tentado usar uma pequena mendiga no lugar da princesa dos contos de fada — “cuja pele era por demais preciosa para guardar as marcas avermelhadas de um castigo físico”, como diz Pierrot na versão de Peterson.

Com o apagar daquela chama fugaz, seu estado de espírito mudou. Algo precisava ser dito, uma ordem devia ser dada, o assunto era sério ou podia se tornar sério. Estavam prestes a entrar em Gamlet, o pequeno vilarejo russo de onde se chegava rapidamente a Ardis pela estrada margeada de bétulas. Uma pequena procissão de ninfas camponesas com lenços na cabeça, sem dúvida não lavadas mas adoravelmente bonitas (ombros nus e lustrosos, seios fartos que os espartilhos transformavam em empertigadas tulipas), atravessava um matagal cantando uma velha cantiga num comovente inglês:

<i>Thorns and nettles</i>	[Espinhos e urtigas
<i>For silly girls:</i>	Para tolas raparigas:
<i>Ah, torn the petals,</i>	Oh, arrancadas as pétalas,
<i>Ah, spilled the pearls!</i>	Oh, derramadas as pérolas!]

“Você tem um toco de lápis no teu bolso de trás?”, Van perguntou a Lucette. “Posso pegar emprestado? Quero anotar a letra dessa cantiga.”

“Só se você não me fizer cócegas lá”, respondeu a menina.

Van pegou o livro de Ada e, enquanto ela o observava com um olhar estranhamente vigilante, escreveu na folha de guarda:

Não quero vê-lo outra vez.

Isto é sério.

Diga a M. para não recebê-lo, ou irei embora.

Desnecessário responder.

Ela leu e, lentamente, sem nada dizer, apagou as linhas com a borracha do lápis. Passou-o de volta para Van, que o recolocou no bolso de Lucette.

“Você se mexe o tempo todo”, ela reclamou, sem se virar para trás. “Na próxima vez não vou deixar que ele pegue o meu lugar.”

Pararam diante do alpendre e Trofim teve de dar um piparote no pequeno leitor de casaco azul para fazê-lo pôr o livro de lado e pular para ajudar Ada a descer da carruagem.



Van estava deitado em seu ninho debaixo dos liriódendros, lendo um livro de Antiterrenus sobre Rattner. O joelho o afligira durante toda a noite; agora, depois do almoço, parecia um pouco melhor. Ada fora a cavalo para Ladore, onde ele esperava que ela se esquecesse de comprar o pegajoso óleo de terebintina que Marina havia dito que lhe trouxesse.

Seu *valet de chambre* aproximou-se atravessando o gramado, seguido por algum mensageiro, um rapaz magro vestido de couro negro do pescoço ao tornozelo, cachos de cabelo castanho escapando por baixo do boné com pala. O estranho visitante, depois de olhar ao redor com a atitude exagerada de um ator amador, entregou a Van uma carta dentro de um envelope em que se lia “Confidencial”.

*Caro Veen,*

*Dentro de dois dias deverei partir para o exterior a fim de cumprir com minhas obrigações militares. Se Vossa Senhoria desejar ver-me antes que eu parta, terei grande prazer em recebê-lo (assim como a qualquer outro cavalheiro que deseje trazer em sua companhia) amanhã ao nascer do sol no local onde a estrada de Maidenhair atravessa o caminho de Tourbière. Caso contrário, peço-lhe o obséquio de confirmar numa breve mensagem que Vossa Senhoria não guarda nenhum rancor para comigo, assim como não guardo rancor para com Vossa Senhoria. Com os protestos de minha estima e consideração, subscrevo-me, seu humilde servidor,*

*Percy de Prey*

Não, Van não desejava ver o conde. Disse isso para o bonito mensageiro, que permanecera de pé com uma das mãos na cintura e um dos joelhos virado para fora, como se fosse um extra pronto para participar da dança rústica que se segue à ária de Calabro.

“*Un moment*”, acrescentou Van. “Gostaria de saber — isso podia se resolver num instantinho atrás daquela árvore — se você é um cavaliço ou uma amestradora de cachorros.”

O mensageiro nada respondeu e foi levado de volta por Bout, que não parava de rir à socapa. De trás dos loureiros que em breve os ocultaram veio um gritinho agudo, fazendo crer que alguém dera um beliscão indecente em alguém.

Era difícil decidir se aquela missiva canhestra e pretensiosa havia sido ditada pelo medo de que a partida para o exterior a fim de lutar por seu país pudesse ser entendida como uma forma de escapar a compromissos mais particulares, ou se sua essência conciliatória tinha sido imposta a ele por outra pessoa — talvez uma mulher (por exemplo, sua mãe, nascida Praskovia Lanskoï); o importante é que a honra de Van não fora minimamente afetada. Foi mancando até a lata de lixo mais próxima e, tendo queimado a carta e seu envelope azul com brasão, varreu o incidente da cabeça, registrando apenas que agora, pelo menos, Ada deixaria de ser importunada pelo sujeito.

Ela voltou no fim da tarde — felizmente sem a pomada. Van ainda estava recostado na rede baixa, com ar tristonho e amuado, mas, havendo olhado ao redor (com muito mais graça natural que o mensageiro de madeixas castanhas), ela ergueu o véu do chapéu, ajoelhou-se ao lado dele e o reconfortou.

Quando dois dias depois um relâmpago riscou os céus (velha imagem que sugere um flashback para certo celeiro), Van se deu conta de que o clarão reunia, num confronto lívido, duas testemunhas secretas. Testemunhas que haviam habitado o fundo de sua mente desde o primeiro dia daquele retorno fatídico a Ardis. Uma vinha murmurando, sem olhá-lo de frente, que Percy de Prey era, e sempre seria, apenas um parceiro de dança, um seguidor frívolo. A outra tinha passado todo o tempo insinuando, com uma insistência fantasmagórica, que algum problema sem nome estava ameaçando a sanidade mental de sua pálida e infiel amante.

Na manhã da véspera do dia mais infeliz de sua vida, Van descobriu que podia dobrar a perna sem uma careta de dor, mas cometeu o erro de acompanhar Ada e Lucette a um almoço de improviso que elas resolveram promover num gramado de *croquet* havia muito abandonado, voltando a pé para casa com grande dificuldade. Todavia, um mergulho na piscina e um bom banho de sol tinham ajudado, tanto que a dor praticamente havia desaparecido quando, no calor suave da longa tarde, Ada voltou de uma de suas demoradas excursões botânicas, pouco produtiva porque havia muito a flora local praticamente só oferecia os espécimes mais familiares. Marina, num penhoar luxuoso, estava sentada diante de uma penteadeira e de um grande espelho oval trazidos para o gramado. Vinha sendo penteada por *Monsieur* Violette de Lyon e Ladore, já senil mas ainda capaz de fazer milagres. Marina explicava e desculpava aquela atividade pouco comum ao ar livre lembrando que sua avó também gostava *qu'on la coiffe au grand air* a fim de se prevenir contra qualquer rajada de vento

que a atingisse mais tarde (assim como um duelista firma a mão andando de um lado para outro com um atizador de ferro).

“Este é o nosso maior sucesso de bilheteria”, ela disse, apontando Van para Violette, que o confundiu com Pedro e fez uma pequena reverência com *un air entendu*.

Van contava poder fazer uma pequena caminhada de convalescença com Ada antes de se vestir para o jantar, mas, deixando-se cair numa cadeira de jardim, ela foi dizendo que estava exausta e suja, que precisava lavar o rosto e os pés, e se preparar para a provação de ajudar a mãe a receber a gente de cinema esperada naquela noite.

“Eu o vi no filme *Sexico*”, murmurou *Monsieur Vilette* para Marina, cujas orelhas ele havia tapado com as duas mãos ao mover o reflexo da cabeça dela no espelho para lá e para cá.

“Não, já está ficando tarde”, resmungou Ada, “e, além disso, prometi a Lucette...”

Van insistiu num sussurro feroz, conquanto soubesse perfeitamente como era inútil tentar fazê-la mudar de opinião, sobretudo em questões amorosas; no entanto, inexplicável e milagrosamente, o olhar esgazeado de Ada derreteu-se numa expressão de suave alegria, como se refletindo um repentino alívio. É assim que uma criança olha para o nada, um sorriso assomando aos lábios ao se dar conta de que o pesadelo acabou, ou que uma porta foi esquecida aberta e ela pode patinhar impunemente sob o céu degelado. Ada livrou o ombro da sacola de coleta e, sob o olhar benevolente de Violette que os acompanhava por sobre a cabeça refletida de Marina, os dois foram se afastando devagar em busca da solidão relativa da aleia do parque onde certa feita ela explicara seus jogos de luz e sombra. Van a abraçou, a beijou, beijou outra vez como se ela tivesse acabado de chegar de uma longa e perigosa viagem. A doçura de seu sorriso era algo inesperado e especial. Não era o sorriso malicioso, demoníaco, dos ardores lembrados ou prometidos, mas o raro brilho humano que nasce da felicidade e da entrega. Todas as façanhas amorosas que tinham realizado, do Celeiro em Chamas ao Regato das Bengaleiras, não eram nada quando comparadas com aquela erupção da alma sorridente. A blusa preta de tricô e a saia também preta com bolsos largos na frente perderam o significado de “luto por uma flor perdida” que Marina, num acesso de imaginação, atribuíra à indumentária de Ada (“*niemiédlenno pierieodiétsia*, vá mudar de roupa imediatamente!”), ela gritara na direção do espelho invadido de reflexos verdes); pelo contrário, haviam adquirido o encanto antiquado do uniforme das estudantes de Liasca. Lá ficaram testa a testa, marrom contra branco, preto contra preto, ele segurando os cotovelos de Ada, seus dedos ligeiros e hesitantes tamborilando nas clavículas de Van. E ele disse como “ladorava” o aroma moreno de seus cabelos misturando-se ao cheiro dos talos amassados dos lírios, dos cigarros turcos e da lassitude

que vinha do corpo dela. “Não, não, não faça isso”, ela disse, “tenho que me lavar, rapidinho, Ada tem que se lavar.” Mas durante mais um momento imortal continuaram abraçados na aleia silenciosa, deleitando-se, como jamais o tinham feito antes, com o sentimento de “felizes para sempre” que aparece ao final dos contos de fadas que nunca se acabam.

Van, esta passagem é muito bonita. Vou chorar a noite inteira (interpolação recente).

Um derradeiro raio do sol fez brilhar a boca e o queixo de Ada, molhados pelos beijos vãos que Van lhe dera. Ela sacudiu a cabeça e, dizendo que realmente tinha de ir embora, beijou as mãos de Van como só fazia em momentos de suprema ternura. Voltou-se então rapidamente e, enfim, se separaram.

Uma orquídea banal, sapato-de-vênus, murchava sozinha na mochila que ela deixara na mesa do jardim e agora arrastava escada acima. Marina e o espelho tinham desaparecido. Van se livrou da malha de ginástica e deu um último mergulho na piscina sob as vistas do mordomo, que, mãos cruzadas nas costas, contemplava com ar pensativo a água falsamente azul.

“Tive a impressão”, disse ele, “de ver um girino.”

O tema da comunicação escrita, tão amplamente usado nos romances, agora chega para valer. Subindo ao quarto, Van notou, com um choque de soturna premonição, um pedaço de papel enfiado no bolsinho de seu smoking. Escrita a lápis em letras grandes, cujo contorno fora traçado de forma deliberadamente imprecisa, lá estava a injunção anônima: “*One must not berne you*” (Ninguém deve enganá-lo). Mas só uma pessoa de fala francesa usaria a palavra “*berne*” em vez de “*dupe*”, por exemplo, com o sentido de enganar, trair, tapear. Entre os criados, ao menos quinze eram de origem francesa — descendentes dos imigrantes que haviam se fixado na América depois que a Inglaterra, em 1815, anexara o belo e infeliz país de onde procediam. Interrogar todos eles — torturar os homens, violar as mulheres — seria, obviamente, absurdo e degradante. Com um repelão de raiva infantil, Van destroçou sua mais bela gravata-borboleta. A dor da mordida da serpente já atingia seu coração. Achou outra gravata, acabou de se vestir e desceu à procura de Ada.

Encontrou as duas irmãs e a preceptora numa das “salas de estar das crianças”, um aposento delicioso em cuja varanda *Mlle. Larivière* estava sentada diante de uma mesa *Pembroke* graciosamente ornamentada e lia, com sentimentos mistos e furiosas anotações, o terceiro roteiro do filme *Les Enfants Maudits*. Numa mesa maior e redonda, no centro da sala de estar, *Lucette*, seguindo as instruções de Ada, tentava aprender a desenhar flores; vários atlas botânicos, grandes e pequenos, jaziam espalhados sobre a mesa. Tudo parecia guardar a aparência de sempre: as ninfas e os sátiros nas pinturas do

teto; a luz do dia amadurecendo, mais suave, com o cair da noite; a voz longínqua e sonhadora de Blanche dobrando a roupa de cama e cantarolando alguns versos de “Malbrough” (... *ne sait quand reviendra, ne sait quand reviendra*); e as duas bonitas cabeças, bronze-escuro e cobre-avermelhado, inclinadas sobre a mesa. Van se conscientizou da necessidade de baixar a fervura antes de pedir explicações a Ada — ou mesmo antes de dizer que precisava lhe pedir explicações. Ela parecia alegre e estava muito elegante, usando pela primeira vez o colar de diamantes que ele lhe dera e um vestido de noite novo com apliques de azeviche, além de — também pela primeira vez — meias de seda transparentes.

Van sentou-se num pequeno sofá, apanhou ao acaso um dos livros abertos sobre a mesa e ficou examinando, com repugnância, a bela estampa de orquídeas grosseiras cuja popularidade com as abelhas dependia, segundo o texto, “de vários odores atraentes, desde o cheiro de abelhas operárias mortas até o de um gato no cio”. Soldados mortos podem até cheirar melhor.

Enquanto isso, a teimosa Lucette insistia em que a maneira mais fácil de desenhar uma flor consistia em colocar uma folha de papel transparente sobre a gravura (no caso em tela, uma pogônia-de-barba-vermelha, planta nativa dos pântanos de Ladoga com pormenores estruturais bastante indecentes) e traçar o contorno da coisa com tintas de várias cores. Ada, sempre tão paciente, queria que ela copiasse não de modo mecânico, mas “do olho para a mão e da mão para o olho”, utilizando como modelo um exemplar vivo de outra orquídea, que tinha um saco marrom enrugado e sépalas roxas. Todavia, após certo tempo desistiu sem perder a alegria e pôs de lado a jarrinha de cristal onde depositara o sapato-de-vênus apanhado horas antes. De modo descontraído, assim por acaso, passou a explicar como funcionam os órgãos sexuais das orquídeas — mas tudo que Lucette queria saber, no seu jeito excêntrico, era: um rapaz-abelha podia fertilizar uma moça-flor *através* de alguma coisa, através das ceroulas ou cuecas ou de qualquer coisa que ele usasse?

“Você sabe”, disse Ada num tom comicamente nasal, voltando-se na direção de Van, “você sabe, essa menina tem a cabeça mais suja que se possa imaginar, e vai ficar danada comigo por eu dizer isso, e vai chorar no colo da Larivière e reclamar que foi polinizada por ter sentado no teu joelho.”

“Mas não posso falar com Belle dessas coisas sujas”, disse Lucette de forma muito lógica e tranquila.

“O que há com você, Van?”, perguntou Ada, sentindo que havia algo.

“Por que você quer saber?”, perguntou Van por sua vez.

“Tuas orelhas estão se mexendo e você não para de limpar a garganta.”

“Você já acabou com essas flores horrorosas?”

“Já. Vou lavar as mãos. Nos encontramos lá embaixo. Tua gravata está toda torta.”

“Está bem, está bem”, disse Van.

*Mon page, mon beau page,* [Meu pajem, meu lindo pajem,  
— *Mironton-mironton-mirontaine,* — — Trá-lá-lá, trá-lá-lá, —  
*Mon page, mon beau page...* Meu pajem, meu lindo pajem...]

No andar de baixo, Jones já estava tirando da parede o gongo do jantar, que ficava pendurado a um gancho no vestibulo.

“Bem, o que é que há?”, ela perguntou quando se encontraram um minuto depois no terraço da sala de estar.

“Achei isto no meu paletó”, disse Van.

Esfregando os grandes dentes da frente com um dedo indicador nervoso, Ada leu e releu a nota.

“Como é que você sabe que se destina a você?”, perguntou, devolvendo-lhe o pedaço de folha de bloco escolar.

“Bem, estou dizendo que sim”, Van gritou.

“*Tíche!* (Calma!)”, disse Ada.

“Estou te dizendo que encontrei *aqui*” (apontando para o coração).

“Jogue fora e esqueça”, disse Ada.

“Seu obediente servidor”, respondeu Van.

Pedro ainda não tinha voltado da Califórnia. Um ataque de febre do feno e o uso de óculos escuros não melhoravam a aparência de G. A. Vrônski. Adorno, o astro de *Ódio*, trouxe sua nova mulher — por acaso uma antiga (e muito querida) esposa de outro convidado, um artista bem mais importante que, após a ceia, deu uma gorjeta a Bouteillan a fim de que simulasse a chegada de uma mensagem exigindo sua partida imediata. Grigóri Akimovitch o acompanhou (tendo vindo na mesma limusine de aluguel), com o que Marina, Ada, Adorno e sua Marianne, fazendo uma carinha irônica, viram-se em torno de uma mesa de jogo. Jogaram *biriutch*, uma variedade de uíste, até que foi possível obter um táxi vindo de Ladore, já bem depois de uma da manhã.

Nesse meio-tempo, Van voltou a vestir os shorts, enrolou-se na coberta axadrezada e partiu para seu pequeno bosque, onde as lanternas bergamascas não haviam sequer sido acesas naquela noite, que acabou sendo bem menos festiva do que Marina esperara. Subiu na rede e, sonolento, começou a passar em revista os membros da criadagem de língua francesa que poderiam ter deixado aquela nota funesta, embora, segundo Ada, desprovida de qualquer significado. A primeira e óbvia escolha era Blanche, histérica e estranha — não fosse por sua timidez e pelo medo de ser posta na rua (Van se lembrava de uma cena horrorosa em que ela, pedindo perdão, se jogara aos pés de Larivière, que a havia acusado de “roubar” uma bugiganga que mais tarde apareceu num sapato da própria preceptora). O foco de sua imaginação transferiu-se então para a face rubicunda de Bouteillan e para o sorrisinho malicioso de seu filho; logo depois, porém, caiu no sono, vendo-se numa montanha coberta de neve em que muitas pessoas, árvores e até uma vaca eram varridas por uma avalanche.

Algo o despertou daquele abominável estado de torpor. A princípio pensou ser a friagem da noite que morria, depois reconheceu o leve rangido (que se transformara num grito em seu confuso pesadelo) e, levantando a cabeça, viu uma luz fraca entre os arbustos no lugar em que a porta do depósito de ferramentas estava sendo entreaberta por

dentro. Ada jamais fora lá sem antes planejarem com prudência cada passo de seus infrequentes encontros noturnos. Pulou da rede e caminhou sem fazer ruído na direção da porta iluminada. Diante dele surgiu a figura pálida e bruxuleante de Blanche. Curiosa visão: braços nus, vestindo uma combinação, uma das meias presa pela liga, a outra caída em volta do tornozelo, sem chinelos, as axilas brilhando de suor... e soltando os cabelos num melancólico simulacro de sedução.

“*C’est ma dernière nuit au château*”, disse baixinho, repetindo a frase depois em seu inglês antiquado, elegíaco e empolado, só encontradiço em romances obsoletos. “*’Tis my last night with thee.*”

“Última noite? Comigo? O que é que você quer dizer com isso?” Van a examinou com aquele estranho desassossego que se sente ao dar ouvidos ao delírio ou à embriaguez.

No entanto, apesar de seu ar de demência, Blanche estava perfeitamente lúcida. Decidira alguns dias antes deixar a Mansão de Ardis. Tinha acabado de enfiar o pedido de demissão (com uma nota de pé de página sobre a conduta da moça) por baixo da porta do quarto de Madame. Partiria dentro de poucas horas. Ela o amava, ele era “sua loucura, sua febre”, queria passar alguns momentos secretos na companhia dele.

Van entrou no depósito de ferramentas e fechou a porta devagar. A lentidão tinha uma causa desconfortável: Blanche havia posto sua lanterna no degrau de uma escada e já se preparava para tirar a anágua por cima da cabeça. A compaixão, a cortesia e alguma ajuda de sua parte poderiam ter contribuído para despertar nele o desejo que ela tomava por certo e cuja total ausência ele escondeu com cuidado sob o manto de padrão escocês. Mas, além do medo de infectar-se (Bout fizera alusões aos problemas da infeliz rapariga), uma questão mais séria o preocupava. Afastou a mão ousada de Blanche e sentou-se ao lado dela num banco.

Foi ela quem pôs a nota em seu paletó?

Foi. Tinha se sentido incapaz de ir embora da mansão sabendo que ele continuaria sendo feito de bobo, enganado, traído. Acrescentou, entre parênteses ingênuos, que tinha certeza de que ele sempre a desejara, podiam conversar depois. *Je suis à toi, c’est bientôt l’aube*, teu sonho pode se realizar.

“*Parlez pour vous*”, respondeu Van. “Não estou interessado em sexo. E vou te esganar, escute bem, se você não me contar toda essa história tim-tim por tim-tim agora mesmo.”

Ela fez que sim com a cabeça. O medo e a adoração se mesclavam em seus olhos velados. Quando e como tinha começado? Em agosto do ano passado, ela disse. *Votre demoiselle* apanhando flores, ele a acompanhando, com a flauta na mão. Ele quem? Que flauta? *Mais le musicien allemand, Monsieur Rack*. A ávida informante tudo ouvira enquanto estava debaixo de seu próprio admirador, do outro lado da



cerca viva. Como alguém era capaz de fazer aquilo com *l'immonde Monsieur Rack*, que certa vez esquecera seu colete num monte de feno, ah, isso escapava à compreensão da informante. Talvez porque ele compusesse canções para ela, uma muito bonita foi tocada num grande baile público no Cassino de Ladore, era assim... Não interessa como era, continue com a história. Numa noite estrelada, enquanto se divertiam atrás de umas moitas de salgueiros, a informante e dois companheiros ouviram uma conversa entre *Mademoiselle* e *Monsieur Rack*, que estavam sentados num bote; ele contou a triste história de sua infância, os anos de fome e música e solidão, e sua namorada chorou, jogou a cabeça para trás e permitiu que ele se refestelasse em seu pescoço nu, *il la mangeait de baisers dégoûtants*. Ele não deve tê-la possuído mais do que uma dúzia de vezes, não era tão forte quanto outro cavalheiro — ah, pare com isso, disse Van — e, no inverno, a moça soube que ele era casado e odiava sua mulher cruel; em abril, quando começou a dar lições de piano para Lucette, o caso recomeçou, mas então...

“Chega!”, Van gritou e, batendo na testa com a mão fechada, saiu cambaleante para a luz da manhã.

Eram quinze para as seis no relógio de pulso amarrado a um fio da rede. Seus pés estavam tão frios como se feitos de pedra. Tateou à procura dos mocassins e andou a esmo durante algum tempo entre as árvores do pequeno bosque, onde os tordos cantavam com tanta vitalidade, com tamanha força sonora, com floreados tão flautados, que se tornava impossível suportar a agonia da consciência, a imundície da vida, a perda, a perda, a perda. Aos poucos, entretanto, recobrou um simulacro de autocontrole utilizando o método mágico de não permitir que a imagem de Ada ao menos se aproximasse da imagem que ele tinha de si próprio. Isso criava um vácuo para onde era atraída uma multidão de reflexões banais. Uma pantomima do pensamento racional.

Tomou um banho de chuveiro tépido na cabine junto à piscina, fazendo tudo com cômica deliberação, muito devagar, com todo o cuidado, por medo de quebrar o Van novo, desconhecido e frágil que nascera havia pouco. Observou enquanto seus pensamentos revolteavam, dançavam, caminhavam com passos pomposos, se prestavam a palhaçadas. Por exemplo, imaginou com prazer que um sabonete devia parecer um sólido pedaço de ambrosia para as formigas que o atacavam por todos os lados, e o choque que sentiriam ao serem afogadas em meio àquela orgia. O código de honra, refletiu, não permitia que se desafiasse alguém de origem humilde, mas podiam ser abertas exceções para artistas, pianistas e flautistas; e, se um covarde recusasse, era possível fazer com que suas gengivas sangrassem mediante uma série de bofetadas bem aplicadas ou, ainda melhor, espancá-lo com uma bengala resistente — não esquecer de escolher uma no armário do vestíbulo antes de ir embora para sempre. Para

sempre. Muito divertido! Apreciou como algo muito especial aquele tipo de dança agitada que um sujeito nu executa num pé só ao tentar vestir os shorts sem sentar-se. Atravessou com passos rápidos uma galeria lateral. Subiu pela imponente escadaria. A casa estava deserta e fresca, cheirando a cravo. Bom dia e adeus, quartinho. Van fez a barba, cortou as unhas dos pés, vestiu-se com grande apuro: meias cinza, camisa de seda, gravata cinza, terno cinza-escuro recém-passado — sapatos, ah, sim, sapatos, não esquecer os sapatos, e, sem se preocupar em arrumar o resto das coisas, enfiou umas vinte moedas de ouro de vinte dólares numa bolsinha de camurça, distribuiu pelo corpo tenso o lenço, o talão de cheques, o passaporte, o que mais?, mais nada, prendendo por fim com um alfinete no travesseiro o bilhete em que solicitava que seus pertences fossem embalados e enviados para a casa de seu pai. Filho morto em avalanche, nenhum chapéu encontrado, contraceptivos doados ao Lar dos Velhos Guias de Montanha. Passadas oito décadas, tudo isso soa muito bobo e engraçado — mas naquele momento ele era um homem morto imitando os gestos de um sonhador imaginado. Curvou-se com um grunhido, maldizendo o joelho, a fim de prender os esquis no topo da colina, açoitado pela neve, mas os esquis tinham desaparecido, as tiras de couro se haviam transformado em cadarços, a encosta, numa escadaria.

Caminhou até os estábulos e disse a um jovem cavaliço, quase tão sonolento quanto ele, que queria ir para a estação ferroviária dentro de alguns minutos. O cavaliço parecia perplexo, e Van o xingou.

O relógio de pulso! Voltou à rede, encontrando-o ainda preso ao fio da rede. Ao voltar para os estábulos circundando a casa, levantou os olhos por acaso e viu uma jovem de cabelos pretos, de uns dezesseis anos, vestindo calças amarelas e um bolero preto, que fazia sinais para ele da varanda do terceiro andar. Eram sinais telegráficos, com largos gestos lineares, indicando o céu sem nuvens (que dia mais limpo!), o topo do jacarandá em flor (que flores mais azuis!) e seu próprio pé nu, erguido bem alto e apoiado no parapeito (só tenho de calçar as sandálias!). Van, tomado de horror e vergonha, se viu esperando que ela descesse.

Ada caminhou rápido na direção dele, cruzando o gramado que o orvalho tornara iridescente. “Van”, disse, “tenho de te contar meu sonho antes que me esqueça. Você e eu estávamos num lugar muito alto dos Alpes... A troco de que você está com essas roupas de cidade?”

“Bem, vou te contar”, balbuciou Van, como se ainda estivesse sonhando. “Vou te dizer por quê. Acabei de saber, de uma ponte humilde mas digna de fé, quer dizer fonte, desculpe minha pronúncia, *qu'on vous culbute* (que você se deixa derrubar) atrás de cada cerca. Onde posso encontrar teu derrubador?”

“Em lugar nenhum”, ela respondeu com toda a calma, não se importando ou até mesmo nem reparando na grosseria dele, pois

sempre soubera que o desastre chegaria hoje ou amanhã, uma questão de tempo ou de programação do tempo por parte do destino.

“Mas ele existe, ele existe”, tartamudeou Van, olhando para o minúsculo arco-íris que viera enfeitar uma teia de aranha no gramado.

“Suponho que sim”, disse a menina arrogante, “mas partiu ontem para algum porto grego ou turco. Além disso, ia fazer o possível para ser morto, se essa informação te serve para alguma coisa. Agora escute, escute! Esses passeios nos bosques não significaram nada. Espere, Van! Fui fraca só duas vezes, quando você o tinha ferido com tanta crueldade, ou talvez três vezes ao todo. Por favor! Não posso explicar assim de repente, mas com o tempo você vai entender. Nem todo mundo é tão feliz como nós. Ele é um pobre coitado, desajeitado, solitário. Estamos todos condenados pelo destino, mas alguns sofrem mais do que os outros. Ele não é nada para mim. Nunca mais vou vê-lo. Ele não é nada, juro. Ele me adora até a loucura.”

“Acho”, disse Van, “que estamos tratando do amante errado. Eu estava perguntando sobre *Herr Rack*, que tem umas gengivas tão saborosas e que também te adora até a loucura.”

Como se lê nos melhores romances, ele rodopiou nos calcanhares e caminhou em direção à casa.

Era capaz de jurar que não olhou para trás, não poderia — por nenhum prisma, por nenhum truque óptico — tê-la visto fisicamente ao se afastar; e, no entanto, com terrível clareza, reteve para sempre a imagem composta dela de pé onde a havia deixado. A imagem — que penetrou nele através de um olho na parte de trás de sua cabeça, através do canal hialino de sua espinha dorsal, e que jamais poderia ser apagada, jamais — consistia em uma seleção embaralhada de inúmeras poses e expressões que lhe haviam provocado um remorso intolerável em vários momentos do passado. Suas brigas tinham sido muito raras e muito breves, mas suficientemente numerosas para formar um mosaico duradouro. Houve aquela vez em que Ada ficou encostada no tronco de uma árvore, aguardando a sorte dos traidores; a vez em que ele se recusara a mostrar umas fotografias bobas, tiradas em Chose, das moças que andavam de barco com os alunos; tendo Van rasgado as fotos num acesso de raiva, ela desviara o olhar, franzindo a testa e semicerrando os olhos para contemplar através da janela uma paisagem invisível. Ou a vez em que, piscando, formando com os lábios uma palavra muda, suspeitando que ele de repente se revoltara contra sua curiosa pudicícia vocabular, ela havia hesitado quando desafiada rudemente a encontrar uma rima para “palácio”: não sabia com certeza se Van tinha em mente uma palavra obscena e, nesse caso, se a pronúncia correta realmente a fazia rimar com “palácio”. E a vez, talvez a pior de todas, em que ela mexia à toa num ramalhete de flores silvestres, um meio sorriso meigo e espontâneo iluminando seus olhos, os lábios franzidos, a cabeça fazendo pequenos

movimentos imprecisos como se confirmando, para si própria, decisões secretas e cláusulas não expressas em alguma espécie de contrato consigo mesma, com ele, com terceiras partes desconhecidas doravante denominadas o Desconsolado, o Inútil, o Injusto, enquanto Van se entregava a uma brutal explosão de raiva provocada pelo fato de ela ter sugerido — casualmente e com toda a doçura (como poderia ter sugerido que caminhassem um pouco mais pela margem de um pântano a fim de verificar se determinada orquídea havia brotado) — que visitassem a sepultura de Krolik num cemitério de igreja em frente ao qual estavam passando. Sem mais nem menos, ele tinha começado a gritar (“Você sabe que odeio cemitérios de igrejas, que desprezo e renego a morte, que os corpos dos mortos são ridículos, que me recuso a olhar para uma pedra embaixo da qual está apodrecendo um velho polaco barrigudo, deixe que ele alimente seus vermes em paz, a entomologia da morte não me interessa, eu detesto, eu desprezo...”); tendo deblaterado nesse diapasão durante mais alguns minutos, Van literalmente caiu aos pés dela, beijando-os, pedindo perdão... enquanto Ada o olhava com ar pensativo.

Essas eram as principais peças do mosaico, embora houvesse outras, até mais triviais. Porém, ao se combinarem, as partes inofensivas criavam uma entidade letal, e a garota de calças amarelas e bolero preto, de pé, as mãos cruzadas atrás das costas, balançando de leve os ombros, encostando-se no tronco da árvore, dele se afastando, sacudindo o cabelo... uma imagem definitiva que ele sabia nunca ter visto na realidade ficou para sempre implantada em sua mente de um modo mais real do que qualquer lembrança verdadeira.

Marina, de quimono e rolos no cabelo, estava cercada de criados em frente ao alpendre e fazia perguntas que ninguém parecia responder.

Van disse:

“Não estou fugindo com tua empregada, Marina. É uma ilusão de óptica. As razões dela para ir embora não têm nada a ver comigo. Havia um probleminha que eu fiz a bobagem de adiar, mas que agora vou resolver antes de seguir para Paris.”

“Ada me causa muita preocupação”, disse Marina, com um franzir de sobrancelhas e um tremelique muito russo de bochechas. “Por favor, volte tão logo seja possível, você exerce uma influência muito boa sobre ela. *Au revoir*. Estou muito aborrecida com todo mundo.”

Erguendo o quimono, subiu os degraus do alpendre. O dragão prateado e bem-comportado que trazia nas costas tinha uma língua de tamanduá, segundo sua filha mais velha, uma cientista. O que sua pobre mãe sabia dos senhores P e R? Quase nada.

Van apertou as mãos do velho e angustiado mordomo, agradeceu a Bout a bengala com castão de prata e as luvas que lhe pedira, cumprimentou com um aceno de cabeça os demais criados e caminhou na direção da carruagem puxada por dois cavalos. Blanche — com uma

saia cinza comprida e chapéu de palha, a valise barata pintada de vermelho para imitar mogno e amarrada com uma corda que dava várias voltas — parecia uma daquelas moçoilas que, nos filmes de faroeste, sai de casa para ser professorinha. Ofereceu-se para sentar na boleia ao lado do cocheiro russo, mas Van Ihe disse que entrasse na caleche.

Atravessaram campos ondulantes de trigo salpicados com o confete das florzinhas azuis e vermelhas. Ela foi falando o tempo todo sobre a jovem castelã e seus dois amantes mais recentes num tom de voz baixo e melodioso, como se estivesse em transe, em contato com o espírito de algum falecido menestrel. Outro dia mesmo, por trás daquele renque de grossos pinheiros, ali mesmo, à sua direita (mas, sentado em silêncio, as mãos pousadas sobre o castão da bengala, Van não olhou), ela e sua irmã Madelon, enquanto dividiam uma garrafa de vinho, viram *Monsieur le Comte* possuindo a moça num leito de musgo, grunhindo e amassando-a como um urso, como também havia amassado — muitas vezes! — Madelon, que havia dito a Blanche para alertá-lo sobre o que estava acontecendo; fez isso porque sentia um pouquinho de ciúme, mas, como também tinha um bom coração, pediu que ela esperasse até que “*Malbrook s’en va t’en guerre*”, pois, de outro modo, eles iriam duelar. O conde tinha passado aquela manhã dando tiros com sua pistola num espantalho. Por isso ela esperou tanto, e o bilhete havia sido escrito por Madelon, não por ela. Não parou de tagarelar até chegarem a Tourbière, duas fileiras de casinhas e uma pequena igreja preta com vitrais coloridos. Van saiu da carruagem e a ajudou a descer. A mais moça das três irmãs, bonita rapariga de cachos castanhos, olhos lascivos e seios balançantes (onde Van a tinha visto antes? Recentemente, mas onde?), carregou a valise e a gaiola de Blanche para uma cabana miserável coberta de roseiras e, exceto por isto, indescritivelmente triste. Ele beijou a mão tímida da Cinderela e retomou seu lugar na caleche, limpando a garganta e dando uma puxadinha nas calças antes de cruzar as pernas. O vaidoso Van Veen.

“O expresso não para em Torfianka, não é mesmo, Trofim?”

“Vou levar o senhor cinco verstas cruzando o pântano”, disse Trofim. “A parada mais próxima é em Volosianka.”

Assim ele traduzia, em russo vulgar, a palavra *maidenhair* (cabelo de donzela). Não era uma parada obrigatória, o trem provavelmente lotado.

Maidenhair. Idiota! O bestalhão do Percy a essa altura podia estar morto e enterrado! Maidenhair. O nome vinha de uma grande árvore chinesa, de galhos frondosos, que se erguia no final da plataforma. Confundida, outrora, com a avenca cabelo-de-vênus. Ela caminhou até o fim da plataforma no romance de Tolstói. Primeiro exemplo de monólogo interior, mais tarde explorado pelos franceses e pelos irlandeses. *N’est vert, n’est vert, n’est vert. L’arbre aux quarante écus d’or*, pelo menos no outono. *Never, never*, nunca mais ouvirei sua voz

“botânica” pronunciar em tom grave *biloba*, “desculpe, estou exibindo meu latim”. *Ginkgo biloba*, ginkgo, árvore dioica, com flores masculinas e femininas. Também conhecida como adianto, a *adiantofolia* de Salisbury, infólio de Ada, pobre *Salisburia*: afundada; pobre Fluxo de Consciência, corrente de pensamentos transformada naquele momento em *marée noire*. Quem quer a Mansão de Ardis?

“*Bárin, a bárin*”, disse Trofim, voltando na direção do passageiro o rosto emoldurado pela barba loura.

“*Da?*”

“*Dáje skvoz kójani fártuk nie stal-bi iá trógat etu frantsúzkuuiu diévkú.*”

*Barin*: senhor. *Dáje skvoz kójani fártuk*: mesmo através de um avental de couro. *Nie stal-bi iá trógat*: eu não pensaria em tocar. *Étu*: esta. *Frantsúzkuuiu*: francesa (adjetivo, acusativo). *Diévkú*: vagabunda. *Újas, ottcháianie*: horror, desespero. *Jálost*: pena. *Kóntcheno, zagájeno, rastiérzano*: acabado, aviltado, esfrangalhado.

Aqua costumava dizer que, além de bebês inocentes, só uma pessoa muito cruel ou muito burra poderia ser feliz na Demônia, nosso esplêndido planeta. Van sentiu que, para sobreviver nesta terrível Antiterra, no mundo multicolor e perverso em que nascera, tinha de destruir, ou ao menos aleijar para sempre, dois homens. Necessitava encontrá-los imediatamente: qualquer atraso poderia prejudicar sua capacidade de sobrevivência. O prazer de destruí-los não iria curar seu coração, mas sem dúvida limparia seu cérebro. Eles se encontravam em dois lugares diferentes, conquanto não estivessem referidos a um local exato, a um endereço determinado, a um acampamento preciso. Esperava puni-los de forma honrosa, se o Destino ajudasse. Não estava preparado para o zelo comicamente exagerado com que o Destino orientou seus passos e depois se transformou, quase à força, num auxiliar por demais cooperativo.

Decidiu que, antes de tudo, iria a Kalugano acertar contas com *Herr Rack*. Mais por infelicidade do que por qualquer outra razão, caiu no sono num canto do compartimento cheio de pernas e vozes estranhas do expresso que corria rumo ao norte a cento e sessenta quilômetros por hora. Dormitou até o meio-dia e desembarcou em Ladoga, onde, após uma espera incalculavelmente longa, tomou outro trem, ainda mais trepidante e mais cheio de gente. Enquanto abria caminho ao longo dos estreitos corredores, lutando para se manter equilibrado, praguejando baixinho contra os passageiros que ficavam grudados às janelas e não recolhiam as nádegas para deixá-lo passar na vã procura de algum nicho confortável nos vagões de primeira classe, compostos de quatro compartimentos, viu Córdula e sua mãe sentadas junto à janela, uma de frente para a outra. Os dois outros lugares estavam ocupados por um senhor gordo e idoso, que usava uma antiquada peruca castanha com repartido no meio, e um menino de óculos numa roupa de marinheiro. Córdula, sentada ao lado do garoto, estava lhe oferecendo metade de sua barra de chocolate. Movido por uma ideia tão repentina quanto brilhante, Van entrou no compartimento, mas a mãe de Córdula não o reconheceu de imediato. No alvoroço das

reapresentações, uma guinada do trem fez com que Van pisasse no pé do idoso passageiro, que calçava um sapato de tecido e soltou um grito agudo, dizendo depois com uma voz indistinta embora não descortês: “Cuidado com minha gota (ou ‘preste atenção’ ou ‘veja lá’), rapaz!”.

“Não gosto de ser chamado de ‘rapaz’”, disse Van ao inválido numa explosão brutal e totalmente injustificada.

“Vovô, ele machucou o senhor?”, perguntou o menino.

“Machucou”, disse o avô, “mas não quis ofender ninguém com meu grito de dor.”

“Até mesmo a dor pode ser expressa de forma educada”, continuou Van (enquanto um Van melhor o puxava pela manga da camisa, aborrecido e envergonhado).

“Córdula”, disse a velha atriz (com o mesmo senso de oportunidade com que certa feita pegara no colo e afagara o gato de um bombeiro que havia invadido o palco no meio de sua mais importante fala na peça *Fast Colors*), “por que você não vai com esse jovem demônio enraivecido para o vagão-restaurant? Acho que vou dar uma descansadinha.”

“Qual é o problema?”, perguntou Córdula quando se sentaram no espaçoso e rococó “bolinheiro”, tal como os estudantes da Universidade de Kalugano costumavam chamá-lo nas décadas de 80 e 90.

“Tudo”, respondeu Van, “mas por que está me perguntando isso?”

“Bem, somos conhecidas do doutor Platonov e você não tinha a menor razão para ser tão abominavelmente grosseiro com um velhinho simpático.”

“Peço desculpas”, disse Van. “Vamos pedir o chá tradicional.”

“Outra coisa estranha”, disse Córdula, “é que você realmente reparou em mim. Há dois meses me esnobou.”

“Você tinha mudado. Tinha ficado bonita e langorosa. Agora está ainda mais bonita. Córdula já não é mais virgem! Me diga... você por acaso tem o endereço do Percy de Prey? Claro, todos nós sabemos que ele está invadindo a Tartária, mas como é que se poderia mandar uma carta para ele? Não quero pedir àquela intrometida da tua tia para encaminhar coisa nenhuma.”

“Acho que os Fräser têm o endereço, vou descobrir. Mas onde é que *Van* está indo? Onde posso achar o Van?”

“Em casa, no número 5 da Park Lane, dentro de um ou dois dias. Agora mesmo estou indo para Kalugano.”

“É um lugar medonho. Uma moça?”

“Homem. Conhece Kalugano? Dentista? Melhor hotel? Sala de concertos? O professor de música de minha prima?”

Ela sacudiu seus cachos curtos. Não, havia ido lá poucas vezes. Duas, para assistir a um concerto, numa floresta de pinheiros. Não sabia que Ada tinha aulas de música. Como estava ela?



“Lucette”, disse ele. “Lucette toma ou tomou aulas de piano. Está bem, vamos deixar Kalugano para lá. Esses bolinhos são parentes muito pobres daqueles de Chose. Você tem razão, *j’ai des ennuis*. Mas você pode me fazer esquecer de todas essas chateações. Diga alguma coisa para me distrair, embora na verdade você já me distraia bastante, *un petit topinambour* como disse o alemão naquela história. Me fale sobre tuas aventuras amorosas.”

Não se tratava de uma garota brilhante. Mas era loquaz e, de fato, muito excitante. Van começou a acariciá-la por baixo da mesa, mas ela removeu com jeitinho sua mão, sussurrando “incomodada”, com um ar tão sonhador quanto o de outra garota em outro sonho. Ele limpou a garganta ruidosamente e pediu meia garrafa de conhaque, fazendo o garçom abri-la em sua presença como Demon aconselhara. Ela continuou a falar pelos cotovelos e Van perdeu o fio de suas palavras — ou, melhor, o fio se enroscou na paisagem que passava veloz sobre o ombro dela, uma repentina ravina registrando o que Jack disse quando sua mulher telefonou, ou uma árvore solitária num campo de trevos personificando John, ou um riacho romântico descendo por um rochedo íngreme e refletindo o breve e radiante caso que ela teve com o marquês Quizz Quisana.

Uma floresta de pinheiros desmilinguiu-se e foi substituída por chaminés de fábricas. O trem contornou com estrépito uma rotunda e, gemendo, reduziu a velocidade. Uma estação pavorosa escureceu o dia.

“Deus meu”, exclamou, “é aqui que eu desço.”

Pôs algumas notas na mesa, beijou os lábios sequiosos de Córdula e disparou para a saída. Ao chegar ao vestíbulo, deu uma olhada para trás na direção dela, acenou com a luva que segurava numa das mãos... e esbarrou violentamente em alguém que se abaixara para pegar uma mala: “*On n’est pas goujat à ce point*”, observou um militar corpulento de bigode avermelhado e galões de capitão do estado-maior.

Van passou roçando por ele e, quando chegaram à plataforma, lhe deu um belo tapa na cara com a luva.

O capitão pegou o quepe do chão e se jogou contra o jovem dândi de rosto pálido e cabelos negros. Ao mesmo tempo, Van sentiu que alguém o abraçava pelas costas numa bem-intencionada mas desleal tentativa de apartar a briga. Sem se preocupar em olhar para trás, eliminou o intrumetido invisível com um ligeiro “golpe de pistom” executado pelo ombro esquerdo, enquanto, com um direto de direita, mandava o capitão de volta para suas malas aos trambolhões. A essa altura, vários amantes de um espetáculo gratuito se haviam reunido em volta deles: por isso, rompendo o círculo, Van pegou o sujeito pelo braço e o levou até a sala de espera. Um carregador de cara comicamente triste, cujo nariz sangrava de forma abundante, entrou atrás deles trazendo as três malas do capitão, uma das quais embaixo

do braço. Etiquetas cubistas de lugares longínquos e fabulosos coloriam a mais nova das valises. Trocaram-se os cartões de visita. “Filho do Demon?”, grunhiu o capitão Tapper, da Vila das Violetas Silvestres, Kalugano. “Correto”, disse Van. “Acho que vou ficar no Majestic; caso contrário, mandarei uma mensagem para seu segundo ou segundos. O senhor terá de me arranjar um, obviamente não posso pedir ao empregado da recepção que me preste tal serviço.”

Enquanto falava, Van pegou uma moeda de vinte dólares em meio a várias outras de ouro e a deu com um sorriso afetado para o velho e combalido carregador. “Algodão amarelo”, Van acrescentou. “Nas duas narinas. Sinto muito, amigo.”

Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, atravessou a praça a caminho do hotel, obrigando um carro a desviar-se com uma freada estridente no asfalto molhado. Deixou-o para trás, atravessado na rua, e empurrou com força a porta giratória do hotel, sentindo-se, se não melhor, pelo menos mais animado do que nas últimas doze horas.

Foi engolido pelo Majestic, velho e enorme edifício muito sujo por fora e com muito couro por dentro. Pediu um quarto com banho, disseram-lhe que estavam todos tomados por uma convenção de empreiteiros, deu uma gorjeta para o empregado no estilo invencível da família Veen e obteve uma suíte passável de três aposentos com uma banheira forrada de lambris de mogno, uma cadeira de balanço antiga, um piano mecânico e um dossel roxo encimando a cama de casal. Depois de lavar as mãos, tratou imediatamente de indagar sobre o endereço de Rack. O casal não tinha telefone; provavelmente alugava um quarto nos subúrbios; o empregado do hotel olhou para o relógio de parede e chamou sabe-se lá o quê, um serviço de endereços ou um departamento especializado em encontrar pessoas perdidas. Estava fechado até a manhã seguinte. Sugeriu que Van perguntasse na loja de música que ficava na rua principal.

A caminho, Van comprou sua segunda bengala, pois a de castão de prata, trazida da Mansão de Ardis, fora esquecida no café da estação de Maidenhair. Tratava-se de um produto grosseiro e robusto, com uma empunhadura conveniente e a ponta semelhante à de um bordão de alpinista, capaz de arrancar olhos límpidos e esbugalhados. Na loja ao lado comprou uma mala e, na seguinte, camisas, cuecas, meias, calças largas, pijamas, lenços, um roupão, um pulôver e um par de chinelos de pele de carneiro dobrados fetalmente num envelope de couro. As compras foram postas na mala e enviadas de pronto ao hotel. Estava prestes a entrar na loja de música quando se lembrou com um sobressalto de que não deixara nenhuma mensagem para os segundos de Tapper, o que o fez voltar atrás.

Encontrou-os sentados no vestíbulo e lhes pediu que resolvessem tudo rapidamente — ele tinha questões mais importantes a tratar. “*Nie grubít sekundantam*” (nunca seja rude com os segundos), disse a voz

de Demon dentro de sua cabeça. Arwin Birdfoot, tenente da Guarda, era louro e flácido, com lábios úmidos e rosados, e uma piteira de trinta centímetros de comprimento. Johnny Rafin, *Esq.*, baixo, moreno e metido a janota, usava sapatos de camurça azul e um horrível terno bege. Birdfoot desapareceu logo depois, deixando que Van acertasse todos os detalhes com Johnny, o qual, embora desejoso de ajudá-lo com toda a lealdade, não podia esconder o fato de que suas simpatias estavam com o adversário.

O capitão era um excelente atirador, disse Johnny, e membro do Country Clube Dó-Ré-Lá. Nenhuma selvageria sanguinária lhe maculava o caráter britânico, mas a posição militar e acadêmica por ele ocupada o obrigava a defender sua honra. Era perito em mapas, cavalos e horticultura. Tinha posses, inclusive muitas terras. O menor esboço de desculpas por parte do barão Veen resolveria definitivamente a questão num espírito de grande afabilidade.

“Se”, disse Van, “o ínclito capitão espera *isso* de mim, pode pegar a pistola e enfiar na sua afável analidade.”

“Não creio que esta seja uma forma correta de se expressar”, disse Johnny, fazendo uma careta de desgosto. “Meu amigo não a apreciaria. Devemos lembrar que ele é uma pessoa muito refinada.”

Será que Johnny era o segundo de Van ou do capitão?

“Sou seu segundo”, respondeu Johnny com um olhar morno.

Será que ele ou o refinado capitão conheciam um pianista nascido na Alemanha, Philip Rack, casado, com três filhos pequenos (provavelmente)?

“Sinto dizer”, respondeu Johnny com um toque de desprezo, “que não conheço muita gente com filhos pequenos em Kalugano.”

Haveria um bom prostíbulo nas vizinhanças?

Com crescente desprezo, Johnny declarou-se um celibatário convicto.

“Bem, está ótimo”, disse Van. “Agora preciso sair outra vez antes que as lojas fechem. Terei de comprar um par de pistolas de duelo ou o capitão me emprestará uma arma do Exército?”

“Podemos fornecer as armas”, disse Johnny.

Quando Van chegou diante da loja de música, a encontrou fechada. Olhou por um instante as harpas, os violões e as flores em vasos de prata sobre os consoles que se perdiam na penumbra dos espelhos, recordando-se da estudante que tanto desejara seis anos atrás. Rose? Roza? Era este seu nome? Teria sido mais feliz com ela do que com sua pálida e fatal irmã?

Caminhou durante algum tempo pela rua principal — uma entre os milhões de ruas principais — e então, sentindo uma saudável pontada de fome, entrou num restaurante razoavelmente simpático. Pediu um bife com batatas assadas, torta de maçã e um clarete. Na extremidade do salão, sentada num dos tamboretos vermelhos do bar fortemente iluminado, uma elegante prostituta toda de preto — corpete justo, saia

ampla, luvas compridas e um chapéu de veludo de abas largas — tomava de canudinho uma bebida dourada. O espelho atrás do bar, em meio aos reflexos multicores, deixou que Van entresse uma imagem vaga de sua beleza de um louro avermelhado; pensou que poderia prová-la mais tarde, mas, quando olhou de novo, ela já tinha ido embora.

Comeu, bebeu e fez planos.

Encarava o encontro com intensa alegria. Impossível imaginar algo mais revigorante. Trocar tiros com aquele palhaço encontrado ao acaso oferecia um inesperado alívio, sobretudo porque Rack sem dúvida aceitaria uma simples surra em vez de um combate. As especulações de Van sobre os possíveis desdobramentos daquele pequeno duelo podiam ser comparadas aos úteis passatempos ensinados às vítimas da poliomielite, aos lunáticos e prisioneiros por instituições generosas, administradores esclarecidos e psiquiatras engenhosos — tais como encadernar livros ou pôr contas azuis nas órbitas das bonecas feitas por outros criminosos, loucos e aleijados.

De início brincou com a ideia de matar seu adversário: do ponto de vista quantitativo, isso lhe daria o maior sentimento de desopressão; do ponto de vista qualitativo, suscitava todo tipo de complicações morais e legais. Infligir um ferimento parecia um meio-termo inepto. Decidiu fazer algo artístico e tecnicamente desafiador, tal como arrancar com um tiro a pistola da mão do sujeito ou repartir ao meio seu espesso cabelo que mais parecia uma escova.

Ao voltar para o lúgubre Majestic, comprou várias ninharias: três sabonetes redondos numa caixa de tampa retangular; creme de barbear num tubo frio e flexível; dez lâminas; uma esponja grande e outra menor, de borracha, para ensaboar o rosto; loção para cabelo; pente; bálsamo para peles delicadas; escova de dentes num estojo de plástico; pasta de dentes; tesourinha de unhas; caneta-tinteiro; agenda de bolso... o que mais? Ah, sim, um pequeno despertador — cuja presença reconfortante, porém, não o impediu de dizer ao empregado do hotel que o despertasse às cinco da manhã.

Eram só nove horas de uma noite de fim de verão. Não se surpreenderia se lhe dissessem que era meia-noite no mês de outubro. Tivera um dia incredivelmente longo. Sua mente mal podia admitir o fato de que na manhã daquele mesmo dia, ao alvorecer, uma personagem estranha, saída de um daqueles romances de Dormilona que as criadas costumam devorar, lhe havia falado, seminua, tiritando de frio, no depósito de ferramentas da Mansão de Ardis. Ele se perguntou se a outra moça continuava de pé, rígida como uma flecha, adorada e odiada, sem coração e de coração partido, encostada no tronco de uma árvore murmurante. Ficou pensando se, à luz da *partie de plaisir* do dia seguinte, não deveria lhe escrever um bilhete do tipo

quando-você-receber-esta-nota, insolente, cruel, frio e cortante como um pingente de gelo. Não. Melhor escrever para Demon.

*Meu querido pai,*

*Devido a uma altercação banal com um certo capitão Tapper, residente na Vila das Violetas Silvestres, em quem pisei por acaso no corredor de um trem, duelei esta manhã com pistolas num bosque próximo a Kalugano. Ao receber este bilhete você saberá que morri. Embora essa espécie de fim possa ser considerada uma forma fácil de suicídio, o embate e o inefável capitão nada têm a ver com os Sofrimentos do Jovem Veen. Em 1884, durante meu primeiro verão em Ardis, seduzi sua filha, que tinha então doze anos. Nosso tórrido romance durou até meu retorno a Riverlane; foi retomado em junho passado, quatro anos depois. Esta felicidade foi a coisa mais importante que aconteceu em minha vida e não me arrependo de nada. Ontem, porém, descobri que ela me fora infiel, e por isso nos separamos. Tapper, se não me engano, é o sujeito que foi expulso de um de seus clubes de carteados por tentar fazer sexo oral com o servente do banheiro, um aleijado sem dentes, veterano da primeira Guerra da Crimeia. Muitas flores, por favor!*

*O filho que o ama, Van*

Releu o bilhete cuidadosamente — e cuidadosamente o rasgou em pedacinhos. A nota que por fim pôs no bolso do casaco era bem mais curta.

*Papai,*

*Tive uma briga banal com um estranho cuja cara esbofetei e que me matou num duelo perto de Kalugano. Me desculpe!*

*Van*

Van foi despertado pelo porteiro da noite, que depositou uma xícara de café com um pequeno pão feito de ovos na mesinha de cabeceira e habilmente empalmou a esperada *tchervóniets*. Tinha certa semelhança com o Bouteillan de dez anos antes tal como visto no sonho que Van tentava agora reconstruir na medida do possível: nele, o antigo *valet de chambre* de Demon explicava a Van que o “dor” no nome do rio adorado equivalia à forma corrompida de “hidro” em “dorofone”. Van frequentemente sonhava com palavras.

Barbeou-se, descartou duas lâminas sujas de sangue num cinzeiro maciço de bronze, produziu um exemplar fecal estruturalmente perfeito, tomou um banho rápido, se vestiu com presteza, deixou a mala com o empregado do balcão, pagou a conta e, às seis em ponto, ajeitou-se ao lado do malcheiroso Johnny, cuja barba espessa fazia com que seu queixo parecesse azul, no Paradox, um carrinho esporte dos mais

baratos. Seguiram pela feia margem do lago por uns cinco ou seis quilômetros — pilhas de carvão, barracos, garagens de barcos, uma longa faixa de lama preta misturada com pedregulhos e, ao longe, acima das águas encobertas pelo nevoeiro outonal, a fumaça amarelada de tremendas fábricas.

“Onde é que estamos agora, meu caro Johnny?”, perguntou Van quando se libertaram da órbita do lago e entraram velozes numa avenida suburbana ladeada de casinhas de madeira e pinheiros carregados de cordas de roupa para secar.

“Estrada Dorofey”, gritou o piloto para vencer a barulheira do motor. “Vai dar na floresta.”

Dava. Van sentiu uma vaga pontada no joelho onde batera numa pedra ao ser atacado pelas costas uma semana antes, em outro bosque. No momento em que seu pé tocou a terra coberta de agulhas de pinheiro da estrada de floresta, uma borboleta, quase transparente de tão branca, deslizou diante dele, dando-lhe a certeza absoluta de que só tinha mais alguns minutos de vida.

Voltou-se para seu segundo e disse:

“Esta carta selada, no belo envelope do Hotel Majestic, está dirigida, como você pode ver, a meu pai. Estou transferindo-a para o bolso de trás da calça. Faça-me o favor de enviá-la imediatamente se o capitão, que acaba de chegar numa limusine bem fúnebre, por acaso me matar.”

Tendo encontrado uma clareira conveniente, os duelistas, munidos das pistolas, se defrontaram a uma distância de cerca de trinta passos, no tipo de combate individual descrito pela maioria dos romancistas russos e por praticamente todos os romancistas russos de origem nobre. Quando Arwin bateu palmas, dando informalmente permissão para que cada qual atirasse à vontade, Van notou um movimento de cores à direita: dois pequenos espectadores — uma menina gorda e um garotinho vestido à marinheira, ambos usando óculos e tendo, entre eles, uma cesta de cogumelos. Não era o comedor de chocolates do compartimento de Córdula, mas lembrava muito aquele menino... e esse pensamento acabara de aflorar à sua mente quando Van sentiu o choque de uma bala que arrancava, ou assim lhe pareceu, toda a parte esquerda de seu tronco. Balançou, retomou o equilíbrio e, com grande dignidade, descarregou a pistola no ar enevoado da manhã.

Seu coração batia com regularidade, a saliva estava limpa, os pulmões pareciam intactos, mas um incêndio de dor grassava nas imediações da axila esquerda. O sangue empapava-lhe as roupas, escorrendo pela perna da calça. Sentou-se devagar, cautelosamente, apoiando-se no braço direito. Temia perder a consciência, porém talvez tenha desmaiado por alguns instantes, porque no momento seguinte se deu conta de que Johnny havia se apossado do bilhete e o guardava no bolso.

“Trate de rasgar isso, seu idiota”, disse Van com um gemido involuntário.

O capitão se aproximou com passos lentos e murmurou num tom bastante tristonho: “Aposto que não está em condições de continuar, não é mesmo?”.

“Aposto que você mal pode esperar...”, começou Van. Tencionava dizer: “mal pode esperar que eu lhe dê outra bofetada”, mas foi acometido de um acesso de riso na palavra “esperar”, e os músculos da alegria reagiram de modo tão excruciante que ele parou no meio da frase e baixou a testa coberta de suor.

Enquanto isso, a limusine estava sendo transformada por Arwin numa ambulância. Vários jornais foram desmembrados para proteger a forração, aos quais o meticuloso capitão acrescentou o que parecia ser um saco de batatas ou qualquer coisa que vinha apodrecendo no fundo de algum depósito; depois de voltar a rebuscar na mala do carro, resmungando o tempo todo sobre “a nojeira” (correta descrição das coisas), decidiu sacrificar a velha e repugnante capa de chuva sobre a qual um cachorro muito amado mas decrépito morrera tempos atrás a caminho do veterinário.

Durante uns trinta segundos Van acreditou que ainda se encontrava no carro, embora estivesse de fato na enfermaria geral do Hospital Lakeview (Vista do Lago!), entre duas fileiras de homens com bandagens de todo tipo que roncavam, deliravam e gemiam. Quando compreendeu o que se passava, sua primeira reação foi exigir, indignado, que o transferissem para a melhor *palata* particular do hospital e que mandassem alguém buscar a mala e o bordão de alpinista no Majestic. Em segundo lugar, pediu que lhe dissessem quão graves eram seus ferimentos e por quanto tempo ficaria incapacitado. A terceira providência consistiu em retomar aquilo que constituía a única razão de ter visitado Kalugano (visitar Kalugano!). Sua nova morada, onde reis infelizes haviam lutado contra a insônia ao rumar para o exílio, provou ser uma réplica em branco do apartamento que ocupara no hotel — móveis brancos, tapete branco, dossel branco. Como parte da mobília, por assim dizer, vinha também Tatiana, jovem enfermeira extraordinariamente bonita e orgulhosa, de cabelos negros e pele diáfana (alguns de seus gestos e atitudes, bem como aquela harmonia entre o pescoço e os olhos que constitui o segredo especial ainda pouco investigado da graça feminina, lembravam Ada de uma forma estranha e angustiante, imagem da qual ele tentava escapar reagindo francamente aos encantos de Tatiana, ela própria um anjo torturador). A imobilidade forçada impedia-o de utilizar os recursos mais explorados nos cartuns cômicos. Van implorou que ela lhe massageasse as pernas, mas, após o avaliar com olhos negros e sérios, Tatiana delegou a tarefa a Dorofey, um enfermeiro de mãos de aço, suficientemente forte para levantá-lo sozinho da cama enquanto o pobre enfermo o agarrava pelo

pescoço taurino. Quando Van conseguiu tocar com os dedos os seios de Tatiana, ela avisou que reclamaria com seus superiores se ele viesse a repetir o que chamou de “bolinação”. A exibição de seu estado erétil, acompanhada do humilde pedido de que ela fizesse uma carícia curativa, mereceu a resposta seca de que senhores muito distintos recebiam longas sentenças de prisão por fazerem coisa semelhante nos parques públicos. No entanto, muito tempo depois ela lhe enviou uma carta encantadora e melancólica, escrita com tinta vermelha em papel cor-de-rosa, mas na vida dele já se haviam acumulado outras emoções e outros acontecimentos, e Van nunca mais a viu. A mala chegou do hotel prontamente; o bordão, porém, não foi encontrado (deve estar agora mesmo escalando o monte Wellington ou, quem sabe, ajudando alguma senhora a empreender uma excursão botânica no Oregon). Por isso, o hospital lhe forneceu uma Terceira Bengala, peça bastante simpática, cheia de nós, cor de cereja escura, com cabo curvo e sólida ponta de borracha preta. O dr. Fitzbishop congratulou-o por ter escapado com um ferimento superficial, já que a bala havia apenas arranhado o grande *serratus* (também chamado de “músculo do pugilista”). O doutor comentou a maravilhosa capacidade de recuperação de Van, que já se manifestava de pleno, e prometeu que nuns dez dias estaria livre dos desinfetantes e das bandagens desde que, nos três primeiros, ficasse tão imóvel quanto um tronco de árvore caído. Van apreciava música? Em geral, os esportistas gostavam, não é mesmo? Será que desejaria ter uma Sonorola no quarto? Não, não gostava de música, mas talvez o doutor, que frequentava todos os concertos, soubesse lhe dizer onde poderia encontrar um músico chamado Rack. “Enfermaria Cinco”, respondeu o doutor de imediato. Entendendo erroneamente que ele se referia a alguma peça musical, Van repetiu a pergunta. Poderia encontrar o endereço de Rack na loja de música Harper? Bem, eles antes alugavam uma casinha no fim da estrada Dorofey, perto da floresta, mas já há outras pessoas morando lá. Os casos terminais ficavam na Enfermaria Cinco. O pobre coitado sempre tivera o fígado ruim e um coração pouco confiável, mas, coroando tudo isso, algum veneno invadira seu organismo; o laboratório local foi incapaz de identificá-lo, por isso agora esperavam um relatório de Luga acerca daquelas curiosas fezes verdes, cor de sapo. Se o próprio Rack havia tomado o veneno, não abria a boca para confirmá-lo; mais provável que fosse coisa de sua mulher, que mexia com essas bruxarias hindu-andinas e recentemente sofrera um aborto complicado na maternidade do hospital. Sim, trigêmeos... como ele adivinhara? Seja como for, se Van queria tanto visitar seu velho companheiro, teria de fazê-lo tão logo pudesse ser empurrado numa cadeira de rodas por Dorofey até a Enfermaria Cinco, motivo pelo qual deveria aplicar um pouquinho de vodu (rá! rá!) em sua própria carne e seu próprio sangue!



Esse dia não tardou. Após percorrer longos corredores por onde passava uma série de belezocas saltitantes sacudindo seus termômetros, depois de subir e descer em dois elevadores diferentes (o segundo dos quais, muito espaçoso, continha uma tampa de caixão preta com alças metálicas apoiada contra a parede e pequenos ramos de azevinho ou loureiro espalhados pelo chão, que cheirava a sabão), Dorofey, tal como o cocheiro de Oniéguin, disse *priékhali* (chegamos) e empurrou Van cuidadosamente ao longo de dois leitos cercados de biombos de tecido branco rumo a um terceiro perto da janela. Lá o deixou, indo se sentar em frente a uma mesinha no canto da porta e abrindo sem pressa o jornal de língua russa *Gólos* (*Logos*).

“Eu sou Van Veen, caso você não esteja mais suficientemente lúcido para reconhecer alguém que só viu duas vezes. O registro do hospital diz que você tem trinta anos; pensei que fosse mais jovem, mesmo assim é cedo para morrer — seja quem for *tvoiú mat*, o que quer que se seja, meio gênio ou canalha total, ou os dois. Como pode deduzir pelos equipamentos simples porém adequados desta sala silenciosa, alguns o consideram um caso incurável, enquanto outros prefeririam descrevê-lo como um rato que apodrece aos poucos. Nenhum aparelho de oxigênio o ajudará a evitar ‘a agonia das agonias’, no pleonasma feliz do professor Lamort. Os tormentos físicos que vai sentir, ou na verdade já está sentindo, devem ser prodigiosos, mas nada são quando comparados àqueles que o esperam no provável além. O pensamento do homem, monista por natureza, não é capaz de aceitar *dois* nada: ele sabe que houve *um* nada, sua inexistência biológica no passado infinito, pois o branco total de sua memória assim o diz, embora *este* vazio, residindo como é o caso no passado, não seja muito difícil de suportar. Mas um segundo nada — que talvez também não seja tão difícil de suportar — é logicamente inaceitável. Quando se fala de espaço, pode-se imaginar uma partícula viva na unidade sem limites do espaço; mas não há analogia entre esse conceito e nossa breve vida no tempo, uma vez que, por mais breve que seja (e um período de trinta anos é de fato obscenamente curto!), nossa consciência de existir não é um ponto na eternidade, mas uma fenda, uma fissura, um precipício que corta toda a extensão do tempo metafísico, dividindo-o em dois e brilhando — não importa quão estreita a abertura — entre os painéis do antes e do depois. Assim, sr. Rack, podemos falar do tempo passado e, de forma mais vaga porém familiar, do tempo futuro, mas simplesmente não podemos esperar um *segundo* nada, um segundo vazio, um segundo branco. O esquecimento é o espetáculo de uma só noite; assistimos à representação uma única vez, não haverá outra exibição. Por isso devemos encarar a possibilidade de alguma forma duradoura de consciência desorganizada, o que me leva ao ponto principal, sr. Rack. O Rack eterno, a rackeidade infinita, pode não ser muito, mas uma coisa é certa: a única consciência que persiste no além é a

consciência da dor. Já que seu nome também significa aquela roda usada como instrumento de tortura, pode-se dizer que o pequeno Rack de hoje é o suplício infinito de amanhã — *ich bin ein unverbesserlicher Witzbold* (sou um brincalhão incorrigível). Podemos imaginar — acho que devemos imaginar — pequenas aglomerações de partículas que ainda reterão a personalidade de Rack, unindo-se aqui e ali no Além, agarrando-se umas às outras, sabe-se lá como, sabe-se lá onde, uma teia de dores de dente de Rack aqui, um montinho de pesadelos de Rack acolá — tal como pequenos grupos de refugiados obscuros de algum país obliterado se acotovelando em busca de uma pequena dose de calor fétido, para receber alguma caridade esquelética ou para repartir a lembrança de torturas inomináveis nos campos da Tartária. Para alguém mais velho, uma boa torturazinha consiste em ter de esperar numa longa fila diante de um mictório distante. Bem, *Herr Rack*, acredito que as células sobreviventes da rackeidade senil entrarão nessas filas de tormento sem nunca, nunca mesmo, chegarem ao desejado buraco imundo na dor e no pânico da noite infinita. Óbvio, se você conhece bem os romances modernos e se lhe agrada o linguajar dos escritores ingleses, pode me responder que um afinador de pianos da ‘classe média baixa’ que se apaixona por uma garota leviana da ‘classe alta’, com isso destruindo sua própria família, não está cometendo um crime que mereça o castigo a lhe ser dado por um intruso ocasional...”

Com um gesto que lhe era bastante típico, Van rasgou o discurso preparado e disse:

“Sr. Rack, abra os olhos. Sou Van Veen, um visitante.”

O rosto pálido e encovado, com o nariz algo batatudo e o queixo redondo, não registrou nenhuma expressão durante alguns momentos; mas os belos olhos cor de âmbar, límpidos e eloquentes, com cílios pateticamente longos, se abriram. Depois, um leve e fugaz sorriso lhe iluminou os lábios e ele estendeu a mão sem levantar a cabeça do travesseiro coberto de um tecido oleado (por que o oleado?).

Van, da cadeira de rodas, estendeu a ponta da bengala, que a mão débil tomou e apalpou cortesmente, pensando ser um oferecimento de apoio bem-intencionado. “Não, ainda não posso dar nem um passo”, disse Rack com voz clara, malgrado o sotaque alemão que provavelmente constituiria seu grupo mais persistente de células-fantasmas.

Van recolheu a arma inútil. Controlando-se, bateu com a bengala contra o estribo da cadeira de rodas. Dorofey levantou os olhos do jornal e deu uma olhada na direção dele, logo voltando a ler o artigo que o atraía: “Um porquinho bem esperto — memórias de um treinador de animais”, ou então “A Guerra da Crimeia: guerrilhas tártaras ajudam as tropas chinesas”. No mesmo instante uma enfermeira baixinha saiu de trás do biombo mais distante e desapareceu de novo.

Será que ele vai me pedir para transmitir alguma mensagem? Devo recusar? Devo aceitar e não transmiti-la?

“Já foram todas para Hollywood? Diga-me, por favor, barão Von Wien.”

“Não sei”, respondeu Van. “Provavelmente sim. Na verdade...”

“Porque mandei minha última composição para flauta e uma carta para *toda* a família, mas não recebi resposta. Preciso vomitar agora. Eu mesmo toco a campainha.”

A enfermeira baixota, equilibrando-se em cima de saltos brancos de uma altura prodigiosa, abriu um biombo em frente à cama de Rack, separando-o do jovem e melancólico dândi que acabara de fazer a barba e cujo leve ferimento havia recebido um bom número de pontos. O eficiente Dorofey tratou de levá-lo embora.

Chegando ao quarto claro e fresco, enquanto a chuva e o sol se sucediam diante da janela entreaberta, Van caminhou com pernas algo incertas até o espelho, riu para sua imagem em sinal de boas-vindas e, sem necessitar da ajuda de Dorofey, voltou para a cama. A bela Tatiana entrou no quarto como se patinasse sobre o gelo e perguntou se ele queria um pouco de chá.

“Minha querida”, ele disse, “quero você. Olhe só para esta torre de vigor!”

“Se o senhor soubesse”, ela disse por sobre o ombro, “quantos pacientes libidinosos já me insultaram dessa forma...”

Van escreveu uma breve carta para Córdula, dizendo que sofrera um pequeno acidente, que se encontrava no apartamento reservado para príncipes destronados do Hospital Lakeview em Kalugano e que estaria aos pés dela na terça-feira. Escreveu também uma carta ainda mais curta para Marina, em francês, agradecendo-lhe pelo verão encantador. Refletindo melhor, decidiu enviar essa carta de Manhattan para o Pisang Palace Hotel em Los Angeles. Uma terceira carta foi dirigida a Bernard Rattner, seu melhor amigo em Chose, sobrinho do grande Rattner. “Seu tio obedece a padrões muito honestos”, escreveu em meio a outros assuntos, “mas em breve vou demoli-lo.”

Na segunda-feira, por volta do meio-dia, foi autorizado a sentar-se em pleno gramado numa espreguiçadeira que vinha namorando de sua janela fazia alguns dias. O dr. Fitzbishop tinha dito, esfregando as mãos, que o laboratório de Luga informara tratar-se do “aretusoide”, nem sempre letal, mas que isso agora não interessava mais porque o infeliz professor de música e compositor não deveria passar outra noite na Demônia, chegando provavelmente à Terra (rá! rá!) a tempo de participar dos cânticos da tarde. O dr. Fitz era aquilo que os russos chamam de *pochliák* (“pessoa vulgar porém pretensiosa”), e curiosamente Van sentiu alívio por não ser capaz de se regozijar com o martírio do desditoso Rack.

Um grande pinheiro lançou sua sombra sobre ele e o livro que estava lendo. Apanhara-o numa estante que continha uma mistura de manuais de medicina, romances policiais quase aos pedaços, a coletânea de contos de Monparnasse intitulada *Rivière de Diamants* e aquele exemplar isolado da revista *Journal of Modern Sciences* com um ensaio muito complexo de Ripley sobre “A estrutura do espaço”. Van vinha lutando nos últimos dias com suas fórmulas e diagramas pouco confiáveis e via agora que não teria tempo de assimilar completamente todo aquele material antes de partir do hospital no dia seguinte.

Um raio quente de sol o atingiu em cheio e, jogando para o lado o volume vermelho, Van levantou-se da espreguiçadeira. Com a recuperação da saúde, a imagem de Ada se erguia dentro dele como uma onda amarga e brilhante, pronta para engoli-lo. Os curativos haviam sido retirados; apenas uma espécie de colete de flanela envolvia-lhe o tronco e, embora fosse grosso e bem-ajustado, não mais o protegia da ponta envenenada de Ardis. A Mansão da Ponta de Flecha. *Le Château de la Flèche, Flmatesh Hall*.

Passeou pelo gramado entrecortado de sombras, sentindo muito calor por causa do pijama preto e do roupão vermelho-escuro. Um muro de tijolos separava aquela parte do jardim da rua e, mais adiante, o portão aberto permitia que uma aleia asfaltada fizesse uma curva até chegar à entrada principal do comprido prédio do hospital. Estava prestes a retornar à espreguiçadeira quando um elegante sedã cinza-claro de quatro portas atravessou o portão e parou diante de Van. A porta de trás se abriu num repelão antes que o chofer, um homem idoso e todo paramentado, pudesse dar a mão a Córdula, que correu como uma bailarina na direção de Van. Ele a abraçou num frenesi de boas-vindas, beijando seu rosto quente e rosado, massageando o corpo macio e felino por baixo do vestido de seda preta: que surpresa deliciosa!

Viera de Manhattan, a cem quilômetros por hora, temendo que ele já tivesse partido, embora Van houvesse dito que só deixaria o hospital no dia seguinte.

“Tenho uma ideia!”, exclamou ele. “Me leve de volta agora mesmo. Sim, assim mesmo como estou!”

“Está bem”, disse ela, “você fica no meu apartamento, lá tenho um quarto de hóspedes lindo para você.”

A pequena Córdula de Prey era uma boa companheira. No momento seguinte, Van estava sentado ao lado dela no carro, que dava marcha a ré rumo ao portão. Duas enfermeiras vieram correndo, gesticulando muito, e o chofer perguntou em francês se a condessa desejava que ele parasse.

“*Non, non, non!*”, gritou Van na maior alegria, e o carro partiu em disparada.

Resfolegando ainda, Córdula disse:

“Mamãe me telefonou de Malorukino” (a casa de campo da família em Malbrook, no Mayne). “Os jornais locais disseram que você tinha participado de um duelo. Você parece uma rocha de tão saudável, que bom! Sabia que alguma coisa horrível devia ter acontecido porque o pequeno Russel, o neto do doutor Platônov — lembra-se? — viu você, da janela do trem, dando uma surra num oficial do exército na plataforma da estação. Mas, antes de tudo, Van, *niet, pojáluista, on nas vídit* (não, por favor, ele pode nos ver), tenho uma péssima notícia para você. O jovem Fraser, que acaba de voar de volta de Yalta, viu Percy ser morto no segundo dia da invasão, menos de uma semana depois que eles partiram do aeroporto de Goodson. Ele mesmo vai te contar toda a história, cada vez que conta aparecem novos detalhes horríveis. Fraser não parece ter brilhado durante a confusão, por isso é que eu acho que fica tentando explicar as coisas.”

Bill Fraser, filho do juiz Fraser, de Wellington, presenciou o fim do tenente de Prey de uma vala abençoadamente entupida de cornisos e nespereiras, porém, é óbvio, nada podia fazer para ajudar o comandante de seu pelotão devido a uma série de razões que conscienciosamente listou em seu relatório, mas que seria demasiado cansativo e embaraçoso reproduzir aqui. Percy havia sido baleado na coxa durante uma escaramuça com guerrilheiros da tribo dos Khazar numa ravina perto de Chufutkale, um rochedo fortificado. Imediatamente se persuadira, com o estranho alívio dos condenados, de que havia escapado com um ferimento superficial. A perda de sangue fez com que desmaiasse, como também desmaiamos, tão logo tentou engatinhar — ou, na verdade, se contorcer — rumo ao abrigo proporcionado por uma capoeira de carvalhos e arbustos espinhosos onde outro ferido estava confortavelmente instalado. Quando alguns minutos depois Percy — ainda então conde Percy de Prey — retomou a consciência, não mais se encontrava sozinho em sua rude cama de cascalho e capim. Um velho e sorridente tártaro, que além de seu *bechmet* vestia calças jeans americanas (vestuário incongruente mas de certa forma tranquilizador), estava acocorado a seu lado. “*Biédni, biédni*” (pobre, pobre coitado), murmurou aquela boa alma, sacudindo a cabeça raspada e cacarejando: “*Bol’no* (dói)?”. Percy respondeu em seu russo igualmente primitivo que o ferimento não parecia muito grave. “*Karachó, karachó ne bol’no* (tudo bem, tudo bem)”, disse o simpático velhinho e, apanhando a pistola automática que Percy deixara cair, examinou-a com um prazer ingênuo e em seguida lhe deu um tiro na têmpora. (A gente se pergunta, sempre se pergunta, quais teriam sido as rápidas e curtas impressões de um indivíduo executado, tais como preservadas em algum lugar, de alguma forma, na vasta biblioteca dos últimos pensamentos registrados em microfilmes, entre dois momentos: no caso em tela, entre o instante em que nosso amigo se deu conta das rugas afáveis, parecidas com as dos peles-vermelhas, que formavam

um sorriso dirigido a ele contra o pano de fundo de um céu sereno e não muito diferente do de Ladore, e o instante em que sentiu a boca de aço penetrar violentamente na carne tenra e destroçar-lhe os ossos. Pode-se supor que terá sido algo semelhante a uma suíte para flauta, uma série de “movimentos” do tipo, por exemplo: estou vivo — quem é este homem? — um civil — simpatia — sede — filha com cântaro — esta é a porra da minha pistola — não... *et cetera*, ou melhor, não *cetera*... enquanto Bill, com o braço quebrado, morto de medo, rezava para sua divindade romana implorando que o tártaro terminasse o trabalhinho e fosse embora. No entanto, é óbvio, um detalhe de valor incalculável naquela sequência de pensamentos, que se desenrolava como uma história em quadrinhos — talvez logo depois da beldade com o cântaro —, seria um lampejo, uma sombra, uma pontada de Ardis.)

“Que estranho, que estranho”, balbuciou Van quando Córdula concluiu sua versão muito menos elaborada do relatório feito mais tarde por Bill Fraser.

Que estranha coincidência! Ou as flechas fatais de Ada estavam muito afiadas ou ele, Van, de algum modo conseguira despachar seus dois miseráveis amantes duelando com um fantoche.

Estranho também que não sentisse nada mais especial que, talvez, uma espécie de espanto neutro enquanto ouvia a pequena Córdula. Fixado que era nos prazeres da carne, o estranho Van, filho do estranho Demon, estava no momento mais ansioso para desfrutar Córdula tão cedo quanto fosse humana e humanitariamente possível, tão cedo quanto fosse satanicamente possível e as condições do trânsito o permitissem, do que para deplorar o destino de um sujeito que mal conhecia; e, embora nos olhos azuis de Córdula refulgissem algumas lágrimas uma ou duas vezes, Van sabia perfeitamente que ela pouco se dera com seu primo em segundo grau e, na verdade, não gostava nem um pouquinho dele.

Córdula disse para Edmond: “*Arrêtez près de...* como se chama, ah... Albion, *la loja pour messieurs* em Luga”; e, diante da reclamação de Van: “Você não pode voltar para a civilização de pijama”, respondeu com firmeza. “Vou te comprar algumas roupas enquanto Edmond toma um café.”

Comprou uma calça e uma capa de chuva. Van tinha esperado com impaciência no carro estacionado e agora, sob pretexto de vestir as roupas novas, pediu-lhe que o levasse a algum lugar afastado, enquanto Edmond, onde quer que estivesse, bebia outra xícara de café.

Tão pronto chegaram a um local adequado, Van transferiu Córdula para seu colo e a possuiu com todo o conforto e com tamanhos uivos de prazer que ela se sentiu comovida e lisonjeada.

“Menina desmiolada!”, observou a desmiolada Córdula em tom alegre. “Isso provavelmente vai significar outro aborto — *encore un petit enfantôme*, como costumava lamentar-se a pobre empregada de minha

tia cada vez que isso acontecia com ela. Eu disse alguma coisa de errado?”

“Nada de errado”, disse Van, beijando-a com ternura. E voltaram para o café.

Van passou um mês se recuperando no apartamento de Córdula em Manhattan, na avenida Alexis. Como de praxe, ela visitava a mãe no castelo de Malbrook duas ou três vezes por semana, mas Van não a acompanhava nessas visitas nem nos numerosos “eventos” sociais a que Córdula comparecia, pois se tratava de fato de uma garota muito frívola e ávida por todo tipo de diversão. Não obstante, ela deixou de ir a algumas festas e resolutamente evitou encontrar-se com seu mais recente amante (o dr. F. S. Fraser, um psicotécnico então na moda e primo do bem-afortunado colega de farda do falecido P. de P.). Van conversou diversas vezes pelo dorofone com seu pai (que realizava um estudo aprofundado das estações de águas, dos cassinos e da apimentada culinária do México), prestando-lhes alguns serviços na cidade. Levava Córdula com frequência a restaurantes franceses, a filmes ingleses e a tragédias varangianas, tudo de forma muito satisfatória, pois ela apreciava cada garfada, cada gole, cada gracejo, cada soluço, enquanto Van se encantava com o veludo rosado de seu rosto e o azul-céu de seus olhos pintados como se estivesse sempre pronta para ir a alguma festa, aos quais os cílios grossos de um preto azulado, mais compridos e curvos nos cantos externos, emprestavam aquilo que os especialistas chamam de “toque de arlequim”.

Certo domingo, enquanto Córdula ainda se refestelava no banho perfumado (um espetáculo encantador e estranhamente novo para ele, com que se deleitava duas vezes por dia), Van, peladinho (como Córdula gostava de dizer), tentou pela primeira vez, após um mês de abstinência, andar sobre as mãos. Sentindo-se forte e em boa forma, adotou alegremente a “primeira posição” no meio do terraço inundado de sol. No momento seguinte se viu estatelado de costas. Tentou outra vez e, de novo, perdeu o equilíbrio de imediato. Veio-lhe o sentimento aterrador, embora errôneo, de que seu braço esquerdo era agora mais curto do que o direito, e Van se perguntou com amarga ironia se seria capaz de voltar a dançar sobre as mãos. King Wing o havia alertado de que dois ou três meses sem treinar poderiam conduzir a uma perda irreparável daquela arte tão rara. No mesmo dia (os dois incidentes



desagradáveis ficando para sempre ligados em sua mente), Van por acaso atendeu o dorofone — uma voz cavernosa que ele pensou ser de um homem queria falar com Córdula, mas era uma velha colega de escola. Embora fingindo grande satisfação em ouvi-la, Córdula ficou fazendo caretas para Van e inventou diversos compromissos pouco convincentes.

“É uma garota horrorosa!”, gritou depois do melodioso *adieux*. “Chama-se Vanda Broom e soube recentemente o que nunca suspeitei na escola, que ela é uma verdadeira *tribadka*. A pobre da Grace Erminin me disse que a Vanda não parava de passar cantadas nela e na... em outra garota. Aqui está a fotografia dela”, continuou Córdula com uma repentina mudança de tom de voz, mostrando-lhe um álbum de formatura belamente encadernado e finamente impresso, datado da primavera de 1887. Era idêntico ao que Van tinha visto em Ardis, mas no qual não notara o rosto infeliz com sobrancelhas salientes daquela menina sombria. Isso agora não tinha a mínima importância, e Córdula rapidamente fez o volume desaparecer numa gaveta. Mas ele se lembrava muito bem de que, entre várias contribuições mais ou menos modestas, o álbum continha um inteligente pastiche feito por Ada Veen imitando o ritmo dos parágrafos e os fechamentos de capítulos na obra de Tolstói. Na memória de Van lá estava, vívida, a fotografia afetada de Ada, sob a qual constava um de seus versinhos característicos:

*Na mansão ancestral parodiei  
Cada sala e até mesmo uma varanda,  
E dos bosques de Ardis eu imitei  
A flor mais bela de um jacarandá.*

Não tinha nenhuma importância, não tinha a menor importância. Rasgue e esqueça! Entretanto, uma borboleta no parque ou uma orquídea na vitrine de uma loja eram suficientes para reviver tudo com um ofuscante choque interior de desespero.

Sua principal ocupação consistia em pesquisar na Biblioteca Pública, aquele grande e tremendo palácio com suas imensas colunas de granito situado a alguns quarteirões de distância do acolhedor apartamento de Córdula. A gente se sente irresistivelmente tentado a comparar os estranhos desejos e as náuseas que acompanham a elaboração do primeiro livro por um jovem escritor com tudo aquilo que sente uma mulher na gravidez. Van só tinha atingido o estágio nupcial; mais tarde, para levar adiante a metáfora, viria a defloração caótica no vagão-dormitório; depois, a lua de mel e o primeiro café da manhã tomado na varanda, junto com a primeira vespa. De modo algum Córdula podia ser comparada à musa de um escritor, mas a caminhada de volta para seu apartamento no fim da tarde era agradavelmente saturada do sentimento do trabalho feito e da expectativa de suas

carícias; em especial, Van antecipava com prazer aquelas noites em que mandavam subir um jantar caprichado do “Mônaco”, o bom restaurante situado no mezanino do alto edifício que era coroado pelo apartamento de cobertura de Córdula e seu espaçoso terraço. A doce banalidade da vidinha doméstica que haviam estabelecido oferecia a Van um apoio muito mais sólido do que a companhia do pai, fogoso e constantemente agitado, nas raras vezes em que se encontraram na cidade e também nas duas semanas que passariam juntos em Paris antes do começo das aulas em Chose. Com exceção dos mexericos — mexericos mixurucas —, Córdula era incapaz de conversar, o que também ajudava. Ela bem cedo se tinha dado conta, instintivamente, de que nunca deveria mencionar Ada ou Ardis. Van, por seu lado, aceitava o fato evidente de que ela não o amava. Seu corpo pequeno, macio e bem acolchoado, com curvas generosas e pele límpida, era delicioso de acariciar, e a patente surpresa de Córdula diante da variedade e do vigor das investidas sexuais de Van servia como um bálsamo para o que restava de seu rude orgulho viril. Ela cochilava entre dois beijos. Quando não conseguia dormir, o que agora acontecia com frequência, ele se retirava para a sala de estar e lá ficava sentado, anotando as obras de seus autores prediletos, ou andava de um lado para o outro no terraço aberto sob uma névoa de estrelas, meditando sobre algumas questões muito bem definidas, até que o primeiro bonde passasse chocalhando e guinchando no abismo da cidade que a aurora começava a despertar.

Quando partiu de Manhattan para Lute em princípios de setembro, Van Veen estava grávido.

## SEGUNDA PARTE

Num dos espelhos com molduras douradas da antiquada sala de espera do aeroporto Goodson, Van entreviu a cartola de seda de seu pai, que, sentado numa poltrona de madeira marmorizada, ocultava-se por trás de um jornal cujas letras invertidas diziam: “Crimeia Capitula”. No mesmo instante, Van foi abordado por um homem de rosto rosado e simpático, embora algo porcino, que vestia uma capa de chuva. Ele representava uma famosa agência internacional, conhecida como CMC, que fazia a entrega de Cartas Muito Confidenciais. Após um primeiro choque de surpresa, Van refletiu que Ada Veen, até havia pouco sua amante, não poderia ter escolhido modo mais inteligente (em todos os sentidos da palavra) para mandar uma mensagem cujo processo de transmissão, fantasticamente caro e célebre, garantia um segredo tão absoluto que nem a tortura nem o hipnotismo haviam sido capazes de comprometer nos dias sombrios de 1859. Dizia-se que até mesmo Gamaliel em suas viagens a Paris (infelizmente, não mais tão frequentes), o rei Victor nas visitas ainda bastante assíduas a Cuba ou Hécuba e, naturalmente, o robusto lorde Goal, vice-rei da França, ao desfrutar de suas excursões por toda a Canádia, preferiam a infalibilidade fenomenalmente discreta (e, na verdade, bastante assustadora) da CMC aos esquemas oficiais de que dispõem os potentados sexualmente famintos para enganar as esposas. O mensageiro em causa dizia chamar-se James Jones, palavras cuja absoluta falta de conotação constituía um pseudônimo ideal, conquanto compusessem seu nome verdadeiro. O espelho começou a registrar movimentos nervosos, mas Van não estava disposto a agir às pressas. A fim de ganhar tempo (uma vez que, tendo-lhe sido mostrado o brasão de Ada num cartão à parte, cabia a ele decidir se aceitava ou não a carta), examinou de perto o escudo semelhante ao ás de copas que J. J. exibia com perdoável orgulho. O agente pediu a Van que abrisse a carta, se assegurasse de sua autenticidade e assinasse o cartão, que então desapareceria em algum orifício da anatomia ou da roupa do jovem detetive. Os gritos de boas-vindas e de impaciência do pai de Van (que usava para a viagem à França uma capa negra com forro de

seda escarlate) por fim fizeram com que Van interrompesse o colóquio com James e embolsasse a carta (lida minutos depois no banheiro, antes do embarque).

“O mercado de ações”, disse Demon, “está subindo como um foguete. Nossos triunfos territoriais *et cetera*. Um governador americano, meu amigo Bessborodko, vai assumir na Bessarábia, e um inglês, Armborough, vai governar a Armênia. Vi você todo agarrado à nossa pequena condessa perto do estacionamento. Se casar com ela, eu te deserdo. Eles estão muito abaixo do nosso nível.”

“Dentro de alguns anos”, disse Van, “vou pôr a mão nos meus próprios milhõezinhos” (referindo-se à fortuna que Aqua lhe deixara). “Mas não precisa se preocupar, interrompemos nosso romance... até a próxima vez em que eu queira passar uns tempos no apartamento dela.”

Demon, fazendo questão de exibir sua astúcia, quis saber se Van ou sua *poule* haviam tido algum problema com a polícia (acenando na direção de Jim ou John, que, tendo de fazer outra entrega, estava sentado, passando os olhos pelas matérias do jornal que tratavam de Crime, Cópula e Bessarmênia).

“*Poule*”, respondeu Van com a taciturnidade evasiva do rabino romano protegendo Barrabás.

“Por que cinza?”, perguntou Demon aludindo ao sobretudo de Van. “Por que esse corte militar? É tarde demais para se alistar.”

“Não poderia mesmo, a junta de alistamento me rejeitaria de todo modo.”

“Como está o ferimento?”

“*Komsi-komsa*. Parece que o cirurgião de Kalugano fez a maior trapalhada. Sem nenhum motivo, a cicatriz ficou vermelha e em carne viva, além do que apareceu um calombo na axila. Vou ter de entrar na faca de novo... só que dessa vez em Londres, onde os açougueiros sabem trinchar muito melhor. Onde é o *miéstietchko* aqui? Ah, estou vendo. Simpático (uma folha de parreira numa porta, uma samambaia na outra). Deixe eu dar um pulo no herbário.”

Van não respondeu à carta e, quinze dias depois, John James, agora disfarçado de turista alemão (tecidos axadrezados da cabeça aos pés), lhe entregou uma segunda mensagem no Louvre, bem em frente ao *Bateau Ivre*, de Bosch, aquele quadro em que um bufão está bebendo em meio ao cordame do navio (o pobre Dan pensou que tinha algo a ver com o poema satírico de Brant!). Van não desejava responder às cartas — embora, como o honesto mensageiro assinalou, tais respostas, juntamente com sua própria passagem de volta, já estivessem incluídas no preço.

Nevava, porém James, num acesso de abstrata jovialidade, se abanava com uma terceira carta diante da porta do *cottage orné* de Van

no rio Ranta, perto de Chose. Foi então que Van Ihe pediu que não trouxesse mais mensagens.

Durante os dois anos que se seguiram, duas outras cartas foram entregues, ambas em Londres e ambas no vestíbulo do Albânia Palace Hotel por outro funcionário da CMC, um senhor idoso de chapéu-coco, cuja aparência simples, semelhante à de um agente funerário, poderia (nas palavras do modesto e sensível Jim) ser menos irritante para o sr. Van Veen do que a de um detetive particular aparentemente saído de algum romance policial. Uma sexta carta chegou pelas vias normais em Park Lane. Todas (menos a última, que tratava apenas das atividades de Ada no teatro e no cinema) estão reproduzidas abaixo. Ada desconhecia as datas, mas elas podem ser indicadas de forma aproximada.

[Los Angeles, primeiros dias de setembro, 1888]

*Você me perdoará por utilizar um meio tão metido a besta e também tão vulgar para te fazer chegar esta carta, mas não conheço nada mais seguro.*

*Quando disse que era incapaz de falar e que escreveria, quis dizer que não saberia encontrar as palavras certas de repente. Eu te imploro. Senti que não teria condições de formar estas palavras, de organizá-las verbalmente na ordem correta. Eu te imploro. Achei que uma palavra errada ou mal colocada seria fatal, você simplesmente viraria as costas, como fez, e iria embora, e iria embora, e iria embora. Eu te imploro, me dê uma migalha de compreensão. Mas agora acho que deveria ter corrido o risco de falar, de gaguejar, pois vejo que também é horrivelmente difícil abrir meu coração e defender minha honra por escrito... até mesmo mais difícil, porque, ao falar, uma pequena pausa de hesitação pode servir de biombo, ou se pode invocar uma confusão ao pronunciar palavras semelhantes, como uma lebre que levou um tiro do caçador e perdeu metade da boca, ou voltar atrás e retocar o que foi dito; mas, contra o pano de fundo de um campo nevado, mesmo coberto com a neve azul desse bloco de papel de carta, os erros aparecem em vermelho e são definitivos. Eu te imploro.*

*Uma coisa precisa ficar clara de uma vez por todas, irrevogavelmente. Eu só amei, só amo e só amarei você. Eu te imploro e te amo, meu querido, minha dor e minha paixão são eternas. Ti tut stoiál (Você se instalou aqui), nesta karavansaray (hospedaria), no meio de tudo, sempre presente, quando eu devia ter uns sete ou oito anos, não foi?*

[Los Angeles, meados de setembro, 1888]

*Este é um segundo uivo iz Áda (vindo do Hades). Estranhamente, no mesmo dia soube por três fontes diferentes de teu duelo em K.; da morte de P.; e de tua recuperação no apartamento da prima dele ("é de*

*tirar o chapéu”, como eu e ela costumávamos dizer). Telefonei para lá, mas ela me disse que você tinha partido para Paris e que R. também havia morrido — não por tuas mãos, como imaginei por um instante, e sim pelas mãos de sua mulher. Nem ele nem P. foram tecnicamente meus amantes, porém nada disso tem agora a menor importância porque estão ambos na Terra.*

[Los Angeles, 1889]

*Estamos ainda no albergue rosa-choque e verde-esmeralda onde você se hospedou no passado com teu pai. Aliás, ele tem sido maravilhoso comigo, adoro quando saímos juntos. Já fomos jogar em Nevada, a cidade que rima comigo, mas você também estava lá, como o rio legendário da Velha Rus. Da. Ah, me escreva, nem que seja um bilhetinho, estou fazendo todo o possível para te agradar! Quer mais algumas noticiinhas (desesperadas)? O novo diretor de consciência artística de Marina define o Infinito como o ponto mais distante da câmara que ainda está em foco. Deram-lhe o papel de Várvara, a freira surda (que, sob certos aspectos, é a mais interessante das Quatro Irmãs de Tchékhev). Como adota a técnica de Stan, segundo a qual personagem e artista devem conviver na vida cotidiana, ela não abandona Várvara um só minuto: no restaurante do hotel, bebe chá v prikusku (“mordiscando o cubo de açúcar entre cada gole”) e finge que entende errado todas as perguntas que lhe são dirigidas, naquele mesmo modo esquisito que tem a freira de se passar por idiota — uma dupla confusão que irrita os estranhos mas que, de alguma forma, me faz sentir mais sua filha do que nos tempos de Ardis. Em geral, ela tem sido um grande sucesso por aqui. Ofereceram-lhe (não inteiramente grátis, acredito) um bangalô especial na Cidade Universal, com o nome Marina Durmânova na porta. Quanto a mim, sou apenas uma garçoneite sem importância num faroeste de quarta categoria, saracoteando de lá para cá enquanto os bêbados dão murros nas mesas; mas gosto muito da atmosfera de Houssaie, o profissionalismo artístico, as estradinhas sinuosas de montanha, as reconstituições de ruas com a indefectível pracinha, e um anúncio cor de malva na fachada de madeira superenfeitada de uma loja. Por volta do meio-dia, todos os extras vestidos com roupas de época fazem fila diante de uma cabine de vidro, porém não tenho a quem chamar.*

*Por falar em chamadas, outra noite vi com Demon um filme ornitológico realmente fabuloso. Nunca tinha me dado conta de que os suimangas paleotropicals (procure nos livros sobre pássaros!) são uma espécie mimética dos colibris do Novo Mundo — e todos os meus pensamentos, ah, meu querido, são miméticos dos teus. Eu sei, eu sei! Sei até que você parou de ler minha carta quando viu a palavra “ornitológico” — como nos bons tempos.*

[Califórnia? 1890]

*Só amo você, só sou feliz sonhando com você, você é minha alegria e meu mundo, isso é tão certo e tão real quanto me saber viva, mas... ah, não te acuso! ... mas você, Van, você é responsável (ou o Destino é responsável através de você, ce qui revient au même) por haver liberado algo louco em mim quando ainda éramos crianças, uma sofreguidão física, uma coceira insaciável. O fogo que você acendeu deixou marca no ponto mais vulnerável, mais perverso e mais sensível do meu corpo. Agora tenho de pagar por você haver arranhado a ferida vermelha com força demais e cedo demais, assim como a madeira calcinada tem de pagar pela brasa que a queimou. Quando fico sem tuas carícias, perco todo o controle de meus nervos, nada mais existe senão o êxtase da fricção, o efeito duradouro da tua ferroada, do teu veneno delicioso. Não te acuso, mas é por isso que desejo e não posso resistir ao impacto de outra carne; é por isso que nosso passado comum gera ondas de traição ilimitadas. Você bem pode diagnosticar tudo isso como um caso de erotomania avançada, mas não basta como explicação, pois existe uma cura simples para todos os meus males e agonias, um extrato de arilo vermelho que só você produz, a carne do teixo, e eu só giro em torno do teu eixo. Je réalise, como costumava dizer tua meiga Cinderela de Torf (atualmente sra. Trofim Peidukov), que estou sendo provocadora e obscena. Mas tudo conduz a uma importante, importantíssima sugestão! Van, je suis sur la verge (outra vez Blanche) de uma aventura amorosa repugnante. Eu poderia ser salva num instante por você. Pegue a mais veloz máquina voadora que puder alugar e venha diretamente para El Paso, tua Ada estará esperando, acenando como uma maluca, e de lá vamos seguir pelo Expresso Novo Mundo, numa suíte que vou conseguir, para a ponta incandescente da Patagônia, o Chifre do capitão Grant, uma villa em Verna, minha joia, minha agonia. Mande-me um aerograma com uma única palavra russa — o final do meu nome, da (sim).*

[Arizona, verão, 1890]

*Só um grande sentimento de piedade, a jálost das moças russas, fez com que eu me aproximasse de R. (ultimamente “descoberto” pelos críticos musicais). Ele sabia que morreria cedo e na verdade nunca passou de um cadáver, pois jamais — e isso eu juro — se mostrou à altura das circunstâncias, nem quando revelei abertamente minha piedosa não resistência; porque, infelizmente, na falta de Van, eu estava transbordando de vitalidade e havia mesmo chegado a pensar em comprar os serviços de algum jovem e rude mujique (quanto mais rude melhor). Quanto a P., posso explicar que me submeti a seus beijos (de início carinhosos e banais, ganhando depois em força e perícia até que, por fim, tinham gosto de mim mesma quando ele voltava à minha boca — um círculo vicioso que começou a girar nos primeiros dias de*



targélio, 1888) pela simples razão de que, se parasse de vê-lo, ele contaria à minha mãe que eu estava tendo um romance com meu primo. Ele disse que era capaz de reunir testemunhas, tais como a irmã da tua Blanche e um cavaliço que, desconfio, era o disfarce usado pela mais jovem das três senhoritas de Tourbe, todas elas bruxas... mas chega! Van, eu poderia falar muito dessas ameaças para explicar minha conduta com relação a você. Não mencionaria, é óbvio, que foram feitas em tom de brincadeira, pouco apropriado a um genuíno chantagista. Nem mencionaria que, mesmo se ele tivesse chegado a recrutar mensageiros e informantes anônimos, isso poderia terminar por arruinar sua própria reputação tão logo fossem conhecidos seus motivos e procedimentos, como seria inevitável a longo prazo. Em suma, eu te ocultaria o fato de que sabia que o objetivo de toda aquela conversa grosseira nada mais era que abalar a frágil Ada, pois, malgrado sua grosseria, ele tinha um elevado senso de honra, por mais estranho que possa parecer a você e a mim. Não, eu me concentraria inteiramente no efeito da ameaça sobre alguém que preferia submeter-se a qualquer infâmia a ter de encarar a sombra da revelação, porque (e isso, naturalmente, nem ele nem seus informantes poderiam saber), tão chocante quanto poderia parecer um romance entre primos de primeiro grau numa família conservadora, recuso-me a imaginar (como nós dois sempre fizemos) de que modo Marina e Demon reagiriam no “nosso” caso. Pelos trancos e derrapagens de minha sintaxe você verá que não posso explicar logicamente meu comportamento. Não nego que senti uma estranha fraqueza durante os perigosos encontros que concedi a ele, como se seu desejo brutal continuasse a fascinar não apenas meus sentidos curiosos como também meu intelecto relutante. No entanto, posso jurar, a solene Ada pode jurar, que durante nossos “encontros silvestres” consegui evitar, senão que ele se aliviasse, ao menos a posse antes e depois de teu retorno a Ardis, exceto numa ocasião confusa em que praticamente me pegou à força, sempre tão impulsivo mas agora morto e acabado.

Escrevo do Rancho Marina — não muito longe da pequena ravina em que Aqua morreu e na qual às vezes acho que vou rastejar algum dia. Por enquanto, estou voltando por algum tempo ao Hotel Pisang — aquele verde-esmeralda.

Saúdo o leitor atento.

Em 1940, no cofre do banco suíço onde havia sido preservado por exatamente meio século, Van reencontrou o magro pacote contendo as cinco cartas, cada qual no envelope de papel de seda cor-de-rosa fornecido pela CMC, e surpreendeu-se com seu pequeno número. A expansão do passado e o crescimento luxuriante da memória tinham multiplicado esse número para pelo menos cinquenta. Lembrou-se de que também havia usado como esconderijo a escrivãzinha de seu

escritório em Park Lane, mas sabia que só tinha guardado lá a sexta carta, uma missiva inocente (Sonhos de Teatro) de 1891, que pereceu, junto com as mensagens em código (de 1884-88), quando o insubstituível palacete pegou fogo em 1919. Dizia-se que esse feito flamejante fora obra dos mais influentes políticos no governo da cidade (três homens idosos de longas barbas e um jovem prefeito de olhos azuis e uma quantidade fabulosa de dentes frontais), incapazes de conter por mais tempo a ânsia de possuir o espaço ocupado pelo robusto anão entre dois colossos de alabastro. No entanto, em vez de lhes vender a área carbonizada, como pretendiam, Van ali construiu alegremente sua famosa *Villa Lucinda*, um museu em miniatura de apenas dois andares: no térreo ficava a coleção (que nunca parou de crescer) de microfotografias dos quadros exibidos nas galerias públicas e particulares de todo o mundo (sem excluir nem mesmo a Tartária), enquanto o segundo andar continha uma verdadeira colmeia de salas de projeção. Um pequeno porém extremamente apetitoso memorial feito de mármore de Paros e administrado por um bom número de funcionários, protegido por três guardas fortemente armados e aberto ao público apenas às segundas-feiras ao custo simbólico de um dólar de ouro por pessoa, independentemente de idade ou condição social.

Sem dúvida, a estranha multiplicação retrospectiva dessas cartas podia ser explicada pelo fato de que cada qual havia lançado uma sombra lancinante, tal como um vulcão na Lua, sobre vários meses de sua vida, reduzindo-se a apenas um ponto quando começava a brotar o pressentimento não menos doloroso de outra mensagem. Porém, muitos anos depois, ao trabalhar na obra *Textura do tempo*, Van encontrou nesse fenômeno uma prova adicional de que o tempo real se relaciona ao intervalo entre os acontecimentos, e não à sua “passagem”, não à combinação dos eventos, não ao fato de que projetam uma sombra sobre a fissura onde transparece a textura temporal pura e impenetrável.

Decidiu ser firme e sofrer em silêncio. Sua autoestima estava satisfeita: o duelista agonizante morre mais feliz do que o adversário vitorioso jamais o será. Entretanto, não devemos culpar Van por não haver perseverado em sua decisão, pois não é difícil entender por que uma sétima carta (transmitida em Kingston, em 1892, pela meia-irmã de ambos) o faria sucumbir. Porque ele sabia que seria a última da série. Porque tinha sido escrita no bosque de bordos cor de sangue de Ardis. Porque sacramentava um período de quatro anos, idêntico ao da primeira separação. Porque Lucette, contra toda a razão e toda a vontade, revelou-se uma paraninfa impecável.

As cartas de Ada respiravam, se contorciam, viviam; as *Cartas da Terra* de Van, “um romance filosófico”, não exibiam o menor sinal de vida.

(Não concordo, é um livrinho muito, muito bonito! Anotação de Ada.)

Ele o tinha escrito por assim dizer involuntariamente, não dando a menor pelota para a fama literária. Nem o charme inverso da pseudonímia o atraiu, como havia ocorrido quando dançava sobre as mãos. Embora a “ vaidade de Van Veen” fosse um assunto frequente nos salões onde as senhoras se abanavam com grandes leques, dessa vez as longas penas azuis de seu orgulho permaneceram fechadas. O que, então, o motivou a escrever sobre um tema que já havia sido explorado até a exaustão em dezenas de livros acerca de viagens interplanetárias? Nós — quem quer que “nós” sejamos — poderíamos definir tal compulsão como o impulso prazeroso de exprimir por meio de imagens verbais certas excentricidades inexplicavelmente correlacionadas que ele observara mais de uma vez em doentes mentais desde seu primeiro ano em Chose. Van tinha pelos loucos uma paixão igual a que outros sentem por aracnídeos ou orquídeas.

Havia boas razões para não levar em conta os pormenores tecnológicos que envolveriam a descrição das intercomunicações entre Terra a Bela e nossa terrível Antiterra. Seus conhecimentos de física, mecânica e coisas do gênero restringiam-se aos riscos de giz no ginásio. Consolava-se com o pensamento de que nenhum censor na América ou na Grã-Bretanha deixaria passar a menor referência a dispositivos “magnéticos”. Sem muito alarde, tomou emprestado de seus grandes predecessores (Counterstone, por exemplo) o que eles haviam imaginado como forma de propulsão de uma nave tripulada, inclusive a brilhante ideia de que uma velocidade inicial de alguns milhares de quilômetros por hora fosse aumentando, sob a influência de um tipo counterstoniano de fluido existente entre as galáxias irmãs, até chegar a vários trilhões de anos-luz por segundo e por fim, sem o menor risco, assumir o ritmo de descida de um indolente paraquedas. Reelaborar em elucubrações irracionais toda aquela Cyraniana, todas aquelas “ficções físicas”, teria sido não apenas uma chatice mas um

verdadeiro absurdo, pois ninguém sabia a que distância a Terra ou outros inumeráveis planetas munidos de chalés e vacas estavam situados no espaço exterior ou interior. “Interior”, sim, porque bem podemos supor que estejam microcosmicamente presentes nas bolhas douradas que se elevam céleres nesta taça de Moët, ou nos corpúsculos que transitam em minhas veias

(ou nas minhas, registra Ada Veen),

ou no pus do furúnculo do sr. Niekto que acaba de ser lancetado em Niekto ou Niekton. Além do mais, embora nas prateleiras das bibliotecas existissem obras de referência redundantes em abundância, era impossível ter acesso direto aos livros proibidos, ou queimados, dos três cosmólogos — Xertigny, Yates e Zotov (pseudônimos) — que haviam temerariamente dado início à coisa toda meio século antes, provocando, e endossando, tanto pânico, tanta demência, tantos livrecos execráveis. Os três cientistas haviam desaparecido: X se suicidara; Y fora sequestrado pelo empregado de uma lavanderia e levado para a Tartária; e Z, um sujeito engraçado de rosto avermelhado e suíças brancas, vinha levando seus carcereiros de Yakima à loucura ao produzir crepitações incompreensíveis, ao inventar incessantemente tintas invisíveis, ao mudar de cor subitamente como um camaleão, ao emitir sinais nervosos e espirais de luzes que se afastavam, ao executar proezas de ventriloquia imitando tiros de revólver e sirenes.

Pobre Van! No esforço de impedir que a imagem de Ada se misturasse por menos que fosse à da autora das cartas enviadas da Terra, carregou tanto no dourado e no rosa que Theresa acabou se tornando um modelo de banalidade. Com suas mensagens, essa Theresa havia enlouquecido um cientista em nosso facilmente enlouquecível planeta; seu nome com jeito de anagrama, Sig Leymanski, tinha em parte sido derivado por Van do nome do último médico de Aqua. Quando a obsessão de Leymanski se transformou em amor, fazendo com que a paixão do leitor se fixasse na encantadora e melancólica esposa traída (que antes do casamento se chamava Antília Glems), nosso autor se viu confrontado com a tarefa aflitiva de apagar inteiramente em Antília, morena de nascença, todos os traços de Ada, reduzindo assim outro personagem à condição de mero manequim de cabelos oxigenados.

Depois de enviar para Sig uma dúzia de mensagens, Theresa veio voando de seu planeta para se encontrar com ele, e o cientista, em pleno laboratório, teve de examiná-la com a ajuda de um potente microscópio a fim de apreciar a forma minúscula — embora perfeita em todos os sentidos — de sua amada, um gracioso microorganismo que estendia os braços transparentes na direção do imenso e úmido globo ocular que o observava. Infelizmente, o *testibulus* (proveta, favor não

confundir com *testiculus*, orquídea), dentro do qual Theresa dançava como uma microssereia, foi “acidentalmente” jogado fora por Flora, a assistente do professor Leyman (que a essa altura já havia encurtado seu nome), inicialmente uma bela e funesta mulher de cabelos negros e pele cor de marfim, transformada pelo autor, a tempo, num terceiro manequim banal com um coque de cor indistinta.

(Antília mais tarde recuperou o marido e Flora foi arrancada pela raiz. Adendo de Ada.)

Na Terra, Theresa havia trabalhado como repórter ambulante para uma revista americana, permitindo assim que Van pudesse descrever os aspectos políticos do planeta-irmão. Isso lhe deu pouco trabalho, pois consistiu na verdade em um mosaico das anotações laboriosamente coligidas de seus próprios relatórios sobre o “delírio transcendental” dos pacientes. A acústica era deficiente, os nomes próprios com frequência chegavam alterados e um calendário caótico embaralhava a ordem dos eventos, mas em geral os pontinhos coloridos formavam um desenho geomântico razoavelmente nítido. Como haviam conjecturado os primeiros pesquisadores, nossos anais seguiam os da Terra ao longo das pontes do tempo com um atraso de cerca de meio século, embora os antecipssem em certas correntes submarinas. Na época em que se desenvolve nossa triste história, o rei da Inglaterra no planeta Terra, mais um George (aparentemente pelo menos meia dúzia de outros o haviam precedido no trono), governava, ou tinha governado até bem pouco, um império mais retalhado (com manchas e borrões estrangeiros entre as Ilhas Britânicas e a África do Sul) do que seu compacto equivalente em nossa Antiterra. A Europa Ocidental apresentava um vazio particularmente gritante: desde o século XVIII, quando uma revolução virtualmente incruenta havia destronado os Capeto e repellido todos os invasores, a França da Terra florescera sob dois imperadores e uma série de presidentes burgueses, dos quais o atual, Doumercy, parecia bastante mais digno de afeto do que milorde Goal, o governador de Lute! Rumo ao leste, em vez de Khan Sosso e de seu desalmado Sovietnamur Khanate, uma super-Rússia, dominando a região do Volga e outras bacias hidrográficas semelhantes, era governada pela URSS — União das Repúblicas Soberanas e Solidárias (ou algo do gênero), que havia sucedido aos czares, conquistadores da Tartária e de Trst. Por último, mas não menos importante, dizia-se que Athaulf o Futuro — um gigante louro que vestia uniformes elegantíssimos e era a paixão secreta de muitos nobres britânicos, capitão honorário da polícia francesa e aliado benevolente de Rus e Roma — estava transformando uma Alemanha bolorenta num grande país com autoestradas, soldados imaculados, bandas marciais e acampamentos muito modernos para os desajustados e seus filhos.

Sem dúvida, boa parte dessas informações colhidas por nossos terapeutas (nome pelo qual eram designados os colegas de Van) chegava de forma defeituosa, mas sempre predominavam os doces acordes da felicidade. Ora, o propósito do romance era sugerir que a Terra trapaceava, que nem tudo lá era um paraíso, que talvez, de alguma forma, a mente humana e a carne humana sofressem naquele planeta-irmão tormentos mais cruéis do que em nossa Demônia de tão má reputação. Em suas primeiras cartas, antes de deixar a Terra, Theresa só tinha palavras de elogio para com seus governantes — em especial russos e alemães. Nas últimas mensagens, enviadas do espaço, confessou que exagerara nas manifestações de bem-estar; que, na verdade, fora um mero instrumento da “propaganda cósmica” — uma admissão corajosa, pois agentes na Terra poderiam tê-la levado de volta ou a destruído em pleno voo caso tivessem conseguido interceptar suas ôndulas tão sinceras, embora já então dirigidas em nossa direção (conquanto não caiba perguntar a Van com base em que método ou princípio). Infelizmente, nem o mecanicismo nem o moralismo eram campos em que se destacasse, e o que aqui resumimos numas poucas frases despreocupadas foi por ele desenvolvido e embelezado ao longo de nada menos que duzentas páginas. Devemos lembrar que tinha apenas vinte anos; que sua alma jovem e orgulhosa se encontrava num estado de dolorosa aflição; que havia lido em demasia e criado muito pouco; e que as miragens brilhantes surgidas diante dele ao sentir as primeiras dores do parto literário no terraço de Córdula agora se apagavam sob o efeito da prudência, assim como acontecia com as maravilhas que os exploradores medievais de Catai temiam revelar ao padre veneziano ou ao filisteu flamengo.

Van passou uns dois meses em Chose dedicando-se a copiar seus garranchos originais numa caligrafia clara para depois aplicar infundáveis correções ao novo texto, de tal forma que o manuscrito por fim entregue a uma obscura agência de Bedford, para ser secretamente datilografado em três cópias, mais parecia um mero rascunho. Esse novo texto foi outra vez desfigurado durante sua viagem de volta à América a bordo do *Queen Guinevere*. Já em Manhattan, as provas tiveram de ser refeitas duas vezes, devido não apenas ao grande número de novas alterações, mas também à excentricidade de suas notações de revisão.

As *Cartas da Terra*, de Voltemand, foram publicadas em 1891, coincidindo com o vigésimo primeiro aniversário de Van, por duas editoras-fantasmas, “Abencerage” em Manhattan e “Zegris” em Londres.

(Se eu tivesse visto um exemplar, teria reconhecido *imediatamente* a *lápotchka* de Chateaubriand e, portanto, também a tua patinha.)

O novo advogado de Van, o sr. Gromwell, com seus olhos inocentes e barba alourada, fazia jus ao sobrenome botânico (aljofareira). Era

sobrinho do grande Grombtchevski, que durante os últimos trinta anos ou mais cuidava de alguns negócios de Demon com zelo e argúcia. Gromwell devotava igual carinho aos interesses pessoais de Van, porém tinha escassa experiência nas complexidades das lides editoriais (das quais Van nem fazia ideia), desconhecendo, por exemplo, que cumpria enviar “exemplares de cortesia” aos responsáveis por vários periódicos ou que os anúncios publicitários deviam ser pagos, não cabendo esperar que aparecessem por geração espontânea, na glória de uma página inteira, competindo com os comentários elogiosos dirigidos a obras tais como *Os possuídos*, da srta. Love, ou *O ofegante*, do sr. Dukes.

Mediante gorda comissãozinha, uma funcionária do sr. Gromwell, chamada Gwen, ficou encarregada não só de entreter Van mas de fornecer às livrarias de Manhattan metade dos exemplares impressos, enquanto um velho amante dela na Inglaterra fazia o mesmo com a outra metade nas livrarias de Londres. A Van parecia injusta e ilógica a noção de que qualquer pessoa suficientemente amável a ponto de vender seu livro não devesse reter os dez dólares ou algo assim que custara para produzir cada exemplar. Por isso, quando a análise cuidadosa de um relatório de vendas enviado por seus agentes em fevereiro de 1892 deixou claro que, em doze meses, apenas seis exemplares haviam sido vendidos (dois na Inglaterra e quatro na América), Van sentiu pena das pobres vendedoras — morenas pálidas de braços nus, cansadas e mal remuneradas — ao pensar nos esforços que elas sem dúvida tinham feito para atrair a atenção de sisudos homossexuais (“Trata-se de um romance muito ousado sobre uma moça chamada Terra”). Do ponto de vista estatístico, e levando em conta as circunstâncias pouco ortodoxas com que havia sido tratada aquela correspondência enviada da pobre Terra, não era de se esperar nenhuma resenha crítica. Curiosamente, contudo, apareceram duas. A primeira, escrita pelo Primeiro Palhaço, foi publicada na revista *Elsinore*, renomado semanário londrino, como parte de um levantamento intitulado, com o gosto que têm os jornalistas ingleses por esses falsos jogos de palavras, “*Terre à terre, 1891*”, onde eram comentados os “romances sobre viagens espaciais” daquele ano, quando o gênero já começava a definhar. O articulista considerou a contribuição de Voltemand a menos má do lote, descrevendo-a (com impecável discernimento, cumpre reconhecer) como “uma fábula obscura, tediosa, trivial e suntuosamente enfeitada, com algumas poucas metáforas absolutamente maravilhosas que comprometem a total inépcia da história”.

O único outro elogio foi dado ao pobre Voltemand numa pequena revista de Manhattan (*A Sobrancelha do Village*) pelo poeta Max Mispel (outro nome botânico, nespereira), membro do Departamento de Alemão da Universidade de Goluba. *Herr* Mispel, que gostava de se

gabar de suas leituras, detectou nas *Cartas da Terra* a influência de Osberg (escritor espanhol de contos de fadas pretensiosos e breves narrativas místico-alegóricas, altamente apreciado pelos autores de teses acadêmicas com pouco tempo para pensar), bem como a de um antigo árabe, autor obscuro de sonhos anagramáticos, cujo nome foi transliterado para Ben Sirine pelo capitão de Roux, segundo nos diz Burton em sua adaptação do tratado de Nefzawi acerca do melhor método de manter relações sexuais com mulheres obesas ou corcundas (*O jardim perfumado*, edição Panther, p. 187, exemplar oferecido ao barão Van Veen, então com noventa e três anos, pelo professor Lagosse, seu médico particular e grande libertino). A crítica terminava assim: “Se o sr. Voltemand (ou Voltimand ou Mandalatov) é psiquiatra, como acho que é, então tenho pena de seus pacientes ao mesmo tempo em que admiro seu talento”.

Ao ser pressionada, Gwen, uma gorducha *fille de joie* (por vocação, se não por profissão), delatou um de seus novos admiradores, confessando ter-lhe implorado que escrevesse aquele artigo porque não suportava mais a dor de ver “o sorrisinho torto” de Van ao descobrir que seu livro, tão bem impresso e encadernado, havia sido de todo desprezado. Jurou ainda que Max não apenas desconhecia a verdadeira identidade de Voltemand como também nem lera o romance. Van namorou a ideia de desafiar o sr. Medlar para um duelo (esperando que ele escolhesse espadas) a ser realizado de madrugada num cantinho discreto do Parque cujo gramado central ele podia ver do terraço da cobertura em que tinha lições de esgrima com um professor francês duas vezes por semana, o único exercício, além de montar, que ainda se permitia. Porém, para sua surpresa — e alívio (pois se sentia algo envergonhado de defender seu “romancinho” e só desejava esquecê-lo, assim como um outro Veen, sem laços de parentesco com ele, poderia ter denunciado seus sonhos púberes de bordéis ideais caso vivesse por mais tempo) —, Max Muchmula (“nеспereira” em russo) respondeu ao vago desafio de Van com a promessa calorosa de enviar-lhe seu próximo artigo, “A erva daninha expulsa a flor” (Melville & Marvell).

Uma sensação de vazio e inutilidade foi tudo o que Van derivou desses contatos com a literatura. Mesmo enquanto escrevia o livro, tornara-se dolorosamente consciente de quão pouco conhecia seu próprio planeta, ao mesmo tempo que tentava inventar um outro a partir dos fragmentos incompletos surrupitados de cérebros dementes. Decidiu que, após completar os estudos médicos em Kingston (onde se sentiu bem mais à vontade do que na famosa Chose), faria longas viagens à América do Sul, África e Índia. Aos quinze anos (a idade de floração de Eric Veen), ele havia estudado com a paixão de um poeta os horários de três grandes trens transcontinentais americanos em que anos depois viajou — não sozinho (agora sozinho). De Manhattan, através de



Mephisto, El Paso, Meksikansk e do túnel ferroviário do Panamá, o Expresso Novo Mundo, com seus vagões vermelho-escuros, chegava a Brasília e Witch (ou Viedma, fundada por um almirante russo). Lá se bifurcava: a linha oriental seguia até Grant's Horn, a ocidental voltava para o norte atravessando Valparaíso e Bogotá. Dia sim, dia não, a fabulosa viagem começava em Yukonsk, com uma linha dupla seguindo na direção da costa atlântica, enquanto outra, cruzando a Califórnia e a América Central, rugia rumo ao Uruguai. O Expresso Africano, de vagões azul-escuros, partia de Londres e atingia o Cape por três rotas diferentes, as do Nígero, da Rodósia e da Efiópia. Finalmente, o Expresso do Oriente, de carros marrons, ligava Londres ao Ceilão e Sydney via Turquia e vários túneis ferroviários. Não é claro, quando se está prestes a cair no sono, por que todos os continentes, exceto você, começam com A.

Faziam parte desses três trens admiráveis ao menos dois vagões nos quais o viajante exigente podia alugar um quarto com banho e vaso sanitário, além de uma sala de estar provida de piano ou harpa. A duração da viagem variava de acordo com o estado de espírito pré-sono de Van, conquanto, na idade de Eric, ele imaginasse as paisagens se desenrolando diante de sua poltrona confortável, confortável demais. Atravessando florestas tropicais, *canyons* nas montanhas e outros locais fascinantes (Ah, diga o nome deles! Não posso... estou quase dormindo), o aposento não se movia a mais de vinte e cinco quilômetros por hora, porém, ao cruzar desertos e monótonas planícies cultivadas, chegava a noventa, noventa e sete, noventa e oito, noventa e nãoventa...

Na primavera de 1869, David van Veen, um rico arquiteto de origem flamenga (nem de longe aparentado com os Veen de nossa divagante narrativa), escapou ileso quando o pneu dianteiro do carro que dirigia de Cannes para Calais estourou numa estrada coberta de gelo, e o automóvel se espatifou contra um caminhão de mudança estacionado no acostamento; a filha, sentada ao lado dele, foi morta instantaneamente por uma mala que, ao atingi-la por trás, quebrou seu pescoço. Em seu estúdio londrino, o marido da jovem — um pintor fracassado e meio maluco (dez anos mais velho do que o sogro, que ele invejava e desprezava) — deu um tiro na cabeça ao receber a notícia por meio de um cabograma expedido de uma cidadezinha da Normandia com o nome macabro de Deuil (Luto).

Dir-se-ia que o desastre tinha uma força própria que seguiu atuante, pois Eric, um rapazote de quinze anos, apesar de todo o cuidado e adoração que o avô lhe dedicou, também não escapou aos caprichos do destino, sofrendo uma morte estranhamente similar à de sua mãe.

Depois de ter sido transferido de Note para um pequeno colégio particular no Cantão de Vaud e de haver passado o verão nos Alpes Marítimos para combater um início de tuberculose, Eric foi mandado para Ex-en-Valais, cujo ar cristalino era visto na época como ideal para fortalecer os pulmões de um jovem; em vez disso, porém, a pior ventania da história da cidade atirou contra ele uma telha, provocando-lhe uma fratura fatal no crânio. Em meio aos pertences do rapaz, David van Veen encontrou um maço de poemas e o rascunho de um ensaio intitulado *Villa Vênus: um sonho organizado*.

Para dizer as coisas às claras, o rapaz tinha tentado amenizar seus primeiros tormentos sexuais imaginando e detalhando um projeto (derivado da leitura de um número excessivo de obras eróticas encontradas na casa mobiliada que seu avô comprara, nas proximidades de Vence, do conde Tolstói, indivíduo de origem russa ou polaca). Tratava-se de uma cadeia de bordéis magníficos que sua herança lhe permitiria estabelecer “nos dois hemisférios de nosso globo calipígio”. O garotão imaginava uma espécie de clube elegante, com

sucursais — ou, em sua descrição poética, “Floramores” — na vizinhança das cidades e estações de águas. Só poderiam se tornar membros nobres “saudáveis de boa estampa”, assim mesmo até perfazerem cinquenta anos (o que merece encômios por demonstrar a largueza de visão do pobre menino) e pagando uma anuidade de três mil seiscentos e cinquenta guinéus, sem contar o custo dos buquês, joias e outras doações galantes. Médicas residentes, todas jovens e de boa aparência (“do tipo secretária ou assistente de dentista americana”), lá estariam para verificar a condição física íntima dos “acariciadores e acariciadas” (outra fórmula muito feliz), assim como delas próprias “em caso de necessidade”. Uma das cláusulas do regimento do clube parecia indicar que Eric, embora fanaticamente heterossexual, havia cometido algumas ternas estrepolias com seus colegas de Note (escola notoriamente especializada nesse tipo de atividade): do número máximo de cinquenta profissionais nos grandes floramores, pelo menos dois podiam ser garotos bonitos, usando faixas nos cabelos e batas curtas, com menos de quinze anos se fossem louros e não mais de doze se morenos. No entanto, a fim de impedir o afluxo regular de “pederastas inveterados”, a companhia desses jovens só poderia ser desfrutada pelos membros mais dados à experimentação sensual entre duas sequências de três moças, todas possuídas no curso da mesma semana — uma estipulação algo cômica, porém bastante astuta.

Os candidatos a cada floramor seriam selecionados por um comitê de membros do clube, os quais levariam em conta o acúmulo anual de impressões e manifestações de desejo anotadas pelos convidados num livro especial, cuja capa, de um rosa bem claro, imitava a cor de certas conchas. “Beleza e ternura, graça e docilidade” eram as principais qualidades exigidas das moças, cuja idade variaria de quinze a vinte e cinco anos em se tratando de “esbeltas raparigas nórdicas” e de dez a vinte no caso de “opulentas donzelas sulistas”. Elas poderiam saracotear ou se refestelar em “quartos fechados ou em jardins de inverno”, sempre nuas e prontas para entrar em ação. O mesmo não se aplicava a suas assistentes, moças bem-vestidas de origens mais ou menos exóticas, “não disponíveis para os caprichos dos membros senão mediante autorização especial do Comitê”. Minha cláusula predileta (pois possuo uma fotocópia do manuscrito do pobre rapaz) determina que qualquer cortesã de um floramor poderia ser eleita supervisora, por aclamação, durante seu período menstrual. (Isso na realidade não funcionou, e o Comitê foi obrigado a transigir, designando uma lésbica bem-apeçoada para dirigir cada estabelecimento — e acrescentando também um leão de chácara que Eric não havia previsto.)

A excentricidade é o melhor remédio para as maiores dores. O avô do rapaz cuidou imediatamente de transformar a fantasia de Eric em

pedras e tijolos, concreto e mármore, carne e alegria. Resolveu ser ele próprio o primeiro a degustar a primeira *hour* que seria contratada para o último floramor, e viver até então numa abstinência laboriosa.

Deve ter sido um belíssimo e emocionante espetáculo ver o holandês idoso porém ainda cheio de vigor, com seus cabelos brancos e o rosto rude de traços reptilianos, desenhando com a ajuda de decoradores esquerdistas os mil e um floramores que decidira erguer pelo mundo em homenagem ao neto — talvez até mesmo na brutal Tartária, que ele acreditava ser governada por “judeus americanizados”, mas, enfim, “a Arte redime a Política” — conceitos profundamente originais que devemos perdoar quando enunciados por um velhinho adoravelmente excêntrico. Começou com a Inglaterra rural e a América costeira, e estava terminando um projeto calcado nas obras de Robert Adam (a que os gozadores da região maliciosamente haviam dado o nome palindrômico de *Madam-I'm-Adam House*), perto de Newport, Rodos Island, num estilo algo senil, com colunas de mármore recuperadas de mares clássicos e ainda incrustadas de valvas de ostras etruscas, quando morreu de um acidente vascular ao ajudar a pôr de pé um propileu. E era apenas a centésima casa!

Seu sobrinho e herdeiro, um comerciante de tecidos honesto e extraordinariamente puritano estabelecido em Ruinen (que me dizem ser próxima de Zwolle), com uma enorme família e poucos negócios, não perdeu os milhões de *guldens* sobre cuja aparente dilapidação vinha consultando diversos especialistas em doenças mentais nos últimos dez anos ou mais. Todos os cem floramores abriram simultaneamente em 20 de setembro de 1875 (e, graças a uma deliciosa coincidência, a velha palavra russa para setembro, “*ryuen*”, também ecoa no nome da aldeia natal do bem-aventurado neerlandês e nada tem a ver com “ruína”). No início do novo século, as receitas de Vênus entravam em catadupas (no seu jorro derradeiro, verdade seja dita). Por volta de 1890, um jornaleco de fofocas contou que, por gratidão e curiosidade, o Veen “de Veludo” certa vez — e apenas nessa única vez — visitou o floramor mais próximo com toda a família, dizendo também que Guillaume de Monparnasse havia recusado com indignação uma oferta de Hollywood para elaborar o roteiro de um filme baseado naquela excursão tão respeitável quanto hilariante. Meros boatos, sem dúvida.

O leque de interesses do avô de Eric era vasto: do dodô ao dadá, do baixo gótico ao alto-relevo. Em suas paródias do paraíso, ele até mesmo se permitiu, apenas algumas vezes, expressar o caos retilíneo do cubismo (com o “abstrato” perenizado em “concreto”) ao imitar — no sentido tão bem descrito na edição de bolso do livro de Vulner, *História da arquitetura inglesa*, que me foi dado pelo bom dr. Lagosse — os caixotes de tijolos ultratilitários típicos das *maisons closes* de El Freud em Lubetkin, na Áustria, ou das casas populares de Dudok, na Frísia.

De modo geral, porém, ele era mais dado ao idílico e ao romântico. Fidalgos ingleses de talento tiveram momentos muito prazerosos no Letchworth Lodge, uma honesta casa de campo que fora redecorada até as mansardas, ou no Itchenor Chat, com suas chaminés munidas de parapeitos e coruchéus. Ninguém podia deixar de admirar a perícia de David van Veen em fazer com que suas recém-construídas mansões em estilo Regência parecessem uma casa de fazenda restaurada; ou ainda em erigir um convento reconvertido numa pequena ilha com efeitos tão miraculosos que era impossível distinguir o arabesco do árbuto, o ardor da arte, o arco da roca. Jamais esqueceremos a Little Lemantry perto de Rantchester ou a Pseudoterma no encantador beco sem saída ao sul do viaduto da fabulosa Palermontovia. Muito apreciamos sua capacidade de mesclar a banalidade local (aquele castelo cercado de castanheiras, o palacete protegido por ciprestes) com a decoração interior que se prestava a realçar todas as orgias refletidas nos espelhos de teto da erogenidade do jovem Eric. Muitíssimo eficaz, no sentido funcional, era a proteção que o arquiteto destilava, por assim dizer, das cercanias dos estabelecimentos. Estivessem eles abrigados num vale estreito coberto de bosques ou expostos em meio a um vasto parque, ou ainda a cavaleiro de uma sucessão de bosques e jardins, o acesso a Vênus começava numa estrada particular e continuava por um labirinto de cercas vivas e muros com portas bem dissimuladas a cujas chaves só tinham acesso os membros e os guardas. Lanternas distribuídas com grande argúcia guiavam os fidalgos, sempre usando máscaras e capas, pelo emaranhado de aleias escuras, pois um dos artigos do regimento imaginado por Eric estipulava que “todos os floramores devem abrir-se ao pôr do sol e fechar-se ao amanhecer”. Um sistema de sininhos que Eric talvez tenha engendrado em sua própria cabeça (mas na verdade tão antigo quanto a máscara veneziana e o *vichibala*) impedia que os visitantes dessem de cara uns com os outros; assim, por maior que fosse o número de fidalgos esperando ou fazendo amor em qualquer parte do floramor, cada qual se imaginava o único galo do galinheiro, pois o leão de chácara, pessoa cortês e silenciosa que mais parecia um gerente de loja nova-iorquina, obviamente não contava: os membros às vezes o viam quando ocorria algum problema com suas credenciais ou seus créditos, mas ele raramente era obrigado a usar a força bruta ou pedir a ajuda de um assistente.

De acordo com o plano de Eric, as profissionais deviam ser recrutadas por conselhos formados por fidalgos mais maduros. Falanges delicadamente moldadas, bons dentes, epiderme sem jaça, cabelos sem pintura, nádegas e seios impecáveis, além de um genuíno vigor venéreo, eram os pré-requisitos absolutos exigidos pelos selecionadores em consonância com os desejos de Eric. Só se toleravam as “intactas” quando muito jovens. Por outro lado, nenhuma

mulher que já tivesse dado à luz (mesmo na infância) podia ser aceita, ainda que não exibisse algum dano mamário.

Conquanto Eric nada tivesse estabelecido acerca da origem social das moças, os comitês, teoricamente, procuraram de início recrutar as de melhor berço. De modo geral, entre as filhas de artistas e as de artesãos, dava-se preferência às primeiras. Verificou-se que um número surpreendente delas descendia de rancorosos pares do reino encafurnados em frios castelos ou de baronesas arruinadas que viviam em hotéis vulgares. Numa lista de cerca de duas mil mulheres que trabalhavam em todos os floramores em 1º de janeiro de 1890 (o melhor ano nos anais da *Villa Vênus*), contei vinte e duas diretamente relacionadas com famílias reais da Europa, mas ao menos um quarto de todas as moças tinha origem plebeia. Devido a algum *vstriáska* (sacudidela) favorável no caleidoscópio genético, por mera sorte ou por nenhuma razão, as filhas de camponeses, vendedores ambulantes e encanadores se mostravam com frequência mais finas e elegantes que suas companheiras das classes média e alta, um ponto curioso que agradará a meus leitores não pertencentes à aristocracia tanto quanto o fato de que as serviçais das Odaliscas Orientais (encarregadas de executar vários rituais envolvendo bacias de prata, toalhas rendadas e sorrisos neutros para o cliente e suas acompanhantes) não raro provinham de altas paragens brasonadas.

O pai de Demon (e logo após o próprio Demon), assim como lorde Erminin, um tal de sr. Ritcov, o conde Peter de Prey, Mire de Mire, *Esq.* e o barão Azzuroscudo foram membros do primeiro conselho do Clube Vênus. Mas eram as visitas do sr. Ritcov — um homenzinho tímido, obeso, de nariz grande — que realmente excitavam as moças e enchiam as redondezas de agentes de segurança conscienciosamente disfarçados de aparadores de sebes, cavaliços, cavalos, ordenhadoras de leite de porte atlético, novas estátuas, velhos bêbados e assim por diante, enquanto Sua Majestade, sentado numa cadeira especialmente fabricada levando em conta seu peso e suas fantasias, se divertia com essa ou aquela doce súdita do reino, fosse ela branca, preta ou marrom.

O primeiro floramor que visitei ao me tornar membro do Clube (pouco antes do segundo verão com minha Ada nos bosques de Ardis) é hoje, depois de muitas vicissitudes, a encantadora casa de campo de um professor de Chose a quem muito respeito e de sua adorável família (esposa adorável e adoráveis trigêmeas de doze anos, Ala, Lola e Lalage — sobretudo Lalage), motivo pelo qual não posso identificá-la — conquanto minha leitora mais querida insista em que já o fiz anteriormente.

Frequentei bordéis desde os dezesseis anos. Todavia, embora os melhores, em especial na França e na Irlanda, mereçam os três

símbolos vermelhos no guia de Nugg, nada neles prenunciava o luxo e a sensação de enlevo que encontrei em minha primeira *Villa Vênus*.

Fui recebido por três mancebas egípcias devidamente de perfil (longos olhos de ébano, narizinhos arrebitados, crinas negras trançadas, túnicas faraônicas cor de mel, braços finos de âmbar, braceletes africanos, brincos de ouro em forma de anel bissectados por uma dobra de cabelos, faixa de cabeça no estilo dos peles-vermelhas, peitilho decorativo), amorosamente copiadas por Eric Veen da reprodução de um fresco tebaico (sem dúvida bastante banal em 1420 a.C.) impressa na Alemanha (*Künstlerpostkarte* nº 6034, segundo o cínico dr. Lagosse). Mediante aquilo que o sedento Eric chamava de “requintadas manipulações de certos nervos cuja posição e potência só são conhecidas por alguns antigos sexologistas”, acompanhadas pela aplicação não menos requintada de determinados unguentos não mencionados de forma precisa nos pornomanuais da Orientália de Eric, elas me prepararam para receber uma assustada virgenzinha descendente de um rei irlandês, tal como foi dito a Eric em seu último sonho em Ex, Suíça, por um mestre em cerimônias funerárias e não fornicatórias.

As preparações continuaram num ritmo tão intenso e tão insuportavelmente delicioso que Eric, morrendo em pleno sono, e Van, pulsante de vida impura num divã rococó (cinco quilômetros ao sul de Bedford), não podiam imaginar como aquelas três moças, subitamente despojadas de suas vestes (um bem conhecido recurso onírico), eram capazes de prolongar um prelúdio que mantinha o paciente por tanto tempo à beira do desenlace. Fiquei deitado de costas e me sentia portador de um volume duas vezes maior do que jamais tivera (sandice senil, diz a ciência!) quando por fim seis mãos delicadas tentaram pousar *la gosse*, a trêmula Adada, sobre o tremendo instrumento. Uma tola compaixão — sentimento que raras vezes me assalta — fez com que meu desejo definhasse e eu a mandasse empanturrar-se com tortas de pêssego e creme. As egiptanas pareceram desconcertadas, mas em breve voltaram a se animar. Convoquei todas as vinte cortesãs da casa (inclusive a menininha de lábios adoçados e queixo brilhante) perante meu vigor ressuscitado. Após demorados exames, tendo elogiado muitas ancas e muitos pescoços, escolhi uma Gretchen dourada, uma pálida andaluza e uma beldade negra de New Orleans. As serviçais caíram sobre elas como leopardos e, depois de esfregar pós perfumados em seus corpos com um entusiasmo não isento de conotações lésbicas, passaram a minhas mãos as três melancólicas raparigas. A toalha que me foi dada para secar a fina camada de suor que cobria meu rosto e fazia arder meus olhos podia ser mais limpa. Elevei a voz, mandei que fosse aberta de par em par a maldita janela, a qual relutou bastante antes de ceder. Um caminhão atolara na lama de uma estrada proibida e ainda inacabada, mas seus gemidos e esforços

dissiparam a estranha tristeza que se instalara no aposento. Apenas uma delas me atingiu diretamente no coração, porém executei todas as três sem dó nem pressa, “trocando de montaria no meio do riacho” (conselho de Eric) antes de terminar a cada vez no arrocho da ardente ardilusiana, que me disse, ao nos separarmos depois de um derradeiro espasmo (embora conversinhas não eróticas fossem contrárias às regras), que seu pai tinha construído a piscina na propriedade do primo de Demon Veen.

Tudo agora tinha acabado. O caminhão havia seguido viagem ou se afogara, Eric não passava de um esqueleto no canto mais caro do cemitério de Ex (“Mas, afinal, todos cemitérios são ex”, observou um jovial pastor “protestante”), entre um alpinista anônimo e meu duplo natimorto.

Cherry, o único rapazinho em nosso floramor seguinte (americano), um pequeno salopiano de onze ou doze anos, parecia tão engraçado com seus cachos acobreados, olhos sonhadores e maçãs de rosto dignas de um elfo que as duas cortesãs excepcionalmente esportivas encarregadas de cuidar bem de Van conseguiram certa noite convencê-lo a experimentar algo de novo. Os esforços das duas, contudo, não foram suficientes para estimular o belo catamito, que tinha ficado exausto devido a um grande número de sessões nos últimos dias. Suas nádegas de menina estavam lamentavelmente desfiguradas pelas marcas multicores de arranhões e beliscões animais; mas, pior de tudo, o pobre coitado não foi capaz de ocultar uma indigestão aguda, caracterizada por sintomas disentéricos pouco apetitosos que cobriram com uma camada de mostarda e sangue o membro de seu companheiro, sem dúvida devido ao fato de que o menino comia maçãs verdes demais. Mais tarde, foi necessário sacrificá-lo — ou dá-lo para alguém.

De modo geral, a presença de rapazes teve de ser suspensa. Um famoso floramor nunca foi o mesmo depois que o conde de Langburn descobriu o filho sequestrado, um frágil fauninho de olhos verdes, sendo examinado por um veterinário que o conde matou por engano com um só tiro.

Em 1905, a Villa Vênus recebeu um golpe indireto vindo de outra direção. O personagem que chamamos de Ritcov ou Vrotic tinha sido induzido a se afastar do clube pelos achaques da idade. Entretanto, certa noite chegou de surpresa, parecendo tão corado e saudável quanto nos velhos tempos. Todas as funcionárias de seu floramor predileto (perto de Bath) trabalharam longamente mas em vão para colocá-lo em condições e, depois que um Héspero irônico subiu no céu esbranquiçado, o infeliz soberano de metade do globo pediu o livro cor-de-rosa e nele escreveu um verso de Sêneca:

*subsidunt montes et juga celsa ruunt*



[tombam as montanhas, os cumes se desfazem]

— e partiu em prantos. Por essa mesma época, umalésbica respeitável que dirigia a Villa Vênus de Souvenir, bela estação de águas do Missouri, estrangulou com as próprias mãos (quando jovem, na Rússia, havia se destacado como halterofilista) duas de suas mais lindas e valiosas subordinadas. Foi tudo muito triste.

Quando o Clube entrou em decadência, o processo avançou com incrível rapidez ao longo de várias linhas não relacionadas. Descobria-se que moças de pedigree impecável eram procuradas pela polícia por serem amásias de bandidos com mandíbulas grotescas, quando não criminosas elas próprias. Médicos corruptos aprovavam louras estioladas, mães de meia dúzia de crianças, algumas das quais já sendo preparadas para ingressar em floramores remotos. Técnicos em cosmética geniais restauravam matronas de quarenta anos a fim de que tivessem a aparência e o cheiro de estudantes a caminho do primeiro baile. Senhores bem-nascidos, magistrados de inabalável integridade e intelectuais de temperamento dócil revelavam-se copuladores tão violentos que algumas de suas jovens vítimas tinham de ser hospitalizadas e removidas para lupanares comuns. Os protetores anônimos das cortesãs subornavam os inspetores médicos, a tal ponto que o rajá de Cachou (um impostor) pegou uma infecção venérea da sobrinha-bisneta (genuína) da imperatriz Josefina. Ao mesmo tempo, desastres econômicos (incapazes de ameaçar a invulnerabilidade financeira e filosófica de Demon e Van, mas que afetaram muita gente de seus círculos) começaram a comprometer o patrimônio estético do clube. Cafetões nojentos com sorrisos obsequiosos que mostravam falhas em suas dentaduras amareladas saltavam de trás de uma roseira para oferecer panfletos ilustrados; incêndios e terremotos ocorreram, até que de repente, dos cem palácios originais, não restavam mais que doze, e mesmo esses em breve desceram ao nível dos bordéis mais vulgares. Ao chegar o ano de 1910, todos os mortos do cemitério inglês de Ex tiveram de ser transferidos para uma vala comum.

Van nunca lamentou sua derradeira visita à última Villa Vênus. Uma vela com formato de couve-flor espalhava gotas de cera num pratinho de estanho sobre a borda da janela; a seu lado, rosas de cabo longo num buquê em forma de violão, ainda embrulhado em papel celofane porque ninguém se incomodara em procurar uma jarra, se é que ainda existiam jarras na casa. Mais ao longe, uma mulher grávida deitada na cama, com um joelho erguido e uma das mãos coçando sonhadoramente o baixo-ventre, fumava e seguia as volutas da fumaça até elas se perderem nas sombras do teto. Ao fundo, uma porta aberta dava para o que parecia ser uma galeria iluminada pelo luar, mas que na verdade era um amplo salão abandonado, em parte demolido, com uma parede externa em ruínas, fissuras em zigue-zague cruzando o

chão e o negro espectro de um piano de cauda aberto que emitia glissandos fantasmagóricos no meio da noite. Através de uma grande fenda na estrutura de tijolo e gesso que outrora tivera a aparência de mármore, o mar desnudo, não visto mas ouvido como um espaço ofegante separado do tempo, ribombava a intervalos regulares para depois recolher sua travessa de seixos; junto com o som dos calhaus se entrechocando, lufadas indolentes de um vento morno penetravam nos aposentos sem paredes, perturbando as espirais de sombra acima da mulher, um cotão sujo que caíra sobre sua pálida barriga e até o reflexo da vela no vidro rachado da janela azulada. Debaixo da janela, reclinado num canapé rústico que lhe dava coceiras nas costas, Van estava absorto, os lábios repuxados para a frente como num muxoxo, acariciando pensativamente a bela cabeça encostada em seu peito, afogando-se na cabeleira negra de uma irmã ou prima muito mais moça da desafortunada florinda que ocupava a cama desfeita. Os olhos da menina estavam fechados e, cada vez que ele beijava suas pálpebras úmidas e convexas, o movimento rítmico de seus peitinhos ainda em botão se alterava ou parava de todo, recomeçando logo depois.

Estava com sede, mas o champanhe que trouxera, juntamente com as rosas sussurrantes, permanecia fechado, pois ele não tinha coragem de afastar do peito a cabeça querida e sedosa para começar a abrir a explosiva garrafa. Nos últimos dez dias, ele a afagara e conspurcara muitas vezes, porém não estava certo se ela de fato se chamava Adora, como todo mundo dizia — ela, a outra moça e uma serviçal, a princesa Katchurin, que parecia já ter nascido vestindo o maiô de banho desbotado que não tirava nunca e no qual sem dúvida iria morrer antes de atingir a maioridade ou no primeiro inverno realmente frio sobre o colchão de praia onde agora jazia, gemendo, no estupor da narcose. E se seu nome fosse mesmo Adora, quem era ela? Não uma romena, uma dálmata, uma siciliana ou uma irlandesa, embora um eco da pronúncia daquela ilha pudesse ser percebido no seu inglês algo precário porém mais fluente do que seria de esperar de uma estrangeira. Será que tinha onze ou catorze anos, talvez quinze? Será que realmente fazia anos naquele 21 de julho de 1894 ou 98 — ou mesmo vários anos depois, num promontório rochoso do Mediterrâneo?

O campanário de uma igreja distante, só audível à noite, fez saber que eram duas horas e acrescentou um quarto.

“*Smorchiamo la secandela*”, balbuciou da cama a caftina utilizando o dialeto local que Van compreendia melhor do que o italiano. A menina nos seus braços se agitou e ele a cobriu com a capa forrada de seda. Na escuridão que cheirava a gordura, um toque de luar se aninhou no chão de pedra junto à máscara veneziana que Van jamais voltaria a usar e ao escarpim que calçava naquela noite. Não era Ardis, não era a biblioteca, não era nem mesmo um aposento humano, mas apenas o sórdido covil onde o leão de chácara dormia antes de retomar seu

emprego como treinador de rúgbi num internato qualquer da Inglaterra. O piano de cauda no salão, onde não restava nenhum outro móvel, parecia tocar sozinho, porém, na realidade, estava sendo dedilhado por ratos à procura do lixo suculento ali deixado pela serviçal, que gostava de ouvir um pouco de música quando, antes do nascer do sol, era despertada pela primeira e já familiar punhalada do câncer em seu útero. A Villa arruinada em nada se parecia com o “sonho organizado” de Eric, mas a tenra criaturinha que Van apertava desesperadamente nos braços era Ada.

O que são os sonhos? Uma sequência aleatória de cenas triviais ou trágicas, estáticas ou movimentadas, fantásticas ou familiares, que exibem acontecimentos mais ou menos plausíveis com pormenores grotescos, além de fazer com que os mortos apareçam em novos cenários.

Repassando os sonhos mais ou menos memoráveis que tive durante as últimas nove décadas, posso classificá-los por assunto em várias categorias, entre as quais duas se destacam por sua nitidez genérica, a saber, os sonhos profissionais e os eróticos. Quando tinha vinte anos, os primeiros ocorriam com tanta frequência quanto os segundos, e ambos com suas próprias introduções: as insônias causadas por dez horas de trabalho intenso ou pela lembrança de Ardis que algum espinho houvesse loucamente revivido durante o dia. Após o trabalho, eu lutava contra o poder autônomo da mente, pois o fluxo do raciocínio e a força da frase que queria se formar não se calavam durante horas de escuridão e desconforto; e, quando algum resultado era obtido, a corrente ainda continuava a zumbir do outro lado do muro mesmo se eu recorresse à auto-hipnose (a simples força de vontade ou os soníferos já não eram capazes de ajudar) a fim de aprisionar meu cérebro em outra imagem ou foco de meditação — mas não Ardis, não Ada, porque isso significaria afogar-me numa catarata de insônia ainda mais cruel, com a raiva e o pesar, o desejo e o desespero me empurrando rumo a um abismo onde só a mais pura exaustão física fazia com que eu desabasse no sono.

Nos sonhos profissionais, que me perseguiram sobretudo quando comecei a escrever ficção e vivia fazendo súplicas vergonhosas à minha débil musa (“de joelhos e esfregando as mãos”, como o Marmlad de Dickens, com suas calças empoeiradas, diante de sua Marmlady), eu era capaz, por exemplo, de me ver corrigindo as primeiras provas, mas, sabe-se lá como (o grande “sabe-se lá como” dos sonhos!), o livro já tinha sido publicado, ou literalmente saído, sendo-me entregue por uma mão humana que surgia de dentro de uma cesta de papéis na sua forma perfeita — e horrivelmente imperfeita, com um erro de imprensa

em cada página, tal como “diacho” em vez de “riacho” e duvidosos “bagos” no lugar de “vagos”. Ou eu estaria correndo para fazer uma palestra sobre o livro, exasperado com o tráfego e a multidão que bloqueava meu caminho, quando de repente me dava conta, com grande alívio, de que bastava eliminar a frase “rua apinhada” no manuscrito. Os sonhos que eu poderia chamar de *skyscape* (“paisagem do céu”, e não *skyscrape*, “arranha-céu”, como dois terços dos alunos provavelmente vão anotar) pertencem a uma subdivisão das visões profissionais, se é que não representam um prefácio para elas, porque, no início da puberdade, quase todas as noites alguma impressão antiga ou recente de minhas horas acordado estabelecia um vínculo ao mesmo tempo flexível e profundo com a vocação ainda muda (pois somos “*van*”, o que rima com “*one*” e realmente significa “um” na pronúncia russa de Marina, com suas vogais profundas). A presença, ou promessa, da arte nessa espécie de sonho transparecia na imagem de um céu encoberto por várias camadas de nuvens: uma branca, estática porém cheia de esperança; outra cinzenta, em movimento mas sem um pingão de esperança; aqui e ali prenúncios artísticos de um clarear iminente; e logo depois o brilho de um sol pálido furando a camada mais tênue, embora prontamente recoberto por uma cortina de chuva — pois eu ainda não estava pronto.

Aos sonhos profissionais e vocacionais estão ligadas as visões “escatológicas”: pesadelos prenhes de sinais fatídicos, calamidades talâmicas, enigmas ameaçadores. Não raro a ameaça está bem oculta, e se verá que o incidente inocente, caso seja anotado e examinado mais tarde, possuía o tipo de sabor precognitivo que Dunne explicou como sendo resultado da “memória inversa”; no momento, contudo, não me estenderei sobre essa misteriosa característica peculiar aos sonhos, limitando-me a observar que alguma lei da lógica deveria estabelecer o número de coincidências passíveis de ocorrer em dado domínio, após o que deixariam de ser coincidências para formar, em realidade, o organismo vivo de uma nova verdade (“Digam-me”, pergunta a pequena cigana de Osberg aos mouros El Mótela e Ramera, “qual é precisamente o número mínimo de pelos num corpo para que se possa dizer que ele é ‘cabeludo’?”)

A meio caminho entre os sonhos “escatológicos” e os dolorosamente sensuais, eu colocaria as visões de ternura erótica e encantamento arrebatador, *frôlements* fortuitos com moças anônimas em vagas festas, sorrisinhos convidativos ou de submissão — precursores ou ecos dos sonhos aflitivos de remorso, quando séries de Adas cada vez mais distantes se dissolvem numa censura muda; e lágrimas mais quentes do que aquelas que derramaria acordado sacudiam e queimavam o pobre Van, para serem lembradas nas horas mais inesperadas durante dias e semanas.

É embaraçoso descrever os sonhos sexuais de Van numa crônica de família que pessoas bem jovens podem vir a ler após a morte de um homem muito velho. Dois exemplos, formulados de modo mais ou menos eufemístico, devem bastar. Num arranjo complexo de recordações temáticas e assombrações automáticas, Aqua no papel de Marina ou Marina maquiada para se fazer passar por Aqua surge diante de Van para lhe dizer, com grande alegria, que Ada acaba de dar à luz uma menina que ele vai possuir carnalmente no banco duro de um jardim, enquanto sob um pinheiro próximo seu pai, ou sua mãe vestindo uma casaca, tenta completar uma chamada transatlântica para pedir que uma ambulância seja enviada de Vence com urgência. Outro sonho — que passou a persegui-lo em seu formato básico e indizível a partir de 1888, entrando pelo século atual — continha uma ideia em essência tripla e de certo modo tribádica. A malvada Ada e a libidinosa Lucette haviam encontrado uma espiga de milho bem madura. Ada a segurava com as duas mãos como se fosse uma gaita de boca, que agora se transformava em algo diferente, que vibrava e gemia quando seus lábios entreabertos a percorriam de ponta a ponta fazendo-a rebrilhar, até que a boca de Lucette vinha engolir uma das pontas. Os rostos ávidos e adoráveis das duas irmãs estavam agora muito próximos, tristonhos e sonhadores ao fazerem aqueles movimentos lentos, quase lânguidos, as línguas se tocando em chicotadas de fogo para se curvar de volta no momento seguinte, os cabelos desfeitos, vermelho-bronze e negro-bronze, misturando-se encantadoramente, os traseiros macios apontando para cima enquanto elas matavam a sede na poça do sangue de Van.

Tenho aqui algumas anotações sobre o caráter geral dos sonhos. Um traço intrigante é a multidão de pessoas totalmente estranhas com fisionomias bem definidas, que jamais voltarei a ver, mas que me acompanham, me saúdam, me aborrecem com longas e tediosas histórias sobre outros estranhos — tudo isso em lugares que me são familiares, na presença de pessoas vivas ou mortas que conheci muito bem; ou as brincadeiras curiosas de um agente de Crono — a consciência muito exata da hora, com todas as agonias (possivelmente as aflições disfarçadas de uma bexiga cheia) de não chegar a tempo a algum lugar, com aquele ponteiro de relógio diante de mim, numericamente significativo, mecanicamente plausível, mas combinado — e esta é a parte curiosa — com uma sensação extremamente nebulosa e quase inexistente da passagem do tempo (tema que também reservarei para um capítulo posterior). Todos os sonhos são afetados tanto pelas experiências e impressões do presente quanto pelas memórias de infância; todos refletem, em imagens ou sensações, uma corrente de ar, uma determinada luz, uma refeição farta ou um grave problema de saúde. Procuo fazer com que meus estudantes entendam que a característica mais típica de quase todos os sonhos,

sejam eles insulsos ou insólitos — malgrado a presença incidental de reflexões bastante lógicas (dentro de limites especiais) e da consciência (frequentemente absurda) de acontecimentos passados —, talvez resida no deplorável enfraquecimento das faculdades intelectuais do sonhador, que de fato não fica chocado ao encontrar-se com um amigo morto há tempos. Na melhor das hipóteses, o sonhador usa antolhos semiopacos; na pior, é um imbecil. A turma (dos anos de 1891, 1892, 1893, 1894 etc.) não deixará de notar cuidadosamente (ruído de cadernos sendo abertos) que, devido à sua própria natureza, à mencionada mediocridade e falta de lógica, os sonhos não podem produzir nenhuma migalha de moralidade, nenhum símbolo, alegoria ou mito grego, a menos, obviamente, que o sonhador seja grego ou mitólogo. As metamorfoses nos sonhos são tão comuns quanto as metáforas nos poemas. Por exemplo, se um escritor compara o fato de que a imaginação se enfraquece menos rapidamente que a memória com o fato de que a grafite do lápis é menos usada do que a borrachinha na outra ponta, ele está cotejando duas coisas reais e concretas. Querem que eu repita o que disse? (Gritos de “Sim! Sim!”). Bem, o lápis que estou segurando ainda continua suficientemente comprido embora eu já tenha escrito bastante com ele, mas a borracha na ponta chegou praticamente ao fim de tanto que a usei. Minha imaginação ainda é forte e aproveitável, porém minha memória está cada dia mais fraca. Comparo essa experiência real com a condição em que se encontra este objeto comum e igualmente real. Nenhuma delas simboliza a outra. Da mesma forma, quando um humorista de salão de chá diz que aquele bolinho cônico encimado por uma cereja cômica se parece com isso ou aquilo (risinhos na sala), ele transforma uma iguaria cor-de-rosa num seio cor-de-rosa (gargalhadas tempestuosas) valendo-se de uma frase frívola (silêncio). Conquanto ambos os objetos sejam reais, não são intercambiáveis, não representam nenhuma outra coisa, por exemplo, o tronco decapitado de Walter Raleigh ainda encimado pela imagem de sua ama de leite (uma risada solitária). Ora, o erro, o erro obscuro, ridículo e vulgar dos analistas de Signy-Mondieu, consiste em considerar um objeto real — digamos um pompom ou um docinho redondo vistos no sonho pelo paciente — como uma abstração significativa do objeto real, o bumbum de um pimpolho ou a metade de um busto, se é que entendem o que quero dizer (risotas esparsas). Não pode haver nenhum símbolo ou parábola nas alucinações de um idiota de aldeia ou no sonho que algum de nós nesta sala teve na noite passada. Nessas visões fortuitas, nada — por favor, sublinhem “nada” (rangidos de numerosos traços horizontais) — pode ser decifrado por um feiticeiro que lhe permita curar um louco ou reconfortar um assassino ao transferir sua culpa para uns pais demasiado amorosos, demasiado cruéis ou demasiado indiferentes — pústulas secretas que o

charlatão adotivo finge curar mediante caríssimos festins confessionais (risos e aplausos).



Van passou o período escolar do outono de 1892 na Universidade de Kingston, Mayne, onde havia um manicômio de primeira classe e um famoso Departamento de Terrapia; lá retomou um de seus velhos projetos, baseado na Ideia de Dimensão e Demência (“Van, você vai *sturb* com uma aliteração nos lábios”, brincou o velho Rattner, um pessimista genial que fazia parte do corpo docente da universidade e para quem a vida era apenas um “distúrbio” na ordem rattnerterológica das coisas — palavra derivada de “*nerteros*” e não de “*terra*”).

Van Veen [assim como, na sua modesta posição, o editor de *Ada*] gostava de mudar de domicílio ao final de cada seção, capítulo e até mesmo parágrafo. Tendo quase terminado um trecho difícil que cuidava do divórcio entre o tempo e os conteúdos do tempo (tais como a ação sobre a matéria, a ação no espaço e a própria natureza do espaço), estava contemplando a possibilidade de mudar-se para Manhattan (esse tipo de movimento era um reflexo de seus processos mentais e não alguma concessão à “influência do meio”, conceito ridículo endossado por Marx *père*, autor popular de peças de teatro “históricas”), quando recebeu uma inesperada chamada dorofônica que, por um momento, afetou-lhe violentamente a circulação sanguínea e as funções pulmonares.

Ninguém, nem mesmo seu pai, sabia que Van comprara recentemente o apartamento de cobertura de Córdula, situado entre a Biblioteca e o Parque de Manhattan. Além de ser o lugar ideal para trabalhar — com aquele terraço suspenso num vazio celestial garantindo a reclusão exigida pelos estudos, ao mesmo tempo que a cidade barulhenta porém conveniente banhava o sopé da rocha invulnerável de sua mente —, era também, no linguajar da época, uma “loucura de solteiro”, onde poderia receber em segredo quantas amigas desejasse. (Uma delas chamou-o de “*aile-à-terre*”.) Mas ele ocupava ainda os aposentos bem sombrios da universidade, parecidos com os de Chose, quando concordou que Lucette o visitasse naquela tarde luminosa de novembro.

Não a via desde 1888. No outono de 1891, ela lhe enviara da Califórnia uma declaração de amor numa carta de dez páginas absolutamente incoerente, indecente, alucinada e quase selvagem, a qual não será discutida nestas memórias [Ver, no entanto, mais adiante. Ed.]. No momento, estudava história da arte (“o último refúgio dos medíocres”, disse ela) na Universidade de Queenston, uma instituição próxima de Kingston que se destacava por abrigar garotas glamorosas e *glupovátikh* (burrinhas). Quando ela o chamou e implorou para que se encontrassem (numa voz nova, mais sombria, dolorosamente parecida com a de Ada), Lucette deu a entender que era portadora de importante mensagem. Van suspeitou que seria mais uma demonstração do amor não correspondido, porém também achou que sua presença reacenderia muitas brasas infernais adormecidas dentro dele.

Enquanto esperava por ela, andando de uma ponta à outra do apartamento forrado com carpete marrom — ora no fundo do corredor, contemplando através de uma janela aberta para o nordeste as árvores resplandecentes que desafiavam a estação do ano, ora de volta à sala de estar que dava para a Greencloth Court ainda retocada pelo sol —, Van lutava contra Ardis, contra seus pomares e orquídeas, aprestando-se para enfrentar o suplício, perguntando-se se não devia cancelar a visita ou mandar que o criado transmitisse desculpas por sua partida tão repentina quanto inevitável, embora sabendo sempre que agora era tarde demais. A própria Lucette só o preocupava de forma indireta: ela habitava uma ou outra mancha cambiante de sol, mas não podia ser de todo ignorada como o resto da cintilante Ardis. Ele se lembrava vagamente daquela doçura em seu colo, as pequenas nádegas redondas, os olhos prásinos quando ela se voltava na direção dele e da estrada que ia ficando para trás. Sem dar muita importância ao assunto, especulou se ficara gorda e cheia de sardas ou se teria se transformado numa ninfa graciosa na melhor tradição do clã Zêmski. Deixara entreaberta a porta da sala de estar que dava para o hall de entrada, mas sabe-se lá como não ouviu o som dos saltos altos de Lucette na escada (ou não os distinguiu de suas batidas do coração) enquanto empreendia a vigésima caminhada:

“De volta aos bosques e aos ardores!  
Eros que sobe ao firmamento!  
Flautas que cantam meus amores,  
Hoje lembrados num lamento”.

Não sou bom de métrica, mas até inventar rimas é mais fácil do que “refutar o passado em prosa muda”. Quem escreveu isso? Voltimand ou Voltemand? Ou *Burning Swine* (Porco em Chamas) — quer dizer, Swinburne? Peste anapéstica! “Todos os nossos velhos amores são

cadáveres ou viúvas.” Todas as nossas tristezas são virgens ou vagabundas.

Um urso negro com reluzente cabeleira ruiva (o sol tinha atingido a primeira janela da sala de estar) o aguardava de pé. Sim, o gene Z havia prevalecido! Ela era esbelta e estranha. Os olhos verdes estavam maiores. Aos dezesseis anos, parecia consideravelmente mais dissoluta que a irmã na mesma idade fatal. Usava um casaco de pele preta, mas dispensara o chapéu.

“Minha alegria (*moiá rádot*)!” disse Lucette, exatamente assim. Ele esperava algo mais formal: na verdade, mal a conhecia, exceto como um embrião escaldante.

Olhos inundados, narinas de coral dilatadas, boca vermelha revelando perigosamente a língua e os dentes semiabertos num ângulo preparatório (animal domesticado sinalizando uma leve mordida), ela avançou no torpor de um transe que começava a ganhar corpo, de uma carícia que desabrochava — a aurora, quem sabe (*ela* sabia), de uma vida nova para ambos.

“No rosto”, Van advertiu a jovem.

“Você prefere *skeletiki* (pequenos esqueletos)”, ela murmurou, enquanto Van apenas pousava os lábios (de repente mais secos que o normal) na *pommette* dura e quente de sua meia-irmã. Não pôde deixar de inalar de passagem seu perfume de Degrasse, elegante mas decididamente meretrício, e, por baixo daquele olor, a chama de seu Petit Larousse, como ele e a outra diziam quando resolviam aprisioná-la na banheira. Sim, muito nervosa e cheirosa. O outono anormalmente quente pouco apropriado para o uso de peles. A cruz (*krest*) de uma ruiva (*rousse*) bem-cuidada, suas quatro extremidades em fogo. Porque é impossível acariciar (como ele fez então) o cobre no topo sem pensar de imediato na raposinha lá embaixo e nas brasas de cada lado.

“Então é aqui que ele vive”, disse Lucette olhando ao redor, fazendo um giro completo, enquanto Van a ajudava, com admiração e tristeza, a tirar o casaco negro, macio e profundo, pensando com uma parte do cérebro (pois gostava de peles): urso marinho (*kótik*)? Não, rato almiscarado (*víkhukhol*). Como se fosse um simples vendedor de loja, Van apreciou sua esbelteza elegante, o *tailleur* cinza feito sob medida, o fichu cor de fumaça e, enquanto se afastava suavemente, o longo pescoço branco. Tire o paletó do *tailleur*, disse ou pensou ter dito (esperando de mãos estendidas e vestindo um terno preto como carvão, combustão espontânea, na lúgubre sala de estar da ainda mais lúgubre casa anglofilamente chamada Voltemand Hall na Universidade de Kingston, no período escolar de outono de 1892, por volta das quatro da tarde).

“Acho que vou tirar o paletó”, ela disse com o franzir de sobrancelhas passageiro que é característico das mulheres ao terem esse

pensamento. “Estou vendo que você tem aquecimento central; nós garotas só temos umas lareirinhas de nada.”

Jogou para o lado o paletó, revelando uma blusa branca sem mangas e com babados na gola. Levantou os braços para alisar com os dedos os cachos acobreados e, como era de esperar, ele pôde ver os dois nichos incandescentes.

“No entanto”, disse Van, “todas as três janelas estão abertas e podem se abrir ainda mais, mas só para o oeste, e esse gramado verde aí embaixo é o tapete de oração do sol da tarde, o que torna esta sala ainda mais quente. É terrível para uma janela não ser capaz de virar seu vão paralítico para ver o que está no outro lado da casa.”

Uma vez um Veen, sempre um Veen.

Lucette abriu com um clique a bolsa de seda preta, pescou um lenço e, deixando a bolsa boquiaberta na beira do aparador, se dirigiu à janela mais distante e lá ficou, os ombros tremelicando de forma insuportável.

Van notou um longo envelope azul, lacrado com cera violeta, que se projetava para fora da bolsa.

“Lucette, não chore. Isso é fácil demais.”

Ela voltou, o lenço tocando de leve o nariz, sofrendo as fungadas úmidas e infantis, ainda na esperança de receber o abraço decisivo.

“Tome aqui um pouquinho de conhaque”, ele disse. “Sente-se. Onde anda o resto da família?”

Ela pôs o lenço amarrotado de tantos velhos romances de volta na bolsa, a qual, contudo, não foi fechada. Os cachorros da raça *chow-chow* também têm a língua azul.

“Mamãe está morando em sua Samsara particular. Papai teve outro derrame. A mana está visitando Ardis.”

“Mana! Cesse, Lucette! Não queremos por aqui nenhum filhote de serpente.”

“Este filhote de serpente não sabe bem qual o tom que deve usar para conversar com o doutor Vivi Secção. Você não mudou nem um pouquinho, meu querido, só que, sem teu *Glanz* de verão, está mais pálido do que um fantasma com a barba por fazer.”

E sem sua *Mädel* de verão. Notou que a carta, no longo envelope azul, estava agora por inteiro sobre o aparador de mogno. Van ficou de pé no meio da sala, esfregando a testa, sem ousar, sem ousar porque era o papel de carta de Ada.

“Quer tomar um chá?”

Ela fez que não com a cabeça. “Não posso ficar muito tempo. Além disso, você disse que tinha vários compromissos hoje. É impossível que não estejamos terrivelmente ocupados depois de quatro anos de absoluto vazio” (ele também iria começar a chorar se ela não parasse).

“É. Não sei. Tenho um encontro lá pelas seis.”

Duas ideias estavam aprisionadas numa lenta dança, num minueto automático com medidas e gestos de cortesia: uma era “Temos tantas

coisas para nos dizer”; a outra “Não temos nada para nos dizer”. Mas esse tipo de situação pode se alterar num segundo.

“Sim, tenho de ver Rattner às seis e meia”, murmurou Van, consultando uma agenda que seus olhos não chegavam a ver.

“Rattner sobre a Terra!”, gritou Lucette. “Van está lendo Rattner sobre a Terra! Escute aqui, menina, nunca perturbe a ele e a mim quando estamos lendo Rattner!”

“Por favor, minha querida, eu te suplico, nada de imitações. Não vamos transformar um encontro agradável numa tortura mútua.”

O que é que ela estava fazendo em Queenston? Já havia lhe dito. Claro! Curso difícil? Não. Ah... De vez em quando ambos davam uma olhada de esguelha na direção da carta para ver se ela estava se comportando bem, se não estava balançando as pernas ou enfiando o dedo no nariz.

Devolvê-la ainda com o lacre?

“Diga ao Rattner”, disse ela engolindo o terceiro cálice de conhaque como se não passasse de água colorida. “Diga a ele (o álcool estava soltando sua bela língua de víbora)...”

(Víbora? Lucette? A queridinha de minha amada já morta?)

“... diga a ele que, antigamente, quando você e Ada...”

O nome se abriu como um hall de entrada às escuras, e então a porta se fechou com estrondo.

“... me abandonavam para ficar com ele, e depois voltavam, eu sabia sempre que *vsiô sdiélali* (tinham satisfeito seus desejos, tinham aplacado suas chamadas).”

“A gente se lembra dessas coisinhas com um excesso de clareza, Lucette. Por favor, pare.”

“Van, a gente se lembra dessas coisinhas com muito mais clareza que das grandes, das fatais. Por exemplo, as roupas que você usava em dado momento, num momento generosamente dado, com o sol batendo nas cadeiras e no assoalho. Evidente, como eu era uma criancinha pura e neutra, estava praticamente nua. Mas ela usava uma camisa de menino e uma saia curta, e tudo que você tinha em cima do corpo era aquele calção amassado e sujo, mais curto porque amassado, cheirando ao que sempre cheirava depois que você tinha estado na Terra com Ada, com Rattner sobre Ada, com Ada na floresta de Ardis da Antiterra... ah, para dizer a verdade ele fedia, você sabe, teu calção tão curto fedia à água de lavanda de Ada, à comida que ela dava para os gatos, à tua coisa não lavada!”

Será que aquela carta, agora tão perto do conhaque, devia ouvir tudo aquilo? Seria mesmo de Ada (o envelope não continha nenhum endereço)? Porque era a carta de amor louca e chocante de Lucette que estava falando.

“Van, isso vai te fazer sorrir” [*sic* no manuscrito. Ed.].

“Van”, disse Lucette, “isso vai te fazer sorrir” (não fez: essa predição quase nunca se realiza), “mas se você fizer a famosa Pergunta de Van, vou responder na afirmativa.”

A pergunta que ele havia feito à pequena Córdula. Numa livraria, atrás do mostruário giratório de livros de bolso, *A ciganinha*, *Nossos bons rapazes*, *Clichês de Clichy*, *Seis picadas*, *A Bíblia sem cortes*, *Mertvago para sempre*, *A ciganinha...* Ele era conhecido no *beau monde* por fazer aquela pergunta na primeira vez em que se encontrava com qualquer moça.

“Ah, para ser franca, não foi fácil! Tive de me defender de mil estocadas em carros estacionados, nas festas da pesada! E só no inverno passado, na Riviera italiana... havia um violinista de catorze ou quinze anos, incrivelmente precoce mas também tremendamente tímido e neurótico, que fazia Marina se lembrar do irmão dela... Bem, durante quase três meses, todas as benditas tardes eu deixava que ele me tocasse e também o tocava. Depois disso consegui finalmente dormir sem tomar pílulas, mas, fora isso, nunca em meu amor, quer dizer, em minha vida beijei qualquer tecido epitelial masculino. Olhe, posso jurar por... por William Shakespeare” (estendendo a mão num gesto dramático em direção à estante onde se aninhava um conjunto de grossos livros vermelhos).

“Espere!”, gritou Van. “Isso aí são as *Obras completas de Falknermann*, deixadas para trás por meu antecessor.”

“Blé!”, retrucou Lucette.

“E, por favor, não use esse expletivo.”

“Me desculpe... ah, eu sei, não uso mais.”

“Claro que sabe. De qualquer modo, você é muito boazinha e estou feliz em te ver.”

“Também estou”, ela disse. “Mas, Van! Não vá pensar que corri atrás de você para repetir que estou loucamente apaixonada, sofrendo horrores, que pode fazer o que quiser comigo. Eu podia simplesmente tocar a campainha, enfiar a carta por baixo da porta e descer em disparada; se não fiz isso é porque *tinha* de te ver, porque há algo mais de que você precisa saber, mesmo se depois passar a nos odiar e desprezar, a mim e a Ada. *Otvratítielno trúdno* (é desagradável e difícil) de explicar, sobretudo para uma virgem — bem, tecnicamente uma virgem, uma virgem *kokotistche*, meio *poule* (galinha), meio *puella* (garotinha). Compreendo que o assunto é delicado, coisas misteriosas que não deveria discutir nem mesmo com um irmão vaginal — misteriosas não apenas em seu aspecto moral e místico...”

Irmão uterino — mas passou perto. Certamente aprendido com sua irmã. Ele conhecia aquele tom, aquele jeito. “Aquele tom de azul, aquele teu jeito de sorrir” (canção cafona na Sonorola). A cara já azul de tanto pedir RSVP.

“... mas também num sentido físico direto. Porque, meu querido Van, neste sentido físico direto eu conheço a Ada tanto quanto você.”

“Vamos, fale logo”, disse Van impaciente.

“Ela nunca te escreveu sobre isso?”

Som Gutural Negativo.

“Sobre o que costumávamos chamar de ‘apertar a mola’?”

“Nós?”

“Ela e eu.”

SGN.

“Você se lembra da escrivaninha de vovó entre o globo e a mesinha redonda? Na biblioteca?”

“Lembro da escrivaninha, mas não consigo visualizar a mesinha.”

“Mas se lembra do globo?”

A Tartária empoeirada e o dedo de Cinderela esfregando o lugar onde tombaria o invasor.

“Sim, lembro. E um tipo de suporte com uma porção de dragões dourados.”

“Foi isso que chamei de ‘mesinha redonda’. Na verdade era um console chinês japonizado em laca vermelha, e a escrivaninha ficava no meio.”

“China ou Japão? Decida-se. E ainda não sei qual é a aparência da tua inescrutável. Quer dizer, qual era em 1884 ou 1888.”

Japonizado! Quase tão ruim quanto a outra, com seus blenospermas e molossídeos.

“Van, Vâritchka, estamos nos afastando do ponto principal. O fato é que a escrivaninha ou secretária... Odeio essas duas palavras, mas ela ficava na extremidade oposta do divã preto.”

Agora mencionado pela primeira vez — embora ambos o viessem utilizando tacitamente como um elemento de orientação ou como uma mão direita pintada numa placa transparente que o olho sem órbita de um filósofo — um ovo cozido sem casca que vaga livremente mas sabe de modo intuitivo qual de suas extremidades está mais próxima do nariz imaginário — vê pendurada no espaço infinito; ao que, com uma graça germânica, o olho contorna a placa de vidro e se depara com uma mão esquerda bem visível: *aí* está a solução! (Bernard falou em seis e meia, porém posso chegar um pouco depois.) O mental em Van sempre era vizinho do sensual: inesquecível, algo rude, viloso veludo de Villaviciosa.

“Van, você está desviando de propósito o assunto...”

“Impossível fazer isso com um assunto.”

“... porque na outra extremidade, na ponta do *calcanhar* do divã Vaniada — você se lembra? — só havia o pequeno depósito onde vocês dois me prenderam pelo menos dez vezes.”

“*Nu uj i diéssiat*’ (exagero). Uma vez — e *nunca* mais. O buraco da fechadura era tão grande quanto o olho de Kant. Kant era famoso por

sua íris cor de pepino.”

“Bem, essa escrivanhinha”, continuou Lucette, examinando, ao cruzar as belas pernas, o sapato esquerdo, um elegantíssimo modelo de verniz da casa Glass, “essa escrivanhinha tinha dentro dela uma mesa de jogo de armar e uma gaveta ultrassecreta. E você pensava, acho eu, que a gaveta estava entupida de cartas de amor de nossa avó, escritas quando ela tinha doze ou treze anos. E nossa Ada sabia, ah, como sabia, que a gaveta estava lá, mas tinha se esquecido de como liberar o orgasmo ou seja lá como isso é chamado nas mesas de jogo e escrivanhinhas.”

Como quer que seja chamado.

“Ela e eu te desafiamos a encontrar o *tchuvstvilische* e fazê-lo funcionar. Foi no verão em que Belle teve o problema na coluna e nós ficamos cada qual por sua própria conta, que, no caso de você e Ada, já estava cheia de borrões, mas no meu era de uma pureza comovente. Você ficou tateando um tempão à procura do mecanismo, que provou ser um pequeno círculo no tampo de pau-rosa debaixo do feltro, o qual podia ser empurrado para dentro; ou seja, uma mola que se apertava com o polegar, e Ada caiu na risada quando a gaveta pulou para fora.

“E estava vazia”, disse Van.

“Não de todo. Tinha um minúsculo peão de xadrez vermelho, deste tamanhinho “(mostrando a altura de um grão de cevada com o dedo pouco acima... acima de quê? Do pulso de Van). “Guardei como um talismã, ainda deve estar enfiado em algum lugar. Seja como for, todo o incidente pré-emblematizou, como diria meu professor de arte ornamental, a depravação de sua pobre Lucette no Arizona aos catorze anos. Belle tinha voltado para a Canadá depois que Vrônski desfigurou *As crianças malditas*; sua sucessora havia fugido com Demon; papai estava no Oriente, mamãe quase nunca voltava para casa antes do amanhecer, as criadas iam se encontrar com seus amantes tão logo as estrelas subiam no céu. Eu odiava dormir sozinha no meu quarto, que ficava num canto da casa, e não apagava nunca o pequeno abajur de porcelana cor-de-rosa com a imagem transparente de um cordeirinho perdido, porque tinha medo dos pumas e das cobras que pululavam na escuridão do deserto” [é muito possível que essa passagem não seja a reprodução de uma conversa, e sim cópia de alguma carta de Lucette. Ed.], “e cujos sons Ada imitava com perfeição e, acho eu, de propósito bem debaixo de minha janela no andar térreo. “Bom” [aqui parece que se retorna à linguagem falada], “para fazer uma história curta um pouco mais longa...”

Frase dita pela velha condessa de Prey em seus estábulos ao elogiar em 1884 uma égua manca, que a passou para seu filho, e ele para uma namorada, e ela para sua meia-irmã. Trajetória reconstituída instantaneamente por Van, sentado numa poltrona forrada de pelúcia vermelha, as mãos formando uma tenda.



“... levei meu travesseiro para o quarto de Ada, onde um abajur parecido mostrava um sujeito de barba loura, vestido num roupão de banho, que abraçava o cordeiro recém-encontrado. A noite estava quente como um forno e nós duas nuas em pelo, exceto por um pedacinho de esparadrapo no meu braço onde um médico havia feito um carinho antes de enfiar a agulha da injeção. Ada era um sonho de beleza branca e negra, com um toque de *fraise* em quatro lugares, uma rainha de copas simétrica.”

No momento seguinte se agarraram e tiveram tanto prazer que ficaram sabendo que o fariam sempre, para fins higiênicos, quando estivessem fervendo na falta de um companheiro.

“Ela me ensinou coisas que eu nunca tinha imaginado”, confessou Lucette num deslumbramento retrospectivo. “Nos enlaçávamos como serpentes e soluçávamos como pumas. Éramos acrobatas mongóis, monogramas, anagramas, adalucindas. Ela beijava meu *krestik* enquanto eu beijava o dela, nossas cabeças tomavam posições tão estranhas que a Brigitte, uma criadinha que entrou no quarto por engano com seu castiçal, embora ela própria fosse bastante safada, pensou por um instante que estávamos dando à luz duas meninas ao mesmo tempo, tua Ada parindo *une rousse* (uma ruiva) e a Lucette de ninguém, *une brune* (uma morena). Imagine só!”

“Engraçadíssimo”, disse Van.

“Ah, foi assim quase todas as noites no Rancho Marina e muitas vezes na hora da sesta; fora disso, no intervalo desses *vanouissements* (palavra usada por ela) ou quando estávamos menstruadas — que, acredite ou não...”

“Acredito em qualquer coisa”, disse Van.

“... ocorria no mesmo período —, éramos apenas duas irmãs como quaisquer outras, conversando sobre bobagens, tendo pouco em comum, ela colecionando cactos ou decorando as falas para a próxima audição na Sterva, eu lendo um bocado ou copiando lindas imagens eróticas de um álbum de *Obras-primas proibidas* que descobrimos, aliás, numa caixa cheia de *korssiétov i khrestomátii* (cintas e crestomatias) que Belle esqueceu de levar; e posso jurar que as imagens eram bem mais realistas do que as pinturas de Mong, muito ativo em 888, um milênio antes que Ada dissesse que toda a calistenia oriental estava ilustrada no pergaminho que encontrei por acaso num dos meus locais de emboscada. E assim o dia se passava, a estrela se erguia no firmamento, tremendas mariposas subiam e desciam nas seis patas os vidros das janelas, e nos enroscávamos até que o sono chegasse. E foi então que fiquei sabendo...”, concluiu Lucette, fechando os olhos e fazendo Van sofrer ao reproduzir com precisão diabólica o pequeno gemido afetado com que Ada assinalava seu êxtase final.

Neste ponto, como numa peça teatral bem concebida e dotada de diversos momentos de descontração cômica, o campofone de cobre

tilintou, os radiadores começaram a gorgolejar e a garrafa de soda aberta borbulhou em sintonia.

Van (em tom irritado): “Não compreendi a primeira palavra... O que é que você disse? *L’adorée*? Espere um pouco”. (E dirigindo-se a Lucette:) “Por favor, fique aí mesmo.” (Lucette sussurra uma palavra de criança em francês com dois “p”.) “Está bem” (apontando para o corredor). “Desculpe, Polly. Bem, é *l’adorée*? Não? Me dê o contexto. Ah, *la durée*. *La durée* não é... sino de quê? Sinônimo de duração. Isso mesmo. Me desculpe outra vez, tenho de tapar essa garrafa de soda orgiástica. Não desligue.” (Grita para o “corredor”, como chamavam a longa passagem no segundo andar de Ardis.) “Lucette, pode deixar transbordar, não faz mal!”

Van reencheu o copo de conhaque e, durante um instante ridículo, não conseguiu se lembrar que diabo estava... ah, sim, o polifone.

Nenhum sinal de vida, mas voltou a tocar tão logo Van recolocou o fone no gancho. Ao mesmo tempo Lucette deu umas pancadinhas discretas na porta.

“*La durée*... Por favor, entre sem bater... Não, Polly, o que eu falei não tem nada a ver com você... é minha priminha que está entrando. Tudo bem. *La durée* não é sinônimo de duração, porque a palavra está saturada... sim, como em Saturno... do pensamento desse filósofo. E agora, qual é o problema? Você não sabe se é *dorée* ou *durée*? D — U — R. Pensei que você soubesse francês. Ah, entendo. Até logo.”

“Minha datilógrafa, uma loura banal porém sempre disponível, não consegue ler a palavra *durée* em minha caligrafia bastante legível porque, segundo disse, ela sabe francês, mas não o francês científico.”

“Na verdade”, observou Lucette, secando o longo envelope que tinha sido manchado por uma gota de soda, “Bergson só serve para gente muito moça ou muito infeliz, como a ruiva disponível que vos fala.”

“Saber que falávamos sobre Bergson”, disse o assistente de libertino, “merece uma nota oitenta *dans ton petit cas*, não mais do que isso. Ou será que devo premiá-la com um beijo no teu *krestik*, o que quer que isso seja?”

Fazendo uma careta de dor e recruzando as pernas, nosso jovem vandemoniano amaldiçoou baixinho a condição em que fora solidamente posto pela imagem das quatro brasas de uma cruz vulpina. Um dos sinônimos de “condição” é “estado”, e o adjetivo “humano” pode ser interpretado como “viril” (já que se utiliza a expressão “os homens” para designar a “humanidade!”). Foi por isso, meus caros alunos, que Lowden recentemente traduziu como *Manly State (Estado viril)* o título do fraco romance escrito pelo *malheureux* Pompier, *La Condition Humaine*, no qual, aliás, o termo “vandemoniano” é hilariamente definido como um “cúlaque tasmaniano de origem holandesa”. É melhor botá-la para fora do apartamento antes que seja tarde demais.

“Se você está falando sério”, disse Lucette, passando a língua pelos lábios e apertando os olhos que se tornavam mais escuros, “então, meu querido, pode fazer isso agora. Mas se estiver me fazendo de boba, então você é um vandemoniano abominavelmente cruel.”

“Vamos, vamos, Lucette, essa palavra significa ‘pequena cruz’ em russo, isso é tudo, nada mais. É algum amuleto? Você mencionou agora há pouco um botãozinho ou um pequeno peão vermelho. É alguma coisa que você usa, ou costumava usar, pendurada numa correntinha em volta do pescoço? Um grão de coral, a *glandulella* das vestais na Roma antiga? Minha querida, o que é que há?”

Ainda olhando para ele desconfiada, Lucette disse: “Está bem, aceito o desafio. Vou explicar, embora seja apenas uma daquelas palavras do tipo ‘torre terna’ de nossa irmã. Pensei que você estivesse familiarizado com o vocabulário dela”.

“Ah, já sei!”, exclamou Van (tremendo com um sarcasmo maligno, fervendo com uma raiva misteriosa, vingando-se na ruiva cabrinha expiatória, na ingênua Lucette, cujo único crime era estar impregnada da memória dos inumeráveis lábios da outra). “Claro, agora me lembro. Uma mancha repugnante no singular pode ser uma marca sagrada no plural. É evidente que você está se referindo aos estigmas que aparecem entre as sobrancelhas de jovens freiras puras e doentias quando os padres as ungem exageradamente ali e em outros lugares fazendo sinais da cruz com galhos de mirra.”

“Não, é muito mais simples”, disse a paciente Lucette. “Vamos voltar à biblioteca onde você encontrou aquela coisinha ainda de pé na gaveta...”

“Z de Zêmski. Como eu esperava, você realmente se parece com Dolly, usando ainda as bonitas calças compridas por baixo do vestido e segurando um cravo flamengo no retrato pendurado acima de seu inescrutável marido.”

“Não, não”, disse Lucette, “aquele quadro medíocre presidia aos estudos e esfregações de vocês dois no outro lado da biblioteca, perto do depósito, em cima de uma estante de livros esmaltada.”

Quando acabará esta tortura? Não posso de jeito nenhum abrir a carta diante dela e lê-la em voz alta para gáudio da plateia. Não tenho arte suficiente para metrificar meus gemidos.

“Certo dia, na biblioteca, ajoelhada numa almofada amarela colocada numa cadeira Chippendale em frente a uma mesa oval com pés em forma de patas de leão...”

[O estilo epítetico sugere fortemente que essa fala tem origem epistolar. Ed.]

“... fiquei sem saber o que fazer com seis *Buchstaben* na última rodada de uma partida de Flavita. Não nos esqueçamos que eu tinha oito anos, não havia estudado anatomia e estava fazendo o possível e o impossível para ficar à altura de dois *Wunderkinder*. Você examinou as

letras — que formavam algo assim como LIKROT ou ROTIKL — e rapidamente as rearrumou. Ada nos inundou com suas sedas cor de corvo ao olhar por cima de nossas cabeças e, quando você completou o novo arranjo, ambos se jogaram no tapete preto num paroxismo de hilaridade incompreensível para mim; por isso, ao final eu consegui fazer sem alarde a palavra ROTIK ('pequena boca') e não pude usar a pobre inicial de meu nome. Van, espero ter confundido você completamente, porque *la plus laide fille au monde peut donner beaucoup plus qu'elle n'a*, e agora vamos nos dizer adeus, sempre tua."

"Enquanto a máquina está com ele", murmurou Van.

"Hamlet", disse a mais brilhante aluna do professor assistente.

"Está bem, está bem", concordou o torturador dos dois, "mas, você sabe, um jogador de *Scrabble* em inglês com inclinações médicas, dispondo de duas letras a mais, poderia fazer, por exemplo, STIRCOIL, um estimulante bem conhecido das glândulas sudoríparas, ou CITROILS, que os cavaliços usam para esfregar nas potranças."

"Vandemoniano, pare por favor", ela gemeu. "Leia a carta e traga meu casaco."

Mas ele prosseguiu, o rosto contorcido:

"Estou muito surpreso! Nunca imaginei que uma descendente bem-educada de reis escandinavos, príncipes russos e barões irlandeses seria capaz de utilizar a linguagem da sarjeta. É, tem razão, você se comporta como uma cocote, Lucette."

Num tom triste e meditativo, Lucette disse: "Como uma cocote desprezada, Van".

"*O moiá dúchenka* (meu querido amor)", gritou Van, chocado com sua própria grosseria e crueldade. "Por favor, me perdoe! Sou um homem doente. Venho sofrendo durante os últimos quatro anos de cancerofomia consanguínea — uma enfermidade misteriosa descrita por Coniglietto. Não encoste tua mãozinha fria na minha pata — isso só poderia apressar teu fim e o meu. Continue com a história."

"Bem, depois de me ensinar alguns exercícios simples para uma só mão que eu podia treinar sozinha, a malvada da Ada me abandonou. Verdade, nunca deixamos de fazer aquelas coisas juntas vez por outra — no ranchito de algum conhecido depois de uma festa, num carro branco que ela estava me ensinando a dirigir, num vagão-dormitório atravessando as pradarias, na triste, muito triste Ardis onde passei uma noite com ela antes de vir para Queenston. Ah, eu amo as mãos dela, Van, porque têm a mesma *ródinka* (sinalzinho de nascença), porque os dedos são tão longos, porque, na verdade, são iguais às de Van num espelho redutor, um diminutivo carinhoso, *v laskátielnoi fórmie*" (a fala de Lucette — como ocorre com tanta frequência em momentos emocionais no ramo Veen-Zêmski daquela estranha família, a mais nobre da Estócia, a mais ilustre da Antiterra — era salpicada de

palavras russas, um efeito reproduzido de forma não muito consistente neste capítulo — os leitores estão agitados esta noite).

“Ela me abandonou”, continuou Lucette, fazendo um muxoxo com o canto da boca e alisando com uma palma de mão distraída sua meia cor de carne. “É, ela começou um caso bastante triste com Johnny, um jovem ator de Fuerteventura, *c’est dans la famille*, seu *odnoliétok* (coetâneo) absoluto, praticamente gêmeo dela na aparência, nascido no mesmo ano, no mesmo dia, no mesmo instante...”

Este foi um erro tolo de Lucette.

“Ah, isso é impossível”, interrompeu um taciturno Van, balançando o corpo para um lado e para o outro, os punhos cerrados e as sobrelanceiras franzidas (como seria bom aplicar um *Wattebausch* — era assim que o pobre Rack costumava chamar os débeis arpejos que ela produzia — embebido de água fervendo naquela espinha madura na têmpera direita dele), “isso é inteiramente impossível. Nenhum par de gêmeos pode fazer isso. Nem as duas vistas por Brigitte, uma belezinha segundo imagino, com a chama daquela vela namorando os seus mamilos. A diferença comum de idade entre gêmeos”, ele prosseguiu com uma voz de louco tão bem controlada que parecia apenas excessivamente pedante, “raramente é de menos do que um quarto de hora, o tempo que um útero em trabalho necessita para descansar e divertir-se com uma revista de modas antes de retomar suas contrações pouco apetitosas. Em casos muito excepcionais, quando a matriz continua a operar automaticamente, o doutor pode se aproveitar disso para retirar o segundo bebê, que então é considerado, digamos, três minutos mais jovem, o que, em eventos felizes de consequências dinásticas, eventos duplamente felizes, com todo o Egito na maior ansiedade, pode ser, e foi, mais importante mesmo que a diferença de tempo na chegada de uma maratona. Mas as criaturas, não importa seu número, jamais saem em fila indiana. ‘Gêmeos simultâneos’ é uma contradição em termos.”

“*Nu uj nie znáiu* (bem, sei lá)”, murmurou Lucette (ecoando fielmente a entonação lúgubre usada por sua mãe quando dizia essa frase, a qual aparentemente implicava uma admissão de ignorância e de erro, mas que, sabe-se lá como, tendia — graças a uma inclinação quase imperceptível da cabeça, que expressava muito mais condescendência do que consentimento — a enfraquecer e diluir a verdade da correção feita pelo interlocutor).

“Só quis dizer”, ela continuou, “que ele era um belo rapaz hispano-irlandês, moreno e pálido, e que as pessoas pensavam erradamente que eles fossem gêmeos. Não disse que eram gêmeos de verdade. Nem *drigêmeos*.”

*Drigêmeos? Drigêmeos?* Quem pronunciava assim? Quem? Quem? Um tragicômico trapalhão num transe? Será que os órfãos sobreviveram? Mas cumpre ouvir o que Lucette tem a dizer.

“Depois de mais ou menos um ano ela descobriu que ele era sustentado por um velho pederasta e o mandou andar. Ele deu um tiro na cabeça numa praia, em plena maré alta, mas os surfistas e cirurgiões o salvaram. Só que seu cérebro foi afetado e ele perdeu a fala.”

“A gente pode sempre precisar de um mudo”, disse Van num tom macabro. “Ele podia fazer o papel do eunuco que não fala em *Istambul, meu bulbul* ou do cavaliço disfarçado de guardadora de cachorros que traz uma carta.”

“Van, estou te aborrecendo?”

“Não, bobagem, é um casinho clínico palpitante que prende muito a atenção.”

Porque, realmente, não era nada mau: abater três em igual número de anos — além de acertar um quarto na asa. Grande pontaria, Adiana! Me pergunto quem será o próximo.

“Espero que você não me obrigue a descrever em detalhe as noites deliciosas, tão tórridas quanto terríveis, que passamos juntas antes da chegada desse pobre rapaz e, depois, até que surgisse um novo intruso. Se minha pele fosse uma tela e os lábios dela um pincel, cada centímetro de meu corpo estaria pintado. E ela pode dizer o mesmo. Van, você fica horrorizado? Não gosta mais de nós?”

“Ao contrário”, respondeu Van, produzindo uma imitação passável de alegria dissoluta. “Se eu não fosse homem e heterossexual, seria uma lésbica.”

A reação corriqueira de Van à astuciosa e desesperada tentativa de Lucette fez com que ela desistisse, que ficasse aparvalhada diante do grande poço às escuras, enquanto aqui e ali algumas pessoas tossiam tristemente na eterna e invisível plateia. Ele olhou de esguelha pela centésima vez na direção do envelope azul, notando que sua borda mais comprida não estava perfeitamente paralela à beirada de mogno brilhante, que quase todo o canto superior esquerdo fora encoberto pela bandeja com conhaque e soda, que o canto inferior direito apontava para o romance predileto de Van, *O anúncio cambiante*, deixado sobre o aparador.

“Quero voltar a te ver em breve”, disse Van pensativo, mordendo o polegar, amaldiçoando a pausa, louco para conhecer o conteúdo do envelope azul. “Você tem de passar uns dias comigo no apartamento que comprei na avenida Alex. Mobiliei o quarto de hóspedes com *bergères, torchères* e cadeiras de balanço, parece até o quarto da tua mãe.”

Lucette fez uma reverência com os dois cantos de sua boca entristecida, num gesto *à l'Américaine*.

“Você vem passar alguns dias? Prometo que vou me comportar direitinho. Está bem?”

“Minha noção de bom comportamento talvez não seja igual à tua. E a Córdula de Prey? Ela não vai se importar?”

“O apartamento é meu”, disse Van, “e, além disso, a Córdula é agora a sra. Ivan G. Tobak. Estão flanando em Florença. Olhe aqui o último cartão-postal dela. Retrato de Vladimir Christian da Dina Marca, que, segundo ela, é a cara do teu Ivan Giovanovitch. Dê uma olhada.”

“Quem se interessa pelos Susterman?”, observou Lucette, no estilo das respostas indiretas, semelhantes ao movimento dos cavalos no xadrez, que sua irmã uterina costumava dar, ou da *rovesciata* de um jogador de futebol latino.

Não, é um olmo. Tem quinhentos anos.

“Um antepassado dele”, continuou Van em tom monótono, “foi o famoso almirante russo que duelou com Jean Nicot usando *épées* e deu seu nome às Ilhas Tobago ou Tobakoff. Esqueço qual das duas, foi há tanto tempo, quinhentos anos.”

“Só mencionei a Córdula porque uma antiga namorada se aborrece com facilidade ao tirar conclusões apressadas, como um gato que não consegue pular uma cerca e sai correndo sem tentar outra vez, mas depois para e olha para trás.”

“Quem te contou sobre nosso indecente cordelúdio, quer dizer, interlúdio?”

“Teu pai, *mon cher* — encontramos muito com ele na costa oeste. Ada pensou, de início, que Tapper fosse um nome inventado, que você de fato havia duelado com outra pessoa, mas isso foi antes que alguém tivesse ouvido falar da morte da outra pessoa em Kalugano. Demon disse que você devia ter simplesmente dado umas cacetadas nele.”

“Não podia”, disse Van, “o rato estava apodrecendo numa cama de hospital.”

“Estou falando do verdadeiro Tapper”, exclamou Lucette (que estava transformando a visita num verdadeiro desastre), “e não do meu pobre, traído, envenenado e inocente professor de música, a quem nem mesmo Ada, a menos que ela esteja mentindo, pôde curar de sua impotência.”

“Drigêmeos”, disse Van.

“Não necessariamente *dele*”, disse Lucette. “O amante da sua mulher tocava viola na orquestra. Olhe, vou pegar emprestado um livro” (varrendo com o olhar, na estante mais próxima, *A ciganinha, Clichés de Clichy, Mertvago para sempre, Saudades da Nova Inglaterra*) “e, *komondi*, me recolher durante alguns minutos ao outro quarto, enquanto você... Ah, adoro *O anúncio cambiante*.”

“Não tem pressa”, disse Van.

Pausa (ainda faltam quinze minutos para o final do ato).

“Quando eu tinha dez anos”, disse Lucette só para dizer alguma coisa, ainda “estava na fase *Vieux-Rose-Stoptchin*, mas nossa (usando, naquele dia e ano, o possessivo plural inesperado, majestático, autorial,

jocosos, tecnicamente impreciso e proibido para se referir a Ada ao falar com Van) irmã tinha lido naquela idade, e em três línguas, muito mais livros do que li aos doze. No entanto, depois de uma doença horrível na Califórnia, me recuperei: os Pioneiros venceram os Piogênicos! Não quero me gabar, mas por acaso você conhece um dos meus autores preferidos, Hérodas?”

“Ah, claro”, respondeu Van com superioridade. “Contemporâneo dissoluto de Justinus, o grande pensador romano. Muito bom. Mescla mesmerizante de sutileza e grosseria genial. Minha querida, você o leu na tradução francesa literal com o texto grego na página ao lado, não foi? Mas um amigo aqui da universidade me mostrou o fragmento de um texto recém-descoberto, que você não teria podido ler, sobre duas crianças, um irmão e uma irmã, que fizeram a coisa com tanta frequência que finalmente morreram nos braços um do outro e não puderam ser separados — o ponto de união esticava, esticava e voltava para o lugar tão logo os pais perplexos paravam de puxar. É tudo muito obscuro, muito trágico e terrivelmente engraçado.”

“Não, não conheço essa passagem”, disse Lucette. “Mas, Van, por que você está...”

“Coriza alérgica, coriza alérgica!”, exclamou Van enquanto procurava por um lenço em cinco bolsos ao mesmo tempo. O olhar penalizado de Lucette e a vã procura pelo lenço provocaram nele um tal acesso de tristeza que preferiu sair às pressas da sala, agarrando a carta de passagem, deixando-a cair, apanhando do chão e se retirando para o aposento mais distante (que cheirava ainda ao Degrasse dela) a fim de ler de um só gole.

*“Ah, meu querido Van, esta é a última tentativa que faço. Pode achar que é um atestado de loucura ou a erva do arrependimento, mas quero viver com você, onde quer que você esteja, para todo o sempre. Se desprezar ‘a criada à janela’, vou enviar imediatamente um aerograma aceitando a proposta de casamento que foi feita à tua pobre Ada um mês atrás no estado de Valentine. Trata-se de um russo arizonense, decente e carinhoso, não muito brilhante nem muito elegante. A única coisa que temos em comum é um vivo interesse por muitas plantas do deserto de aspecto militar, em especial diversas espécies de agave que hospedam as larvas dos mais nobres animais da América, as mariposas saltadoras gigantes (como você vê, Krolik continua a cavar). Ele possui cavalos, quadros cubistas e poços de petróleo (o que quer que isso seja — nosso pai que está no inferno também tem alguns, mas não me explica o que são, escapa pela tangente como é de seu estilo). Eu disse a meu valentinês, sempre bastante paciente, que lhe darei uma resposta definitiva depois de consultar o único homem que jamais amei e jamais amarei. Tente me chamar esta noite. Há algo de muito errado com a linha de Ladore, mas me asseguraram que o problema será resolvido antes que suba a maré do rio. Tvoιά, tvoιά, tvoιά (tua). A.”*



Van pegou um lenço limpo na pilha bem-arrumada da gaveta, replicando imediatamente esse gesto ao arrancar uma página de um bloco. É maravilhoso como podem ser úteis esses ritmos repetitivos em que objetos similares (brancos, retangulares) se combinam em momentos caóticos. Escreveu um curto aerograma e voltou à sala de estar. Lá encontrou Lucette já vestindo o casaco de pele e cinco toscos intelectuais que o idiota de seu *valet de chambre* havia deixado entrar e que formavam um círculo mudo em torno da modelo que lhes apresentava graciosamente a moda do próximo inverno. Bernard Rattner, um jovem corpulento, de cabelos pretos e rosto avermelhado, usando óculos de lentes grossas, saudou Van com evidente alívio.

“Meu Deus!”, exclamou Van. “Pensei que íamos nos encontrar na casa de seu tio.”

Com um gesto rápido, centrifugou os cinco nas cadeiras da sala e, malgrado os protestos de sua bela prima (“É uma caminhada só de vinte minutos, não precisa me acompanhar”), pediu pelo campofone que o carro encostasse. Feito isto, desceu pateando nos calcanhares de Lucette a catarata da estreita escada, *katrakatra (quatre à quatre)*. Por favor, crianças, parem de *katrakatrar* (Marina).

“Também sei”, disse Lucette retomando a conversa, “quem é *ele*.”

Apontou para a inscrição “Voltemand Hall” na frente do edifício do qual acabavam de sair.

Van deu-lhe uma olhada rápida — ela se referia apenas ao cortesão de *Hamlet*.

Atravessaram uma arcada escura e, ao emergirem no ar colorido de um delicado crepúsculo, Van parou para lhe dar a nota que havia escrito. Dizia a Ada que alugasse um avião e estivesse no apartamento de Nova York a qualquer hora da manhã seguinte. Ele partiria de Kingston de carro por volta da meia-noite. Ainda esperava que a linha do dorofone para Ladore estivesse funcionando antes de sua partida. *Le château que baignait le Dorophone*. Seja como for, presumia que o aerograma chegaria às mãos dela em poucas horas. Lucette disse “hum, hum”: primeiro ele voaria para Mont-Dore — desculpe, Ladore — e, se tivesse o sinal de “urgente”, chegaria ao nascer do sol levado por um mensageiro ofuscado pela aurora, pois teria de galopar rumo ao leste na pulguenta égua do chefe do correio (porque era proibido usar motocicletas nos domingos, velha lei local, *l’ivresse de la vitesse, conceptions dominicales*); mas, mesmo assim, ela teria tempo suficiente para fazer as malas, encontrar a caixa de *crayons* holandeses que Lucette queria que ela trouxesse se viesse, e tomar o café da manhã no que até recentemente tinha sido o quarto de dormir de Córdula. Nenhum dos meio-irmãos estava em grande forma naquele dia.

“Aliás”, ele disse, “vamos marcar a data para tua visita. A carta dela muda meus planos. Vamos jantar no Ursus no próximo fim de semana. Entro em contato contigo.”

“Sabia que era um caso perdido”, ela disse, evitando os olhos de Van. “Fiz o possível. Imitei todos os *chtútchki* (truquezinhos) dela. Sou melhor atriz do que ela, mas não bastou, sei disso. Agora trate de voltar porque eles estão se embebedando com o teu conhaque.”

Van enfiou as mãos nas vulvas quentes das mangas do sedoso casaco de Lucette e durante alguns segundos agarrou seus cotovelos magros e nus, olhando de cima para baixo, com um desejo pensativo, seus lábios pintados.

“*Un baiser, un seul!*”, ela implorou.

“Promete não abrir a boca? Não se derreter? Não pôr a língua para fora?”

“Prometo, juro!”

Van hesitou. “Não”, disse, “é uma tentação louca, mas não posso sucumbir. Não conseguiria sobreviver a outro desastre, outra irmã, nem metade de uma irmã.”

“*Takóie ottcháianie* (Que desespero)!” gemeu Lucette, enrolando-se toda no casaco que abrira instintivamente para recebê-lo.

“Será que serve de consolo saber que só espero mais torturas com a volta dela? Que te considero uma ave-do-paraíso?”

Ela balançou a cabeça.

“Que sinto por você uma admiração muito grande e dolorida?”

“Eu quero é você”, ela exclamou, “e não uma admiração intangível...”

“Intangível? Sua boboca. Você pode avaliá-la, pode tocar nela bem de leve com as costas da mão enluvada. Eu disse as costas da mão. Só uma vez. Chega. Não posso te beijar. Nem teu rosto em brasa. Adeus, garota. Diga ao Edmond para tirar uma soneca quando voltar. Vou precisar dele às duas da manhã.”

O tema daquele importante debate era uma comparação das observações feitas com respeito a um problema que muitos anos depois Van tentaria resolver de forma diferente. Vários casos de acrofobia haviam sido examinados cuidadosamente na Clínica de Kingston para verificar se a eles estavam associados quaisquer aspectos do “pavor do tempo”. Os resultados dos testes haviam sido totalmente negativos, mas o que parecia muito curioso era que o único caso disponível de cronofobia aguda diferia por sua própria natureza — sabor metafísico, padrão psicológico etc. — dos casos referentes ao medo do espaço. É verdade que um único paciente enlouquecido pelo contato com a textura do tempo constituía uma amostra pequena demais para competir com o numeroso grupo de acrófobos falastrões, e os leitores que vêm acusando Van de precipitação e de insensatez (na terminologia delicada do jovem Rattner) farão dele melhor juízo ao saber que nosso também jovem pesquisador se esforçou muito para impedir que o sr. T. T. (o cronóforo) se curasse cedo demais de sua rara e importante doença. Van havia se convencido de que a enfermidade não tinha nada a ver com relógios e calendários, ou com quaisquer medidas ou conteúdos do tempo, enquanto suspeitava e esperava (como só pode esperar um descobridor apaixonado, puro e profundamente desumano) que seus colegas fossem concluir que o medo mórbido de altura dependia essencialmente de uma falsa avaliação das distâncias. A seu juízo, o sr. Arshin, melhor acrófobo do grupo, que era incapaz até mesmo de descer de um banquinho, poderia ser convencido a se jogar do alto de uma torre caso pudesse ser persuadido por um truque óptico de que a rede aberta pelos bombeiros vinte metros abaixo era um capacho colocado a apenas cinco centímetros de seus pés.

Van mandou que fossem servidos frios e vários litros de cerveja Gallows, embora sua cabeça estivesse longe dali e ele não tivesse brilhado na discussão, que ficou gravada para sempre em sua memória como um nevoeiro de tédio em meio ao qual não se havia chegado a nenhuma conclusão.

Saíram por volta da meia-noite; o ruído de seus passos e palavras ainda subia das escadas quando ele começou a chamar a Mansão de Ardis — em vão, e outra vez em vão. Continuou discando de tempos em tempos até o sol raiar, desistiu, produziu dois toletes fecais estruturalmente perfeitos (cuja simetria cruciforme o fez lembrar-se da manhã que precedeu o duelo) e, sem se preocupar em pôr uma gravata (todas as preferidas esperavam por ele no novo apartamento), seguiu para Manhattan, tomando o volante ao descobrir que Edmond gastara quarenta e cinco minutos, em vez de meia hora, para cobrir um quarto do caminho.

Tudo o que tinha desejado dizer a Ada através do mudo dorofone se resumia a três palavras em inglês, passíveis de serem reduzidas a duas em russo e uma e meia em italiano; mas Ada diria depois que as tentativas frenéticas que ele fizera para alcançá-la em Ardis tinham resultado numa pororoca tão violenta que, por fim, o aquecedor do porão pifou e já não havia água quente — na verdade, água nenhuma — quando ela acordou e, enrolando-se no casaco mais grosso, mandou que Bouteillan (cujo regozijo foi mantido sob um manto de grande discrição!) levasse suas malas para baixo e a conduzisse até o aeroporto.

Nesse meio-tempo, Van chegara à avenida Alexis, se deitara por uma hora, fizera a barba, tomara um banho de chuveiro e, ao ouvir o som de um motor celestial, quase arrancara com um repuxão violento a maçaneta da porta que dava para o terraço.

Malgrado uma força de vontade atlética, a capacidade de ironizar emoções excessivas e o desprezo por choramingas, Van sabia que estava suscetível a ataques de pranto irreprimíveis (atingindo por vezes um grau quase epilético, com uivos repentinos que lhe sacudiam o corpo e fluidos intermináveis que entupiam o nariz) depois que o rompimento com Ada o fizera conhecer agonias jamais imaginadas em seu passado hedonístico. Um pequeno monoplane (alugado, a julgar pelas asas nacaradas e por suas tentativas ilegais, embora abortadas, de descer num oval de grama bem no centro do Parque, após o que se dissolveu na névoa matinal em busca de outro pouso) lhe arrancou um primeiro soluço enquanto, vestindo apenas um quimono curto, a tudo assistia do terraço (agora embelezado por arbustos de espireias azuis numa floração insuperável). Continuou sob o sol gelado até sentir que, sob o quimono de algodão, sua pele se transformava nas placas pélvicas de um tatu. Praguejando e sacudindo as mãos cerradas na altura do peito, voltou para o calor do apartamento e bebeu uma garrafa de champanhe; chamou depois Rose, a desinibida arrumadeira negra que compartilhava, em mais de um sentido, com o famoso e recém-condecorado criptógrafo sr. Dean, um perfeito gentleman que morava no andar de baixo. Com sentimentos contraditórios e uma concupiscência imperdoável, Van ficou vendo o bonito traseiro da criada

remexer-se e contrair-se sob o laço rendado enquanto a cama era feita e seu admirador do andar de baixo podia ser ouvido através dos canos dos radiadores cantarolando feliz (acabara de decodificar mais um dorograma tártaro, que dizia aos chineses onde seria nosso próximo desembarque!). Rose logo terminou de arrumar o quarto e foi embora lançando-lhe um olhar tentador. Os sons da flauta de Pã mal tiveram tempo de ser substituídos (com muito pouca arte, para uma pessoa com a profissão de Dean) por um crescendo de crepitações internacionais que até uma criança poderia decifrar, quando soou a campainha do hall de entrada e, no instante seguinte, uma Ada de rosto mais branco, de boca mais vermelha e quatro anos mais velha, os cabelos soltos se misturando às peles negras de um casaco ainda mais suntuoso que o de sua irmã, encarou um Van já convulsionado pelos soluços, um Van eternamente adolescente.

Ele havia preparado uma dessas frases que, se soam bem nos sonhos, não se sustentam à luz do dia: “Vi você voando lá em cima com asas de libélula”, mas a voz ficou entrecortada no “libé” e ele se jogou a seus pés — os dorsos nus dos pés que calçavam chinelos pretos e reluzentes da Casa Glass — precisamente na mesma posição, naquele mesmo amontoado de ternura desesperançada, autoimolação e denúncia de uma vida demoníaca em que retrospectivamente ele caía no desvão mais profundo de seu cérebro toda vez que relembrava o impossível semissorriso de Ada ao ajustar as omoplatas ao tronco da derradeira árvore. Naquele momento, um assistente de palco invisível lhe ofereceu uma cadeira, onde ela se sentou, chorou e afagou os negros cabelos encaracolados de Van enquanto persistiu o acesso de tristeza, gratidão e remorso. Poderia ter durado muito mais, caso outro furor, bem mais físico e que já vinha fazendo ferver seu sangue desde a véspera, não houvesse oferecido uma bendita via de escape.

Como se tivesse acabado de escapar de um palácio em chamas e de um reino em colapso, sobre a camisola amassada ela usava apenas um casaco de lontra do mar de um marrom-escuro sarapintado de prata, o famoso *kamtchátstki bobr* dos antigos caçadores de pele estocianos, também conhecido como “lutromarina” na costa da Liasca: “minha pele natural”, Marina costumava dizer, sorrindo, acerca de seu próprio agasalho, herdado de uma grande dama da família Zêmski, quando ao final de um baile de inverno alguma senhora que usava um casaco de *vison* ou de nútria, para não falar de um rele *manteau* de castor (*niemiétski bobr*), elogiava com um gemido de admiração sua *bobróvaia chúba*. “*Stárienkaia* (uma coisinha velha)”, acrescentava Marina numa expressão de desdém carinhoso (a contrapartida normal do recatado “*thank you*” de uma grande senhora bostoniana, dito como se ela fosse um mero ventríloquo de seu *mink* ou nútria banal, ao responder a uma palavra cortês de louvor — o que não a impedia de criticar mais tarde o “cabotinismo” daquela “atriz convencida”, que na verdade nada tinha de

presunçosa). Os *bobri* (plural principesco de *bobr*) de Ada eram um presente de Demon, que, como sabemos, vinha ultimamente encontrando-se bem mais amiúde com ela, nos estados do Oeste, do que quando criança na Estócia oriental. O bizarro entusiasta passara a dedicar-lhe a mesma *tendresse* que sempre sentira por Van. Sua nova atitude com relação a Ada parecia tão ardorosa que certos imbecis enxeridos chegaram a suspeitar que Demon “dormia com sua sobrinha” (na realidade, ele estava crescentemente ocupado com moças espanholas, a cada ano mais jovens, até que lá pelo fim do século, quando já era um sexagenário e tinha pintado os cabelos de um azul meia-noite, sua namoradinha era uma detestável ninfeta de dez anos). O mundo entendia tão pouco a verdadeira situação que mesmo Córdula Tobak, *née* de Prey, e Grace Wellington, *née* Erminin, falavam de Demon Veen, com seu cavanhaque bem na moda e suas camisas de peitilho pregueado, como o “sucessor de Van”.

Nenhum dos dois irmãos jamais conseguiu reconstituir (e tudo isso, inclusive a lontra do mar, não deve ser visto como uma manobra evasiva do narrador, pois em outras ocasiões já fizemos coisas bem mais difíceis) o que disseram, como se beijaram, como dominaram as lágrimas, como ele a arrastou para o sofá, galantemente orgulhoso de manifestar sua reação imediata ao fato de que, sob as peles quentes, Ada estava tão desguarnecida quanto ao atravessar, carregando o castiçal, a janela mágica da biblioteca.

Depois de se regalar ferozmente com a garganta e os mamilos dela, Van estava prestes a passar ao estágio seguinte de sua impaciência ensandecida quando ela o fez parar, explicando que antes deveria tomar seu banho matinal (esta era, de fato, uma nova Ada) e que, além do mais, esperava que sua bagagem fosse trazida a qualquer momento pelos idiotas do “saguão do Mênaco” (ela entrara pela porta errada, embora Van tivesse dado uma régia gorjeta ao devotado porteiro de Córdula para que ele praticamente trouxesse Ada no colo até o apartamento). “Rapidinho, rapidinho”, disse Ada, “*da, da*, em dois segundos estarei fora d’água!” Mas o louco e obstinado Van se livrou do quimono e a seguiu até o banheiro, onde ela se inclinava com esforço por sobre a banheira baixa para abrir as duas torneiras e, depois, para colocar a tampa presa por uma corrente de bronze. A tampa foi sugada por conta própria enquanto Van estabilizava a adorável lira de Ada e, no momento seguinte, atingia a raiz macia como camurça e se sentia aprisionado ao penetrar fundo entre os lábios de bordas carmesins, tão familiares, tão incomparáveis. Ela se agarrou às duas torneiras em forma de cruz, aumentando sem querer o barulho da água que parecia acompanhar o longo gemido de desafogo que Van deixou escapar, e então quatro olhos voltavam a fitar o azul transparente do riacho de Pinedale, e Lucette abriu a porta com uma batidinha perfunctória e se

imobilizou, mesmerizada pela visão do traseiro cabeludo de Van e da horrível cicatriz que percorria o lado esquerdo de seu corpo.

As mãos de Ada fizeram a água parar. Diversas malas estavam sendo dispostas ruidosamente por todo o apartamento.

“Não estou olhando”, disse Lucette abobalhada. “Só vim aqui pegar minha caixa.”

“Por favor, querida, dê uma gorjeta a eles”, disse Van, um fanático distribuidor de propinas. “E me passe a toalha”, acrescentou Ada, mas a ancila estava catando as moedas que, na pressa, deixara cair no chão, e então Ada viu também a escada escarlate de pontos no flanco de Van. “Ah, pobrezinho”, gritou, e por pura compaixão permitiu que ele repetisse o ato que a entrada de Lucette ameaçara interromper.

“Não tenho certeza se trouxe o diabo dos *crayons* de Cranach que ela pediu”, disse Ada um minuto depois, fazendo uma careta de sapo assustado. Ele a examinou de alto a baixo com o sentimento de uma felicidade perfeita, cheirando a eucalipto, enquanto ela apertava um tubo de loção Pennsilvestris para lançar jorros de um líquido brilhante na água do banho.

Lucette já tinha ido embora (deixando um bilhete com o número de seu quarto no Hotel Winster para Senhoritas) quando nossos dois amantes, pernas ainda bambas mas decentemente enrolados em roupões, se sentaram para tomar o belo café da manhã (o bacon crocante de Ardis! O mel translúcido de Ardis!) trazido no elevador por Valério, um velho romano de cabelos cor de gengibre, sempre de cara amarrada e barba malfeita, porém um ótimo sujeito (que tinha recrutado a impecável Rose em junho último e era pago para mantê-la exclusivamente a serviço de Veen e Dean).

Quantas gargalhadas, quantas lágrimas, quantos beijos molhados, que tumulto de planos e mais planos! E que segurança, que liberdade para amar! Duas cortesãs — ambas ciganas, mas sem nenhum parentesco entre si: a garota bem doida que vestia uma lolita espalhafatosa, com uma boquinha cor de papoula e pelugem negra, apanhada num café entre Grasse e Nice; a outra, modelo em tempo parcial (você já a viu acariciando um batom viril nos anúncios da marca Fellata), apelidada mui apropriadamente de Swallowtail (nome da borboleta “rabo de andorinha”, mas também, literalmente, “engole cauda”) pelos fregueses de um floramor em Norfolk Broads — haviam dado a nosso herói exatamente a mesma razão, não reproduzível numa crônica de família, para considerar que ele era de todo estéril apesar de suas proezas sexuais. Achando graça do diagnóstico daquelas filhas de Hécate, Van fez uma série de exames e, embora ridicularizando o sintoma como fruto de uma coincidência, os médicos foram unânimes em afirmar que Van Veen possuía tudo para ser um amante alentado e duradouro, mas jamais poderia ter a esperança de ser pai. Com que alegria Ada bateu palmas!

Será que ela gostaria de ficar no apartamento até o período escolar da primavera (ele agora raciocinava em termos desses períodos) e então acompanhá-lo a Kingston? Ou preferiria viajar para o exterior por alguns meses — a qualquer lugar, Patagônia, Angola, Gululu nas montanhas da Nova Zelândia? Ficar no apartamento? Quer dizer que gostava do lugar? Exceto por algumas coisas de Córdula que seriam jogadas fora — por exemplo, aquele álbum muito conspícuo da *Alma Mater* das Almehs de Brown Hill aberto num retrato da pobre Vanda. Ela havia sido morta numa noite estrelada com um tiro desfechado pela namorada de uma namorada, e logo em Ragusa. Van disse que isso era muito triste. A gracinha da Lucette sem dúvida tinha contado a ele sobre uma aventura posterior, não tinha? Fazendo trocadilhos sobre as glândulas femininas num desvario digno de Ofélia, não foi? Delirando sobre os deleites clitoridianos, não é mesmo? “*N’exagérons pas, tu sais*”, disse Ada, sinalizando com as duas palmas que era necessário baixar o nível das revelações. “O que Lucette disse”, respondeu Van, “é que ela (Ada) imitava o rugido dos leões da montanha.”

Ele era onisciente... omnisciente, melhor dizendo, omnincesto.

“É verdade”, confirmou a outra pessoa dotada de memória total. “E, aliás, Grace — sim, Grace — era a verdadeira favorita de Vanda, não euzinha com minha pequena crista.” Ela sempre dava um jeito de alisar as dobras do passado — tornando o tocador de flauta praticamente impotente (exceto com sua mulher) e permitindo ao fidalgo fazendeiro um único abraço, acompanhado de uma *eiakuliátsia* precoce (para utilizar uma dessas palavras horrorosas que a língua russa tomou emprestadas), não é verdade? É de fato um horror, mas ela adoraria jogar *Scrabble* outra vez quando estivessem definitivamente instalados. Onde, porém? E como? Será que o sr. e sra. Ivan Veen seriam bem recebidos em qualquer lugar? E a indicação “solteiro” e “solteira” nos passaportes? Iriam ao consulado mais próximo e, com urros de indignação e/ou uma fabulosa propina, a correção seria feita e eles estariam casados para todo o sempre.

“Sou uma boa moça, muito boazinha mesmo. Aqui estão os lápis especiais dela. Foi muito simpático de tua parte convidá-la para o próximo fim de semana. Acho que ela está mais loucamente apaixonada por você do que por mim, a pobrezinha. Demon comprou os *crayons* em Estrasburgo. Afinal de contas, ela agora é uma meio-*virgem*...” (“Ouvi dizer que você e papai...”, começou Van, mas a introdução de um novo assunto foi cortada pela raiz) “e não devemos temer que ela veja nossos *ébats*” (pronunciando de propósito a primeira vogal *à la russe*, com a insolência triunfante que é também elogiada em minha prosa).

“Você faz bem o papel de puma”, ele disse, “mas ela imita, e à perfeição, minha *viola sordina* predileta. Aliás, ela é uma imitadora maravilhosa e, se você for ainda melhor...”



“Vamos falar de meus talentos e truques em alguma outra hora”, disse Ada. “É um assunto doloroso. Agora tratemos de ver essas fotografias.”

Durante sua melancólica estada em Ardis, Ada havia sido procurada por um Kim Beauharnais consideravelmente mudado e cevado. Sobrava um álbum encapado com um tecido de um marrom alaranjado, matiz que ela considerava “sujo” e odiara a vida toda. Nos últimos dois ou três anos em que não o tinha visto, o rapazinho ágil e magro de tez amarelada se transformara num colosso bronzeado, que fazia lembrar vagamente um janízaro de alguma ópera exótica, aproximando-se com passos pesados para anunciar uma invasão ou uma execução. Tio Dan, que naquele exato momento era empurrado na cadeira de rodas pela enfermeira bonita e arrogante rumo ao jardim onde tombavam as folhas cor de cobre e de sangue, exigiu em voz alta que lhe dessem o grande livro, mas Kim disse “Talvez mais tarde”, indo encontrar-se com Ada num canto do saguão.

Ele havia trazido um presente para ela, uma coleção de fotografias tiradas nos bons tempos. Esperava que os bons tempos voltassem em breve, mas, tendo sabido que *mossio votre cossin* (falava um patoá carregado, que achava mais apropriado a circunstâncias solenes do que o inglês cotidiano de Ladore) não revisitaria o castelo tão cedo — impedindo assim que o álbum fosse atualizado —, a melhor solução “para todos os entrelaçados” (e não “interessados”) seria que ela guardasse (ou destruísse e esquecesse, a fim de não ferir ninguém) o documento ilustrado que tinha agora em suas belas mãos. Estremecendo de raiva com a menção a “belas mãos”, Ada abriu o álbum num dos marcadores marrons significativamente inseridos aqui e ali, deu uma breve olhada, repôs o fecho do álbum e entregou ao sorridente chantagista uma nota de mil dólares que por acaso tinha na bolsa. Chamou Bouteillan e lhe disse que pusesse Kim para fora. O álbum cor de lama continuou sobre uma cadeira, embaixo de seu xale espanhol. Com um chute pouco firme, o velho criado expulsou uma folha de tulipa dos pântanos que havia sido trazida para dentro pela corrente de ar e voltou a fechar a porta da frente.

“*Mademoiselle n’aurait jamais dû recevoir ce gredin*”, ele rosnou ao atravessar de volta o saguão.

“Era isso exatamente o que eu ia dizer”, observou Van quando Ada havia terminado seu relato do horrível incidente. “As fotografias eram muito sujas?”

“*Ach!*”, exalou Ada.

“Esse dinheiro poderia ter servido a uma causa mais valiosa — Lar dos Potros Cegos ou das Gatas Borracheiras Idosas.”

“Estranho que você diga isso.”

“Por quê?”

“Não importa. Seja como for, essa coisa pavorosa está agora num lugar seguro. Eu *tinha* de pagar, senão ele ia mostrar à pobre Marina as fotografias de Van seduzindo sua priminha Ada — o que já seria bastante ruim. Quem sabe, porém, como vendedor excepcional, ele talvez tivesse suspeitado de toda a verdade.”

“Então você realmente acha que, por ter comprado este álbum por uns míseros mil dólares, todas as provas desapareceram e tudo está em ordem?”

“Por que não? Acha que não paguei o suficiente? Posso lhe mandar mais. Sei onde encontrá-lo. Ele dá aulas, acredite se quiser, sobre a Arte de Registrar a Vida na escola de fotografia de Kalugano.”

“Bom lugar para acabar com uma vida”, disse Van. “Tem certeza de que a ‘coisa pavorosa’ está com você?”

“Claro que sim. Está comigo, no fundo daquele baú. Te mostro daqui a pouquinho.”

“Meu amor, me diga uma coisa. Qual era o teu q.i. quando nos encontramos pela primeira vez?”

“Duzentos e tantos. Um número sensacional.”

“Bom, então acho que caiu uma barbaridade. Esse tal de Kim guardou todos os negativos e mais uma porção de fotografias, que vai mostrar ou enviar mais tarde.”

“Você acha que caiu ao nível da Córdula?”

“Mais baixo. Agora vamos ver essas fotos... antes de decidir o salário que lhe daremos todos os meses.”

O primeiro item da série diabólica reproduzia uma das impressões iniciais de Van da Mansão de Ardis num ângulo diferente daquele guardado em sua memória. A área enquadrada ficava entre a sombra de uma caleche projetada sobre os cascalhos e o degrau branco do alpendre em colunata que brilhava ao sol. Marina, com um braço ainda enfiado na manga do guarda-pó que um criado (Price) a ajudava a tirar, agitava o outro num gesto teatral de boas-vindas (em total desacordo com a careta de beatitude impotente que lhe contorcía o rosto), enquanto Ada, vestindo o blazer preto de uma equipe de hóquei — que de fato pertencia a Vanda —, deixava os cabelos caírem sobre os joelhos flexionados enquanto dava uns tapinhas em Dack com um apanhado de flores para fazer cessar seus latidos nervosos.

Seguiam-se várias imagens preparatórias do terreno em volta da casa: o círculo de colúteas, uma larga aleia, o “O” negro da falsa gruta, a colina, a grande corrente que circundava o tronco de uma espécie rara de carvalho (*Quercus ruslan* Chat.) e vários outros lugares considerados pitorescos pelo compilador da brochura ilustrada, mas que ficaram com aspecto algo medíocre devido à inexperiência do fotógrafo.

A técnica foi se aperfeiçoando.

Outra moça (Blanche!) agachada e dobrada para a frente (na posição exata de Ada e, na verdade, parecendo-se com ela) por sobre a mala de Van aberta no chão, e “comendo com os olhos” a silhueta de Ivory Revery num anúncio de perfume. Depois a cruz e a sombra dos galhos acima da sepultura da querida governanta de Marina, Anna Pimenovna Nepraslinov (1797-1883).

Saltemos algumas cenas de natureza: esquilos com jeito de jaritatacas, um peixinho listrado num aquário cheio de bolhas, um canário em sua linda prisão.

A foto de uma pintura oval, bastante reduzida, mostrava a princesa Sophia Zêmski aos vinte anos, em 1775, com seus dois filhos (o avô de Marina, nascido em 1772, e a avó de Demon, nascida em 1773).

“Não consigo me lembrar”, disse Van, “onde esse quadro ficava pendurado.”

“No quarto íntimo de Marina. E você sabe quem é esse vagabundo de sobrecasaca?”

“Parece uma foto de má qualidade tirada de alguma revista. Quem é?”

“Súmierietchnikov! Ele tirou sumerografias do tio Vanya anos atrás.”

“O Crepúsculo antes dos Lumiére. Ei, aqui está Alonso, o especialista em piscinas. Encontrei sua doce e triste filha numa festa bastante devassa — ela tinha o teu toque de pele e o teu cheiro, além de se derreter como você. Os grandes encantos da coincidência.”

“Não estou interessada nisso. Agora aparece um garotinho.”

“*Zdrástie*, Ivan Dementievitch”, disse Van saudando sua imagem aos catorze anos, sem camisa, vestindo apenas shorts e apontando um míssil cônico na direção de uma moçoila da Crimeia condenada a oferecer, de sua jarra lascada por uma bala, um imorredouro gole d’água marmóreo ao marinheiro moribundo.

Pulemos também Lucette pulando corda.

Ah, o famoso primeiro pintassilgo.

“Não, esse é um *kitái skaia púnotchka* (escrevedeira da Muralha da China). Pousou na soleira de uma das portas do porão. A porta está entreaberta. Dentro há ferramentas de jardim e tacos de croqué. Você se lembra como muitas espécies exóticas, alpinas e polares, se misturavam às locais?”

Hora do almoço. Ada se inclinando bem baixo sobre um pêssego sumarento e mal descascado em vias de ser devorado (foto tirada do jardim através da porta-janela).

Drama e comédia. Blanche lutando com dois amantes ciganos no bosque de espanta-lobos. Tio Dan lendo calmamente um jornal em sua baratinha vermelha, atolado até o meio das rodas na lamacenta estrada de Ladore.

Duas enormes mariposas-pavão, ainda conectadas. Todo santo ano, cavaliços e jardineiros traziam para Ada espécimes dessa mariposa bastante comum; o que de certo modo nos faz lembrar de você, doce Marco d'Andrea, ou de você, Domenico Benci, com seus cabelos vermelhos, ou então de você, Giovanni del Brina, moreno e sorumbático, que pensou se tratar de morcegos. Ou ainda daquele cujo nome não ousou mencionar (pois é uma contribuição científica de Lucette — passível de ser mal explicada depois de morta a autora da descoberta) e que também pode ter surpreendido ao pé do muro de um pomar (ainda não coberto pelas glicínias que mais tarde invadiram a região — adendo de sua meia-irmã), numa manhã de maio de 1542, perto de Florença, um par de mariposas-pavão *in copula*, o macho com as antenas plumosas, a fêmea com filamentos simples, desenhando-as fielmente (em meio a horrendos insetos inventados) num dos lados do nicho fenestral na chamada “Sala dos Elementos” do *Palazzo Vecchio*.

Nascer do sol em Ardis. Congratulações: Van nu, ainda encasulado na rede sob os “*liddérons*”, como eram chamados em Ladore os liriodendros, não exatamente um *lit d'édredon*, mas merecedor de um trocadilho auroral e sem dúvida capaz de favorecer a manifestação física da fantasia de um jovem sonhador insuficientemente encoberta pela malha de fios.

“Congratulações”, repetiu Van com orgulho viril. “A primeira foto indecorosa. Aposto que Bewhorny tem uma ampliação dela em sua coleção privada.”

Ada examinou a malha da rede com uma lente de aumento (usada por Van para decifrar certos detalhes dos desenhos de seus pacientes lunáticos).

“Infelizmente vão aparecer outras”, observou com voz embargada. E, aproveitando-se de que estavam vendo o álbum na cama (o que hoje consideramos ter sido de mau gosto), a estranha Ada usou a lupa no próprio Van, coisa que já havia feito muitas vezes como uma criança cientificamente curiosa e artisticamente depravada no ano da graça retratado nas fotos.

“Vou arranjar um pedacinho de papel para cobrir isso”, disse ela, retornando à lasciva carúncula que surgia em meio à malha imodesta. “Aliás, você tem uma tremenda coleção de máscaras negras na tua cômoda.”

“Para os bailes a fantasia”, murmurou Van.

Para fins de comparação: as coxas brancas de Ada inteiramente à mostra (a saia usada no dia do aniversário ficara presa pelos galhos e folhas) ao montar num ramo negro da árvore do Éden. Mais tarde: várias fotos do piquenique de 1884, como a de Ada e Grace entregues a uma dança da Liasca e Van, de cabeça para baixo, mordiscando miosótis (identificação conjectural).

“Isso acabou”, disse Van, “um precioso tendão esquerdo parou de funcionar. Ainda posso praticar esgrima e dar um belo murro, mas andar sobre as mãos nunca mais. Ada, você está proibida de fungar. Proibida de fungar e de chorar. King Wing disse que o grande Vektchelo se transformou num simples *tcheloviék* quando tinha a mesma idade que tenho agora, por isso está tudo normal. Ah, o Ben Wright bêbado tentando possuir Blanche à força nas estrebarias — ela tem um papel importante nessa confusão.”

“Ele não está fazendo nada disso. Dá para ver muito bem que estão dançando. É como a Bela e a Fera no baile em que Cinderela perdeu a liga da meia e o príncipe perdeu a bela peça de vidro que lhe cobria as partes pudendas. Pode se ver também o sr. Ward e a sra. French numa dança camponesa brueghelesca na extremidade oposta do salão. Todas essas histórias de estupros rurais em nossa região têm sido muito exageradas. *D’ailleurs*, esse foi o último *pétard* do sr. Ben Wright em Ardis.”

Ada na varanda (fotografada por nosso acrobático voyeur da beirada do telhado) desenhando uma de suas flores prediletas, um satírio de Ladore, ereto, carnudo, com filamentos sedosos. Van teve a impressão de se lembrar daquela tarde ensolarada, a excitação, a suavidade, algumas palavras que ela murmurara ao acaso (em relação a um comentário botânico idiota que ele fizera): “A *minha* flor só se abre na hora do crepúsculo”. Isto é, a que ela estava colorindo de malva com o pincel de aquarela.

Uma fotografia formal numa página à parte: Ádotchka, bonita e impura em seu vestido levíssimo, e Vanitchka, num terno cinza de flanela e com a gravata da escola de listras oblíquas, lado a lado e de frente para a *kimera* (quimera, câmera?), em posição de sentido, ele com a sombra de um sorriso forçado, ela sem nenhuma expressão no rosto. Ambos se lembravam da ocasião (entre a primeira cruzinha e todo um cemitério de beijos) e do momento: iniciativa de Marina, que mandou emoldurar a fotografia e a pôs no quarto de dormir junto a um retrato de seu irmão com doze ou catorze anos, vestindo uma *baironka* (camisa aberta) e segurando um porquinho-da-Índia no côncavo das mãos: os três pareciam irmãos, com o rapaz morto fornecendo um álibi vivisseccional.

Outra foto tinha sido tirada nas mesmas circunstâncias, mas por alguma razão fora rejeitada pela volúvel Marina: Ada estava sentada a uma mesa de três pés, lendo, a mão entreaberta cobrindo a parte

inferior da página. Um raro sorriso, radiante e aparentemente gratuito, brilhava em seus lábios quase mouriscos. Uma parte dos cabelos caía sobre a clavícula, o resto descia pelas costas. Van estava de pé atrás dela, a cabeça inclinada como se olhasse sem realmente ver para o livro aberto. Ao se ouvir o clique sob a coberta do fotógrafo, de forma deliberada e plenamente consciente ele juntou o passado recente com o futuro iminente, dizendo-se que aquele momento permaneceria como uma percepção objetiva do presente real, e que ele deveria lembrar-se do sabor, do clarão e da carne do presente (como de fato lembrou seis anos mais tarde... e mais uma vez agora, na segunda metade do século seguinte).

No entanto, que dizer da excepcional radiância daqueles lábios adorados? Por uma mudança no grau da alegria, o riso zombeteiro pode facilmente transformar-se num olhar de êxtase.

“Van, você sabe qual era aquele livro ao lado do espelho de mão e da pinça de Marina? Vou te dizer. Um dos romances mais hipócritas e mais hilariantes que jamais conseguiram ser mencionados na primeira página da resenha de livros do *Times* de Manhattan. Tenho certeza de que Córdula ainda tem um exemplar no cantinho acolhedor onde vocês ficavam de rosto colado depois que eu levei o fora.”

“Gato”, disse Van.

“Ah, muito pior. O *Gato tigrado* do velho Beckstein é uma obra-prima quando comparado a esse *O amor debaixo das tília*s, escrito por um tal de Eelmann e transportado para o inglês por Thomas Gladstone, que pelo jeito pertence a uma empresa de embaladores e carregadores, porque na página que a Ádotchka, *ádova dótchka* (filha do Inferno), está degustando no momento em que foi tirada a fotografia, um automóvel vira um caminhão. E pensar, imagine só, que a pobre da Lucette tinha de estudar Eelmann e três outros terríveis autores chamados Tom no curso de literatura em Los!”

“Você se lembra dessa droga, mas eu me lembro do beijo que demos logo depois debaixo dos lariços e que durou três horas.”

“Veja a próxima ilustração”, disse Ada em tom sombrio.

“Que patife!”, gritou Van. “Ele deve ter rastejado atrás de nós com todo o equipamento. Vou ter de destruí-lo.”

“Van, não quero mais nenhuma destruição. Só amor.”

“Mas olhe, querida, nessa aqui estou engolindo tua língua, nessa outra estou grudado ao teu epiglote e...”

“Intervalo”, suplicou Ada, “depressinha.”

“Estou pronto a te servir até os noventa anos”, disse Van (a vulgaridade da exibição de voyeurismo era contagiosa), “mais ou menos noventa vezes por mês.”

“Ah, isso é pouco, quero mais, digamos cento e cinquenta, o que significaria, significaria...”

Mas, na súbita tempestade, os cálculos foram pros diabos caniculares.

“Bem”, disse Van quando sua mente retomou o controle, “voltemos à nossa infância desfigurada. Estou ansioso” (apanhando o álbum que ficara sobre o tapete à beira da cama) “para me livrar dessa carga. Ah, um novo personagem, aqui embaixo diz que é o doutor Krolik.”

“Espere um segundo. Van, esse pode ser o melhor creme evanescente, mas mesmo assim faz a maior sujeirada. Muito bem. Sim, é o meu pobre professor de história natural.”

Usando calças largas presas abaixo do joelho e chapéu-panamá, consumido de desejo por sua *bábotchka* (“borboleta” em russo). Uma paixão, uma doença. Que saberia Diana *desta* caça?

“Que curioso, tal como Kim o mostra aqui, ele parece muito menos peludo e gordo do que eu imaginava. Na verdade, querida, ele é uma grande, bela e robusta Lebre de Março! Me explique!”

“Não há nada para explicar. Pedi a Kim um dia que me ajudasse a carregar algumas caixas até lá e a trazê-las de volta. Aqui está a prova disso. Além do mais, esse não é o *meu* Krolik, mas seu irmão, Karol ou Karapars Krolik. Professor de filosofia, nascido na Turquia.”

“Adoro esse teu jeito de quase fechar os olhos quando conta uma mentira. Miragem longínqua da desfaçatez como ciência.”

“Não estou mentindo!” E com encantadora dignidade: “Ele é *mesmo* professor de filosofia”.

“Van *ist auch*”, disse ele.

“Nosso maior sonho”, Ada continuou, “meu e de Krolik, era descrever e desenhar os primeiros estágios, do ovo até a crisálida, de todos os arginíneos conhecidos, grandes e pequenos, a começar pelos do Novo Mundo. Eu ficaria responsável pela construção de um criatório à prova de pragas, com controle de temperatura e outros refinamentos, tais como cheiros noturnos e as vozes de animais para recriar uma atmosfera natural em certos casos mais difíceis... uma lagarta exige um imenso cuidado! Há centenas de espécies e boas subespécies nos dois hemisférios, mas, como já disse, iniciá-íamos pela América. Receberíamos pelo correio aéreo de todos os lugares, começando por nenhuma razão especial pelos habitats árticos — Liasca, Le Bras d’Or, a ilha Victor —, fêmeas prontas para pôr os ovos e as plantas de que elas se alimentam, como, por exemplo, as violetas de vários tipos. Nossa incubadora seria também uma estufa para criar diversas plantas fascinantes, desde a raça *endiconensis* da violeta dos pântanos setentrionais até a diminuta mas magnífica *Viola kroliki*, recentemente descrita pelo professor Hall da baía de Goodson. Eu contribuiria com imagens coloridas de todos os estágios da evolução dos insetos e desenhos a traço dos aparelhos genitais e outras estruturas dos espécimes perfeitos. Seria um trabalho maravilhoso.”

“Um trabalho feito com amor”, disse Van virando a página.



“Infelizmente, meu querido colaborador morreu sem deixar testamento, e todas as suas coleções, inclusive uma pequena parte que era contribuição minha, foram entregues por uma corja de seus parentes a agentes na Alemanha e comerciantes na Tartária. Desprezível, injusto e tão triste!”

“Vamos encontrar para você outro diretor científico. E agora, o que temos aqui?”

Três lacaios, Price, Norris e Ward, vestidos ridiculamente de bombeiros. O jovem Bout beijando com devoção o dorso, entrecortado de veias, de um bonito pé pousado sobre uma balaustrada. Foto noturna, tirada do jardim, de dois pequenos fantasmas brancos apertando os rostos contra o vidro da janela da biblioteca.

Dispostas artisticamente em leque numa única página, apareciam sete *photchki*, tiradas no mesmo número de minutos de um esconderijo relativamente distante, num cenário de capim alto, flores silvestres e densas folhagens. As sombras e a profusão de pedúnculos camuflavam delicadamente os detalhes básicos, sugerindo pouco mais do que uma brincadeira vigorosa de duas crianças semidespidas.

Na miniatura central, o único membro visível de Ada era seu braço magro acima do capim pontilhado de margaridas, brandindo, como se fosse uma bandeira, o vestido que acabara de tirar. Numa fotografia no alto da página, a lupa (redescoberta agora sob o lençol) mostrava claramente, acima das margaridas, o tipo de cogumelo de cabeça estreita designado no direito escocês (depois que foi proibida a bruxaria) como o “Senhor da Ereção”. Outra planta interessante, o melão de Marvel, que imitava o traseiro de um rapaz ocupado, podia ser vista no horizonte floral de uma terceira foto. Nas três imagens seguintes, *la force des choses* (“a febre da cópula”) havia perturbado suficientemente a vegetação luxuriante a ponto de impedir que alguém pudesse distinguir os pormenores de uma complexa composição, mistura de canhestros golpes de combate cigano e chaves proibidas de luta livre. Por fim, na última foto, a mais baixa na sequência em forma de leque, Ada estava representada por duas mãos que ajeitavam o cabelo, enquanto Adão se encontrava de pé a seu lado, uma fronde ou uma flor encobrindo-lhe a coxa com a displicência deliberada de um Velho Mestre desejoso de garantir a castidade do Éden.

Num tom igualmente descontraído, Van disse: “Querida, você fuma demais, minha barriga está coberta de cinzas de cigarro. Suponho que Bouteillan saiba o endereço exato do professor Beauharnais na Atenas das Artes Gráficas”.

“Você não vai matá-lo”, disse Ada. “Ele é subnormal, talvez queira se fazer de chantagista, mas, na sua sordidez, há um *istóchni ston* (gemido visceral) de arte doentia. Além disso, esta página é a única realmente indecente. E não esqueçamos que umaruiva de oito anos também foi vítima de uma emboscada no mato.”

“Arte é o... diabo. Isto aqui é o carro funerário da *ars*, o papel higiênico da *Carte du Tendre* ! Sinto muito que você tenha me mostrado o álbum. Esse safado banalizou nossas imagens mentais. Vou arrancar os olhos dele a chicotadas ou redimirei nossa infância escrevendo um livro sobre ela: *Ardis*, crônica de uma família.”

“Ah, faça isso!”, disse Ada (pulando a folha onde constava outra visão ignóbil — obtida, aparentemente, através de um buraco no assoalho do sótão). “Olhe aqui, nossa ilhota do Califa!”

“Não quero olhar mais nada. Suspeito que você se excite com essa sujeira. Há uns malucos que ficam estimulados com histórias em quadrinhos em que aparecem motocicletas e mulheres de biquíni.”

“Por favor, Van, dê uma olhada! Esses são os nossos salgueiros, você se lembra?”

*O castelo banhado pelo Adour:  
Turistas, não percam esse tour.*

“Por acaso é a única em cores. Os salgueiros estão meio esverdeados porque seus galhos são esverdeados, mas na verdade estão sem folhas: é o começo da primavera, e dá para ver nosso bote vermelho *Souvenance* por trás dos juncos. E cá está a última: a apoteose de *Ardis* pelas lentes de Kim.”

Toda a criadagem estava reunida em vários degraus do alpendre em colunata atrás da baronesa Veen, presidente do banco, e da vice-presidente Ida Larivière. Elas eram flanqueadas pelas duas datilógrafas mais bonitas, Blanche de la Tourberie (etérea, o rosto marejado de lágrimas, totalmente adorável) e uma moça negra que havia sido contratada alguns dias depois da partida de Van para auxiliar French, a qual, com um ar bastante mal-humorado, se agigantava atrás dela na fileira seguinte, cujo ponto focal era Bouteillan, usando ainda o paletó esporte com que levara Van até a estação (a fotografia da partida tinha sido omitida ou não fora tirada). À direita do mordomo apareciam três lacaios; à sua esquerda, Bout (que servira como *valet* de Van), o gordo cozinheiro com tez de farinha de trigo (pai de Blanche) e, junto a French, um senhor vestido com roupas de tweed de cima a baixo e que trazia, pendurado no ombro, todo o equipamento de um excursionista fanático: na realidade (segundo Ada), tratava-se de um turista que, tendo vindo da Inglaterra para ver o Castelo Bryant, enveredara com sua bicicleta pelo caminho errado e, na foto, continuava achando que se juntara a outros turistas na visita a uma velha mansão também digna de ser inspecionada. Nos últimos degraus perfilavam-se os lacaios menos visíveis e os lavadores de prato, bem como jardineiros, cavaleiros, cocheiros, sombras de colunas, criadas das criadas, copeiras, lavadeiras, eiras e beiras — cada vez mais indistintos, como naqueles anúncios de casas bancárias em que os empregados de categoria

inferior são encobertos por ombros mais afortunados, mas, não obstante, buscam se afirmar, sorrindo ainda a caminho da humilde dissolução.

“Aquele ali, na segunda fileira, não é o tal do Jones, o que tinha uma respiração ofegante? Sempre gostei desse sujeito.”

“Não”, respondeu Ada, “aquele é Price. Jones só chegou quatro anos depois. É agora um policial importante na Baixa Ladore. Bem, isso é tudo.”

Sem pressa, Van retornou aos salgueiros e disse:

“Todas as fotos do álbum foram tiradas em 1884, exceto esta aqui. Nunca te levei de barco pelo rio Ladore no começo da primavera. Fico satisfeito em verificar que você não perdeu tua maravilhosa capacidade de se ruborizar.”

“O erro é *dele*. Deve ter incluído uma *photchka* tirada depois, talvez em 1888. Podemos arrancá-la, se você quiser.”

“Querida”, disse Van, “todo o ano de 1888 foi arrancado. Não é necessário ser detetive de livro policial para ver que foram retiradas pelo menos tantas páginas quanto as que ficaram. *Eu* não me importo — quer dizer, não tenho o menor desejo de ver o *Knabenkräuter* e outros penduricalhos dos teus amigos que você levou para fazer pesquisas botânicas; mas 1888 está sendo guardado e aparecerá quando a primeira nota de mil for gasta.”

“Eu mesmo destruí 1888”, admitiu a orgulhosa Ada; “mas juro, juro solenemente, que o homem atrás de Blanche, na foto do *perron*, era, e continuou a ser, um total estranho.”

“Bom para ele”, disse Van. “Realmente não tem a menor importância. É todo o nosso passado que foi caricaturado e condenado. Pensando bem, não vou escrever aquela crônica de uma família. Aliás, onde anda agora minha pobre Blanche?”

“Ah, ela está bem. Ainda anda por lá. Você sabe, ela voltou... depois que você a sequestrou. Casou com nosso cocheiro russo, aquele que substituiu Bengal Ben, como os outros criados o chamavam.”

“Ah, casou com ele? Isso é uma delícia. Sra. Trofim Peidukov. Nunca imaginaria que pudesse ter acontecido.”

“Tiveram um filho cego”, disse Ada.

“O amor é cego”, disse Van.

“Blanche me disse que você passou uma cantada nela na mesma manhã em que chegou a Ardis.”

“Não documentada por Kim”, disse Van. “A criança vai *continuar* cega? Quer dizer, você arranjou para eles um médico de primeira classe?”

“Ah, sim, não tem solução. Mas, por falar em amor e seus mitos, você se dá conta — porque eu mesmo nunca me dei conta antes de falar com Blanche alguns anos atrás — que as pessoas que circulavam em torno de nós tinham olhos excelentes? Esqueça o Kim, ele é apenas o

palhaço inevitável, mas você sabe que estava se criando uma verdadeira lenda em relação a você e a mim enquanto brincávamos e fazíamos amor?”

Ela nunca reparara (repetiu isso várias vezes, como se tencionasse resgatar o passado da trivialidade factual do álbum) que o primeiro verão deles nos pomares e orquidários de Ardis tinha se tornado um segredo e um credo sagrados em toda a região. Criadas com inclinações românticas, cujas leituras consistiam em *Gwen de Vere* e *Klara Mertvago*, adoravam Van, adoravam Ada, adoravam os ardores nos arredores de Ardis. Seus namorados, dedilhando baladas nas liras russas de sete cordas sob os cachos de flores ou nos velhos roseirais (enquanto as luzes da mansão se apagavam uma a uma), acrescentavam às velhas canções populares versos recém-compostos — ingênuos, simplórios mesmo, mas vindos do fundo do coração. Policiais excêntricos se sentiram atraídos pelos encantos do incesto. Jardineiros parafraseavam iridescentes poemas persas sobre a irrigação e as Quatro Setas do Amor. Vigias noturnos combatiam a insônia e a ardência da gonorreia com as armas das *Aventuras de Vaniada*. Pastores, poupados pelos raios em colinas remotas, usavam seus enormes berrantes como cornetas acústicas para captar as cantigas de Ladore. Castelãs virgens em mansões com chão de mármore acariciavam suas chamas solitárias atiçadas pelo romance de Van. E outro século passaria, e a palavra pintada seria retocada pelo pincel ainda mais pujante do tempo.

“O que significa simplesmente”, disse Van, “que nossa situação é desesperadora.”

Sabendo como suas irmãs gostavam de comida russa e de *shows* de boate russos, Van as levou na noite de sábado para o Ursus, o melhor restaurante franco-estoniano de Manhattan Major. Ambas usavam os vestidos de noite muito curtos e decotados que Vass “visualizara” para aquela estação do ano, se é que cabe utilizar a palavra então na moda. O de Ada era preto e vaporoso, o de Lucette de um verde lustroso. A boca de cada uma “ecoava” no tom (mas não na cor) o batom da outra; os olhos estavam pintados no estilo “ave-do-paraíso surpresa”, muito em voga tanto em Los quanto em Lute. Metáforas misturadas e duplos sentidos caíam bem aos três Veen na sua qualidade de filhos de Vênus.

O *ukha*, o *chachlík* e o *Ai* eram sucessos fáceis e familiares; mas as velhas canções ganharam uma pungência especial devido à participação de um contralto da Liasca e de um baixo de Banff, renomados intérpretes de “romances” russos, com um toque de angústia *tsigânschchina* vibrando nas melodias de Grigóriev e Glinka. E havia também Flora, uma dançarina esbelta, seminua e recém-núbil, de origem incerta (romena, cigana, ramsesiana?), de cujos arrebatadores serviços Van se valera várias vezes no outono anterior. Como “homem do mundo”, ele apreciou a exibição dos talentos da moça com amena despreocupação (talvez amena demais), mas isso sem dúvida acrescentou um bônus secreto ao estado de excitação erótica que formigava dentro dele desde o momento em que suas duas beldades tiraram os casacos de pele e se apresentaram sob o clarão colorido do festim que lhe era oferecido; e aquela vibração foi de certa forma aumentada por sua consciência (mantida cautelosamente de perfil, com antolhos diáfanos) da suspeita furtiva, ciumenta e intuitiva com que Ada e Lucette observavam, sem sorrir, as reações faciais de Van diante do olhar reservado de reconhecimento profissional que, em suas idas e vindas, lhe lançava a *bliaduchka* (putinha), pois era assim que nossas senhoritas se referiam com fingida indiferença à caríssima e em tudo deliciosa Flora. Es longos lamentos dos violinos começaram a afetar e quase sufocar Van e Ada: um condicionamento juvenil de fundo romântico que, em determinado momento, obrigou uma chorosa Ada a

ir “empoar o nariz”, enquanto Van se pôs de pé com um soluço espasmódico que amaldiçoou mas foi incapaz de controlar. Voltou a comer o que haviam posto à sua frente e cruelmente acariciou a pelugem de pêssigo que cobria o antebraço de Lucette, que então lhe disse em russo: “Estou bêbada e tudo, mas eu te adoro (*obojáiu*), adoro, adoro, adoro você mais do que a vida, você, você, sinto um desejo insuportável por você (*iá toskúiu po tiebié nievinossímo*) e, por favor, não deixe que eu me entupa mais de champanhe, não apenas porque vou me jogar no rio Goodson se não tiver nenhuma esperança de te possuir, e não apenas por causa daquela coisa física, daquela coisa vermelha — quase arrancaram teu coração, meu pobre *dúchenka* (‘querido’, mais que ‘querido’) —, achei que ela tinha pelo menos vinte centímetros...”.

“Dezenove”, murmurou o modesto Van, que a música impedia de ouvir bem.

“... mas porque você é Van, todo Van e nada menos do que Van, pele e cicatriz, a única verdade de nossa única vida, da *minha* vida maldita, Van, Van, Van.”

A essa altura Van levantou-se mais uma vez, pois, abanando o leque preto num movimento gracioso, Ada se aproximava seguida por mil olhos, enquanto os primeiros acordes de uma canção (baseada no glorioso *Siála notch* de Fet) subiam das teclas (e o baixo tossia à *la russe*, na mão fechada, antes de abrir a voz).

*Na noite radiosa, a lua inundava o jardim,  
Vinha beijar nossos pés. No salão apagado,  
Vibravam as cordas de um piano,  
E tua canção fazia latejar nossos corações...*

Depois, Banoffsky se lançou nos grandes anfíbracos de Glinka (quando o tio deles ainda era vivo, Mikhail Ivanovitch tinha se hospedado certo verão em Ardis — lá havia um banco verde onde se dizia que o compositor costumava ficar sentado por longo tempo à sombra das pseudoacácias, enxugando a ampla testa):

*Acalma-te, paixão angustiante!*

Seguiram-se outros cantores com baladas mais e mais tristes: “Os ternos beijos agora esquecidos”, “A primavera apenas começava, o campo a se pintar de verde” e “Quantas canções ouvi na minha terra: cantávamos a dor, cantávamos o amor”, bem como a falsamente popularesca:

*No Rossov há um rochedo  
Que de musgo se cobriu,*

*Se de altura alguém tem medo  
É porque de lá caiu...*

E uma série de lamentos de viagem, tal como:

*O sininho dos arreios vai tocando sem parar,  
Blim-blim-blim na estrada empoeirada...*

E a velha cantiga militar:

*Nadiéjda, hei de voltar  
Quando o corneteiro soar o toque de retirada...*

E o único poema lírico memorável de Turguêniev, que começa assim:

*Manhã tão nevoenta, afogada no cinzento,  
Os campos já ceifados, tão tristes sob a neve*

E, naturalmente, a famosa e pseudocigana composição para violão de Apollón Grigóriev (outro amigo do tio Ivan):

*Ei, você, ao menos você fale comigo,  
Amigo de sete cordas,  
A lua banha todo o vale,  
E a saudade invade meu coração!*

“Declaro solenemente que estamos fartos de luar e de suflê de morango, o qual, na verdade, não ‘subiu’ o suficiente para se mostrar à altura da situação”, observou Ada em seu estilo mais afetado de personagem de Jane Austen. “Vamos todos para a cama. Você viu nossa cama enorme, não viu, minha querida? Olhe, nosso cavaleiro está bocejando tanto que vai acabar destroncando o maxilar.”

“Ah, a mais pura (num outro bocejo em plena expansão) verdade”, disse Van, parando de apalpar a face aveludada do pêssego de Cupidon que havia começado a abrir mas nem chegara a provar.

O *maître*, o *vinotcherpi*, o responsável pelo *chachlík* e um batalhão de garçons tinham ficado totalmente extasiados com o volume de *ziernístaia ikrá* e *Ai* consumidos pelos três vaporosos Veen, e agora mantinham um olho múltiplo fixado na bandeja que retornava a Van com um carregamento de notas e moedas de ouro.

“Por que”, perguntou Lucette, beijando o rosto de Ada quando se levantaram (ambas fazendo gestos natatórios atrás das costas em busca das peles, que deviam estar guardadas a sete chaves na caixa-forte ou sabe-se lá onde), “por que a primeira canção, *Uj gasli v kômnatakh ogní* e as ‘rosas redolentes’ te emocionaram mais do que

teu Fet predileto e aquela outra, sobre o cotovelo ossudo do corneteiro?”

“Van também ficou emocionado”, retrucou Ada de modo enigmático, roçando com os lábios recém-retocados de batom a sarda mais notória no rosto de uma inebriada Lucette.

Despreocupadamente, de uma forma meramente tátil, como se só naquela noite tivesse conhecido as duas divindades que se moviam devagar e sacudindo as ancas, Van, enquanto as guiava rumo à saída (onde receberam as mantas de chinchila que estavam sendo trazidas às pressas por outro batalhão de ávidos seres humanos inexplicável e ignobilmente impecuniosos), pousou a palma de uma das mãos, a esquerda, nas costas longas e nuas de Ada, e a outra na espinha dorsal de Lucette, igualmente nua e longa (será que ela se tinha referido à cicatriz ou à perfuratriz? Lapso de lábios lascivos?). Despreocupadamente, peneirou e provou uma sensação, depois a outra. A região lombar de Ada era um marfim quente; a de Lucette, macia e úmida. Ele também quase chegara à sua “última gota”, tendo bebido quatro das seis garrafas de champanhe menos um dedal (como se dizia na velha Chose), e agora, enquanto caminhava atrás das peles azuladas, cheirou como um idiota a mão direita antes de vestir a luva.

“Poxa, Veen”, choramingou uma voz perto dele (havia muitos devassos nas redondezas), “você não precisa de duas, né?”

Van se voltou, pronto a esmurrar o autor da grosseria, mas era apenas Flora, grande gozadora e excelente imitadora. Tentou dar-lhe uma nota de bom valor, porém ela escapou, os braceletes e as estrelas em seus seios relampejando um adeus carinhoso.

Tão logo Edmund (e não Edmond, que, por razões de segurança — ele conhecia Ada —, tinha sido mandado de volta a Kingston) os deixou em casa, Ada encheu as bochechas de ar, arregalando os olhos, e seguiu para o banheiro de Van. Seu próprio banheiro havia sido oferecido à cambaleante hóspede. Van, num ponto geográfico um pouquinho mais próximo da irmã mais velha, teve de utilizar, num jorro interminável, o pequeno *vessie* (forma canadiana de W.C.) que ficava ao lado do quarto de vestir. Tirou o paletó do smoking e a gravata, desabotoou o colarinho da camisa de seda e ficou parado por conta de uma hesitação viril: Ada, para além do quarto de dormir e de uma saleta, estava preparando o banho; um ritmo de violão, recentemente ouvido, se adaptava aquaticamente ao ruído do líquido caindo (um dos raros momentos em que Van se lembrava dela e das palavras perfeitamente normais que havia escrito em seu último sanatório na Agávia).

Passou a língua pelos lábios, limpou a garganta e, decidindo matar dois tentilhões com um único cone de pinheiro, caminhou para a outra extremidade do apartamento, a extremidade sul, atravessando o *boudery* e o *manger hall* (há sempre uma tendência de falar canadiano



quando se está *haut*). No quarto de hóspedes, encontrou Lucette de costas, ocupada em vestir a camisola verde-clara pela cabeça. Suas ancas estreitas estavam nuas, e nosso vil libertino não pôde deixar de se emocionar com a simetria ideal das covinhas gêmeas que só os corpos jovens e muito perfeitos têm acima das nádegas, na cintura sacral da beleza. Ah, eram ainda mais perfeitas que as de Ada! Felizmente ela se voltou, ajeitando os cachos vermelhos que deixara tombar sobre os ombros, ao mesmo tempo que a bainha caía à altura dos joelhos.

“Minha querida”, disse Van, “me ajude, por favor. Ela me falou sobre o *estanciero* valentino, mas o nome dele agora me escapa e odeio aborrecê-la.”

“Só que ela nunca te disse o nome dele”, respondeu a leal Lucette, “por isso nada podia te escapar. E não vou dizer coisa nenhuma. Não posso fazer isso com a tua amada e a minha, porque sabemos que você pode fazer uma bala passar até pelo buraco da fechadura.”

“Por favor, raposinha! Vou te premiar com um beijo muito especial.”

“Ah, Van”, Lucette suspirou fundo. “Promete que não vai contar para ela que eu te disse?”

“Prometo. Não, não, não”, ele continuou, assumindo um sotaque russo, enquanto ela, com o abandono do amor irrefletido, estava prestes a comprimir seu abdômen contra o dele. “*Nikák-s niet*: nada de lábios, nada de poção mágica, nada de pontas de nariz, nada de olhos marejados. A axila da raposinha, só isso... a menos que (se afastando com fingida incerteza)... você *raspa* aí embaixo?”

“Fico com um cheiro pior quando raspo”, confidenciou Lucette com absoluta simplicidade, desnudando obedientemente um ombro.

“Levante o braço! Aponte para o Paraíso! Para a Terra! Para Vênus!”, ordenou Van, e, durante algumas batidas de coração sincronizadas, grudou a boca muito ativa naquele côncavo quente, úmido, perigoso.

Ela se deixou cair numa cadeira, apertando uma das mãos contra a testa.

“Apague as luzes da ribalta”, disse Van. “Quero saber o nome desse sujeito.”

“Vineland”, ela respondeu.

Van ouviu a voz de Ada Vineland pedir os chinelos comprados na Casa Glass (os quais, como tinha ocorrido também durante o regime da princesa Cordulenska, lhe pareciam simples sapatilhas de balé) e, um minuto depois, sem a menor interrupção da tensão subsistente, num sonho embriagado, viu-se possuindo violentamente Rose — não, Ada, mas na posição rosácea, numa espécie de cômoda baixa. Ela reclamou que Van a estava machucando “como um tigre turco”. Ele foi se deitar e estava a ponto de cair no sono quando Ada se levantou. Aonde estaria indo? Lucette queria ver o álbum.

“Volto num esfregar”, ela disse (gíria escolar das lésbicas), “por isso fique acordado. Aliás, daqui por diante e até segunda ordem, vai ser *Chère-amie-fait-morata* (jogo de palavras com os nomes genérico e específico da famosa mosca, correspondente ao ‘papai e mamãe’).”

“Mas nada de *Vorschmacks* sáficos”, murmurou Van ao travesseiro.

“Ah, Van”, ela disse, voltando-se e balançando a cabeça, uma das mãos pousada sobre a maçaneta de opala da porta de um quarto sem fim. “Já discutimos isso tantas vezes! Você mesmo admite que sou apenas uma garota pálida e rebelde com cabelo de cigana, como diz aquela balada imorredoura, num nuliverso, no ‘mundo variegado’ de Rattner onde o único princípio é a mutação aleatória. Você não pode exigir”, continuou ela de algum lugar situado entre as dobras do travesseiro (porque Ada havia muito desaparecera com seu álbum marrom-sangue), “não pode exigir pudicícia a uma delfineta! Você sabe que só amo para valer os homens e, infelizmente, um só homem.”

Nas alusões de Ada a seus casos amorosos sempre havia algo tipicamente impressionista, embora também infantil: algo parecido com a pintura *trompe l’oeil*, pequenos labirintos de vidro com duas bolinhas ou a máquina de tiro ao pombo de Ardis — você se lembra? — que lançava para o alto pinhas e aves de argila, ou o *biks* russo, que se jogava com um taco de brinquedo sobre o feltro verde de uma pequena mesa oblonga com buracos, arcos, sinetas e pinos, em meio aos quais a esfera de marfim, do tamanho de uma bola de pingue-pongue, ziguezagueava ruidosamente.

Os tropos são os sonhos da linguagem. Atravessando o labirinto de cercas vivas e os arcos na mesa coberta de feltro de Ardis, Van penetrou no sono. Quando reabriu os olhos, eram nove da manhã. O corpo dela fazia uma curva que a mantinha afastada de Van, sem nada além do parêntese aberto, seus conteúdos não prontos ainda para serem fechados. Os belos, adorados e traiçoeiros cabelos negros com tons acobreados e azuis cheiravam a Ardis, mas também ao perfume de Lucette.

Será que ela mandara um telegrama para ele? Dizendo que tudo estava cancelado ou adiado? Sra. Viner... não, Vingolfer, não, Vinelander... primeiro *rússki* a provar a uva *labruska*.

“*Mnie snítsa soPIÉrnik STCHASTLÍVOI!*” (Mihail Ivanovitch traçando arcos na areia com a bengala, sentado no banco sob as uvas cremosas, as costas encurvadas).

“Sonho com um rival que me derrote!”

Nesse meio-tempo, para mim era uma ressaca só... e o mais potente comprimido de cafeína.

Como Ada aos vinte anos gostava de acordar tarde, desde que tinham passado a viver juntos Van tomava um banho de chuveiro enquanto ela ainda dormia; ao fazer a barba, dava ordens para que o café da manhã fosse servido por Valério, que subia com o carrinho pelo

elevador e o empurrava até a saleta de estar vizinha ao quarto de dormir. Mas, naquele domingo, não sabendo quais as preferências de Lucette (lembrava-se de que ela adorava beber chocolate) e desejoso de desfrutar de Ada antes que o dia começasse para valer, mesmo se isso implicasse invadir a quentura de seu sono, Van acelerou as abluções, se secou vigorosamente, passou talco no baixo-ventre e, sem se preocupar em ocultar a nudez, voltou ao quarto já com tudo em riste... para dar de cara com uma Lucette mal-humorada e os cabelos desgrenhados, vestindo ainda a camisola verde-salgueiro e sentada na beirada oposta da cama concubital, enquanto Ada, com os mamilos intumescidos e já usando por razões rituais e fatídicas o colar de diamantes, dava a primeira tragada do dia e tentava fazer com que sua irmãzinha se decidisse experimentar as panquecas do Mônaco com *syrup* do Potomac ou, talvez, o incomparável bacon âmbar e rubi. Ao ver Van — que, sem o menor efeito negativo sobre seus imponentes petrechos, estava pondo um joelho de proprietário sobre a borda mais próxima da cama monumental (certa vez, Rose do Mississípi, para fins pedagógicos de aprimoramento visual, tinha levado para lá suas duas irmãzinhas cor de caramelo e uma boneca quase do tamanho delas, embora branca) —, Lucette encolheu os ombros e fez menção de sair, mas a ávida mão de Ada a impediu de se levantar.

“Fique aqui na cama, minha querida. E você, Deus do Jardim, chame o serviço de quarto e peça três cafés, meia dúzia de ovos quentes, um monte de torradas com manteiga, outro monte...”

“Ah, não!”, interrompeu Van. “Dois cafés, quatro ovos *et cetera*. Me recuso a deixar que os empregados saibam que tenho duas garotas na minha cama, uma (que o diga Flora) já é o bastante para minhas pequenas necessidades.”

“*Pequenas!*”, bufou Lucette. “Deixe eu ir embora, Ada. Estou precisando de um banho e ele está precisando de você.”

“Você não vai sair daqui”, gritou a audaciosa Ada, arrancando com um movimento gracioso a camisola da irmã. Lucette involuntariamente dobrou-se para a frente, encurvando a frágil espinha dorsal; depois se deitou, pousando a cabeça na metade externa do travesseiro de Ada com o abandono pudibundo de uma mártir, seus cachos lançando um clarão alaranjado contra o veludo negro que forrava a cabeceira da cama.

“Descruze os braços, sua boboca”, ordenou Ada, afastando com o pé o lençol que encobria parcialmente seis pernas. Ao mesmo tempo, sem virar a cabeça, deu um tapa no furtivo Van, que se achegava ao traseiro dela, enquanto com a outra mão fazia passes mágicos sobre os seios pequenos, porém muito bonitos e perlados de suor, e sobre o ventre liso e palpitante de uma ninfa das areias, até chegar ao pássaro de fogo visto uma única vez por Van e agora todo emplumado — e tão

fascinante a seu modo quanto o corvo azul de sua favorita. Feiticeira! Acrasia!

O que tínhamos agora era não tanto uma situação casanovesca (aquele adorador de prostitutas de fato tinha uma pena monocromática, na linha dos livros de memórias de sua época esqualida), e sim um quadro bem mais antigo, da escola veneziana (*sensu largo*), reproduzido (nas *Obras-primas proibidas*) com perícia suficiente para resistir ao exame minucioso de um especialista em bordéis.

Assim, vista de cima, como se refletida no espelho de teto que Eric ingenuamente imaginara em seus sonhos eróticos (na verdade, tudo permanece em sombra, pois as cortinas ainda cerradas mantêm lá fora a luz cinzenta da manhã), temos a grande ilha da cama iluminada à nossa esquerda (direita para Lucette) pelo abajur que brilha com uma incandescência murmurante na mesa de cabeceira do lado oeste. O lençol e a colcha estão jogados ao sul da ilha, onde não havia nenhum anteparo que os protegesse contra a queda e também onde o olho que acaba de desembarcar inicia a viagem rumo ao norte, subindo pelas pernas abertas à força da mais jovem srta. Veen. A gota de orvalho no musgo avermelhado em breve encontra uma resposta estilística na lágrima cor de água-marinha em seu rosto afogueado. Outra viagem do porto para o interior revela a longa e branca coxa esquerda da jovem que está no centro. Visitamos as barracas de lembranças: as garras pintadas de vermelho de Ada a conduzir o pulso de um homem razoavelmente recalcitrante, conquanto compreensivelmente complacente, numa viagem que começa no leste às escuras e chega ao oeste iluminado por um sol de cobre; e o brilho do colar de diamantes, que, naquele momento, não é mais valioso do que as águas-marinhas no outro lado (oeste) da rua cheia de lojas de novidades. O nu masculino com grande cicatriz ocupando a costa leste da ilha está parcialmente obscurecido e, de modo geral, atrai menos interesse, conquanto se encontre muito mais excitado do que é bom para ele e para certo tipo de turista. Em homenagem à jovem do centro, a parede recentemente forrada de papel que fica próxima ao abajur a dorocene (o qual, *et pour cause*, agora murmura bem mais alto do que antes) está ornamentada com madressilvas peruanas no ato de serem visitadas (não apenas devido a seu néctar, mas também aos bichinhos presos nele) por maravilhosos beija-flores do gênero *Loddigesia*, enquanto a mesa de cabeceira daquele lado exibe uma rele caixa de fósforos, um *karavantchik* de cigarros, um cinzeiro do Hotel Mônaco, uma cópia do pobre livro de suspense de Voltemand e uma orquídea (*Oncidium Lúrida*) numa pequena jarra ametistina. Sobre a mesinha do lado de Van se veem um abajur igualmente superpotente mas desligado, um dorofone, uma caixa de lenços de papel, uma lupa de leitura, o álbum de Ardis já devolvido e um artigo do dr. Anbury (pseudônimo brincalhão do jovem Rattner) intitulado “A música de fundo como causa de tumores

cerebrais”. Os sons têm cores, as cores têm cheiros. O fogo do âmbar de Lucette atravessa a noite do odor e do ardor de Ada, parando no limiar do bode alfazemado de Van. Dez longos dedos, ávidos, perversos e amorosos, pertencentes a dois jovens demônios, acariciam a indefesa companheira de cama. A cabeleira negra de Ada acidentalmente faz cócegas no bibelô local que ela segura na mão esquerda, mostrando com magnanimidade como funciona o objeto que comprou. Não assinado e não emoldurado.

Isso foi praticamente tudo, porque a ilusão se liquefez quase de imediato e Lucette, agarrando a camisola, fugiu para seu quarto. Foi apenas o tipo de loja onde as pontas dos dedos do joalheiro têm um jeito carinhoso de aumentar a preciosidade de alguma bugiganga graças a algo semelhante ao roçar das asas posteriores de um licenídeo pousado ou ao esfregar do polegar do prestidigitador quando dissolve uma moeda; mas é justamente nessa espécie de loja que o quadro anônimo atribuído a Grillo ou Obieto, capricho ou propósito, *ober-* ou *unterart*, é descoberto pelo artista com dons de investigador.

“Ela é terrivelmente nervosa, a coitadinha”, observou Ada se esticando por cima de Van para pegar um lenço de papel. “Você pode pedir o café da manhã agora, a menos que... Ah, que beleza! Uma salva de palmas. Nunca vi um homem se recuperar tão depressa!”

“Centenas de prostitutas e dezenas de belezocas mais experientes do que a futura sra. Vineland já me disseram isso.”

“Talvez eu não seja tão inteligente quanto costumava ser”, disse Ada com tristeza, “mas conheço alguém que não é apenas uma vagabunda como também uma verdadeira puta, e essa é a Córdula Tobacco, também conhecida como sra. Perwitsky. Li no jornal desta manhã que, na França, uma alta percentagem das rameiras morrem de câncer. Não sei como é na Polônia.”

Passado algum tempo, ele adorou [*sic!* Ed.] as panquecas. No entanto, nenhuma Lucette apareceu e, quando Ada, usando ainda os diamantes (o que significava pelo menos mais um “querido Van” e mais um Camel antes do banho matinal), deu uma olhada no quarto de hóspedes, descobriu que a mala branca e a pele azul haviam desaparecido. Um bilhete, escrito com o lápis verde que ela usava para delinear os olhos, tinha sido preso com alfinete ao travesseiro.

*Eu enlouqueceria se ficasse mais uma noite. Vou esquiar em Verma com outras pobres lagartas lanosas durante umas três semanas. Da infeliz,*

*L.*

Van foi até sua estante para leitura, que pertencera a um mosteiro e que ele comprara para poder escrever na posição vertical do pensamento vertebrado, e redigiu o seguinte bilhete:

Pobre L.,

*Sentimos muito que você tenha partido tão cedo. Lamentamos ainda mais havermos atraído nossa Esmeralda, nossa sereia, para uma brincadeira de mau gosto. Meu adorado papa-figo de penas vermelhas, nunca mais faremos isso com você. Por favor, nos desculpe. As lembranças, as brasas e as membranas da beleza fazem os artistas e os idiotas perderem a cabeça. Pilotos de tremendas aeronaves e até mesmo cocheiros rudes e fedorentos sabidamente enlouqueceram por um par de olhos verdes e um cacho cor de cobre. Queríamos te admirar e te divertir, ave-do-paraíso. Fomos longe demais. Eu, Van, fui longe demais. Lastimamos aquela cena vergonhosa, embora basicamente inocente. Este é um momento de tensão emocional e de condicionamento. Destrua e esqueça.*

*Carinhosamente teus,*

*A. e V. (em ordem alfabética)*

“Eu chamaria isso de uma baboseira pomposa e puritana”, disse Ada após passar os olhos pela carta de Van. “Por que deveríamos nos desculpar por ela ter sentido um delicioso *spazmotchka*? Eu a amo e nunca permitiria que você a ferisse. É curioso... sabe, alguma coisa no tom da tua carta me fez sentir ciúme de verdade pela primeira vez na vida. Van, Van, algum dia, em algum lugar, depois de um banho de sol ou de uma dança, você vai dormir com ela, Van!”

“Só se houver acabado teu estoque de filtros mágicos. Você me deixa mandar essas linhas para ela?”

“Deixo, mas quero acrescentar algumas palavras.”

O P.S. dela dizia o seguinte:

*A declaração acima é da lavra de Van e eu a assino com relutância. É pomposa e puritana. Eu te adoro, mon petit, e jamais deixaria que ele te ferisse, não importa se com gentileza ou loucura. Quando você se cansar de Queen, por que não pega um avião para a Holanda ou para a Itália?*

*A.*

“Agora vamos respirar um ar revigorante”, sugeriu Van. “Vou mandar encilhar o Pardus e a Peg.”

“Ontem à noite dois homens me reconheceram”, ela disse. “Dois californianos, em momentos diferentes, mas nenhum deles ousou me cumprimentar... ao me verem acompanhada de um *bretteur* de smoking de seda olhando em volta com ar ameaçador. Um era Anskar, o produtor, e o outro, acompanhado de uma cocote, Paul Whinnier, um dos amigos londrinos do teu pai. Acho que eu queria mesmo era que voltássemos para a cama.”

“Agora vamos dar um passeio a cavalo no parque”, disse Van com firmeza, chamando antes um mensageiro para levar a carta ao hotel de Lucette — ou à estação de inverno de Verma, caso ela já tivesse partido.

“Suponho que você saiba o que está fazendo”, observou Ada.

“Sei, sim.”

“Você está partindo o coração dela”, disse Ada.

“Ada, minha adorada”, gritou Van. “Sou um vazio radiante. Estou convalescendo de uma longa e terrível doença. Você chorou por causa de minha feia cicatriz, mas a partir de agora a vida será feita de amor e riso, tudo azul com bolinhas cor-de-rosa. Não posso ficar me preocupando com corações partidos, o meu só há pouco foi consertado. Você vai usar um véu azul e eu o bigode falso que me deixa parecido com o Pierre Legrand, meu professor de esgrima.”

“*Au fond*”, disse Ada, “primos de primeiro grau têm o direito de passear juntos a cavalo. E até mesmo de dançar ou patinar, se quiserem. Afinal de contas, primos de primeiro grau são quase como irmão e irmã. O dia está azul, gélido, de tirar o fôlego.”

Pouco depois ela estava pronta, e se beijaram ternamente no hall, entre o elevador e as escadas, antes de se separarem por alguns minutos.

“Torre”, ela murmurou em resposta a seu olhar de indagação, exatamente como costumava fazer outrora, naquelas manhãs de mel, quando calculavam o grau de felicidade. “E você?”

“Um verdadeiro zigurate.”

Após uma boa busca, conseguiram localizar um pequeno cinema, especializado em “*Westerns* coloridos” (pois assim costumavam ser chamados aqueles desertos de não arte), no qual estava sendo reprisado o filme *Jovens e condenados* (1890). Nisso havia finalmente degenerado a obra de *Mlle. Larivière* *As crianças malditas* (1887)! No livro, dois adolescentes num castelo francês envenenavam sua mãe viúva por ela ter seduzido um jovem vizinho que era amante de uma de suas filhas gêmeas. A autora havia feito muitas concessões à liberdade da época e à imaginação perversa dos roteiristas cinematográficos; porém, tanto ela quanto a atriz principal não reconheceram como válido o resultado final das múltiplas intervenções sofridas pelo enredo, que agora se transformara na história de um assassinato no Arizona, sendo a vítima um viúvo prestes a se casar com uma prostituta alcoólatra — papel que Marina teve o bom senso de recusar. Mas a pobre Ada tinha se aferrado à sua ponta, uma cena de dois minutos num *traktir* (taverna de beira de estrada). Durante os ensaios, achou que não estava mal no papel de uma garçonete que devia serpentear entre as mesas, até que o diretor a acusou de se mover como uma “adolescente desajeitada”. Ada não se dignara a ver o produto acabado e não estava muito entusiasmada que Van o visse agora, mas ele a lembrou que o mesmo diretor, G. A. Vrônski, havia dito que ela era suficientemente bonita para um dia poder servir como dublê de Lenore Colline, que aos vinte anos tinha sido tão sedutoramente *gauche* quanto ela, também levantando os ombros e os curvando para a frente, com um jeito nervoso, ao atravessar algum aposento. Tendo antes assistido a um curta-metragem, enfim puderam se deliciar com a película principal, apenas para descobrir que havia sido cortada a cena da garçonete na sequência da taverna — exceto por uma sombra do cotovelo de Ada, que Van, muito carinhoso, jurava ser perfeitamente reconhecível.

No dia seguinte, na saleta de estar, com seu divã preto e almofadas amarelas, diante da hermética janela em semicírculo cujos vidros novos pareciam tornar maiores os flocos de neve em sua queda lenta e vertical (por coincidência estilizados na capa da revista *O Belo e a*



*Borboleta*, cujo último número descansava sobre a borda da janela), Ada discutiu sua “carreira artística”. O assunto causava náuseas secretas em Van (a tal ponto que, em comparação, a paixão dela por história natural veio a adquirir um esplendor nostálgico). Para ele, a palavra escrita só existia em sua pureza abstrata, no chamamento, impossível de ser repetido, a uma mente igualmente ideal. A palavra pertencia unicamente a seu criador, não podendo ser pronunciada ou interpretada por um ator (como Ada insistia) sem que a punhalada da mente de outrem destruísse o artista no covil mesmo de sua arte. Uma peça escrita era intrinsecamente superior à melhor representação que dela se pudesse fazer, mesmo se dirigida pelo próprio autor. Por outro lado, Van concordava com Ada em que a tela falante era sem dúvida preferível ao teatro, pela simples razão de que permitia ao diretor atingir e manter seus padrões individuais de perfeição ao longo de um número ilimitado de apresentações.

Nenhum dos dois era capaz de conceber os afastamentos que a vida profissional dela poderia exigir quando se tratasse de filmar fora dos estúdios. E nenhum dos dois podia imaginar que viajariam juntos para locais onde estariam submetidos a todos os olhos de Argos, ou que viveriam em Hollywood, EUA, ou em Ivydell, Inglaterra, ou mesmo no Hotel Cohnritz (branco como o açúcar), no Cairo. Para dizer a verdade, não visualizavam nenhum outro tipo de vida fora daquele *tableau vivant* sob o encantador céu azul-pombo de Manhattan.

Aos catorze anos, Ada acreditara piamente que subiria como num foguete aos céus da fama cinematográfica, e lá, com grande estrondo, se desfaria em lágrimas prismáticas de triunfo. Estudou em escolas especiais. Atrizes que nunca haviam alcançado sucesso apesar de bem-dotadas, assim como Stan Slavski (seu nome real de batismo, e sem laços de parentesco), lhe deram aulas particulares de drama, de desespero, de esperança. Sua estreia foi um pequeno desastre que passou quase despercebido; suas aparições posteriores só foram aplaudidas com sinceridade pelos amigos mais próximos.

“O primeiro amor da gente”, ela disse a Van, “é a primeira ovação com o público de pé, e é *isso* que faz os grandes artistas — assim me disseram Stan e sua namorada, que interpretou a srta. Spangle Triangle no filme *Argolas voadoras*. O verdadeiro reconhecimento talvez só venha junto com a última coroa funerária.”

“Besteira!”, disse Van.

“Verdade, até um pintor como Bosche também foi vaiado por muitos críticos de meia-tigela em Amsterdã bem mais antigas, e veja como, três séculos depois, não há grupo moderninho que não o imite! Ainda acho que tenho talento, mas quem sabe estou confundindo técnica correta com talento, o qual não dá a menor bola para as regras derivadas da arte no passado.”

“Bem, pelo menos você tem consciência disso”, observou Van, “e discutiu o problema em profundidade numa de tuas cartas.”

“Por exemplo, acho que sempre tive bem claro para mim que o intérprete não deve ter como foco o ‘personagem’, ou determinado ‘tipo’ disso ou daquilo, ou ainda o *fokus-pokus* de um tema social, mas apenas a poesia subjetiva e única do autor, porque os dramaturgos, como o demonstraram os melhores deles, estão mais próximos dos poetas que dos romancistas. Na vida ‘real’ somos criaturas do acaso girando num vazio absoluto — a menos, evidente, que nós próprios sejamos artistas; entretanto, numa boa peça eu me sinto plasmada pelo autor, aprovada pelo comitê de censores, me sinto segura, tendo apenas que confrontar aquela escuridão que respira (em vez de nosso Tempo como quarta parede), me sinto aninhada no abraço de um perplexo Shakespeare (que me tomou por você) ou daquele indivíduo bem mais normal, Anton Pávlovitch Tchékhov, que sempre foi um apaixonado pelas longas cabeleiras negras.”

“Você também já me escreveu sobre isso.”

O início da trajetória teatral de Ada, em 1891, coincidira por acaso com o fim da carreira de vinte e cinco anos de sua mãe. Além disso, ambas encenaram a mesma peça, *As quatro irmãs* de Tchékhov. Ada fez o papel de Irina no modesto palco da Academia de Teatro de Yakima, numa versão algo resumida que, por exemplo, manteve apenas as menções à Irmã Várvara, a tagarela *origuinálka* (“mulher excêntrica”, como Marsha a chamava), eliminando as cenas em que ela participava, de tal modo que a peça poderia ter sido intitulada *As três irmãs*, como de fato observou a mais engraçada das críticas publicadas nos jornais da cidade. E foi o papel (algo aumentado) da freira que Marina representou numa complexa versão cinematográfica da peça — tendo o filme e ela recebido um enorme volume de elogios imerecidos.

“Desde que planejei entrar para o teatro”, disse Ada (estamos usando as anotações dela), “fui perseguida pela mediocridade de Marina, *au dire de la critique*, que simplesmente a ignorava ou a jogava na vala comum junto com outras ‘intérpretes secundárias adequadas’; se o papel tivesse alguma magnitude, a gama de adjetivos ia de ‘insípida’ a ‘sensível’ (o maior louvor que ela jamais recebeu). E ali estava Marina, no momento mais delicado da *minha* carreira, tirando mil cópias, para mandar a amigos e inimigos, de comentários irritantes do tipo ‘Durmânova está soberba como a freira neurótica, tendo transmudado um papel essencialmente estático e incidental num *et cetera, et cetera, et cetera*’. Naturalmente, o cinema não tem problemas de linguagem”, continuou Ada (enquanto Van engolia um bocejo em vez de simplesmente abafá-lo). “Marina e três dos atores não necessitavam da excelente dublagem oferecida aos outros, que não falavam o dialeto. Quando a peça foi montada lá na droga da Yakima, só pudemos contar com dois russos — Altshuler, o protegido de Stan, no papel do barão

Nikolai Lvovitch Tuzenbach-Krone-Altschauer, e eu como Irina, *la pauvre et noble enfant*, que é telegrafista no primeiro ato, funcionária da prefeitura no segundo e professora no final. O resto era uma salada de sotaques, ingleses, franceses, italianos... Aliás, como se diz 'janela' em italiano?"

"*Finestra, sestra*", disse Van, imitando um ponto de teatro enlouquecido.

"Irina (soluçando): 'Para onde, para onde tudo se foi? Ah, querido, ah, meu querido! Já esqueci de tudo, de tudo, minha cabeça está tão confusa... Não sei como se diz em italiano nem teto nem janela'."

"Não, janela vem antes nessa fala", disse Van, "porque primeiro Irina olha ao redor e só depois para cima, seguindo o movimento natural do pensamento."

"Claro, é isso mesmo: lutando ainda com 'janela', ela olha para o alto e depara com o também enigmático teto. Na verdade, tenho certeza de que segui essa tua linha psicológica, mas que importa, que importância teve isso? A encenação foi um desastre completo, meu barão não conseguia acertar duas linhas seguidas. Marina, porém, Marina estava *maravilhosa* no seu mundo de sombras! 'Dez anos mais um já se passaram desde que deixei Moscou'" (Ada, fazendo o papel de Várvara, assumiu o tom de cantilena litúrgica indicado por Tchékhov e usado por Marina com imperdoável perfeição). "Hoje em dia, a velha rua Basmannaia onde (voltando-se para Irina) você nasceu uns vinte aninhos (*godkóv*) atrás é a avenida Busman, com oficinas e garagens de um lado e do outro (Irina tenta controlar as lágrimas). Por que, então, você quer voltar para lá, Arinuchka? (Irina chora em resposta).' Obviamente, como faria qualquer boa atriz, mamãe — Deus a abençoe — improvisou um bocado. E, além disso, foi ela — usando o russo melodioso de uma jovem — que substituiu a pronúncia irlandesa muito vulgar da Lenore."

Van tinha visto o filme e gostado. Uma moça irlandesa, a infinitamente graciosa e melancólica Lenore Colline (cujo sobrenome era pronunciado como a palavra inglesa que designa as raparigas gaélicas) —

*Ah! Quem trará de volta a colina,  
O grande carvalho e minha colleen!*

—, parecia-se aflitivamente com a Ada de Ardis numa fotografia em que ela estava ao lado de Marina e que fora publicada na *Belladonna*, uma revista de cinema que Greg Erminin lhe mandara imaginando que Van ficaria encantado em ver sua tia e sua prima juntas, num pátio da Califórnia, pouco antes de ser lançado o filme. Várvara, a filha mais velha do falecido general Serguei Prozorov, vinda de seu longínquo convento em Tsitsikar, chega no primeiro ato a Perm, um lugarejo

perdido de Deus na baía de Akimsk, na Canádia do Norte, para tomar chá com Olga, Marsha e Irina no dia da festa da santa cujo nome fora dado à última delas. Para grande tristeza da freira, suas três irmãs só pensam numa coisa: sair da fria e úmida “Permanente” (como Irina chama ironicamente a cidadezinha infestada de mosquitos, embora muito bonita e pacífica) rumo à agitação da remota e pecaminosa Moscou, a antiga capital da Estócia localizada em Idaho. Na primeira edição de sua peça, que jamais chega a exalar o leve suspiro de uma obra-prima, Tchechhoff (pois assim ele grafava seu nome quando vivia na execrável Pension Russe, número 9, rue Gounod, Nice) acumulou nas duas primeiras páginas de uma cena ridiculamente expositiva toda a informação de que queria se livrar, grandes massas de recordações e datas, um fardo impossível de ser posto nos ombros frágeis de três estocianas infelizes. Mais tarde, distribuiu essas informações numa cena consideravelmente mais longa, em que a chegada da *monachka* Várvara fornece todas as oportunidades de saciar a curiosidade da irrequieta plateia. Um brilhante recurso em termos de técnica teatral, mas infelizmente (como acontece com frequência no caso de personagens introduzidos como mero artifício) a freira foi ficando, ficando, e só no terceiro e penúltimo ato o autor teve condições de mandá-la de volta para o convento.

“Presumo”, disse Van (conhecendo bem sua interlocutora), “que você não pediu nenhum conselho a Marina sobre como interpretar tua Irina.”

“Só teria acabado em briga. Sempre me aborreci com as sugestões dela, porque eram feitas de um modo sarcástico, insultuoso. Já vi passarinhas terem ataques de fúria e de zombaria neuróticas quando seus filhotes, ainda sem cauda (*biezkhvostie biedniatchki*), mostravam dificuldade em voar. Para mim isso bastou. Aliás, aqui está o programa do *meu* fracasso.”

Van passou os olhos pela lista de atores e notou dois detalhes curiosos: o papel de Fedotik, um oficial de artilharia (cujo atributo cômico consistia em tirar fotografias sem parar), havia sido dado a um certo “Kim (apelido de Yakim) Eskimossoff”, enquanto alguém chamado “John Starling” representava o papel de Skvortsov (que servia como *sekundant* num duelo bastante amadorístico ocorrido no último ato), cujo nome deriva do pássaro *skvoriéts*, ou estorninho. Quando comunicou a Ada essa última observação, ela enrubesceu, como era seu costume no Velho Mundo.

“Sim”, disse ela, “era um rapaz muito encantador e mais ou menos flertei com ele, mas não suportou a tensão e a mudança de regime — desde a puberdade tinha sido o *puerulus* de um professor de balé, o gordo Dangleleaf, e finalmente se suicidou. Pode ter certeza (‘o rubor de sua face cedera lugar agora a uma palidez *mátovaia*’), não estou escondendo nem uma única manchinha daquilo que tem Perm no meio.”

“Entendo. E Yakim...”

“Ah, não era nada para mim.”

“Não, não é isso que estou querendo dizer. Yakim, pelo menos, ao contrário de *seu* xará, não fotografou teu irmão abraçando a namorada. Interpretada por Alvorada de Laire.”

“Não sei. Lembro-me de que nosso diretor não se importava se alguém fizesse alguma brincadeira para tornar o ambiente menos tenso.”

“Alvorada *en robe rose et verte*, no final do primeiro ato.”

“Acho que houve um clique nos bastidores e umas risadas na plateia. Tudo o que o pobre Starling tinha de fazer na peça era gritar de um bote no rio Kama, avisando meu noivo de que estava na hora de seguir para o local do duelo.”

Mas tratemos de examinar o metaforismo didático do amigo de Tchékhov, o conde Tolstói.

Todos nós conhecemos os velhos armários dos antiquados hotéis da zona subalpina do Velho Mundo. De início os abrimos com o máximo cuidado, muito vagorosamente, na vã esperança de fazer calar o lancinante rangido, o queixume crescente que a porta emite a meio caminho. No entanto, em breve descobrimos que, se a porta é aberta ou fechada com celeridade, num gesto resolutivo, a diabólica dobradiça é tomada de surpresa, obtendo-se assim um silêncio triunfal. Van e Ada, a despeito de toda a felicidade intensa e poderosa que os envolveu e saciou (e não nos referimos aqui apenas à rosa dolorida de Eros), sabiam que certas lembranças tinham de ser mantidas fechadas, pois de outro modo todos os nervos da alma seriam despedaçados por seu gemido monstruoso. Porém, se a operação vier a ser conduzida com presteza, se as desgraças indelévels forem mencionadas entre dois rápidos gracejos, há uma chance de que o poder anestésico da própria vida atenua a agonia inesquecível no processo de abrir a porta dessas recordações.

Veza por outra Ada faziapiadas com os pecadilhos sexuais de Van, embora em geral tendesse a ignorá-los como se exigindo tacitamente igual condescendência com suas fraquezas. Ele era mais inquisitivo que ela, mas dificilmente conseguia saber mais de seus lábios do que já soubera pelas cartas. Ada atribuía a seus antigos admiradores todas as características e defeitos de que já fomos informados: incompetência no desempenho, falta de inteligência e vacuidade. A ela própria só se podiam imputar os conhecidos impulsos de paixão feminina e certas considerações de higiene e sanidade mental que feriam Van mais duramente do que a confissão desafiadora de uma traição apaixonada. Ada decidira transcender os pecados sensuais de ambos, por entender que o adjetivo “sensual” era quase sinônimo de “sem sentido” e “sem alma”, não participando, por isso mesmo, do inefável doravante em que nossos jovens acreditavam de forma tácita e algo

tímida. Van se esforçava para seguir a mesma linha lógica, mas era incapaz de esquecer a vergonha e o sofrimento até mesmo quando agora atingia cumes de alegria que não conhecera nas horas mais brilhantes antes que tivesse mergulhado nas trevas de seu passado.

Tomaram muitíssimas precauções — todas absolutamente inúteis, pois ninguém pode modificar o final (escrito e arquivado) do presente capítulo. Só Lucette e a agência que entregava as cartas para ele e Ada conheciam o endereço de Van. Por intermédio de uma simpática dama de companhia do banco de Demon, Van se assegurou de que seu pai não daria as caras em Manhattan antes de 30 de março. Nunca saíam ou entravam juntos, marcando encontros na Biblioteca ou num empório de onde começavam os passeios diários. Na única vez em que romperam essa norma (Ada ficara presa no elevador durante alguns segundos de pânico e ele descera do cume que compartilhavam pulando os degraus da escada de dois em dois), desembocaram diretamente no campo de visão da velha sra. Arfour, que por acaso passava em frente à porta do edifício trazendo pela coleira seu minúsculo yorkshire-terrier de longos e sedosos pelos cinzentos e cor de mel. O reconhecimento foi imediato e completo: ela mantinha relações havia anos com as duas famílias e agora se mostrava interessada em saber, de uma Ada que mais chilreava do que falava, que Van estava na cidade justamente quando ela, por coincidência, voltava do Oeste; que Marina estava ótima; que Demon se encontrava no México ou em Ocixem; e que Lenore Colline tinha um cachorrinho adorável igual ao da sra. Arfour, com o mesmo repartido adorável ao longo dos pelos das costas. Naquele mesmo dia (3 de fevereiro de 1893), Van voltou a gratificar o já bem azeitado porteiro a fim de que ele respondesse a quaisquer perguntas sobre qualquer Veen, formuladas por qualquer visitante (e em especial pela viúva de um dentista que costumava passear com um cão-lagarta), com um breve grunhido de total desconhecimento. O único personagem que Van tinha esquecido de levar em conta era aquele velho patife comumente retratado como um esqueleto ou um anjo.

O pai de Van acabara de partir de uma Santiago a fim de ver os efeitos de um terremoto em outra Santiago, quando o Hospital de Ladore lhe enviou um telegrama informando que Dan estava à morte.

Dirigiu-se de imediato a Manhattan, os olhos faiscando, as asas zunindo. Ele não tinha muitas distrações na vida.

No aeroporto da cidade branca e banhada pelo luar que chamamos de Tent, e que os marinheiros de Tobakov, que a construíram, chamaram de Palatka, no norte da Flórida, onde um problema de motor o obrigou a trocar de avião, Demon fez uma longa chamada interurbana e recebeu um relatório completo sobre a morte de Dan do exageradamente minucioso dr. Nikúlin (neto do grande Kunikulinov, especialista em roedores — não conseguimos nos livrar da alface). A vida de Daniel Veen tinha sido um misto de coisas que já lhe chegavam prontas às mãos e de incidentes grotescos; sua morte, porém, exibira um filão artístico ao refletir (tal como percebido imediatamente por seu primo, mas não pelo doutor) a paixão que desenvolvera em anos recentes pelas pinturas, genuínas ou falsas, associadas ao nome de Hieronymus Bosch.

No dia seguinte, 5 de fevereiro, por volta das nove da manhã, hora de inverno em Manhattan, ao se preparar para atravessar a avenida Alexis rumo ao escritório do advogado de Dan, Demon reparou que uma antiga e insignificante conhecida sua, a sra. Arfour, caminhava em direção a ele trazendo pela coleira um terrier miniatura. Sem hesitar, Demon desceu da calçada e, não tendo um chapéu para levantar (não se usavam chapéus com capas de chuva e, além disso, ele acabara de tomar uma pílula muito exótica e potente para enfrentar as provações daquele dia após uma viagem insone), se contentou — muito corretamente — em acenar com seu esbelto guarda-chuva. Lembrando-se com uma pontada de prazer de uma das assistentes de seu falecido marido, escapou com sobras da senhora ao driblar agilmente o cavalo vagaroso que puxava uma carroça de legumes. No entanto, precavendo-se justamente contra uma eventualidade desse tipo, o Destino havia elaborado um plano alternativo. Quando Demon passou voando (ou, nos termos da pílula, se arrastando) diante da porta do Mônaco, onde almoçava com frequência, ocorreu-lhe que seu filho (que ele não conseguira “contatar”) ainda podia estar vivendo com a chata da Córdula de Prey na cobertura daquele esplêndido edifício. Nunca visitara o apartamento... ou visitara? Para uma conversa de negócios com Van? Num terraço inundado de sol? E um drinque turvo? (De fato tinha estado lá, mas Córdula não era chata e nem presenciara a conversa.)

Com o pensamento simples e matematicamente válido de que, afinal de contas, só existe um céu (branco, com diminutas e multicoloridas faíscas ópticas), Demon atravessou às pressas o saguão para pegar o elevador em que um garçom com cabelos cor de gengibre havia acabado de entrar levando, numa mesinha com rodas, o café da manhã para dois e, entre as duas cúpulas prateadas (mas algo arranhadas), um exemplar do *Manhattan Times*. Seu filho ainda morava lá em cima,



Demon perguntou automaticamente, colocando entre as cúpulas uma moeda de metal mais nobre. *Si*, admitiu o risonho imbecil, tinha passado lá todo o inverno com a senhora.

“Então viajamos para o mesmo lugar”, disse Demon, degustando com antecipada gula o aroma do café do Mônaco, reforçado pelas sombras das plantas tropicais que a brisa de seu cérebro fazia ondular.

Nessa memorável manhã, depois de pedir o café, Van havia acabado de sair da banheira e de vestir um roupão vermelho-morango quando pensou ter ouvido a voz de Valério, vinda da saleta ao lado. Caminhou para lá, ainda descalço, cantarolando com os lábios cerrados notas esparsas, imaginando que se iniciava mais um dia de felicidade crescente (ainda que fosse necessário limar mais alguma aresta angustiante ou alisar mais alguma dobra dolorosa do passado a fim de ajustá-lo ao novo padrão de resplendor).

Demon, vestido inteiramente de preto, polainas pretas, cachecol preto, o monóculo preso por uma fita preta mais larga que de costume, estava sentado diante da mesa de café da manhã, segurando com uma das mãos uma xícara de café enquanto a outra sustentava a seção financeira do *Times* dobrada de forma conveniente.

Teve um pequeno sobressalto e pousou a xícara bruscamente ao reparar na coincidência de cores entre o roupão de Van e um detalhe persistente no canto inferior esquerdo de certa imagem reproduzida no catálogo copiosamente ilustrado de sua mente.

Tudo o que Van conseguiu dizer foi “Não estou sozinho” ( *je ne suis pas seul* ), porém Demon estava por demais carregado de más notícias para entender a insinuação do idiota, que deveria simplesmente ter voltado para o quarto vizinho e retornado um segundo depois (fechando a porta atrás de si — deixando trancados anos e anos de vida perdida) em vez de continuar de pé ao lado da cadeira de seu pai.

Segundo Bess (que significa “espírito maligno” em russo) — a desagradável enfermeira que só tinha de bom o par de seios, mas que Dan preferia a todas as outras e levava para Ardis porque ela conseguia extrair por via oral algumas gotas derradeiras de seu pobre corpo —, ele vinha se queixando ultimamente, antes mesmo da repentina partida de Ada, que um demônio, no qual se combinavam as características de uma rã e de um roedor, queria montar nele e levá-lo para a casa de torturas da eternidade. Para o dr. Nikúlin, Dan disse que seu cavaleiro era um ser preto, com a barriga pálida e uma carapaça negra tão brilhante quanto a de um escaravelho, que brandia uma faca na pata dianteira. Numa manhã gélida de janeiro, atravessando um labirinto de aposentos do porão e um depósito de ferramentas, Dan conseguiu fugir e chegou aos arbustos sem folhas do parque; estava nu, embora de suas ancas pendesse uma toalha de banho de um vermelho-morango que fazia lembrar uma manta de cavalo; apesar do terreno difícil, havia engatinhado, como se cavalgado por um ser invisível, penetrando fundo

no bosque. Por outro lado, se tivesse tentado avisá-la, Ada poderia ter soltado um de seus famosos bocejos e dito alguma coisa irrevogavelmente íntima no momento em que ele abrisse a grossa porta protetora.

“Estou pedindo que o senhor desça, por favor”, disse Van, “vou encontrá-lo no bar tão logo me vista. Estou numa situação bastante delicada.”

“Ora, ora”, retrucou Demon, deixando cair o monóculo e recolocando-o no lugar. “Córdula não vai se importar.”

“É outra moça, muito mais impressionável” (outra mancada horrorosa!). “Que se dane a Córdula! Ela agora é a sra. Tobak.”

“Ah, é mesmo!”, exclamou Demon. “Que bobagem a minha! Lembrome de que o noivo da Ada me disse... ele e o jovem Tobak trabalharam por algum tempo para o mesmo banco de Phoenix. Claro. Um rapaz esplêndido, louro, de ombros largos e olhos azuis. Backbay Tobakovitch!”

“Não me interessa”, disse Van cerrando os punhos, “se ele se parece com uma rã albina, aleijada e crucificada. Por favor, papai, realmente preciso...”

“Engraçado você dizer isso. Dei um pulo aqui só para contar que o pobre primo Dan teve uma estranha morte boschiana. Imaginou que um roedor fantástico tinha montado nele e o levado para fora da casa. Quando o encontraram já era tarde demais, morreu na clínica de Nikúlin, delirando sobre aquele detalhe do quadro. Estou tendo a maior dificuldade para juntar toda a família. O quadro está agora na Academia de Arte de Viena.”

“Papai, me desculpe, mas estou tentando dizer...”

“Se eu soubesse escrever”, continuou Demon em tom pensativo, “demonstraria, certamente usando um excesso de palavras, de que forma tão apaixonada, tão incandescente, tão incestuosa — *c'est le mot* — arte e ciência se combinam num inseto, num pássaro, numa planta daquele bosque ducal. Ada vai se casar com um homem que gosta de atividades ao ar livre, mas a mente dela é um museu fechado, e ela e a querida Lucette certa vez chamaram minha atenção, numa coincidência horripilante, para certos detalhes daquele outro tríptico, o tremendo jardim das falsas maravilhas, pintado por volta de 1500, e, em particular, para as borboletas que aparecem no quadro — uma satirínea marrom no centro do painel da direita e uma ninfalídea ‘casco de tartaruga’ no painel do meio, posta lá como se pousada numa flor — atente para o ‘como se’, pois aqui temos um exemplo do saber científico dessas duas admiráveis meninas, porque elas dizem que o que está sendo mostrado é na verdade o lado *errado* do inseto. Como ele está de perfil, deveríamos ver sua parte inferior, mas Bosch evidentemente encontrou uma ou duas asas na teia de aranha que ficava no canto de cima de sua janela e reproduziu a superfície superior, mais bonita, ao retratar

uma borboleta dobrada ao contrário. Claro que não dou a menor importância ao significado esotérico ou a essa gente que quer armar emboscadas para o Bosch encontrando ‘mensagens ocultas’ em suas obras-primas. Sou alérgico a alegorias e estou certo de que ele estava se divertindo a valer ao criar aqueles híbridos fantásticos, movido apenas pela satisfação de traçar determinados contornos e de utilizar determinadas cores. Como eu disse a suas primas, o que tem de ser estudado é o prazer visual, o gosto e a textura daquele morango do tamanho de uma mulher que a gente abraça junto com ele, ou a bela surpresa de um orifício incomum... mas você não está me seguindo, quer que eu vá embora para poder interromper o sono matinal da jovem, não é mesmo, seu felizardo? A propósito, não pude avisar Lucette, que está viajando pela Itália, mas consegui encontrar Marina em Tsitsikar — flertando com o bispo de Bielokonsk. Chega no fim da tarde, sem dúvida vestindo *pleureuses* muito elegantes, e então nós três seguimos para Ladore, porque não creio...”

Será que ele estava sob o efeito de alguma flamejante droga chilena? Era simplesmente impossível fazer parar aquela torrente, um espectro solar enlouquecido, uma palheta falante...

“... realmente não creio que deveríamos incomodar Ada em sua Agávia. Ele é... quer dizer, Vinelander é descendente de um desses grandes varangianos que conquistaram os tártaros de cobre ou os mongóis vermelhos, ou o que quer que eles fossem, os quais tinham conquistado uns cavaleiros de bronze ainda mais antigos, tudo isso antes que introduzíssemos nossa roleta-russa e os jogos de cartas irlandeses num momento afortunado da história dos cassinos do mundo ocidental.”

“Estou extremamente penalizado”, disse Van, “sinto muitíssimo a morte de tio Dan e seu estado de excitação, papai, mas o café da minha namorada está esfriando e não posso levar para o quarto toda essa parafernália infernal.”

“Estou indo, estou indo. Afinal de contas, não nos vemos desde quando... agosto? De qualquer modo, espero que ela seja mais bonita do que a Córdula que você tinha aqui antes, meu rapazinho volátil.”

Volatina, talvez? Ou dragonara? Ele certamente cheirava a éter. Por favor, por favor, por favor, vá embora.

“Minhas luvas! Casaco! Obrigado. Posso usar o banheiro? Não? Está bem. Encontro outro por aí. Venha tão logo você possa, nos encontramos com Marina no aeroporto por volta das quatro e partimos para o velório, e...”

E nesse instante Ada entrou. Não nua, ah, não — num penhoar cor-de-rosa a fim de não chocar Valério —, penteando sem pressa os cabelos, um ar doce e sonolento. Cometeu o erro de gritar “*Bóje moi!* (Meu Deus!)” e disparar de volta para o crepúsculo do quarto. Tudo se perdeu naquela migalha de segundo.

“Ou melhor, venham imediatamente, vocês dois, porque vou cancelar meu encontro e volto para casa agora mesmo.” Falou, ou pensou que falava, com o autocontrole e a clareza de enunciação que tanto amedrontavam e hipnotizavam os imbecis, os fanfarrões, um agente financeiro volúvel, um colegial culpado. Especialmente agora, quando tudo tinha ido para os cães do inferno, *k tchortiam sobátchim*, de Jeroen Anthniszoon van Äken e os *molti aspetti affascinanti* de sua enigmática arte, como Dan explicou num último suspiro ao dr. Nikúlin e à enfermeira Bellabestia (“Bess”), para quem ele deixou de herança um baú cheio de catálogos de museus e o segundo melhor de seus cateteres.

A poção mágica do dragão se dissipara: seus efeitos secundários não eram nada agradáveis, pois à fadiga física se somava uma grande penúria mental, como se todas as cores houvessem escorrido por um ralo do cérebro. Envolto agora num robe cinzento, Demon estava estendido num divã também cinzento no seu escritório do terceiro andar. Seu filho se encontrava diante da janela, de costas para o silêncio. Ada, que chegara com Van minutos antes, aguardava numa sala do segundo andar, forrada de damasco, exatamente embaixo do escritório. No arranha-céu que se erguia do outro lado da rua estreita, a janela situada defronte do estúdio mostrava um homem de avental no ato de ajeitar um cavalete, inclinando a cabeça à procura do ângulo correto.

A primeira coisa que Demon disse foi:

“Insisto em que você olhe para mim enquanto eu falo”.

Van se deu conta de que a conversa fatídica já devia ter começado dentro da cabeça de seu pai, pois a admoestação parecia haver sido feita durante uma interrupção do monólogo. Com uma ligeira mesura, sentou-se numa cadeira.

“No entanto, antes que eu te dê conhecimento desses dois fatos, gostaria de saber há quanto tempo... desde quando...” (“isso vem acontecendo”, pode-se presumir, ou alguma frase igualmente banal, mas é bem sabido que todos os finais são banais — enforcamentos, o aguilhão de ferro daquele instrumento de tortura chamado A Velha de Nuremberg, a bala que penetra na têmpora do próprio atirador, as últimas palavras no hospital novo em folha de Ladore, confundir a porta do banheiro do avião com uma queda de dez mil metros, ser envenenado pela própria esposa, confiar no gesto hospitaleiro de um habitante da Crimeia, congratular o sr. e a sra. Vinelander...)

“Dentro em pouco vai fazer nove anos”, respondeu Van. “Eu a seduzi no verão de 1884. Exceto por uma única ocasião, só voltamos a ter relações sexuais no verão de 1888. Após uma longa separação, passamos o inverno juntos. Ao todo, acho que a possuí umas mil vezes. Ela é toda a minha vida.”

Essa fala bem ensaiada foi seguida de uma pausa demasiado longa, lembrando aqueles engasgos de um ator coadjuvante.

Por fim, Demon disse algo: “O segundo fato pode te horrorizar mais do que o primeiro. Sei que me causou preocupações muito maiores — morais, é óbvio, e não monetárias — do que o caso de Ada, que sua mãe acabou contando ao primo Dan, de tal modo que, em certo sentido...”

Outra pausa, enquanto corria um fio d’água subterrâneo.

“Em outro momento vou te falar sobre o safado do Miller; agora não, é muito banal.”

(A esposa do dr. Lapiner, de nascimento condessa Alp, não apenas o havia abandonado em 1871 para viver com Norbert von Miller, poeta amador, tradutor de russo no consulado italiano em Genebra e contrabandista profissional de neonegrine — só encontrado no Valais —, mas também tinha revelado a seu amante os pormenores melodramáticos do subterfúgio que o bondoso médico imaginara viria a ser um favor para determinada senhora e uma bênção para outra senhora. O versátil Norbert falava inglês com uma pronúncia extravagante, admirava enormemente pessoas ricas e, ao citar seus nomes como se fosse um amigo íntimo, sempre dizia que eram “miliardários” com um tom de amorosa reverência, esticando-se para trás na cadeira e lançando para a frente os braços encurvados a fim de abraçar uma fortuna invisível. Tinha um crânio redondo tão despojado de cabelo quanto um joelho e o nariz repuxado de um cadáver, além de mãos muito brancas, muito moles e muito úmidas, adornadas com gemas rutilantes. Sua amante bem cedo se foi. O dr. Lapiner morreu em 1872. Por volta dessa época, o barão casou-se com a filha inocente de um dono de bar e começou a chantagear Demon Veen; isso durou quase vinte anos, até que o idoso Miller foi morto a tiros por um policial italiano numa pouco conhecida trilha de fronteira, que a cada ano parecia ficar mais íngreme e mais lamacenta. Por pura bondade, ou apenas por força do hábito, Demon instruiu seu advogado a continuar a enviar à viúva de Miller — que ingenuamente imaginou estar recebendo o pagamento de algum seguro deixado pelo falecido — a quantia trimestral que fora inchando a cada gravidez da robusta rapariga suíça. Demon costumava dizer que algum dia publicaria os versinhos, parecidos com aqueles estampados nas folhas de calendário, que abrilhantavam as cartas do chantagista Miller:

*Minha esposa ganha corpo e eu aqui vou definhando.*

*É sinal que vai chegar nova boca em nosso ninho.*

*Ela tem um forno grande e a lenha está queimando.*

*Seja bom mais uma vez que eu serei um bom paizinho.*

A fim de completar este útil parêntese, podemos acrescentar que, nos primeiros dias de fevereiro de 1893, não muito depois da morte do poeta, dois outros chantagistas menos bem-sucedidos aguardavam nos bastidores: Kim, que teria aborrecido Ada de novo caso não houvesse sido encontrado em sua cabana com um olho pendurado por um fio vermelho e o outro afogado em seu próprio sangue; e o filho de um dos antigos funcionários da famosa agência de entrega de mensagens clandestinas, depois que ela foi fechada pelo governo americano em 1928, quando o passado deixara de ter importância e somente o colchão de palha de uma célula de prisão era capaz de premiar o otimismo dos escroques de segunda geração.)

Terminada a mais longa das várias e sombrias pausas, a voz de Demon se levantou para dizer, com um vigor que até então lhe faltara:

“Van, você está recebendo essas notícias com uma calma incompreensível. Não me recordo de nenhum caso, na vida real ou na ficção, em que um pai tenha tido de dizer ao filho esse tipo de coisas em tais circunstâncias. Mas você fica brincando com um lápis e parece tão indiferente como se estivéssemos discutindo tuas dívidas de jogo ou as exigências de alguma vagabundinha que você tivesse emprenhado num monte de feno.”

Contar-lhe sobre o herbário no sótão? Sobre as indiscrições de empregados (anônimos)? Sobre uma data de casamento falsificada? Sobre tudo aquilo que duas crianças espertas haviam captado tão alegremente? Sim, vou contar. E contou.

“Ela tinha doze anos”, Van acrescentou, “e eu era um primata do sexo masculino de catorze anos e meio, simplesmente não ligamos para nada disso. E é muito tarde para ligar agora.”

“Muito tarde?”, gritou seu pai, sentando-se no divã.

“Por favor, papai, não perca a calma”, disse Van. “A natureza, como lhe disse certa vez, foi generosa comigo. Podemos nos permitir ser descuidados em todos os sentidos da palavra.”

“Não estou preocupado com a semântica — ou a seminação. Só me interessa uma única coisa. *Nunca* é tarde demais para acabar com essa relação ignóbil...”

“Sem gritos e sem adjetivos puritanos”, interrompeu Van.

“Está bem”, disse Demon. “Retiro o adjetivo e, em vez disso, faço uma pergunta: é tarde demais para evitar que esse relacionamento com tua irmã arruíne a vida dela?”

Van sabia que isso estava para chegar. Disse ao pai que sabia que ele faria tal pergunta. Como já havia sido deixado de lado o “ignóbil”, será que seu acusador podia definir “arruinar”?

A conversa então enveredou por um caminho neutro, que era bem mais terrível do que a admissão introdutória dos erros de seus pais que nossos jovens amantes tinham perdoado havia muito. Como Van imaginava que sua irmã pudesse perseguir uma carreira artística? Ele

não era capaz de admitir que a carreira dela seria arruinada caso aquele relacionamento fosse mantido? Pensava viver se escondendo, num exílio luxuoso? Estava pronto para privá-la dos interesses normais e de um casamento normal? Filhos? Diversões normais?

“Não esqueça de ‘adultério normal’”, observou Van.

“Como isso seria melhor!”, disse Demon sem sorrir, sentando-se na beira do divã com os cotovelos apoiados nos joelhos e sustentando a cabeça com as mãos. “O horror da situação é um abismo que vai ficando mais profundo à medida que mais penso nela. Você me obriga a lançar mão das palavras mais batidas, como ‘família’, ‘honra’, ‘meio social’, ‘leis’... Tudo bem, já comprei muitos funcionários ao longo da minha vida desregrada, mas nem eu nem você podemos subornar toda uma cultura, um país inteiro. E o impacto emocional de saber que durante quase dez anos você e essa menina encantadora estavam enganando seus pais...”

Van esperava que a qualquer momento o pai apelasse para o “isso-iria-matar-tua-mãe”, mas Demon sabiamente não caiu nessa armadilha. Nada seria capaz de “matar” Marina. Se chegassem a ela rumores sobre o incesto, a preocupação que tinha com sua “paz interior” a ajudaria a ignorá-los — ou ao menos os tingiria com cores tão românticas a ponto de situá-los fora da realidade. Ambos sabiam disso. A imagem dela surgiu por um instante e se dissolveu sem deixar rastro.

Demon continuou a falar: “Não posso deserdá-lo: Aqua te deixou dinheiro e terras suficientes para tornar sem sentido a punição convencional. E não posso denunciá-lo às autoridades sem envolver minha filha, que pretendo proteger custe o que custar. Mas ainda há uma coisa importante que eu posso fazer: posso te maldizer, posso fazer com que essa seja nossa última, nossa última...”

Van, cujo dedo vinha roçando num vaivém incessante a borda muda porém reconfortante da mesa de mogno, ouviu com horror o soluço que sacudiu todo o corpo de Demon e viu depois o dilúvio de lágrimas que desceu pelo rosto encovado e bronzeado. Quinze anos antes, na festa de aniversário de Van, seu pai tinha representado o papel de Borís Godunóv numa paródia amadorística, quando então chorara lágrimas estranhas e assustadoras, negras como o azeviche, antes de cair rolando pelos degraus de um trono burlesco no total abandono da morte à força da gravidade. Será que as riscas escuras, no espetáculo atual, resultavam do fato de que ele pintava de negro as órbitas, as pestanas, as pálpebras, as sobrancelhas? O jogador funesto... a moça pálida e fatal em outro célebre melodrama... Neste, passou-lhe um lenço limpo para substituir o que já estava todo sujo. Van não se surpreendeu com sua própria calma marmórea. O ridículo de uma sessão de choro em conjunto com seu pai bastava para bloquear devidamente os dutos comuns da emoção.

Demon retomou a compostura (mas não a aparência juvenil) e disse:



“Acredito em você e no teu bom senso. Você não pode permitir que um velho libertino repudie seu único filho. Se você a ama, tem de querer que ela seja feliz — e não será tão feliz quanto poderia ser a menos que você renuncie a ela. Pode ir. Ao descer, diga a ela que venha até aqui.”

Ele desceu. A primeira sílaba da minha palavra é um veículo em que margaridas mortas se enroscam nos raios de suas rodas; a segunda é uma gíria antiga de Manhattan para designar “dinheiro”; e a palavra, completa, faz um buraco — *cart* (carroça), *ridge* (grana, cordilheira): *cartridge* (cartucho).

Chegando ao segundo andar, Van entreviu, através dos vãos de duas portas, Ada em seu vestido preto, de pé, as costas voltadas para ele, diante da janela oval do *boudoir*. Disse a um criado que lhe transmitisse a mensagem de seu pai e atravessou quase às carreiras os ecos familiares do vestíbulo calçado de pedra.

Minha segunda sílaba é também o local onde se encontram duas encostas abruptas. Gaveta inferior direita de minha nova (e praticamente virgem) escrivaninha — quase tão grande quanto a de papai, com os cumprimentos de Sig.

Calculou que, àquela hora do dia, levaria tanto tempo para achar um táxi quanto para percorrer, com suas passadas de ordinário muito longas, os dez quarteirões até a avenida Alex. Estava sem sobretudo, sem gravata, sem chapéu. O vento forte e cortante embaçava-lhe a vista com uma geada salgada e dava a seus cachos negros a aparência da cabeleira de Medusa. Ao entrar pela última vez em seu apartamento imbecilmente alegre, sentou-se de imediato diante da escrivaninha realmente magnífica e escreveu o seguinte bilhete:

*Faça o que ele te disser. Sua lógica parece absurda ao pressupor a existência de uma vaga espécie de era “vitoriana”, como a que existe na Terra segundo “meus loucos” [?], mas, num paroxismo de [ilegível], eu de repente me dei conta de que ele estava certo. Sim, certo, aqui e lá, e não nem aqui nem lá, como costuma acontecer. Você sabe, garota, como são as coisas e como elas devem ser. Na última janela que compartilhamos vimos um homem pintando [a nós?], mas a vista que você tinha do segundo andar provavelmente impediu que reparasse que ele vestia algo parecido com um avental de açougueiro, horrivelmente manchado. Adeus, garota.*

Van selou a carta, encontrou sua pistola Thunderbolt no lugar em que a visualizara, enfiou um cartucho na câmara e o pôs na posição de tiro. Então, colocando-se diante do espelho de um armário, levantou a automática até a cabeça, na altura do ptério, e apertou o gatilho confortavelmente côncavo. Nada aconteceu — ou talvez tudo tenha acontecido, e seu destino simplesmente alcançou naquele instante uma bifurcação, como é provável que o faça às vezes durante a noite, em

especial numa cama estranha, em fases de grande felicidade ou grande desolação, quando acontece de morrermos em pleno sono, embora continuemos com nossa vida normal, sem nenhuma quebra perceptível na falsa sequência quando chega a manhã seguinte (cuidadosamente preparada), trazendo um passado espúrio discreta mas solidamente a reboque. Seja como for, o que segurava na mão direita não era mais uma pistola, e sim um pente de bolso, que passou nos cabelos acima das têmporas. Eles já estariam grisalhos quando Ada, nos seus trinta anos, lhe disse, ao falarem daquela separação voluntária:

“Eu também teria me matado se encontrasse a Rose chorando, debruçada sobre teu cadáver. ‘*Secondes pensées sont les bonnes*’, como aquela outra *bonne* que você teve, a branca, costumava dizer no seu simpático patoá. Quanto ao avental, você tem toda a razão. E o que você não viu é que o artista tinha acabado de pintar um quadro enorme do teu humilde *palazzo* ladeado pelos dois gigantescos guarda-costas. Talvez para a capa de alguma revista, que rejeitou a pintura. Mas, sabe, há uma coisa que eu lamento: teu uso de um cajado de alpinista para dar vazão a uma fúria animal — não é coisa tua, do meu Van. Eu nunca deveria ter te falado sobre o policial de Ladore. Você nunca deveria ter ganhado a confiança dele, nem conspirado com ele para queimar aqueles arquivos — junto com quase toda a floresta de pinheiros de Kalugano. *Eto unízitielno* (é humilhante).”

“Já foram feitas as reparações cabíveis”, respondeu um gordo Van com a risadinha dos homens gordos. “Mantenho Kim são e salvo num agradável retiro para profissionais que sofreram acidentes de trabalho, onde ele recebe toneladas de belos livros na escrita braille sobre novos processos de cromofotografia.”

Há outras bifurcações possíveis, outras continuações que se apresentam à mente sonhadora, mas estas são suficientes.

## TERCEIRA PARTE

Ele viajou, estudou, deu aulas.

Contemplou as pirâmides de Ladorah (visitadas especialmente por causa de seu nome) numa noite de lua cheia que prateava as areias incrustadas de sombras negras e pontiagudas. Caçou no lago Van em companhia do governador britânico da Armênia e de sua sobrinha. Da varanda de um hotel em Sidra, teve a atenção suscitada pelo gerente para o rasto de um pôr do sol alaranjado que transformava as ondulações do mar cor de lavanda nas escamas de um peixe dourado, o que serviu para compensar a feiura do quarto pequeno e forrado de papel listrado que dividia com sua secretária, a jovem srta. Scramble. Em outra varanda, debruçada sobre outra baía legendária, Eberthella Brown, a dançarina preferida do xá local (uma coisinha ingênua para quem a expressão “batismo de desejo” tinha conotação sexual), derramou seu café da manhã ao reparar numa lagarta de vinte centímetros, com tufos ruivos em volta do corpo, *qui rampait* ao longo da balaustrada, e desmaiou, enroscando-se toda, ao ser apanhada por Van (o qual, após depositar o belo animal num arbusto, passou horas melancólicas usando a pinça da jovem para retirar os pelos brilhantes que causavam uma coceira alucinante na ponta de seus dedos).

Aprendeu a apreciar a excitação especial de explorar vielas escuras de cidades estranhas, sabendo muito bem que nada encontraria além de sujeira, tédio, latas enferrujadas e os acordes estridentes de melodias estrangeiras vindos de bares sifilíticos. Frequentemente lhe parecia que as cidades famosas, os museus, as antigas câmaras de tortura e os jardins suspensos só estavam registrados no mapa de sua própria loucura.

Gostava de escrever seus livros (*Assinaturas ilegíveis*, 1895; *Clarivoyeurismo*, 1903; *Quarto mobiliado*, 1913; *A textura do tempo*, iniciado em 1922) em refúgios nas montanhas, nos salões de leitura dos grandes trens expressos, no convés ensolarado de navios brancos e nas mesas de pedra dos parques públicos de países latinos. Às vezes parecia acordar de um transe de duração indefinida, notando com surpresa que o navio rumava em direção contrária ou que se invertera a

ordem dos dedos de sua mão esquerda, com o polegar transpassado para o lado de fora, ou ainda que o Mercúrio de mármore que olhava por cima de seu ombro se transformara numa atenta árvore-da-vida. Dava-se conta de repente de que haviam transcorrido três, sete, treze anos de um ciclo de separação, e depois mais quatro, oito, dezesseis, de outro, desde que pela última vez abraçara, agarrara, inundara Ada com suas lágrimas.

Números, colunas e séries — o pesadelo e a maldição atormentando o pensamento puro e o tempo puro — pareciam decididos a mecanizar sua mente. Três elementos — fogo, água e ar — destruíram, nessa ordem, Marina, Lucette e Demon. A Terra esperava.

Considerando irrelevante a vida que tinha levado com seu marido, um cadáver bem-sucedido, a mãe de Van retirou-se para sua *villa* ainda estúpida e ainda magicamente bem servida de criados na Côte d'Azur (aquela que lhe fora dada por Demon), onde passou sete anos sofrendo de várias doenças “obscuras” que todos acreditavam inventadas por ela ou talentosamente simuladas, mas que Marina alegava só poderem ser curadas por sua própria força de vontade — o que em parte não deixava de ser verdade. Van a visitava com menos frequência do que a conscienciosa Lucette, com quem lá se encontrou brevemente duas ou três vezes; e certa feita, em 1899, ao entrar no jardim de árbustos e loureiros da Villa Armina, viu um velho padre barbudo da seita ortodoxa, vestido de preto dos pés à cabeça, saindo numa bicicleta motorizada de volta a sua paróquia em Nice, perto das quadras de tênis. Marina conversava com Van sobre religião, sobre a Terra, sobre o teatro, mas nunca sobre Ada. E, assim como ele não suspeitava de que Marina soubesse tudo sobre o horror e o ardor de Ardis, ninguém suspeitava das dores brutais que ela sentia em suas entranhas hemorrágicas e que tentava mitigar recorrendo a sortilégios e exercícios de “autofoco” ou seu oposto, “autodissolução”. Confessava com um sorriso enigmático e algo complacente que, por mais que apreciasse as baforadas azuis e ritmadas de incenso, bem como a voz melodiosa do *diákon* no púlpito e o ícone de um marrom oleoso que era oferecido aos fiéis para ser beijado sob uma filigrana protetora, sua alma permanecia irreversivelmente consagrada, *napieriekór* (malgrado) Dacha Vinelander, à sabedoria suprema do hinduísmo.

No começo de 1900, poucos dias antes de ver Marina pela última vez na clínica de Nice (onde ouviu pela *primeira* vez o nome de sua enfermidade), Van teve um pesadelo “verbal”, talvez causado pelo olor almiscarado na Villa Vênus de Miramas (Bouches Rouges-du-Rhône). Duas criaturas gordas, informes e diáfanas estavam empenhadas numa discussão, uma delas repetindo “Não posso!” (querendo dizer “não posso morrer” — procedimento difícil de ser executado de modo voluntário sem a ajuda de um punhal, uma bala ou uma taça de veneno), enquanto a outra afirmava “Pode sim, senhor!”. Marina morreu

quinze dias depois e seu corpo foi cremado segundo as instruções que deixara.

Van, uma alma lúcida, considerava-se menos corajoso moralmente do que fisicamente. Com relutância, recordaria para sempre (quer dizer, até a década de 60 do século XX), como se desejasse suprimir da memória um ato mesquinho, covarde e estúpido (pois, na verdade, os chifres posteriores talvez pudessem ter sido plantados já então, com lâmpadas verdes reforçando o verde natural dos arbustos diante do hotel onde o casal Vinelanders estava hospedado), a maneira pela qual havia reagido em Kingston ao telegrama enviado de Nice por Lucette (“Mãe morreu hoje de manhã funeral cremação depois de amanhã final da tarde”), pedindo a ela (“favor informar”) quem mais estaria presente. E, ao receber de Lucette a pronta resposta de que Demon já havia chegado com Andrei e Ada, telegrafou de volta: “*Désolé de ne pouvoir être avec vous*”.

Vagara pelo Parque Cascadilla de Kingston, em meio aos doces aromas do crepúsculo primaveril, tão mais seráficos do que aquela revoada de telegramas. Na última vez em que vira Marina, já ressecada como uma múmia, e lhe dissera que precisava voltar para a América (embora na verdade não houvesse a menor pressa — só aquele cheiro no seu quarto de hospital que nenhuma brisa era capaz de dissipar), ela tinha perguntado, com sua nova e terna expressão, com aquele olhar míope porque voltado para dentro: “Não pode esperar até que eu me vá?”; e ele respondera: “Volto no dia 25. Tenho de fazer uma palestra sobre a psicologia do suicídio”; e ela havia dito, enfatizando, agora que tudo estava *tripitaka* (muito bem embalado), o parentesco correto: “Fale a eles sobre tua pobre tia Aqua”, ao que ele assentira com a cabeça e dera um sorrisinho artificial, em vez de responder: “Falo sim, mãe”. Aproveitando os últimos raios do sol baixo, encurvado no banco onde recentemente acariciara e corrompera uma estudante negra, jovem esbelta e desajeitada, uma de suas melhores alunas, Van se torturou com a insuficiência de seu afeto filial — uma longa história de desinteresse, desprezo irônico, repugnância física e afastamento habitual. Olhou em volta, oferecendo reparações a esmo, desejando que o espírito dela lhe enviasse um sinal inequívoco, totalmente convincente, de que continuava a existir por trás do véu do tempo, mais além da carne do espaço. Mas nenhuma resposta chegou, nenhuma pétala caiu no banco, nem mesmo um mosquito pousou em sua mão. Perguntou-se o que de fato o mantinha vivo na terrível Antiterra, já que a Terra era um mito e toda arte um jogo, quando nada mais importava desde o dia em que esbofeteara o rosto quente e mal barbeado de Valério; e de onde, de algum profundo poço de esperança, ainda retirava uma estrela tremulante, quando tudo tinha uma lâmina cortante de agonia e desespero, quando outro homem compartilhava todos os quartos de Ada.

Numa lúgubre manhã entre a primavera e o verão de 1901, em Paris, Van, de chapéu preto, uma das mãos brincando com as moedas quentes no bolso do casacão e a outra, agasalhada pela luva castanho-amarelada, balançando em grandes arcos um guarda-chuva inglês bem enrolado, passava diante das mesas de calçada de um café particularmente pouco atraente entre os muitos que ladeiam a avenida Guillaume Pitt, quando um homem calvo e gorducho, vestindo um terno marrom amassado de cujo colete pendia uma corrente de relógio, se levantou para cumprimentá-lo.

Van contemplou por um momento aquelas bochechas vermelhas, a barbicha negra.

“*Nie uznáioch?* (Não me reconhece?)”

“Greg! Grigóri Akimovitch!”, gritou Van, arrancando a luva.

“Deixei crescer uma bela *Vollbart* no verão passado. Nunca iria me reconhecer. Cerveja? Como é que você consegue parecer tão moço, Van?”

“Dieta de champanhe, jamais bebo um gole de cerveja”, disse o professor Veen pondo os óculos e acenando para um garçom com o cabo do guarda-chuva. “Não impede que a gente ganhe uns quilinhos, mas mantém os testículos em forma.”

“Estou mesmo bem gordo, não é?”

“Que tal Grace? Não consigo imaginá-la engordando.”

“Uma vez gêmeos, sempre gêmeos. Minha mulher também é gorduchinha.”

“*Tak ti jenát* (então você se casou)? Não sabia. Há quanto tempo?”

“Uns dois anos.”

“Com quem?”

“Maude Sween.”

“A filha do poeta?”

“Não, não, a mãe dela é da família Brougham.”

Poderia ter respondido “Ada Veen”, caso o sr. Vinelander não tivesse sido um pretendente mais rápido. Acho que já encontrei um Broom em algum lugar. Melhor deixar o assunto morrer. Provavelmente um

casamento melancólico: mulher corpulenta e mandona, ele mais chato do que nunca.

“Eu o vi pela última vez há treze anos, montado num pônei preto... não, numa Silentium preta. *Bóje moi!*”

“É mesmo... *Bóje moi*, é o caso de dizer isso. Aquelas adoráveis, adoráveis agonias na encantadora Ardis! Ah, eu estava *absoliútno biezúmno* (loucamente) apaixonado por tua prima!”

“A srta. Veen? Não sabia. Quanto tempo...”

“Nem ela. Eu era terrivelmente...”

“Quanto tempo você vai ficar...”

“... terrivelmente tímido, porque, claro, sabia muito bem que não podia competir com os numerosos namorados dela.”

Numerosos? Dois? Três? Será possível que nunca ouviu falar do mais importante? Todos os roseirais sabiam, todas as criadas sabiam, nas três mansões. A nobre reticência daquelas que fazem nossas camas.

“Quanto tempo você vai ficar em Lute? Não, Greg, fui *eu* que pedi. Você paga a próxima garrafa. Me diga...”

“É tão estranho lembrar! Era um frenesi, uma fantasia, a realidade elevada ao grau máximo. Eu teria concordado em ser decapitado por um tártaro, juro, se em troca pudesse ter beijado o dorso do pé dela. Você era primo dela, quase um irmão, não pode entender essa obsessão. Ah, aqueles piqueniques! E Percy de Prey, que ficava contando vantagem para mim e quase me deixava louco de tanta inveja e pena, e o dr. Krolik, que, todo mundo dizia, também a amava, e Phil Rack, um grande compositor — mortos, mortos, todos mortos!”

“Entendo muito pouco de música, mas tive um grande prazer em fazer teu amiguinho urrar de dor. Infelizmente, tenho um encontro marcado para daqui a pouco. *Za tvoió zdorívie*, Grigóri Akimovitch.”

“Arkadievitch”, disse Greg, que deixara passar uma vez, porém agora corrigia Van maquinalmente.

“*Ach*, claro! Estúpido lapso de uma língua descuidada. Como vai o Arkadi Grigorievitch?”

“Morreu. Morreu pouco antes de tua tia. Acho que os jornais fizeram um belo tributo ao talento dela. E onde anda a Adelaida Danilovna? Casou com Christopher Vinelander ou seu irmão?”

“Na Califórnia ou no Arizona. Acho que se chama Andrei. Talvez eu esteja enganado. Na verdade, nunca conheci muito bem minha prima: afinal de contas, só visitei Ardis duas vezes, por umas poucas semanas, e já faz um tempão.”

“Alguém me disse que ela é uma atriz cinematográfica.”

“Não tenho a menor ideia, nunca a vi no cinema.”

“Ah, isso seria terrível, juro... ligar a dorovisão e de repente vê-la. Como alguém que se afoga e vê todo o seu passado, e as árvores, as



flores, e o dachshund com a coroa de flores. Ela deve ter ficado terrivelmente chocada com a morte terrível de sua mãe.”

Juro que ele gosta da palavra “terrível”. Um terno terrível, um tumor terrível. Por que tenho de aguentar isso? Revoltante... e ao mesmo tempo fascinante, de um jeito estranho: minha sombra tagarela, meu duplo caricato.

Van estava prestes a partir quando um chofer elegantemente uniformizado se aproximou para informar “milorde” de que a sua senhora estava estacionada na esquina da rua Saigon e o convocava.

“Muito bem”, disse Van. “Vejo que está usando o título inglês. Teu pai preferia apresentar-se como um coronel tchecoviano.”

“Maude é anglo-escocesa e, bem, prefere assim. Pensa que um título de nobreza garante melhor serviço no exterior. Aliás, alguém me disse — sim, Tobak! — que Lucette está no Alphonse IV. Não perguntei sobre o teu pai, ele está bem de saúde? (Van fez uma reverência.) “E como vai a *gubernantka belletristka*?”

“Seu último romance se chama *L’ami Luc*. Acaba de receber o prêmio da Academia Lebon pela copiosa porcaria que produziu até hoje.”

Despediram-se rindo.

Um momento depois, como ocorre com frequência nas farsas e nas cidades estrangeiras, Van deu de cara com outra pessoa amiga. Com um frêmito de prazer, viu Córdula numa apertada saia escarlate debruçando-se sobre dois infelizes filhotes de poodle, amarrados ao poste junto à porta de uma loja de linguiças, e consolando-os com o tipo de palavras que usamos para acalmar os bebês. Van tocou-a com a ponta dos dedos e, quando ela se ergueu indignada e se voltou (a indignação instantaneamente substituída pelo alegre reconhecimento), Van citou os versos antiquados mas próprios para aquele momento que conhecia desde os tempos em que seus colegas os utilizavam para chateá-lo:

*Os Veen só falam com os Tobak,  
Mas os Tobak só falam com cachorros.*

A passagem dos anos apenas tinha servido para polir sua beleza e, embora muitas modas se houvessem sucedido desde 1889, naquele ano os penteados e a linha das saias haviam retornado brevemente (outra senhora muito mais elegante já se convertera antes às novidades) aos estilos de doze anos atrás, cancelando a interrupção da aprovação e do prazer relembrados. Córdula despejou sobre ele uma torrente de perguntas corteses, mas Van tinha uma questão muito mais importante para acertar naquele momento, enquanto a chama ainda cintilava.

“Não desperdicemos”, disse ele, “a tumescência do tempo recuperado com uma conversinha de comadres. Estou estourando de

energia, se é o que deseja saber. Agora, olhe: pode parecer idiota e insolente, mas tenho um pedido urgente a fazer. Quer me ajudar a cornear teu marido? É muito importante!”

“Francamente, Van!”, exclamou Córdula, enraivecida. “Você está se excedendo. Sou uma esposa feliz. Meu Tobatchok me adora. A essa altura já estaria com uns dez filhos se não tomasse cuidado com ele e com outros.”

“Você gostará de saber que este outro aqui provou ser totalmente estéril.”

“Bem, posso ser tudo, menos isso. Acho que seria capaz de fazer uma mula ficar prenhe só de olhar para ela. Além disso, vou almoçar com o casal Goal.”

“*C’est bizarre*, uma mocinha excitante como você, que pode ser tão carinhosa com os poodles, nem se importa em enxotar um velho amigo barrigudo e com as juntas doloridas.”

“Em matéria de cachorro, os Veen são muito divertidos.”

“Já que você coleciona ditados”, persistiu Van, “deixe eu citar um de origem árabe. O paraíso fica a um palmo ao sul da cintura de uma bela mulher. *Eh bien?* ”

“Você é impossível. Onde e quando?”

“Onde? Naquele hotelzinho vagabundo do outro lado da rua. Quando? Agora mesmo. Nunca vi você montada num cavaleiro de pau, pois é isso que podemos esperar do *tout confort*.”

“Tenho de estar em casa o mais tardar às onze e meia, já são quase onze horas.”

“Não toma mais do que cinco minutos. Por favor!”

Montada, ela parecia uma criança enfrentando seu primeiro carrossel. Fez um trejeito de boca retangular enquanto cavalgava. As tristes e mal-humoradas mulheres da vida fazem isso sem uma única expressão no rosto, os lábios fortemente cerrados. Passeou duas vezes. Ao todo, foram quinze minutos, e não cinco. Muito satisfeito consigo próprio, Van a acompanhou pelas aleias verdes e marrons do Bois de Belleau a caminho de sua *ossobniatchok* (pequena mansão).

“Isso me faz lembrar”, disse ele, “que não uso mais nosso apartamento da avenida Alexis. Nos últimos sete ou oito anos deixei que uma gente pobre morasse lá — a família de um policial que tinha sido laçao do tio Dan em Ardis. O policial morreu e a viúva e os três filhos voltaram para Ladore. Quero me desfazer do apartamento. Você o aceitaria como o presente de casamento tardio de um velho admirador? Ótimo. Vamos fazer isso outra vez um dia desses. Amanhã tenho de estar em Londres e, no dia 3, meu transatlântico predileto, o *Admiral Tobakoff*, me levará a Manhattan. *Au revoir*. Diga a ele para tomar cuidado com portas baixas. Os chifres são muito sensíveis quando começam a crescer. Greg Erminin me disse que Lucette está no Alphonse IV, é verdade?”

“Está, sim. E onde está a outra?”

“Acho que nos separamos aqui. São vinte para o meio-dia. É melhor você apertar o passo.”

“*Au revoir*. Você é um menino muito levado e eu sou uma menina muito sapeca. Mas foi divertido — embora você tenha falado comigo não como deveria falar com uma senhora amiga, mas provavelmente como fala com tuas putinhas. Espere. Aqui está um endereço supersecreto onde você pode sempre” — remexendo na bolsa — “entrar em contato comigo” — encontrando um cartão com o brasão do marido e anotando o número de uma caixa postal — “em Malbrook, no Mayne, onde passo todos os meses de agosto.”

Olhou em volta, ficou na ponta dos pés como uma bailarina e o beijou na boca. Doce Córdula!

O *concierge* de tez escura, cabelos lustrosos e queixo bourbonístico, cuja idade era impossível determinar (e que muitos anos antes fora apelidado por Van de “Alphonse V”), acreditava ter visto havia pouco Mlle. Veen no salão Récamier, onde estavam sendo exibidos os véus dourados de Vivian Vale. Num rápido movimento que agitou as abas do fraque, Alphonse abriu com um clique a portinhola de seu compartimento e foi dar uma olhada. Por cima do cabo do guarda-chuva, o olho de Van examinava o mostruário giratório de livros de bolso da editora Sapsucker (com aquele pequeno pica-pau listrado em cada lombada) — *A ciganinha, Salzman, Salzman, Salzman, Convite ao êxtase, Esguicho, A gangue go-go, O limiar da dor, Os sinos de Chose, A ciganinha* — quando um velho colega de Demon em Wall Street, o aristocrático Kithar K. L. Sween, poeta nas horas vagas, e o ainda mais idoso magnata do setor de imóveis Milton Eliot passaram sem reconhecer um agradecido Van, embora diversos espelhos traíssem sua presença.

O *concierge* voltou balançando a cabeça. Como prova de sua bondade, Van lhe deu um guinéu de Goal e disse que voltaria à uma e meia. Atravessou o vestibulo (onde o autor de *Versos agônicos* e o sr. Eliot, *affalés dans des fauteils*, com os grossos paletós exagerando a largura de seus ombros, comparavam charutos) e, saindo do hotel por uma porta lateral, cruzou a rua dos Jeunes Martyres para tomar um drinque no bar Ovenman.

Ao entrar, deteve-se por um momento para entregar o sobretudo; manteve, porém, o chapéu de feltro preto e o esguio guarda-chuva como vira seu pai fazer naquela espécie de lugar fescenino, embora elegante, não frequentado por mulheres decentes — ao menos desacompanhadas. Dirigiu-se ao bar e, enquanto limpava as lentes dos óculos de aros pretos, divisou, através do nevoeiro óptico (vingança recente do Espaço!), a jovem cuja silhueta se lembrava de ter visto vez por outra (com muito maior nitidez!) desde a puberdade, caminhando sozinha, bebendo sozinha, sempre só, como a *Incógnita* de Blok. Era um sentimento estranho — como um trecho musical tocado de novo por

engano, uma frase mal situada numa prova tipográfica, uma cena projetada prematuramente, uma mancha repetida, um descaminho do tempo. Apressou-se em repor sobre as orelhas as grossas hastes negras dos óculos e se aproximou em silêncio. Ficou por um minuto atrás dela, de lado para as recordações e para o leitor (como ela também estava com relação a nós e ao bar), o cabo da bengala envolta em seda (também visto de perfil) elevado quase à altura de sua boca. Lá estava ela, contra o fundo dourado de um biombo de *sakarama*, deslizando para perto do bar, prestes a sentar-se, já tendo colocado sobre o balcão uma das mãos enluvadas de branco. Trajava um romântico vestido negro fechado no pescoço, de mangas compridas, corpete justo e saia larga. A gola franzida formava uma macia corola negra da qual se erguia o longo e gracioso pescoço. Com o olhar taciturno do libertino seguimos a linha pura e orgulhosa daquela garganta, daquele queixo arrebitado. Os lábios de um vermelho brilhante estão entreabertos, ávidos e sonhadores, oferecendo um vislumbre cintilante dos grandes dentes superiores. Conhecemos, amamos aquelas maçãs de rosto bem marcadas (com vestígios de ruge na pele quente e rosada), a curva para cima dos cílios negros, o olho felino de pálpebras pintadas — tudo isso, repetimos baixinho, de perfil. Sob a larga aba ondulada do chapéu mole de *faille* negra, encimado por um grande laço também negro, uma espiral de cobre reluzente, intencionalmente desarranjada e artisticamente encaracolada, descia sobre o rosto em brasa; a luz das lâmpadas do bar brincava com os cabelos soltos na frente, os quais, vistos de lado, formavam uma onda convexa que ia da aba extravagante do chapéu até a longa e fina sobancelha. O perfil irlandês, adoçado por um toque de maciez russa (que acrescentava à sua beleza uma expressão de misteriosa expectativa e nostálgica surpresa), será visto pelos amigos e admiradores de minhas memórias, assim espero, como uma obra-prima natural incomparavelmente mais bela e mais jovem do que o retrato da horrível meretriz parisiense com *gueule de guenon* que aparece em pose idêntica no abjeto pôster pintado para o Ovenman por aquele artista aleijado.

“Como vai, Ed”, disse Van ao barman, e ela se virou para trás ao ouvir sua querida voz rouca.

“Não esperava te ver usando óculos. Por pouco você não levou o tabefe que eu estava preparando para o homem que parecia querer comer o meu chapéu. Meu querido Van! *Dúchka moi!*”

“Teu chapéu”, disse ele, “é positivamente lautremontesco, quer dizer, lautrecaquesque... não, não sou capaz de formar o adjetivo.”

Ed Barton serviu a Lucette algo que ela chamava de Chambéryzette.

“Para mim gim e bíter.”

“Estou tão feliz e tão triste”, ela murmurou em russo. “*Moió grústnoie stchástie!* Quanto tempo vai ficar na velha Lute?”

Van respondeu que partiria no dia seguinte para a Inglaterra e, logo depois, no dia 3 de junho (estávamos em 31 de maio), tomaria o *Admiral Tobakoff* de volta aos Estados Unidos. Ela exclamou que ia viajar com ele, que era uma ideia maravilhosa, na verdade não se importava para onde o vento a levasse, Leste, Oeste, Toulouse, Los Teques. Van observou que era tarde demais para conseguir um camarote (naquele navio menos magnífico e bem menor do que o *Queen Guinevere*), tratando logo de mudar de assunto.

“A última vez que te vi”, disse Van, “foi há dois anos, numa estação de estrada de ferro. Você tinha acabado de sair da Villa Armina e eu vinha chegando. Usava um vestido estampado de flores que se misturou às flores naturais que você levava por causa daquela correria toda — pulando de uma caleche verde para dentro do Expresso Ausoniano, que me havia trazido para Nice.”

“*Très expressioniste*. Não te vi, senão teria parado para te dizer o que tinha acabado de ouvir. Imagine, mamãe sabia de tudo — teu papai linguarudo contou para ela tudo sobre você e Ada!”

“Mas não sobre você e ela.”

Lucette pediu-lhe que não mencionasse aquela criatura repugnante, enlouquecedora. Estava furiosa com Ada e enciumada por procuração. O marido dela, Andrei — mas na verdade sua irmã servindo como agente, pois ele era ignorante demais até para isso —, colecionava aquela ignóbil arte progressista, manchas feitas com graxa de sapato, lanhos de excremento sobre tela, imitações de garatujas de débeis mentais, ídolos primitivos, máscaras aborígenes, *objets trouvés*, ou melhor *troués*, pedaços de madeira polidos com um furo também polido no estilo Heinrich Heideiland. Ao chegar pela primeira vez ao rancho, a esposa de Andrei descobriu que o quintal tinha sido decorado com uma escultura, se essa é a palavra correta, do próprio Heinrich e de seus quatro vigorosos assistentes, um imenso e pavoroso amontoado do mais burguês mogno, com uns três metros de altura, intitulado “Maternidade”, a mãe (ao avesso) de todos os anões de gesso e cogumelos de ferro plantados por gerações e gerações da família Vinelander diante de suas dachas na Liasca.

O barman estava postado ali por perto, secando interminavelmente um copo em câmera lenta, enquanto escutava a peça acusatória de Lucette com o sorriso frouxo do mais absoluto encantamento.

“E, no entanto (*odnáko*)”, disse Van em russo, “segundo Marina me disse você gostou da visita que fez ao rancho, em 1896.”

“Não gostei coisa nenhuma (*nitchegó podôbnogo*)! Fui embora de Agávia sem minha bagagem no meio da noite, com Brigitte chorando ao meu lado. Nunca vi uma casa como aquela. Ada tinha virado uma pateta. A conversa na mesa se limitava aos três C: cactos, cavalos e comida, além dos comentários de Dorothy sobre o misticismo cubista. Ele é um desses russos que *chliopaiut* (vão se arrastando descalços)

para o banheiro, se barbeiam de cueca, usam ligas e consideram indecente puxar a calça para cima, mas que, quando tentam pescar uma moeda, seguram o bolso direito da calça com a mão esquerda ou vice-versa, o que não apenas é indecente, mas muito vulgar. Demon talvez esteja desapontado por eles não terem filhos, mas na verdade se tomou de aversão pelo sujeito depois do entusiasmo inicial de ser sogro. Dorothy é um monstro de puritanismo e afetação. Vai ficando por lá meses a fio, dá ordens sobre o que se come em cada refeição e tem uma coleção particular das chaves dos quartos dos criados — coisa que nossa boboca de cabelos negros deveria ter sabido — e outras chavinhas para abrir o coração das pessoas. Imagine que vem tentando converter à seita ortodoxa não apenas todos os negros americanos que consegue fisgar, mas também nossa mãe já suficientemente *pravoslávnaia* — verdade que, neste caso, o único efeito foi fazer subir as ações da Trimurti. Numa bela e nostálgica noite...”

“*Po-rússki*”, disse Van, notando que um casal de ingleses havia pedido seus drinques e se preparava calmamente para uma boa sessão de escuta.

“*Kak-to nótchiu* (certa noite), quando Andrei estava ausente fazendo uma operação de amídalas ou coisa que o valha, a querida e vigilante Dorotchka foi investigar um ruído suspeito no quarto de minha criada e encontrou a pobre Brigitte dormindo na cadeira de balanço e Ada e eu *triakhnúvchikh starinói* (relembrando os velhos tempos) na cama. Foi quando eu disse à Dora que não tolerava seu comportamento e imediatamente fui embora para a baía Monarch.”

“Há pessoas muito estranhas”, disse Van. “Se você já acabou esse troço pegajoso, vamos voltar para o teu hotel e comer alguma coisa.”

Ela queria peixe, ele carne fria com salada.

“Sabe com quem dei de cara esta manhã? O velho Greg Erminin. Foi ele que me disse que você estava aqui. A mulher dele *est un peu snob*, sabia?”

“Todo mundo é *un peu snob*”, disse Lucette. “Tua Córdula, que também está por aqui, não perdoa Shura Tobak, o violinista, por ser vizinho do marido dela na lista telefônica. Logo depois do almoço vamos para o meu quarto, número vinte e cinco, a minha idade. Lá tem um fabuloso divã japonês e montanhas de orquídeas mandadas por um de meus namorados. *Akh, bóje moi*, só agora me ocorreu... vou ter de verificar isso... talvez tenham sido mandadas para Brigitte, que vai se casar depois de amanhã, às três e meia, com um *maître* do Alphonse III, em Auteuil. Seja como for, são esverdeadas, com manchas cor de laranja e roxas, algum tipo delicado de *Oncidium*, ‘rãs dos ciprestes’, um desses nomes comerciais idiotas. Vou me deitar no divã como uma mártir, você se lembra?”

“Você ainda é uma meio-mártir... quer dizer meio-*virgem*?”, perguntou Van.

“Só um quarto”, respondeu Lucette. “Ah, me experimente, Van! Meu divã é preto com almofadas amarelas.”

“Você pode sentar durante um minuto no meu colo.”

“Não, a menos que tiremos a roupa e você enfie em mim.”

“Minha querida, como já te lembrei várias vezes, você pertence a uma família de príncipes, mas fala como a mais dissoluta das Lucindas. Isso é moda no teu círculo de amizades?”

“Não tenho círculo nenhum de amizades, sou uma pessoa solitária. Vez por outra saio com dois diplomatas, um grego e um inglês, que têm permissão de passar a mão em mim e manterem relações na minha presença. Um artista menor, que faz retratos de gente da alta sociedade, está trabalhando no meu, e ele e sua mulher me acariciam quando estou com vontade. Teu amigo Dick Cheshire me manda presentes e dicas para apostar nas corridas de cavalo. É uma vida chata, Van. Gosto... ah, de um monte coisas”, continuou num tom de voz pensativo e melancólico, enquanto cutucava com o garfo a truta azul que, a julgar por sua forma contorcida e olhos esbugalhados, havia sido cozida viva, convulsionada por agonias atrozes. “Gosto de pinturas flamengas e holandesas, de flores, de comida, de Flaubert e Shakespeare, de fazer compras, esquiar, nadar, dos beijos das Belas e das Feras, mas tudo isso, sei lá como, este molho e todas as riquezas da Holanda formam apenas uma espécie de camada fininha (*tónienki-tónienki*) sob a qual não há absolutamente nada, exceto, é óbvio, tua imagem, e isso só faz somar profundidade e os sofrimentos da truta ao vazio. Sou como Dolores — quando ela diz que é ‘um mero quadro pintado no ar’.”

“Nunca consegui acabar aquele romance, é pretensioso demais.”

“Pretensioso mas verdadeiro. Descreve exatamente o que sinto sobre minha vida — um fragmento, uma pinceladinha de cor. Venha viajar comigo para alguma cidade distante onde haja afrescos e fontes, por que não podemos ir a algum lugar remoto com fontes antigas? Por mar? De trem?”

“É mais seguro e mais rápido de avião”, disse Van. “E, pelo amor de Deus, fale em russo.”

O sr. Sween, almoçando com um jovem amigo que exibia costeletas dignas de um toureiro e outros encantos físicos, fez uma reverência com a cabeça na direção da mesa deles; logo depois, um oficial de Marinha, no uniforme azul dos Guardas da Corrente do Golfo, passou na esteira de uma mulher de cabelos muito pretos e pele cor de marfim, dizendo: “Boa tarde, Lucette, boa tarde, Van”.

“Boa tarde, Alph”, disse Van, enquanto Lucette respondia ao cumprimento com um sorriso ausente: por cima das mãos entrelaçadas ela seguia com um olhar zombeteiro a dama que se afastava. Van limpou a garganta e lançou um olhar sombrio na direção de sua meia-irmã.



“Deve estar com pelo menos trinta e cinco anos”, murmurou Lucette, “e ainda tem esperança de se tornar a rainha dele.”

(Seu pai, Alfonso I de Portugal, um potentado-títere manipulado pelo tio Victor, abdicara recentemente por sugestão de Gamaliel em favor de um regime republicano, mas Lucette falava da beleza frágil, e não da política volúvel.)

“Aquela era Lenore Colline. O que é que há, Van?”

“Os gatos não olham para as estrelas, é coisa que não se faz. A semelhança é muito menor do que costumava ser — embora, naturalmente, eu não tenha acompanhado as mudanças na sócia dela. *A propos*, como vai sua carreira?”

“Se está se referindo à carreira de Ada, espero que também seja um fracasso, como o seu casamento. Assim, tudo o que Demon terá conseguido é fazer com que você seja meu. Além de não ir com frequência ao cinema, me recusei a falar com Dora e com ela quando nos encontramos no funeral. Por isso, não tenho a menor ideia do que ela anda fazendo em matéria de teatro ou de cinema.”

“A tal mulher falou com o irmão sobre as brincadeiras inocentes de vocês duas?”

“Claro que não! Ela *drojit* (treme) só de pensar em prejudicar a felicidade dele. Mas tenho certeza de que foi ela quem obrigou Ada a me escrever dizendo que eu ‘nunca mais deveria tentar arruinar um casamento feliz’. E eu perdoo Dariuchka porque ela já nasceu chantagista, mas não a nossa Ádotchka. Não gosto nem um pouquinho do teu anel de cabuchão. Quer dizer, fica bem na tua querida mão cabeluda, mas papai usava um igual na sua nojenta pata cor-de-rosa. Ele pertencia à espécie dos exploradores silenciosos. Uma vez me levou para assistir a um jogo de hóquei feminino e tive de ameaçar que ia gritar por socorro se ele não parasse com a exploração.”

“*Das auch noch*”, suspirou Van, enfiando no bolso o pesado anel de safira escura. Teria posto no cinzeiro se não fosse o último presente de Marina.

“Olhe, Van”, disse ela (terminando de beber sua quarta taça). “Por que não arriscar? Tudo é muito simples. Você casa comigo. Fica com minha Ardis. Vivemos lá, você escreve lá. Eu fico me derretendo contra o pano de fundo, nunca vou te incomodar. Convidamos Ada — sozinha, é óbvio — para passar algum tempo na propriedade *dela*, porque sempre esperei que mamãe lhe deixasse Ardis. Enquanto estiver lá, eu irei para Aspen ou Gstaad, ou Merdau, e vocês ficarão vivendo dentro de uma bola de cristal, com neve caindo o tempo todo, como se para sempre, *pendant que je* esquio em Aspênis. Então eu volto correndo, mas ela pode continuar por lá, é bem-vinda, e eu vou ficando pelas imediações caso vocês dois me queiram. E aí ela volta para o marido e para mais alguns poucos meses de tristeza, entende?”

“É, trata-se de um plano formidável”, disse Van. “O único problema é que ela nunca irá. Agora são três horas, tenho de ver um homem que vai restaurar a Villa Armina, que *eu* herdei e vai abrigar um de meus haréns. Este jeito de dar um tapa no pulso de alguém não é um dos traços mais bonitos do teu lado irlandês. Vou te levar até teu quarto. É evidente que você está precisando descansar um pouco.”

“Preciso dar um telefonema importante, muito importante, mas você não pode ouvir”, disse Lucette procurando pela chave na pequena bolsa preta.

Entraram no vestíbulo da suíte de Lucette. Lá, firmemente decidido a partir num minuto, Van tirou os óculos e comprimiu sua boca na dela — e Lucette tinha o mesmo gosto de Ada em Ardis nas primeiras horas da tarde, saliva doce, epitélio salgado, cerejas, café. Não tivesse ele se exercitado amorosamente tão bem e havia tão pouco tempo, talvez não houvesse resistido à tentação, à excitação imperdoável. Ela o puxou pela manga quando ele começou a recuar em direção à porta.

“Me beija outra vez, me beija outra vez!”, Lucette ficou repetindo como uma criança, ceceando, mal movendo os lábios entreabertos, numa agitação incoerente, fazendo o possível para impedi-lo de raciocinar, de dizer não.

Ele disse que já bastava.

“Mas por quê? Ah, por favor!”

Ele afastou sem violência seus dedos frios e trêmulos.

“Por quê, Van? Por quê, por quê, por quê?”

“Você sabe perfeitamente por quê. Eu a amo, não a você, e simplesmente me recuso a complicar as coisas iniciando outra relação incestuosa.”

“Essa é muito boa”, disse Lucette, “você já foi bem longe comigo em várias ocasiões, mesmo quando eu era uma menininha. Recusar ir mais longe é uma falsidade de tua parte. Além disso, você tem sido infiel a ela com mil mulheres, seu sem-vergonha!”

“Não admito que fale assim comigo”, disse Van, utilizando-se vilmente das desastradas palavras de Lucette para justificar sua retirada.

“Desculpe, eu te amo”, ela murmurou freneticamente, tentando *gritar* por ele num *sussurro* porque o corredor era uma sucessão de portas e de orelhas. Mas ele continuou andando, agitando ambos os braços sem olhar para trás — embora a perdoando por tudo —, e desapareceu.

Um problema intrigante exigia a presença do dr. Veen na Inglaterra.

O velho Paar, de Chose, lhe havia escrito que a “Clínica” gostaria que ele estudasse uma ocorrência especial de cromestesia, mas, tendo em vista certos aspectos do caso (tal como uma ligeira possibilidade de embuste), Van deveria decidir ele próprio se era justificável incorrer nas despesas necessárias para trazer o paciente de avião a Kingston a fim de submetê-lo a exames adicionais. Um certo Spencer Muldoon, nascido sem olhos, com quarenta anos de idade, solteiro, sem amigos (e o terceiro personagem cego desta crônica), era sujeito a alucinações durante ataques de violenta paranoia, dando nome a formas e substâncias que aprendera a identificar pelo tato ou pensava reconhecer com base nas histórias horrorosas sobre elas (árvores que caíam, répteis extintos) e que agora o atacavam de todos os lados; esses surtos se alternavam com períodos de estupor, sempre seguidos por um retorno ao estado normal, quando, durante uma ou duas semanas, ele usava a ponta dos dedos para ler os livros em braille ou escutava, com as pálpebras vermelhas de tanta beatitude, seus discos de música, de cantos de pássaros e de poesia irlandesa.

Sua capacidade de segmentar o espaço em fileiras e colunas de coisas “fortes” e “fracas”, como se estivesse diante de um papel de parede, permaneceu um mistério até certa noite em que um estudante com vocação de pesquisador (R. S. — preferiu manter-se anônimo), que tencionava traçar determinados gráficos relacionados com a metabase de outro paciente, deixou por acaso ao alcance de Muldoon um desses estojos compridos que contêm lápis de cor novos e ainda sem ponta (cuja mera evocação — Dixon Pink Anadel! — faz com que nossa memória fale a linguagem dos arco-íris), os matizes das madeiras pintadas e envernizadas aparecendo na elegante caixa de metal em obediência à gradação das cores no espectro solar. O pobre Muldoon não podia resgatar sua infância com tais recordações irisadas, mas, quando seus dedos tateantes abriram o estojo e apalpam os lápis, uma expressão de deleite sensual tomou conta de seu rosto, que tinha a palidez de um pergaminho. Observando que as sobancelhas do

cego se erguiam ligeiramente ao tocar o vermelho, subiam um pouco mais com a cor de laranja e mais ainda em reação ao grito estridente do amarelo, só começando a descer ao longo do restante do espectro prismático, R. S. lhe disse em tom casual que os cilindros de madeira tinham colorações diferentes — “vermelho”, “laranja”, “amarelo” etc., e com igual naturalidade Muldoon retrucou que também passavam uma sensação diferente ao serem tocados.

No curso de numerosos testes conduzidos por R. S. e seus colegas, Muldoon explicou que, ao apalpar os lápis um a um, distinguia uma série de formigamentos, sensações especiais assemelhadas às causadas pelo contato com urtigas (ele havia sido criado no campo, em algum ponto entre Ormagh e Armagh, e, em sua infância aventureira, as grossas botas que usava contribuíram para que o pobre coitado caísse frequentemente em valas e até mesmo em ravinas). Falava estranhamente do “forte” formigamento verde de um pedaço de mata-borrão ou do “fraco e úmido” formigamento cor-de-rosa do nariz suado da enfermeira Langford, essas cores sendo verificadas por ele próprio em comparação com aquelas dos lápis escolhidos inicialmente pelos pesquisadores. O resultado dos testes levava à conclusão inelutável de que as pontas dos dedos do homenzinho eram capazes de transmitir a seu cérebro “uma transcrição tátil do espectro prismático”, tal como Paar escreveu em seu pormenorizado relatório para Van.

Quando o dr. Veen chegou, Muldoon não havia saído inteiramente de um estado de estupor mais prolongado do que todos os anteriores. Com a esperança de examiná-lo no dia seguinte, Van passou um dia delicioso debatendo com um grupo de entusiasmados psicólogos, tendo notado com interesse, em meio às enfermeiras, o olhar estrábico de Elsie Langford, uma moça esquelética e dentuça, com uma tez de colorido febril, que estivera envolvida de forma obscura no caso de um “espírito endiabrado” em outra instituição médica. Jantou com o velho Paar em seu apartamento de Chose e lhe disse que gostaria que o pobre sujeito fosse levado para Kingston, *junto* com Miss Langford, tão logo estivesse em condições de viajar. O infeliz morreu naquela noite em pleno sono, deixando todo o incidente suspenso no ar em meio a um nimbo de brilhante irrelevância.

Van, em quem as flores cor-de-rosa dos castanheiros de Chose sempre despertavam impulsos amorosos, resolveu esbanjar a inesperada dádiva de tempo antes de sua partida para a América num tratamento de vinte e quatro horas na mais elegante e eficiente das *Villas Vênus* da Europa. Entretanto, durante a viagem bastante longa na limusine antiga, luxuosa e levemente perfumada (almíscar? tabaco turco?) que o Albânia, seu hotel em Londres, costumava lhe propiciar para as viagens na Inglaterra, outros sentimentos inquietos vieram se juntar, sem dissipá-la, à sua lúgubre lascívia. Submetido ao doce balanço do carro, os pés calçando chinelos apoiados num suporte, o

braço segurando uma alça, lembrou sua primeira viagem de trem para Ardis e tentou o que às vezes aconselhava os pacientes a fazer a fim de exercitarem os “músculos da consciência”, isto é, não apenas recuperar o estado de espírito que precedera uma mudança radical na vida da pessoa, mas pôr-se num estado de completa ignorância com respeito a essa mudança. Sabia que não era possível fazer isso, alcançar tal grau de desconhecimento, porém um esforço obstinado era viável porque ele não se recordaria do prefácio de Ada caso a vida não tivesse virado a página seguinte, permitindo agora que o texto radiante reverberasse em todos os tempos verbais de sua mente. Perguntou-se se a banal viagem que fazia naquele momento viria a ser lembrada. Um fim de primavera inglesa, carregado de associações literárias, teimava em demorar-se no ar da noite. O canoreio instalado no carro (um antiquado aparelho musical cujo uso fora recentemente autorizado por uma comissão conjunta anglo-americana) transmitia uma dilacerante canção italiana. O que ele era? Quem ele era? Por que ele era? Pensou na sua indolência, na sua falta de jeito, na sua negligência espiritual. Pensou em sua solidão, suas paixões e perigos. Através do vidro que o separava do banco da frente, viu as dobras gordas, saudáveis e confiáveis do pescoço de seu chofer. Imagens gratuitas se sucederam: Edmund, Edmond, a cristalina Córdula, a fantasticamente complexa Lucette e, graças a uma associação automática de ideias, uma garota depravada chamada Lisette, em Cannes, cujos seios pareciam adoráveis abscessos e cujos frágeis favores eram gerenciados por um malcheiroso irmão mais velho numa velha cabine de banho.

Desligou o canoreio e pegou o conhaque mantido atrás de um painel correção, bebendo da garrafa porque os três copos estavam sujos. Sentiu-se cercado de grandes árvores que desabavam e de monstruosos animais representando tarefas não realizadas, talvez irrealizáveis. Uma delas era Ada, a quem, bem sabia, jamais haveria de renunciar: a ela entregaria os restos de seu ser ao primeiro som do clarim do destino. Outra era seu trabalho filosófico, tão estranhamente tolhido por sua própria virtude — pela originalidade do estilo literário que constitui a única prova verdadeira da honestidade de um escritor. Tinha de fazê-lo a seu próprio modo, mas o conhaque era péssimo e a história do pensamento estava coalhada de clichês, e era essa história que lhe cabia superar.

Sabia que não chegava a ser um sábio, e sim um artista de corpo inteiro. De forma paradoxal e desnecessária, tinha sido graças à sua “carreira acadêmica”, às aulas arrogantes a que não parecia dedicar grande atenção, à organização de seminários e aos relatórios publicados sobre mentes enfermas que, havendo surgido como uma espécie de prodígio antes de completar vinte anos, ele desfrutava aos trinta e um de “honorarias” e de uma “posição” que muitos homens incrivelmente laboriosos não atingem aos cinquenta. Nos momentos

mais tristes, como agora, atribuía pelo menos parte daquele “êxito” a seu status social, à sua riqueza, às numerosas doações que (numa espécie de prolongamento das gorjetas excessivas que dava aos macilentos mendigos que limpavam quartos, manobravam elevadores, sorriam nos corredores de hotéis) despejava sem parar sobre instituições e alunos merecedores de ajuda. Talvez Van não estivesse tão errado em sua irônica avaliação porque em nossa Antiterra (e também na Terra, segundo sua própria obra) uma administração extraordinariamente lerda e pesada prefere a insipidez segura de uma mediocridade acadêmica ao cintilar suspeito de um V. V., exceto quando acionada pela construção de um novo edifício ou pelo trovão de fundos torrenciais.

Rouxinóis cantavam quando chegou a seu ignóbil e fabuloso destino. Como de praxe, sentiu que lhe subia pelo corpo uma onda de arrebatamento brutal no momento em que o carro entrou na aleia de carvalhos entre dois renques de estátuas falofóricas apresentando armas. Freqüentador bem-vindo nos últimos quinze anos, não se preocupara em “telefonar” (o novo termo oficial). Foi açoitado por um holofote: ah, havia chegado numa noite de gala!

Normalmente, os motoristas dos membros estacionavam os carros num pátio especial próximo à guarita, onde havia uma agradável cantina para os empregados com bebidas não alcoólicas e algumas prostitutas feias mas de preços bastante acessíveis. Nessa noite, entretanto, vários grandes carros de polícia ocupavam as vagas da garagem e até mesmo uma clareira vizinha. Dizendo a Kingsley para esperar debaixo dos carvalhos, Van pôs a máscara veneziana e foi investigar. Seu caminho predileto, abrigado por dois muros, em breve o levou a um dos espaçosos gramados que aveludavam as cercanias da mansão. A área estava fortemente iluminada e mais concorrida que a Park Avenue — uma associação que lhe ocorreu de pronto porque os disfarces dos astuciosos detetives pertenciam a um tipo que lhe fazia lembrar sua terra natal. Alguns dos homens ele até conhecia de vista — costumavam patrulhar o clube de seu pai em Manhattan sempre que o bom Gamaliel (não reeleito após seu quarto mandato) lá jantava com sua jovial caduquice. Fingiam ser o de sempre: vendedores de laranjas, comerciantes clandestinos de bananas e banjos ou escreventes obsoletos (ou ao menos extemporâneos) que caminhavam em círculos como se rumassem para escritórios improváveis, além de peripatéticos leitores de jornais russos reduzindo o passo até quase pararem e depois voltando a andar por trás de um *Estótskia Viesti* inteiramente aberto. Van lembrou-se de que o sr. Alexander Screepatch, um russo pletórico que acabara de assumir a presidência das Américas Unidas, tinha vindo visitar o rei Victor e concluiu — corretamente — que ambos estavam se permitindo um momento de distensão. A faceta cômica da exibição dos detetives (talvez compatível com a noção obsoleta de uma

calçada americana, mas dificilmente aplicável a um labirinto feericamente iluminado de cercas vivas inglesas) amenizou sua decepção quando, com um frêmito de repugnância, ele se deu conta de que seria obrigado a compartilhar da esbórnia dos personagens históricos ou a se contentar com as moçoilas que, rejeitadas por eles, ainda teriam de fingir que não estavam frustradas.

Nesse instante, uma estátua encoberta por um lençol tentou interpelar Van do alto de seu pedestal, mas escorregou e caiu de costas no meio das samambaias. Não dando bola para a divindade tombada entre as folhagens, Van retornou ao Jolls-Joyce, cujo motor continuava a ronronar. O rubicundo Kingsley, um velho e fiel amigo, se ofereceu para levá-lo a outra casa, situada uns cento e cinquenta quilômetros ao norte, mas Van, recusando por uma questão de princípio, foi levado de volta para o Albânia.

Às cinco da tarde do dia 3 de junho, seu navio zarpou de Le Havre-de-Grâce; naquela noite, Van subiu a bordo no Old Hantsport. Passara a maior parte da tarde jogando tênis real com Delaurier, o famoso treinador negro, sentindo-se por isso cansado e sonolento ao ver, a estibordo, as brasas do sol poente fragmentando-se em manchas verdes e douradas, a algumas serpentes marinhas de distância, na vertente externa da onda formada pela proa do navio. Pouco depois, decidiu que ia dormir e, tendo caminhado ao longo do convés A, devorou algumas das frutas da natureza-morta que tinha sido posta em sua sala de estar. Tentou ler na cama as provas de um ensaio com que contribuiria para um *Festschrift* em homenagem ao aniversário de oitenta anos do professor Counterstone, porém desistiu e caiu no sono. Uma tempestade entrou em convulsões por volta da meia-noite, mas, apesar dos fortes sacolejos e dos rangidos (o *Tobakoff* era um velho navio brigador), conseguiu dormir profundamente: a única reação de sua mente adormecida foi a imagem de um pavão aquático, afundando lentamente antes de dar uma cambalhota, tal qual um mergulhão, perto da margem do lago que tinha seu nome no antigo reino de Arrowroot. Ao recordar-se do sonho brilhante, atribuiu sua origem à recente visita que fizera à Armênia, onde fora caçar aves com Armborough e sua sobrinha, moça extremamente competente e complacente. Queria tomar nota daquilo, e achou graça ao verificar que todos os três lápis não apenas tinham abandonado a mesinha de cabeceira, mas se haviam alinhado lindamente ao longo da fresta inferior da porta do quarto adjacente, havendo para tanto coberto uma boa extensão de carpete azul antes de terem sua fuga interrompida.

O garçom lhe trouxe o café da manhã, o jornal do navio e a lista dos passageiros da primeira classe. Sob o título “Turismo na Itália”, o jornalzinho informava que um fazendeiro de Domodossola havia encontrado os ossos e os arreios de um dos elefantes de Haníbal e que dois psiquiatras americanos (cujos nomes não foram divulgados) tinham morrido de forma estranha na cordilheira de Bocaletto: o mais velho sofrera um ataque cardíaco e seu amiguinho se suicidara. Após refletir



sobre o mórbido interesse que o almirante dedicava às montanhas italianas, Van recortou a notícia e pegou a lista de passageiros (a qual exibia no topo, prazerosamente, o mesmo brasão que adornava o papel de cartas de Córdula) a fim de verificar se havia alguém a ser evitado durante os dias seguintes. Dela constavam os Robinson, Robert e Rachel, um casal de chatos ligado à família (Bob se aposentara após dirigir por muitos anos um dos escritórios de tio Dan). Deslizando pela folha, seu olhar tropeçou no dr. Ivan Veen e estancou de vez no nome seguinte. O que lhe apertou o coração? Por que passou a língua sobre os lábios carnudos? Fórmulas vazias, próprias para os romancistas de outrora que acreditavam poder explicar tudo.

O nível da água se inclinava na banheira imitando o lento movimento de gangorra do mar azul-brilhante salpicado de branco, tal como visto pela vigia de seu camarote. Telefonou para a srta. Lucinda Veen, cujos aposentos ficavam no convés principal e no meio do navio, exatamente acima dos seus, mas ela não estava. Usando um suéter branco de gola alta e óculos escuros, saiu à sua procura. Não se encontrava no convés de jogos, de onde, olhando para baixo, viu outra ruiva sentada numa cadeira de lona no solário: a jovem escrevia uma carta com uma rapidez que só podia nascer da paixão, e ele pensou que, caso um dia trocasse seus ponderosos escritos pela ficção ligeira, faria com que um marido ciumento usasse binóculos para decifrar, de onde se encontrava, aquela efusão de amor ilícito.

Ela também não foi vista no convés das caminhadas, onde várias pessoas idosas, embrulhadas em cobertores, liam *Salzman*, o best-seller do momento, enquanto esperavam o *bouillon* das onze horas com borborigmos antecipados. Van caminhou até o grill, onde reservou uma mesa para dois. Foi até o bar e saudou afetuosamente o calvo e gordo Toby, que trabalhara no *Queen Guinevere* em 1889, 1890 e 1891, quando ela ainda não tinha se casado e ele era um idiota ressentido. Poderiam ter fugido para Lopadusa, fazendo-se passar pelo sr. e sra. Dairs ou Sardi!

Divisou sua meia-irmã no convés do castelo de proa, perigosamente bonita num vestido muito decotado e estampado com flores que o vento fazia tremular, conversando com o casal Robinson, ambos bronzeados de sol mas muito envelhecidos. Lucette se voltou na direção dele, afastando os cabelos que o vento teimava em espalhar sobre seu rosto, com um misto de triunfo e acanhamento. Em breve se despediram de Rachel e Robert, que ficaram olhando para os dois com uma expressão de beatitude, acenando com movimentos idênticos para ela, para ele, para a vida, para a morte, para os dias felizes quando Demon pagava todas as dívidas de jogo do filho deles, pouco antes que morresse numa batida de carro frontal.

Lucette devorou sua *pojárskia kotliéti* com gratidão: Van não estava zangado por ela ter aparecido de repente como uma espécie de viajante

clandestina transcendental (e não transatlântica) e, na ânsia de vê-lo, mal tomara o café da manhã, apesar de não ter jantado na véspera. Ela, que amava os picos e vales do mar ao praticar esportes náuticos e gostava até mesmo dos pinotes de um avião, ficara vergonhosamente enjoada na sua primeira viagem a bordo de um grande navio; no entanto, o casal Robinson lhe havia dado um remédio maravilhoso e ela tinha dormido dez horas, todo o tempo nos braços de Van, e agora esperava que ambos estivessem toleravelmente despertados, malgrado um resto de tonteira deixado pela droga.

Com toda a delicadeza, ele perguntou aonde ela pensava ir.

Para Ardis, com ele — veio a pronta resposta — para todo o sempre. O avô de Robinson morrera na Arábia aos cento e trinta e um anos, por isso Van ainda dispunha de todo um século à sua frente; ela construiria no parque vários pavilhões para abrigar seus haréns sucessivos, os quais gradualmente se transformariam em asilos para velhas senhoras e, por fim, em mausoléus. Disse também que havia um quadro de motivo hípico (*Pale Fire montado por Tom Cox*) acima da cabeceira da cama da querida Córdula e de seu marido Tobak, no camarote cativo que eles tinham no navio e que ela conseguira que lhe emprestassem “em um minuto cravado no relógio”, embora não soubesse como a gravura afetava a vida amorosa dos dois em suas viagens oceânicas. Van interrompeu a tagarelice nervosa de Lucette perguntando se as torneiras da banheira dela tinham as mesmas inscrições que as dele: Doméstica Quente, Salgada Fria. Sim, ela gritou, o Velho Salgado, o Velho Salzman, a Camareira Ardente, o Capitão Comatoso!

Encontraram-se outra vez à tarde.

Para a maioria dos passageiros da primeira classe do *Tobakoff*, a tarde de 4 de junho de 1901, em pleno oceano Atlântico, meridiano da Islândia e latitude de Ardis, pareceu pouco convidativa para as atividades ao ar livre: a incandescência do céu cor de cobalto volta e meia era cortada por sopros glaciais, e as águas inquietas de uma piscina de estilo antiquado lambiam ritmicamente os azulejos verdes. Lucette, porém, era uma moça decidida, acostumada a enfrentar tanto os ventos fortificantes quanto o sol detestável. A primavera em Fialta e um maio tórrido em Minataor, a famosa ilha artificial, tinham dado um tom de nectarina a seus membros, que pareciam envernizados quando úmidos, mas recuperavam o aveludado natural quando a brisa secava sua pele. Com o rosto afogueado e aquelas resplandecências acobreadas aparecendo sob a apertada touca de borracha na nuca e na testa, ela fazia lembrar o Anjo de Capacete do Ícone do Yukonsk, cujo poder mágico se dizia ser capaz de transformar louras raparigas anêmicas em *kónskia diéti*, rapazes de cabelos avermelhados e cobertos de sardas, os filhos do Cavalo do Sol.

Após algumas braçadas, ela voltou para o solário onde Van se encontrava e disse:

“Você não pode imaginar” — (“Posso imaginar qualquer coisa”, ele interrompeu) — “está bem, você *pode* imaginar os oceanos de loções e cataratas de cremes que sou obrigada a usar — na privacidade de minhas varandas ou em desoladas cavernas marinhas — antes de me expor aos elementos. Estou sempre na fronteira supersensível entre a queimadura de sol e o bronzeado, ou entre ‘*lobster*’ (lagosta) e ‘*Obst*’ (fruta), como escreveu Herb, meu pintor querido; estou lendo agora mesmo seu diário, publicado pela última duquesa com quem viveu, uma mistura gostosíssima de três línguas, vou te emprestar o livro. Sabe, meu amor, eu ia me considerar uma enganadora policromada se as pequenas partes que escondo em público não tivessem a mesma cor das que ficam à mostra.”

“Quando você foi inspecionada dos pés à cabeça, em 1892, me pareceu que tua pele era mais chegada à cor da areia”, disse Van.

“Estou agora novinha em folha”, sussurrou ela. “Nova e feliz, sozinha com você num navio abandonado, com dez dias pelo menos antes de minha próxima menstruação. Te mandei um bilhete boboca para Kingston, caso você não aparecesse.”

Estavam agora reclinados numa esteira de piscina, face a face, em poses simétricas, ele sustentando a cabeça na mão direita, ela apoiada sobre o cotovelo esquerdo. A alça do sutiã verde do maiô tinha escorregado pelo braço fino, revelando gotas e fios d’água na base do mamilo. Um abismo de poucos centímetros separava a camisa de jérsei que ele usava do ventre nu de Lucette, a lã preta de seu calção de banho da máscara púbica verde e encharcada. O sol esmaltava o osso ilíaco dela; uma depressão sombreada levava à cicatriz da operação de apêndice feita cinco anos antes. Seu olhar semivelado o fixava com uma avidez persistente e opaca — e ela tinha razão, estavam de fato bem sozinhos, ele havia possuído Marion Armborough pelas costas de seu tio em condições bem mais complexas, com a lancha saltando mais que um peixe-voador e seu anfitrião mantendo uma espingarda de caça junto ao volante. Sem alegria, sentiu que a robusta serpente do desejo se desenrolava pesadamente; com amargor, lastimou-se por não tê-la exaurido na Villa Vênus. Aceitou o toque da mão cega que lhe subia pela coxa e maldisse a natureza por ter plantado uma árvore nodosa estourando de seiva vil entre as pernas dos homens. De repente Lucette se afastou, deixando escapar um bem-educado “merda”. O Éden estava cheio de gente.

Duas crianças seminuas, lançando gritos de felicidade, chegaram correndo à borda da piscina. Eram perseguidas por uma babá negra muito zangada, que brandia dois diminutos sutiãs. Num processo de geração espontânea, uma cabeça calva emergiu da água e resfolegou. O professor de natação saiu do vestiário. Simultaneamente, uma criatura alta e esplêndida, com tornozelos bem torneados e coxas repugnantemente carnudas, passou com um andar majestático diante

dos Veen, por pouco não pisando na cigareira incrustada de esmeraldas de Lucette. Exceto por uma fita dourada e uma crina pintada de louro, suas longas e ondulantes costas de cor bege estavam nuas até o topo das nádegas, cujo balançar lento e lascivo acentuava, em movimentos alternados, as protuberâncias inferiores ocultadas pelo tecido de lamê. Um instante antes que ela desaparecesse atrás de uma esquina branca, a Titanesa ticianesca voltou o rosto moreno para trás e cumprimentou Van com um sonoro “alô!”.

Lucette queria saber: *kto siá páva?* (quem é essa mulher tão cheia de coisa?)

“Pensei que ela tinha se dirigido a você”, respondeu Van. “Não consegui ver seu rosto direito e não me lembro daquele traseiro.”

“Ela te deu um sorriso daqueles”, disse Lucette, reajustando o capacete verde com um erguer de asas de uma graciosidade comovente, fazendo aparecer a também comovente plumagem ruiva de suas axilas.

“Venha comigo, está bem?”, ela sugeriu, erguendo-se da esteira.

Ele fez que não, olhando para cima, e disse: “Você se levanta como a Aurora”.

“Primeiro elogio que ele me faz”, observou Lucette com uma ligeira torção da cabeça, como se falasse com um confidente invisível.

Van pôs os óculos escuros e a viu subir no trampolim, onde suas costelas emolduraram o vazio criado por uma aspiração profunda de ar no momento em que se preparou para mergulhar como uma flecha no líquido cor de âmbar. Numa nota de pé de página mental, capaz de ser útil algum dia, Van se perguntou se os óculos escuros ou qualquer outro instrumento óptico que deforme nosso conceito de “espaço” também não influenciaria a maneira por que falamos. As duas meninas de corpo bonito, a babá, o tritão libidinoso e o mestre das artes natatórias também a olhavam com atenção.

“Segundo elogio pronto”, disse, quando Lucette voltou para perto dele. “Você é uma mergulhadora maravilhosa. Eu sempre faço um *barulhão* ao entrar na água.”

“Mas você nada mais rápido”, ela se queixou, afastando as alças dos ombros e deitando de bruços. “*Miéjdu prótchim* (aliás), é verdade que os marinheiros no tempo do Tobakoff não eram ensinados a nadar para evitar que morressem de nervosismo se o navio afundasse?”

“Um marinheiro comum, talvez”, respondeu Van. “Mas, quando o próprio *mítchman* Tobakoff naufragou nas costas da Gavaille, nadou com toda a calma durante horas a fio, pondo os tubarões para fugir com trechos de velhas cantigas e coisas do gênero, até que um barco de pesca o salvou — um desses milagres, acho eu, que exigem um mínimo de cooperação da parte de todos os envolvidos.”

Demon, disse ela, lhe havia contado no ano passado, durante o enterro, que estava comprando uma ilha no arquipélago das Gavailles

“sonhador incorrigível”, comentou Van alongando as palavras). Ele “chorou como uma fonte” em Nice, mas chorara com abandono ainda maior em Valentina, numa cerimônia anterior a que a pobre Marina também não havia assistido. O casamento — veja bem, segundo as normas do rito grego! — tinha parecido um daqueles episódios mal encenados de um filme antigo, o padre era gagá, o *diákon* estava bêbado e — talvez por sorte — o grosso véu branco de Ada era tão impenetrável à luz quanto o crepe negro de uma viúva. Van disse que não queria ouvir nada disso.

“Ah, mas precisa”, ela insistiu, “*khotiá bi potomú* (quando nada porque) um dos *chafers* (homens solteiros que se revezam para manter a coroa do matrimônio acima da cabeça da noiva) se pareceu por um instante, pela impassibilidade de seu perfil e por sua atitude impertinente (segurava o pesado *vieniéts* metálico alto demais, numa demonstração de poderio atlético, como se fizesse questão de mantê-lo tão longe da cabeça dela quanto possível), exatamente como você, como um gêmeo pálido e de barba malfeita enviado por você de onde quer que estivesse.”

Num lugar simpaticamente chamado Agonia, na Terra do Fogo. Sentiu um estranho formigamento ao recordar que, quando recebeu o convite para o casamento naquele lugarejo (mandado por via aérea pela sinistra irmã do noivo), foi perseguido durante várias noites por um sonho, cada vez menos nítido (tal como o filme de Ada que viria a perseguir de cinema em cinema numa época posterior de sua vida), de que segurava aquela coroa sobre a cabeça dela.

“Teu pai”, acrescentou Lucette, “pagou um homem da *Belladonna* para tirar as fotografias — mas, obviamente, a verdadeira fama só começa quando o nome da pessoa aparece nas palavras cruzadas daquela revista cinematográfica. Sabemos todos que isso não vai acontecer nunca, nunca! Agora você me odeia?”

“Não”, ele disse, passando a mão por suas costas aquecidas pelo sol e acariciando-lhe o cóccix para fazer a gatinha ronronar. “Verdade, não odeio! Tenho por você o amor de um irmão, talvez com mais ternura. Quer beber alguma coisa?”

“Querida que você não parasse de fazer o que está fazendo”, ela murmurou, o nariz enterrado no travesseiro de borracha.

“O garçom está vindo. Vamos tomar o quê? Honolulers?”

“Você vai tomar isso na companhia da *Miss Conadouro*” (nasalizando a primeira sílaba) “quando eu for me vestir. No momento, só quero chá. Não é bom misturar remédio e bebida. Tenho de tomar a famosa pílula dos Robinson esta noite. Em alguma hora desta noite.”

“Dois chás, por favor.”

“E uma porção de sanduíches, George. Foie gras, presunto, qualquer coisa.”

“Coisa feia”, observou Van, “inventar um nome para um pobre coitado que não pode responder: ‘Muito bem, srta. Condor’. Mas, incidentalmente, foi o melhor trocadilho anglo-francês que já ouvi.”

“Mas ele se chama George! Foi gentilíssimo comigo ontem, quando vomitei no salão de chá.”

“Quem sabe, sabe”, murmurou Van.

“Como os Robinson também foram”, ela prosseguiu. “Não é grande o risco de que apareçam por aqui, não é mesmo? Ficam assim me seguindo, uma coisa patética, desde que almoçamos por acaso na mesma mesa no trem que trazia os passageiros do navio. Vi logo quem eram eles, mas não estava certa de que iriam reconhecer a garota gorduchinha vista em 1885 ou 86. O problema é que falam pelos cotovelos... — no começo pensamos que você fosse francesa, este salmão está realmente delicioso, onde é que você nasceu? — ... e sou mesmo uma idiota de coração mole, e uma coisa levou à outra. Os jovens são menos tapeados pela passagem do tempo que as pessoas bastante idosas, que não mudaram muito ultimamente e não estão acostumadas ao fato de que, passado tanto tempo, os jovens que não veem há muito podem ter mudado.”

“Isso é muito inteligente, querida”, disse Van, “porém, na verdade, o tempo é imóvel e imutável.”

“Sim, sou sempre *eu* no teu colo e a estrada que vai ficando para trás. As estradas se movem?”

“Sim, as estradas se movem.”

Depois do chá, Lucette se lembrou de uma hora marcada com o cabeleireiro e saiu às pressas. Van tirou a camisa e lá ficou por algum tempo, meditando, manuseando o pequeno estojo com pedras verdes que continha cinco cigarros Rosepetal, tentando desfrutar do calor do sol de platina digno de um filme em technicolor, mas conseguindo apenas atijar, a cada tremor e suspiro do navio, a chama da maldita tentação.

Um momento depois, como se houvesse espionado sua solidão, a *páva* (pavoa) reapareceu — dessa vez com um pedido de desculpas.

Cortesmente, pondo-se de pé e empurrando os óculos para a testa, Van começou também a se desculpar (por havê-la, sem querer, induzido a erro), mas seu pequeno discurso foi suplantado por um sentimento de estupefação quando olhou para o rosto dela e nele viu uma caricatura tosca e grotesca de certos traços inesquecíveis. Aquela pele de mulata, o cabelo de um louro prateado, os lábios grossos e arroxeados, tudo imitava num negativo vulgar *sua* tez de marfim, *seus* cabelos negros como as asas da graúna, *seu* pálido semblante.

“Me disseram”, ela explicou, “que um grande amigo meu, Vivian Vale, o *cuturiê* — *vuzavê entendeu?* —, havia tirado a barba, ficando muito parecido com o senhor, certo?”

“Lógico que não, minha senhora”, respondeu Van.

Ela hesitou o tempo necessário para lhe lançar um olhar mormacento, passou a língua nos lábios sem saber se ele estava sendo rude ou assanhado... e, nesse momento, Lucette voltou em busca dos cigarros.

“Nos vemos *après*”, disse *Miss Condor*.

Os olhos de Lucette acompanharam até uma distância segura o movimento indolente daquelas massas e dobras glúteas.

“Você me enganou, Van. Ela é... é uma das tuas horríveis mulheres!”

“Juro”, disse Van, “que é uma total estranha. Não ia te enganar.”

“Você me enganou muitas, muitas vezes quando eu era menina. Se estiver fazendo isso agora, *tu sais que j'en vais mourir*.”

“Você me prometeu um harém”, Van ralhou carinhosamente com ela.

“Não hoje, hoje não! Hoje é sagrado.”

O rosto que ele tencionava beijar foi substituído por uma boca rápida e louca.

“Venha ver meu camarote”, implorou ela, enquanto Van a afastava numa reação quase instintiva ao fogo dos lábios e da língua de Lucette. “Tenho que te mostrar os travesseiros deles e o piano. Sinto o cheiro de Córdula em todas as gavetas. Por favor, venha.”

“Agora, vá embora”, disse Van. “Você não tem o direito de me excitar desse jeito. Se não se comportar, contrato a *Miss Condor* como dama de companhia. Jantamos às sete e quinze.”

Em seu quarto, Van encontrou um convite algo tardio para sentar-se à mesa do capitão no jantar. Estava endereçado ao dr. e sra. Ivan Veen. Já viajara naquele navio uma vez, entre uma ou outra travessia feita nas *Queens*, e se recordava de que o capitão Cowley era tão chato quanto ignorante.

Chamou o garçom e lhe pediu que levasse o convite de volta com uma anotação garatujada a lápis: “casal inexistente”. Deixou-se ficar na banheira durante vinte minutos. Tentou concentrar a atenção em qualquer coisa que não fosse o corpo de uma virgem histérica. Descobriu nas provas de seu novo livro a omissão insidiosa de uma linha inteira, embora o parágrafo aleijado parecesse bastante plausível — para um leitor pouco atilado — porque o fim truncado de uma frase e o começo da outra, iniciada com letra minúscula, se encaixavam para formar uma passagem sintaticamente correta, cuja insipidez talvez tivesse passado despercebida naquele estado de loucura carnal em que ele se encontrava caso não se lembrasse (lembrança confirmada pelo texto datilografado) de que, naquele ponto, deveria entrar uma citação bastante apropriada nas atuais circunstâncias: *Insiste, anime meus, et adtende fortiter* (coragem, minh'alma, e avance com toda a força).

“Tem certeza de que não prefere o restaurante?”, Van perguntou quando Lucette se encontrou com ele na porta do *grill*, parecendo ainda mais despida no curto vestido de noite do que no *bickny*. “Lá embaixo está cheio de gente e muito animado, tem um conjunto de jazz masturbatório. Quer ir?”

Ela balançou carinhosamente a cabeça coberta de joias.

Deliciaram-se com os grandes e suculentos “camarões grugru” (a larva amarela de um caruncho de palmeira) e um assado de filhote de urso *à la Tobakoff*. Só meia dúzia de mesas estavam ocupadas e, exceto pela desagradável vibração dos motores que não tinham notado durante o almoço, o ambiente era tranquilo, suave e acolhedor. Ele se aproveitou do silêncio estranhamente recatado de Lucette para lhe falar em detalhe sobre o falecido apalpador de lápis, o sr. Muldoon, e também sobre um caso de glossolalia examinado em Kingston, uma mulher do Yukonsk que falava vários dialetos com características eslavas talvez existentes na Terra, mas sem dúvida não na Estócia. Infelizmente, um outro tipo de “caso”, de natureza não verbal, havia atraído sua atenção.

Ela formulou diversas perguntas com o olhar devoto de uma estudante aplicada, mas não foi necessário um grande treinamento científico por parte do professor para fazê-lo perceber que aquela encantadora modéstia, assim como o tom baixo e aveludado de sua voz, eram tão artificiais quanto a efervescência exibida durante a tarde. De fato, Lucette enfrentava uma crise emocional que só mesmo o autocontrole heroico de uma aristocrata americana era capaz de superar. Havia muito se convencera de que, ao forçar o homem que amava de modo absurdo porém irrevogável a ter relações sexuais por uma vez que fosse, ela de uma forma ou de outra, com a ajuda de um ato prodigioso da natureza, transformaria um breve evento tátil num vínculo espiritual eterno; mas sabia também que, se isso não ocorresse na primeira noite da viagem, a relação entre os dois escorregaria de volta ao padrão cansativo, sem esperança e desesperadamente familiar dos gracejos e brincadeiras de um lado e de outro, com o elemento erótico posto de lado apesar de mais agudo do que nunca. Van compreendia a situação — ou ao menos acreditou, num desespero retrospectivo, que a *tinha* compreendido quando já não havia outro recurso no armário de remédios do passado senão o unguento da conversa atlântica do dr. Henry James, com a porta que batia e a escova de dentes que caía ao chão.

Olhando com tristeza seus ombros magros e nus, tão móveis e elásticos que talvez ela pudesse cruzá-los à sua frente como se fossem as asas estilizadas de um anjo, ocorreu a Van o pensamento ignóbil de que, caso obedecesse ao código de honra mais profundamente implantado em seu ser, teria de suportar por cinco dias as dores daquele insopitável desejo carnal — não apenas porque Lucette era adorável e especial mas também porque ele não podia passar mais de quarenta e oito horas sem possuir uma mulher. Temia exatamente aquilo que ela queria que acontecesse: que, tendo provado por uma vez sua fenda e sua força de torniquete, ela o mantivesse insaciavelmente cativo durante semanas, talvez meses, quem sabe mais, embora uma



áspera separação fosse inevitável, com uma nova esperança e um velho desespero jamais capazes de encontrar um ponto de equilíbrio. Pior do que tudo, porém: conquanto consciente, e envergonhado, de ter tamanho desejo por uma criança enferma, sentia, num obscuro torvelinho de antigas emoções, que a vergonha lhe aguçava o desejo.

Ao tomarem café turco, espesso e açucarado, Van olhou de soslaio para o relógio de pulso a fim de verificar... o quê? Por quanto tempo ainda teria de suportar a tortura da abnegação? Se já estavam para começar certos eventos, tal como o concurso de danças de salão? A idade dela? (Lucinda Veen tinha cinco horas de idade se fosse possível inverter o “fluxo do tempo” dos seres humanos.)

Lucette era tão querida e tão patética que, quando se preparavam para sair do grill, ele não foi capaz (pois a sensualidade é o melhor caldo de cultura para gerar erros fatais) de deixar de lhe acariciar os jovens ombros lustrosos a fim de encaixar por um instante, o mais feliz da vida dela, a palma de sua mão à curva ideal daquele espaço, como uma bola de bilboquê se encaixando no bastonete. Ela então caminhou à sua frente, tão consciente do olhar dele quanto se estivesse disputando um concurso de postura corporal. Van só poderia descrever o vestido dela como “estrúcio” (se é que existem avestruzes com cachos acobreados), pois acentuava o menear de seus quadris e o comprimento das pernas envoltas nas meias de *ninon*. Em termos objetivos, sua elegância tinha algo mais sutil que a da irmã “vaginal”. Ao atravessarem áreas sem corrimão (onde marinheiros russos estendiam prontamente cordas de veludo e olhavam com simpatia o belo casal que falava sua incomparável língua) ou caminharem pelos corredores dos conveses, Lucette o fazia pensar em alguma criatura acrobática imune aos mares agitados. Viu, com desagrado machista, que seu queixo levantado, as asas negras e as passadas desinibidas atraíam não apenas os olhos azuis e inocentes da marujada mas também longas miradas lúbricas de muitos passageiros. Comentou em voz alta que daria uns tabefes no próximo engraçadinho e, com ridículos gestos truculentos, recuou até esbarrar numa espreguiçadeira dobrada (ele também, em menor escala, fazendo andar para trás o rolo do tempo), arrancando de Lucette uma gostosa risada. Sentindo-se agora muito mais feliz, deliciando-se com os gestos galantes e o bom humor movido a champanhe de Van, ela o afastou da miragem de seus admiradores rumo ao elevador.

Examinaram sem muito interesse os objetos de luxo numa vitrine. Lucette zombou de uma roupa de banho com fios de ouro. A presença de um chicote e de uma pequena picareta intrigou Van. Meia dúzia de exemplares de *Salzman* em capas luzidias formavam uma pilha impressionante entre um retrato do autor — rosto bonito com ar pensativo, hoje totalmente esquecido — e um vaso Mingo-Bingo com um arranjo de perpétuas.

Van agarrou-se a uma corda vermelha e entraram no salão de estar.

“Com quem ela se parecia?”, perguntou Lucette. “*En laid et en lard?*”

“Não sei”, ele mentiu. “Quem?”

“Esqueça”, ela disse. “Esta noite você é meu. Meu, meu e meu!”

Ela citava Kipling — a mesma frase que Ada costumava dirigir a Dack. Van procurou ao redor uma palha de procrastinação procustiana.

“Por favor”, disse Lucette. “Estou cansada de ficar andando à toa, estou fraca, me sentindo febril, odeio as tempestades, vamos para a cama!”

“Ah, olhe!”, ele exclamou, apontando para um pôster. “Estão passando algo chamado *A última aventura de Don Juan*. Em *avant-première* e proibido para menores. *Tobakoff* em plena forma!”

“Vai ser uma tremenda chatura”, disse Lucy (Colégio Houssaie, 1890), mas ele já havia afastado a cortina da entrada.

Chegaram no começo de um documentário sobre um cruzeiro à Groenlândia, com mares revoltos em cores berrantes. Era uma viagem bem irrelevante, uma vez que o *Tobakoff* não tencionava fazer escala em Godhavn; além disso, a sala de projeção balançava em ritmo contrário aos vagalhões cor de cobalto e esmeralda na tela. Não surpreendia que o local estivesse *emptovato*, como observou Lucette, dizendo também que o casal Robinson havia salvado sua vida na noite anterior ao lhe dar um tubo cheio de pílulas Quietus.

“Quer uma? Basta uma por dia para evitar o enjoo, pode mastigar, é gostosa.”

“Excelente nome. Não, obrigado, querida. Além do que, só sobraram cinco.”

“Não se preocupe, já planejei tudo. Quem sabe teremos menos do que cinco dias.”

“Na verdade mais, mas não importa. Nossas mensurações do tempo não têm o menor significado; o relógio mais preciso é uma piada; você vai ler tudo sobre isso algum dia, trate de esperar.”

“Talvez não. Quer dizer, talvez eu não tenha a paciência necessária. Quer dizer, a arrumadeira de Leonardo nunca acabou de ler a mão dele. Eu posso cair no sono antes de acabar de ler teu próximo livro.”

“Obra célebre nos cursos de arte”, disse Van.

“Aí está o último *iceberg*. Sei pela música. Vamos, Van! Ou você quer ver mesmo esse Don Juan?”

No escuro da sala, Lucette roçou os lábios no rosto dele, tomou-lhe a mão, beijou os nós de seus dedos, e Van de repente pensou: afinal de contas, por que não? Esta noite? Esta noite.

Divertindo-se com a impaciência de Lucette, o idiota se permitiu ficar excitado com a agonia dela. Prolongando a chama livre, nova, cor de damasco da antecipação, o cretino murmurou:

“Se você for uma boa menininha, vamos tomar uns drinques na minha sala de estar à meia-noite.”

Começou então o filme. Os três papéis principais — um Don Juan cadavérico, um Leporello barrigudo cavalcando seu burrico e uma Donn'Anna não muito irresistível e claramente entrada nos quarenta — eram desempenhados por artistas conhecidos, cujas imagens foram mostradas durante a breve introdução. Contrariando as previsões, o filme revelou ser muito bom.

A caminho do longínquo castelo onde a difícil senhora, tornada viúva pela espada de Don Juan, finalmente lhe havia prometido uma longa noite de amor em seus castos e frígidos aposentos, o libertino de meia-idade poupa sua potência rechaçando as investidas de uma série de robustas beldades. Uma cigana prediz ao lúgubre cavaleiro que, antes de chegar ao castelo, ele sucumbirá aos embustes de sua irmã, Dolores, uma dançarina (tirada do romance de Osberg, como provou a ação judicial posterior). Predisse algo também a Van, porque, antes mesmo de Dolores sair da tenda do circo para dar água ao cavalo de Juan, ele sabia quem seria a moça.

Nos raios mágicos do projetor, no delírio controlado da graciosidade de bailarina, dez anos de sua vida haviam evaporado e ela era outra vez aquela menina que não usava calcinhas: uma trivialidade lembrada que se intrometia no frêmito de sua emoção presente com a irritante estupidez de um sujeito ingênuo pedindo orientações a um *voyeur* ocupadíssimo num labirinto de ruelas de má reputação.

Lucette reconheceu Ada três ou quatro segundos depois, e então agarrou o pulso de Van:

“Ah, que coisa horrível! Tinha que acontecer. É ela! Vamos, por favor, vamos. Você não deve ver ela se *humilhando*. A maquiagem está pavorosa, todos os gestos são infantis e errados...”

“Só mais um minuto”, disse Van.

Pavorosa? Errados? Ela estava absolutamente perfeita, e estranha, e dolorosamente familiar. Por conta de algum truque artístico, de algum acaso mágico, as poucas e curtas cenas em que ela aparecia compunham um resumo perfeito de sua aparência em 1884, 1888 e 1892.

A *gitanilla* curva a cabeça sobre a mesa viva constituída pelas costas servis de Leporello a fim de traçar, num retalho de pergaminho, um mapa grosseiro do caminho para o castelo. A brancura de seu pescoço surgia sob a longa cabeleira negra, repartida pelo movimento do ombro. Não é mais a Dolores de outro homem, mas uma mocinha mergulhando o pincel de aquarela no sangue de Van... e o castelo de Donn'Anna é agora uma flor dos pântanos.

Don Juan passa diante de três moinhos, cujas pás negras giram contra o pano de fundo de um poente sinistro, e salva Dolores do moleiro que, acusando-a de ter roubado um punhado de farinha, rasga seu vestido leve. Ofegante mas ainda resoluto, Juan atravessa um riacho levando no colo Dolores (cujo pé descalço, acrobaticamente, faz

cócegas no rosto dele) e a deposita sobre a grama de um bosque de oliveiras. Os dois se encaram. Ela manuseia com volúpia o punho coberto de joias de sua espada, esfrega o ventre rijo de moçoila em seus culotes bordados e, de repente, o esgar de um espasmo precoce contorce o rosto expressivo do pobre Don Juan. Ele se livra dela com gestos raivosos e volta cambaleante para seu cavalo.

Van, contudo, só entendeu muito mais tarde (quando viu — *teve de ver*; e então reviu várias vezes — todo o filme, com seu final melancólico e grotesco no castelo de Donn'Anna) que aquilo que parecera um abraço ocasional constituía, na verdade, a vingança do Corno de Pedra. Tendo ficado muito perturbado, decidira ir embora antes mesmo de terminada a sequência no bosque de oliveiras. Naquele momento, três velhas senhoras, cujas expressões faciais pétreas demonstravam seu desgosto com o filme, se levantaram de poltronas que ficavam mais além da de Lucette (suficientemente esbelta para continuar sentada) e passaram arrastando os pés diante de Van (que teve de se erguer) em três sucessivos arrancos. Simultaneamente, Van notou duas pessoas havia muito desaparecidas, os Robinson, que pelo jeito tinham ficado separados de Lucette por aquelas três senhoras e agora se chegavam para perto dela. Radiantes, desmanchando-se em sorrisos de benevolência e modéstia, plantaram-se ao lado de Lucette, que se voltou para eles com sua derradeira, derradeira, derradeira oferta gratuita de uma cortesia inabalável, mais forte que o fracasso e a morte. Já se esticavam por cima dela em direção a Van, exibindo as rugas risonhas e dedos que tremiam de excitação, quando ele se valeu da inesperada intrusão para murmurar alguma desculpa humorística de quem não está resistindo ao balanço do mar, abandonando mais que depressa a sala de projeção a seus obscuros desígnios.

Numa série de ações praticadas sessenta anos atrás que agora só posso apagar elaborando uma sucessão de palavras até atingir o ritmo adequado, eu, Van, me enfiei no banheiro, fechei a porta (que voltou a se abrir de pronto, mas logo depois se fechou de livre e espontânea vontade) e, usando um expediente temporário bem menos radical do que aquele escolhido pelo padre Sergius (que decepa o membro errado na famosa anedota do conde Tolstói), me liberei vigorosamente da pressão lúbrica tal como o fizera pela última vez dezessete anos antes. E como era triste, como era significativo que a imagem projetada na tela de seu paroxismo, enquanto a porta impossível de ficar trancada se abria outra vez com o mesmo movimento de um homem surdo que traz a mão em concha à orelha, não era a figura recente e pertinente de Lucette, mas a visão indelével de um pescoço nu que se curvava, e uma cascata de cabelos negros repartida em duas correntes, e o vermelho-escuro na ponta de um pincel.

Depois, por questões de segurança, repetiu o ato ignóbil porém necessário.

Foi então capaz de ver a situação com objetividade, sentindo que estava fazendo bem em ir deitar-se e apagar a luz “étrica” (um sucedâneo que pouco a pouco ia voltando a ser usado em todo o mundo). O fantasma azul do quarto gradualmente se firmou à medida que seus olhos se acostumaram à escuridão. Orgulhou-se de sua força de vontade. Acolheu com satisfação a dor surda em sua raiz drenada. Com igual satisfação, contemplou o pensamento — que de repente lhe pareceu tão absolutamente verdadeiro, e novo, e tão lividamente real quanto a abertura cada vez maior da porta do quarto — de que no dia seguinte (que só ocorreria pelo menos, e na melhor das hipóteses, setenta anos depois) trataria de explicar a Lucette, na qualidade de filósofo e de irmão de outra moça, que bem sabia como era aflitivo e absurdo para alguém depositar toda a sua fortuna espiritual num único objeto de desejo físico. Diria também que a situação de ambos era semelhante, apesar do que ele conseguia, fosse como fosse, viver, trabalhar e não se deixar consumir de desgosto porque se recusava a destruir a vida dela com uma aventura fugaz e porque Ada ainda era uma criança. Nesse ponto, a superfície da lógica começou a ser afetada pelas ondinhas do sono, mas ele voltou a um estado de consciência plena tão logo ouviu o telefone. O aparelho parecia encolher-se antes de lançar uma nova investida sonora, e ele inicialmente decidiu deixá-lo tocar até o fim. Mas seus nervos se renderam àqueles sons insistentes e ele levantou de um golpe o receptor.

Sem dúvida estava moralmente certo em usar o primeiro pretexto que lhe ocorresse para mantê-la longe de sua cama: também sabia, contudo, como cavalheiro e artista, que o amontoado de palavras que pronunciou era vulgar e cruel — e Lucette só acreditou nele porque não podia admitir que Van fosse uma coisa ou outra.

“*Mójno pridť tiepiér* (posso ir agora)?”, perguntou Lucette.

“*lá nié odín* (não estou sozinho)”, respondeu Van.

Seguiu-se uma pequena pausa, e então ela desligou.

Depois que ele escapara, Lucette havia sido cercada pelo afável casal (Rachel, agarrada a uma bolsa de bom tamanho, se esgueirara imediatamente para tomar o lugar deixado por Van, enquanto Bob se transferia para o assento mais próximo). Por uma espécie de pudor, ela não os informou de que a atriz (identificada de forma rápida e obscura como “Theresa Zegrís” na lista que galgava a tela ao final do filme) que conseguira obter o pequeno mas relevante papel de cigana fatal era ninguém mais nem menos que a pálida estudante possivelmente vista por eles em Ladore. Proselitistas da mais estrita abstinência alcoólica, os dois convidaram Lucette para tomar uma Coca em seu camarote, que era acanhado, abafado e mal isolado, pois se podia ouvir cada palavra e o choro de duas crianças que estavam sendo postas para dormir por uma babá silenciosa e nauseada, tão tarde, tão tarde... não,

não eram crianças, mas provavelmente jovens recém-casados e profundamente decepcionados.

“Compreendemos”, disse Robert Robinson indo buscar outra garrafa na geladeira portátil, “compreendemos perfeitamente que o doutor Veen esteja inteiramente imerso em seu interessante trabalho — eu mesmo às vezes lamento haver me aposentado —, mas você acha, Lucy, *prosit!*, que ele aceitaria jantar conosco amanhã, com você e talvez com um outro casal, que ele sem dúvida terá grande prazer em conhecer? Será que a sra. Robinson deve lhe mandar um convite formal? Você também o assinaria?”

“Não sei, estou muito cansada”, ela disse, “e o balanço do navio está aumentando. Acho que vou para meu cantinho tomar um de seus Quietus. Sim, sem dúvida, vamos jantar todos juntos. Eu realmente precisava beber algo gelado, estava uma delícia.”

Tendo repostado no gancho o receptor nacarado, ela vestiu calças pretas e uma blusa cor de limão (que planejava usar na manhã seguinte); procurou em vão um papel de carta sem caravelas ou brasões; arrancou a folha de guarda do *Diário* de Herb e tentou imaginar algo divertido, inócuo e cintilante para dizer num bilhete de suicida. Mas havia pensado em tudo, menos nesse bilhete, por isso rasgou sua vida em branco em dois pedaços, jogando-os na privada. Encheu um copo de água morta de uma garrafa ancorada na mesa, engoliu, uma a uma, quatro pílulas verdes e, chupando a quinta, caminhou até o elevador, que a levou diretamente para o bar atapetado de vermelho do tombadilho. Lá, dois jovens com jeito de lesmas escorregavam de seus banquinhos vermelhos, e o mais velho disse para o outro, ao se voltarem para sair: “Você pode enganar teu lorde, meu querido, mas eu não, ah, de jeito nenhum”.

Ela bebeu um “pônei cossaco” feito com vodca Klass — bebida horrível e vulgar, mas potente; tomou outro e mal conseguiu virar um terceiro, porque sua cabeça tinha começado a girar loucamente. Tobakovitch, girando n’água como um louco para se livrar dos tubarões!

Não tinha trazido a bolsa. Quase caiu do assento ridiculamente convexo ao tatear no bolso da blusa em busca de alguma nota extraviada.

“Hora de ir para a caminha”, disse Toby, o barman, com um sorriso paternal que ela interpretou como uma cantada. “Hora de dormir, senhorita”, repetiu, dando um tapinha em sua mão sem luva.

Lucette afastou a mão num gesto brusco e se forçou a responder em voz clara e altiva: “Meu primo, o sr. Veen, vai lhe pagar amanhã e depois vai arrebentar essa sua dentadura postiça”.

Seis, sete... não, mais que isso, uns dez degraus escada acima. *Dix marches*. Pernas e braços. *Dimanche*. *Déjeuner sur l’herbe*. *Tout le monde pue*. *Ma belle-mère avale son râtelier*. *Sa petite chienne*, depois de correr muito, engole em seco duas vezes e vomita tranquilamente

um pudim cor-de-rosa na toalha do piquenique. *Après quoi* se afasta gingando. Esses degraus não são fáceis.

Subiu com esforço, agarrando-se ao corrimão, contorcendo o corpo como se fosse aleijada. Ao chegar ao convés aberto, sentiu o sólido impacto da noite escura e a mobilidade do lar ocasional que em breve abandonaria.

Embora nunca tivesse mergulhado na morte — não, Violet, no *mar* — de tão grande altura, com tamanha desordem de sombras e reflexos coleantes, Lucette penetrou quase sem levantar um borribo na onda, que fez uma corcova para recebê-la. Esse final perfeito foi prejudicado pelo fato de que, instintivamente, voltou de imediato à superfície — em vez de se entregar dentro d'água à lassidão narcótica, como planejara fazer durante sua última noite em terra caso as coisas chegassem ao ponto a que tinham chegado. A bobinha não havia treinado a técnica do suicídio como, por exemplo, o fazem todo dia os paraquedistas em queda livre no elemento de que trataremos em capítulo posterior. Devido ao tumulto dos vagalhões e à circunstância de que, em meio às trevas, não sabia para onde olhar através da cortina de espuma e dos tentáculos — Violet, por favor, t, á, c, u, l — de sua própria cabeleira, era incapaz de ver as luzes do transatlântico, tão fácil de imaginar como uma imponente massa negra dotada de mil olhos, afastando-se com desapiadado descaso. Agora perdi minha próxima anotação.

Ah, encontrei.

O céu também estava impiedoso e escuro, e seu corpo, sua cabeça e sobretudo aquelas malditas calças tão sedentas bem cedo ficaram saturadas de Oceanus Nox, N maiúsculo, o, x. A cada bofetada de rude e frio sal, subia-lhe à boca um gosto enjoativo de anis, enquanto um torpor crescente invadia seu pescoço e seus braços. Quando começou a perder de vista a si própria, pensou que seria correto informar a uma série de Lucettes cada vez mais distantes — a fim de que passassem a mensagem de uma para a outra como na regressão de um jogo de espelhos — que a morte era apenas um conjunto mais completo de frações infinitas de solidão.

Não viu sua vida inteira passar diante dos olhos como todos nós tememos que pudesse ter acontecido: a borracha vermelha de uma boneca predileta permaneceu corretamente decomposta entre os miosótis de um ribeirão não analisável; no entanto, realmente viu uma ou outra coisinha boba enquanto nadava, como um Tobakoff amador, num círculo de breve pânico e piedoso estupor. Viu um par de chinelos novos, forrados de pele de esquilo, que Brigitte esquecera de pôr na mala; viu Van secando a boca antes de responder e então, ainda sonogando a resposta, atirar o guardanapo sobre a mesa quando ambos se levantaram; e viu uma menina de longos cabelos negros curvar-se agilmente de passagem para bater palmas acima de um dachshund que portava uma coroa semidesfeita de flores.

Do navio não muito distante foi lançada ao mar uma lancha brilhantemente iluminada, levando Van, o professor de natação e Toby, com um capuz de oleado, além de outros candidatos a salva-vidas. Mas muito mar já tinha passado por ali, e Lucette estava cansada demais para esperar. Depois a noite se encheu do som de matraca de um velho porém robusto helicóptero. Seu farol diligente só foi capaz de localizar a cabeça de Van, que, tendo sido jogado para fora da lancha quando ela refugou diante de sua própria sombra, ficou subindo e descendo nas ondas enquanto urrava o nome da jovem afogada para as águas negras, espumosas, complicadas.



*Papai,*

*Segue em anexo uma carta autoexplicativa que lhe peço o favor de ler e, se não houver nenhuma objeção, encaminhar à sra. Vinelander, cujo endereço me é desconhecido. Para seu próprio governo — embora isso pouco importe nas condições atuais —, Lucette nunca foi minha amante, contrariamente ao que um idiota obscuro, que não consigo identificar, sugere no relatório sobre a tragédia.*

*Fui informado de que o senhor estará de volta à costa leste no próximo mês. Mande sua secretária me chamar em Kingston, se quiser me ver.*

*Ada,*

*Desejo corrigir e ampliar os relatos sobre a morte de Lucette aqui publicados antes mesmo de minha chegada. Nós não estávamos “viajando juntos”. Embarcamos em portos diferentes e eu não sabia que ela estava a bordo. Nada mudou em nossa relação. Passei com ela todo o dia seguinte (4 de junho), exceto por algumas horas antes do jantar. Tomamos sol. Ela desfrutou da brisa fresca e da água salgada cristalina da piscina. Ela estava fazendo o possível para parecer alegre, mas percebi como as coisas iam mal. A fixação romântica que ela havia criado, a paixão desenfreada que cultivava, nada disso podia ser eliminado pela lógica. Para piorar, entrou em cena uma pessoa com quem ela não podia competir. Os Robinson, Robert e Rachel, que tencionam te mandar uma carta por intermédio de papai, foram as penúltimas pessoas a falar com ela naquela noite. O último foi um bartender. Ele ficou preocupado com o comportamento dela, seguiu-a até o convés aberto e presenciou seu salto sem poder evitá-lo.*

*Suponho ser inevitável que, após semelhante perda, a gente queira guardar cada detalhe, cada corda que se rompeu, cada franja que se esfiapou nas últimas horas. Tinha assistido ao lado dela à maior parte de um filme, Castelos na Espanha (ou algo assim), e seu vilão libertino estava aprendendo o caminho para o mais isolado desses castelos quando decidi deixá-la aos cuidados dos Robinson, que se haviam juntado a nós no cinema do navio. Fui para a cama — e me chamaram*

*por volta da uma da madrugada, hora marítima, minutos depois de ela ter se atirado ao mar. Foram feitos esforços razoáveis para salvá-la, mas, por fim, após uma hora de confusão e de esperança, o capitão teve de tomar a dura decisão de seguir viagem. Se ele se deixasse subornar por mim, ainda hoje estaríamos dando voltas no lugar fatal.*

*Como psicólogo, sei como é gratuito especular se Ofélia não teria afinal de contas se afogado sem a ajuda de um graveto traiçoeiro, mesmo se houvesse se casado com seu Voltemand. Impessoalmente, creio que ela teria morrido na cama, serena, de cabelos brancos, se V. a tivesse amado; porém, como de fato ele não amava a pobre e infeliz virgem, e uma vez que nenhum volume de ternura carnal podia ou pode se fazer passar pelo verdadeiro amor, e porque, acima de tudo, a fatal rapariga andaluza que, repito, acabara de entrar em cena era inesquecível, sou obrigado, cara Ada e caro Andrei, a concluir que, não importa o que fizesse seu miserável companheiro, ela de todo modo teria pokóntchila sobói (dado cabo de si). Em outros mundos mais profundamente morais que esta bolinha de lama, devem existir impedimentos, princípios, consolações transcendentais e até um certo orgulho em fazer feliz alguém a quem não se ama de verdade, mas, neste planeta, as Lucettes estão irremediavelmente condenadas.*

*Algumas coisinhas que pertenciam a ela — uma cigareira, um vestido de noite de tule, um livro com o canto da página dobrado para assinalar um piquenique na França — tiveram de ser destruídas porque estavam me olhando fixamente. De seu humilde servidor.*

*Meu filho,*

*Segui ao pé da letra as instruções acerca da carta. Teu estilo epistolar é tão emaranhado que eu teria suspeitado da presença de um código se não soubesse que, no campo literário, você pertence à Escola Decadente, na companhia do licenciado Leo e do tísico Anton. Pouco se me dá se você dormiu ou não com Lucette, mas sei, pela Dorothy Vineland, que ela te adorava. O filme que você viu foi, sem dúvida, A última aventura de Don Juan, no qual Ada, na verdade, faz (belamente) o papel de uma moça espanhola. Puseram mau-olhado na carreira da pobre menina. Howard Hool se queixou, depois que o filme foi lançado, de que o haviam obrigado a representar um cruzamento impossível entre dois Don Juan; que de início Yuzlik (o diretor) pensava basear sua “fantasia” no romance pouco refinado de Cervantes; que alguns fiapos do roteiro original ficaram grudados como lã suja no tema final; e que, escutando-se a trilha sonora com atenção, dá para ouvir um dos farristas na cena da taverna chamar Hool duas vezes de “Quicks”. Hool conseguiu comprar e destruir certo número de cópias, enquanto outras foram confiscadas a pedido do advogado do escritor Osberg, segundo o qual a sequência da gitanilla foi roubada de uma de suas composições. Por isso, é impossível comprar um rolo do filme, que desaparecerá*

*como a proverbial fumaça depois que sair de cartaz nos cineminhas do interior. Venha jantar comigo no dia 10 de julho. Traje a rigor.*

*Cher ami,*

*Nous fûmes, mon mari et moi, profondément bouleversés par l'effroyable nouvelle. C'est à moi — et je m'en souviendrai toujours! — que presque à la veille de sa mort cette pauvre fille s'est adressée pour arranger les choses sur le Tobakoff qui est toujours bondé, et que désormais je ne prendrai plus, par un peu de superstition et beaucoup de sympathie pour la douce, la tendre Lucette. J'étais si heureuse de faire mon possible, car quelqu'un m'avait dit que vous aussi y seriez; d'ailleurs, elle m'en a parlé elle-même: elle semblait tellement joyeuse de passer quelques jours sur le "pont des gaillards" avec son cher cousin! La psychologie du suicide est un mystère que nul savant ne peut expliquer.*

*Je n'ai jamais versé tant des larmes, la plume m'en tombe des doigts. Nous revenons à Malbrook vers la mi-août. Bien à vous.*

*Córdula de Prey-Tobak*

[Caro amigo,

Meu marido e eu ficamos profundamente abalados com a pavorosa notícia. Foi a mim — e isso lembrarei para sempre — que, praticamente nas vésperas de sua morte, a pobre coitada se dirigiu, pedindo que eu arranjasse as coisas no *Tobakoff*, que está sempre lotado e no qual nunca mais viajarei, um pouquinho por superstição e muito por simpatia pela doce e carinhosa Lucette. Estava tão feliz de ter feito tudo que podia, pois alguém me havia dito que você também estaria lá. Na verdade, foi ela mesma que disse; parecia tão alegre de passar alguns dias no tombadilho superior com seu querido primo! A psicologia do suicídio é um mistério que nenhum cientista pode explicar.

Nunca chorei tanto, mal consigo segurar a caneta. Voltamos para Malbrook em meados de agosto. Com a amizade de sempre,

*Córdula de Prey-Tobak]*

*Van,*

*Andrei e eu ficamos muito emocionados com a informação adicional que você forneceu em tua carta tão cara (isto é, com selos insuficientes!). Já tínhamos recebido, por meio do sr. Grombtchevski, um bilhete dos Robinson, gente amiga e bem-intencionada, que não se perdoam por haver dado a ela o remédio contra enjoo, pois uma dose muito grande, combinada com álcool, deve ter prejudicado sua capacidade de sobreviver — se é que ela mudou de opinião na água fria e negra. Não sei dizer, caro Van, o quanto estou infeliz, tanto mais que nos bosques de Ardis nunca aprendemos que podia existir tamanha infelicidade.*

*Meu único amor,*

*Esta carta nunca será posta no correio. Ficará dentro de uma caixa de aço enterrada embaixo de um cipreste na Villa Armina e, quando for encontrada por acaso daqui a meio milênio, ninguém saberá quem a escreveu e a quem se dirigia. Não teria nem mesmo sido escrita se tua última linha, teu grito de infelicidade, não fosse o meu grito de triunfo. O peso desta excitação deve ser... [O resto da frase estava obliterado por uma mancha de ferrugem quando a caixa foi desenterrada em 1928. A carta continua da seguinte forma:] ... de volta aos Estados Unidos, lancei-me numa empreitada singular. Em Manhattan, em Kingston, em Ladore, em dezenas de outras cidades, não parei de correr atrás do filme que eu não tinha [muito apagado] no navio, de cinema em cinema, descobrindo a cada vez um novo motivo de gloriosa tortura, uma nova convulsão de beleza em teu desempenho. Aquele [ilegível] é uma completa negação das odiosas fotos do odioso Kim. Artisticamente, ardisiacamente, o melhor momento é um dos últimos — quando você, descalça, segue Don Juan, que caminha por uma galeria com piso de mármore para sua perdição, para o cadafalso da cama de Donn'Anna com suas cortinas pretas, em volta da qual, minha borboleta Zegrís, você adeja, endireitando uma vela comicamente torta, sussurrando instruções tão deliciosas quanto inúteis no ouvido da dama de cenho franzido; e então, dando uma olhadela furtiva por cima daquele biombo mourisco, você de repente se desmancha num riso tão natural, tão insopitável e encantador, que a gente se pergunta se qualquer forma de arte poderia existir sem aquela erupção erótica de alegria juvenil. E pensar, minha borboleta com a ponta das asas cor de laranja, que tuas fulgurações mágicas levam ao todo onze minutos cronometrados, em cenas isoladas de dois ou três minutos cada!*

*E enfim houve uma noite, num bairro horroroso de oficinas e rameiras exaustas, quando pela última vez, e só pela metade (porque na cena da sedução o filme piscou um olho negro antes de se encrespar por completo), consegui perceber [todo o fim da carta se perdeu].*

Ele saudou a aurora de um século plácido e próspero (mais da metade do qual Ada e eu presenciamos até agora) com o início de sua segunda fábula filosófica, uma “denúncia do espaço” (nunca terminada, mas que serviu como pano de fundo, um prefácio, para sua obra *A textura do tempo*). Parte desse tratado, escrito em estilo bastante empolado mas áspero e consistente, foi publicada no primeiro número (janeiro de 1904) da hoje famosa revista mensal americana *The Artisan*. Um comentário a esse fragmento está preservado numa das cartas tragicamente formais (todas destruídas, exceto esta única) que sua irmã lhe enviava de vez em quando pelo correio comum. Após a troca de correspondência ocasionada pela morte de Lucette, esse fluxo não clandestino fora estabelecido com a aprovação tácita de Demon.

*E sobre os picos do Tacit, Satanás,  
Do Paraíso expulso, voava sem cessar:  
Abaixo dele, qual fieira de cristais,  
Do Peck a neve eterna brilhava ao luar.*

Parecia mesmo que a falta de contato entre os dois poderia suscitar maiores suspeitas do que o tipo de carta transcrito a seguir.

*Rancho Agávia  
5 de fevereiro de 1905*

*Acabo de ler Reflexões em Sidra, de Ivan Veen, que reputo ser uma grande obra, caro professor. As “flechas perdidas do destino” e outros toques poéticos me fizeram lembrar as duas ou três vezes em que você tomou chá com bolinhos em nossa casa de campo, faz uns vinte anos. Como se recorda (frase presunçosa! ), eu era uma petite fille modèle, treinando arco e flecha perto de um grande vaso e de um parapeito, enquanto você era um colegial tímido (de quem, como mamãe sugeriu, eu talvez tenha ficado um pouquinho enamorada! ) empenhado em recolher docilmente as flechas que eu perdia nos arbustos perdidos do castelo perdido da infância da pobre Lucette e da felicíssima Adette, hoje em dia um “Asilo para Negros Cegos” — tanto mamãe quanto L.,*

*não tenho dúvida, endossariam o conselho de Dacha de que a mansão fosse doada à sua igreja. Dacha, minha cunhada (você precisam se encontrar assim que possível, sim, sim, sim, ela é tão sonhadora e adorável, e muito mais inteligente do que eu), que me mostrou teu ensaio, pede que te diga que ela deseja “rever” você — talvez na Suíça, no Hotel Bellevue de Mont Roux, em outubro. Acho que você certa vez se encontrou com a bonita srta. “Kim” Chantaguida; pois bem, ela é exatamente o tipo da querida Dacha. Tem uma grande capacidade para perceber e perseguir a originalidade e toda espécie de estudos em campos que eu nem saberia identificar! Ela se formou na Chose (onde estudava história — que nossa Lucette chamava de Sale Histoire, expressão tão triste e tão engraçada! ). Para ela, você é le beau ténébreux, porque certo dia, um dia que o tempo levou embora em asas de borboleta, pouco antes do meu casamento, Dacha assistiu — quer dizer, há alguns anos... meu estilo está cada vez mais enroscado —, assistiu a uma de tuas palestras públicas sobre os sonhos, após o que ela se aproximou de você com seu último pesadelo, devidamente batido à máquina e preso por um clipe, e você amarrou a cara e se recusou a receber o papel. Bem, ela tem insistido com o tio Dementi para que ele convença le beau ténébreux a se hospedar no Hotel Bellevue de Mont Roux em outubro, por volta do dia 17, acho eu, mas ele fica rindo e diz que cabe a Dachenka e a mim arranjar as coisas.*

*Então, parabéns mais uma vez, caro Ivan! Nós duas achamos você um artista maravilhoso e inimitável que deveria “apenas rir” se críticos cretinos, sobretudo os ingleses do segmento mais baixo da alta classe média, acusarem teu estilo de ser “introvertido” ou “nefelibata”, assim como um fazendeiro americano acha “esquisito” o pastor de sua igreja local só porque o homenzinho sabe grego.*

*P. S. Duchévno klániaius (“minha alma se inclina”, construção incorreta e vulgar que evoca a imagem de uma alma fazendo reverência) náchemu zaótchno dorogomu profiéssoru (diante de nosso caro porém invisível professor), o kotórom mnógo slíchal (de quem tanto ouvi falar) ot dóbrego Dementia Dedalovitcha i siestrítsi (pelo bom Demon e por minha irmã).*

*S uvajênem (respeitosamente),  
Andrei Vaynlender*

O espaço mobiliado, *Furnished Space* (que só conhecemos como tal mesmo se seu conteúdo for a “ausência de substância” — que também oferece à mente uma poltrona), é composto sobretudo de água, pelo menos no que concerne a este globo. Nessa forma destruiu Lucette. Outra variedade, mais ou menos atmosférica, mas não menos gravitacional e asquerosa, destruiu Demon.

Certa manhã de março de 1905, no terraço da Villa Armina, sentado num tapete e, tal qual um sultão, cercado por quatro ou cinco lânguidas

criaturas nuas, Van abriu preguiçosamente um jornal americano publicado em Nice. No quarto ou quinto pior desastre aéreo do jovem século, uma gigantesca máquina voadora se desintegrara inexplicavelmente cinco mil metros acima do Pacífico, entre Lisiansky e as ilhas Laysanov, na região de Gavaille. Uma lista das “personalidades” mortas na explosão incluía o gerente de propaganda de uma grande loja de departamentos, o contramestre interino da divisão de metalurgia de uma empresa de fac-símiles, o executivo de uma gravadora, o sócio principal de um escritório de advocacia, um arquiteto com pesada experiência no campo aeronáutico (uma primeira imprecisão de linguagem impossível de retificar), o vice-presidente de uma seguradora, outro vice-presidente, dessa vez de um conselho de ajustamento, o que quer que seja isso...

“Estou com fome”, disse uma emburrada beldade libanesa de quinze tórridos verões.

“Toque a campainha”, disse Van, continuando, num estado de estranha fascinação, a repassar a compilação de vidas etiquetadas: o presidente de uma distribuidora atacadista de bebidas, o gerente de uma empresa produtora de equipamentos para turbinas, um fabricante de lápis, dois professores de filosofia, dois repórteres de jornal (sem mais nada para reportar), o inspetor assistente de um banco de distribuição de bebidas no atacado (erro de impressão e de posicionamento), o auditor assistente de uma companhia fiduciária, um presidente, a secretária de uma editora...

Os nomes dessas importantes figuras, bem como os de outros oitenta homens, mulheres e crianças silenciosas que pereceram no azul do firmamento, não seriam divulgados antes que todos os parentes fossem avisados; mas a apresentação prévia daquelas abstrações triviais parecera suficientemente impressionante para não ser oferecida de imediato à guisa de aperitivo. E foi só na manhã seguinte que Van soube que o presidente de banco, perdido na mutilação final do texto, era seu pai.

“As flechas perdidas do destino de cada homem se espalham em torno dele” etc. (*Reflexões em Sidra*).

A última ocasião em que Van tinha visto o pai fora na casa deles, na primavera de 1904. Outras pessoas estavam presentes: o velho Eliot, grande incorporador imobiliário; dois advogados (Grombtchevski e Gromwell); o dr. Aix, especialista em arte; Rosalind Knight, a nova secretária de Demon; e o solene Kithar Sween, um banqueiro que, com sessenta e cinco anos, se tornara um autor *avant-garde* — ao longo de um ano milagroso havia produzido *A medida da cintura*, uma sátira em verso livre sobre os hábitos alimentares anglo-americanos, e *Cardeal Grichkin*, uma história deliberadamente sutil que glorificava a igreja romana. O poema não era mais do que o piscar d’olhos de uma coruja; quanto ao romance, já havia sido declarado “seminal” por jovens e

renomados críticos (Norman Girsh, Louis Deer, muitos outros) que o louvaram em tons reverenciais tão esganiçados que um ouvido humano normal era incapaz de entender aquela verborragia de tal forma aguda; no entanto, tudo parecia muito excitante e, após uma grande comoção de ensaios obituários em 1910 (“Kithar Sween: o homem e o escritor”, “Sween como poeta e pessoa”, “Kithar Kirman Lavehr Sween: um ensaio biográfico”), a sátira e o romance foram esquecidos tão completamente quanto os ajustamentos daquele contramestre interino — ou a proibição imposta por Demon.

A conversa à mesa girou quase inteiramente sobre negócios. Demon comprara recentemente uma pequena ilha no Pacífico, perfeitamente redonda, com uma casa cor-de-rosa no topo de uma falésia verde e uma praia de areias brancas que, vista do ar, mais parecia um babado de rendas, e agora queria vender o pequeno e precioso *palazzo* em East Manhattan que Van não desejava ocupar. O sr. Sween, um operador ganancioso em cujos dedos gordos cintilavam anéis espalhafatosos, disse que poderia comprar a propriedade se entrassem na transação alguns quadros a óleo. O negócio não foi adiante.

Van continuou seus estudos particulares até ser eleito (aos trinta e cinco anos!) para a cátedra de filosofia Rattner na Universidade de Kingston. A escolha do Conselho resultou de um desastre e foi obra do desespero: os dois outros candidatos, intelectuais de escol muito mais velhos e competentes do que ele (respeitados até mesmo na Tartária, para onde, vidrados de admiração e de mãos dadas, viajavam com frequência), tinham desaparecido misteriosamente (talvez mortos, com nomes falsos, no acidente jamais explicado que ocorrera bem acima do risonho oceano) na “undécima hora”, pois a cátedra deveria ser extinta caso permanecesse desocupada por um período de tempo previsto no regulamento, a fim de dar a outra cadeira, menos cobiçada mas perfeitamente utilizável, a oportunidade de ser trazida da sala dos fundos. Van não precisava da posição nem a apreciava, mas a aceitou com um espírito de perversidade benevolente ou de gratidão perversa, senão simplesmente em memória ao pai, que de alguma forma estava envolvido na coisa toda. Não levou suas funções muito a sério, reduzindo ao estrito mínimo, umas dez por ano, as palestras que fazia num tom monótono e nasalado, produzido por um novo “gravador de voz”, difícilíssimo de encontrar, que escondia no bolso do colete junto com uma caixa de pílulas anti-infecciosas da marca Vênus, enquanto movia os lábios silenciosamente e pensava na página inacabada que deixara no escritório, as letras escarranchadas do manuscrito ainda iluminadas pela lâmpada de mesa. Passou em Kingston vinte tediosos anos (matizados pelas viagens ao exterior), uma figura obscura em torno da qual não se criou nenhuma aura especial na universidade ou na cidade. Pouco querido pelos austeros colegas, desconhecido nos bares locais,



não deixando saudades entre os alunos do sexo masculino, se aposentou em 1922, indo viver na Europa.

CHEGANDO BELLEVUE MONT ROUX DOMINGO  
HORA JANTAR ADORAÇÃO TRISTEZA ARCO-ÍRIS

Van recebeu este telegrama audacioso junto com o café da manhã no sábado, 10 de outubro de 1905, no Manhattan Palace em Genebra, e naquele mesmo dia partiu para Mont Roux, no lado oposto do lago. Lá se instalou no hotel de sempre, Les Trois Cygnes. Seu *concierge*, um homenzinho frágil e de idade quase mítica, havia morrido durante a última estada de Van, quatro anos antes; em vez do rosto enrugado de Julien e do discreto sorriso de misteriosa cumplicidade que brilhava como uma lâmpada por trás de um pergaminho, foi a cara redonda e rosada de um ex-mensageiro, usando agora uma sobrecasaca, que deu boas-vindas a um Van velho e gordo.

“Lucien”, disse o dr. Veen, olhando por cima dos óculos, “costumo receber — como seu antecessor sabia muito bem — todo tipo de visitantes estranhos, mágicos, senhoras mascaradas, loucos, *que sais-je?*, e espero milagres de discrição de todos os três cisnes mudos. Aqui está um bônus preliminar.”

“*Merci infiniment*”, disse o *concierge* e, como de costume, Van se sentiu infinitamente emocionado com aquela hipérbole cortês que provocava intensas elucubrações filosóficas.

Ocupou dois quartos espaçosos, 509 e 510: uma sala de estar do Velho Mundo, com móveis em verde e dourado, e um simpático quarto de dormir ligado a um banheiro quadrado, evidentemente criado a partir de um quarto comum (por volta de 1875, quando o hotel foi reformado para se tornar mais luxuoso). Leu com um sentimento agudo de antecipação o cartão octogonal com seu gracioso cordão vermelho: “Favor não incomodar, *Prière de ne pas déranger*. Pendure o cartão na maçaneta do lado de fora. Avise à telefonista. *Avisez en particulier la téléphoniste* (na versão francesa, a ênfase e a sugestão de uma moça de voz límpida)”.

Encomendou uma orgia de orquídeas à loja de flores situada no térreo e um sanduíche de presunto ao serviço de atendimento aos quartos. Sobreviveu uma longa noite (com as gralhas alpinas

anunciando ruidosamente um amanhecer sem nuvens) numa cama que nem chegava a dois terços do tamanho do leito formidável que tinham compartilhado no apartamento inesquecível doze anos atrás. Tomou o café da manhã na varanda — fingindo que não via uma gaivota em missão de reconhecimento. Permitiu-se uma opulenta sesta após o almoço tardio; tomou um segundo banho para afogar o tempo; e, com paradas a cada dois bancos ao longo do caminho que contornava o lago, levou umas duas horas para chegar ao novo Bellevue Palace, distante exatos oitocentos metros na direção sudeste.

Um bote vermelho desfigurava o espelho azul (no tempo de Casanova haveria centenas deles lá!). Os mergulhões esperavam o inverno, mas as ventoinhas ainda não tinham voltado.

Ardis, Manhattan, Mont Roux, nossa ruivinha morreu. O maravilhoso retrato de papai, feito por Vrubel, aqueles diamantes dementes olhando-me fixamente, pintados *dentro* de mim.

O monte Russet, a colina coberta de florestas atrás da cidade, justificou seu nome e sua reputação outonal com o brilho quente e acobreado dos encrespados castanheiros; e, na margem oposta do Lemán (que significa *l'Amant*, o Amante), elevava-se o cume do Sex (Scex) Noir, a Rocha Negra.

Sentia-se acalorado e desconfortável na camisa de seda e no terno de flanela cinzenta — uma de suas roupas mais velhas, mas que escolhera porque o fazia parecer mais magro, conquanto devesse ter deixado para trás o colete, apertado demais. Nervoso como um rapazola em seu primeiro encontro! Perguntou-se o que deveria esperar: a presença dela seria de imediato diluída pela de outras pessoas, ou ela conseguiria dar um jeito de ficar sozinha, ao menos durante os primeiros minutos? Será que os óculos e o bigodinho preto o faziam mesmo parecer mais moço, como juravam com toda a cortesia algumas das putas que ele costumava frequentar?

Quando enfim chegou diante da fachada branca e dos toldos azuis do Bellevue (preferido dos abastados cidadãos da Estócia, da Rinelândia e da Vinelândia, mas que nem por isso pertencia à superclasse do velho, imenso e adorável Les Trois Cygnes, com seus tons de amarelo-tostado e dourado), Van viu com tristeza que seu relógio estava ainda bem longe das sete da noite, o mais cedo que se podia jantar nos hotéis da região. Por isso, atravessou a aleia e tomou num bar um quirche duplo com um cubo de açúcar. Uma mariposa-beija-flor, morta e ressecada, jazia na beira da janela do lavatório. Por sorte os símbolos não existem nem nos sonhos nem nos intervalos de vida consciente.

Empurrou a porta giratória do Bellevue, tropeçou numa mala espalhafatosa e fez uma entrada ridícula, como se estivesse dando uma corridinha. O *concierge* passou uma descompostura no infeliz *cameriere* de avental verde, culpado de haver deixado a mala ali. Sim, ele estava sendo esperado no salão de estar. Um turista alemão foi até Van para

desculpar-se efusivamente, e com certo humor, do objeto injurioso que, segundo disse, lhe pertencia.

“Se é assim”, observou Van, “o senhor não devia permitir que os hotéis colassem anúncios em suas partes íntimas.”

A resposta era estapafúrdia e todo o episódio tinha um certo sabor de déjà-vu. Um instante depois, Van foi morto com um tiro pelas costas (essas coisas acontecem, alguns turistas são muito desequilibrados) e penetrou numa nova fase de sua existência.

Parou no limiar do salão principal. Mal começara a esquadrihar seu conteúdo humano espalhado por todos os cantos quando notou uma agitação repentina num grupo distante. Ada, abandonando todo o decoro, corria em direção a ele. Seu avanço solitário e precipitado consumiu em sentido inverso todos os anos de separação à medida que aquela estranha, num cintilante vestido negro, com o penteado alto então na moda, se transformou na menina de braços pálidos e roupas pretas que sempre lhe pertencera. Naquela guinada específica do tempo, eles eram por acaso as únicas pessoas ostensivamente eretas e ativas no grande salão, e as cabeças se viraram para que todos pudessem acompanhar o encontro dos dois como se estivessem num palco; mas o que deveria ser uma grande explosão de amor volúvel — culminando aquele movimento impetuoso, à luz do êxtase em seus olhos e das joias flamejantes — cedeu lugar a um silêncio incongruente; sem se inclinar, ele alçou aos lábios sua mão de cisne e a beijou, e depois ambos ficaram parados, olhos nos olhos, ele brincando com as moedas nos bolsos da calça sob o paletó que o fazia parecer corcunda, ela correndo os dedos pelo colar, cada qual refletindo, por assim dizer, a luz incerta a que catastroficamente se reduzira todo o esplendor do reencontro. Ela estava mais Ada do que nunca, com uma pitada de elegância nova que viera reforçar seu encanto tímido e espontâneo. Os cabelos, ainda mais negros, estavam puxados para trás e para cima formando um reluzente coque, e a linha Lucette de seu pescoço nu, fino e reto lhe causou uma surpresa angustiante. Ele tentava formar uma frase sucinta (a fim de alertá-la para o estratagema mediante o qual poderiam encontrar-se), mas Ada interrompeu seus pigarros com uma ordem murmurada: *Sbrit ussí !* (este bigode tem de desaparecer!) e, dando meia-volta, levou-o para o canto longínquo onde tinha se demorado tantos anos até vir encontrá-lo.

Naquela ilha de poltronas e andróides que agora se punham de pé ao redor de uma mesa baixa com um cinzeiro de cobre no centro, a primeira pessoa a quem ele foi apresentado revelou ser a prometida *belle-soeur*, uma senhora baixa e gorducha num vestido cinza de governanta, rosto muito oval, cabelos castanhos cortados curtos, tez amarelada, olhos azul-fumaça incapazes de sorrir e, ao lado de uma das narinas, uma pequena excrescência carnuda semelhante a um grão de milho maduro e aposta à curva hipercrítica da asa do nariz num

toque final da natureza — tal como acontece com certa frequência quando um rosto russo é fabricado em série. A mão estendida seguinte pertencia a um fidalgo alto e bonito, notavelmente sólido e cordial, que só podia ser o príncipe Gremin do ridículo *libretto*, e cujo aperto de mão forte e honesto fez Van desejar ardentemente que pudesse usar um líquido para desinfetar todos os pontos de contato com as partes públicas do marido dela. Mas, enquanto Ada, de novo sorridente, fazia as apresentações agitando uma varinha de condão invisível, a pessoa que Van, num erro grosseiro, pensara ser Andrei Vinelander se transformou em Yuzlik, o talentoso diretor do desafortunado filme sobre Don Juan. “Vasco de Gama, eu imagino”, murmurou Yuzlik. A seu lado, ignorados por ele, com nomes que Ada desconhecia e, a essa altura, mortos havia muitos anos devido a tristes enfermidades anônimas, encontravam-se, em atitudes servis, os dois agentes do brilhante cômico Lemorio (um camponês barbudo absolutamente genial, embora hoje também esquecido, com quem Yuzlik desejava a todo custo contar em seu próximo filme). Lemorio já faltara a dois encontros, em Roma e San Remo, mandando sempre, para estabelecer “os contatos preliminares”, aquelas duas figuras acabadas, incompetentes, quase loucas, com quem Yuzlik nada mais tinha a discutir, havendo exaurido todos os temas de conversa — os mexericos da atualidade, a vida sexual de Lemorio, o hooliganismo de Hool, bem como os passatempos dos três filhos de Yuzlik e do filho adotivo dos agentes, um encantador rapazinho eurasiático recentemente morto numa briga de boate, o que encerrou este assunto. Ada se alegrara com a presença inesperada de Yuzlik no saguão do Bellevue, não apenas como um contrapeso aos embaraços e trapaças daquela noite mas também porque tinha a esperança de aparecer na película *O que Daisy sabia*; no entanto, além do fato de que seu turbilhão emocional não deixava muito espaço para devaneios profissionais, logo compreendeu que, se Lemorio fosse de fato contratado, exigiria para uma de suas amantes o papel que ela almejava.

Por fim, Van chegou ao marido de Ada.

Em todas as encruzilhadas sombrias da mente, ele havia matado o bom Andrei Andréievitch Vinelander tantas vezes, e com tamanha violência, que agora o pobre coitado — vestido num horrível e funéreo terno com jaquetão, com sua cara balofa e pastosa de feições que pareciam plantadas ao azar, com aqueles olhos empapuçados de cachorro triste e linhas pontilhadas de suor na testa — apresentava todos os sinais deprimentes de uma ressurreição desnecessária. Graças a uma omissão não de todo estranha, Ada havia deixado de apresentar os dois homens. O marido dela enunciou seu nome, patronímico e sobrenome com as entonações didáticas de um narrador de filmes educativos russos. “*Obnimemsia, dorogói*” (um abraço, meu amigo), acrescentou numa voz algo mais vibrante, mas sem alterar a

expressão sepulcral (curiosamente parecida com a de Kosygin, o prefeito de Yukonsk, ao receber um buquê das mãos de uma escoteira ou inspecionando os prejuízos causados por um terremoto). Seu hálito recendia o que Van com surpresa reconheceu como sendo um forte tranquilizante à base de neocodeína, receitado nos casos de pseudobronquite psicopática. Quando o rosto amassado e infeliz de Andrei se aproximou, Van distinguiu várias verruguinhas e calombos, nenhum dos quais, contudo, colocado com o garbo assimétrico do codicilo nasal de sua irmã mais moça. O próprio Andrei empunhava a tesoura para cortar os cabelos castanho-acinzentados, tão curtos quanto os de um soldado. Tinha a aparência *korrektni* e asseada de um senhor de terras da Estócia que toma um banho por semana.

Toda a manada se dirigiu à sala de jantar. Van roçou em seu passado ao esticar o braço para se adiantar a um garçom desejoso de abrir a porta, e o passado (que continuava a correr os dedos pelo colar *dele*) o recompensou com um olhar oblíquo digno de “Dolores”.

O acaso comandou a distribuição dos convivas em torno da mesa.

Os agentes de Lemorio — um casal idoso que nunca se casara mas vivera como homem e homem por tanto tempo que bem merecia as bodas de prata cinematográficas — continuaram unidos entre Yuzlik, que não lhes dirigiu a palavra uma só vez, e Van, que estava sendo torturado por Dorothy. Andrei (que havia esboçado um sinal da cruz sobre o abdômen não abotoável antes de ajustar o guardanapo em volta do pescoço) foi parar entre sua irmã e sua mulher. Pediu a “*cart de van*” (fazendo o verdadeiro Van rir por dentro), porém, mais afeito a bebidas fortes, deu apenas uma olhada idiótica na página dos “Branços Suíços” da lista de vinhos antes de transferir a responsabilidade a Ada, que de imediato pediu champanhe. Bem cedo, na manhã seguinte, ele a informou de que seu “*Kuzén proizvódit udivítielno simpatíchnoie vpietchatlênie* (primo produziu uma impressão notavelmente simpática)”. O aparato verbal do infeliz consistia quase exclusivamente em lugares-comuns russos notavelmente simpáticos, mas — não gostando de falar sobre si próprio — ele pouco falava, sobretudo porque o solilóquio sonoro de sua irmã (que ia morrer aos pés do rochedo de Van) o hipnotizava, o absorvia inteiramente como se ele fosse uma criança. A título de preâmbulo para o tardio relatório sobre seu pesadelo predileto, Dorothy fez uma humilde reclamação (“Obviamente, sei que, para seus pacientes, ter pesadelos é uma *jidovskaia prerogativa*”), mas, a cada vez que levantava os olhos do prato para encará-la, o relutante analista concentrava sua atenção na cruz grega de tamanho quase eclesiástico que reluzia naquele colo de outro modo totalmente destituído de atratividade. Isso ocorreu com tanta frequência que ela achou necessário interromper a narrativa (que tinha a ver com a erupção de um vulcão imaginado) a fim de dizer: “Deduzo de suas obras que o senhor é um terrível cínico. Ah, concordo plenamente com

Simone Traser, quando ela sustenta que um toque de cinismo serve como enfeite para um verdadeiro homem; no entanto, gostaria de avisá-lo de que não admito piadas antiortodoxas, caso o senhor tencione contar alguma”.

A essa altura, Van já estava por aqui com sua vizinha louca — mas de uma loucura desinteressante. Mal conseguindo equilibrar o copo, que quase derrubara ao fazer um gesto para atrair a atenção de Ada, disse-lhe sem rebuços e num tom que ela mais tarde caracterizou como rude, ameaçador e de todo inadmissível:

“Amanhã de manhã, *je veux vous accaparer, ma chère*. Tal como meu advogado, ou o teu, ou ambos talvez tenham te informado, as contas de Lucette em vários bancos suíços...” — e seguiu-se a versão adrede preparada e inteiramente inventada sobre como se encontravam os negócios de Lucette. “Sugiro”, acrescentou, “que, se você não tiver outros compromissos” — enviando um olhar interrogativo que saltou por cima dos Vinelander para se fixar nos três cineastas, que concordaram com a cabeça num gesto imbecil —, “eu e você vamos ver o professor Jorat, ou Raton, o nome me escapa, meu conselheiro, *enfin*, em Luzon, a meia hora de carro daqui, que me deu certos papéis que deixei no hotel e você tem de assassinar, quer dizer, assinar. O assunto é mesmo de matar... Está bem? Muito bem.”

“Mas Ada”, trombeteou Dora, “não esqueça que amanhã de manhã queríamos visitar o Instituto de Harmonia Floral no Château Piron!”

“Tratem de visitá-lo depois de amanhã, ou na terça-feira, ou na terça da semana que vem”, disse Van. “Ficaria muito feliz em levá-los, os três, àquele fascinante *lieu de méditation*, mas meu veloz Unseretti só tem lugar para um passageiro, e acho que essa questão dos depósitos não localizados é terrivelmente urgente.”

Yuzlik estava morto de vontade de dizer algo. Van deixou que o bem-intencionado autômato falasse.

“É um prazer e uma honra jantar com Vasco de Gama”, disse Yuzlik levantando a taça em frente de seu belo aparato facial.

O mesmo erro no nome — que permitia a Van supor qual era a fonte secreta de informações de Yuzlik — ocorria no livro *Os sinos de Chose* (um diário escrito pelo ex-colega de Van e hoje Lorde Chose, que subira na treliça dos best-sellers, e ainda se agarrava a ela, graças em especial a uma série de referências indecentes, embora muito engraçadas, à Villa Vênus de Ranton Brooks). Enquanto mastigava o tutano de uma resposta adequada, com a boca cheia de *sharlott* (não a charlatanesca “*charlotte russe*” servida na maioria dos restaurantes, e sim a crosta quente e espessa, com recheio de maçã, da verdadeira torta feita por Takomin, o mestre-cuca do hotel, originário da Baía Rosa, na Califórnia), dois impulsos o puxavam para lados opostos: o de insultar Yuzlik por haver posto sua mão sobre a de Ada ao pedir que ela lhe passasse a manteiga no começo da refeição (ele tinha muitíssimo

mais ciúme daquele homem de olhar límpido que de Andrei, e se recordava com um frêmito de prazer e ódio como, no Réveillon de 1892, havia dado um esbregue em Van Zêmski, um parente seu metido a almofadinha que se permitira uma carícia semelhante ao visitar a mesa deles no restaurante, e cuja mandíbula quebrara mais tarde, sob um pretexto qualquer, no clube do jovem príncipe); e o de dizer a Yuzlik o quanto havia admirado *A última aventura de Don Juan*. Não sendo capaz de satisfazer, por razões óbvias, o primeiro impulso, rejeitou o segundo por cheirar secretamente à cortesia de um poltrão, contentando-se em responder, após engolir a mistura de cor âmbar:

“O livro de Jack Close é sem dúvida muito divertido, especialmente aquela história sobre as maçãs e a diarreia e os excertos do álbum cor-de-rosa da Vênus” (Yuzlik olhou para o lado, como se puxando pela memória, e logo depois inclinou a cabeça num tributo efusivo à lembrança partilhada), “mas o patife não devia ter divulgado meu nome nem grafado erradamente minha onomatópose.”

Durante o lúgubre jantar (animado apenas pela *sharlott* e pelas cinco garrafas de Moët, das quais consumiu mais de três), Van tentou evitar olhar para aquela parte do corpo de Ada chamada “o rosto” — uma parte vívida, divina e misteriosamente chocante que, naquela forma essencial, muito em raro pode ser encontrada entre seres humanos (mesmo descontadas as variantes balofas e verrugentas). Ada, por outro lado, não conseguia impedir que seus olhos negros o procurassem sem cessar, como se, a cada espiada, recuperasse o equilíbrio; no entanto, quando todos voltaram ao salão para tomar café, Van começou a ter dificuldades de focalização, sobretudo depois que a partida dos três cineastas reduziu desastrosamente seu número de pontos de referência.

ANDREI: *Ádotchka, dúchka* (Adinha querida), *rasskají je pro rancho, pro skot* (conta a ele sobre o rancho, o gado), *iemú je liubopítno* (isso não pode deixar de lhe interessar).

ADA (como se saísse de um transe): *O tchom ti* (falou alguma coisa)?

ANDREI: *lá govoriú, rasskají iemú pro tvoió jítiobítio* (estava dizendo... conte a ele sobre sua vida cotidiana, o que você faz todos os dias). *Avós zaglianiet k nam* (talvez venha nos visitar).

ADA: *Ostáv, tchto tam intieriésnogo* (o que há de tão interessante para contar)?

DACHA (virando-se para Ivan): Não escute o que ela diz. *Massa intieriésnogo* (um monte de coisas interessantes). *Diélo bráta ogrômnoie, volnúiuschieie diélo, trebúiuschieie nie ménche trudá, tchem utchônaia dissertátsia* (o negócio dele é muito grande, quase tão exigente quanto o de um professor). *Náchi sielskokhoziáistvennia machíni i ikh tiéni* (nossas máquinas agrícolas e suas sombras) *eto tsélaia kolliéktsia priedmiétov modiénoi skulptúri e jívopissi* (formam



uma verdadeira coleção de arte moderna), da qual, eu suponho, o senhor gosta tanto quanto eu.

IVAN (para Andrei): Não entendo nada de fazendas, mas, de qualquer modo, muito obrigado.

(*Uma pausa.*)

IVAN (não sabendo direito o que acrescentar): Sim, certamente gostaria de conhecer suas máquinas algum dia. Essas coisas sempre me fazem lembrar monstros pré-históricos de pescoços compridos, pastando aqui e ali, sabe como é, ou apenas meditando sobre a tristeza da extinção, mas talvez eu esteja pensando em escavadeiras...

DOROTHY: As máquinas de Andrei são tudo menos pré-históricas (risos sem alegria).

ANDREI: *Slóvom, mílosti próssim* (de qualquer modo, o senhor é muito bem-vindo). *Búdietie jarit vierhóm s kuzínoi* (o senhor se divertirá muito andando a cavalo com sua prima).

(*Outra pausa.*)

IVAN (para Ada): Nove e meia amanhã de manhã não será muito cedo para você? Estou hospedado no Três Cisnes. Virei apanhá-la no meu carrinho... não a cavalo (rindo como um cadáver na direção de Andrei).

DACHA: *Dovólno skútchno* (é mesmo uma pena) que a visita de Ada ao belo lago Leman precise ser arruinada por reuniões com advogados e banqueiros. Tenho certeza de que o senhor poderia satisfazer a maior parte dessas exigências fazendo-a ir uma ou duas vezes à sua casa em vez de levá-la a Luzon ou Genebra.

A conversa de loucos retornou às contas bancárias de Lucette, e Ivan Dementievitch explicou que ela havia perdido um talão de cheques atrás do outro, de modo que ninguém sabia exatamente em quantos bancos diferentes haviam sido abandonadas somas consideráveis. Pouco depois, Andrei, que agora fazia lembrar o lívido prefeito de Yukonsk após inaugurar a Feira do Amentilho ou lutar contra um incêndio florestal usando um tipo novo de extintor, se levantou da cadeira com um grunhido, pediu desculpas por ir para a cama tão cedo e trocou um aperto de mãos com Van como se estivessem se despedindo para sempre (o que, na verdade, aconteceu). Van continuou na companhia das duas senhoras no salão frio e deserto onde a gerência, por pura sovinice, já providenciara uma redução quase imperceptível do número de faradays que chegavam às lâmpadas.

“E então, o senhor gostou de meu irmão?”, perguntou Dorothy. “*On riedtchaichi tcheloviék* (Ele é um ser humano excepcional). Não imagina o quanto sentiu a terrível morte de seu pai e, naturalmente, o estranho fim de Lucette. Mesmo ele, o mais bondoso dos homens, não podia deixar de desaprovar seus modos parisienses, embora apreciasse

muito a aparência dela — como, creio, o senhor também... não, não, não tente negá-lo! — porque, como eu sempre dizia, o encanto físico de Lucette parecia complementar o de Ada, as duas metades formando juntas algo muito próximo da beleza absoluta, no sentido platônico” (o mesmo sorriso sem nenhum traço de alegria). “Ada é, sem dúvida, uma ‘beleza perfeita’, uma verdadeira *muirninotchka*, mesmo quando faz essa careta, mas é bonita apenas em nossos humildes termos humanos, dentro dos padrões de nossa estética social — certo, professor? —, do mesmo modo que uma refeição, um casamento ou uma vagabundinha francesa podem ser considerados perfeitos.”

Sombriamente, Van disse a Ada: “Faça uma reverência para ela”.

“Ah, minha Ádotchka sabe como sou devotada a ela” (abrindo a mão na esteira da mão de Ada, que se afastava). “Partilhei todos os problemas dela. Quantos caubóis *podjarikh* (de calça apertada) tivemos de mandar embora porque *diélali iéi glázki* (olhavam para ela com lascívia)! E quantas pessoas queridas se foram desde que começou este novo século! A mãe dela e a minha; o arcebispo de Ivankover e o dr. Swissair, de Lumbago (onde mamãe e eu o visitamos em 1888 com grande reverência); três tios eminentes (que, felizmente, eu quase não conhecia); e seu pai, que, sempre repeti, parecia muito mais um aristocrata russo do que um barão irlandês. Aliás, delirando em seu leito de morte — você não se importa, Ada, que eu conte a ele esses *potins de famille*, não é? —, nossa esplêndida Marina estava obcecada com duas alucinações mutuamente excludentes: que você e Ada estavam casados e que eram irmão e irmã, e o choque entre essas duas ideias lhe causava uma imensa angústia mental. Como sua escola de psiquiatria explica esse tipo de conflito?”

“Não frequento mais nenhuma escola”, disse Van, sufocando um bocejo. “E, além do mais, em minhas obras tento não ‘explicar’ nada. Apenas descrevo.”

“Mesmo assim, o senhor não pode negar que certas percepções...”

A coisa seguiu nessa toada por mais de uma hora, até que as mandíbulas de Van começaram a doer. Por fim, Ada se levantou e Dorothy fez o mesmo, embora continuasse a falar, agora de pé:

“Amanhã nossa querida tia Bieloskunski-Bielokonski vem jantar, uma solteirona formidável que vive numa *villa* acima de Valvey. *Terriblement grande dame et tout ça. Elle aime taquiner Andryucha en disant qu’un simple cultivateur comme lui n’aurait pas dû épouser la fille d’une actrice et d’un marchand de tableaux.* Você nos daria o prazer de sua companhia... Jean?”

Jean respondeu: “Infelizmente, não, querida Daria Andrevna: *Je dois surveiller les kilos*’. Além disso, tenho um jantar de negócios amanhã”.

“Pelo menos” — sorrindo — “poderia me chamar de Dacha.”

“Só faço isso por causa do Andrei”, explicou Ada, “na verdade a tal da *grande dame* é uma jararaca da pior espécie.”

“Ada!”, exclamou Dacha com um olhar de falsa reprovação.

Antes que as duas se encaminhassem para o elevador, Ada olhou de esguelha para Van, e ele, que não era nada bobo em matéria de estratégia amorosa, absteve-se de assinalar que ela “esquecera” sua bolsinha preta de seda no assento da cadeira. Acompanhou-as somente até a passagem que conduzia ao elevador e, agarrando o brinde, esperou pelo retorno planejado de Ada atrás de uma daquelas colunas sem estilo que costumam ser plantadas nos saguões dos hotéis, sabendo que, quando o olho do elevador se tornasse vermelho sob a pressão de um ligeiro polegar, ela diria para a maldita companheira (sem dúvida ocupada agora em rever suas opiniões acerca do “*beau ténébreux*”): “*Akh, súmotchku zabíla* (ah, esqueci minha bolsa!)” — voltando num abrir e fechar de olhos, como a Ninon de Vere, para se atirar em seus braços.

Suas bocas abertas se encontraram com uma fúria carinhosa, e então ele se lançou sobre o novo, jovem e divino pescoço japonês de Ada que cobiçara como um verdadeiro Júpiter Olorinus durante toda a noite.

“Vamos disparar para o meu hotel logo que você acordar, não perca tempo tomando banho, vista uma coisa qualquer...” e, com sua seiva fervente quase transbordando, mais uma vez a devorou, até que (Dorothy já devia ter chegado ao céu!) ela tamborilou três dedos sobre os lábios molhados de Van e escapuliu.

“Seque o pescoço!”, ele exclamou num rápido sussurro (quem e onde, neste relato, nesta vida, havia também tentado “gritar num sussurro”?).

Naquela noite, num sonho pós-Moët, sentado na areia fina de uma praia tropical cheia de gente tomando sol, ele primeiro se viu esfregando o pênis vermelho e irritado de um garoto que se contorcia de excitação; logo depois, através dos óculos escuros, ficou olhando as sombras simétricas que ladeavam a reluzente espinha dorsal, com sombras menos intensas entre as vértebras, de Lucette ou de Ada sentada numa toalha de praia a alguns metros de distância. Mais tarde, ela se virou e deitou de bruços; como também usava óculos escuros, nenhum dos dois podia perceber a direção exata do olhar do outro por trás do âmbar negro, porém ele sabia, pela covinha de um tênue sorriso, que ela estava fitando aquele membro escarlate e inflamado (que era *dele* desde o começo). Alguém disse, empurrando uma mesa com rodinhas ali perto: “É uma das irmãs Vane”, e ele acordou murmurando com aprovação profissional o jogo de palavras onírico que combinava seu nome e sobrenome; arrancou as bolinhas de cera do ouvido e, num ato maravilhoso de reabilitação e sequenciamento, o carrinho do café da manhã retiniu ao passar do corredor para a saleta adjacente e, já mastigando, com migalhas cor de mel nos lábios, Ada entrou em seu quarto de dormir. Eram ainda quinze para as oito!

“Garota inteligente!”, disse Van. “Mas antes tenho de ir ao banheiro.”

Aquele encontro e os nove que se seguiram constituíram a mais alta cordilheira de um amor de vinte e um anos: sua maioria — complicada, perigosa e indizivelmente radiante. O estilo algo italianizado da suíte, suas lâmpadas de parede com ornamentos intrincados de vidro cor de caramelo claro, os botões brancos que poderiam tanto acender as luzes quanto provocar a aparição de uma camareira, as janelas protegidas por venezianas e pesadas cortinas que faziam com que a manhã fosse tão difícil de desnudar quanto uma puritana vestida de crinolina, as portas de correr convexas do enorme armário branco do tipo “Virgem de Nuremberg” no vestíbulo, e até mesmo a gravura colorida de Randon mostrando um navio de três mastros bastante austero enfrentando o zigue-zague das verdes ondas do porto de Marselha — numa palavra, toda a atmosfera desses novos encontros acrescentou um toque novelesco (Alieksei e Anna talvez tenham transado aqui!) que Ada acolhia como uma moldura, uma forma, algo que suportava e protegia a vida de outro modo tão carente de proteção divina na Desdemônia, onde os artistas são os únicos deuses. Quando, após três ou quatro horas de amor frenético, Van e a sra. Vinelander trocavam seu suntuoso retiro pela névoa azulada de um outubro extraordinário, que manteve o calor e a aura de sonho durante todo o período do adultério, tinham a sensação de estar ainda sob os cuidados daqueles Príapos coloridos que os romanos de outrora espalhavam pelos bosques de Rufomonticulus.

“Vou andar com você até lá, acabamos de voltar de uma reunião com os banqueiros de Luzon e estou te acompanhando no caminho entre meu hotel e o teu” — esta era a *phrase consacrée* que Van sempre pronunciava a fim de manter as Parcas bem informadas sobre a situação. Uma pequena precaução que tomaram desde o início consistia em evitar rigorosamente qualquer exposição equívoca na varanda voltada para o lago e visível para todas as flores amarelas e cor de malva que adornavam as platibandas do caminho.

Só saíam do hotel pela porta dos fundos.

Uma aleia ladeada de buxos e presidida por uma sequoia *sempervirent* de aparência nostálgica (que os turistas americanos pensavam ser um “cedro do Líbano” — se é que chegavam a reparar nela) os conduzia à rua com o nome absurdo de *Mûrier*, onde uma principesca paulównia (“E chamar isso de amoreira!”, bufou Ada), que se erguia incongruamente acima de um mictório público, deixava cair com grande generosidade suas folhas verde-escuras em forma de coração, mas retinha um volume de folhagem suficiente para lançar arabescos de sombra no lado do tronco voltado para o sul. Uma ginkgo (com um verde dourado bem mais luminoso que o de sua vizinha, uma bétula da região que tendia ao amarelo desbotado) marcava a esquina da aleia que levava ao cais. Seguiam rumo ao sul pela famosa

Promenade Fillietaz, que contornava a margem suíça do lago de Valvey até o Castelo de Byron (ou de Chillon). Como já ficara para trás o auge da estação de veraneio, os pássaros que migravam para lá no inverno, bem como um bom número de turistas da Europa Central com calças presas abaixo do joelho, haviam substituído as famílias inglesas e os nobres russos de Nipissing e Nipigon.

“O espaço acima do meu lábio superior está se sentindo indecentemente nu.” (Havia raspado o bigode diante dela com urros de dor). “E não consigo ficar encolhendo a barriga o tempo todo.”

“Ah, prefiro você com esses belos quilinhos a mais — assim tenho mais de você. Suponho que seja o gene materno, porque Demon foi ficando cada vez mais magro. Parecia um verdadeiro Dom Quixote quando o vi no funeral da mamãe. Foi tudo muito estranho. Ele vestia um terno azul de luto. O filho de D’Onsky, que é maneta, passou o único braço que tem por cima do ombro de Demon e os dois verteram lágrimas *comme des fontaines*. Aí, um sujeito que vestia uma túnica e parecia um extra numa encarnação de Vishnu em technicolor fez um sermão incompreensível. Então ela se foi numa nuvem de fumaça. Ele me disse, soluçando: ‘Eu não vou desapontar os pobres vermes!’. Poucas horas depois que ele quebrou essa promessa, recebemos uns visitantes inesperados no rancho: uma menina incrivelmente graciosa de oito anos, usando um véu preto, acompanhada de uma espécie de duenha, também de preto, e dois guarda-costas. A bruxa exigiu uma soma fantástica que, segundo ela, Demon não havia tido tempo de pagar por ‘romper o hímen’ da garotinha — ao que mandei um de nossos rapazes mais parrudos pôr para fora a *vsiú kompâniu* (turma toda).”

“Extraordinário”, disse Van, “eram cada vez mais jovens — quer dizer, as moças, não os rapazes parrudos e silenciosos. Sua velha Rosalind tinha uma sobrinha de dez anos, uma frangota de primeira. Muito em breve ele iria buscá-las na incubadeira.”

“Você nunca amou teu pai”, disse Ada com tristeza.

“Ah, amei e ainda amo — com carinho, respeito, compreensão... afinal de contas, essa poesia menor da carne não é algo que eu desconheça. Mas, no que se refere a nós dois, ele foi enterrado no mesmo dia que o tio Dan.”

“Eu sei, eu sei. É uma pena! Talvez eu não devesse te dizer isto, mas as visitas dele a Agávia foram ficando a cada ano mais raras e curtas. Na verdade, era penoso ouvir as conversas dele com Andrei. Quer dizer, Andrei *n’a pas le verbe facile*, embora apreciasse muito — sem entender de todo — aquela torrente enlouquecida de fantasias e fatos fantásticos, frequentemente exclamando, com seu ‘tssk-tssk’ russo e um balançar de cabeça lisonjeiro, ‘você é mesmo um *balagur* (pândego)!’. E então, certo dia, Demon me avisou que não voltaria mais se tornasse a ouvir a piada infeliz do pobre Andrei (*Nu i balagúr-je vi,*

*Dementi Labirintovitch*) ou o que Dorothy, *l'impayable* ('impagável por seu descaramento e insensatez') Dorothy, pensava sobre o fato de que eu acampava nas montanhas acompanhada apenas por Mayo, um caubói, para me proteger dos pumas."

"Dá para se saber mais alguma coisa sobre isso?", perguntou Van.

"Bem, ninguém soube. Tudo isso aconteceu numa época em que eu estava brigada com meu marido e minha cunhada, e por isso não podia controlar a situação. De qualquer modo, Demon não voltou nem quando estive a menos de quatrocentos quilômetros de lá. Simplesmente mandou pelo correio, de alguma casa de jogo, tua lindíssima carta sobre Lucette e o meu filme."

"Seria interessante conhecer também alguns detalhes sobre o leito conjugal — frequência das relações, apelidos para as verrugas secretas, cheiros prediletos..."

"*Platók momientálno* (um lenço, rápido)! Tua narina esquerda está cheia de jade molhado", disse Ada, apontando depois, na beira de um gramado, o sinal circular de borda vermelha que dizia *Chiens interdits* e que mostrava um impossível vira-lata preto com uma fita branca em volta do pescoço. Por que, perguntou, os magistrados suíços proibiam que um *terrier* escocês cruzasse com um poodle?

As últimas borboletas de 1905 — indolentes almirantes-vermelhos e mariposas-pavão, uma fritilária e um pierídeo — se esforçavam para aproveitar as modestas flores outonais. Um bonde passou à esquerda deles, rente ao caminho, onde descansaram e se beijaram cautelosamente uma vez cessado o gemido das rodas. Tocados pelo sol, os trilhos ganhavam uma bela coloração cobalto — o reflexo do meio-dia no metal brilhante.

"Vamos comer queijo e beber vinho branco debaixo daquela pérgula", sugeriu Van. "Hoje os irmãos Vinelander vão almoçar *à deux*."

Um tipo qualquer de aparelho tocava uma música de ritmo tropical; as malas abertas de um casal de tiroleses estavam desagradavelmente próximas, e Van subornou o garçom para que levasse a mesa deles para o lado de fora, sobre as tábuas de um embarcadouro aposentado. Ada admirou a população de aves aquáticas: patos pretos com plumas na cabeça e flancos brancos, que os faziam parecer alguém voltando das compras (esta e outras comparações são da lavra de Ada) e trazendo uma caixa fina e comprida (gravata nova? luvas?) debaixo de cada braço, enquanto o tufo negro lembrava a cabeça de Van aos catorze anos, com os cabelos molhados depois de um mergulho no riacho. Galeirões (que, afinal de contas, haviam voltado) nadavam com um curioso movimento de pistão no pescoço, semelhante ao andar dos cavalos. Mergulhões pequenos e grandes, estes últimos com cristas na cabeça mantida bem ereta, tinham algo de heráldico em sua atitude. Segundo Ada, eles executavam maravilhosos ritos nupciais, um bem defronte do outro, bem perto — assim (seus indicadores formando um

par de parênteses), como dois suportes para livros sem nenhum livro no meio, e balançando a cabeça, cada qual de uma vez, lançando reflexos cor de cobre.

“Eu te perguntei sobre os ritos do Andrei.”

“Ah, Andrei está tão excitado de ver todas essas aves europeias! Ele é um grande caçador e conhece nossas aves do Oeste excepcionalmente bem. Temos lá um pequeno mergulhão muito bonito, com uma faixa preta em volta de seu grosso bico branco. Andrei o chama de *piestrokliuvaia tchomga*. E aquele grande *tchomga* ali ele chama de *khokhluchka*. Se você fizer essa cara de zangado outra vez quando eu disser alguma coisa inocente e bastante divertida, vou te dar um beijo na ponta do nariz na frente de todo mundo.”

Um pouquinho artificial, abaixo de seu melhor padrão de humor Veen. Mas ela se recuperou num instante:

“Oh, olhe aquelas gaivotas querendo ver qual delas é a mais corajosa!”

Várias *rieuses*, algumas usando ainda os gorros pretos e apertados de verão, haviam pousado no corrimão vermelho que margeava o lago, as caudas viradas para o caminho, e competiam para ver quais delas continuariam corajosamente empoleiradas ao se aproximar o próximo caminhante. A maioria batia asas em direção ao lago quando Ada e Van chegavam perto; uma estremeceu as penas da cauda e fez um movimento semelhante ao de “dobrar os joelhos”, mas ficou firme enquanto eles passavam, mantendo-se plantada na balaustrada.

“Acho que só observamos essa espécie uma única vez no Arizona, num lugar chamado Saltsink, um tipo de lago artificial. Nossas gaivotas têm as pontas das asas inteiramente diferentes.”

Um mergulhão com crista na cabeça, boiando a certa distância da margem, começou a afundar devagar, devagar, muito devagar, e então, de repente, executou um mergulho voador em busca de um peixe, mostrando o ventre branco e lúcido antes de desaparecer dentro d'água.

“Por que diabos”, perguntou Van, “você não deixou ela saber, de um jeito ou de outro, que não estava zangada de verdade? Tua carta mentirosa fez com que ela se sentisse muito infeliz!”

“Ah!”, disse Ada. “Ela me deixou numa situação muito embaraçosa. Posso compreender perfeitamente que ficasse com raiva de Dorothy, que aliás não estava mal-intencionada, a boboca, suficientemente boboca para me alertar contra possíveis ‘infecções’, tal como a ‘lesbianite labial’. Imagine, *lesbianite labial* ! Mas isso não era motivo para que Lucette fosse procurar Andrei na cidade e lhe dissesse que era muito amiga do homem que eu havia amado antes de me casar. Ele não ousou me aborrecer com sua curiosidade reavivada, porém se queixou com Dorothy da *nieopravdannaiia jestókost* (crueldade injustificada) de Lucette.”

“Ada, Ada”, gemeu Van, “quero que você se livre desse teu marido, e da irmã dele, agora *mesmo!*”

“Me dê quinze dias”, ela disse, “tenho de voltar ao rancho. Não consigo nem imaginar ela remexendo nas minhas coisas!”

De início tudo pareceu acontecer de acordo com as instruções de algum gênio benfazejo.

Para grande alegria de Van (cujas manifestações de mau gosto não foram nem perdoadas nem condenadas por sua amante), Andrei ficou de cama com um resfriado durante quase toda a semana. Dorothy, uma enfermeira nata, se mostrou muito superior a Ada (que, nunca tendo ficado doente, era incapaz de suportar a simples visão de alguém enfermo) à beira da cama, lendo para o paciente, que suave e se sentia sufocado, velhos números do jornal *Gólos Fêniksa*; na sexta-feira, porém, o médico do hotel providenciou sua ida para o hospital americano que ficava perto dali, onde nem mesmo sua irmã foi autorizada a visitá-lo “devido à constante necessidade de realizar exames de rotina” — ou seja, porque o pobre coitado queria enfrentar o desastre numa solidão máscula.

Nos dias seguintes, Dorothy empregou seu tempo livre para espionar Ada. A mulherzinha estava certa de três coisas: que Ada tinha um amante na Suíça; que Van era irmão dela; e que ele organizava as reuniões secretas de sua irresistível irmã com a pessoa que ela havia amado antes de casar-se. A deliciosa circunstância de que as três proposições eram verdadeiras, embora não fizessem o menor sentido quando apresentadas separadamente, proporcionou a Van outra fonte de divertimento.

Os três cisnes que davam nome ao hotel o tornavam um bastião inexpugnável. Quem quer que fizesse alguma pergunta, por telefone ou em pessoa, era informado pelo *concierge* ou por seus acólitos de que Van tinha saído, que *Mme. André Vinelander* era desconhecida e que só podiam anotar as mensagens. O carro, estacionado num bosque isolado, não podia trair sua presença. De manhã ele sempre usava o elevador de serviço que dava diretamente no pátio traseiro. Lucien, com um quê de comediante, logo aprendeu a reconhecer o contralto de Dorothy: “*La voix cuivrée a téléphoné*”, “*La Trompette n’était pas contente ce matin*” etc. E então as fadas benfazejas tiraram um dia de folga.

Andrei tinha sofrido uma hemorragia copiosa durante uma viagem de negócios a Phoenix em agosto. Sendo um otimista teimoso e independente, conquanto pouco brilhante, atribuiu-a a um sangramento do nariz que tomara o caminho errado e a ocultou de todo mundo a fim de evitar “conversas tolas”. Havia muitos anos ele tinha aquela espécie de tosse cavernosa típica de quem fuma dois maços por dia, mas, quando pouco após o primeiro “sangramento pós-nasal” cuspiu um muco escarlata na pia, resolveu abandonar os cigarros e limitar-se aos



*tsigarki* (cigarrilhas). O *contretemps* seguinte ocorreu na presença de Ada, nas vésperas da partida deles para a Europa; conseguiu desfazer-se do lenço manchado de sangue antes que Ada o visse, porém ela se lembrava de tê-lo ouvido dizer “*Vot te na*” (coisa estranha) com voz preocupada. Acreditando, como quase todos os estocianos, que os melhores médicos eram encontrados na Europa Central, decidiu que, se voltasse a escarrar sangue, veria um especialista em Zurique cujo nome obtivera com um membro de seu “clube” (lugar de encontro de gente interessada em ganhar mais dinheiro). O hospital americano de Valvey, próximo à igreja russa construída por Vladimir Chevalier, seu tio-avô, provou ser suficientemente competente para diagnosticar uma tuberculose avançada no pulmão esquerdo.

No início da tarde de quarta-feira, 22 de outubro, Dorothy, tentando “freneticamente” localizar Ada (que, após sua visita costumeira aos Três Cisnes, passava algumas horas proveitosas no Salão de Beleza e Cabeleireiro Paphia), deixou uma mensagem para Van, que só a recebeu tarde da noite, ao retornar de uma viagem a Sorcière, no Valais, cerca de cento e sessenta quilômetros a leste. Lá ele tinha comprado uma *villa* para ele e sua “prima”, jantando depois com a antiga proprietária e viúva de um banqueiro, a simpática *Mme. Scarlet*, e sua filha Eveline, uma rapariga loura e cheia de espinhas, embora bonita. Ambas pareciam eroticamente excitadas pela rapidez da transação.

Ele ainda estava calmo e confiante; após estudar cuidadosamente o relatório histórico de Dorothy, continuava a crer que nada ameaçava o destino deles; que, na melhor das hipóteses, Andrei morreria bem depressa, poupando a Ada o aborrecimento de um divórcio; e que, no pior dos casos, o sujeitinho seria mandado para um sanatório de montanha tal como recomendado nos melhores romances do gênero, onde morreria aos poucos ao longo das poucas páginas do epílogo em que tudo era resolvido, bem longe da realidade que *eles* estariam vivendo a dois. Na sexta-feira de manhã, às nove horas — tal como combinado na véspera —, foi de carro até o Bellevue com o plano agradável de levá-la a Sorcière para mostrar-lhe a casa.

Durante a noite, apropriadamente, uma tempestade havia quebrado a espinha daquele verão milagroso. De forma ainda mais apropriada, a chegada súbita de sua menstruação havia restringido as carícias da véspera. Chovia quando ele bateu a porta do carro, arregaçou as calças de veludo e, driblando as poças, passou entre uma ambulância e um enorme Yak preto estacionados diante do hotel. Todas as portas do Yak estavam escancaradas e dois carregadores haviam começado a arrumar a bagagem sob a supervisão dos motoristas: várias partes do velho táxi respondiam com rangidos discretos aos grunhidos dos carregadores.

De repente, deu-se conta do frio reptiliano que a chuva causava em sua calvície nascente e se aprestou a entrar pela porta giratória de vidro quando dela emergiu Ada, lembrando aqueles barômetros esculpido em madeira de cujas portas sai um bonequinho do sexo masculino ou feminino. Sua roupa — a capa de chuva cobrindo um vestido fechado no pescoço, o lenço envolvendo os cabelos puxados para cima, a bolsa de crocodilo pendurada ao ombro — formava um conjunto algo *démodé* e até provinciano. “Ela não tinha nenhum rosto para mostrar”, como dizem os russos para descrever uma expressão de absoluta tristeza.

Contornando o hotel, Ada o levou a uma feia rotunda para escapar da lúgubre garoa e tentar beijá-lo, mas Van evitou seus lábios. Ela estava partindo dentro de alguns minutos. O heroico e combalido Andrei fora trazido de volta para o hotel numa ambulância. Dorothy tinha conseguido reservar três assentos no voo de Genebra para Phoenix. Os dois carros levariam ele, ela e a também heroica irmã diretamente para o também lúgubre aeroporto.

Ada lhe pediu um lenço, recebendo o de cor azul tirado do bolso do casaco impermeável, mas as lágrimas já estavam correndo e ela cobriu os olhos enquanto ele ficou à sua frente com a mão estendida.

“Parte da encenação?”, Van perguntou com frieza.

Ada balançou a cabeça, pegou o lenço com um “*merci*” de menininha, assoou o nariz e suspirou, engoliu em seco e começou a falar — e, no momento seguinte, tudo estava perdido.

Não podia dizer nada a seu marido enquanto ele estava doente. Van teria de esperar até que Andrei estivesse suficientemente recuperado para suportar a notícia, o que poderia levar algum tempo. Naturalmente, ela teria de fazer todo o possível para vê-lo curado, havia um homem milagroso no Arizona...

“É como dar uma ajeitadinha em alguém antes de enforcá-lo”, disse Van.

“E pensar”, lamentou Ada com um gesto desgracioso, como o que se faz ao deixar cair uma tampa ou uma bandeja, “pensar que ele se esforçou tanto para esconder tudo! Ah, é claro que não posso abandoná-lo numa hora dessas!”

“É, a velha história — o tocador de flauta cuja impotência precisava ser tratada, o guarda-marinha temerário que talvez nunca retorne de uma guerra distante!”

“*Ne ricane pas!*”, exclamou Ada. “O pobrezinho! Como você ousa zombar dele?”

Como era característico de seu temperamento desde a juventude, Van tinha a propensão de aliviar seus acessos de raiva e frustração fazendo declarações bombásticas e enigmáticas que machucavam tanto quanto uma unha quebrada presa no cetim, o forro do Inferno.

“Castelo Verdadeiro, Castelo Brillhante!”, disse em voz alta. “Helena de Troia, Ada de Ardis! Você traiu a Árvore e a Mariposa!”

“*Perestagne (pare)! ”*

“Ardis Um, Ardis Dois, Manhattan e agora Monte Ruivo...”

“*Perestagne!* ”, repetiu Ada (como uma imbecil lidando com um epiléptico).

“*Oh! Qui me rendra mon Hélène...*”

“Ah, *perestagne!*”

“... *et le phalène.*”

“*Je t’emprie* (eu te peplico) [*prie* (peço) e *supplie* (suplico)], pare, Van. *Tu sais que j’en vais mourir.*”

“Mas, mas, mas...” (dando a cada vez um tapa na testa) “... estar a um passo da, da, da... e vem esse idiota se fazer de Keats!”

“*Bóje moi*, tenho de ir. Me diga alguma coisa, meu querido, meu único adorado, alguma coisa que me ajude!”

Houve um estreito despenhadeiro de silêncio, quebrado apenas pela chuva que tamborilava nas folhas.

“Fique comigo, garota”, disse Van esquecendo tudo — o orgulho, a raiva, as convenções corriqueiras da comisseração.

Por um instante ela pareceu hesitar — ou ao menos considerar a hipótese de hesitar; mas uma voz ressonante chegou até eles vinda da aleia onde Dorothy, portando uma capa cinzenta e um chapéu masculino, acenava energicamente com o guarda-chuva aberto.

“Não posso, não posso, vou te escrever”, murmurou meu pobre amor em lágrimas.

Van beijou-lhe a mão fria como uma folha e, deixando que o Bellevue se preocupasse com seu carro, deixando que todos os Cisnes se preocupassem com suas coisas e *Mme. Scarlet* se preocupasse com os problemas de pele de Eveline, caminhou uns dez quilômetros por estradas encharcadas até Rennaz, dali voando para Nice, Biskra, o Cabo, Nairobi, a cordilheira Basset...

*E sobre os picos do Basset...*

Será que ela escreveria? Ah, escreveu! Ah, tudo correu às mil maravilhas! A fantasia e os fatos apostaram uma corrida sem fim ao som das risadas das mocinhas. Andrei só viveu mais alguns meses, *po páltzam* (contando nos dedos) um, dois, três, quatro — digamos, cinco. Andrei estava indo muito bem na primavera de 1906 ou 1907, com um pulmão confortavelmente colapsado e uma barba cor de palha (nada como a vegetação facial para manter um paciente ocupado). A vida bifurcou-se e voltou a bifurcar-se. Sim, ela lhe contou tudo. Ele insultou Van na varanda de um hotel, na cidade de Douglas, quando Van esperava por sua Ada numa versão final de *Les Enfants Maudits. Monsieur de Tobak* (um corno mais antigo) e lorde Erminin (que servia de segundo pela segunda vez) testemunharam o duelo na companhia de algumas iúcas altas e de uns cactos baixos. Vinelander usava fraque

(como era de esperar); Van, um terno branco. Como nenhum dos dois queria correr riscos, atiraram simultaneamente. Caíram ambos. A bala do sr. Fraque atingiu o lado externo da sola do sapato esquerdo (branco, com salto preto) de Van, fazendo-o tropeçar e causando um ligeiro *fourmillement* (formigas excitadas) em seu pé — só isso. Van acertou o adversário em pleno baixo-ventre — um ferimento grave do qual ele se recuperou após algum tempo, se é que se recuperou (aqui a bifurcação se perde em meio ao nevoeiro). Na verdade, tudo foi muito mais tedioso.

Então ela escreveu como prometera? Ah, sim, escreveu! Ao longo de dezessete anos ele recebeu cerca de cem bilhetinhos, cada qual contendo cerca de cem palavras, totalizando cerca de trinta páginas impressas de coisas insignificantes — sobretudo a respeito da saúde do marido e da fauna local. Após ajudá-la a cuidar de Andrei no Rancho Agávia durante alguns anos acrimoniosos (ela via com maus olhos cada horinha que Ada dedicava a caçar borboletas, preparar os mostruários e criar as larvas!) e de opor-se ao fato de Ada escolher a famosa e excelente Clínica Grotonovitch (para os infundáveis períodos de tratamento do marido) em vez do luxuoso sanatório da princesa Alachin, Dorothy Vinelander se retirou para uma cidade-monastério na região subártica (Ilemna, hoje Novostabia), onde mais tarde se casou com um sr. Brod ou Bred, carinhoso e apaixonado, moreno e bonitão, que era comerciante de hostiários e de outros objetos sacramentais em todos os *Siéviernia Tierrítóri* e que, subseqüentemente, dirigiu — e pode ainda estar dirigindo, meio século depois — as reconstituições arqueológicas em Goreloe (o “Herculanum da Liasca”). Que tesouros ele desenterrou no matrimônio, essa é outra questão.

O estado de saúde de Andrei foi se deteriorando sem cessar, porém de forma muito lenta. Durante seus dois ou três últimos anos de lânguida existência, passados sobre sofás com articulações em que cada segmento podia ser ajustado em mil ângulos diferentes, ele perdeu a fala, embora ainda fosse capaz de sacudir ou balançar a cabeça, franzir as sobrancelhas num esforço de reflexão ou esboçar um sorriso ao inalar o cheiro de comida (na verdade a origem de nossas primeiras beatitudes). Morreu numa noite de primavera, sozinho num quarto de hospital, e no verão do mesmo ano (1922) sua viúva doou as coleções de arte do casal a um museu do Parque Nacional e tomou um avião para a Suíça a fim de ter uma “entrevista exploratória” com um Van Veen aos cinquenta e dois anos de idade.

## QUARTA PARTE

E foi então que um gaiato perguntou, com o ar arrogante de alguém que pede para ver a carteira de motorista de um senhor respeitável, como o professor reconciliava sua recusa de conceder ao futuro o status de Tempo com o fato de que ele, o futuro, não podia de fato ser considerado inexistente, pois “implicava ao menos uma ideia importantíssima, a da necessidade absoluta”.

Expulsá-lo da sala. Quem disse que *eu* vou morrer?

Refutando o argumento do determinista com mais elegância: longe de esperar por nós um pouco mais à frente com seu cronógrafo e seu nó corrediço, a não consciência envolve tanto o Passado quanto o Presente por todos os lados, sendo uma manifestação não do próprio Tempo mas do declínio orgânico natural de todas as coisas, tenham elas ou não consciência do Tempo. O fato de que eu saiba que os outros morrem é irrelevante no caso. Também sei que você, e provavelmente eu, nascemos, porém isso não *prova* que passamos pela fase temporal chamada Passado: meu Presente, meu breve período de consciência, me diz que isso aconteceu, e não o trovão silencioso de infinita inconsciência que marcou meu nascimento cinquenta e dois anos e cento e noventa e cinco dias atrás. Minha primeira recordação data de meados de julho de 1870, isto é, de meu sétimo mês de vida (na maioria das pessoas, obviamente, a consciência retentiva começa algo depois, aos três ou quatro anos de idade), quando, certa manhã, em nossa *villa* na Riviera, um pedaço de ornamento feito de gesso verde, deslocado do teto por um terremoto, desabou no meu berço. Como os cento e noventa e cinco dias que precederam esse evento são indistinguíveis da inconsciência infinita, eles não podem ser incluídos no tempo perceptivo, de tal modo que, no tocante à minha mente e ao orgulho de possuí-la, eu tenho hoje (meados de julho de 1922) exatamente cinquenta e dois anos, *et trêve de mon style plafond peint*.

Ainda no que tange ao tempo individual, perceptivo, posso dar marcha a ré no meu Passado, desfrutando esse momento de recordação tanto quanto desfrutei a cornucópia da qual um abacaxi de estuque por pouco não atingiu minha cabeça, e postular que, no próximo segundo, um cataclismo cósmico ou corporal poderia... não me matar, mas me fazer mergulhar num estado permanente de estupor de

um tipo sensacionalmente novo para a ciência, roubando assim à morte natural qualquer sentido lógico ou temporal. Além do mais, esse raciocínio se aplica ao bem menos interessante (embora importante, sem dúvida importante) Tempo Universal (“passamos umas boas horas cortando cabeças”), também conhecido como Tempo Objetivo (na verdade, um tecido grosseiro urdido a partir de tempos pessoais), numa palavra, a história da humanidade e do humor, esse tipo de coisa. Nada impede a humanidade de não ter nenhum futuro — se, por exemplo, nosso gênero desenvolver, mediante avanços imperceptíveis (este é o pulo do gato de meu argumento), uma espécie *novo sapiens* ou um subgênero totalmente diverso, que gozará de outras formas de ser e de sonhar não restritas às noções de Tempo do ser humano. Nesse sentido, o ser humano jamais morreria, porque pode não haver um ponto taxonômico no progresso evolucionário capaz de ser identificado como seu último estágio no cline que o transformará no *Neohomo* ou em algum horrível muco palpitante. Acho que nosso amigo não vai nos chatear outra vez.

Meu propósito ao escrever *A textura do Tempo*, obra difícil, deleitável e bem-aventurada que estou prestes a depositar sobre a escrivãzinha já iluminada do leitor ainda ausente, é purificar minha própria noção do Tempo. Quero examinar a essência do Tempo, não sua passagem, pois não creio que sua essência possa ser reduzida a seu transcurso. Quero acariciar o Tempo.

Pode-se amar o Espaço e suas possibilidades: tome, por exemplo, a velocidade, o acetinado e o zunido de espada da velocidade; a glória aquilina de domar a velocidade; o grito de alegria da curva. Ou se pode ser um amante do Tempo, um epicurista da duração. Eu me deleito sensualmente com o Tempo, com seu estofo e sua largura, com o caimento de suas dobras, com a própria impalpabilidade de sua gaze cinzenta, com a brisa fresca de seu *continuum*. Quero fazer alguma coisa com isso, entregar-me a um simulacro de posse. Bem sei que todos que tentaram alcançar o castelo encantado se perderam na obscuridade ou atolaram no Espaço. Sei também que o Tempo é um meio de cultura perfeito para criar metáforas.

Por que é tão difícil — tão vergonhosamente difícil — focalizar mentalmente a noção de Tempo e lá mantê-la para exame? Que esforço, quantas tentativas vãs, que cansaço irritante! É como tatear no porta-luvas à procura do mapa rodoviário — pescando o Montenegro, os Alpes Dolomíticos, notas de dinheiro, um telegrama, tudo menos aquela região caótica entre Ardez e sei-lá-o-quê-soprano, de noite, enquanto a chuva cai lá fora, tentando aproveitar um sinal vermelho em meio às trevas, com os limpadores de para-brisa funcionando como metrônimos, cronometricamente: o dedo cego do espaço furando e rasgando a textura do tempo. Mil e quinhentos anos atrás, nos seus embates com o mesmo tema, Aurelius Augustinus, ele também, viveu

esse tormento estranhamente físico da mente que se torna mais e mais rasa, os *schekótiki* (as cócegas) da aproximação, as evasões do cérebro exausto — mas ele, ao menos, podia recarregar seu cérebro com a energia que Deus lhe dava (colocar aqui uma nota de pé de página sobre o prazer que é vê-lo atacar seu trabalho ao mesmo tempo que intercala as cogitações, entre as dunas e as estrelas, com vigorosas sessões de preces).

Mais uma vez perdido. Onde eu estava? Onde estou? Estrada lamacenta. Carro parado. O tempo é ritmo; o ritmo dos insetos numa noite quente e úmida, ondinhas no cérebro, respiração, o martelar na minha têmpora — esses são nossos relógios fiéis; e a razão corrige o batuque febril. Um de meus pacientes era capaz de discernir o ritmo de clarões que se sucediam a cada três milissegundos (0,003!). Adiante.

O que me cutucou, o que me reconfortou agora há pouco, no intervalo entre dois pensamentos? Ah, sim. Talvez a única coisa que sugere o sentido do Tempo é o ritmo; não as batidas recorrentes do ritmo, mas o hiato entre duas dessas batidas, a brecha cinzenta entre dois batimentos negros: o Suave Intervalo. A pulsação regular apenas traz de volta a triste ideia da mensuração, mas é entre elas que se esconde algo como o verdadeiro Tempo. Como posso extraí-lo desse vão macio? O ritmo não deve ser nem muito lento nem muito rápido. Uma batida por minuto já está além de meu senso de sucessão, cinco oscilações por segundo geram uma mancha impossível de ser compreendida. O ritmo largo faz com que o Tempo se dissolva, o ritmo acelerado o expulsa. Dê-me três segundos, digamos, e posso fazer as duas coisas: perceber o ritmo e sondar o intervalo. Um vão, eu disse? Um buraco sombrio? Mas isso nada mais é do que Espaço, o vilão da comédia que volta pela porta dos fundos trazendo o pêndulo que busca vender, enquanto eu tateio em busca do significado do Tempo. O que me esforço para apreender é precisamente o Tempo que o Espaço me ajuda a medir — e não surpreende que não apreenda o Tempo, já que a própria absorção de conhecimento “toma tempo”.

Se meu olho me diz alguma coisa sobre o Espaço, o ouvido me diz algo sobre o Tempo. Mas, enquanto o Espaço pode ser contemplado, talvez de modo ingênuo porém direto, só posso ouvir o Tempo entre dois pontos acentuados, durante um breve momento côncavo, cheio de cuidados e preocupações, com a consciência crescente de que não estou ouvindo o próprio Tempo, e sim a corrente sanguínea circulando através de meu cérebro e daí para o coração ao longo das veias do pescoço, de volta à sede dos espasmos e das dores que nada têm a ver com o Tempo.

A direção do Tempo, a *ardis* do Tempo, o Tempo de mão única, eis aqui algo que me parece útil em determinado momento, mas, no momento seguinte, decai para o nível de uma ilusão obscuramente vinculada aos mistérios do crescimento e da gravitação. A



irreversibilidade do Tempo (que, para começar, não está indo a lugar nenhum) é uma questão demasiado paroquial: se nossos órgãos não fossem assimétricos, nossa visão do Tempo poderia ter sido anfi-teátrica e simplesmente grandiosa, como montanhas escarpadas em noite escabrosa circundando um vilarejo cintilante e satisfeito. É-nos dito que, se uma criatura perde os dentes e se torna uma ave, o melhor que pode fazer ao necessitar outra vez de dentes é desenvolver um bico serrilhado, nunca a verdadeira dentição que outrora possuiu. Estamos no Eoceno e os atores são fósseis. É um exemplo divertido de como a natureza trapaceia, mas tem tanta relação com o Tempo essencial, retilíneo ou circular, quanto o fato de que escrevo da esquerda para a direita tem a ver com o fluxo de meu pensamento.

E, falando de evolução, será que podemos imaginar a origem do Tempo, seus elos, as mudanças evolutivas que foram rejeitadas? Terá havido uma forma “primitiva” de Tempo na qual, por exemplo, o Passado não estava claramente diferenciado do Presente, de tal modo que sombras e formas antigas apareciam no “agora” ainda tenro, longo, larval? Ou essa evolução só teve impacto na mensuração do tempo, da ampulheta ao relógio atômico, daí ao pulsar portátil? E *quanto* tempo foi necessário para o Velho Tempo se transformar no Tempo de Newton? “Pondere sobre o ovo”, como dizia o galo francês para suas galinhas, fazendo um jogo de palavras com “*pondre*” (pôr).

Tempo Puro, Tempo Perceptivo, Tempo Tangível, Tempo sem nenhum conteúdo, contexto ou comentário paralelo — este é o *meu* tempo e tema. Todo o resto não passa de símbolo numérico ou algum aspecto do Espaço. A textura do Espaço não é a mesma do Tempo, e o cavalo mestiço de quatro dimensões criado pelos relativistas é um quadrúpede em que um dos membros foi substituído pelo fantasma de uma perna. Meu tempo é também o Tempo Imóvel (em breve cuidaremos do tempo “que passa”, tempo de relógios de água, tempo de vasos sanitários).

O Tempo que me interessa é apenas o Tempo que eu fiz parar e do qual minha mente cuida com toda a atenção. Assim, seria ocioso e perverso envolver-me com o tempo “que passa”. Naturalmente, gasto mais tempo me barbeando quando meu cérebro fica “experimentando” palavras; naturalmente, só me conscientizo disso quando olho para o relógio; naturalmente, aos cinquenta anos de idade, um ano parece passar mais depressa porque é uma fração menor de meu estoque crescente de existência e também porque me aborreço com menos frequência do que o fazia como criança entre uma brincadeira chata e um livro ainda mais chato. Mas essa “aceleração” depende precisamente do fato de que a pessoa não presta atenção no Tempo.

É uma empreitada curiosa, essa tentativa de determinar a natureza de algo que consiste em fases ilusórias. No entanto, confio em que meu leitor, que no momento está franzindo a testa ao ler estas linhas (mas ignorando, pelo menos, seu café da manhã), concordará comigo em

que não há nada mais esplêndido do que o pensamento solitário. E o pensamento solitário deve marchar em frente, ou — para usar uma analogia menos antiga — seguir adiante, por exemplo, a bordo de um carro grego maravilhosamente sensível e bem equilibrado que demonstra sua boa índole e estabilidade a cada curva da estrada alpina.

Cumpramos nos desembaraçarmos de duas falácias antes de continuar. A primeira é a confusão entre elementos temporais e espaciais. O Espaço, este impostor, já foi denunciado nas presentes anotações (que estão sendo redigidas durante um descanso de algumas horas numa viagem crucial); seu julgamento será realizado num estágio posterior de nossa investigação. A segunda falsidade corresponde a um costume semântico imemorial. Consideramos o Tempo uma espécie de riacho, tendo pouco a ver com uma verdadeira torrente de montanha, em que a espuma branca contrasta com os rochedos negros, ou um grande rio esverdeado num vale ventoso, mas correndo sempre por nossas paisagens cronográficas. Estamos tão acostumados a esse espetáculo mítico, temos tamanha ânsia de liquefazer cada etapa de nossa vida, que terminamos por ser incapazes de falar sobre o Tempo sem falar de um movimento físico. Na realidade, é óbvio, a sensação de movimento deriva de muitas fontes naturais, ou ao menos familiares — o conhecimento inato do corpo de sua própria circulação sanguínea, a ancestral vertigem causada pelas estrelas ao cruzar os céus e, naturalmente, nossos métodos de mensuração, tais como a linha rastejante de sombra de um gnômon, o escoar de uma ampulheta, o trote de um ponteiro de minutos — e aqui estamos de volta ao Espaço. Notem as molduras, os receptáculos. A ideia de que o Tempo “corre” tão naturalmente quanto uma maçã cai com um baque sobre uma mesa de jardim implica que ele corre em e através de alguma coisa; e, se considerarmos que esta “alguma coisa” é o Espaço, então temos apenas uma metáfora correndo ao longo de uma fita métrica.

Mas, *anime meus*, cuidado com a ondulação feita nos cabelos com ferro quente, chamada “*marcel*”, quando se transforma em moda artística; evite a cama proustiana e o trocadilho assassino (ele próprio um suicida, como observarão aqueles que conhecem seu Verlaine).

Estamos prontos agora para lidar com o Espaço. Rejeitamos sem remorso o conceito artificial do tempo corrompido pelo espaço, do tempo parasitado pelo espaço, o espaço-tempo da literatura relativista. Qualquer um, se assim quiser, pode sustentar que o Espaço é o lado externo do Tempo, ou o corpo do Tempo, ou que o Espaço está impregnado de Tempo ou vice-versa, ou que de alguma maneira especial o Espaço é apenas o excremento do Tempo, até mesmo seu cadáver, ou que, no longo prazo, num prazo infinitamente longo, o Tempo é o Espaço. Esse tipo de conversa fiada pode ser agradável, sobretudo quando se é jovem; mas ninguém conseguirá me fazer

acreditar que o movimento de um corpo (digamos, um ponteiro) ao longo de um pedaço específico de Espaço (digamos, um mostrador) é por natureza idêntico à “passagem” do tempo. Um corpo em movimento simplesmente percorre uma extensão de outro corpo palpável com relação ao qual é medido, mas nada nos diz acerca da verdadeira estrutura do Tempo impalpável. Similarmente, uma fita graduada, mesmo se tivesse um comprimento infinito, não é o próprio Espaço, nem pode o mais preciso odômetro representar a estrada que vejo como um espelho negro de chuva sob as rodas que giram, que escuto como um farfalhar viscoso, que afeta meus nervos olfativos como uma noite úmida de julho nos Alpes, que sinto como uma base lisa. Nós, pobres espacianos, no nosso Lacrimavale tridimensional estamos mais bem-adaptados ao Comprimento que à Duração: nosso corpo é capaz de se esticar mais do que nossa memória volitiva pode pretender. Sou incapaz de memorizar (embora ainda ontem tenha procurado reduzi-lo a alguns elementos mnemônicos) o número da placa de meu novo carro, mas sinto o asfalto sob os pneus dianteiros como se eles fizessem parte de meu corpo. No entanto, o próprio Espaço (como o Tempo) não é algo que eu possa compreender: um lugar onde ocorre um movimento. Um plasma em que a matéria — concentrações de plasma espacial — é confinada e organizada. Podemos medir os glóbulos de matéria e as distâncias entre eles, mas o plasma do Espaço, ele próprio, é incomputável.

Medimos o Tempo (o ponteiro de segundos trota e o ponteiro de minutos se move aos arrancos de uma marca pintada para outra) em termos de Espaço (sem saber a natureza de um e de outro), mas a medição do Espaço nem sempre exige o Tempo — ou ao menos não exige mais tempo do que contém em seu bojo o ponto “agora” do presente enganador. A posse perceptiva de uma unidade de espaço é praticamente instantânea quando, por exemplo, o olhar de um motorista experimentado observa um sinal na estrada — a boca negra e a bela arquivolta dentro de um triângulo vermelho (uma mistura de cor e forma reconhecida em um “nada”, desde que vista adequadamente, como representando um túnel rodoviário) ou algo de menor importância imediata como o delicioso símbolo de Vênus — ♀, que poderia ser erroneamente interpretado como uma permissão para que as putinhas pedissem carona, mas na verdade informa ao crente ou ao turista que uma igreja está refletida no rio local. Sugiro um pé de mosca (¶) para as pessoas que leem enquanto dirigem.

O Espaço está ligado aos sentidos da visão e do tato, bem como ao esforço muscular; o Tempo mantém uma vaga relação com a audição (embora um surdo possa perceber a “passagem” do tempo de uma forma incomparavelmente melhor do que uma pessoa cega e sem pernas pode compreender a própria ideia de “passagem”). “O Espaço é um fervilhar diante dos olhos, o Tempo um tintinar no ouvido”, disse um

poeta moderno, John Shade, tal como citado por um filósofo imaginário (“Martin Gardiner”) na obra *O Universo ambidestro*, página 165. Quando *Monsiuer* Bergson usa suas tesouras, o Espaço cai lentamente ao solo, mas o Tempo permanece entre o pensador e o polegar. O Espaço coloca seus ovos nos ninhos do Tempo: um “antes” aqui, um “depois” acolá, e surge uma ninhada salpicada de “pontos mundiais” de Minkowski. Uma extensão de Espaço é organicamente mais fácil de medir mentalmente que uma “extensão” de Tempo. A noção de Espaço deve ter sido formada antes da noção de Tempo (Guyau tal como citado por Whitrow). O nada indistinguível (Locke) do espaço infinito é mentalmente distinguível (e na verdade não poderia ser imaginado se não o fosse) do vazio ovoide do Tempo. O Espaço se alimenta de números irracionais, o Tempo não pode ser reduzido a raízes e rabiscos num quadro-negro. A mesma área do Espaço pode parecer mais extensa para uma mosca do que para S. Alexander, mas um momento para ele *não* significa “várias horas para uma mosca”, porque, se assim fosse, as moscas não fariam a besteira de esperar para serem mortas com um tapa. Não consigo imaginar o Espaço sem o Tempo, mas sou perfeitamente capaz de imaginar o Tempo sem o Espaço. O “Espaço-Tempo” — eis aí um horrível híbrido em que até o hífen parece falso. Alguém pode odiar o Espaço e amar o Tempo.

Há pessoas que têm a capacidade de dobrar mapas rodoviários. Não é o caso do autor deste livro.

A essa altura, suspeito que deva dizer algo sobre minha atitude acerca da “Relatividade”. Não é nada favorável. O que muitos cosmogonistas tendem a aceitar como uma verdade objetiva é realmente o erro inerente à matemática que se pavoneia de verdade. O corpo de uma pessoa assustada movendo-se no Espaço fica mais curto na direção do movimento e se reduz de forma catastrófica à medida que a velocidade se aproxima daquele limite que, por força de uma fórmula fajuta, jamais pode ser ultrapassado. O problema é dessa pessoa, não meu — mas me recuso até mesmo a considerar aquela história de que o relógio dela começa a andar mais devagar. O Tempo, que exige a mais absoluta pureza de consciência para ser adequadamente apreendido, é o elemento mais racional da vida, e minha razão se sente ofendida por esses voos de Ficção Tecnológica. Uma inferência particularmente grotesca, derivada (por Engelwein, creio eu) da Teoria da Relatividade — e que a destrói, caso tenha sido derivada corretamente —, é que o galactonauta e seus animais domésticos, após excursionar pelos espetaculosos spas do Espaço, retornariam mais moços do que se tivessem ficado em casa todo o tempo. Imaginem-nos saindo de sua arcaérea — tal qual aqueles rotarianos, rejuvenescidos por suas berrantes roupas esportivas, saltando de enormes ônibus de excursão que param, com as luzes piscando horivelmente, em frente

ao carro de um motorista impaciente justo ali onde a estrada se estreita para atravessar os gargalos de uma aldeia de montanha.

Pode se considerar que dois eventos são percebidos como tendo ocorrido simultaneamente quando pertencem ao mesmo período de atenção; do mesmo modo (símile insidiosa, obstáculo irremovível!), é possível se apossar visualmente de uma unidade de espaço — por exemplo, um anel vermelho-alaranjado com a imagem frontal de um carrinho de brinquedo no círculo central branco, proibindo o uso da pista na qual, apesar disso, me lancei com um *coup de volant* furioso. Sei que os relativistas, prejudicados por seus “sinais luminosos” e “relógios de viagem”, tentam demolir a ideia da simultaneidade na escala cósmica, mas tratemos de imaginar uma mão gigantesca com um polegar numa estrela e o mindinho em outra: não estaria esta mão tocando ambas ao mesmo tempo? Ou será que as coincidências táteis são ainda mais enganadoras que as visuais? Acho melhor dar marcha a ré e sair desta passagem.

Uma tal seca atingiu a cidade de Hippo nos anos mais produtivos do episcopado de Santo Agostinho que as clepsidras tiveram de ser substituídas por ampulhetas que utilizavam areia. Ele definiu o Passado como aquilo que não mais é, e o Futuro como aquilo que ainda não é (na verdade, o futuro é um fantasma pertencente a outra categoria de pensamento essencialmente diferente daquela em que se insere o Passado, o qual, pelo menos, estava aqui um momento atrás — onde é que o pus? No bolso? Mas a própria busca já é “passado”).

O Passado é imutável, intangível e impossível de ser visitado — termos que não se aplicam a essa ou aquela área do Espaço que eu vejo, por exemplo, como uma mansão branca e sua garagem ainda mais branca (mais nova) com sete ciprestes de altura desigual, domingo alto e segunda-feira baixa, sobranceando a estradinha particular que serpenteia entre urzes e arbustos de carvalho até chegar à estrada pública que liga Sorcière à autoestrada para Mont Roux (distante ainda uns cento e cinquenta quilômetros).

Examinarei agora o Passado como uma acumulação de *sensa*, e não como a dissolução do Tempo que estaria implícita nas metáforas imemoriais que conotam transição. A “passagem do tempo” é apenas uma invenção da mente sem contrapartida objetiva, mas que dá origem a fáceis analogias espaciais. Ele é visto somente pelo retrovisor, formas e sombras, pinheiros e lariças ficando silenciosamente para trás: o desastre perpétuo do tempo que se vai, deslizamentos de terra, estradas de montanha sobre as quais sempre rolam pedras e onde há sempre homens trabalhando.

Construímos modelos do passado e depois os usamos espaciologicamente para reificar e medir o Tempo. Tomemos um exemplo familiar. Zembre, uma cidadezinha antiga à margem do rio Minder, perto de Sorcière, no Valais, estava desaparecendo aos poucos

em meio a novos edifícios. Por volta do início deste século, adquirira uma aparência definitivamente moderna, e pessoas com espírito de preservação puseram mãos à obra. Hoje, após anos e anos de cuidadosa reconstrução, uma réplica da velha Zembre — com seu castelo, sua igreja e seu moinho extrapolados para a outra margem do Minder — ergue-se em frente à cidade modernizada, dela separada pela extensão de uma ponte. Ora, caso substituíssemos a visão espacial (tal como se estivéssemos num helicóptero) pela visão temporal (tal como dada por um retrospector), e o modelo material da velha Zembre pelo modelo mental dela no Passado (digamos, por volta de 1822), verificaríamos que a cidade moderna e o modelo da velha cidade não são dois pontos no mesmo lugar em momentos diferentes (enquanto, na perspectiva espacial, elas *estão* no mesmo momento em lugares diferentes). O espaço no qual a cidade moderna se ergue é imediatamente real, enquanto o de sua imagem retrospectiva (distinta da restauração material) é vislumbrada tenuamente num espaço imaginário, não sendo possível usar uma ponte para caminhar de um para o outro. Em outras palavras (expressão útil quando tanto o escritor quanto o leitor por fim chafurdam numa irremediável confusão mental), ao formularmos um modelo da velha cidade em nossa mente (e na margem do Minder), tudo o que fazemos é dar-lhe um caráter espacial (ou de fato arrancá-la de seu elemento para deixá-la às margens do Espaço). Assim, o termo “um século” não corresponde *de modo algum* aos cem passos na ponte de aço entre a cidade moderna e a cidade-modelo — e era *isso* que desejávamos provar e agora provamos.

O Passado, portanto, é uma acumulação constante de imagens. Sem maiores dificuldades, pode ser contemplado ou ouvido, testado e provado ao acaso, de tal modo que, como ocorre num sentido teórico mais amplo, deixa de significar a sucessão ordenada de eventos interligados. Transforma-se num caos generoso do qual o gênio da memória total, convocado naquela manhã de verão em 1922, pode retirar tudo o que desejar: diamantes espalhados no assoalho em 1888; uma beldade ruiva usando um chapéu preto num bar parisiense em 1901; uma úmida rosa vermelha em meio às artificiais em 1883; o meio sorriso pensativo de uma jovem preceptora inglesa, em 1880, voltando a fechar habilmente o prepúcio de seu discípulo após a brincadeira na hora de dormir; uma garota, em 1884, lambendo o mel do café da manhã das unhas terrivelmente roídas de seus dedos espraiados; a mesma, aos trinta e três anos de idade, confessando algo tardiamente que não gostava de flores em jarras; a tremenda dor que o atingiu no flanco enquanto duas crianças com uma cesta de cogumelos o olhavam na floresta de pinheiros que pegava fogo alegremente; e o apavorado toque de buzina de um carro belga ao ser ultrapassado ontem numa curva cega da estrada alpina. Tais imagens nada nos dizem acerca da textura do tempo ao qual estão entrelaçadas — exceto, talvez, com

respeito a uma questão difícil de resolver. Será que a coloração de um objeto lembrado (ou qualquer outro aspecto de seu efeito visual) difere de uma data para a outra? Seria eu capaz de dizer, com base em seu matiz, se o objeto se situa antes ou depois, acima ou abaixo, na estratigrafia de meu passado? Haverá um urânio mental cuja taxa de decomposição atômica possa ser usada para medir a idade de uma recordação? A principal dificuldade, apresso-me a explicar, consiste na incapacidade de o experimentador usar o *mesmo* objeto em momentos diferentes (digamos, o aquecedor holandês com pequenos barcos a vela azuis no quarto de crianças da Mansão de Ardis em 1884 e 1888) porque as duas ou mais impressões tomam algo emprestado umas das outras, formando uma imagem composta na mente; todavia, se forem selecionados objetos diferentes (por exemplo, os rostos de dois memoráveis cocheiros: Ben Wright, 1884, e Trofim Peidukov, 1888), é impossível evitar, tanto quanto pude verificar no curso de minhas pesquisas, a intrusão não apenas de diferentes características mas de diferentes circunstâncias emocionais, as quais não permitem que os dois objetos sejam considerados essencialmente iguais antes, por assim dizer, de ficarem expostos à ação do Tempo. Não estou convencido de que nos será impossível descobrir tais objetos. No curso de meu trabalho profissional, nos laboratórios de psicologia, inventei muitos testes sutis (um dos quais — o método para determinar a virgindade feminina sem recorrer a exames físicos — hoje leva meu nome). Por isso, é de presumir que o experimento *pode* ser executado — e seria muito excitante descobrir certos graus exatos de saturação decrescente ou de brilho progressivo, tão exatos que o “algo” que percebo vagamente na imagem de uma pessoa lembrada mas não identificável, a qual “de algum modo” atribuo à minha infância e não à adolescência, possa ser rotulado, se não com um nome, ao menos com uma data definida, por exemplo, 1º de janeiro de 1908 (*eureka*, o “por exemplo” funcionou: essa pessoa era o antigo preceptor de meu pai, que me trouxe de presente *Alice na câmara escura* quando fiz oito anos).

Nossa percepção do Passado não se caracteriza pelo encadeamento de fatos sucessivos de modo tão forte quanto nossa percepção do presente e dos momentos que precedem imediatamente seu ponto de realidade. Em geral, faço a barba todas as manhãs e tenho o hábito de trocar de gilete após usá-la duas vezes; em algumas ocasiões, pulo um dia e preciso enfrentar no dia seguinte um tremendo matagal de pelos ofensivos, cuja presença obstinada meus dedos confirmam entre um e outro movimento do aparelho, usando nesses casos apenas uma lâmina de cada vez. Ora, quando visualizo uma série recente de barbeações, ignoro o elemento da sucessão: tudo que desejo saber é se a gilete deixada no meu arado prateado fez seu trabalho uma vez ou duas; se apenas uma, a ordem dos dois dias de crescimento capilar não

tem a menor importância em minha mente — na verdade, costumo ouvir e sentir a segunda (e mais áspera) manhã antes, para só *então* lembrar-me de que não me barbeei na véspera, em consequência do que se pode dizer que minha barba cresce ao revés.

Se, munidos desses parcos e duramente obtidos conhecimentos sobre o conteúdo colorido do Passado, modificarmos agora nossa perspectiva e o considerarmos apenas uma reconstrução coerente de eventos já transcorridos, alguns dos quais retidos por uma mente ordinária com menos nitidez do que outros (se é que chegam a ser retidos), podemos nos entregar a um jogo bem mais fácil com a luz e a sombra de suas avenidas. As imagens da memória incluem impressões sonoras, por assim dizer regurgitadas pelo ouvido que as gravou um momento antes enquanto a mente estava ocupada em evitar o atropelamento de algumas crianças em uniforme escolar, de tal forma que realmente podemos tocar de novo a mensagem do relógio da igreja depois de ter deixado para trás a cidade de Turtzen e seu campanário, agora silencioso porém ainda reverberando. Rever esses últimos eventos do Passado imediato exige menos tempo físico do que o mecanismo do relógio necessitou para executar as badaladas, e é este misterioso “menos” que constitui uma característica especial do Passado ainda fresco no qual o Presente penetrou de mansinho durante aquela inspeção imediata dos sons-fantasma. O “menos” indica que o Passado não precisa de relógios e que a sucessão de seus eventos não pertence ao tempo dos relógios, sendo algo mais semelhante ao ritmo autêntico do Tempo. Sugerimos anteriormente que os intervalos opacos entre as pulsações negras transmitiam a *sensação* da textura do Tempo. O mesmo, de modo mais vago, se aplica às impressões recebidas ao se perceberem os vazios de tempo não lembrado ou “neutro” que entremearam vívidos eventos. É em termos de cores (azul acinzentado, violeta, cinza avermelhado) que me recordo das três palestras de despedida — todas as três abertas ao público — que fiz sobre o Tempo do sr. Bergson em uma grande universidade alguns meses atrás. Lembro-me menos nitidamente, e na verdade sou capaz de suprimir por inteiro em minha mente, dos intervalos de seis dias entre azul e violeta, assim como entre violeta e cinza. Mas visualizo com total clareza as circunstâncias que cercaram cada palestra. Cheguei um pouco atrasado para a primeira (que versava sobre o Passado) e observei com um frêmito não de todo desagradável, como se estivesse comparecendo a meu próprio funeral, as janelas feericamente iluminadas da Sala Counterstone e um estudante japonês baixote que, também atrasado, me ultrapassou a galope e desapareceu porta adentro muito antes que eu alcançasse os degraus semicirculares. Na segunda palestra — sobre o Presente —, durante os cinco segundos de silêncio e “introspecção” que havia pedido à plateia a fim de ilustrar um argumento que eu, ou antes a joia falante no bolso



de meu colete, iria apresentar acerca da verdadeira percepção do tempo, os roncamentos monstruosos de um dorminhoco de barbas brancas encheram a sala — que, naturalmente, veio abaixo de tanto riso. Na terceira e última palestra, dedicada ao Futuro (“Tempo Falso”), após funcionar perfeitamente durante alguns minutos minha voz gravada secretamente sofreu uma obscura pane mecânica, e eu preferi simular um ataque cardíaco e ser carregado porta a fora para sempre (ao menos na qualidade de palestrante) a tentar decifrar e ordenar a pilha de anotações amassadas, escrevinhadas com lápis claro, que obceca os maus oradores em sonhos bem conhecidos (atribuídos pelo dr. Froid de Signy-Mondieu-Mondieu ao fato de que, na infância, o sonhador leu as cartas de amor de seus pais adúlteros). Ofereço esses pormenores ridículos, porém marcantes, a fim de mostrar que os eventos a serem selecionados para o teste devem ser não apenas notáveis e graduados (três palestras em três semanas) mas também inter-relacionados por seu traço principal (as desventuras de um palestrante). Vejo os dois intervalos de cinco dias como pequenas depressões gêmeas, cada qual cheia até a borda de uma espécie de nevoeiro cinza e macio, com uma ligeira sugestão de confetes jogados ao acaso (os quais talvez pudessem se colorir de repente caso eu permitisse que alguma memória fortuita se formasse dentro dos limites do diagnóstico). Por estar situado em meio a coisas mortas, esse conjunto pouco nítido não pode ser manuseado, provado ou ouvido, tal como ocorre com o Intervalo de Veen entre duas batidas rítmicas; mas com ele compartilha uma particularidade digna de nota: a imobilidade do Tempo perceptivo. A sinestesia, à qual sou muito chegado, comprova ser de grande ajuda nesse tipo de tarefa — tarefa que agora se aproxima de sua fase crucial, o desabrochar do Presente.

Agora o vento do Presente sopra no cume do Passado, acima dos passos de montanha que me orgulho de ter alcançado em minha vida — o Umbrail, a Fluela, a Furka de minha mais límpida consciência. O momento só se altera no ponto da percepção porque eu próprio estou num estado constante de metamorfose banal. A fim de me dar tempo para medir o tempo do Tempo, preciso mover minha mente na direção oposta àquela em que me movo, assim como acontece quando a pessoa está passando por um longo renque de choupos e quer isolar e parar um deles, fazendo assim que uma mancha verde revele e ofereça, sim, ofereça, cada uma de suas folhas. Há um cretino atrás de mim.

Esse ato de atenção é o que chamei no ano passado de “Presente Deliberado”, para distingui-lo de sua forma mais geral denominada (por Clay, em 1882) “Presente Ilusório”. A construção consciente de um e o curso familiar do outro nos dão três ou quatro segundos de imediatismo. Esse imediatismo é a única realidade que conhecemos; segue-se ao nada colorido do “não mais” e precede o nada absoluto do futuro.

Assim, num sentido bastante literal, podemos dizer que a vida humana consciente só dura um instante, pois em qualquer momento de atenção deliberada a nosso próprio fluxo de consciência não podemos saber se tal momento será seguido por outro. Como explicarei adiante, não creio que a “antecipação” (“esperar por uma promoção ou temer uma gafe social”, como definiu um pensador desafortunado) desempenhe qualquer papel significativo na formação do presente ilusório, como também não creio que o futuro se transforme num terceiro painel do Tempo, mesmo se de fato possamos antecipar uma coisa ou outra — uma curva na estrada bem conhecida ou a visão pitoresca de dois morros altos, um deles encimado por um castelo, o outro por uma igreja —, pois quanto mais lúcida a antevisão, menos profética ela poderá ser. Se aquele cafajeste que vinha atrás de mim tivesse decidido arriscar a ultrapassagem um instante atrás, teria se chocado de frente com o caminhão que acabou de fazer a curva lá adiante — e eu e a paisagem poderíamos ter desaparecido na colisão múltipla.

Portanto, nosso modesto Presente é a extensão de tempo da qual temos uma consciência direta e efetiva, com resquícios do Passado recente percebidos ainda como parte do momento imediato. No tocante à vida cotidiana e aos confortos habituais do corpo (saúde razoável, músculos relativamente fortes, a possibilidade de respirar a brisa verde e de sentir ainda na boca o gosto da comida mais deliciosa do mundo — um ovo cozido), pouco importa que não possamos jamais gozar o *verdadeiro* Presente, que é um instante de duração zero, representado por uma bela mancha, assim como o ponto geométrico não dimensional é representado por um sinal bem visível em tinta de imprensa num papel palpável. O motorista comum, de acordo com os psicólogos e com os policiais, pode perceber visualmente uma unidade de tempo tão breve quanto um décimo de segundo (tive um paciente, ex-jogador de cassino, que era capaz de identificar uma carta de baralho cinco vezes mais rápido!). Seria interessante medir quanto tempo necessitamos para tomar consciência de uma expectativa frustrada ou preenchida. Os cheiros podem ser sentidos de forma muito repentina e, na maioria das pessoas, a audição e o tato funcionam mais rápido do que a visão. Aquele casal que pediu carona realmente fedia — o homem então era revoltante.

Dado que o Presente nada mais é do que um ponto imaginário sem conhecimento do passado imediato, cumpre definir esse conhecimento. Não pela primeira vez o Passado vem se intrometer quando digo que aquilo que conhecemos como “Presente” é um acúmulo constante de Passado, cujo nível vai se elevando de modo gradual e inexorável. Quão tênue! Quão mágico!

Cá estão eles, os dois morros escarpados e coroados de ruínas que retive em minha mente durante dezessete anos com a nitidez romântica de uma decalcomania — embora não de forma exata, devo confessar; a

memória gosta de *otsebiátina* (“a contribuição da própria pessoa”); mas a ligeira discrepância é agora corrigida, e esse ato da correção artística realça a angústia do Presente. A sensação mais aguda do agora, em termos visuais, é a posse deliberada de um segmento do Espaço selecionado pelo olho. Esse é o único contato do Tempo com o Espaço, porém é uma reverberação de grande relevância. Para ser eterno, o Presente depende de que a consciência abarque uma extensão infinita. Então, e só então, o Presente pode ser equacionado ao Espaço Eterno. Fui ferido no meu duelo com o Impostor.

E agora preciso entrar em Mont Roux, sob guirlandas de boas-vindas que me deixam emocionado. Hoje é segunda-feira, 14 de julho de 1922, cinco e treze da tarde segundo meu relógio de pulso, onze e cinquenta e dois no relógio do carro, quatro e dez em todos os relógios da cidade. O autor encontra-se num estado confuso, misto de alegria, exaustão, expectativa e pânico. Estava escalando, com dois guias austríacos e uma filha alugada temporariamente, as incomparáveis montanhas dos Balcãs. Passara a maior parte do mês de maio na Dalmácia e junho nos Dolomitas, tendo recebido cartas de Ada nos dois lugares informando-o sobre a morte de seu marido (23 de abril, no Arizona). Tomou o rumo do oeste ao volante de um Argus azul-escuro, mais valioso para ele do que safiras e borboletas do gênero *Morpho* porque ela tinha encomendado outro carro exatamente igual para quando chegasse a Genebra. Ele adquiriu três outras *villas*, duas no Adriático e uma em Ardez, no norte dos Grisons. Na noite de domingo, 13 de julho, a *concierge* do Alraun Palace em Alvena, não muito distante dali, lhe havia entregado um telegrama que esperava por ele desde sexta-feira:

CHEGO MONT ROUX TROIS CYGNES HORA JANTAR SEGUNDA PT QUERO  
QUE ME DIGA FRANCAMENTE SE DATA E TUDO MAIS SÃO CONVENIENTES  
PT

A mensagem que ele enviou por um moderníssimo “instantograma” para o aeroporto de Genebra terminava com a última palavra do telegrama que *ela* lhe havia mandado em 1905; e, apesar da ameaça de uma noite de chuvas torrenciais, partira de carro para o Vaud. Viajando rápido demais e de modo temerário, perdera a estrada para Oberhalbstein na bifurcação de Sylvaplana (cento e cinquenta quilômetros ao sul de Alvena); serpenteou de volta rumo ao norte via Chiavenna e Splügen até alcançar, em circunstâncias apocalípticas, a autoestrada 19 (um trajeto desnecessário de cem quilômetros); desviou-se erradamente para leste, na direção de Chur; executou uma volta de cento e oitenta graus no meio da estrada, ouvindo os piores palavrões; e em poucas horas cobriu rumo a oeste os cento e setenta e cinco quilômetros que o separavam de Brig. No espelho retrovisor, o rosado pálido da aurora havia muito cedido lugar ao brilho apaixonado do dia

quando virou para o sul, seguindo pela nova estrada de Pfywald, a caminho de Sorcière, onde dezessete anos antes tinha comprado uma casa (agora chamada *Villa Jolana*). Os três ou quatro criados que lá deixara para tomar conta da propriedade haviam se aproveitado de sua longa ausência para desaparecer; assim, com a ajuda entusiástica de dois caronas abandonados nas cercanias — um repugnante jovem de Hilden e sua Hilda de cabelos longos, lânguida e desleixada —, ele tivera de invadir sua própria casa. Seus cúmplices tinham se enganado caso esperassem lá encontrar algo para pilhar e bebidas alcoólicas. Após pô-los no olho da rua, tentou em vão cair no sono numa cama sem lençóis, deslocando-se por fim para o jardim cheio de pássaros enlouquecidos onde seus dois amigos estavam copulando na piscina vazia, tendo de ser postos para fora outra vez. Era quase meio-dia. Trabalhou durante umas duas horas em *A textura do Tempo*, iniciado nos Dolomitas, no Lammermoor (que estava longe de ser o melhor dos hotéis em que se hospedara ultimamente). O impulso utilitário que o fazia trabalhar lhe permitia não ficar pensando sem parar na provação de felicidade que o aguardava cento e cinquenta quilômetros a oeste; não impediu, contudo, que o saudável desejo de tomar um café da manhã quente interrompesse seus rabiscos e o levasse a procurar uma hospedaria de beira de estrada no caminho para Mont Roux.

O Três Cisnes, onde tinha reservado os quartos 508, 509 e 510, sofrera certas mudanças desde 1905. Um Lucien corpulento e com um nariz de ameixa não o reconheceu de imediato — e então observou que *Monsieur* certamente não estava “definhando” —, embora na verdade Van houvesse quase voltado ao peso de dezessete anos atrás, tendo perdido vários quilos ao escalar os rochedos dos Balcãs na companhia da louquinha da Acrazia (agora depositada num colégio interno elegante perto de Florença). Não, *Mme.* Vinn Landère não havia telefonado. Sim, o saguão tinha sido reformado. O suíço-alemão Louis Wicht era agora o gerente do hotel, em lugar de seu sogro Luigi Fantini. No salão principal, tal como visto da entrada, o imenso e memorável quadro a óleo — três Ledas de largas ancas trocando impressões lacustres — fora substituído por uma obra-prima neoprimitiva que mostrava três ovos amarelos e um par de luvas de encanador sobre algo que pareciam ser os ladrilhos molhados de um banheiro. Quando Van entrou no “ascensor” seguido por um recepcionista vestido de preto, o aparelho acusou o peso de seus pés com um som oco e metálico e, ao se pôr em movimento, começou a transmitir febrilmente um relatório fragmentário sobre alguma competição — possivelmente uma corrida de triciclos. Van não pôde deixar de se sentir penalizado por aquela caixa cega e funcional (menor ainda do que o monta-cargas que ele utilizava outrora para sair pelos fundos) ter substituído a luxuosa cabine de antigamente — uma sala de espelhos ascensional

—, cujo famoso operador (suíças brancas, oito idiomas) transformara-se num botão.

No vestíbulo do 509, Van reconheceu o quadro *Bruslot à la sonde* próximo ao *closet* branco que parecia sempre grávido (e cujas portas de correr redondas costumavam prender o canto do tapete, agora desaparecido). Na sala de estar, só se recordava de uma escrivanhinha para mulheres e da paisagem vista da varanda. Tudo o mais — os ornamentos semitransparentes com formato de espiga de trigo, as lâmpadas de vidro com feitiço de flores, as poltronas forradas de seda — havia dado lugar a acessórios *hochmodern*.

Tomou um banho de chuveiro, vestiu roupas limpas, bebeu o conhaque que restava no frasco de viagem e telefonou para o aeroporto de Genebra, sendo informado de que acabara de chegar o último avião vindo da América. Saiu para dar um passeio e viu que o célebre *mûrier*, cujos grandes galhos se espalhavam por sobre um humilde mictório público no terraço elevado que fechava a aleia de pedras arredondadas, estava agora coberto de uma suntuosa florescência azul-violeta. Tomou uma cerveja no café que ficava defronte à estação ferroviária e então, automaticamente, entrou na loja de flores ao lado. Devia estar gagá para ter esquecido o que ela havia dito na última vez sobre sua estranha antofobia (de alguma forma causada por aquela orgia à *trois* trinta anos atrás). Aliás, de rosas ela nunca gostara mesmo. Olhou e foi olhado por pequenas cravinas da Bélgica, rosas *Pink Sensation* de cabo longo, outras, chamadas *Superstar*, de um vermelho alaranjado. Havia também zínias, crisântemos e afelandras em potes, além de duas graciosas carpas com rabo de véu num aquário embutido na parede. Não querendo desapontar o velho e cortês florista, comprou dezessete rosas *Baccara* sem perfume, pediu o catálogo de telefones, abriu-o em Ad-Au, Mont Roux, botou os olhos em “Addor, Yolande, srta., secretária, *rue des Délices*, 6” e, com uma presença de espírito bem americana, mandou que seu buquê fosse entregue lá.

Todo mundo já estava saindo às pressas do trabalho para casa. *Mlle.* Addor, num vestido manchado pela perspiração, subia as escadas. Na surdina do Passado, as ruas costumavam ser muito mais silenciosas. A velha coluna Morris, que outrora exibira um pôster em que a atual rainha de Portugal figurava como atriz, não mais ficava na esquina do Chemin de Mustrux (velha corruptela do nome da cidade). Os caminhões passam troando por Mont Roux.

A camareira tinha fechado as cortinas. Ele abriu-as com um repelão, como se decidido a prolongar ao limite a tortura daquele dia. A sacada de ferro, projetada para fora, ainda recebia os raios oblíquos do sol. Recordou-se da derradeira visão do lago naquele lúgubre dia de outubro de 1905, após se separar de Ada. Os patos cor de ferrugem subiam e desciam nas ondas perfuradas pela chuva, concentrados em desfrutar a água que os envolvia por cima e por baixo. Ao longo do

caminho que margeava o lago, arabescos de espuma se enrolavam por sobre a crista das ondas cinzentas, e vez por outra uma vaga mais forte se esparramava por cima do parapeito. Mas agora, naquela radiante tarde de verão, nenhuma onda espumava, nenhuma ave nadava; só umas poucas gaivotas podiam ser vistas, silhuetas brancas adejando sobre seus negros reflexos. O belo e vasto lago repousava numa serenidade sonhadora, encrespado por verdes ondulações, pregueado de azul, recortado por clareiras lisas e reluzentes; e, no canto inferior direito do quadro, como se o artista desejasse incluir um exemplo muito especial de luz, a esteira ofuscante do sol poente pulsava através da folhagem de um choupo-da-italia, plantado à beira do lago, que parecia ao mesmo tempo liquefeito e em chamas.

Um idiota distante, inclinando-se para trás sobre um par de esquis e puxado por uma lancha, começou a rasgar a tela; por sorte, se esborrachou antes que fizesse muito estrago e, no mesmo instante, o telefone da sala de estar tocou.

Acontece que ela nunca — nunca, pelo menos na vida adulta — havia falado com ele pelo telefone; daí que o telefone tinha preservado a essência mesma, a brilhante vibração de suas cordas vocais, o pequeno “salto” na laringe, o riso se agarrando ao contorno da frase como se temeroso de que, na alegria de menina, pudesse cair das rápidas palavras que cavalgava. Era o timbre do passado comum aos dois, como se o passado tivesse ele próprio feito a chamada, uma conexão milagrosa (“Ardis, um oito oito seis... *Comment? Non, non, pas huitante-huit... huitante-six*”). Jovem, dourada, a voz borbulhou com todas as características melodiosas que ele conhecia — ou, melhor dizendo, lembrava de imediato na sequência em que surgiam: aquele *entrain*, aquele transbordamento de prazer quase erótico, aquela confiança e animação — e, o que era particularmente delicioso, o fato de que ela estava total e inocentemente alheia às modulações que o encantavam.

Tinha tido problemas com a bagagem. Ainda tinha. Suas duas criadas, que deveriam ter voado no dia anterior num Laputa (avião de carga) com suas malas e baús, haviam ficado retidas em algum lugar. Tudo que ela trazia era uma pequena valise. O *concierge* estava, naquele momento, fazendo umas chamadas para ela. Será que Van podia vir? Ela estava *nievieroiátno golódnaia* (incrivelmente faminta).

Aquela voz telefônica, ao ressuscitar o passado e ligá-lo ao presente, com as montanhas azul-ardósia escurecendo ao fundo do lago, com as lantejoulas do sol poente dançando entre as folhas do choupo, formava a peça central de sua mais profunda percepção do tempo tangível, o cintilante “agora” que constituía a única realidade da textura do Tempo. Após a glória do cume, vinha agora a difícil descida.

Ada o havia alertado em carta recente de que “tinha mudado muito, tanto em contorno quanto em cor”. Usava um espartilho que acentuava

a magnificência recém-adquirida de seu corpo envolto num vestido de veludo negro, com um corte fluente ao mesmo tempo excêntrico e monástico do tipo preferido pela mãe deles. Os cabelos estavam cortados curtos, no estilo pajem, e tinham sido pintados de um bronze brilhante. O pescoço e as mãos, tão delicadamente pálidos quanto outrora, exibiam agora tendões desconhecidos e veias salientes. Não poupava cosméticos para camuflar as linhas que saíam das extremidades dos grossos lábios carmins e dos olhos sombreados de preto, cujas íris opacas pareciam agora menos misteriosas do que míopes devido ao adejar nervoso dos cílios pintados. Notou que seu sorriso revelava um pré-molar superior com uma obturação de ouro; ele tinha uma semelhante no outro lado da boca. O reflexo metálico de sua franja o afligiu menos que aquele vestido de veludo de ombros quadrados e saias largas que chegavam abaixo da barriga da perna, com enchimentos nas cadeiras destinados ao mesmo tempo a diminuir a cintura e a disfarçar, pelo exagero, o alargamento dos quadris. Nada restava de sua graça desajeitada, e o ar matronal, somado a todo aquele veludo, transmitia uma impressão irritantemente majestosa que servia como obstáculo e defesa. Ele a amava de um modo terno demais, irrevogável demais, para ficar indevidamente deprimido por receios de natureza sexual; mas seus sentidos sem dúvida ficaram inertes — tão inertes, de fato, que não se sentiu nem um pouco ansioso (depois que ambos tinham erguido as reluzentes taças de champanhe numa paródia do ritual dos mergulhões) em comprometer seu orgulho masculino num abraço algo morno que se deram logo após o jantar. Se fosse esperado que ele o fizesse, era pena; caso contrário, seria ainda pior. Em seus encontros anteriores, a restrição, subsistindo como uma dor surda após as vivas agonias da cirurgia do Destino, costumava ser prontamente afogada no desejo sexual, permitindo que a vida aos poucos retomasse seu caminho. Agora, só dependiam deles próprios.

As trivialidades utilitárias da conversa na mesa — ou, antes, do sombrio monólogo de Van — lhe pareceram de todo degradantes. Explicou em detalhes — lutando contra o silêncio atento de Ada, patinhando nas poças das pausas, odiando-se — que tinha feito uma longa e árdua viagem; que dormira mal; que vinha trabalhando numa investigação sobre a natureza do Tempo, um tema que significa combater o polvo de seu próprio cérebro. Ela deu uma olhada no relógio de pulso.

“O que estou lhe dizendo”, ele declarou asperamente, “não tem nada a ver com relógios.” O garçom trouxe o café. Ela sorriu e ele se deu conta de que o sorriso se devera a uma conversa na mesa ao lado, na qual um inglês tristonho e gordalhão, recém-chegado ao restaurante, discutia o menu com o maître.

“Vou começar”, disse o inglês, “com as bananas.”

“O que está escrito aqui não é ‘bananas’, meu senhor. É ananás, suco de abacaxi.”

“Ah, entendo. Bom, então me traga um *consommé*.”

O jovem Van sorriu de volta para a jovem Ada. Curiosamente, aquela breve troca de palavras na mesa vizinha funcionou como um delicioso alívio.

“Quando eu era menino”, disse Van, “e visitei a Suíça pela primeira vez — não, pela segunda —, pensei que ‘*Verglas*’ (gelo derrapante) nos sinais de estrada era o nome de alguma cidade mágica, sempre além da próxima curva, no fundo de cada descida cheia de neve, nunca vista, mas esperando para aparecer na hora certa. Recebi teu telegrama em Engadine, onde existem lugares mágicos de verdade. Tais como Alraun ou Alruna — que significa um pequeno demônio árabe no espelho de um feiticeiro alemão. Aliás, temos lá em cima o apartamento antigo com um quarto de dormir adicional, o 508.”

“Ah, meu querido. Sinto muito, mas acho que você deve cancelar o pobre 508. Se eu ficasse para a noite, o 510 daria para nós dois, mas tenho más notícias para você. Não posso ficar. Tenho de voltar a Genebra logo depois do jantar para recolher minhas coisas e criadas, que as autoridades aparentemente puseram numa Casa para Mulheres Perdidas porque elas não puderam pagar os novos *droits de douane* absolutamente medievais — a Suíça mais ou menos não fica *après tout* no estado de Washington? Olhe, não faça essa cara” — dando-lhe um tapinha na mão em que o sinal de nascença compartilhado por eles se perdera entre as manchas marrons trazidas pelos anos como um bebê num bosque outonal; *on peut les suivre en reconnaissant* apenas o polegar deformado de Mascodagama e as belas unhas com formato de amêndoas —, “prometo entrar em contato contigo dentro de dois ou três dias, e então vamos fazer um cruzeiro pela Grécia com os Baynard, eles têm um iate e três filhas adoráveis que vão nadar nuas em pelo, está bem?”

“Não sei o que odeio mais”, ele respondeu, “se iates ou os Baynard, mas não posso te ajudar em Genebra?”

Não podia. Baynard tinha casado com Córdula após um divórcio sensacional — veterinários escoceses tiveram de serrar os chifres do marido dela (última chamada para essa piadinha).

O Argus de Ada ainda não fora entregue. O negror lúgubre e lustroso do Yak de aluguel e as perneiras antiquadas do motorista o fizeram lembrar-se da partida dela em 1905.

Van despediu-se e subiu, como um ludião, como o fantasma do Tempo em posição de sentido, para seu desolado quinto andar. Caso tivessem vivido juntos aqueles dezessete miseráveis anos, teriam evitado o choque e a humilhação; o envelhecimento de ambos corresponderia a um ajustamento gradual, tão imperceptível quanto o próprio Tempo.



Seu trabalho em progresso, uma pilha de anotações misturadas ao pijama, veio socorrê-lo como em Sorcière. Engoliu um comprimido de Favordorme e, enquanto esperava que a droga o liberasse dele próprio, coisa de uns quarenta minutos, se sentou à escrivaninha e deu asas à sua “*lucubratiuncula*”.

Será que as devastações e as indignidades da idade, tão deploradas pelos poetas, dizem ao naturalista do Tempo algo sobre sua essência? Muito pouco. Só a fantasia de um romancista poderia ser atraída por aquela pequena caixa oval, que outrora contivera Duvet de Ninon (um pó de arroz, com uma ave-do-paraíso na tampa) e fora esquecida na gaveta mal fechada do arco do triunfo — embora não do triunfo sobre o Tempo — da escrivaninha. Parecia que o objeto azul-verde-cor de laranja se destinava a tentar enganá-lo, fazendo Van pensar que esperara ali durante dezessete anos pela mão, lenta como num sonho, do descobridor confuso e sorridente: um truque surrado de falsa restituição, uma coincidência plantada — e um terrível erro, pois era Lucette, agora uma sereia nos bosques da Atlântida (e não Ada, agora uma estranha dentro de um carro preto em algum lugar perto de Morges) que costumava usar aquele pó de arroz. Jogue-a fora, para que não induza a erro um filósofo menos seguro de si; o que me interessa aqui é a delicada textura do Tempo, isenta de todos os eventos bordados.

Recapitulemos.

Fisiologicamente, o sentido do Tempo é um contínuo vir-a-ser e, se o vir-a-ser tem uma voz, ela pode ser, naturalmente, uma vibração constante; mas, pelo amor de Zeus, não confundamos o Tempo com um zumbido no ouvido e nem o sussurro de concha da duração com a pulsação de nosso sangue. Filosoficamente, por outro lado, o Tempo nada mais é do que a memória em elaboração. Em cada vida individual, do berço ao leito de morte, a *espinha dorsal da consciência* gradualmente ganha forma e se fortalece, sendo este o Tempo dos fortes. “Ser” significa saber que “já foi”. “Não ser” implica a única “nova” espécie de tempo (falso): o futuro. Eu o repudio. A vida, o amor, as bibliotecas não têm futuro.

O Tempo é tudo menos o tríptico popular: um Passado que já não existe, o ponto sem duração do Presente e um “ainda não” que pode nunca chegar. Não. Só há dois painéis. O Passado (existente para sempre na minha mente) e o Presente (ao qual minha mente confere duração e, por isso, realidade). Se criarmos um terceiro compartimento de expectativas satisfeitas — o previsto, o predeterminado, a faculdade de previsão, o prognóstico perfeito —, estaremos ainda aplicando nossa mente ao Presente.

Se o Passado é percebido como um depósito do Tempo e se o Presente é o processo de realizar tal percepção, o futuro, pelo contrário, não é um item do Tempo, nada tem a ver com o Tempo e com o véu

não de todo transparente de sua textura física. O futuro é apenas um charlatão na corte de Cronos. Pensadores, pensadores sociais, sentem o Presente como algo que aponta para um “futuro” ainda não realizado — mas isso é uma utopia tópica, política progressista. Os sofistas tecnológicos sustentam que, valendo-se das Leis da Luz e utilizando novos telescópios capazes de identificar letras de imprensa a distâncias cósmicas através dos olhos nostálgicos de nossos agentes em outro planeta, podemos de fato ver nosso próprio passado (Goodson descobrindo Goodson, esse tipo de coisa), inclusive prova documental de que não sabíamos o que nos esperava (e *agora* sabemos) e de que, conseqüentemente, o Futuro de fato existia ontem e por inferência existe hoje. Isso pode ser boa física, mas é execrável em termos lógicos: a Tartaruga do Passado nunca ultrapassará o Aquiles do futuro, qualquer que seja o modo pelo qual analisemos as distâncias em nossos enevoados quadros-negros.

O que fazemos de melhor ao postular o futuro (o de pior são alguns truquezinhos mambembes) é expandir enormemente o presente ilusório, fazendo-o impregnar qualquer extensão de tempo com todo tipo de informação, previsão e precognição. Na melhor das hipóteses, o “futuro” é a ideia de um presente hipotético baseado em nossa experiência de que as coisas se sucedem, em nossa fé na lógica e no hábito. Na realidade, é óbvio, nossas esperanças têm tantas chances de fazer o futuro acontecer quanto nossos arrependimentos de alterar o Passado. Este último tem ao menos o sabor, o matiz, os eflúvios de nosso ser individual. Mas o futuro permanece alheio a nossas fantasias e a nossos sentimentos. A cada momento, é uma infinidade de bifurcações possíveis. Um esquema determinista aboliria a própria noção de tempo (aqui o comprimido deixou flutuar sua primeira nuvenzinha). O desconhecido, o ainda não vivido e o inesperado, todas essas gloriosas encruzilhadas são partes inerentes da vida humana. O esquema determinista, ao privar o alvorecer de seu elemento de surpresa, apagaria todos os raios do sol...

O comprimido agora estava funcionando para valer. Terminou de vestir o pijama, numa série de movimentos desajeitados que tinham começado uma hora atrás, e se deixou cair na cama. Sonhou que estava falando no auditório de um transatlântico e que um vagabundo parecido com o sujeito que pedira carona em Hilden lhe perguntava ironicamente como o palestrante era capaz de explicar que em nossos sonhos sabemos que vamos acordar, se isso não era análogo à certeza da morte e, neste caso, se o futuro...

Quando o sol nasceu, Van se sentou na cama com um gemido repentino, tremendo: se não agisse *agora*, a perderia para sempre! Decidiu pegar o carro e seguir imediatamente para o Hotel Manhattan em Genebra.

Viu com bons olhos o retorno de estruturas bem definidas após uma semana de matérias negras que sujavam as paredes do vaso num nível tão alto que era impossível desalojá-las com repetidas descargas. Algo a ver com o azeite de oliva e os tipos de privadas italianas. Barbeou-se, tomou banho, se vestiu rapidamente. Será que já podia pedir o café da manhã? Devia telefonar para o hotel dela antes de seguir viagem? Alugar um avião? Ou, quem sabe, seria mais simples...

A porta da sala de estar que dava para a varanda estava aberta de par em par. Chumaços de névoa cruzavam ainda o azul das montanhas do outro lado do lago, mas aqui e ali um cume era tingido de ocre sob o manto turquesa do céu sem nuvens. Quatro caminhões colossais passaram trovejando, um após o outro. Aproximou-se do corrimão da varanda e pensou se não tinha realizado o capricho familiar de mergulhar... plaft!... Já teria feito isso? Será? Na verdade, é impossível saber. Um andar abaixo, numa varanda um pouco para o lado, Ada, de pé, contemplava absorta a paisagem.

Viu seus cabelos curtos e bronzeados, seu pescoço e braços brancos, as flores pálidas no penhoar de tecido fino, as pernas nuas, os chinelos prateados de salto alto. Pensativa, com um gesto juvenil e voluptuoso, ela estava coçando a coxa ali onde se ergue a nádega direita: assinatura rosada no pergaminho de velino em algum crepúsculo de Ladore dominado pelos mosquitos. Será que ela olharia para cima? Todas as suas flores se voltaram na direção dele, radiosas, e ela fez o gesto de oferta real, erguendo e lhe outorgando as montanhas, a neblina e o lago com três cisnes.

Van saiu da varanda e desceu correndo por uma pequena escada em caracol que conduzia ao quarto andar. Sentiu na boca do estômago o receio de que não fosse o quarto 410, como imaginava, mas o 412 ou mesmo o 414. O que aconteceria se ela não tivesse compreendido, não estivesse à sua espera? Tinha e estava.

“Algum tempo depois”, quando Van, ajoelhado e limpando a garganta, beijava suas mãos frias e adoradas dando graças infinitas aos céus, desafiando abertamente a morte, com o destino perverso derrotado e uma sensação sonhadora ainda se debruçando sobre ele, Ada perguntou:

“Você achou mesmo que eu tinha ido embora?”

“*Obmánschitsa* (enganadora), *obmanchtchitsa*”, Van ficou repetindo com o fervor e o regozijo da saciedade exultante.

“Disse a ele para fazer a volta perto de Morjey (morsas, um trocadilho em russo com ‘Morges’ — quem sabe a mensagem de uma sereia). E você *dormiu*, foi capaz de dormir!”

“Trabalhei”, respondeu. “Meu rascunho está pronto.”

Ela confessou que, ao voltar no meio da noite, apanhara na biblioteca do hotel (o porteiro da noite, leitor inveterado, tinha uma chave) e levava para o quarto o volume da *Enciclopédia Britânica*, cá está, com o artigo

dele sobre o Espaço-Tempo: “‘O Espaço’ (diz aqui, muito sugestivamente) ‘denota a propriedade, você é minha propriedade, em virtude do que você é minha virtude, corpos rígidos podem ocupar posições diferentes.’ Bonito? Muito bonito”.

“Não ria, minha Ada, de nossa prosa filosófica”, ralhou seu amante. “Tudo o que interessa agora é que dei vida nova ao Tempo separando-o do Espaço, seu irmão siamês, e do falso futuro. Minha intenção era compor uma espécie de romance breve na forma de um tratado sobre a Textura do Tempo, uma investigação de sua substância translúcida, com metáforas ilustrativas que iriam aos poucos crescendo, transformando-se muito gradualmente numa história de amor lógica, progredindo do passado para o presente, desabrochando como uma narrativa concreta, para depois também gradualmente reverter as analogias e tudo se desintegrar numa amena abstração.”

“Eu me pergunto”, disse Ada, “me pergunto se a tentativa de descobrir essas coisas vale as cores de um vitral. Conhecemos o tempo, podemos entender um tempo determinado. Mas não saberemos jamais o que é o Tempo. Nossos sentidos simplesmente não foram feitos para perceber sua natureza. É como...”

## QUINTA PARTE

Eu, Van Veen, saúdo você, a vida, Ada Veen, o dr. Lagosse, Stepan Nootkin, Violet Knox, Ronald Oranger. Hoje é meu nonagésimo sétimo aniversário e, de minha nova e maravilhosa poltrona Everyrest, ouço os ruídos de uma pá raspando a neve e de passos no jardim cintilante, assim como os de meu velho *valet de chambre* russo, que é mais surdo do que pensa, abrindo e fechando gavetas com puxadores em forma de anel no quarto de vestir. Esta Quinta Parte não deve ser vista como um epílogo; é a genuína introdução de *Ada ou ardor: crônica de uma família*, noventa e sete por cento de verdade, três por cento de verossimilhança.

De todas as suas numerosas casas, na Europa e nos Trópicos, o castelo recentemente construído em Ex, nos Alpes suíços, com uma colunata na frente e torreões crenulados, tinha se tornado a morada preferida de ambos, em especial no meio do inverno, quando o famoso ar resplandecente, *le cristal d'Ex*, “se equipara às formas mais elevadas do pensamento humano — a matemática pura e a decifração” (anúncio não publicado).

Pelo menos duas vezes por ano nosso feliz casal se permitia longas viagens. Ada nunca mais criou ou caçou borboletas, mas ao longo de sua velhice ativa e saudável adorava filmá-las em seus habitats, nos fundos do jardim ou nos cafundós do mundo, batendo asas e adejando, pousando em pomares ou pocilgas, deslizando sobre grama ou granito, lutando ou copulando. Van a acompanhou em safáris fotográficos no Brasil, no Congo, na Nova Guiné, embora, secretamente, preferisse um bom drinque sob uma tenda às longas esperas embaixo de uma árvore até que algum espécime raro se aproximasse da isca e fosse registrado em cores. Seria necessário outro livro para descrever as aventuras de Ada na Adalândia. Os filmes — e os atores crucificados (em mostruários com as identificações científicas) — podem ser vistos, a pedido, no Museu Lucinda, Park Lane, 5, Manhattan.

Ele se mostrara à altura do lema da família: “Tão saudável quanto seu pai foi”. Aos cinquenta anos só se lembrava de ter visto um único corredor de hospital na perspectiva afunilada de quem passa deitado numa maca (e um par de pés em impecáveis sapatos brancos que se afastavam com passinhos ligeiros). Agora, entretanto, notava que rachaduras furtivas e furcadas começavam a aparecer no paredão de seu bem-estar físico, como se a decomposição inevitável estivesse lhe enviando, através das sombras e da estática do tempo, seus primeiros emissários. Um nariz entupido causava sonhos de sufocação e, às portas do resfriado mais ligeiro, a nevralgia intercostal aguardava com sua lança mal afiada. Quanto mais espaçosa a mesinha de cabeceira, mais atravancada ficava com aquelas necessidades noturnas absolutas, tais como gotas nasais, pastilhas de eucalipto, bolinhas de cera para os ouvidos, tabletes de antiácidos, pílulas para dormir, água mineral, pomada de zinco em tubo (com uma tampinha extra caso a original caísse debaixo da cama) e um grande lenço para secar o suor que se acumulava entre a mandíbula e a clavícula direitas, nenhuma das quais acostumada à recém-adquirida corpulência e à insistência em dormir de um só lado a fim de não ouvir o coração: certa noite, em 1920, ele cometera o erro de calcular o número máximo de batidas que lhe restavam (concedendo-se mais meio século), e agora a pressa absurda de sua contagem regressiva o irritava e aumentava a taxa do avanço audível rumo à morte. Durante suas peregrinações solitárias e bastante supérfluas, desenvolvera uma sensibilidade mórbida com relação aos ruídos noturnos em hotéis de luxo (o estrépito de um caminhão registrava três desgracibéis; os gritos idiotas trocados por jovens aprendizes nas ruas vazias em noites de sábado, trinta; um ronco transmitido do andar de baixo pelo radiador, trezentos); porém, conquanto indispensável em momentos de desespero total, as bolinhas de cera para o ouvido tinham a desvantagem (especialmente após a ingestão demasiada de vinho) de exacerbar a pulsação nas têmporas, os estranhos chiados em sua cavidade nasal inexplorada e o estalido atroz nas vértebras do pescoço. Ele atribuía a um eco desse estalido,

transmitido vascularmente ao cérebro antes que o sistema do sono assumisse o controle, a curiosa detonação que se produzia em alguma parte da cabeça no momento em que os sentidos procuravam enganar sua consciência. Pastilhas de hortelã e outros antiácidos às vezes se comprovavam insuficientes para aliviar uma boa azia, que sempre o atacava após consumir certos molhos ricos demais; por outro lado, contudo, sentia um prazer juvenil nos deliciosos efeitos de uma colher de sopa de bicarbonato de sódio dissolvido em água, que invariavelmente provocava três ou quatro arrotos tão grandes quanto os balões com as falas das histórias em quadrinhos de sua meninice.

Antes de encontrar (aos oitenta anos) o dr. Lagosse — discreto e carinhoso, indecente e erudito —, que desde então morava e viajava com ele e Ada, detestava médicos. Malgrado sua própria formação médica, não conseguia livrar-se do sentimento oculto e ingênuo, digno de um camponês, de que o doutor que apertava a pera de um esfigmomanômetro ou escutava sua respiração ofegante já sabia (mas mantinha ainda em segredo) que doença fatal tinha sido diagnosticada com a certeza da própria morte. Fazendo uma careta de desprazer, lembrava-se de seu falecido cunhado quando se via escondendo de Ada que a bexiga o importunava de tempos em tempos ou que se sentira outra vez tonto após cortar as unhas dos pés (tarefa que fazia questão de executar porque era incapaz de permitir que qualquer mão humana tocasse seus pés nus).

Como se estivesse fazendo o possível para aproveitar seu corpo, que em breve seria retirado como um prato de onde são recolhidas as últimas migalhas do doce, valorizava agora as pequenas benevolências, tais como espremer o vermículo de um cravo, extrair com a unha comprida do mindinho a gema de uma coceira das profundezas da orelha esquerda (a direita era menos interessante) ou se permitir o que Bouteillan costumava chamar de *le plaisir anglais* — prender a respiração e, enfiado até o queixo na água, dar à banheira sua própria contribuição líquida, serena e secreta.

Por outro lado, as dores da vida o afetavam mais intensamente do que no passado. Gemia, os tímpanos torturados, quando um saxofone lançava um som estridente ou quando algum jovem idiota, um desses seres subumanos, deflagrava o trovoar de uma motocicleta infernal. O comportamento obstrucionista de objetos estúpidos e hostis — o bolso errado, o cadarço rompido de um sapato, o cabide vazio que, com um dar de ombros e um tilintar de desprezo, se atirava nos desvãos escuros do armário — o fazia pronunciar a imprecação edipiana de seus ancestrais russos.

Parara de envelhecer por volta dos sessenta e cinco anos, mas, nessa idade, sua musculatura e ossatura haviam mudado mais do que em pessoas que não tinham praticado tantas atividades atléticas quanto ele na época da plenitude física. Tênis e squash haviam dado lugar ao



pingue-pongue; e então, certo dia, a raquete predileta que guardava ainda no cabo o calor de sua mão foi esquecida na sala de jogos de um clube ao qual ele jamais voltou. Durante sua sexta década, alguns exercícios com um *punching-bag* substituíram a luta livre e o boxe dos anos anteriores. Surpresas gravitacionais tornaram grotescas as manobras sobre esquis. Ainda era capaz de trocar golpes de florete aos sessenta anos, mas o suor o cegava após alguns minutos de treinamento, com o que a esgrima em breve teve o mesmo destino do tênis de mesa. Nunca foi capaz de superar seu preconceito algo esnobe contra o golfe e, seja como for, parecia tarde demais para começar. Aos setenta, tentou praticar jogging antes do café da manhã numa aleia pouco frequentada, mas o balançar de seus peitos, gerando um ruído semelhante ao de uma pancadinha seca, o fez lembrar horrorizado de que tinha trinta quilos a mais que na juventude. Aos noventa, dançava ainda sobre as mãos... num sonho recorrente.

Normalmente, uma ou duas pílulas para dormir o ajudavam a manter à distância o monstro da insônia durante três ou quatro horas de um abençoado nevoeiro, mas às vezes, sobretudo após ter completado alguma tarefa intelectual, uma dolorosa noite em claro gradualmente se transformava numa enxaqueca matinal. Nenhum sonífero era capaz de lidar com tal tormento. Ele se esticava, se encolhia, se desencilhava, apagava e acendia o abajur da mesinha de cabeceira (um novo sucedâneo gorgolejante, pois a coisa verdadeira tinha sido proibida outra vez em 1930), e o desespero físico tomava conta de seu ser insolúvel. O pulso batia forte e ritmado; a ceia fora corretamente digerida; a ração diária de uma garrafa de vinho da Borgonha não havia sido excedida — e, no entanto, aquela insônia infame continuava a fazer dele um desterrado em sua própria casa: Ada dormia a sono solto ou lia confortavelmente duas portas adiante; os numerosos empregados, em seus quartos ainda mais distantes, havia muito já se tinham aliado à multidão inimiga de dorminhocos locais, que pareciam cobrir as colinas vizinhas com o negror de seu sono; só a ele era negada aquela inconsciência que desprezava tão encarniçadamente e cortejava de forma tão assídua.

Durante os anos que durou a última separação, sua libertinagem continuara em essência tão implacável quanto antes; às vezes, porém, a contagem amorosa caía para uma em quatro dias e, outras vezes, ele se surpreendia ao reparar que uma semana inteira havia se passado em estado de tranquila castidade. A série de prostitutas requintadas ainda podia alternar-se com sequências de belas amadoras em ocasionais estações de veraneio ou ser interrompida por um mês de amor inventivo na companhia de alguma frívola socialite (houve uma inglesa ruiva e virgem, Lucy Manfristan, seduzida em 4 de junho de 1911 no jardim murado de sua mansão normanda e levada a Fialta, na costa do Adriático, de quem ele se recordava com um frêmito especial de luxúria); mas esses falsos romances só serviam para cansá-lo: a *palazzina* com encanamentos medíocres em breve era deixada de lado, a rapariga exageradamente bronzeada mandada de volta — e ele precisaria de algo realmente sórdido e despudorado para ressuscitar sua virilidade.

Ao iniciar uma vida nova com Ada em 1922, Van tomou a firme decisão de ser fiel a ela. Exceto por algumas poucas e discretas capitulações, todas dolorosamente esgotantes, àquilo que a dra. Lena Wien tão corretamente denominou “voyeurismo onanístico”, conseguiu cumprir sua resolução. A provação foi moralmente gratificante e fisicamente absurda. Assim como os pediatras muito comumente carregam a cruz de uma família insuportável, nosso psicólogo revelou ser um caso não muito raro de dupla personalidade. Seu amor por Ada era uma condição existencial, um zumbido permanente de felicidade diferente de tudo o que encontrara profissionalmente na vida de pessoas excepcionais e dos loucos. Sem pensar duas vezes, ele se atiraria num poço cheio de piche fervente para salvá-la, assim como, caso alguém jogasse ao chão uma luva em desafio, estaria pronto a morrer em defesa de sua honra. A vida deles em comum foi uma resposta antifonal ao verão de 1884. Ada nunca se recusou a ajudá-lo a desfrutar a gratificação cada vez mais preciosa, porque menos e menos frequente, de um pôr do sol totalmente compartilhado. Ele via, refletido

nela, tudo aquilo que seu espírito exigente e impetuoso procurara na vida. Uma ternura irresistível o forçava a ajoelhar-se de repente a seus pés numa atitude dramática mas de todo sincera, difícil de entender por quem entrasse naquela hora com um aspirador de pó. E, no mesmo dia, seus outros compartimentos e subcompartimentos estariam transbordando de desejos e arrependimentos, formulando planos de violação e bandalheira. Os momentos mais arriscados eram as mudanças de casa, com novos criados e novos vizinhos, ocasiões em que seus sentidos ficavam expostos, de forma fantásticamente cruel, à cigarinha que roubava pêssegos no pomar ou à filha atrevida da lavadeira.

Em vão ele se dizia que essas ânsias indignas não diferiam, em sua insignificância intrínseca, do prurido anal que se tenta aliviar com acessos repentinos de coceira. E, no entanto, sabia que, se ousasse satisfazer o desejo por alguma rapariga, ameaçava arruinar sua vida com Ada. Quão horrível e gratuitamente ela seria ferida por isso Van pôde entrever certo dia de 1926 ou de 1927, quando surpreendeu o olhar de desespero altivo que Ada lançou ao redor antes de caminhar para o carro que a levaria numa excursão que, no último momento, ele desistira de fazer. Desistira — simulando a careta de dor e a claudicação de um ataque de gota — porque acabara de se dar conta, como também ela, de que a bela e jovem nativa que estava fumando na varanda de trás da casa iria oferecer suas mangas ao senhor tão logo a governante partisse para o Festival de Cinema de Sindbad. O motorista já havia aberto a porta do carro quando, com um grande berro, Van alcançou Ada e os dois seguiram juntos, olhos marejados, falando pelos cotovelos, fazendo piadas sobre a loucura dele.

“É engraçado”, disse Ada, “como elas têm dentes tão pretos e estragados, essas *bliaduchki* (putinhas) daqui.”

(“Ursus”, Lucette num vestido verde lustroso, “Acalma-te, paixão angustiante”, os braceletes e os seios de Flora, a concha em espiral do Tempo.)

Descobriu que um toque de divertimento sutil podia derivar do fato de lutar constantemente contra a tentação, ao mesmo tempo que constantemente sonhava que — de algum modo, em algum momento, em algum lugar — sucumbiria a ela. Descobriu também que, fosse qual fosse a força daqueles chamarizes, não podia passar um dia sem Ada; que a solidão necessária para pecar adequadamente não significava alguns poucos segundos atrás de uma moita, mas uma noite confortável numa fortaleza inexpugnável; e que, por fim, as tentações, reais ou evocadas antes de dormir, iam se tornando cada vez menos frequentes. Lá pelos setenta e cinco anos, as intimidades quinzenais com uma Ada cooperativa, em geral *Blitzpartien*, eram suficientes para satisfazê-lo perfeitamente. As muitas secretárias que contratou foram se tornando cada vez mais feias (culminando com uma mulher com

cabelos de coco e boca de cavalo que escrevia bilhetes amorosos para Ada); e, quando Violet Knox veio interromper aquela série desenxabida, Van Veen tinha oitenta e sete anos e estava de todo impotente.

Violet Knox [atualmente sra. Ronald Oranger, Nota do Editor], nascida em 1940, veio viver conosco em 1957. Era então (e ainda é, dez anos depois) uma encantadora loura inglesa com olhos de boneca, pele de veludo e um bumbum belamente envolto por uma saia de tweed [...], mas essas graças já não dão corpo à minha fantasia. É ela quem datilografa estas memórias — o consolo daqueles que são, sem dúvida, os dez últimos anos de minha existência. Boa filha, e ainda melhor irmã e meia-irmã, sustentou durante dez anos os filhos que sua mãe havia tido em dois casamentos, além de fazer uma poupança [substancial]. Eu lhe pagava [generosamente] um salário mensal, compreendendo bem a necessidade de garantir um silêncio sem acanhamento da parte de uma moçoila perplexa e diligente. Ada a chamava de “*Fiálotchka*” e se permitia o luxo de elogiar o pescoço de camafeu, as narinas rosadas e o rabo de cavalo louro da “Violetinha”. Às vezes, na hora do jantar, enquanto nos demorávamos tomando algum licor, minha Ada lançava sobre minha datilógrafa (grande fã de Cu-ã-trô) um olhar sonhador e então, bem depressa, lhe tascava dois beijinhos nas bochechas ruborizadas. A situação poderia ter sido muito mais complicada caso tivesse ocorrido vinte anos antes.

Não sei por que dediquei tanta atenção aos cabelos brancos e ao instrumental decadente do venerável Veen. Os libertinos nunca se emendam. Pegam fogo, soltam algumas derradeiras centelhas verdes e se extinguem. Uma importância muito maior deve ser dada pelo autopesquisador e sua fiel companheira ao inacreditável surto intelectual, à explosão criativa que ocorreu no cérebro deste estranho nonagenário sem amigos e bastante repugnante (gritos de “Não! Não!” entre parênteses do leitor, da irmã e do editor).

Mais intensamente do que nunca ele odiava toda a arte falsa, desde as banalidades simplórias das esculturas feitas com peças jogadas no lixo até as passagens em itálico com que um romancista pretensioso busca transmitir os aguaceiros mentais de seu herói predileto. Tinha ainda menos paciência do que antes com a escola psiquiátrica de “Sig” (Signy-M.D.-M.D.). Utilizou a confissão retumbante de seu fundador

(“Em meus dias de estudante, tornei-me um *deflorador* de mulheres porque fui reprovado na prova de botânica”) como epígrafe de um de seus últimos ensaios (1959), intitulado *A farsa da terapia de grupo nos distúrbios sexuais*, o mais demolidor e mais gratificante golpe por ele desferido (o Sindicato dos Conselheiros Matrimoniais e Praticantes da Catarse inicialmente ameaçou levá-lo à Justiça, mas por fim preferiu detumescer-se).

Violet bate à porta da biblioteca e apresenta o sr. Orange, um sujeito baixinho e gorducho de gravata-borboleta, que para na soleira, estala os calcanhares e (enquanto o corpulento ermitão se volta com um movimento desajeitado de seu roupão de ratina) entra quase a trote, não tanto a fim de fazer cessar com um tapa magistral a avalanche de folhas soltas que o cotovelo do grande homem fez rolar pela superfície inclinada do apoio para livros, quanto a fim de expressar o ímpeto de sua admiração.

Ada — que se divertia traduzindo (para as edições Oranger, nas quais o texto original e o vertido apareciam lado a lado) Griboiêdov para o francês e o inglês, Baudelaire para o inglês e o russo, e John Shade para o russo e o francês — frequentemente lia para Van, numa voz profunda de médium, as versões publicadas por outras pessoas que labutavam nesse campo da semiconsciência. As traduções de versos para o inglês tinham, de forma muito especial, o dom de provocar no rosto de Van uma careta grotesca que, quando ele não estava usando a dentadura, o tornava igualzinho a uma máscara de comédia grega. Não sabia dizer o que o enojava mais: se a mediocridade bem-intencionada, cujas tentativas de fidelidade se viam frustradas pela falta de sensibilidade artística e pelos erros hilariantes de interpretação textual, ou se o poeta profissional que adornava, com suas próprias invenções, o autor morto e indefeso (um bigode aqui, as partes pudendas acolá) — método esse que camuflava lindamente a ignorância pelo parafrasta da língua de origem ao misturar as mancadas de uma erudição inepta com os caprichos da imitação presunçosa.

Certa tarde de 1957, quando Ada, o sr. Oranger (um catalisador nato) e Van debatiam tais assuntos (o livro de Van e Ada, *Informação e forma*, tinha acabado de sair), de repente ocorreu a nosso velho polemista que todas as obras que publicara — até mesmo as extremamente abstrusas e especializadas *Suicídio e sanidade* (1912), *Compitalia* (1921) e *Quando um alienista não consegue dormir* (1932), para citar apenas algumas — não eram tarefas epistemológicas empreendidas com rigor intelectual, e sim exercícios joviais e belicosos em estilo literário. Foi-lhe perguntado por que, sendo assim, não se soltava de vez, por que não escolhia um vasto campo para uma partida entre a Inspiração e o Engenho; e, uma coisa levando a outra, ficou resolvido que ele escreveria suas memórias — a serem publicadas postumamente.

Escrevia muito devagar. Levou seis anos para redigir o primeiro rascunho e ditá-lo para *Miss Knox*, após o que reviu o texto datilografado, o reescreveu inteiramente à mão (1963-65) e voltou a ditar tudo para a incansável Violet, cujos belos dedos datilografaram uma cópia final em 1967. E — p — i, minha querida.

Ada, que se aborrecia com o insuficiente reconhecimento dado a seu irmão, ficou aliviada e feliz com o sucesso de *A textura do Tempo* (1924). Aquela obra, segundo ela, sempre a fazia lembrar, de um modo estranho e delicado, das brincadeiras de sol e sombra que costumava organizar nas aleias mais remotas do parque de Ardis. Dizia-se em parte responsável pela metamorfose das encantadoras larvas que haviam tecido a seda do “Tempo de Veen” (tal como o conceito era agora citado no mesmo patamar em que se encontravam a “Duração de Bergson” ou a “Borda luminosa de Whitehead”). Mas um trabalho bem anterior e menos significativo, o pobre romance *Cartas da Terra*, do qual só existia meia dúzia de exemplares — dois na *Villa Armina* e os demais nas estantes de bibliotecas universitárias —, estava ainda mais próximo de seu coração devido às associações não literárias com o tempo que haviam passado juntos em Manhattan em 1892-93. Aos sessenta anos, Van rejeitou com desprezo e rispidez sua inocente sugestão de que o livro fosse republicado, juntamente com as reflexões de Sidra e um panfleto de crítica à escola de Signy chamado *O Tempo nos sonhos*. Aos setenta, Van lamentou seu próprio desdém quando Victor Vitry, um brilhante diretor francês, sem pedir autorização a ninguém rodou um filme baseado no *Cartas da Terra* escrito por “Voltemand” meio século antes.

Vitry situou em 1940 a visita de Theresa à Antiterra, mas 1940 pelo calendário terrâneo e cerca de 1890 pelo nosso. Esse recurso permitiu alguns mergulhos agradáveis nos modos e maneiras de nosso passado (você se lembra que os cavalos usavam chapéus — isso mesmo, *chapéus* — quando uma vaga de calor se abatia sobre Manhattan?) e deu a impressão — muito explorada pela ficção científica — de que a viajante espacial recuava no tempo. Os filósofos lançaram perguntas antipáticas, mas não mereceram a menor atenção da parte dos frequentadores dos cinemas, mais do que dispostos a serem tapeados.

Em contraste com o curso tranquilo da história demoniana no século XX — com a coalizão anglo-americana dirigindo um hemisfério e a Tartária, por trás do Véu de Ouro, governando o outro em segredo —,



uma sucessão de guerras e revoluções desfez o quebra-cabeça dos Estados autônomos na Terra. Numa impressionante recapitulação histórica produzida por Vitry — sem dúvida o maior gênio cinematográfico a dirigir um filme de tal alcance e utilizar número tão grande de extras (falou-se em mais de um milhão, embora outros mencionassem meio milhão de homens e igual cifra de espelhos) —, reinos caíam e ditaduras se erguiam, enquanto as repúblicas se deixavam ficar sentadas ou deitadas, em variadas atitudes de desconforto. A concepção era controversa, a execução, impecável. Vejam-se todos aqueles soldadinhos correndo como loucos entre uma e outra trincheira, com explosões de lama e outras coisas que fazem *puf-puf* por toda parte em francês não falado.

Em 1905, a Noruega, com um potente repelão e uma longa ondulação dorsal, apartou-se da Suécia, sua incômoda e gigantesca nação gêmea, enquanto, num ato semelhante de separação, o Parlamento francês, em meio a manifestações parentéticas de *vive émotion*, aprovou o divórcio entre o Estado e a Igreja. Mais tarde, em 1911, as tropas norueguesas comandadas por Amundsen chegaram ao polo Sul e simultaneamente os italianos atacaram a Turquia. Em 1914, a Alemanha invadiu a Bélgica e os americanos rasgaram o Panamá. Em 1918, eles e os franceses derrotaram a Alemanha, enquanto ela estava ocupada derrotando a Rússia (que havia derrotado seus próprios tártaros anos antes). A Noruega contava então com Siegrid Mitchel; a América, com Margaret Undset; e a França, com Sidonie Colette. Em 1926, após outra guerra fotogênica, Abdel-Krim rendeu-se, e a Horda Dourada mais uma vez subjugou a Rússia. Em 1933, Athaulf Hindler (também conhecido como Mittler — de “*mittle*”, mutilar) assumiu o poder na Alemanha, e eclodiu um conflito de proporções ainda mais espetaculares que o de 1914-18, ocasião em que Vitry não mais pôde se valer de documentários e Theresa, interpretada por sua mulher, deixou a Terra numa cápsula cósmica após fazer a cobertura dos Jogos Olímpicos realizados em Berlim (os noruegueses ganharam a maior parte das medalhas, mas os americanos venceram na esgrima, evento notável, e derrotaram os alemães na final do torneio de futebol por três a um).

Van e Ada viram o filme nove vezes, em sete idiomas diferentes, e por fim compraram uma cópia para ter em casa. Acharam o contexto histórico absurdamente artificial e consideraram a hipótese de mover uma ação contra Vitry — não por haver roubado a ideia das CDT, mas por ter distorcido a política terrestre tal como registrada por Van com tanto esforço e competência a partir de fontes extrassensoriais e sonhos insanos. Mas cinquenta anos se haviam passado, e o curto romance não tinha sido protegido por direitos autorais; na verdade, Van nem seria capaz de provar que “Voltemand” era ele. No entanto, a

imprensa descobriu a paternidade da obra e, num gesto magnânimo, Van permitiu que a informação fosse divulgada.

Três circunstâncias contribuíram para o excepcional sucesso do filme. A primeira, obviamente, foi que as Igrejas, desaprovando a atração que a Terra exercia sobre seitas ávidas de sensações fortes, tentaram proibir sua exibição. A segunda derivou de uma breve cena que o sagaz Vitry decidiu não cortar: no flashback de uma revolução na antiga França, um extra desafortunado, que fazia o papel de ajudante do carrasco, foi acidentalmente decapitado enquanto empurrava o comediante Steller, que interpretava um rei relutante, a fim de colocá-lo em posição guilhotinável. Por fim, a terceira razão, ainda mais humana, foi que a adorável artista principal, a norueguesa de nascimento Gedda Vitry, após excitar os espectadores com suas saias curtas e andrajos eróticos nas sequências existenciais, emergiu da cápsula na Antiterra nua em pelo, embora, naturalmente, em miniatura, um milímetro de enlouquecedora feminilidade dançando no “círculo encantado do microscópio” como uma fadinha safada, e revelando em certas atitudes, *mama mia*, um lampejo diminuto da penugem púbica coberta de ouro em pó!

Bonequinhos CDT e berloques CDT, de coral e marfim, apareceram nas lojas de souvenir desde a cidade de Agonia, na Patagônia, até Culhanrugas, em Le Bras D’Or. Brotaram clubes CDT por toda parte. Ao longo das estradas, garçonetes CDT saracoteavam com minimenus em frente a restaurantes com formato de naves espaciais. A julgar pelo tremendo volume de correspondência acumulado sobre a escrivanhinha de Van durante uns poucos anos de fama mundial, podia deduzir-se que milhares de pessoas mais ou menos desequilibradas acreditavam (tão notável tinha sido o impacto visual do filme de Vitry-Veen) que o governo mantinha em segredo a verdadeira identidade da Terra e da Antiterra. A realidade demoniana definhou até se tornar uma ilusão fortuita. Com efeito, havíamos passado por tudo aquilo. Os políticos, chamados de Velho Felt e Tio Joe em histórias em quadrinhos esquecidas, realmente haviam existido. Os países tropicais significavam não apenas reservas naturais para a preservação de animais selvagens, mas também fome crônica, e morte, e ignorância, e feiticeiros, e agentes da distante Atomska. Nosso mundo *estava*, de fato, no meio do século XX. A Terra convalescia após ter suportado o suplício da roda e o poste da fogueira, os brutamontes e as bestas-feras que a Alemanha inevitavelmente gera ao realizar seus sonhos de glória. Os camponeses e os poetas russos não haviam sido transportados para a Estócia e para as Estepes Áridas séculos atrás — estavam morrendo, naquele preciso momento, nos campos de escravos da Tartária. Até mesmo o governador da França não era Charlie Chose, o suave sobrinho de Lord Goal, mas um general francês mal-humorado.

Nirvana, Nevada, Vaniada. Aliás, querida Ada, acho que cumpre acrescentar que somente em nosso último encontro, logo depois de meu pesadelo prematuro — quer dizer, premonitório — sobre o tema do caranguejo, minha pobre mãe-manequim usou *mon petit nom*, Vânia, Vaniuca — nunca o tinha usado antes, e soou tão estranho, tão ca... (a voz se perde, os radiadores tilintam).

“Mãe-manequim” (rindo). “Os anjos também têm vassouras — para varrer imagens horríveis de nossa mente. Minha ama-seca negra vivia perdida em devaneios brancos.”

De repente, um pedaço de gelo cai pela goteira: estalactite de coração partido.

Registradas na memória conjunta dos dois e novamente ouvidas suas primeiras preocupações com a estranha ideia da morte. Há uma troca de palavras que seria simpático reencenar contra o pano de fundo verde e móvel de um de nossos cenários de Ardis. A conversa sobre a “dupla garantia” na eternidade. Comece um pouquinho antes disso.

“Sei que há um Van em Nirvana. Estarei com ele nas profundezas *moiego áda*, do meu Hades”, disse Ada.

“Sim, é verdade” (aqui entram os efeitos sonoros imitando vozes de pássaros, galhos que se inclinam em sinal de aquiescência e aquilo que você costumava chamar de “gotas de ouro”).

“Na condição de amantes e irmãos”, ela exclamou, “temos uma dupla chance de ficarmos juntos na eternidade, na terraridade. Quatro pares de olhos no paraíso!”

“Bela ideia, bela ideia”, disse Van.

Algo no gênero. Uma grande dificuldade: a estranha miragem tremeluzente que ocupa o lugar da morte não deveria aparecer cedo demais em nossa crônica e, no entanto, precisa impregnar as primeiras cenas amorosas. Difícil mas não insuperável (posso fazer o que quiser, posso dançar tango e sapatear sobre minhas mãos fantásticas). Aliás, quem morre primeiro?

Ada. Van. Ada. Vaniada. Ninguém. Cada qual esperava ir na frente, o que implicava conceder ao outro uma vida mais longa, a fim de poupar-

lhe as angústias, ou as preocupações, da viuvez. Uma solução seria você se casar com Violet.

“Muito obrigado. *J’ai tâté de deux tribades dans ma vie, ça suffit.* O querido Emile diz *‘terme qu’on evite d’employer’*. Como ele tem razão!”

“Se não a Violet, então uma garota nativa do tipo Gauguin. Ou Yolande Kickshaw.”

Por quê? Boa pergunta. De qualquer modo, esta parte não deve ser dada a Violet para datilografar. Temo que vamos ferir muita gente (música alegre, cadência animada)! Ah, essa não, a arte não é capaz de ferir. É capaz sim, e muito!

Na verdade, a questão da precedência na morte hoje quase não tem a menor importância. Quer dizer, o herói e a heroína deviam estar tão próximos um do outro no momento em que começa o horror, tão *organicamente* próximos, que se superporiam, se amalgamariam, se intersofreriam, e, mesmo se o fim da Vaniada for contado no epílogo, nós, escritores e leitores, seríamos incapazes de discernir (míopes, míopes) quem exatamente sobreviveria, Dava ou Vada, Anda ou Vanda.

Tive uma colega de escola chamada Vanda. E *eu* conheci uma menina chamada Adora, uma coisinha linda, no meu último floramor. O que é que me faz considerar este pedaço o mais puro *sanglot* de todo o livro? Qual é a pior parte de morrer?

Porque você se dá conta de que a morte tem três facetas (correspondendo *grosso modo* à tripartição popular do Tempo). Em primeiro lugar, há o choque de abandonar para sempre todas as nossas memórias — isto é um lugar-comum, mas que coragem o ser humano precisou ter para lidar com esse lugar-comum um sem-número de vezes sem desistir dessa bobagem de acumular ainda outra vez os tesouros da consciência que lhe serão de novo confiscados! Temos então a segunda faceta — a abominável dor física —, na qual, por óbvias razões, não nos deteremos. E, por fim, há o pseudofuturo informe, vazio e negro, um eterno não durar, o paradoxo último das escatologias de nossos cérebros tão limitados!

“É”, disse Ada (quando tinha onze anos e já se destacava pela capacidade de jogar os cabelos para trás), “sim... mas tome o caso de um paralítico que esquece todo o passado aos poucos, de derrame em derrame, que morre bonitinho durante o sono, e que toda a vida acreditou que a alma é imortal — isso não é desejável, não é um arranjo bastante confortável?”

“Triste consolo”, disse Van (com catorze anos e morrendo de outras vontades). “Você perde a imortalidade quando perde a memória. E se então aterrissar na *Terra Caelestis*, com teu travesseiro e teu penico, não vão te pôr num quarto com Shakespeare ou mesmo com Longfellow, mas com guitarristas e cretinos.”

Ela insistiu em que, se não houvesse o Futuro, então cada qual tinha o direito de inventar seu próprio futuro; nesse caso, o futuro de cada

pessoa de fato existia enquanto ela existisse. Oitenta anos transcorreram rapidamente — tempo suficiente para mudar uma transparência na lanterna mágica. Tinham passado a maior parte da manhã revendo a tradução conjunta de alguns versos (linhas 569-72) do famoso poema de John Shade:

*... Soviéti mi daiom*

*Kak bit vdovtsu: on potierial dvukh jion;*

*On ikh vtrietcháiet — lubiáschikh, liubímikh,*

*Rievnúiuschkh iegó drug k drujke...*

*... We give advice*

*To widower. He has been married twice;*

*He meets his wives, both loved, both loving both*

*Jealous of one another...*

*Vejamos...*

*O caso de um viúvo que recasa:*

*Reencontra as esposas, ama a ambas,*

*Por ambas é amado — e que ciúmes*

*Têm uma à outra! \**

Van comentou que este era o X do problema: obviamente, podia imaginar-se qualquer tipo de Além: o paraíso generalizado prometido pelos profetas e poetas orientais, ou uma combinação individual; mas o trabalho da fantasia é prejudicado — de modo fatal — por uma proibição lógica: não se pode levar os amigos, e nem mesmo os inimigos, para a festa. A transposição de todas as nossas relações lembradas para uma vida elísia inevitavelmente a transforma numa continuação banal de nossa maravilhosa mortalidade. Só um chinês ou uma criança retardada pode imaginar que, naquele Mundo Reeditado, será recebido, em meio a todo tipo de gestos de boas-vindas, pelo mosquito executado oitenta anos atrás sobre a perna nua, a qual desde então teve de ser amputada e que agora, no rasto do mosquito que não para de gesticular, volta saltitando e pedindo para ser reatarraxada ao corpo.

Ela não riu; repetiu a si própria os versos que lhe haviam causado tantas dificuldades. Os encolhedores de cérebro da escola Signy sustentariam alegremente que a supressão dos três “*both*” (ambas) na versão russa nada tinha a ver, ah, mas nada mesmo, com o fato de que acomodar três incômodos anfíbracos no pentâmetro exigiria que se acrescentasse ao menos mais um verso para carregar a bagagem.

“Ah, Van, ah, Van, nós não a amamos o suficiente. É com *ela* que você deveria ter casado, aquela que estava sentada na balastrada de pedra com uma calça colante preta, e então tudo teria corrido bem —

eu ficaria com vocês dois na Mansão de Ardis, mas, em vez dessa felicidade, oferecida de graça, em vez disso tudo nós a *provocamos* até a morte!”

Já era hora da morfina? Não, ainda não. Ele não mencionara na *Textura* o binômio tempo-dor. Pena, já que um elemento de tempo puro entra na dor, na espessa, estável e maciça duração da dor que não se pode suportar. Que nada tem de diáfana, de cinzenta, pois é tão sólida quanto um tronco negro, não aguento mais, ai, chame o Lagosse.

Van o encontrou lendo no sereno jardim. O doutor entrou na casa com Ada. Durante um verão inteiro de sofrimento, ambos tinham acreditado (ou cada qual fez o outro acreditar) que não passava de um toque de nevralgia.

Toque? Um gigante, o rosto contorcido pelo esforço, apertando e torcendo um instrumento de agonia. Muito humilhante que a dor física faça com que a gente se sinta supremamente indiferente às questões morais, tais como o destino de Lucette, e bastante engraçado, se esta é a palavra correta, que a gente se preocupe com problemas de estilo mesmo nesses momentos atrozes. O doutor suíço, a quem havíamos contado tudo (e que, por acaso, havia conhecido um sobrinho do dr. Lapiner na faculdade de medicina), revelou intenso interesse pelo livro quase completo mas só parcialmente corrigido e, de maneira jocosa, disse que era *le bouquin*, e não uma ou mais pessoas, que queria ver *guéri de tous ces accrocs* antes que fosse tarde demais. Era tarde demais. O que todos imaginavam vir a ser a realização máxima de Violet, um texto idealmente limpo, produzido no papel especial da Atticus em caracteres cursivos também especiais (lembrando a escrita de Van), com a cópia mestre encadernada em couro de bezerro tingido de púrpura entregue a Van como presente no seu nonagésimo sétimo aniversário, tinha sido imediatamente destruída por um verdadeiro inferno de alterações em tinta vermelha e lápis azul. É válido supor que, se nosso casal, embora martirizado pelo correr do tempo e condenado a ficar deitado na cama, decidisse enfim morrer, morreria se *fundindo* no livro acabado, no Éden ou no Hades, na prosa do livro ou na poesia da contracapa.

O castelo recentemente construído em Ex estava incrustado num inverno de cristal. No mais recente *Who's Who*, a lista de suas obras principais incluía, por um estranho erro, o título de um trabalho que ele nunca escrevera, conquanto tivesse planejado fazê-lo muitas vezes antes: *A inconsciência e o inconsciente*. Não havia dor alguma em fazê-lo agora — e era uma grande dor completar *Ada*. “*Quel livre, mon Dieu, mon Dieu*”, exclamou o dr. [professor. Ed.] Lagosse, sopesando a cópia mestre que os pais pálidos e em decúbito dorsal das duas crianças na floresta, vistas naquele livrinho marrom — *Babes in the Woods* — que ficava no quarto das meninas da Mansão de Ardis, hoje já não seriam

capazes de manter aberto na primeira e misteriosa ilustração: dois corpos numa única cama.

A Mansão de Ardis — os Ardores e as Árvores de Ardis —, este é o leitmotiv que perpassa *Ada*, uma vasta e deliciosa crônica cuja parte principal tem como cenário uma América dotada de uma claridade de sonho — pois é ou não verdade que nossas memórias de infância são comparáveis às caravelas saídas da Vinelândia e circunvoadas pelos indolentes pássaros brancos do sonho? O protagonista, herdeiro de uma de nossas mais ilustres e opulentas famílias, é o dr. Van Veen, filho do barão “Demon” Veen, uma memorável personalidade de Manhattan e do Reno. O fim de uma época extraordinária coincide com a juventude não menos extraordinária de Van. Nada na literatura mundial, exceto talvez as reminiscências do conde Tolstói, pode equiparar-se em pura alegria e inocência arcádica à parte do livro passada em “Ardis”. Na fabulosa propriedade campestre de seu tio e colecionador de arte, Daniel Veen, um ardente romance infantil se desenvolve numa série de cenas fascinantes entre Van e a bela Ada, uma *gamine* realmente excepcional, filha de Marina, esposa de Daniel e fanática pelo teatro. O fato de que o relacionamento deles não constitui simplesmente um perigoso *cousinage*, mas possui um aspecto proibido por lei, é sugerido desde as primeiras páginas.

Malgrado as muitas complexidades da trama e da psicologia dos personagens, a narrativa se desenrola em ritmo veloz. Antes que possamos parar para recuperar o fôlego e contemplar tranquilamente a paisagem em meio à qual o tapete mágico do autor nos deixou cair, outra moça atraente, Lucette Veen, a filha mais moça de Marina, também se apaixona por Van, o libertino irresistível. O trágico destino dela é um dos pontos altos deste delicioso livro.

O resto da história de Van, contada com brilho e franqueza, gira em torno do longo romance com Ada, interrompido por seu casamento com um criador de gado do Arizona cujo legendário ancestral descobriu nosso país. Após a morte do marido, nossos amantes voltam a unir-se. Passam a velhice viajando juntos e residindo em diversas mansões, cada uma mais encantadora do que a outra, construídas por Van em todo o hemisfério Ocidental.

A delicadeza dos detalhes pictóricos não é o menor dos ornamentos desta crônica: uma galeria de treliças; um teto pintado; um belo brinquedo encajado em meio aos miosótis de um riacho; borboletas e orquídeas-borboleta na margem do romance; um panorama enevoado visto de uma escadaria de mármore; uma corça nos encarando no parque ancestral; e muito, muito mais.

---

\* Os versos em português correspondem às linhas 568-72 da tradução do poema no livro de Vladimir Nabokov intitulado *Fogo pálido* (tradução de Jorio Dauster e Sérgio Duarte, Companhia das Letras, 2004). (N. T.)

# Anotações de Ada por Vivian Darkbloom\*

## PRIMEIRA PARTE

### 1

Todas as famílias felizes etc.: aqui se ridicularizam as traduções erradas de clássicos russos. A primeira frase do romance de Tolstói é virada ao avesso, e se dá ao patronímico de Anna Arkadievna uma absurda terminação masculina, enquanto se acrescenta uma terminação feminina incorreta a seu sobrenome. “Mount Tabor” e “Pontius” fazem alusão às transfigurações (termo do sr. G. Steiner, creio eu) e traições a que estão sujeitos os grandes textos por culpa de tradutores pretensiosos e ignorantes.

*Siéviernia Territóri*: territórios setentrionais. Aqui e no restante deste livro a transliteração se baseia na velha ortografia russa.

granoblasticamente: como um mosaico em desordem.

Tofana: referência à “*aqua tofana*” (veja qualquer bom dicionário). [Líquido venenoso que contém arsênico, muito usado na Itália durante o século XVIII por jovens esposas desejosas de se livrar de seus maridos. O nome vem da mulher grega que o inventou em 1690. (N. T.)]

*durák*: “bobo” em russo.

lago Kitej: referência à lendária cidade de Kitej que brilha no fundo de um lago num conto de fadas russo.

sr. Eliot: vamos encontrá-lo outra vez nas páginas 346 e 377, na companhia do autor de *A medida da cintura* e *Versos agônicos*.

direção contrária à de Fogg: Phileas Fogg, o personagem de Júlio Verne que dá a volta ao mundo, viajou do oeste para o leste.

“Boa Noite, Crianças”: seus nomes são tomados emprestados, com certas distorções, de uma história em quadrinhos para crianças em língua francesa.

dr. Lapiner: por alguma razão obscura, mas nem por isso desinteressante, a maioria dos médicos neste livro tem nomes relacionados com coelhos. O francês “*lapin*” em Lapiner está refletido pelo russo “*Krolík*”, nome do adorado lepidopterologista de Ada (p. 18 *et passim*), enquanto o russo “*záiat*s” (lebre) soa como “Seitz” (o ginecologista alemão da p. 226); há um “*cuniculus*” do latim em “Nikúlin” (“neto do grande Kunikúlinov, especialista em roedores”, p. 420, e um “*lagos*” do grego em “*Lagosse*” (o médico que cuida de Van na velhice). Observar também *Coniglietto*, o especialista italiano em câncer do sangue, p. 369.



*mizerno*: forma franco-russa de “miserável” no sentido de “reles”.

*c'est bien le cas de le dire*: para dizer o mínimo.

*lieu de naissance*: lugar de nascimento.

*pour ainsi dire*: por assim dizer.

Jane Austen: referência à rápida informação narrativa dada por meio de um diálogo em *Mansfield Park*.

*Semeadora de flores estabiana*: referência ao célebre mural da cidade de Estábias (chamado *A primavera*) exibido no Museu Nacional de Nápoles: uma jovem espalhando flores.

Bielokonsk: gêmeo russo de “Whitehorse”, cidade do Noroeste do Canadá.

framboesas [Além de designar a fruta, “*raspberry*” em inglês também significa o som grosseiro de desaprovação produzido pela vibração da língua e dos lábios. (N. T.)]; fitas: referências aos erros ridículos nas versões feitas por Lowell dos poemas de Mandelchtam (no *N. Y. Review*, 23 de dezembro de 1965).

*en connaissance de cause*: com conhecimento de causa.

Aardvark: aparentemente, uma cidade universitária na Nova Inglaterra. [Harvard. (N. T.)]

Gamaliel: um estadista muito mais bem-afortunado do que nosso W. G. Harding. [Warren Gamaliel Harding, presidente dos Estados Unidos (1921-23), teve membros de seu ministério acusados de corrupção e faleceu no exercício do cargo. (N. T.)]

Lolita, Texas: a cidade existe ou, melhor dizendo, existia, pois lhe foi dado outro nome, creio eu, após o aparecimento de um romance notório.

*peniuar*: “penhoar” em russo.

Faradeus: aparentemente, o deus da eletricidade.

*Braques*: referência a um pintor de bricabraques.

*entendons-nous*: que isso fique claro.

yukonetas: habitantes do Yukon (Rússia).

coisa ambárica: de âmbar, alusão à eletricidade.

meu menino lindo, meu amor: paráfrase de um verso de Housman.

*ballatetta*: fragmentação e distorção de uma passagem da “pequena balada” do poeta italiano Guido Cavalcanti (1255-1300). Os versos relevantes são: “você, vizinha fraca e assustada que sobe chorando de meu coração aflito, vai com minh’alma e aquela cantiga, que fala de uma mente destruída”.

*Nuss*: “noz” em alemão. [Em inglês, “*nuts*” significa tanto “nozes” quanto “louco”, e “*nuthouse*” é “hospício”. (N. T.)]

*Khristosik*: “pequeno Cristo” em russo.

*rukuliruiuschi*: palavra russa derivada do francês *roucoulant*, “arrulhante”.

*aujourd’hui, heute, today*: “hoje” em francês, alemão e inglês.

*Princesse Lointaine*: *Princesa distante*, título de uma peça francesa.

4

*pour attraper le client:* para enganar o cliente.

*je parie* etc.: aposto que o senhor não me reconhece.

*Lady Amherst*: confundida, na cabeça do menino, com a erudita senhora cujo nome designa um conhecido faisão.

com um sorrisinho: fórmula predileta de Tolstói para denotar uma fria superioridade, senão arrogância, na maneira de falar de um personagem.

6

Súmierietchnikov: o nome é derivado de “*sumerki*” (“crepúsculo” em russo).

um belo poema espanhol: na verdade, *dois* poemas: *Descanso en jardín* e *El otoño: isla*, ambos de Jorge Guillén.

*Monsieur a quinze ans* etc.: O senhor tem quinze anos, eu creio, e eu, isso eu sei, dezenove... O senhor sem dúvida já andou com as jovens da cidade, enquanto eu sou virgem, ou quase. Além disso...

*rien qu'une petite fois*: só uma vezinha.

*Mais va donc jouer avec lui:* Vá brincar com ele.

*se morfondre:* aborrecer-se, ficar entediado.

*au fond:* na verdade.

*Je l'ignore:* Não sei.

*Cache-cache:* esconde-esconde.

*infusion de tilleul:* chá de tília.

*Les Amours du Docteur Mertvago:* jogo de palavras com “Jivago” (*jiv* significa “vivo” em russo e *mert*, “morto”).

*le grand chêne:* o grande carvalho.

*Les Malheurs de Swann:* cruzamento entre *Les Malheurs de Sophie*, de Mme. Ségur (condessa Rostoptchin de nascimento), e *Un Amour de Swann*, de Proust.

*monologue intérieur*: o chamado *stream-of-consciousness*, técnica literária usada por Leão Tolstói, por exemplo, ao descrever as últimas impressões de Anna enquanto sua carruagem corre pelas ruas de Moscou.

*soi-disant*: supostamente.

senhor Fowlie: ver Wallace Fowlie, *Rimbaud* (1946).

*les robes vertes* etc.: os vestidos verdes e desbotados das meninas.

*Ánguel moi*: “Meu anjo” em russo.

*En vain* etc.: Em vão a gente brinca de ganhar/ O rio Oka e a baía da Palmeira.

*bambin angélique*: menino angelical.



*groot*: “grande” em holandês.

*un machin* etc.: uma coisa deste tamanho que por pouco não feriu a criança na nádega.

juncos pensantes: metáfora de Pascal sobre o homem, *un roseau pensant*.

*buvard*: buvar, objeto de madeira, metal etc. onde se fixa o mata-borrão.

Kamargski: Camarga, região pantanosa do sul da França combinada com *Komár*, “mosquito” em russo e “*moustique*” em francês.

*petite collation du matin*: café da manhã leve.

*tartine au miel*: pão com manteiga e mel.

Osberg: outro anagrama divertido, misturando as letras do nome de um escritor com quem o autor de *Lolita* tem sido comparado de forma bastante cômica. Aliás, a pronúncia daquele título nada tem a ver com os idiomas inglês e russo (*pace* uma coruja anônima em exemplar recente do *N. Y. Times Literary Supplement*).

*mais ne te* etc.: mas não fique rebolando assim ao vestir a saia. Uma menina bem-educada...

*très en beauté*: muito bonita.

*petchenegue*: “selvagem” em russo.

*grande fille*: mocinha, moça que atingiu a puberdade.

*La Rivière de Diamants*: Maupassant e seu *La Parure* (p. 93) não existiam na Antiterra.

*à grand eau*: encharcando o assoalho.

V.I.A.V.A.L.V: violeta-índigo-azul-verde-amarelo-laranja-vermelho.

*sans façons*: sem cerimônia.

*strapontin*: em francês, assento dobrável num veículo.

*décharné*: macilento.

*Allons donc*: Ora, não diga isso.

*pointe assassine*: o ponto (de uma narrativa ou de um poema) que mata o mérito artístico.

*quitte à tout dire* etc.: até mesmo dizendo tudo à viúva, se necessário.

*Il pue*: ele fede.

*Atala*: romance curto de Chateaubriand.

*un juif*: um judeu.

*et pourtant*: e no entanto.

*Ce beau jardin* etc.: Este belo jardim floresce em maio,/ Mas no inverno/ Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca/ É verde, é verde, é verde, é verde, é verde.

*tchort*: em russo, “diabo”.

*Miliêichi*: “Queridíssimo” em russo.

*Partie* etc.: Parte exterior e carnuda que forma o contorno da boca ...  
As duas bordas de uma ferida simples ... é o membro que lambe.

*pascaltrezza*: neste trocadilho, que combina Pascal com *caltrezza* (em italiano, “pessoa muito espirituosa”) e *treza* (palavra provençal que significa “hastes trançadas”), o francês “*pas*” nega o “*pensant*” do “*roseau*” em sua famosa frase “o homem é um junco pensante”.

Kátia: uma jovem inocente na obra de Turguêniev *Pais e filhos*.

*trouvaille*: achado.

Charles Chateaubriand: Ada, que gostava de cruzar borboletas, aqui cruza dois escritores franceses, Baudelaire e Chateaubriand.

*recueilli*: concentrado, enlevado.

*puisqu'on* etc.: já que abordamos este tema.

*hument*: cheiram aspirando.

*et tout le reste*: e todo o resto.

*zdrásvstuitie* etc.: atenção: a apoteose.

*Mlle. Stoptchin*: uma representante de *Mme. de Ségur*, nascida Rostoptchine, autora de *Les Malheurs de Sophie* (ocupada nomenclaturalmente na Antiterra por *Les Malheurs de Swann*).

*Au feu!*: Fogo!

*flambait*: estava em chamas.

*en croupe*: na garupa.

*à reculons*: de costas.

a questão do Nilo etc.: famoso telegrama enviado por um explorador africano.

*parlez pour vous*: fale por você.

*trempée*: encharcada.



*Je l'ai vu* etc.: Eu o vi numa das cestas de papel da biblioteca.

*Je me demande* etc.: Eu me pergunto quem o pôs lá.

*aussitôt après*: imediatamente depois.

Lowden: combinação do nome de dois bardos contemporâneos.

Floeberg: o estilo de Flaubert é imitado nesta pseudocitação.

*pour ne pas* etc.: para não lhe pôr nenhuma ideia na cabeça.

*en lecture*: sendo lido.

*cher, trop cher René*: querido, querido demais (as palavras de sua irmã na obra *René*, de Chateaubriand).

*Chiron*: um médico em meio aos centauros, referência ao melhor romance de Updike.

semanário londrino: referência à coluna de Alan Brien no *New Statesman*.

*Höhensonne*: “lâmpada ultravioleta” em alemão.

*démission* etc.: demissão lacrimosa.

*fait divers*: notícia corriqueira de jornal.

*blin*: “panqueca” em russo.

*qui le sait*: quem sabe.

Heinrich Müller: autor de *Poxus* etc.

*Ma soeur te souvient-il encore*: primeiro verso do terceiro sexteto do *Romance à Hélène*, de Chateaubriand (“*Combien j’ai douce souvenance*”, Que memórias tão doces eu guardo), composto para acompanhar uma canção de Auvergne que ele ouviu durante uma viagem ao Mont Dore em 1805 e mais tarde inseriu em seu romance curto *Le Dernier Abencerage*. O quinto (e último) sexteto começa com “*Oh! Qui me rendra mon Hélène. Et ma montagne et le grand chêne*” — um dos *leitmotifs* deste romance.

Lucile: nome da irmã de Chateaubriand.

Rockette: corresponde a *La Petite Rocque*, de Maupassant.

*la chaleur du lit*: o calor da cama.

*Khorochó*: em russo, “tudo bem”.

*Mironton, mirontaine*: refrão de uma canção popular francesa.

Letrocalamidade: jogo de palavras com o italiano *elettrocalamita* e eletromagneto.

o neto de Bagrov: alusão à obra *A infância do neto de Bagrov*, do escritor menor Serguei Aksákov (1791-1859).

*des hobereaux irlandais*: nobres rurais irlandeses.

*biriúлки próchlogo*: em russo, bugigangas do passado.

*traktir*: “taverna” em russo.

*au cou rouge* etc.: com o pescoço vermelho e possante de um viúvo ainda cheio de seiva.

*gloutonnerie impardonnable*: gula imperdoável.

*tant pis*: pior para você.

*Je rêve* etc.: Devo estar sonhando. Não é possível que alguém passe manteiga por cima dessa massa britânica indigesta e imunda.

*Et ce n'est que* etc.: E é só a primeira fatia.

*lait caillé*: coalhada.

*chlafrok*: palavra russa derivada do alemão *Schlafrock*, roupão.

*Tous les pneus sont neufs*: Todos os pneus são novos.

*Tel un* etc.: Tal qual um lírio selvagem confiando no deserto.

*Non, Monsieur* etc.: Não, senhor, eu simplesmente gosto muito do senhor e de sua senhorita.

*qu'y puis-je?*: o que é que eu posso fazer sobre isso?

Tropeçando em melões ... ervas-doces altas e arrogantes: alusões a certas passagens nos poemas "Garden", de Marvell, e "Mémoire", de Rimbaud.

*La bonne surprise*: Que boa surpresa.

*amour-propre, sale amour*: trocadilho tomado emprestado da obra de Tolstói “*Ressurreição*”. [Em francês, “*propre*” significa tanto “próprio” — gerando “*amour-propre*” (amor-próprio) — quanto “limpo”; “*sale*” significa “sujo”. (N. T.)]

*quelque petite blanchisseuse*: uma lavadeirazinha qualquer.

Toulouse: Toulouse-Lautrec.

*O cavaleiro sem cabeça*: o título de Mayn Reid é atribuído aqui a Púchkin, autor de *O cavaleiro de bronze*.

Liérmontov: autor de *O demônio*.

Tolstói etc.: O personagem de Tolstói Hadji Murad (chefe de uma tribo caucasiana) é misturado aqui com o general Murat, cunhado de Napoleão, e com o líder revolucionário francês Marat, assassinado na banheira por Charlotte Corday.

Lute: de “Lutèce”, antigo nome de Paris.

*constatait* etc.: verificava com prazer.

a aurora tiritava etc.: um toque de Baudelaire.



*golubiânka*: em russo, uma pequena borboleta azul.

*petit bleu*: gíria parisiense para designar o correio pneumático (mensagem expressa em papel azul).

*Mademoiselle* etc.: Lamento dizer, meu senhor, mas a senhorita pegou uma pneumonia daquelas.

Graniel Maza: perfume cujo nome é derivado da *gran almaza* (faceta de diamante) do monte Kazbek na obra de Liérmontov *O demônio*.

*Vass* etc.: em inglês, “*yellow-blue Vass*” (“Vass azul amarelado”) tem pronúncia semelhante à frase russa “*iá liubliú vas*” (eu te amo).

*Mais, ma pauvre amie* etc.: Mas, minha pobre amiga, era uma joia falsa.

*elle le mangeait* etc.: ela o devorava com os olhos.

*petits vers* etc.: versinhos e bichos-da-seda.

tio Van: alusão a uma linha na peça de Tchékhov *Tio Vanya*: “Veremos todo o céu cravejado de brilhantes”.

*Les Enfants Maudits*: As crianças malditas.

*On ne parle pas* etc.: não se fala assim na frente de um cachorro.

Ero: foi assim que o policial, que não pronunciava o “h” inicial das palavras, definiu o desleal amigo do personagem principal da obra de Wells *O homem invisível*.

*mais qu'est-ce* etc.: mas o que é que teu primo fez contigo?

*unschicklich*: em alemão, “impróprio” (que Ada entendeu como “não chique”).

*ogón*: em russo, “fogo”.

*Microgaláxias*: obra conhecida na Terra como *Os filhos do capitão Grant*, de Jules Verne.

*ailleurs*: alhures.

*alfavít*: “alfabeto” em russo.

Pat Rishin: trocadilho com “*patrician*” (“aristocrata”). Cumpre lembrar que Podgoretz (que em russo significa “embaixo do morro”) aplicou este epíteto a um crítico muito benquisto, supostamente grande especialista no idioma russo tal como falado em Minsk e em outros lugares. Minsk e o xadrez também aparecem no capítulo sexto de *Speak, Memory* (p. 133, N.Y., edição de 1966). [*Speak, Memory* é uma obra autobiográfica de Vladimir Nabokov, publicada no Brasil pela Companhia das Letras com o título de *A pessoa em questão*. (N. T.)]

Gerstchijevski: o nome de um eslavista é aqui misturado com o de Tchijevki, outro eslavista.

*Je ne peux* etc.: Não posso fazer nada, mas nada mesmo.

*Buchstaben*: em alemão, “letras do alfabeto”.

*c'est tout simple*: é muito simples.

*pas facile*: não foi fácil.

*que dis-je*: ou melhor.

*Elle est folle* etc.: Aquela moça é louca e má.

Torre da Cerveja: em inglês, *Beer Tower*, trocadilho com “*Tourbière*”.

*tcháiku*: “chazinho” em russo.

*ivanilitch*: um pufe desempenha um papel maravilhoso na obra de Tolstói *A morte de Ivan Ilitch*, onde solta um profundo suspiro sob o peso de um amigo da viúva.

*cousinage, dangereux voisinage*: parentesco entre primos é vizinhança perigosa.

*qu'on s'embrassait* etc.: que nós nos beijávamos por todos os cantos.

*hier und da*: em alemão, “aqui e ali”.

*raffolait* etc.: era louco por uma de suas mulas.

*Tant mieux*: Melhor assim.

Tuzenbakh: Van recita as últimas palavras do desafortunado barão na peça de Tchékhov *As três irmãs*, o qual não sabe o que dizer mas se sente obrigado a falar algo para Irina antes de ir lutar o duelo em que morre.

*kontretan*: pronúncia errada em russo do francês *contretemps* (“contratempo”).

*kamierístotchka*: em russo, “jovem criada”.

*En effet*: Na verdade.

*Petit nègre* etc.: negrinho no campo onde as flores desabroçam.

*ce sera* etc.: vai ser um jantar a quatro.

sacudindo o indicador esquerdo: este gene estava presente em sua filha (ver p. 236, onde também está prefigurado o nome do creme de cabelo).

Lióvka: diminutivo pejorativo ou carinhoso de Liov (Léo).

*antranou* etc.: pronúncia errônea, em russo, da expressão francesa “*entre nous soi dit*” (entre você e mim).

*filius aquae*: “filho da água”, mau trocadilho com *filum aquae*, “o fio do rio”, a rota central.

*une petite juive* etc.: uma judiazinha muito aristocrática.

*passé encore*: ainda passa.

Por acaso etc.: “Por acaso os versos foram preservados, Eu os tenho, aqui estão” (*levguêni Oniéguin*, Seis: XXI: 1-2).

*devant les gens*: na frente dos criados.

Fanny Price: personagem principal do romance de Jane Austen *Mansfield Park*.

*Grib*: em russo, “cogumelo”.

*zakússotchni stol*: em russo, mesa com *hors-d’oeuvres*.

*petits soupers*: ceias íntimas.

Persty: Evidentemente, a *vinograd* de Púchkin: “tão longas e transparentes quanto os dedos de uma jovem” (*dievi molodoi, jeune fille*).

*ciel-étoilé*: céu estrelado.

*nie pikhtitie*: em russo, “não fique chiando”.

*Vous me comblez*: É muita gentileza.

*pravda*: em russo, “é verdade”.

*po rastchiótu po móemu*: alusão a Famusov (na obra *Górie ot umá*, de Griboiêdov) ao calcular a gravidez de uma amiga.

*Protiestúiu*: em russo, “Protesto”.

*sieriôzno*: em russo, “seriamente”.

*en accuse* etc.: ... revela sua beleza.

telérica: anagrama de “elétrica”.

*Tetrastes* etc.: nome latino da imaginária ave “tetráz de Peterson” de Wind River Range, Wyo.

*A great good man* [um grande e bom homem]: frase que o político britânico Winston Churchill aplicou entusiasticamente a Stálin.

*voulu*: intencional.

*echt deutsch*: um genuíno alemão.

*Partir* etc.: partir é morrer um pouco, e morrer é partir um pouco demais.

*tangelo*: cruzamento de tangerina e pomelo ou toranja (*grapefruit*).

*falchivo*: em russo, “falso”.

*rozi ... bieriozi*: em russo, “rosas ... bétulas”.

*Ou comme ça?*: Ou assim?

*sales* etc.: pequenos burgueses sujos.

*je tampri*: pronúncia errônea, em russo, de “*je t’en pris*” (por favor).

Trigorin etc.: referência a uma cena da peça *A gaivota*.

Houssaie: “*hollywood*” em francês (“bosque de azevinho”).

*passati*: trocadilho pseudorrusso com “*pass water*” (“urinar”).

*coeur de boeuf*: coração de boi (no formato).

*Quand tu voudras* etc.: A qualquer hora, garoto.

*La maudite* etc.: a maldita preceptora.

*Vos* etc.: numa mistura de francês e russo, “Tuas expressões são muito indecorosas”.

*qui tâchait* etc.: que tentava fazer com que ela virasse a cabeça.

*Ombres* etc.: Sombras e cores.



*qu'on la coiffe* etc.: de ser penteada ao ar livre.

*un air entendu*: com um olhar de quem sabe das coisas.

*ne sait quand* etc.: não sabe quando voltará, não sabe quando voltará.

*c'est ma dernière* etc.: é minha última noite na mansão.  
*je suis* etc.: sou toda tua, daqui a pouco o sol vai nascer.  
*Parlez pour vous*: quem diz isso é você.  
*immonde*: repugnante, desprezível.  
*il la mangeait* etc.: ele a devorava com beijos nojentos.  
*marée noire*: maré negra.

*j'ai des ennuis*: tenho aborrecimentos.

*un petit topinambour*: tubérculo da planta tupinambo, ou tupinambor; trocadilho com a palavra "*calembour*", que significa "trocadilho" em francês. [Tupinambo é também conhecido como alcachofra-girassol, (N. T.)]

*On n'est pas etc.*: equivalente a "Mas que cafajestada!".

Tapper: "Violetas Silvestres" e "Birdfoot" [literalmente, "pé de passarinho"] (p. 299) refletem a homossexualidade do adversário de Van e dos dois segundos.

Rafin, *Esq.*: trocadilho com "*Rafinesque*", cujo nome foi dado a uma violeta.

Dó-Ré-Lá: "Ladore" musicalmente misturado.

*partie de plaisir*: piquenique.

*palata*: em russo, "enfermaria".

*tvoiú mat*: em russo, "tua mãe", final de um xingamento bem popular.

tio: "Meu tio obedece a princípios muito honestos". (*levguêni Oniéguin*, Um: i;1)

*encore un petit enfantôme*: mais um "bebê fantasma" (trocadilho). [Em francês, "bebê" é "*enfant*" e "fantasma", "*fantôme*". (N. T.)]

o último parágrafo da Primeira Parte imita, na significativa brevidade de entonação (como se dito por uma voz que vem de fora), um famoso final de Tolstói, com Van no papel de Kitty Liôvin.

## SEGUNDA PARTE

### 1

*poule*: “prostituta”.

*Komsi-komsa*: pronúncia errônea, em russo, de “*comme-ci comme-ça*” (“mais ou menos, assim-assim”).

*miéstietchko*: em russo, “quartinho, banheiro”.

*Bâteau Ivre*: barco bêbado, título de um poema de Rimbaud usado aqui em vez de “*ship of fools*”, “barco dos loucos ou dos tolos”.

*ce qui* etc.: o que dá no mesmo.

Grant etc.: Júlio Verne, no romance *Os filhos do capitão Grant*, faz com que “*agonie*” (“agonia”) se transforme em parte de “*Patagonie*” (“Patagônia”) numa mensagem encontrada por acaso.

Cyraniana: alusão à obra de Cyrano de Bergerac *Histoire comique des Etats [et empires] de la Lune*.

*Niekto*: em russo, “quidam” (uma certa pessoa, pessoa pouco importante).

Sig Leymanski: anagrama do nome de um jocoso romancista inglês profundamente interessado em ficção científica.

Abencerage, Zegris: famílias de mouros da Granada cuja inimizade inspirou Chateaubriand).

*fille de joie*: “prostituta”.

*maisons closes*: “bordéis”.

*vichibala*: “leão de chácara” em russo.

*Künstlerpostkarte*: em alemão, “cartões-postais artísticos”.

*la gosse*: “a menina”.

*Smorchiana* etc.: Vamos apagar a vela.

Marmelad de Dickens: ou, melhor, Marmeladov, de Dostoiévski, que foi muito influenciado por Dickens (através das traduções para o russo).

*frôlements*: toques leves, roçadelas.



*sturb*: trocadilho com o alemão “*sterben*”, “morrer”.

[*aile-à-terre*: asa no chão, trocadilho com “*pied-à-terre*”, em geral pequeno apartamento no centro da cidade que serve como segunda moradia e é usado com frequência para encontros amorosos clandestinos. (N. T.)]

todas as nossas tristezas etc.: Swinburne.

Larousse: trocadilho com “*rousse*”, “ruiva” em francês.

*Cesse*: “Pare”.

*Glanz*: em alemão, “brilho”.

*Mädel*: em alemão, “garota”.

*vsio sdiélali*: em russo, “tinham feito tudo”.

*fraise*: “vermelho-morango”.

*krestik*: anglo-russo para “pequena crista”.

*vanouissements*: desmaiando nos braços de Van. [Trocadilho com o francês “*évanouissements*”, perdas de consciência, desmaios. (N. T.)]

Não tenho arte etc.: Hamlet

*la plus laide* etc.: a garota mais feia no mundo pode dar muito mais do que ela tem.

*Wattebausch*: em alemão, “pedaço de algodão”.

*komondi*: pronúncia errada, em russo, do francês “*comme on dit*”, “como se diz”.

*Vieux-Rose* etc.: livros de Ségur-Rostoptchin na edição da *Bibliothèque Rose*.

*l'ivresse* etc.: a intoxicação da velocidade, ideias dominicais.

*un baiser* etc.: um beijo, só um.

*chúba*: em russo, “casaco de pele”.  
*ébats*: brincadeiras, divertimentos.

*mossio* etc.: o senhor seu primo.

*n'aurait* etc.: não devia nunca ter recebido esse safado.

Súmierietchnikov: o nome vem da palavra russa “*sumerki*”, “crepúsculo”; ver também p. 571.

*Zdrástie*: forma abreviada de *zdravstvuyte*, a mais comum saudação russa.

*lit* etc.: cama coberta com “edredom” (trocadilho com “*eiderdown*” em inglês).

*D’ailleurs*: Seja como for.

*pétard*: o sr. Ben Wright, ele próprio um poeta, está associado ao longo de todo este livro com “*pets*” (“peidos”).

*baironka*: adjetivo derivado de Bayron, forma russa de Byron.

Beckstein: sílabas transpostas.

*O amor debaixo das tílias*: O’Neil, Thomas Mann e seu tradutor se enroscam nesse parágrafo.

creme evanescente: “*Vanishing Van*”, trocadilho com o nome do protagonista [e alusão à sua esperma. (N. T.)].

*ist auch*: em alemão, “é também”.

*fototchki*: em russo, “pequenas fotos”.

*ars*: em latim, “arte”.

*Carte du Tendre*: Mapa do amor terno, alegoria sentimental do século XVII.

*Knabenkräuter*: em alemão, “orquídeas” (e “testículos”).

*perron*: “alpendre”.

*vinotcherpi*: em russo, “aquele que serve o vinho”.

*ziernistaia ikrá*: em russo, “caviar de ova grande”.

*Uj gasli* etc.: em russo, as luzes já estavam sendo apagadas nos aposentos.

*Nikák-s niet*: “certamente não” em russo.

famosa mosca: ver p. 137 *Serromyia*.

*Vorschmacks*: em alemão, “*hors-d’oeuvres*”.

*et pour cause*: como não é de estranhar.

*karavantchik*: em russo, “pequena caravana de camelos”.

*oberart* etc.: em alemão, “superespécie ou subespécie”.

*spazmotchka*: “pequeno espasmo” em russo.

*bretteur*: pessoa que gosta de participar de duelos.

*fokus-pokus*: em russo, “mágica falsa”, “charlatanismo”.

*au dire* etc.: segundo a crítica.

*finestra, sestra*: em italiano, “janela” e “irmã”.

*Arinuchka*: em russo, diminutivo familiar de Irina.

*sekundant*: em russo, “segundo” (testemunha de duelo).

*puerulus*: em latim, “rapazinho”.

*mátovaia*: em russo, “de tom baço”, “sem brilho”.

*en robe* etc.: num vestido rosa e verde.

*c'est le mot:* esta é a palavra certa.

*pleureuses*: roupas de luto de uma viúva.

*Secondes pensées* etc.: Os segundos pensamentos são os bons.

*bonne*: “empregada doméstica”.

## TERCEIRA PARTE

1

*diákon*: “diácono” em russo.

*Désolé* etc.: Muito triste por não poder estar com vocês.



então você se casou etc.: ver *levguênie Oniéguin*, Oito: xviii:1-4.

*za tvoió* etc.: em russo, “à sua saúde”.

*gubernantka* etc.: preceptora e romancista.

*affalés* etc.: esparramados em suas poltronas.

*gueule de guenon*: “cara de macaco”.

*Moió grústnoie* etc.: em russo, ela se dirige a ele como “Minha triste alegria”.

*troués*: com furos.

*pravoslávnaia*: em russo, “greco-ortodoxa”.

*Das auch noch*: em alemão, “E também isso”.

*pendant que je*: enquanto eu.

*Estótskia Viesti*: Notícias da Estócia.

Tenho por você etc.: ver *levguêni Oniéguin*, Quatro: xvi: 3-4.

*cuturiê*, *vuzavê* [...], *apré*: pronúncias errôneas de “*coutourier*” (“costureiro”), “*vous avez entendu*” (“sabe quem é”) e “*après*” (“depois”).

*tu sais* etc.: você sabe que isso me mataria.

*Insiste* etc.: citação de Santo Agostinho.

Henry: o estilo de Henry James é sugerido pela palavra “*tinha*” em itálico.

*En laid et en lard*: Numa versão mais feia e mais gorda.

*emptovato*: numa mistura de russo e inglês, “bem vazio”.

*prosit*: em alemão, “à sua saúde”.

*Dimanche* etc.: Domingo. Almoço no gramado. Todo mundo fede. Minha sogra engole suas dentaduras. Sua cadelinha [...] Após o que [...] (ver p. 463 sobre o diário de um pintor que Lucette estava lendo).

*Nox*: em latim, “à noite”.

E sobre os picos etc.: paródia de quatro versos da obra de Liérmontov *O demônio* (ver também p. 513).

*le beau ténébreux*: envolto na melancolia byroniana.

*que sais-je*: que sei eu.

*cameriere*: em italiano, empregado de hotel que carrega a bagagem, passa aspirador de pó nos quartos etc.

ridículo *libretto*: o da ópera *Ievguêni Oniéguin*, uma caricatura do poema de Púchkin.

*korrektni*: em russo, “correto”.

*cart de van*: pronúncia americana errônea de *carte des vins*.

*jidovskaia*: forma vulgar em russo do adjetivo “judia”.

*je veux* etc.: eu quero te agarrar, minha querida.

Luzon: pronúncia americana errônea de “Lausanne”.

*lieu*: “local”.

(*uma pausa*): isto e toda a conversa parodiam os maneirismos de Tchékhev.

*muirninotchka*: termo carinhoso hiberno-russo.

*potins de famille*: mexericos de família.

*Terriblement* etc.: Terrivelmente nobre e tudo isso, ela gosta de brincar com Andriucha dizendo que um simples fazendeiro como ele não devia ter se casado com a filha de uma atriz e de um *marchand* de arte.

*Je dois* etc.: Preciso controlar meu peso.

Olorinus: do latim “*olor*”, “cisne” (o amante de Leda).

Alieksei etc.: Vrônski e sua amante.

*phrase* etc.: frase feita.

D’Onsky: ver pp. 23-4.

*comme* etc.: como fontes.

*n’a pas le verbe* etc.: não tem o dom da palavra.

*chiens* etc.: proibido para cachorros.

*rieuses*: gaivotas de cabeça preta.

*Gólos* etc.: em russo, *The Phoenix Voice*, jornal de língua russa no Arizona.

*La voix* etc.: A voz de cobre telefonou [...] a trombeta não parecia muito contente esta manhã.

*phalène*: “mariposa” (ver também p. 140).

*Tu sais* etc.: Você sabe que isso vai me matar.

*Bóje moi*: Ah, meu Deus.

#### QUARTA PARTE

*et trêve* etc.: e chega desse meu estilo “teto pintado”.

*ardis*: “flecha”.

*pondre*: “pôr ovos”, alusão ao problema do que veio antes, o ovo ou a galinha.

*anime*: em latim, “alma”.

*Lacrimavale*: em ítalo-suíço, nome de um lugar inexistente, “vale de lágrimas”.

*coup de volant*: golpe de volante.

pensador desafortunado: o filósofo inglês Samuel Alexander.

*Villa Jolana*: assim designada em homenagem a uma borboleta pertencente ao gênero *Jolana*, que se reproduz no Pfynwald.

Vinn Landère: distorção em francês de “Vinelander”.

*à la sonde*: sondando a profundidade (com respeito ao mesmo navio, ver p. 503).

*Comment* etc.: Como? Não, não, não é 88, e sim 86.

*droits* etc.: tarifas alfandegárias.

*après tout*: afinal de contas.

*on peut* etc.: ver p. 242.

*lucubrationcula*: escrita à luz de lâmpada.

*duvet*: “penugem”.

mais simples: mais simples atirar-se da varanda.

sereia: alusão a Lucette.

QUINTA PARTE

1

Stepan Nootkin: o *valet de chambre* de Van.



*Blitzpartien*: em alemão, rapidinhas (partidas-relâmpago de xadrez).

*Compitalia*: em latim, “encruzilhadas”.

E —p — i: referindo-se a “epistemológicas” (ver acima).

*J'ai tâté* etc.: Tive de lidar com duas lésbicas em minha vida, isso basta.

*terme* etc.: termo cujo emprego deve ser evitado.

*le bouquin ... gueri* etc.: o livro ... curado de todas aquelas arestas.

*Quel livre* etc.: Que livro, meu Deus.

*gamine*: "garota".

---

\* Anagrama de Vladimir Nabokov. (N. T.)

# Posfácio: O fascínio de Ada

Brian Boyd\*

Ninguém era capaz de prever que, transcorridos dois terços do século XX, a literatura de nossa época irônica iria produzir uma obra absolutamente idílica e romântica. Quer dizer, ninguém exceto Vladimir Nabokov, que em 1966 já começara a escrevê-la.

*Ada*, concebida mediante olhadelas furtivas e notas avulsas entre 1959 e 1965, foi composta entre fevereiro de 1966 e outubro de 1968, quando Nabokov estava no auge da fama, vindo a ser seu romance mais longo, mais rico e mais ambicioso. Entre as obras que escreveu originalmente em inglês, se ombreia com *Lolita* — a mais perversa de suas histórias de amor, escrita no início da década de 1950 — e *Fogo pálido*, aquela impecável contraposição de realismo poético e narrativa em prosa escrita no começo dos anos 1960.

A Parte 1 de *Ada* abre-se com uma deturpação da primeira frase de *Anna Kariênina*, considerado à época por Nabokov como o melhor romance jamais escrito, e se encerra com uma reformulação da última frase da primeira parte de *Madame de Bovary*, a que ele anteriormente atribuíra tal primazia. *Ada* está à altura dos dois livros que invoca.

Entre outras coisas, *Ada* é a obra da segunda metade do século XX que mais perto chega de *Ulisses*. Ambas anunciam sua originalidade desde o início e ambas se provam inexauríveis, conquanto não possam ser mais diferentes. Ao transportar o herói de Homero do mítico para o moderno, de vastos mares fabulosos para uma Dublin meticulosamente mapeada e de dez anos de perambulações para um único dia, 16 de junho de 1904, a obra-prima de Joyce tem o objetivo deliberado de ridicularizar falsas pretensões. Enquanto *Ulisses* se comporta com fidalguia ao encontrar-se com a princesa Nausícaa na ilha dos Feaces, Leopold Bloom masturba-se ao ver Gerty MacDowell na praia de Sandymount; enquanto Penélope continua a ser o arquétipo da esposa fiel durante a ausência de vinte anos de seu marido, Molly Bloom tem uma tórrida relação sexual com um salafrário janota enquanto o *seu* *Ulisses* vaga pelas ruas de Dublin durante um só dia.

*Ada* se propõe a reencantar. Como observa Edmund Wilson, “Nabokov é o romancista mais apaixonado do século XX” — e em nenhum outro livro mais do que em *Ada*. A narrativa cobre cem anos, de 1868 a 1967, num mundo algo insólito, a Antiterra, que se assemelha ao nosso sem o ser, idêntico à Terra no que tange à

topografia, mas fora de prumo aqui e ali em termos históricos, de tal modo que, em sua América do Norte, o francês e o russo são quase tão falados quanto o inglês, motivo pelo qual *Ada* parece ser ao mesmo tempo um romance histórico, um relato sobre a vida contemporânea e uma ficção científica ligeiramente futurista. O amor de Van e Ada irrompe logo no começo do livro e de suas vidas, rapidamente chega ao estágio da consumação arrebatadora e reiterada e perdura ao longo de oitenta anos de terna recapitulação, para terminar na composição mesma do livro, quando os personagens principais, depois de darem os últimos retoques na história de seu amor, morrem nos braços um do outro e no interior da própria obra. O cenário mais importante, o parque de Ardis, é uma paródia do Paraíso, um jardim das delícias terrestres; Van e Ada Veen são “os filhos de Vênus”, enquanto Van também é um Don Giovanni moderno. Como observou Robert Alter, “em *Ada*, o prazer consumado de alguém que ama a vida e a beleza é expresso de uma forma poucas vezes igualada na história do romance”.

Assim como *Ulisses*, *Lolita* teve de ser publicado inicialmente em Paris e não em países de língua inglesa, ganhando aos poucos projeção na esteira do escândalo que suscitou. *Ada*, ao contrário, foi objeto de atenção tão logo saiu do prelo em maio de 1969: matéria de capa da revista *Time*, publicação em forma seriada na *Playboy*, uma resenha para lá de entusiástica na primeira página do *New York Times*. No entanto, esse começo explosivo quase resultou num colapso, pois os críticos subsequentes consideraram *Ada* o livro mais superestimado da década.

Embora seja um texto altamente cômico, *Ulisses* declara sua grande seriedade desde o primeiro momento: isto aqui não é apenas outro romance; você terá de concentrar-se, terá de reduzir a velocidade, mas a experiência vai lhe servir pelo resto da vida. *Ada*, por outro lado, nem parece se levar muito a sério. Embora vez por outra de repente surjam enigmas pitorescos, *Ada* é em geral uma narrativa leve, veloz, instável, tão brincalhona e paródica quanto ardente, focada intensamente em Van e Ada, porém extraordinariamente heterogênea no que tange a temas e estilos, recorrendo a elementos pormenorizados mas com frequência astutamente distorcidos dos campos da história e da geografia, da literatura e da arte, da filosofia e da ciência. Sem nunca deixar de ser uma história de amor, *Ada* também se transforma, graças a delicados atos de prestidigitação, em mito, conto de fadas, idílio utópico, crônica de família, memórias pessoais, catálogo erótico, anotações de história natural, aulas de psicologia, projeto filosófico, *scherzo* arquitetônico, galeria de arte e fantasia cinematográfica.

A combinação, em *Ada*, de férvidas paixões e surpresas escorregadias levou certo número de leitores e escritores, tais como John Updike e Joyce Carol Oates, a se frustrarem com aquilo que entenderam ser a indulgência artística e moral do livro. Para muitos,

*Ada* foi visto como uma sucessão de espetaculosos efeitos locais com pouquíssima profundidade humana e insuficiente consciência dos defeitos de Van e Ada.

Mas Nabokov propositadamente faz do romance uma corda bamba entre o encanto e o desencanto. Embora seja um hino ao romance, *Ada* também oferece uma crítica incisiva do romântico. Van e Ada podem ser indulgentes tanto em suas vidas quanto ao recontá-las, e Nabokov parece convidar-nos a adotar a posição deles de forma tão pouco crítica como eles próprios dão a impressão de fazê-lo. No entanto, malgrado todo o brilho exuberante dos dois personagens principais, o autor nunca perde sua distância crítica — e mais tarde nos faz ver que não deveríamos ter perdido a nossa.

Van e Ada apresentam seu amor como um triunfo — o que de fato ele é. Porém, por mais encantadora que seja a história dos dois, ela também pode causar repulsa. Aparentemente nos é prometido o paraíso e, no entanto, após o idílio em Ardis, onde permanecemos durante a primeira metade do livro, *Ada* parece cair num vazio imenso e perder o rumo quando o romance cede lugar à traição angustiada, à perda amarga, à separação dolorosa, a sórdidas substituições — para nos surpreender, quando tudo indicava ser tarde demais, com uma restauração que enfim explica a nota sustentada de exultação e o próprio formato da história.

Van e Ada nos arrastam com tamanha força para dentro do fulgor e da glória de sua paixão que somos capazes de ignorar o egotismo narcisístico de cada um deles, sua arrogante superioridade, a falta de moderação irresponsável, até mesmo a crueldade de um para com o outro e dos dois para com todo mundo, até que, percorridos seis sétimos do livro, vemos o custo da desatenção para com os outros no suicídio da meia-irmã de ambos, Lucette, que eles haviam descuidadamente entrelaçado em suas vidas e em seu amor.

Para Nabokov, Lucette se situa tão próximo ao centro de *Ada* quanto os dois amantes que conseguem nos fazer desprezá-la de início como um mero espetáculo lateral de cunho cômico, um simpático incômodo, um obstáculo absurdo ao irresistível ardor do casal. Durante os quarenta anos em que escreveu ficção, Nabokov havia criado novos meios de ocultar significados que só a releitura pode aos poucos nos revelar, por assim dizer à revelia de seus narradores mais alertas e eloquentes. Ao relermos *Ada*, descobrimos que cada vislumbre daquilo que pode ter parecido um pormenor atraente porém arbitrário exerce uma função deliberada e que, com incrível frequência, tal pormenor de alguma forma irá valorizar a simples, carinhosa e vulnerável Lucette que Van e Ada deixam de lado por se preocuparem tanto com sua própria excepcionalidade.

Quando os pensamentos de Stephen Dedalus se tornam dominantes, ou quando o estilo paródico encobre a ação, a leitura de *Ulisses* pode

ser difícil. Mas até mesmo os pensamentos dardejantes de Bloom exigem certo esforço. No trecho abaixo, Bloom terminou de almoçar no “café moral” de Davy Byrne:

*Seus olhos baixados seguiam os veios silentes da prancha de carvalho. Beleza: encurva-se, curvas são beleza. Deusas feiçoadas, Vênus, Juno: curvas que o mundo admira. Posso vê-las no museu da biblioteca de pé no vestibulo redondo, nuas deusas. Ajuda a digestão. Não lhes importa o que o homem fita. Tudo de ver. Jamais falando, quero dizer a sujeitos como o Flynn. Suponhamos que o fizessem Pigmalião e Galateia, que é que ela diria primeiro? Mortal! Põe-te em teu lugar. Emborcando néctar numa farra com deuses, baixelas de ouro, tudo ambrosial. Não como o almoço de latoeiros que temos, carneiro cozido, cenouras e nabos, garrafa de Allsop. Néctar, imagina o beber eletricidade: alimento dos deuses. Amoráveis formas de mulher esculpidas junonianas. Amoráveis imortais. E nós a empanturrar comida num buraco com outro atrás: comida, quilo, sangue, esterco, terra, comida: ter de alimentar-se como se atija a locomotiva. Elas não. Nunca olhei. Vou olhar hoje. O zelador não verá. Abaixar-me deixando cair alguma coisa e ver se ela.\*\**

A mente volúvel e confusa de Bloom, sua fixação nos processos fisiológicos, sua capacidade de abarcar sem dificuldade o sublime e o ridículo, assim como sua curiosidade em saber se as estátuas das deusas gregas na Biblioteca Nacional têm orifícios anais — podemos reconhecer todas essas características durante uma primeira leitura atenta, porém custa manter a atenção bem focada ao longo de cerca de setecentas páginas.

Ada, em comparação, é um passeio inebriante. No segundo capítulo, o sempre impetuoso Demon Veen se mostrou tão cativado pelo impacto teatral de sua prima, a atriz Marina Durmânov, que correu para os bastidores após uma das primeiras vezes em que ela sai do palco “e a possuiu entre duas cenas”, numa imitação burlesca do poema de Púchkin *levguêni Oniéguin*. O incidente é o mais longínquo na cronologia do romance, ocorrendo em Manhattan no dia 5 de janeiro de 1868. Ao voltar para seu assento na primeira fila, o coração de Van

*parou de bater por alguns segundos (perda que jamais lastimou) quando ela, num vestido cor-de-rosa, entrou correndo no pomar, o rosto em brasa, gestos elétricos, e recebeu uma calorosa salva de palmas conquanto superada, e de longe, pela ovação com que a plateia, sentada, comemorou o instantâneo desaparecimento da trupe de transfigurantes tão idiotas quanto dinâmicos procedente de Liasca — ou da Ivéria. Seu encontro com o barão d’O, que surgiu em passos lentos de uma aleia lateral usando esporas e vestindo um paletó com longas*

*abas verdes, por algum motivo deixou de ser registrado pela mente de Demon, tão maravilhado estava ele com o breve abismo de absoluta realidade entre duas falsas fulgurações de vida fictícia. Sem esperar pelo fim da cena, saiu às pressas do teatro para a noite cristalina, os flocos de neve enfeitando com pequenas estrelas sua cartola enquanto ele caminhava para casa, no quarteirão vizinho ao do teatro, a fim de preparar uma ceia magnífica. Quando foi buscar sua nova amante no trenó chocalhante, chegara abruptamente ao fim o balé de generais caucasianos e cinderelas metamorfoseadas que tinha ocupado uma parte do último ato, e o barão d'O, agora de fraque e luvas brancas, estava ajoelhado no meio do palco vazio segurando a sapatilha de vidro que a inconstante senhorita lhe deixara ao escapar de sua investida tardia. A claque já estava cansada e de olho nos relógios quando Marina, envolta num manto negro, deixou-se cair nos braços de Demon no trenó em forma de cisne.*

*Divertiram-se loucamente, viajaram, brigaram e voltaram a viver juntos. No inverno seguinte, ele começou a suspeitar de que Marina o estava traindo, embora fosse incapaz de determinar quem era seu rival.*

A cena é típica de *Ada*: o romantismo exuberante, que Demon transmitirá para Van e Ada, seus filhos com Marina; a velocidade da ação, tanto na cena do teatro quanto na transição para um ano depois e suspeitas de infidelidade; uma centelha de improbabilidade, ao menos nos termos do nosso mundo (uma jovem e rica aristocrata trabalhando como atriz profissional por volta de 1860 e sucumbindo com *tamanha* rapidez, mesmo para um libertino tão seguro de si e impulsivo quanto Demon), a qual, no entanto, por vir acompanhada de pormenores e sensações muito vívidas, compele nossas imaginações a reagir de forma positiva.

Como ocorre com grande frequência em *Ada*, o romance coexiste com muitos outros elementos, tais como o êxtase da paixão com a sensação de lugar errado (a cena seria mais adequada a São Petersburgo do que a Manhattan), a paródia (a teatralidade do palco parece ter subitamente penetrado na vida de Demon), até mesmo a comédia e o desdém (nesse sentido, o desprezo de Demon e de Van pelas encenações e as péssimas adaptações para o teatro de textos literários: “*conquanto superada, e de longe, pela ovação que a plateia, sentada*”, “*trupe de transfigurantes tão idiotas quanto dinâmicos*”, “*falsas fulgurações de vida fictícia*”, “*o balé de generais caucasianos e cinderelas metamorfoseadas*”). Samuel Johnson comentou que na poesia metafísica “as ideias mais heterogêneas são jungidas à força”. Aqui, o milagre está em que os elementos heterogêneos se fundem sem esforço e que o absurdo risível da falsa teatralidade compensa e valida o eufórico senso de autenticidade de Demon.



Ao contrário da passagem de *Ulisses*, podemos ler aquele trecho velozmente, embora haja alguns toques de surpresa, pequenos flocos de cor local onde *poderíamos* parar para examiná-los, mas que provavelmente apenas registremos de início como centelhas exóticas. “*Liasca — ou Ivéria*” são lugares que nenhum de nós conhece ou consegue localizar em qualquer atlas. Nas notas que escreveu sob o pseudônimo anagramático de Vivian Darkbloom, Nabokov indica que os “transfigurantes”, que num parágrafo anterior foram apresentados como uma companhia de balé de “Belokonsk, Estócia Ocidental”, vieram do “*gêmeo russo de ‘Whitehorse’ (cidade do noroeste do Canadá)*”. Ele poderia ter acrescentado que Estócia é um velho nome europeu da América do Norte. Nesse contexto, “Liasca” soa de forma suspeita como Alasca, e na verdade a palavra russa para Alasca é Aliaska; assim, o emprego do nome no livro reflete o fato de que o Alasca continuou a ser uma possessão russa até 1867.

A alternativa “— ou Ivéria” é uma estocada depreciativa. Pesquisando o nome do lugar, vemos que “Ibéria” se refere não apenas à península onde se encontram Espanha e Portugal, mas também a uma antiga região da Transcaucásia (a parte oriental da atual Geórgia); os bailarinos aparecem pela primeira vez no *intermezzo* de dança vestindo “as roupas típicas das tribos georgianas”, erro grotesco que, como boa parte daquela peça ridícula, mistura várias deturpações dos clássicos da literatura russa.

Ao nos recordar que o Alasca era russo um século atrás, ou que havia duas Ibérias bem diferentes, Nabokov adota uma estratégia característica de *Ada*. Joyce tinha a obsessão de ser preciso na descrição de Dublin, a ponto de instruir um amigo a pular a grade da casa de número 7 da rua Eccles, uma moradia de verdade onde vivia o fictício Bloom, a fim de se certificar de que seu personagem seria capaz de alcançar a porta do porão depois de se ter trancado pelo lado de fora. Nabokov, por outro lado, faz aparecer várias vezes na Antiterra de *Ada* ligeiras dobras na história e na geografia da Terra, em sua fauna e flora, em sua arte e literatura. Assim, provoca delicadamente nossa curiosidade sem prejudicar a compreensão, de modo a que possamos desfrutar desses lampejos divertidos de cor na beira da estrada; no entanto, enquanto Joyce se valia de seu conhecimento de Dublin, Nabokov nos convida, se assim quisermos, a descobrir — em fontes disponíveis ao público, um dicionário, uma enciclopédia, um atlas — o que está por trás de detalhes que ele terá ou não distorcido.

Enquanto Joyce se prende à verdade dos pormenores, Nabokov mostra respeito pela capacidade infinita que eles têm de nos surpreender, assim como pela curiosidade com que os nota e explora, embora consciente de que os detalhes bem podiam ser outros (a Rússia poderia ter assegurado facilmente uma posição relevante na América do Norte, a presença da França em Québec, no leste do

Canadá e em Louisiana bem poderia ter se expandido). Essa consciência perpassa *Ada* e permite que o livro afirme a improbabilidade e o encanto das circunstâncias e particularidades em meio às quais vivemos.

Assim como “*Liasca — ou Ivéria*” pode inicialmente provocar um leve sorriso antes de nos conduzir pelas transversais esquecidas da história, os absurdos da performance teatral em que Marina parece “tão sublime, tão adorável, tão excitante” nos divertem de imediato, mas podem mais tarde levar-nos a recordar ou explorar o poema *levguêni Oniéguin*, a primeira obra-prima da literatura russa moderna, vendo dessa forma as traições hilariantes impostas à narrativa de Púchkin — algumas delas refletindo as violências constantes da ópera de Tchaikóvski — na adaptação retratada em *Ada*. Enquanto Joyce mistura Homero e Shakespeare com acontecimentos efêmeros hoje esquecidos e detalhes locais obscuros, as alusões de Nabokov nos levam num *tour* semiguiaido a algumas das maiores galerias da literatura e da arte ocidental: Shakespeare, Cervantes, Marvell, Chateaubriand, Austen, Púchkin, Dickens, Flaubert, Tolstói, Rimbaud, Tchékhev, Joyce, Proust; murais de Pompeia, pesadelos de Bosch, afrescos florentinos, folias de Breughel, claros-escuros de Caravaggio, retratos de Rembrandt, cupidos de Boucher, pôsteres de Toulouse-Lautrec.

Detalhes como “*Liasca — ou Ivéria*” ou “*o balé de generais caucasianos e cinderelas metamorfoseadas*” não atrapalham nosso prazer com o fluxo veloz dos cenários, mas, como muita coisa em *Ada*, criam um mundo tão elusivo quanto arrebatador. Nabokov quer reacender em nós a surpresa com o detalhe. Em geral, aceitamos nosso mundo passivamente, mas Nabokov nos lembra que, quando atentamos para os detalhes, eles podem se comprovar tão improváveis quanto incompreensíveis. Para alguns, isso pode parecer desconcertante ou frustrante, porém Nabokov nos pede que o encaremos como um convite ao deslumbramento e à descoberta.

Ao contrário da passagem de *Ulisses*, carregada de densos pormenores de Dublin, a cena do teatro em *Ada* parece desabrochar do nada antes de desaparecer num passe de mágica: a solidez joyciana contrasta com a despreocupação de Nabokov, “as coisas são o que são” versus “as coisas facilmente poderiam ser diferentes”. Entretanto, malgrado o fato de que Nabokov faz surgir e desaparecer a cena como por encanto, ela vem a desempenhar um papel complexo na narrativa. Puramente em termos de enredo, ajuda a preparar o terreno para as complicações românticas que explicam por que Van e Ada são irmãos, embora tenham sido criados como primos e, na aparência, filhos, respectivamente, de Demon e Aqua e Dan e Marina. Do ponto de vista estrutural, o tórrido caso entre Demon e Marina serve como precursor do romance desenfreado entre Van e Ada, e até mesmo das suspeitas

que se acumulam lentamente em Van sobre a infidelidade de Ada e que terminam com a repentina descoberta de seu rival. Em termos psicológicos, o colapso total da relação entre Demon e Marina, a distância entre o intenso passado que um dia compartilharam e o desinteresse que passaram a ter um pelo outro contrastam com a centralidade persistente do passado de Van e de Ada ao longo de suas vidas, estando eles arrebatadamente unidos ou amargamente separados.

Apesar de toda a leveza, a cena do teatro também se conecta com muitas outras partes do romance. Um dos temas recorrentes de *Ada* e de toda a obra de Nabokov é a rica e estranha relação entre a vida e a arte. Como outros escritores — Cervantes, Austen, Púchkin, Flaubert, Tolstói, Proust, Joyce —, Nabokov explora a conexão entre o romance na ficção e na vida real (na verdade, ele faz com que o desejo de Demon seja deflagrado ao ver Marina desempenhar o papel de Tatiana na cena da carta do poema de Púchkin *levguêni Oniéguin* — belo exemplo de uma jovem que perde a cabeça devido a um romance ficcional). Ele ecoa e intensifica em termos de paródia o lugar-comum dos romances do século XIX, em que muitos casos amorosos se iniciam num teatro — embora não comumente tendo uma aristocrata como atriz ou com uma conquista instantânea!

Um tema que Nabokov explora com atenção especial em *Ada* é a relação entre a novidade e a familiaridade, entre o original e a imitação. Van e Ada, como a maioria das pessoas que se apaixonam, acham que estão vivendo algo sem precedentes, embora tenham de reconhecer que isso já aconteceu antes e que talvez não sentissem o amor da forma que sentem caso não soubessem através de suas leituras o impacto que a paixão pode ter. Essas duas crianças, altamente conscientes de si próprias, veem-se como Adão e Eva explorando um novo paraíso de emoção, ao mesmo tempo que, ao apreciar tal analogia, sabem que se seguem a uma cadeia infinita de precursores. No livro, Demon e Marina, sob o impacto de seu novo amor, imitam a Tatiana de Púchkin e os efeitos das leituras românticas que ela fazia, antecipando a mágica da paixão de Van e Ada uma geração depois. Mesmo nisso — o padrão estrutural do amor numa geração prefigurando o da geração seguinte —, eles imitam tanto a vida normal quanto os refinamentos de obras literárias anteriores (em Proust, invocado por Nabokov de várias maneiras em *Ada*, o amor de Swann por Odette prenuncia o amor de Marcel por Albertine uma geração mais tarde).

Mais crucial, porém, é que a cena do teatro antecipa a noite em que Lucette se suicida. Lucette, perdida e desesperadamente apaixonada por Van, em parte por imitação de sua irmã Ada, tinha sido iniciada cedo demais no sexo pelo casal alguns anos mais velho do que ela e, aos vinte e poucos anos, continuava virgem e se encontrava num

estado de profunda perturbação. Reserva em segredo um lugar num transatlântico em que Van tenciona viajar, num derradeiro esforço para seduzi-lo durante vários dias de proximidade forçada. O plano parece estar funcionando, ele de fato se excita com sua presença até que se sentam para assistir à pré-estreia de um filme, *A última aventura de Don Juan*. De repente, a atmosfera é rompida quando a imagem de Ada, ela própria agora uma atriz, aparece na tela. Van sai da sala de exibição, volta para seu camarote e se masturba a fim de dissipar a tensão sexual que Lucette havia atizado.

Como ocorre com tanta frequência em *Ada*, Nabokov liga uma cena a outra: apesar das diferenças entre Demon e Marina no teatro e Van e Lucette no cinema (filme em vez de peça, verão no meio do Atlântico em vez de Manhattan no inverno, masturbação em vez de consumação sexual), em ambos os casos uma atriz participa da deturpação de um clássico da literatura e conturba os sentimentos de um espectador, levando-o a abandonar seu assento antes do fim do espetáculo para correr em busca de algum alívio sexual.

Lucette não pode escapar da sala de projeção do navio quando Van o faz porque “*um casal de chatos ligado à família*” muda de poltronas para se plantar ao lado dela, que se volta para eles “*com sua derradeira, derradeira, derradeira oferta gratuita de uma cortesia inabalável, mais forte do que o fracasso e a morte*”. Quando o filme termina, telefona para Van em seu camarote, mas ele diz que não está sozinho — e Lucette sabe que uma falsa loura de aspecto predatório, uma “*Titanesa ticianesca*”, tinha lançado olhares quentes na direção de Van. Reconhecendo que sua última e desesperada tentativa de conquistá-lo fracassou, ela se enche de pílulas e pula do convés para a morte.

Porque a situação, o cenário, os personagens, a hora do dia e a atmosfera são tão diferentes, Nabokov se assegura de que vamos levar algum tempo até detectar as conexões que ele estabeleceu entre o romance impetuoso da cena no teatro em 1868 e a tragédia da cena no cinema em 1901. No entanto, todo o prólogo de *Ada* (a história da relação de Demon com Marina e sua irmã gêmea Aqua) prefigura abertamente o enredo central do livro (a história da relação de Van com Ada e sua irmã Lucette): duas irmãs em duas gerações terminam dolorosamente emaranhadas nos amores de suas irmãs por “primos” devassos e apelam em desespero para o suicídio.

Obviamente, Nabokov nos deixa ver o suicídio de Lucette numa primeira leitura e, desse modo, nos convida a reconsiderar a relação de Van e Ada com Lucette, a indiferença dos dois para com ela como pessoa enquanto vivem sua paixão. Talvez nessa primeira leitura também possamos notar a semelhança entre os envoltivos fatais de Aqua e Lucette nos amores de suas irmãs. Mas só aos poucos Nabokov nos permite descobrir a verdadeira profundidade de sua crítica à cegueira da paixão romântica em Demon e Van. Só gradualmente

vemos as várias maneiras pelas quais ele caracteriza as falhas morais de Van como ecos dos defeitos mais conspícuos de Demon, ou como contraste à capacidade de Lucette de pensar nos outros — até mesmo naqueles por quem não tem afeto — num momento de forte comoção interna. Apenas de forma gradual a maioria de nós leitores termina por se dar conta de quão facilmente fomos arrebatados pelo impetuoso ardor de Van e Ada.

A cena de Demon e Marina no teatro parece à primeira vista um episódio de puro romance, um encanto passageiro, um capricho delicioso mas dispensável. Entretanto, tal qual tudo mais em *Ada*, prova ter repercussões ao longo da narrativa como parte de um enredo intrincado, de uma estrutura complexa e de um grupo de personagens vividamente individualizados mas fortemente entrelaçados, além de uma densa rede de temas, padrões e implicações. *Ada* pode parecer um romance frívolo diante do realismo sólido, por vezes prosaico, de *Ulisses*, porém essa leveza lhe permite alcançar altitudes insuspeitadas.

Após a “mesquinharia escrupulosa” exibida nas primeiras obras, Joyce começou a festejar a abundância nas palavras e no seu mundo em *Ulisses* e em *Finnegans Wake*. Como se reagindo a isso, aquele que fora outrora seu secretário, Samuel Beckett, desenvolveu um minimalismo terminal, reduzindo a iluminação sobre a vida humana a um lento, solitário e solipsístico *fade-out* — e, de algum modo, fazendo-o de forma implacavelmente cômica. Como se reagindo a tal reação (Nabokov só veio a ler Beckett nos anos 1960), *Ada* despeja todas as benesses sobre os Veen: um amor precoce que se repete interminavelmente e dura toda uma vida, além de uma reserva inesgotável de capital mental, físico, sexual, social, linguístico, cultural e financeiro.

Quando Updike reclama da falta de experiência humana reconhecível em *Ada*, provavelmente está pensando em particular no fato de Van e Ada serem tão superdotados. A literatura vem se afastando sistematicamente dos deuses, semideuses e heróis rumo ao homem e a mulher comuns. Enquanto o Aquiles de Homero era um semideus e seu Ulisses um herói e favorito de Atena, Joyce caracteriza Bloom como um homem do povo, encantador mas falível, curioso mas frequentemente confuso. No entanto, nada é ordinário em Van e Ada.

Alguns leitores parecem suspeitar que, quando faz com que Van e Ada exibam seus egos superlativos, Nabokov estaria ou ostentando seu próprio senso de superioridade ou se entregando à satisfação de desejos íntimos. Uma interpretação melhor os veria como uma imagem exagerada da extraordinária riqueza que podemos acumular ao longo de nossa vida e como uma forma de examinar com olhar crítico o custo disso. Até mesmo para criaturas tão excepcionalmente afortunadas quanto Van e Ada, a crueldade lhes tolda a sensibilidade, enquanto a dor, a perda, a amargura e o remorso complicam sua felicidade.

Em vidas que duraram noventa e sete e noventa e cinco anos e um amor que também alcançou nove décadas, Van e Ada ameilham um tesouro de memórias, mas, no último capítulo do livro, encaram a morte que se aproxima: antes mesmo da dor e do *“pseudofuturo informe, vazio e negro”*, *“em primeiro lugar, há o choque de abandonar para sempre todas as nossas memórias — isto é um lugar-comum, mas que coragem o ser humano precisou ter para lidar com esse lugar-comum um sem-número de vezes sem desistir dessa bobagem de acumular ainda outra vez os tesouros da consciência que lhe serão de novo confiscados!”*.

Ou talvez Updike tivesse em mente a Antiterra. Vênus, ainda nos anos 1960 um gêmeo misterioso da Terra, encoberto por nuvens brilhantes que refletem a luz e que explicam por que seu símbolo é um espelho de mão, parece ser em certo sentido um bom candidato ao papel de Antiterra em *Ada*, o *“planeta irmão”* que reflete estranhamente o nosso. Numa nota que escreveu aos dezenove anos, Nabokov se imaginou olhando para a estrela vespertina, seu astro predileto, e *“a ela aplicando uma comparação atrás de outra, não encontrando nada mais bonito em seu passeio no começo da noite — não as fontes, não as rosas vermelhas enegrecidas ao luar, não as colinas ao longe. De repente, ela fala: ‘Tolo! Por que estás tão excitado?! Também sou um mundo, não como aquele em que tu vives, mas tão barulhento e escuro quanto o teu. Aqui também há tristeza e grosseria — e, se queres saber, neste exato momento um de meus habitantes — poeta como tu — está contemplando uma estrela que vós chamais de “Terra” e sussurra: “Oh, tão pura, oh tão linda”*”. Na estranheza da Antiterra, assim como nos atributos extraordinários de Van e Ada, Nabokov insiste na natureza mista de toda experiência que tem algo a ver com o ser humano. Embora Van tente no final de *Ada* apresentar uma sinopse totalmente ensolarada, Nabokov preserva sempre a mescla de luz e sombra na vida de Van e Ada, a superposição de céu e inferno em qualquer mundo imaginável.

Demoremo-nos um pouco mais na cena que Van exhibe como uma das mais ensolaradas. A ação de *Ada* começa quando Demon e Marina se apaixonam na cidade sob a neve, mas a maior parte da primeira metade do livro celebra outro romance, uma geração mais tarde, no campo e sob o sol do verão.

Van revisita o Parque de Ardis em 1888, quatro anos após lá passar um primeiro verão radioso com Ada. Todo ano no dia do aniversário de Ada, 21 de julho, a família segue em carruagens e charabãs para um piquenique na clareira de uma floresta de pinheiros. Em 1884, uma série de confusões fez com que houvesse mais gente do que lugares disponíveis no último veículo a retornar, obrigando Ada (com doze anos) a sentar-se no colo de Van (com catorze) quando a paixão de um pelo outro já era intensa embora ainda não declarada:

*Foi o primeiro contato físico entre eles, e ambos ficaram encabulados [...]. Com todo o seu ser fervente a ponto de transbordar, Van se deliciava com a pressão que o corpo dela exercia enquanto, reagindo aos solavancos da estrada, se abria em duas partes macias, amassando sob seu peso o âmago do desejo que ele precisava controlar a fim de impedir que um eventual vazamento causasse espanto à inocência de Ada.*

Ao retornar a Ardis em 1888, “sem ser esperado, sem ser convidado, sem ser necessário”, Van chega em meio a uma festa e, de um quarto no andar de cima, vê Percy de Prey, ex-colega seu, beijar a mão de Ada quando se prepara para ir embora, continuando de forma inaceitável a lhe segurar a mão antes de beijá-la mais uma vez. Lívido de ciúme, Van estraçalha o colar de diamantes que trouxera para Ada no instante mesmo em que ela entra no quarto para lhe assegurar que tem “*um único amor, um único rancor, uma única tristeza, uma única alegria*”. No piquenique em comemoração a seus dezesseis anos, surge um Percy de Prey embriagado sem ter sido convidado. A hostilidade mútua faz com que eles briguem; Van facilmente derruba de Prey, mas, ao se afastar, é atacado pelas costas por seu corpulento rival. Mais uma vez o ágil Van o derrota, porém seus nervos ficam em pandarecos. Chegada a hora de voltar para a mansão, de Prey já havia partido. Um jovem criado, que dormira debaixo de um arbusto, aparece tarde demais e tem de sentar-se na boleia, no lugar que Lucette ocuparia na frente da carruagem; desta vez é a Lucette de doze anos que tem de se acomodar no colo de seu primo mais velho, enquanto Ada senta ao lado deles:

*O jovem criado estava lendo e, a julgar pelos movimentos do cotovelo, esgaravatando o nariz. O traseiro compacto e as coxas frias de Lucette davam a impressão de afundar mais e mais na areia movediça do passado, de um passado reencenado em sonho e distorcido pela lenda. Ada, sentada a seu lado, virando suas pequenas páginas mais depressa do que o rapaz na boleia, estava sem dúvida encantadora, obsedante, eterna e ainda mais adorável, mais sombriamente ardente do que quatro verões antes — porém era aquele outro piquenique que Van revivia, eram as ancas macias de Ada que estava pegando agora, como se ela estivesse presente em duplicata, em duas diferentes reproduções em cor.*

*Por entre os fios de seda acobreados, olhou de esguelha para Ada, que franziu os lábios para lhe transmitir o sucedâneo de um beijo (finalmente perdoando-o por sua parte na briga!) e logo depois voltou ao pequeno volume encadernado de velino, *Ombres et couleurs*, uma edição de 1820 dos contos de Chateaubriand com vinhetas pintadas à mão e a múmia achatada de uma anêmona. As luzes e sombras da*

*floresta atravessavam seu livro, seu rosto e o braço direito de Lucette, no qual ele não pôde deixar de beijar uma picada de mosquito exclusivamente em homenagem à duplicação. A pobre Lucette lançou-lhe um olhar langoroso e depois voltou a contemplar o pescoço vermelho do cocheiro, ou talvez o de seu predecessor, que durante meses visitara seus pesadelos.*

*Não nos preocuparemos em seguir os pensamentos que obscureciam a mente de Ada, cuja atenção pelo livro era bem mais superficial do que poderia parecer; não iremos, ou melhor, não poderemos segui-los com a menor chance de êxito, pois os pensamentos são lembrados de modo mais vago do que as sombras ou as cores, ou os anseios de desejo juvenil, ou uma cobra verde num paraíso às escuras. Por isso, é mais confortável que fiquemos sentados dentro de Van, enquanto sua Ada fica sentada dentro de Lucette e ambas sentam dentro de Van (e todos os três dentro de mim, acrescenta Ada).*

*Lembrou-se com uma pontada de prazer da saia indulgente que Ada usara outrora, tão ampla quanto um balão, e lamentou (sorrindo) que Lucette estivesse usando aqueles shorts decorosos, enquanto Ada vestia as calças de milho debulhado (rindo). No curso fatal das enfermidades mais dolorosas, por vezes (balançando a cabeça com ar sério), por vezes ocorrem doces manhãs de bem-estar total que não se devem a alguma pílula ou poção abençoada (indicando os remédios amontoados na mesinha-de-cabeceira), ou sem que ao menos se saiba que a mão amorosa do desespero ministrou a droga em segredo.*

*Van fechou os olhos a fim de melhor se concentrar no fluxo dourado da alegria que começava a se avolumar. Muitos, ah, muitos e muitos anos depois lembrou maravilhado (como foi possível resistir a tamanho êxtase?) aquele momento de absoluta felicidade, o eclipse total da dor lancinante e implacável, a lógica da intoxicação, o argumento circular segundo o qual a mais excêntrica das jovens não pode deixar de ser fiel se ama tanto quanto é amada. Viu o bracelete de Ada reluzir no ritmo dos balanços da carruagem e seus lábios grossos, ligeiramente entreabertos de perfil, mostrarem ao sol o pólen vermelho dos restos de unguento secando nas minúsculas linhas transversais que rajavam sua textura. Abriu os olhos: o bracelete de fato reluzia, mas não havia mais o menor vestígio de batom em seus lábios, e a certeza de que em breve tocaria a polpa pálida e quente deles ameaçou deflagrar uma crise secreta sob a carga solene de outra criança. Entretanto, o pescoço da pequena substituta, brilhando de suor, era patético, e sua imobilidade confiante só podia inspirar sensatez. Além do mais, nenhuma fricção furtiva seria capaz de competir com aquilo que o esperava no caramanchão de Ada.*

Tal como na cena do teatro e tal como ocorre em muitos trechos de Ada, a passagem tem um fluxo sinuoso e reluzente que nos faz navegar



por ela sem esforço. A narração mais comum de Van na terceira pessoa passa com facilidade para a primeira pessoa do plural, para um “nós” ao qual Ada em breve se une: “*Não nos preocuparemos em seguir os pensamentos que obscureciam a mente de Ada*”. Van deixa de seguir os pensamentos dela não por causa da generalização perfeitamente plausível sobre as memórias que oferece no mesmo parágrafo, mas porque — como descobrimos numa releitura caso não o suspeitemos de imediato — Ada está muito receosa de que ele descubra seu relacionamento recente com Percy de Prey e o desafiará para um duelo. Van, como narrador, ainda não quer revelar aquilo que Van, como personagem, malgrado toda a sua crescente inquietação, ainda não sabia.

A combinação de novidade e repetição, reminiscência e antecipação, tão notável nesta cena, é característica de *Ada* — e, na verdade, de toda nossa experiência. Van lembra-se de Ada sobre seus joelhos quatro anos antes, as diferenças assim como as similaridades: a saia larga então, os shorts curtos de Lucette agora; as calças cor de milho de Ada (no começo do piquenique, quando o capítulo se inicia, Van e Ada escapam para ter relações sexuais na margem de um riacho, onde Ada declara que “*husked*” era a palavra mais extraordinária da língua inglesa, “*porque tem o sentido duplo de coberto e descoberto, como quando se refere a algo que tem uma casca dura ou a algo que foi descascado, que é fácil de debulhar... não precisa arrebentar a cintura da calça, seu bruto*”). Um repentino desvio lateral (“*No curso fatal das enfermidades mais dolorosas...*”) mostra um vislumbre de Van quando ele já está “gagagagá”, evocando uma imagem que permite ao rapaz de dezoito anos afastar por algum tempo as suspeitas que mais tarde se provam verdadeiras.

Na carruagem, Van fecha os olhos para concentrar-se no êxtase da lembrança e da recapitulação mágica, mas Van, como narrador, desliza para adiante a fim de recordar esse momento ainda mais tarde, num movimento cuja retórica (“*Muitos, ah, muitos e muitos anos depois*”) serve para aumentar o êxtase, e não diminuí-lo. Na volta do piquenique ele sente “*o eclipse total da dor lancinante e implacável*”, o abandono de suas dúvidas sobre Percy de Prey; porém, como essas dúvidas serão confirmadas, um Van bem mais velho tenta rememorar aquela onda de confiança que, se justificada, o teria poupado de anos de amargura.

Como ocorre com frequência em *Ada*, a passagem está envolta numa aura de felicidade, mas também é perpassada de tensão na medida em que se superpõem várias camadas de tempo. Em 1888 Van recorda o êxtase de 1884 ao viver um episódio algo semelhante, forçando-se conscientemente a retornar ao passado, numa inversão triunfante do tempo, embora continue a registrar as diferenças entre o então e o agora. Todavia, na qualidade de narrador, Van, oito décadas depois,

rememora esse triunfo de 1888 *assim como* a terrível revelação que está para ocorrer e que ele mantém semiculta de quem faz uma primeira leitura porque também estava oculta para o jovem de dezoito anos: a amarga descoberta que, de certo modo, demonstra que a direção do tempo nunca pode ser invertida.

Mesmo antes que o romance de Percy de Prey com Ada venha anuviar a situação, o sentimento de Van em 1888 de que a repetição da volta do piquenique é uma espécie de reencenação mágica do passado, um triunfo sobre o tempo, já depende de sua consciência da complexa tensão entre o passado e o presente. Parte da alegria da experiência original de 1884 tinha sido a novidade da excitação do contato forçado com Ada num presente prolongado, juntamente com a súbita promessa da intimidade futura. *Agora*, em 1888, a intimidade com Ada parece um fato imemorial, sempre renovável, tal como comprovado pelo rápido espasmo na beira do riacho algumas horas antes. *Então*, Ada aos doze anos tinha parecido inocente e inatingível; *agora*, Lucette, ela também com doze anos, é ainda mais inocente e intocável. *Agora* Ada é dele; *então* ele não era capaz de imaginar uma Ada que lhe fosse tão íntima; mas é a própria distância que Van precisa manter de Lucette, a própria resistência a se deixar cair outra vez na antiga tentação de se derreter “*numa lassidão animal*”, a própria mudança de Ada para Lucette que reacende a excitação do passado.

Aqui, entretanto, mais uma vez surge uma espécie diferente de tensão, uma complexidade adicional causada pela superposição de momentos diversos na vida de Van. Em 1901, quando abandona Lucette no cinema naquela noite fatal a bordo do *Tobakoff* e escapa para seu camarote, ele mais uma vez projeta “*na tela de seu paroxismo*” não a Lucette com quem estivera sentado lado a lado, mas a Ada que vira na tela do cinema, “*um resumo perfeito de sua aparência em 1884, 1888 e 1892*”, exatamente como ele tem Lucette sentada no colo porém projetando na tela de sua mente a imagem de Ada de 1884. As imagens de Ada e Lucette se superpondo e se entrelaçando na volta do piquenique apontam para o trágico envolvimento das duas irmãs, que atinge o clímax na noite da morte de Lucette. O momento da felicidade passada; o momento da felicidade presente na recordação que constitui um aparente triunfo sobre o tempo; o momento da horrível descoberta sobre Percy que, três dias depois, refutará aquela felicidade; o momento do paroxismo futuro que selará a sorte de Lucette — todos se encontram nesse trecho em que o livro explora como o presente se sobrepõe ao passado e se constrói sobre ele, embora conduza sempre às surpresas do futuro.

Nabokov não registra o pulso do presente com a suprema precisão de Joyce, porém examina nossa experiência em matéria de tempo de muitas outras formas. Para mencionar apenas quatro: oferece, nas estranhas distorções da história da Antiterra, uma imagem comicamente

vívida para a curiosa sensação da distância entre nosso presente e diferentes etapas de nosso passado; estrutura *Ada* como um todo para refletir o ritmo da existência humana: a vasta extensão da infância, os verões eternos que não se igualam aos verões anteriores, o encurtamento sempre mais veloz dos anos malgrado o poder da memória que envelhece mas resiste à aceleração para reviver o passado; arma seu enredo a fim de explorar a abertura do tempo, a relação problemática entre a direção e a textura do tempo, entre o tempo como avanço e o tempo como acumulação; considera a vida como um processo em que cada um de nós amalha os tesouros pessoais da consciência que, entretanto, perderemos ao morrer, mas sugere que atrás de nós ou a nossa volta existe uma eternidade da qual poderíamos desfrutar se soubéssemos como ter acesso a ela.

A segunda vez em que Van retorna de um piquenique comemorativo do aniversário de Ada apresenta ainda outros aspectos do tratamento dado ao tempo no livro. Nunca antes um romance fez com que a acumulação de experiência humana ao longo de uma vida parecesse tão ricamente romântica. Nunca, nem mesmo em Proust, o choque do presente foi tão amplificado por meio da repetição, da recordação, da antecipação, da tristeza, do remorso, da diversão e do êxtase. Nunca antes um romance foi capaz de sugerir como uma vida pode construir uma história tão inexaurível.